

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**LER PARA TRADUZIR: O CASO DE UMA LITERATURA COM FORTE
COMPONENTE LEXICAL REGIONAL**
PROPOSTA PARA UMA VERSÃO FRANCESA DE *CONTOS GAUCHESCOS* DE
JOÃO SIMÕES LOPES NETO

MICHEL THIERRY LE GRAND

PORTO ALEGRE

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: ESTUDOS LITERÁRIOS APLICADOS: INTERPRETAÇÃO
DE TEXTO, ESTUDOS DA TRADUÇÃO**

**LER PARA TRADUZIR: O CASO DE UMA LITERATURA COM FORTE
COMPONENTE LEXICAL REGIONAL
PROPOSTA PARA UMA VERSÃO FRANCESA DE CONTOS GAUCHESCOS DE
JOÃO SIMÕES LOPES NETO**

Tese apresentada ao Programa de
Pós-graduação em Letras, da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito parcial para a
conclusão do Doutorado em Letras.

MICHEL THIERRY LE GRAND

ORIENTADOR: PROF. DR. LUIS AUGUSTO FISCHER

**PORTO ALEGRE
2019**

CIP - Catalogação na Publicação

Le Grand, Michel Thierry

Ler para traduzir: o caso de uma literatura com forte componente lexical regional - proposta para uma versão francesa de Contos gauchescos de João Simões Lopes Neto / Michel Thierry Le Grand. -- 2019.
592 f.

Orientador: Luís Augusto Fischer.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. literatura. 2. tradução. 3. regionalismo. I. Fischer, Luís Augusto, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Michel Thierry Le Grand

**Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de Contos gauchescos de João Simões Lopes Neto**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a conclusão do Doutorado em Letras.

Porto Alegre, 29 de novembro de 2019

Resultado: Aprovado nota A

BANCA EXAMINADORA

Denise Sales
Departamento de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Flávio Wolf Aguiar
Departamento de
Universidade de São Paulo (USP)

Luis Rubira
Departamento
Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)

AGRADECIMENTOS

First and not least, minha gratidão ao professor Fischer pela sabedoria, imensa paciência e o amparo constante que me tem proporcionado ao longo dos anos.

Às professoras Patrícia Reuillard e Denise Sales da UFRGS e à professora Luciana Rassier da UFSC que validaram o projeto, ainda em fase de desenvolvimento, e me ajudaram a achar o rumo do meu boi barroso.

Meus agradecimentos também, mais abrangentes, à UFRGS e – por que não? – ao Brasil, por intermédio da CAPES, por ter-me acolhido da melhor forma possível, possibilitando um projeto concebido há décadas, mas que nunca conseguira realizar até hoje... Circunstâncias da vida... Também neste quesito, não posso deixar de incluir toda a equipe da secretaria do PPGLetras cujos funcionários sempre me ajudaram com muita paciência e pedagogia no cumprimento dos requisitos administrativos.

Também quero agradecer à companheira, Rejane Martins, que aguentou, sempre com serenidade, literalmente, centenas de perguntas sobre o que quer dizer isto, porque ele/ela disse assim, será que queria dizer outra coisa, quando que se diz isto? e tantas outras... E a minha filha Catherine, que me ajudou a conferir a numeração das notas de rodapé para a qualificação e me ligou sempre para me dar o necessário apoio longe dos pagos.

Enfim, fico grato pela contribuição da banca, cujos membros, agradeço particularmente pelas valiosas observações que fizeram e que me permitiram aprimorar a tese até chegar a esta versão definitiva

Estou como que fazendo o caminho ao revés.

Pois, oxalá este doutorado me abra as portas do mestrado, e quem sabe, depois, eu possa sonhar com o bacharelado, e ainda mais tarde talvez até algum vestibular, ensino médio, fundamental, e, sim, sempre se pode sonhar... se não se perder o fôlego... com algum jardim de infância para um final glorioso... *Sky is the limit!*

Aviso

O presente documento é, principalmente, um sumário dos trabalhos que acompanharam a elaboração de uma versão francesa de *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto, a qual tem sido sempre o cerne do meu projeto de doutorado. Em outros termos, seria um “apanhado” da parte tradutológica que viria completar a parte propriamente tradutória (a versão) no projeto.

Os comentários em questão foram elaborados dentro de uma perspectiva que contempla, basicamente, três eixos principais:

- a interpretação do texto de Simões, que, por ser intimamente vinculada com uma visada tradutória, talvez traga à tona elementos na composição escritural que não costumam receber tanta ênfase por parte dos estudiosos da obra simoniana (pelo menos é o que se conjectura).
- A transferência do texto de Simões para outro contínuo linguístico-cultural, com a particularidade de se tratar de uma conversão na qual a linguagem de partida se caracteriza por um uso da coíné (variedade “dominante” do português do Brasil em escala nacional) bastante impactado pela inclusão massiva de formas regionais, enquanto a linguagem de chegada infelizmente se reduz a um uso da coíné (variedade “dominante” do francês da França em escala nacional) muito mais padronizado em relação com o original.
- A tradução do português do Brasil para o francês da França (novamente, em se tratando das variedades mais prestigiadas no ambiente, digamos, escolar), sendo que muitos dos pontos abordados são suscetíveis de interessar a outra configuração linguística, mas que a maior parte dentre eles me pareceu ter pertinência particular para o contexto de tradução que me tocava (p.ex. o léxico da escravidão, os etnônimos, o vocabulário equestre, os diminutivos, aumentativos e coletivos, etc.).

"J'ai voulu dire ce que cela dit, littéralement et dans tous les sens" seria a resposta que o poeta francês Arthur Rimbaud teria dado à mãe desorientada por seus poemas e que teria perguntado sobre o que o filho queria dizer. Neste trabalho, talvez a preocupação com alguma duplicidade (literalmente e em todos os sentidos) basilar da palavra, nas suas funções tanto denotativas quanto conotativas tenha sido a linha diretriz principal da pesquisa. Abordei a palavra não só na sua função de designar algo (o chamado referente virtual), mas também de remeter a algo (além, pois, do referente virtual mais imediato). Provavelmente, no mais das vezes, errei no pealo e peguei o texto de meia espalda, mas aprendi... Pelo menos espero ter aprendido.

...E o professor retomava a chalra. Nisto o orientando já calejado e sabido, chegava-se-lhe manhoso e cochichava-lhe no ouvido:

- Professor, não tem mais tese!...

- Traz dessa mesma! Não demores, bandalho!...

E o tempo ia correndo, como água de sanga cheia... A tese do Michel Le Grand criou fama... A gente daquele tempo, até, quando queria dizer que uma cousa era tardia, demorada, maçante, embrulhona, dizia: - Está como a tese do Michel Le Grand! (*Contos grouchescos*)

Resumo

Este trabalho está alicerçado em uma proposta de tradução para o francês da coletânea *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto. Além desta proposta de versão, a tese inclui um comentário que incorpora análises relacionadas à interpretação do texto e sua tradução. O documento está disponível em vinte e cinco "ensaios", os vinte primeiros associados a uma proposta de versão francesa da história destacada, seguindo a ordenação dos textos conforme organizados na edição de 1949. Cada ensaio se detém sobre um conto particular como pretexto para reflexão e precede imediatamente a proposta de uma versão francesa do mesmo conto. Cada um deles trata de uma questão específica que diz respeito tanto à interpretação do texto original quanto à sua conversão linguística, e provavelmente representa uma dificuldade recorrente para o tradutor. Alguns dos assuntos abordados se referem a uma reflexão mais ampla, considerando a tradução como um todo, independentemente das línguas utilizadas, outros estão mais intimamente ligados à configuração linguística em que se situa a proposta de uma versão em francês. Os primeiros vinte comentários são, pois, mais específicos em sua abordagem e lidam com a busca de significado, juntamente com o problema de sua transferência, dos seguintes elementos linguísticos e textuais: topônimos, elementos de intertextualidade, antropônimos, estruturas rítmicas e musicalidade, frases feitas, configurações de camadas de idiomas, vocabulário "historizado" (palavras da escravidão) e vocativos, léxico equestre, componentes historiográficos, zoomorfismo da linguagem, etnônimos, procedimentos de dinamização e televisualização, fitônimos, trocadilhos, gentílicos e "politônimos", zoônimos, regionalismos, paremiologia e discurso gnômico, paralelismos estruturais, sintáticos e lexicais, diminutivos, aumentativos e coletivos. Os últimos cinco comentários não estão associados a um conto particular, mas visam convergir as análises feitas anteriormente, com foco no estudo de aspectos textuais possivelmente mais transversais e mais genéricos. Eles se relacionam mais precisamente à transferência de sistemas significantes que envolvem unidades menores que a palavra (vogais 'a' e 'o' neste caso), figuras numerológicas (em torno do '8' essencialmente), tempos verbais (tradução de "passado simples" do texto em português), teatralidade (especialmente a relação entre contar histórias e comédia) e figuras de iconicidade (por exemplo, a trança desenhada em filigrana ao longo da coletânea). Quatro deles (teatralidade, vogais, números e iconicidade) são usados para mostrar como os elementos mais particulares tratados nos comentários anteriores (etnônimos, diminutivos, designações de fauna e flora etc.) se encaixam nas redes globais significativas. O capítulo sobre a contribuição semântica de unidades menores do que a

palavra (sílabas, letras, morfemas, por exemplo) visa destacar a maneira pela qual elementos “diferenciais” do texto (ocorrências de 'o' ou 'a', entre outros) participam da configuração da “integral” semântica. O comentário que relaciona a redação de contos com a elaboração de comédias examina, entre outros aspectos, o uso de fontes cômicas nos *Contos Gauchescos*, especialmente no que diz respeito à presença de artifícios paronímicos em ação tanto no teatro quanto na prosa de Simões. O texto sobre iconicidade está centrado nas modalidades pelas quais os elementos textuais duplicam o significado, desenhando ou redesenhando-o sob a fraseologia.

Palavras-chave: João Simões Lopes Neto, *Contos gauchescos*, tradução do português do Brasil para o francês da França; transferência de figuras e estruturas de iconicidade.

Résumé

Ce travail repose sur une proposition de traduction en français du recueil de nouvelles, *Contos gauchescos*, de João Simões Lopes Neto. En sus de cette proposition de version, la thèse intègre un commentaire qui incorpore des analyses relatives à l'interprétation du texte et à sa traduction. Le document présenté se décline donc en vingt-cinq « essais », dont les vingt premiers sont associés à une proposition de version française du conte correspondant, en suivant l'ordre des textes tels qu'ils se présentent dans l'édition de 1949. Chaque essai prend ainsi un conte singulier pour prétexte de réflexion et précède immédiatement la proposition de version française du même conte. Chacun traite d'une question spécifique qui intéresse autant l'interprétation du texte original que sa conversion linguistique et est susceptible de représenter une difficulté récurrente pour le traducteur. Certains sujets abordés se rattachent à une réflexion plus ample qui considère la traduction dans son ensemble, indépendamment des langues utilisées, d'autres sont plus étroitement liés à la configuration linguistique dans laquelle se situe la proposition de version française. Les vingt premiers commentaires sont donc plus particuliers dans leur approche et traitent de la quête du sens, couplée à la problématique de leur transfert, des éléments linguistiques et textuels suivants : toponymes, éléments d'intertextualité, anthroponymes, structures rythmiques et musicalité, expressions figées, configurations de superposition de langues, vocabulaire « historicisé » (mots de l'esclavage) et vocatifs, lexique équestre, composants historiographiques, zoomorphisme du langage, ethnonymes, procédés de dynamisation et télé-visualisation, phytonymes, jeux de mots, gentilés et « politonymes », zoonymes, régionalismes, parémie et discours gnomique, parallélismes structurels et lexicaux, diminutifs, augmentatifs et collectifs. Les cinq derniers commentaires ne sont pas associés à un conte singulier, mais ont pour objectif de faire converger les analyses faites précédemment, en s'attachant à l'étude d'aspects textuels possiblement plus transversaux et plus génériques. Ils concernent plus précisément le transfert des systèmes signifiants impliquant des unités moindres que le mot (voyelles 'a' et 'o' en l'occurrence), des figures numérológicas (autour du '8' essentiellement), des temps verbaux (traduction des « passés simples » du texte en portugais), de la théâtralité (tout spécialement la relation entre conte et comédie) et des figures de l'iconicité (par exemple, la tresse dessinée en filigrane tout au long du recueil). Quatre d'entre eux (théâtralité, voyelles, numéros et iconicité) s'emploient à montrer comment les éléments plus particuliers traités dans les commentaires précédents (ethnonymes, diminutifs, désignations de la faune et de la flore, etc.) s'intègrent aux réseaux signifiants d'ensemble. Le chapitre sur la contribution

sémantique d'unités moindres que le mot (syllabes, lettres, morphèmes, par exemple) vise à mettre en lumière la façon dont des éléments différentiels du texte (occurrences du 'o' ou du 'a') participent de la configuration de l'intégrale sémantique. Le commentaire mettant en rapport l'écriture des contes avec celle des comédies s'intéresse, entre autres aspects, aux ressorts comiques des *Contes gauchesques*, et tout spécialement à l'emploi d'artifices paronymiques à l'œuvre dans l'un et l'autre type de texte. Celui sur l'iconicité est centré sur les modalités à travers lesquelles les éléments textuels dupliquent le sens en le dessinant ou le redessinant sous la phraséologie.

Mots-clés : João Simões Lopes Neto, *Contes gauchesques*, traduction du portugais du Brésil vers le français de France ; transfert des figures et structures d'iconicité.

Abstract

This work is built around a proposal for a French translation of a collection of short stories, *Contos gauchescos*, by João Simões Lopes Neto. Besides this proposal, the dissertation includes a commentary which incorporates analyses of the text dealing with its interpretation but with a view to translation. The document consists of twenty-five “essays”, the first twenty of which are associated with a proposal for a French translation of the corresponding short story, following the order of the texts as they are arrayed in the edition of 1949. Each essay, or chapter, thus uses a single short story as a pretext for reflexion and is immediately followed by a proposal for a French translation of that same story. Each focuses on a specific question as much related to the interpretation of the original text as of its linguistic conversion and that is likely to represent a recurring difficulty for the translator. Some of the topics tackled belong with a broader reflection that considers translation as a whole, independently of the languages involved, others are more narrowly linked with the linguistic configuration that characterized the elaboration of a proposal for a French version. The first twenty commentaries thus display a more specific approach and deal with the quest for meaning, and transfer, of the following linguistic and textual elements: toponyms, intertextual elements, anthroponyms, rhythms and textual musicality, frases, figures of linguistic overlapping, historicized vocabulary (words of slavery) and vocatives, lexicon of horses and horse-riding, historiographical components, zoomorphic language, ethnonyms, devices of dynamization and televisualization, phytonyms, plays on words, (geo)political designations, zoonyms, regionalisms, gnomic discourse, structural, syntactic and lexical parallelisms, diminutive, augmentative and collective words.

The last five commentaries are not associated with a singular short story, but aim to merge the preceding analyses by contemplating the study of textual aspects possibly more transversal and generic. They deal notably with the transfer of significant semantic networks involving units smaller than the word (vowels ‘a’ and ‘o’ especially, of numbers (‘8’ principally), of verbal tenses (translation into French of the simple past in the original), of theatricality (with an emphasis on the relation between tale and comedy) and of figures of iconicity (for instance, the plait that watermarks the text throughout the collection). Four among them (theatricality, vowels, numerology, iconicity) strive to show how more particular elements mentioned in the preceding commentaries (ethnonyms, diminutive words, lexicon of the flora and fauna, etc.) are integrated into encompassing networks of meaning. The chapter on the semantic contribution of textual units smaller than the word (syllables, letters, morphemes, for

example) aims to shed some light on the way differential elements in the text (such as the occurrences of the vowels 'o' and 'a') participate to the configuration of the semantic integral. The chapter that links the writing of the short-stories with that of the comedies, examines, among other aspects, the use of comic devices in the *Gauchesque Tales*, especially as regards paronymic artifices found both in the theatre and the prose of Simões. The last chapter, centered on iconicity, addresses the various modalities through which textual elements duplicate meaning by drawing or redrawing it underneath the phraseology.

Key-words : João Simões Lopes Neto, *Gauchesque Tales*, translation from Brazilian Portuguese into France's French ; transfer of the figures and structures of iconicity.

ÍNDICE

Introdução.....	16
Comentário nº1. - Topônimos	28
Versão do texto nº1 - INTRODUÇÃO DA COLETÂNEA	43
Comentário nº2. Intertextualidades	47
Versão do texto nº2 - TREZENTAS ONÇAS	67
Comentário nº3. Antropônimos.....	80
Versão do texto nº3 - O NEGRO BONIFÁCIO	91
Comentário nº4 - Ritmos.....	105
Versão do texto nº4 - NO MANANTIAL.....	134
Comentário nº5. frases feitas e uso figurado da linguagem.....	161
Versão do texto nº5 - O MATE DO JOÃO CARDOSO	176
Comentário nº6. Superposições de línguas ou variedades da língua.....	181
Versão do texto nº6 - DEVE UM QUEIJO!.....	201
Comentário nº7. Inscrição linguística da escravidão	208
Versão do texto nº7 - O BOI VELHO.....	223
Comentário nº8. Cavalos	231
Versão do texto nº8 - CORRER EGUADA.....	256
Comentário nº9. Histórias e História.....	266
Versão do texto nº9 - CHASQUE DO IMPERADOR.....	279
Comentário nº10. Zoomorfização em suas dimensões naturalista, fantástica e modernista.....	292
Versão do texto nº10 - OS CABELOS DA CHINA.....	301
Comentário nº 11. Etnônimos.....	327
Versão nº11 - MELANCIA - COCO VERDE	352
Comentário nº12. Cinemato-grafia	372
Versão nº12 - O ANJO DA VITÓRIA	379
Comentário nº13. Flora: fitônimos	390
Versão do texto nº13 - CONTRABANDISTA.....	404
Comentário nº14. Jogos	417
Versão do texto nº14 - JOGO DE OSSO.....	426
Comentário nº15. Incorporação de um léxico marcado nos planos histórico e político.	436
Versão do texto nº15 - O DUELO DOS FARRAPOS.....	453
Comentário nº16. Fauna: zoônimos.....	467

Versão do texto nº16 - PENAR DE VELHOS.....	479
Comentário nº17. Escritura regional para uma ambientação regional	490
Versão do texto nº17 - JUCA GUERRA	507
Comentário nº18. Discurso gnômico	514
Versão do texto nº18. ARTIGOS DE FÉ DO GAÚCHO	518
Comentário nº19. Paralelismos.....	521
Versão do texto nº19 - BATENDO ORELHA!... ..	529
Comentário nº 20. Diminutivos, aumentativos e coletivos.....	534
Versão do texto nº20 - O “MENININHO” DO PRESÉPIO	540
Comentário nº21 - Teatro.....	551
Comentário nº22 – Tempos verbais.....	574
Comentário nº23 – Letras – o e a... ..	599
Comentário nº24 – Números	633
Comentário nº25 – Iconicidade.....	641
CONCLUSÃO	655
BIBLIOGRAFIA « COMPARTIMENTADA » (e algo comentada).....	659
SIMÕES LOPES NETO.....	659
<i>Edições dos Contos gauchescos e das Lendas do Sul consultadas.....</i>	659
<i>Traduções de Contos gauchescos</i>	660
<i>Outras obras de Simões Lopes Neto</i>	661
<i>Trabalhos sobre a obra de Simões:.....</i>	663
LITERATURA REGIONALISTA E REGIONALISMO LITERÁRIO NO BRASIL	665
<i>Literatura gauchesca de língua espanhola</i>	668
OBRAS DE REFERÊNCIA RELACIONADAS COM A CULTURA GAÚCHA.....	670
<i>Vocabulário regional</i>	670
<i>Informações sobre a cultura do Rio Grande do Sul e do pampa.....</i>	671
<i>Folclore nacional e regional.....</i>	671
ENSAIOS SOBRE A DIMENSÃO REGIONAL OU REGIONALISTA EM OBRAS LITERÁRIAS	672
O CONTO “NA ÉPOCA” DE SIMÕES	673
PRÁTICAS E TEORIAS DA TRADUÇÃO.....	679
<i>Iconicidade e transferência das relações de iconicidade em traduções</i>	681
<i>Outros campos de investigação – sociolinguística</i>	681
<i>Cancioneiro e canção popular. Laços entre cantos e contos. Tradução do verso.....</i>	682
<i>Outros domínios conexos da tradução e da tradutologia</i>	682
AMOSTRA DE TEXTOS NOS QUAIS A LINGUAGEM REGIONAL DESEMPENHA PAPEL OSTENSÍVEL	684

Introdução

Por que João Simões Lopes Neto?

O leitor deste trabalho – se houver algum –, certamente se perguntará por que fui incomodar o velho Simões Lopes Neto, já aposentado há tempos, para envolvê-lo numa pesquisa doutoral (se bem que ele sempre se tenha mostrado pronto, prontíssimo, para novos empreendimentos). Não vou entrar em detalhes descrevendo os particulares do meu encontro com o autor, o que arriscaria nos levar demasiado longe. Contento-me em apontar aqui dois motivos, dentre os muitos que foram decisivos na minha escolha de estudar e traduzir a obra deste autor singular dos pagos rio-grandenses.

Primeiro, foi uma questão de empatia. Sou bretão de origem e temos na Bretanha uma situação geopolítico-cultural bastante similar com a que me parece caracterizar o Rio Grande do Sul. Existem, entre outras, semelhanças notáveis no que diz respeito às práticas linguísticas, uma vez que o idioma bretão ainda não desapareceu e que o francês falado na região em situações de comunicação informal é repleto de modismos que, por muitos dentre eles, são vestígios do antigo idioma, ainda subjacente. Também “padeçemos”, culturalmente falando, de uma situação na qual é o centro (Paris) que tem dominado o palco político, econômico, cultural e imposto seus ditames, de sorte que um artista bretão, para esperar alcançar algum sucesso de maior porte, não tenha muita outra opção a não ser de se deslocar para a capital.

Acredito que a história cultural da Bretanha teria seguido, a partir de determinado momento, um pouco os moldes da história cultural do Rio Grande do Sul. Dadas as necessárias defasagens temporais no decorrer dos processos envolvidos (independências, anexações, assimilações, revoluções, etc.), é globalmente uma história cultural ligada a uma sequência de ressurgimentos identitários fortes nas regiões ao mesmo tempo em que se consolidava o sentimento nacional. Com efeito, se considerarmos uma “escala” nacional, a independência do Brasil decorre entre 1821 e 1825 e a república brasileira é proclamada em 1889, o *risorgimento* italiano se dá entre 1815 e 1870, a guerra de secessão norte-americana viceja de 1861 a 1865, a unificação alemã realiza-se oficialmente em 1871, etc. Ou seja, a segunda metade do século XIX é marcada por uma corrente potente de formação dos estados nações numa modalidade que segue mais ou menos até hoje. Na França, a revolução “de 1789” é um divisor de águas no processo de integração da Bretanha à união nacional republicana.

Olhando desta vez desde uma perspectiva mais centrada numa “escala” regional, podemos constatar a configuração de um feixe de circunstâncias e eventos que corroboram a hipótese do surgimento de um momento particularmente idôneo para a eclosão dos *Contos*.

Em 1904, o poeta francês e provençal Frédéric Mistral é agraciado pelo prêmio Nobel de literatura, principalmente em recompensa por uma obra escrita em occitano (*Mirèio*). Mas o ímpeto regionalizante na esfera da expressão artística que terá levado a tal reconhecimento internacional se verifica em muitas outras áreas, inclusive geopolíticas ou geoculturais, do espaço ocidental. Assim, na Bretanha da época abrangida pela vida de Simões, Anatole le Braz, Paul Sébillot, Théodore Hersart de La Villemarqué, François-Marie Luzel empenham-se em recolher cantos, contos, lendas e outros artefatos da cultura popular regional. François-Marie Luzel, por exemplo, publica *Légendes chrétiennes de la Basse-Bretagne* em 1882, *Contes populaires de la Basse-Bretagne* em 1887, *Sonioù Breiz-Izel* em 1890 (em colaboração com Anatole Le Braz).

Extrapolando, isto significaria que, uma vez “segurada” a “existência” nacional, com todo um aparelho ideológico de fabricação e consolidação do sentimento pátrio, põem-se em movimento várias correntes cujo objetivo principal é de (re) afirmar a identidade regional dentro da identidade nacional. Aliás, é um movimento geralmente avalizado pelas autoridades centrais, seja na Alemanha, seja na Rússia, seja no Brasil porque, ao inventariar e descrever a riqueza das culturas regionais, também se consolida, transitivamente por assim dizer, a da cultura nacional. Afinal de contas, não abarca esta, de certa maneira, a soma de todas aquelas? No Brasil, talvez seja o programa alencariano de subsumir a diversidade regional dentro de um grande projeto federativo que melhor epitome esse encontro entre o interesse regional e o interesse nacional, tanto nas suas convergências quanto nas suas divergências.

Então, vejamos: temos objetivamente uma série de “eventos” que convergem em plasmar um momento histórico particularmente propício para a produção de uma literatura regionalista. O “bretonista” Luzel recebe a Légion d’honneur, a maior recompensa honorífica francesa em 1880, por seus trabalhos de recolhimento e reescritura dos cantos, contos e lendas da Baixa Bretanha. O “occitanista” Mistral conhece o sucesso que já mencionei. No Brasil do norte (incluindo o atual Nordeste), Silvio Romero goza de uma reputação impar, ao lado de autores como Inglês de Sousa (*Contos amazônicos*, 1893) e José Veríssimo (*Cenas da vida amazônica*, 1899). Alhures, nem é preciso mencionar a fama de gente como os irmãos Grimm ou do russo Afanasyev com respeito a outros espaços do mundo cultural ocidental.

Enfim, de maneira geral, os trabalhos dos intelectuais “folcloristas” ou “folclorizantes” que obram pelo reconhecimento e a valorização das culturas locais (qualquer que seja a escala desse caráter local conquanto remeta, em última instância, ao território nacional) são acolhidos com a maior simpatia pelas autoridades políticas e culturais da época. Simões Neto, que dá à luz seus *Contos gauchescos* em 1912, encaixa-se, desde certo ponto de vista, naquele “*rissorgimento*” cultural regional, sendo que a maior parte dos textos que integram a coletânea já fora publicada em rodapé da primeira página dos jornais locais de sua cidade de Pelotas¹.

O segundo motivo pela escolha de um texto de Simões como cerne do projeto doutoral está estreitamente vinculado com o primeiro. Com efeito, queria encontrar para este projeto um tema que permitisse “acolherar” três interesses que me motivavam e mobilizavam particularmente naquele momento:

- a tradução literária (pois, contemplava o doutorado, como, entre outras coisas, uma ferramenta de autoformação à disciplina),
- o estudo da literatura (meu campo de estudo tem-se definido ao longo dos anos como sendo o da literatura comparada)
- a questão da cultura regional, da sua desagregação, preservação, ou mutação (pelas razões evocadas acima e por outras, inclusive, a saudade do torrão, que cresce com o avanço nos anos e que se idealiza quando se está longe da querência). O que, estruturalmente, permitiu que a cultura local se mantivesse sólida e o que fez com que se desmoronasse sob os ataques do centralismo cultural.

¹ Outros empreendimentos culturais participam da mesma visada de valorização do património cultural nacional. Enquanto as nações se estavam formando, ao lado dos folcloristas se ativavam também os historiadores no afã de escrever histórias nacionais capazes de integrar as aspirações pátrias e de reunir em um mesmo destino todos os sub-espacos do território nacional, ou os linguistas, que se empolgavam em realizar um inventário das línguas faladas no país, ou ainda os etnólogos ou antropólogos, ainda que estas novas ciências humanas não tivessem recebido ainda seus nomes atuais. A lexicografia progride de maneira fenomenal, e vocabulários surgem em toda parte, nacionais, regionais, inclusive nas suas especializações étnicas e etimológicas... É verdade que já existiam gramáticas e léxicos das línguas indígenas compilados por religiosos, mas obras notáveis são publicadas na segunda metade do século XIX e no começo do século XX que podem ser diretamente relacionadas com o movimento geral de construção de um sentimento de identidade pátrio. Assim, o *Dicionário da língua tupi* de Gonçalves Dias é publicado em 1857; *O Dialeto caipira* de Amadeu Amaral em 1920. Estes dois trabalhos me parecem marcar um intervalo particularmente interessante neste grande movimento de levantamento dos bens culturais materiais e imateriais, o acervo nacional, como aponte, alimentando-se em grande parte das riquezas culturais regionais.

O processo

Primeiras escolhas de estudo.

Mais ou menos pelos mesmos motivos expostos acima, eu já tivera contato com a literatura brasileira de cunho regional, regionalista ou regionalizante, sendo ávido leitor de Jorge Amado², Rachel de Queiróz e José Lins do Rego numa primeira fase de descoberta, e depois de escritores com a reputação de serem mais “complexos” nos seus projetos artísticos, tais como Graciliano Ramos, Ariano Suassuna ou João Guimarães Rosa. Aconteceu que estando no Rio Grande do Sul, resolvi investigar a produção literária local, sempre com vistas a explorar a história do desenvolvimento de sua vertente regionalista. Ora, nas histórias da literatura, o nome que recorre com mais frequência como sendo representativo desta vertente no Estado é inegavelmente o de Erico Verissimo.

Em consequência, comecei por ler e traduzir Erico Verissimo (cheguei a redigir uma versão francesa de *Incidente em Antares*) —Erico sempre citado entre os escritores regionalistas tanto nos manuais escolares quanto nas conversas que tive com amigos ou colegas. Entretanto, enquanto livros como a trilogia do *Tempo e o vento* ou mesmo *Incidente em Antares* (a primeira parte) demonstravam patente dimensão regional ou regionalizante, havia um componente na escrita que faltava³, a meu ver, para que essa dimensão fosse mais “plena”, mais caba. E esse componente – um diferencial significativo e representativo no plano da composição linguística do texto –, eu o encontrei precisamente nos *Contos gauchescos* e nas *Lendas do Sul*. Lendo os *Contos gauchescos*, dei-me conta que alguns elementos de que gostara mais na leitura dos romances de Erico Verissimo, estavam em relação direta com o trabalho de Simões. Vi que o Fandango, aquele personagem do peão da antes, com sua maneira de falar tão instigante e cativante, era uma reintegração nas letras rio-grandense do narrador e protagonista dos contos de Simões, Blau Nunes e entendi que aquele aspecto de que sentia míngua na trilogia, salvo em alguns trechos como, precisamente, as intervenções do velho Fandango, havia de se procurar ao lado do velho campeiro, veterano e tapejara, nas suas andanças literárias.

² Sabe-se que não aconteceu essa difusão internacional por acaso, uma vez que Jorge Amado, por razões “políticas”, foi um dos autores brasileiros mais traduzidos no mundo, o que justifica o acesso facilitado a suas novelas e romances (pelo menos em países nos quais havia um partido comunista de alguma envergadura).

³ Há inegavelmente uma dimensão regionalizante nas escolhas lexicais feitas pelo autor na composição linguística da voz narrativa, mas ela é global e relativamente tímida (aliás, quando é uma personagem como Fandango que se expressa, ele retoma muito da fala do antigo Blau). O contexto mudara e as perspectivas também e, portanto, a idade de ouro em que surgiu o veio regionalista de Simões já se fora embora.

O Propósito

Motivações egoístas

Um trabalho de doutorado serve a interesses pessoais, certo, uma vez que é, em princípio, parte integrante de um processo que leva a algum grau de capacitação para o exercício de uma profissão. No meu caso, como aponte, o projeto foi abraçado como uma oportunidade ímpar para que eu pudesse me iniciar no trabalho da tradução literária. Já tinha alguma experiência de tradução, mas principalmente no campo da vulgarização técnica ou jurídica. Aliás, aqueles conhecimentos prévios, por reduzidos que fossem, ajudaram bastante na confrontação com alguns problemas de tradução que justamente encerravam questões técnicas, como o léxico das designações dos pelos dos cavalos, ou dos apelos, das designações de plantas, animais ou de formações vegetais, etc.

Digo oportunidade ímpar para uma iniciação, principalmente porque, como não havia prazo editorial, fiquei à vontade para conduzir essa aprendizagem da tradução literária do jeito que eu bem quis ou, melhor dito, do jeito que se quis apresentar. Acho que as condições foram ideais desde este ponto de vista, especialmente considerando que me encontrava precisamente no lugar de produção da obra, o que facilitava a pesquisa.

Motivações porventura um pouco menos egoístas

Ao mesmo tempo, sempre se espera que o produto da pesquisa possa também contribuir em algo para que estudantes do mesmo assunto ou de um assunto afim não tenham de refazer o mesmíssimo percurso de investigação e possam aproveitar *mutatis mutandis* alguns resultados do trabalho efetuado anteriormente ao que necessita seu próprio projeto. Pois, esperançosamente, este trabalho responde em algum grau, por mínimo que seja, a essa dupla exigência do interesse individual, de que falei nos parágrafos anteriores, e coletivo, que estou evocando agora.

Já que, *a priori*, a tese se escreve com aquela pretensão de ser potencialmente lida por alguém mais do que o doutorando, seu orientador e os poucos membros da banca de avaliação (nada mais, provavelmente, do que mais uma manifestação de *wishful thinking*), queria oferecer a seguir alguma informação sobre o leitor implícito do presente trabalho, aquele que tive em mente ao longo da redação dos comentários que acompanham as traduções, com vistas a esclarecer, correlativamente, certas orientações que os caracterizam.

O Objetivo. Para quem?

Ao redigir estes comentários, tive em mente dois tipos principais de leitores.

Primeiro, como se verá de imediato, o trabalho apresentado nestas páginas não é obra de especialista e sim de um aficionado, porém amador, alheio à cultura que está investigando e que gostaria de compartilhar com seus conterrâneos alguma parcela deste afeto para determinados aspectos desta cultura. É afinal mais ou menos o espírito que anima qualquer empreendimento de tradução: permitir a pessoas compartilhando da mesma cultura e do mesmo idioma (no meu caso, então, a cultura e a língua francesa) que tenham acesso a alguma porção da cultura estrangeira e, simultaneamente, transmitir alguma faísca do próprio “fogo-entusiasmo” que atearam em mim as tradições, inclusive literárias, do Rio Grande do Sul. Não há valia em traduzir para si mesmo, e não poderia haver logro na tradução sem algum entusiasmo, sem algum embalo que a levasse para frente. Destarte, para mim, com todas as críticas que a versão italiana de Giuseppe Tavani possa ter recebido (principalmente em razão de seu caráter uniformizante), ela não deixa de se inscrever de pleno direito neste tipo de projeto de compartilhamento e afã de transmissão. Tavani se apaixonou, quis dividir sua empolgação com os conterrâneos, fez obra de pioneiro na difusão para o exterior da obra de Simões Lopes Neto. E, mais de sessenta anos depois, eu queria seguir nos seus calcanhares.

Por isto, cabe frisar que os comentários, apesar de serem redigidos em português, não foram escritos primeiro com o leitor brasileiro em mente e pensando-se no leitor francês em segundo lugar. Não, foram escritos objetivando primeiro os leitores franceses com o intuito de fazer descobrir, (ajudar a descobrir) e, esperançosamente, fazer gostar ou pelo menos fazer se interessar. Assim, muitas das informações que constam neste trabalho poderão parecer por demais óbvias para o leitor brasileiro e ainda mais para o leitor rio-grandense, versado nos assuntos do pago. Acredito que não o serão, na sua maioria, para o leitor francês que, em geral, terá recebido mais informação a respeito de outras partes da federação (a bacia amazônica, o litoral nordestino, as megalópoles do Rio de Janeiro e de São Paulo, porventura) do que a respeito desta parte bem ao sul do sul onde até emergiu uma “estética do frio”, a ramilongueira, do também pelotense Vitor Ramil. (Frio no Brasil? Poderá se indagar nosso leitor francês). Provavelmente, alguns estudantes de outras partes do Brasil, ou simplesmente que se criaram sempre afastados do mundo rural, também compartilhariam algum parentesco, pelo perfil, com o forasteiro.

Concretamente, há, sim, dados que são bem conhecidos aqui, como, entre outras, a relevância do cavalo na história civilizacional desta parcela das Américas, mas que creio serem suscetíveis de ajudar os leitores não nativos a entenderem melhor o porquê de alguns fenômenos focados em cada comentário. Assim, um leitor rio-grandense provavelmente achará que me delonguei demasiado na questão de explicar porque havia tantas referências ao cavalo no texto simoniano e na literatura gauchesca em geral. Ao leitor francês poderá agradar, em contrapartida, alguma informação suplementar sobre o papel importantíssimo do cavalo na cultura que produziu os *Contos* e as implicações que esta importância pode ter tido na composição textual da literatura gauchesca em geral e da obra de Simões em particular.

Conforme disse, se o comentário e a tradução podiam fomentar nos leitores franceses algum interesse, algum desejo de aprender mais sobre a cultura em pauta, já seria algum ganho precioso. O leitor rio-grandense não precisa que lhe sejam explicitadas as conexões entre o vocabulário, o meio-ambiente, a cultura, a história regional. O leitor francês, assim me parece, aproveitará algumas informações sobre a relação entre cultura e história, além do comentário clássico de tradução que derivou do estudo dessa relação. Daí alguma gordura com a carne nada magra deste trabalho.

São por exemplo, informações de contextualização, de *background*, que, espero, vertam alguma luz sobre o fato de poder transferir as capas de cavalos com alguma precisão ter-me aparecido como particularmente pertinente neste projeto tradutório. São reflexões sobre as diferenças nos processos históricos de conquista, colonização, assimilação, desintegração, segregação, integração, etc., que talvez ajudem a entender por que, muitas vezes, palavras tão semelhantes pela forma, “mulato” e “mulâtre”, por exemplo, ou “índio” e “indien”, ou “crioulo” e “créole”, etc. são suscetíveis de expressar realidades diferentes de um contexto cultural para outro.

São considerações sobre a extraordinária flexibilidade e versatilidade de tal ou tal recurso da língua de origem que não possui real equivalente no idioma de destino. Assim, o diminutivo, o aumentativo, o coletivo, o apelido, etc. certamente não ocupam o mesmo lugar no espaço linguístico-cultural do português do Brasil e no do francês da França. São ainda ponderações sobre as modalidades nas quais a origem das palavras, sua etimologia, seus percursos no tempo e no espaço, não só desempenham papel inegavelmente relevante na americanização do português depois de transplantado para o Novo Mundo, mas também participa plenamente da construção da significação e da estética do texto.

Claro que o fato de o comentário estar escrito em português pode ser visto como vindo paradoxar um pouco esta reivindicação quanto ao público alvo ser francês antes de brasileiro, mas gostaria de enfatizar que é prevista uma versão em francês deste estudo, versão na qual tenho trabalhado em paralelo a esta que apresento aqui no idioma da instituição que me acolheu, e que esta versão francesa será postada online para eventuais interessados (com a imensa vantagem, para mim, de estar escrita na língua materna, o que facilita muito as coisas).

O colega leitor e tradutor aprendiz

Segundo, como é um trabalho concebido principalmente para acompanhar, e mesmo documentar, um projeto de tradução, ele está principalmente direcionado para pessoas que têm demonstrado algum interesse pelo assunto da tradução. Nesta perspectiva, o comentário poderia ser de alguma valia, quiçá, para alunos de cursos de tradução, nem que seja somente por apresentar alguns problemas que estimei especialmente recorrentes na conversão de textos literários do português do Brasil para o francês de França; foi, de fato, a principal orientação que o norteou.

Aliás, na sequência deste projeto, ambiciono compendiar as dificuldades da tradução do português do Brasil para o francês de França em um trabalho de cunho pedagógico que abrangesse em particular questões de filologia e de sociolinguística, notadamente focando-se as relações entre a história e a língua dentro do percurso de formação da cultura nacional (inclusive nas suas flexões regionais).

Assim, embora a ideia no começo tenha sido simplesmente de escrever algumas páginas de apresentação dos contos, o projeto tem se desenvolvido progressivamente como uma ferramenta e tomado ao longo da pesquisa certa aparência de curso de tradução literária baseado em observações estreitamente relacionadas com uma experiência prática (a elaboração de uma versão para o francês de um texto literário brasileiro). Como disse, acredito que o resultado seja suscetível de interessar alunos de programas de tradução; mas não é realmente pelas soluções propostas, se não pelo levantamento das dificuldades surgidas ao longo do empreendimento ou, melhor dito, pelas interrogações suscitadas, chamando a atenção para alguns aspectos que talvez não soem ser tão comumente relevados nos ensaios de tradutologia. Digamos que são mais pistas de se campear do que aquele próprio fujão do boi barroso, cuja essência é de sempre nos eludir. Cada um irá à procura de seus entendimentos e soluções, mas talvez meus próprios rodeios poderão ajudar na tarefa.

Concretamente, por exemplo, seria a defesa da possibilidade para o tradutor de mudar os nomes de personagens, sendo que esta alteração pode se aparentar a um verdadeiro sacrilégio aos olhos de muitos tradutores. Diadorim é Diadorim, Riobaldo é Riobaldo, Reinaldo é Reinaldo... Mas e Tudinha, e Nadico? Ou ainda seria uma justificativa para integrar mais regionalismos tomados diretamente do texto original para incorporá-los na versão estrangeira, uma vez que, para muitos leitores de outras regiões do Brasil, estes regionalismos já funcionam um pouco como estrangeirismos dentro do próprio texto brasileiro.

É, pois, mais como esboço de um curso de tradução literária que acabei encarando este projeto e que porventura se devesse apreender, prioritariamente, o trabalho que dele resultou. A proposta global talvez ajude a explicar porque optei por centrar cada comentário sobre um ponto singular da problemática da tradução do português do Brasil para o francês de França na esfera mais abrangente da tradução literária. Vou detalhar um pouco esta imbricação entre proposta e organização de trabalho.

Convém enfatizar de antemão que não pretende ser, não é e não poderia ser um trabalho exaustivo. Os pontos selecionados são os que me chamaram mais atenção ao longo do processo de tradução dos *Contos*, ou, digamos que me “inquietaram” com mais insistência. Daí, são muitos os aspectos que não abordei, quer em relação com a interpretação do texto de Simões quer no que tange à conversão para outro idioma.

Além do mais, a reflexão se pautou em função da especificidade da configuração de línguas que me tocou, i.e. do português do Brasil para o francês de França. Debrucei-me bastante na questão dos diminutivos, por exemplo, porém, para outros idiomas de conversão, o espanhol, o italiano, esses diminutivos obviamente não se apresentaram como problema tradutório de maior importância. Outro exemplo: é de se imaginar que não se teria detido neste assunto o tradutor espanhol, se tivesse tido de comentar sua tradução nas mesmas circunstâncias que caracterizam este projeto, provavelmente não teria evocado nem os fitônimos nem os zoônimos, pelo fato dos pampas uruguaio e rio-grandense não exibirem diferenças conspícuas neste quesito do meio-ambiente e da linguagem usada para designar seus elementos.

Cabe agora dizer algo sobre a organização dos comentários, ou pelo menos sobre as diretrizes que orientaram o trabalho no seu conjunto. A ideia era que, ainda que cada comentário enfocasse um aspecto da escrita em particular, houvesse alguma orientação mais geral que permitisse entrever alguma consistência no conjunto.

Organização dos trabalhos – Como?

Para cada dos vinte textos que compõem a coletânea (o texto de introdução mais os dezenove “contos”), a proposta comum era mais ou menos a seguinte:

1. contextualizar o texto (majoritariamente um conto), tanto no nível da própria coletânea quanto no da produção literária da época. (Ex: “O “Menininho” do presépio” como conto simoniano, mas também como conto de natal e conto gauchesco);

2. focar um aspecto do texto que satisfizesse globalmente os critérios seguintes:

a) ser bastante representativo na escrita do conto; (ex. volume significativo de diminutivos em “O “Menininho” do presépio”, volume significativo de palavras pertencentes ao léxico equestre em “Correr eguada”, relevância dos etnônimos em “Melancia e Coco Verde” em consonância com a oposição entre os brasileiros e os galegos/ilhéus, relativa abundância de fitônimos em “Contrabandista” ou de zoônimos em “Penar de velhos”, etc.);

b) permitir conexões com os outros contos da coletânea (ex. a presença de diminutivos, aumentativos e coletivos é um fenômeno que se encontra em todos os contos da coletânea, inclusive em títulos, “O “Menininho do presépio”, “Correr eguada”) ou textos de outras obras (“O Negrinho do pastoreio”) e que representa um problema geral de tradução quando se verte do português para o francês. O número relativamente elevado de zoônimos e fitônimos distribuídos entre os *Contos* faz parte de um esquema de ambientação geral (o pampa e a coxilha rio-grandenses), mas estas palavras trazem também consigo a dificuldade para o tradutor de dar conta de signos que funcionam tanto no nível simbólico do que no nível denotativo;

c) poder ser estudado tanto do ponto de vista da interpretação (como entender a forma) do que do ponto de vista da transferência (como levar determinado aspecto para a versão) [ex. matizes apreciativos ou depreciativos no uso dos diminutivos, aumentativos e coletivos, transferência desses matizes em versões estrangeiras, possíveis nuances entre palavras que parecem significar exatamente a mesma coisa, ‘chirua’, ‘piguancha’, ‘china’, ou ‘chiru’, ‘caboclo’, ‘índio’, etc., porém que exigem manejo bastante cuidadoso]. Muitas vezes, conformaram-se cruzamentos, devido à própria natureza da linguagem que se constrói na base de morfemas: assim, palavras como ‘chinocão’ ou ‘chinerio’ interessam como diminutivos e coletivos, mas também do ponto de vista da designação etnonímica, do próprio estatuto de regionalismo, da origem platina, da etimologia quíchua, etc.;

d) ser apto para ensejar uma discussão sobre alguma dimensão relevante na interpretação do conto. [ex. o diminutivo como elemento “eufemizante” na representação linguística da transgressão (inclusive, pois, na literatura), a relativa ausência do léxico relativo ao sistema escravocrata em relação com uma focalização que privilegia o mundo da estância e uma vertente mimética que prioriza a componente indígena-ibérica na representação do gaúcho];

e) permitir alguma extrapolação. Com efeito, ainda que seja bem pouco provável que a tese interesse a alguém que não seja a minha própria pessoa, pensei que o comentário devia demonstrar alguma utilidade potencial não exclusivamente para o estudioso ou o tradutor da obra de Simões Lopes Neto, mas também para estudantes do campo dos estudos de tradução que se especializassem na versão do português para o francês. [ex. grande flexibilidade dos processos de sufixação em português para formar diminutivos, aumentativos e coletivos quando examinados à luz da rigidez, e mesmo restrição bastante “castradora” do recurso em francês que obriga a soluções insatisfatórias].

Como se vê, há matéria para que o comentário incorra em duas críticas maiores: a de proceder de maneira demasiada metonímica (uma conexão engendrando outra conexão, que engendra outra conexão) e, vinculada a esta primeira crítica, a de querer abranger demais e arriscar alguma desfocalização.

É que talvez meu objetivo tenha se tornado excessivamente amplo na minha busca de entender as coisas de maneira, digamos, um pouco holística e ao mesmo tempo diferenciada, sobretudo no que diz respeito aos sistemas de interconexão entre os diferentes elementos culturais, parâmetros, critérios, etc., envolvidos na produção e recepção dos textos em pauta. Minha intenção era principalmente de arrojar passarelas entre vários aspectos das comunicações interculturais e interlinguísticas, inclusive em suas dimensões históricas (ou historiográficas) e, em consonância com a especialidade na qual o doutorado se inscreve, sempre dentro, portanto, de uma perspectiva que reunisse análise literária e tradutória.

Talvez eu tenha “me passado” nesta busca, querendo ser exaustivo ao procurar estabelecer interligações e mais interligações entre aspectos ou elementos nas zonas de intercomunicações entre história (caráter historiográfico da escrita), literatura, linguística e tradutologia, tudo isto salpicado de condimentos que se desejassem ser de ordem etnológica ou sociológica sem poder verdadeiramente sê-los por falta de treinamento e conhecimento mais aprofundados no domínio das ciências sociais.

Enfim, os comentários incluídos na tese são sumários de estudos mais pormenorizados que conduzi no intuito de melhor entender o texto de Simões para, possivelmente, melhor o traduzir ou, pelo menos, elaborar a versão com melhor conhecimento de causa. Então, na maior parte dos casos, procedi não somente conto por conto, mas palavra por palavra, ou seja, fitônimo por fitônimo, zoônimo por zoônimo, etnônimo por etnônimo, comparando as traduções propostas nas versões para o espanhol e para o italiano, procurando me informar sobre matizes de significação, etc. Evidentemente, não poderia colocar este trabalho integralmente na tese, por ser muito detalhado, longo e com sério risco de entediar o leitor. Entretanto, pretendo disponibilizá-lo online para proveito de algum estudante de tradução que for interessado em tal ou tal ponto específico (traço, aspecto, termo, etc.).

A versão que está inserida entre cada comentário não deixa de ser uma simples proposta elaborada no âmbito do projeto de doutorado. Claro que haverá notáveis discrepâncias entre o que se deixava entrever, e talvez esperar, ao se pautar pelos comentários por um lado e o que foi de fato alcançado no momento de produzir algo concreto por outro lado. Aliás, sempre acontece essa defasagem entre os objetivos que se ambicionavam na reflexão preliminar ou teórica e o que resultou do duro corpo a corpo com o texto.

Escolhi apresentar esta versão junto ao texto de Simões para facilitar o cotejo, mas, em vez de ter uma página em português e ao lado uma página em francês, o leitor da tese encontrará uma espécie de tradução corrida, sendo apresentado primeiro o parágrafo do texto original e logo em seguida o parágrafo correspondente em francês. Possivelmente, não é a melhor fórmula de apresentação do trabalho de tradução, mas foi a que acarretou menos obstáculos de formatação. Também é de esperar que favoreça em algo aquela leitura tanto consecutiva quanto “concomitante” (em vaivém) do texto original e de sua tradução que acarreta a avaliação de um projeto como este.

Comentário nº1. - Topônimos

Texto e pretexto: Introdução da coletânea

Foco do estudo tradutológico: a transferência dos topônimos para a versão estrangeira

Talvez o que chama mais a atenção neste primeiro texto, de abertura da coletânea, em mais de um sentido, seja a abundância de topônimos.

“Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezigue. Já senti a ardentia das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa **Mirim**; fatiguei-me na extensão da coxilha de **Santana**; molhei as mãos no soberbo **Uruguai**; tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do **Caverá**; já colhi malmequeres nas planícies do **Saicã**, oscilei sobre as águas grandes do **Ibicuí**; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de **Santa Tecla**, pousei em **São Gabriel**, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de **Tupaceretã**, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...”

Este primeiro parágrafo da coletânea contém, seminalmente, boa parte dos elementos que vou comentar ao longo deste trabalho. Já nos apresenta, em modo textual, um percurso (de Blau e do transcritor de seus casos) que delinea, ao se desnovelar pela palavra do “transcritor”, uma porção substancial do Rio Grande do Sul – “Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezigue”.

Também se nota que cada etapa desta viagem, que seria concomitantemente histórica e geográfica, mas que se anuncia agora enquanto jornada literária, está diretamente ligada a um “Eu” central, aparentemente o transcritor dos contos, mas que poderia muito bem ser o suposto contador dos causos, Blau Nunes. Com efeito, não passa despercebido o fato de cada item neste elenco de topônimos acima estar associado a uma ação, a um “ato de vivência” desse Eu, narrador das primeiras páginas dos *Contos gauchescos*: – “senti a ardentia”, “me recreei”, “fatiguei-me”, “molhei as mãos”, etc.

Observa-se ainda que o dito processo também está associado a uma leitura da geografia do Estado caracterizada por anotações de ordem geológica, por exemplo – “as areias desoladas do litoral” – ou que tangem ao relevo – “a extensão da coxilha de Santana” – ou ainda que aludem ao sistema hidrográfico da região – “a lagoa Mirim”, “o soberbo Uruguai”, “as águas grandes do Ibicuí”. Este primeiro parágrafo já faz, portanto, a junção entre a geografia do Estado, a sua história (“a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou”), a história da “persona” (transcritor ou narrador) que, conforme indiquei, diz-nos ter feito isto ou aquilo em tal ou tal lugar, e, *last but not least*, a história da língua – “Tupaceratã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...”

Mapeamentos

Então, o texto de introdução pode ser “lido” como uma sorte de mapa, mapa em múltiplos sentidos, azimutes e planos (do Rio Grande do Sul, da jornada de Blau Nunes e de seu companheiro de viagem pelas campanhas e serras gaúchas, da própria coletânea, do narrador, da língua,⁴ etc.). Partindo desta premissa, o texto que serve de introdução para a coletânea não somente cartografaria parte do território estadual, particularmente na sua relação estreita com a história do Rio Grande do Sul, mas também mapearia, mesmo que de maneira esquemática, o que vai ser, mais ou menos, o pacto de leitura (i.e., o que deve ser aceito por parte do leitor se se quer que alguma forma daquela *suspension of disbelief* de que falava Coleridge possa começar a operar). Dentre esses diversos mapeamentos, haveria também, pois, como que o esboço de um mapeamento histórico do território conquistado e colonizado, uma vez que parte da história contada por Blau encerra justamente fragmentos do processo pelo qual se “construiu” o Estado e sua população. Convém, aliás, não separar a vertente literária da produção escrita de Simões de outros trabalhos impulsados pelo mesmo espírito, inclusive pedagógico, de exaltação de uma identidade regional, como *Terra gaúcha*, por exemplo, que seria uma tentativa de historiografia gaúcha aplicada ao ensino da história no Estado.

⁴ Por “mapeamento da língua”, entendo um tratamento do da questão linguística dentro de uma perspectiva que considere sua geografia e sua história, notadamente no que diz respeito à contribuição do vocabulário indígena na formação das variedades nacionais e regionais, tema que aflora constantemente, sob as mais diversas modalidades, ao longo dos textos da coletânea. Esses mapeamentos paralelos, as configurações que debuxam os elencos de ações sucessivas do transcritor/narrador, de nomes de lugares pelos quais passaram, de paisagens associadas a esses nomes (há uma quantidade impressionante de geônimos neste primeiro parágrafo), sinalizam um traço que me parece muito relevante na composição dos textos da coletânea, não só ao nível da unidade maior (a coletânea, o conto, inclusive no que concerne à fraselogoia, ao sistema lexico-semântico), mas também ao nível da unidade menor (a frase, o lexema no seu contexto mais imediato). Este traço é um paralelismo estruturante, que eu tendo a correlacionar com a dimensão iconizante da escritura.

Isto se vê precisamente, entre outros recursos, na escolha dos topônimos. De fato, eles refletem de certo modo o processo da conquista e da colonização, observando-se a nítida predominância de topônimos derivados de vozes indígenas num primeiro momento ou primeiro parágrafo, ‘Mirim’ (*mi’ri*), ‘Uruguai’, ‘Caverá’ (*caa-berá*), ‘Saicã’ (“o galho seco”), ‘Ibicui’, ‘Tupaceretã’ (o próprio “narrador” supre o significado do topônimo guarani), passando pelo período transitório (em vários sentidos) das Missões (Santa-Tecla e São Gabriel) devidamente marcado pelo aportuguesamento toponímico que acompanhou a criação de novos aldeamentos (agrupamentos humanos fundados pelos recente-chegados num esforço de “civilizar” e evangelizar a população nativa). Este primeiro parágrafo se termina com uma alusão à hibridação cultural, quase um sincretismo (Tupã e Maria?): “Tupaceretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...”.

Os topônimos que vêm depois (segundo e terceiro parágrafo) são todos do português, o que corresponderia a uma segunda fase de ocupação do território e de nomeação dos lugares (Santa Maria, Passo Fundo, Lagoa Vermelha, Soledade). O elenco de topônimos se conclui, desta vez, por uma referência, quase que natural na lógica delineada pelo discurso do narrador, à zona colonial, espaço de chegada e de estabelecimento dos mais recentemente chegados (alemães e italianos em particular).

Haveria então já neste texto de introdução à coletânea, pelo menos na maneira como se organiza o elenco de nomes de lugares que o estrutura, como que uma miniaturização do processo de aculturação e reculturação que presidiu à formação da identidade regional e nacional enquanto elemento integrado à mimese dos *Contos gauchescos*.

“... e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heroicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz.”

Cumprе acrescentar que cada topônimo, enquanto nos reporta a momentos específicos na formação, na vida, na “história pessoal” do indivíduo Blau, também encapsula um pouco da história da formação do Estado nem que seja pela confluência na representação entre a personagem individual (Blau) e o tipo socioétnico (“o gaúcho”), e também alude ao processo da formação nacional contemplado desde uma perspectiva mais abrangente. Assim, um topônimo como Tamandaré evoca um episódio da Revolução farroupilha, episódio em que, nos informa o transcritor dos *Contos*, o próprio Blau teria participado.

Porém também nos remete, pela etimologia, às cosmogonias das comunidades indígenas que precederam a vinda do Europeu⁵. Tamandaré, pois, seria ao mesmo tempo um marco na vida do protagonista e narrador, na vida do Estado, e na vida do país e dos povos que constituíram sua população. Vale lembrar que os *Contos* se encaixam, de certo modo, na vertente “caboclista” que se desenvolveu a partir do indianismo da segunda metade do século XIX e que integra uma tendência talvez maior de incorporação do mundo rural nas representações literárias, fusionando assim com projetos afins, notadamente a narrativa de cunho regionalista, dentro desta, os textos de “apelo sertanista”. Os *Contos gauchescos* são inegavelmente gauchescos, mas também, portanto, pelo menos em determinados aspectos de sua composição, indianistas, caboclistas, rurais, regionais e sertanistas (cf. *Sertão* de Coelho Neto, 1896, *Pelo sertão*, de Afonso Arinos, 1898, *Os sertões*, de Euclides da Cunha, 1902, etc.).

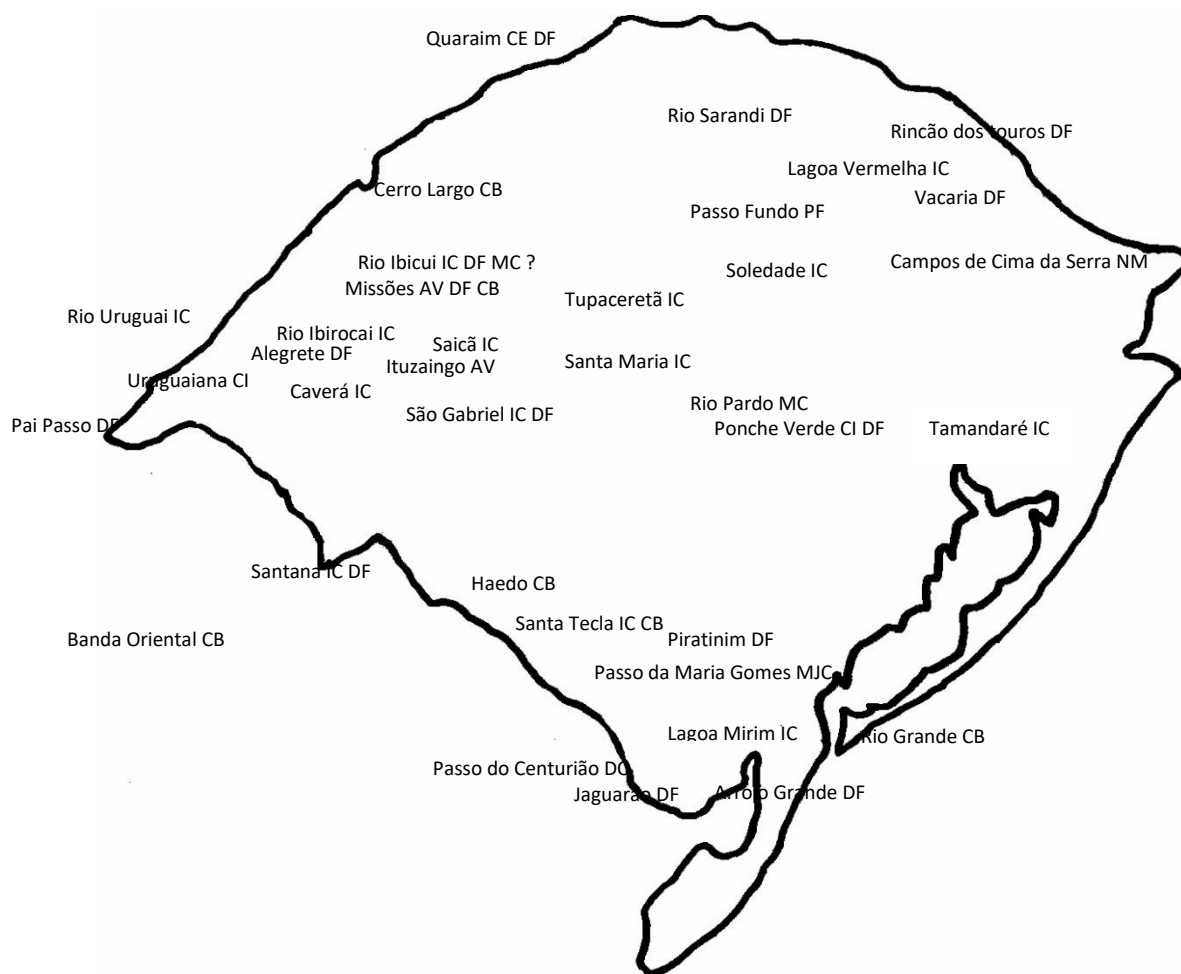
Traçando o percurso da viagem de iniciação (iniciação do transcritor, do próprio Blau que reinicia seu próprio percurso, como que ao inverso, pela exploração da memória, do leitor, e, é claro, do tradutor). Não sou historiador, e, portanto, não vou me lançar num comentário sobre cada topônimo presente neste texto de introdução. O que me parece importante no momento é sublinhar que todos contam, cada um com sua esteira de ressonâncias particulares, uma história ao mesmo tempo individual e coletiva. É de se conjecturar que os leitores de Simões teriam provavelmente associado a cada menção de um lugar específico também uma porção de sua história pessoal, concomitantemente enquanto indivíduos e membros de uma comunidade.

Sulcando o Estado

Os topônimos desempenham papel muito relevante na construção da mimese ao longo da coletânea. Além desta profusão⁶, que encontramos na primeira página dos contos, tecem uma teia geográfica e histórica na qual se prendem os causos de Blau Nunes. Tentei situar a maior parte dos topônimos citados pelo transcritor dos contos ou mencionados por Blau nos contos propriamente ditos. Não é uma lista exaustiva, e a colocação é inegavelmente bastante aproximativa, mas já dá para ver com este esboço muito canhestro que Simões teve quase a totalidade do Estado coberta por sua jornada literária. É significativo também que muitos dos topônimos que aparecem nos *Contos* sejam conectados com alguma batalha.

⁵ Tamandaré teria sido um pajé que causou o alagamento do mundo. Refugiado no alto de uma palmeira com a mulher teria gerado, depois do dilúvio, a nação dos índios tupinambás. A história foi utilizada por vários escritores e aparece, disfaçada sob a forma de uma fantasia romanesca, na obra *Iracema*, de José de Alencar.

⁶ Não é nada inhabitual nos textos literários da época (cf. primeiras páginas de *Os sertões*, entre muitos outros)



Para que este mapinha fale um pouco mais, coloquei as iniciais do conto da coletânea em que ocorre tal ou tal topônimo: IC, Introdução à coletânea, TO, “Trezentas onças”, NB, “O Negro Bonifácio”, NM, “No manantial”, MJC, “O mate de João Cardoso”, DQ, “Deve um queijo”; BV, “O boi velho”; CE, “Correr eguada”; CI, “Chasque do imperador”; CC, “Os cabelos da china”; “O Anjo da Vitória”; CB; “Contrabandista”; JO, “Jogo do osso”; DF, “Duelo dos farrapos”; PV, “Penar de velho”; JC, “Juca Guerra”; AF, “Artigos de fé do gaúcho”; BA, “Batendo orelha”; MP, “O ‘Menininho’ do presépio”.

“Militarização do pampa”. Um olhar rápido revela que, fora o texto de introdução – que lembra um pouco pelo feito, mas numa escala infinitamente menor, o início de *Os sertões* – é o conto “O duelo dos farrapos” que reúne o maior número de topônimos. Não é de se admirar, visto que este conto é ambientado em tempo de guerra e que a sequência de topônimos principalmente retraza, num mapa do Continente, o “périplo” das tropas revolucionárias pontuado de menções a campos de batalha. Fora isso, é interessante ver como os próprios contos se deslocam, junto com suas personagens, ao longo da coletânea, de um espaço para outro do Estado.

Práticas tradutórias. É de praxe a tradução dos topônimos seguir dois caminhos básicos.

- Já existe uma tradução “convencionada”, cuja forma se tem cristalizado nos usos da língua alvo e, neste caso, recorre-se em princípio a essa tradução. Por exemplo, o ‘London’ de um texto em inglês virará ‘Londres’ em um texto em português. Se o tradutor insistisse em se valer de ‘London’ em vez de ‘Londres’, então haveria de se procurar motivos por tal escolha.

- Não existe uma tradução convencionada diferente do nome nativo, e, em configuração semelhante, costuma-se manter o topônimo original. Por exemplo, a ‘Londonderry’ de um texto em inglês ficará ‘Londonderry’ em um texto em português. Evidentemente, haverá eventuais adaptações quando se passa de um alfabeto para outro. No caso dos topônimos americanos, sempre há o “problema” de uma possível origem indígena do nome do lugar e do significado da palavra de que ele foi derivado.

Não custa enfatizar que o encaminhamento para uma ou outra solução depende do “relacionamento” entre a língua fonte e a língua alvo (passagem de um código escrito para outro, trafegando e transliterando, p. ex. do alfabeto latim para o alfabeto árabe ou russo, etc.; mudanças importantes de um sistema fonêmico para outro, etc.). Entretanto, a escolha básica referida acima vale para a maior parte das situações de tradução. Mas será que vale também e sempre no domínio da tradução literária?

Motivação dos topônimos no texto literário

Em contexto de tradução literária, o problema da transferência dos topônimos apresenta pontos comuns com aquele da transferência dos antropônimos (cf. comentário nº2), com os quais, aliás, é bastante frequente que esteja estreitamente vinculado (Dom Pedrito, Garibaldi, etc.). Há, entre outros aspectos a se considerar, o fato de o topônimo significar, em geral, “bem além” dos horizontes da mera referência a determinado lugar geograficamente localizável. Talvez um exemplo seja mais esclarecedor do que uma longa exposição sobre a problemática da transferência dos topônimos de um texto literário para sua versão estrangeira.

Canguçu (com c maiúsculo) e canguçus. Consideramos o topônimo ‘Canguçu’, que aparece várias vezes no texto de *Contos gauchescos*.

No excerto de “O duelo dos farrapos” abaixo, o topônimo aparece dentro de uma enumeração de diversos lugares onde houve combates entre as forças revolucionárias e os regimentos legalistas.

“E brigou-se! Em S. Gabriel, na Vacaria, em Ponche Verde, no Rincão dos Touros. O governo tinha saído do Alegrete e estava outra vez em Piratinim; aí por perto peleou-se, e no Arroio Grande, em Jaguarão, nas Missões, sobre o Quaraim, em **Canguçu**, em Pai Passo.”

O postulado seria que o signo vale aqui principalmente enquanto “remetente” a determinado item na lista de batalhas que “pontilharam” a história da guerra farroupilha. A priori, a questão de lhe atribuir outro sentido, no âmbito reduzido desta ocorrência particular, não se coloca para o tradutor. Ora, neste segundo trecho, extraído de “Deve um queijo!”, e que cito a seguir, há alguma coisa no uso da palavra que não pode deixar de fazer com que o tradutor comece a se fazer perguntas sobre o “sentido” do topônimo no seu contexto.

“Quando ia a entrar na venda, saiu-lhe o castelhano, pelo lado de laçar... A este tempo o negociante saudava o velho, dizendo:

- Oh! seu Nico! Seja bem aparecido! Então, vem de **Canguçu**, ou vai?...

Antes que o cumprimentado falasse, o castelhano intrometeu-se:

- Ah! es usted de **Canguçu**?... Entonces... debe un queso!...

O paisano abriu um ligeiro claro de riso e com toda a pachorra ainda respondeu:

- Ora, amigo... os queijos andam vasqueiros...

- Si, pa nosotros... pero **Canguçu** pagará queso, hoy!”

Mas adiante, Canguçu reaparece:

“E mal que engoliu o último bocado, já o velho apresentava-lhe outra fatia, na ponta do ferro:

- Outra, a saúde de **Canguçu**!...

- Pero...

- Não tem pêro nem pêra... Come...

- Pê...

- Come, clinudo!”

Não será mesmo algo “interpelante” esta repetição de ‘Canguçu’ em um diálogo tão breve quanto aquele que se trava entre o velho Lessa e o castelhano em “Deve um queijo”?

Por que aquela insistência por parte do castelhano em um primeiro momento do caso, e por que essa retomada e essa ênfase por parte do velho Lessa em um segundo?

E como se pode interpretar o fato de Canguçu chegar a servir de interlocutório pessoal na justa verbal entre o castelhano e o velho gaúcho, como se o topônimo chegasse a se substituir ao antropônimo?

“Ah! es usted de Canguçu?” seguido de “Canguçu pagara queso hoy” diz o castelhano, passando a se omitir o ‘de’ [implícito: *usted es Canguçu*]; e o velho Lessa numa segunda fase do relato retoma a brincadeira em seu favor: “– Esta, por mim! – Si, justo: por usted, vaya!...” seguido de “Outra, a saúde de Canguçu” [implícito: sim, eu sou Canguçu].

Confrontado com tal interpelação (“qual é a sua, Canguçu?”), em vez de seguir diretamente para o decalque (‘Canguçu’ traduzido por ... ‘Canguçu’), o tradutor será muito provavelmente induzido a partir para alguma investigação, por mínima que seja sobre outras possibilidades de significado que não sejam a simples referência a um lugar geográfico. Talvez acabe mantendo mesmo o topônimo na versão estrangeira, mas ele, provavelmente, gostaria de fazê-lo em conhecimento de causa (o quanto possível), depois de ter indagado sobre o possível caráter alusivo do topônimo. Escusado é acrescentar que não fiz este tipo de indagação para todos os topônimos do texto. Será assunto para trabalho futuro.

Enfim, escolhi este topônimo entre outros porque se sinaliza entre os demais por uma posição particular na escrita e, por isso mesmo, também assinala uma significação além da sua “mera” referência geográfica, mais limitada no seu alcance. De certo, havia outras escolhas possíveis para ilustrar o ponto.

Vejamos, pois, a seguir, algumas informações acerca do termo ‘Canguçu’ ou ‘canguçu’ que nos trazem alguns dos diversos recursos que foram mobilizados com maior frequência no decorrer deste trabalho de tradução.

O que as biografias nos dizem, (estilhas)

Como é sabido da “gente simoniana”, ‘Canguçu’, enquanto cidade sul-rio-grandense, ocupa um lugar especial na história pessoal de Simões, e, portanto possui uma significação direta para o escritor, sendo que ele se interessou tanto pelo destino da cidade que chegou a escrever uma monografia sobre sua história. Haveria, por tanto, algo de “autobiográfico” nesta menção e insistência (o topônimo é repetido quatro vezes)

Os que as historiografias nos dizem (estilhas)

A cidade de Canguçu pode ter sido eleita por Simões como possível lugar de origem do velho Lessa por estar ainda famosa no momento em que o escritor compôs sua obra, principalmente pelo papel desempenhado na história militar do Rio Grande do Sul.

Segundo os historiógrafos da cidade, contribuiu muito Canguçu, com o sacrifício de seus “filhos”, para as guerras do Sul, em referência àquele quadro que sói ser chamado pelos ensaístas de “militarização do pampa” —trate-se de guerras entre o Brasil e seus vizinhos ou de conflito intestinos como a revolução farroupilha. Esta “glória militar”, aliás, poderia ter levado Simões àquele interesse bem particular que demonstrou pela história da cidade e a que fiz alusão acima, cabendo observar que, além da monografia referida acima, Canguçu reaparece na sua obra com alguma frequência. Encontra-se, por exemplo, um poema intitulado “Dedicado aos serritanos de Canguçu” no *Cancioneiro guasca* do mesmo autor.

O que as obras de lexicografia nos dizem (estilhas)

O termo ‘canguçu’ pode ter diversas acepções. No dicionário de Antônio Houaiss são registradas três:

1. onça-pintada (*Panthera onca*)
2. cavala (*Scomberomerus regalis*)
3. caipira (regionalismo São Paulo).

etimologia: tupi *akangu'su, designação da 'onça-pintada', formado de a'kanga 'cabeça' e a'su ou u'su 'grande',

Então, dentre as motivações que podem ter levado Simões a escolher este topônimo específico, haveria a possibilidade de o nome da cidade não somente remeter a uma mata grande (uma das etimologias avançadas pelos historiadores da cidade), mas também, provavelmente de modo muito mais comum, evocar a figura do jaguar – não realmente importando, pois, se a onça tem a ver ou não com a nomeação da cidade, já que esta acepção é registrada, bem conhecida e se encaixa muito bem, aos meus olhos, na significação do diálogo.

Para concluir, traduzir ‘Canguçu’ por ‘Canguçu’ naquela parte verbal da confrontação que opõe o castelhano ao velho gaúcho Lessa – bem na tradição do desafio em todas suas variedades – é um pouco como traduzir ‘Tudinha’ e ‘Nadico’ por ‘Tudinha’ e ‘Nadico’. Certo, não se pode asseverar que a manutenção do nome na versão nada transmite, afora certa dose de exotização cujos particulares dependerão muito dos rumos tomados pela fantasia do leitor. Com efeito, é bem provável que o leitor francês dê fé, pelo menos, da origem indígena da palavra.

Entretanto, grande parte desse leque de potencialidades semânticas, a que me contentei em aludir de passo nos parágrafos anteriores lhe estará vedado ou, pelo menos, permanecerá velado. Acresce que esse mesmo leitor francês até suspeitará que há algo, de fato, que acontece ali, “por baixo”, neste lugar do diálogo (nos vários sentidos de lugar da conversa, da narrativa, e do espaço geográfico), porém ele não terá como fazer outra hipótese além desta, a saber que o castelhano está “debochando” do rio-grandense por procuração (i.e. “debochando” do seu lugar de origem) sem poder fazer outras conjeturas a respeito, a não ser que lhe sejam sugeridas algumas pistas de entendimento em paratexto⁷.

O topônimo como designador.

Ora, um dos problemas dos topônimos em comparação com os antropônimos, pelos menos de personagens assumidas como fictícias pelo leitor, é que, na maior parte do tempo, os lugares a que se fazem referência são no geral efetivamente localizáveis no mapa (com algumas exceções, é claro, Santa Fé, Macondo, etc.).

Nesta perspectiva, é de se assumir que o topônimo possui várias maneiras de significar. É elemento de um mapeamento, mas também de um itinerário, e de um percurso, tanto geográfico (andanças do autor, andanças do narrador...) quanto histórico, e, enquanto elemento historiográfico, adquire uma dimensão tanto coletiva (o assentamento da terra conquistada⁸) quanto individual (história da relação entre o escritor e o espaço considerado). Deste ponto de vista, seria difícil fazer “câmbios” do tipo que efetuei com alguns antropônimos na versão francesa, e trocar Canguçu por Jaguarão, digamos. Enfim, o topônimo pode ser polissêmico na medida em que procede da designação de um elemento do meio-ambiente (Gravataí) ou da história (Dom Pedrito). Como os outros elementos do vocabulário, seria então simultaneamente expressivo de um percurso e de um ponto de localização nesse percurso, e também de um discurso —a nomeação de uma cidade em referência a um famoso contrabandista, por exemplo, pode ser pregnante. É interessante o caso de cidades que foram renomeadas porque o grau de consideração das personalidades de que tinham derivado seus nomes despencou.

⁷ É a solução que pretendo implementar, não sei bem ainda sob que modalidade precisa.

⁸ Ver Antares ou Santa Fé na obra de Erico Verissimo ou Tocaia Grande na de Jorge Amado, *O tempo e o vento* e *Tocaia grande* sendo, cada um a sua maneira, espécies de romances de fundação, ou seja, cujos lugares de ambientação possuem função conspicuamente alegórica. O narrador de *Incidente em Antares* dedica várias páginas à explicação do nome da cidade em que ocorre a sua história, e Santa Fé também possui seu próprio jogo de ressonâncias com *O tempo e o vento*, mas o caso mais “extremo” talvez seja *Tocaia Grande*, que contém em duas palavras toda a história contada pelo romance.

As ambiguidades de ‘canguçu’. A onça e o caipira.

Cangussu macho, matei na beira do rio Sorongo. Matei com uma chuçada só, mor de não estragar couro. Eh, pajé! Macharrão machôrrro. Ele mordeu o cabo da zagaia, taca que ferrou marca de dente. Aquilo, ele onção virou mexer de bola, revirando, mole-mole, de relâmpago, feio feito sucurí, desmanchando o corpo de raiva, debaixo de meu ferro. Torcia, danado, braceiro, e miava, rosno bruto inda queria me puxar pra o matinho fechado, todo de espinho... Quage pôde comigo!" "Seu dotô, venho dos bredo, só pru mode arresponde

João Guimarães Rosa "Meu tio o iauaretê"

Toda aquela fardunçage, que vancê foi inscreve
Eu não sei lê, mas porém o seo padre capelão
Que sabe lê muito bem, leu pra nois tudo em treis meis
O seu bonito sermão, vancê fez aquilo tudo de cabeça e sem traibaio
Vancê tem forgo de gato e língua de papagaio
Num teje vancê jurgando que eu sou algum cangussu
Num sô não seu conseiero, sô do norte e violeiro
E vivo naquelas banda como veve um sanhaçu
Vassuncê já mi conheci: sô o Jeca Tatu (Catulo da Paixão Cearense: *A resposta do Jeca Tatu*)

No caso de ‘Canguçu’, há uma relação com o mundo vegetal (segundo historiadores da cidade, como aponteí, viria de ‘mata grande’ e não de ‘cabeça grande’/onça), com o mundo animal (qualquer que seja o caso da etimologia do nome da cidade, existe efetivamente a possibilidade de se usar o termo para se referir a uma espécie animal⁹), com o mundo humano (Houaiss assinala que a palavra pode ter a acepção de ‘caipira’, o que é condizente com nosso texto).

Para concluir sobre a questão da transferência deste topônimo particular, a decisão tradutória se ateve novamente a uma questão de priorização. Enquanto escolhi mudar o nome original de algumas personagens, nomeadamente Tudinha e Nadico, em “O Negro Bonifácio”, resolvi manter o nome da cidade, ‘Canguçu’, na versão estrangeira. Para preservar a possibilidade da ambiguidade, que é o pivô do desafio em geral e que se articula justamente sobre a polissemia das palavras usadas para performá-lo, cheguei a pensar em trocar ‘Canguçu’ por ‘Jaguarão’, nome que possibilitaria uma percepção de parte da ambiguidade do diálogo pelo leitor francês (‘jaguar’, de origem conspicuamente tupi, é a designação padrão da onça em francês).

⁹ A única espécie registrada no dicionário, aliás, pois não há nenhuma menção da possibilidade de se entender o termo ‘canguçu’ como se referindo a uma “mata grande”.

Entretanto, não há dúvida de que a troca de um topônimo por outro infringiria, neste caso, aspectos da mimese, nem que seja pelo fato de a cidade de Jaguarão também existir, ao mesmo título que Canguçu. Por certo, a substituição teria sido capaz de trazer a ambiguidade necessária ao encaminhamento da justa verbal (antes do enfrentamento corporal), porém a escolha não batia com a verossimilhança.

Primeiro, do ponto de vista da organização mimética do texto, há o fato de ‘Jaguarão’ não se coadunar com a sugestão de que o velho Lessa vem ou volta para a cidade desde a fronteira; não se vê bem porque iria de Jaguarão ao Passo do centurião. O mais plausível, em se considerando Canguçu como seu ponto de partida ou de chegada, é que o velho Lessa tenha sido concebido pelo autor como uma personagem representativa do tipo do tropeiro ou do contrabandista rio-grandense. Com efeito, Canguçu é situado no percurso de rotas tropeiras ou de contrabando. Também não se pode negligenciar o fato de Canguçu possuir significação particular tanto na história das guerras do Sul, em particular no contexto das lutas entre luso-brasileiros e hispano-argentinos ou uruguaios, quanto na história do próprio Simões. Enfim, haveria uma limitação convencional da “licença” tradutória aqui que seria mais ou menos a mesma do que para o antropônimo histórico, o qual dificilmente admite alteração, justamente por motivos de verossimilhança.

A propósito, em se falando de afinidades de tratamento do topônimo e do antropônimo, convém ressaltar que da mesma forma como o topônimo pode ser fitônimo (Gravataí), geônimo (Restinga), zoônimo (Guarás), etc. termos prioritariamente empregados em função que não se reduzisse à “pura” designação geográfica podem ter uma dimensão toponímica. Seria, por exemplo, o caso do antropônimo ‘Jordão’ em “Correr eguada”, que, para mim, encerra, em especial por causa da maneira como Blau formula seu relato, a possibilidade de uma remissão a um topônimo, o rio Jordão da Bíblia.

Veremos ao longo das páginas, muitos desses cruzamentos que desmentem em algo a pertinência da divisão em aspectos “autônomos”, por um lado, e “contextuais” por outro, uma vez que, particularmente no âmbito do texto literário, denotativo e conotativo costumam “funcionar” em conjunto, sempre havendo um “diálogo” entre a denotação e as conotações. Se o escritor escolheu ‘Canguçu’ como cidade de origem do velho Lessa, é tanto pela significação histórica do lugar (em particular seu papel na história nacional e regional, ou seja brasileira e sul-rio-grandense, dado o motivo principal do enredo) quanto pelas possibilidades semânticas oferecidas pelo significante: mata grande, onça, caipira...

Marcação toponímica nos *Contos*

História das guerras internacionais e civis (a revolução farroupilha), do desenvolvimento econômico (rotas tropeiras e de contrabando), do assentamento das terras (uso de fitônimos: Coronilha, zoônimos: Guarás, etc.), história da divisão da terra (as sesmarias e as estâncias, etc.); como ressaltei na introdução os causos de Blau possuem inegável dimensão historiográfica. A relação entre a geografia e a história, tal como se trava mediante os topônimos, é um aspecto relevante na composição dos causos.

Em “Jogo de osso”, por exemplo, a localização geográfica não é muito pertinente. O que conta é o ambiente de boliche que relembra as circunstâncias do caso “Deve um queijo!”, se compararmos a ambientação dos dois contos:

Um pouco pra fora da Vila, na volta da estrada, metida na sombra dumas figueiras velhas ficava a vendola do Arranhão; era um bochinche mui arreventado. [...] O que ele queria era gente, peonada, andantes, vagabundos, carreteiros, para poder vender canha e comida e doces; e de noite facilitava umas mesas de primeira, de truco ou de sete-em-porta para tirar o cafe. Doutras ocasiões ajitava umas dançarolas que alvorotavam o chinaredo da vizinhança. [...], e se havia ajuntado algum povo, tudo gauchada leviana

Duma feita no Passo do Centurião, numa venda grande que ali havia, estava uma ponta de andantes, tropeiros, gauchada teatina, peonada, e tal, quando descia um cerro alto e depois entrava na estrada, ladeada de butiazeiros, que se estendem para os dois lados, sombreando o verde macio dos pastos, quando troteava de escoteiro, o velho Lessa.

Outro ponto é que o topônimo, como o antropônimo, funciona não somente de maneira autônoma, mas também em conjunção com outras palavras, inclusive demais topônimos (com variação no afastamento “físico” das ocorrências, i.e. seus lugares respectivos no encadeamento textual). Os marcadores de localização ao se organizarem de maneira consecutiva criam uma linha cronológica que se delinea ao passo da narração.

O topônimo como vetor de transitividade.

Passando de um topônimo a outro na composição textual, passa-se de um lugar a outro na construção da ilusão mimética. É dizer que a presença do topônimo no texto literário acentua certo caráter transitório, ou mesmo transiente, na impressão que causa sobre os leitores. Conforme tentei mostrar na figura da página 27, os topônimos presentes nos diversos contos da coletânea criam, no seu conjunto, a impressão de que tenha havido um plano diretor de cobertura do Estado, tanto na sua dimensão geográfica, quanto na sua dimensão histórica.

Em alguns casos, o que prima é a delimitação cartográfica da história (elenco de campos de batalhas, Ituzaingo, Ponche Verde, etc. que desenham uma sorte de linha do tempo da guerra civil). Em outros casos, é o deslocamento de um ambiente de vida para outro. Por exemplo, no caso de Binga, opera-se uma sorte de reversão do que o Professor Augusto Fischer chama de “adeus ao sertão”. Não é que o menino deixa a fazenda para ganhar o sertão. Aliás, este deslocamento, com franco ar de transgressão, de um lado de algum fronteira para outra, seja administrativa, seja moral, seja lá o que for, é um motivo que percorre quase todos os contos da coletânea, que são, de certo modo, quase todos, histórias de passagem, de travessia... da infância à idade adulta, do campo à cidade, da vida à morte, etc.

É, a esse respeito, sintomático do caráter geral dos *Contos* uma palavra como “passo” recorrer com bastante frequência ao longo da coletânea, inclusive enquanto parte de um topônimo. Boliches de divisa, contrabando, etc. sempre há nos causos de Blau, a expressão de algum impulso para passar do outro lado, resistindo às cercas, divisas e outras barreiras que fecham o acesso ao horizonte.

“O diabinho ainda gateava um ninho de tesouras, quando, **do outro lado da cerca**, ouviu o assobio das avestruzes, pastando. Ouviu, e **fura daqui, fura dali, varou a cerca para dar fé**, bem à sua vontade.

A cancha com uma braça de largura, chega, e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhos ou mesmo um risco no chão, serve; de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: **este atira daqui pra lá, o outro atira de lá pra cá.** (“Jogo de osso”)

Pois, não é o ato de traduzir uma maneira de querer olhar para o que está acontecendo do outro lado da cerca... ou atirar para o outro lado da raia?

Observações finais:

Logicamente, o topônimo serve e “faz” muito mas no texto do que indicar tal ou tal localização geográfica. Ele significa e “atua” por sua conformação e interligação com a história coletiva e individual (de Blau Nunes, de Simões Lopes Neto, das populações do pampa através de tipos...). Por exemplo, o fato de o topônimo ser de origem portuguesa (Belém), indígena (Gravataí) ou mista (Lagoa Mirim) certamente não é indiferente. Neste quesito da forma e da origem da forma do nome de lugar, nota-se que a composição também pode ser significativa (é uma palavra simples, composta?). O nome do lugar “se originou” numa planta, numa particularidade geográfica, num acontecimento, numa personagem histórica...?

Enfim, procurei mostrar que, à diferença do que acontece em muitos outros contextos de uso deste tipo de vocábulo, o emprego de um significante toponímico nas circunstâncias particulares de um texto literário é longe de apresentar aquela univocidade que este mesmo significante pode aparentar em um texto de índole, digamos, mais técnica (de cunho geográfico ou historiográfico, por exemplo).

No conto “Deve um queijo” por exemplo, Canguçu é o velho Lessa e o velho Lessa é Canguçu¹⁰. Portanto, a personagem acaba sendo “engrandecida” pelo discurso do narrador na sua função de representação de uma comunidade regional e nacional, de tipo rio-grandense e brasileiro. Afinal de contas, sendo canguçu, Lessa se confirma enquanto gaúcho na representação mimética, tanto no sentido de gentílico da palavra quanto no seu sentido de etnônimo, especialmente em se considerando o prisma da focalização narrativa na sua acção filtradora e reveladora da relação entre o narrador e o *éthos* a que se referem seus causos —e no qual ele mesmo está situado.

Entretanto, bem como acontece com os nomes de figuras históricas, Caxias, Barbacena, Bento Gonçalves, etc. o fato de o topônimo se prender num feixe de elementos diretamente ligado a questões de verossimilhança (especialmente num texto de tendência realista ou naturalista) limita a margem de manobra do tradutor. Podia trocar Canguçu por Jaguarão para manter pelo menos a possível alusão à onça, símbolo de força e coragem, porém a possibilidade de um único leitor querer ir verificar a existência da cidade e eventualmente o papel que desenvolveram seus habitantes na história da região (as guerras, os circuitos de contrabando, as rotas tropeiras, etc.)

¹⁰ No Brasil é comum, aliás, cognominar um indivíduo pela origem étnica ou geográfica (Oh Alemão! Pelotas! Paraíba! Maranhão! etc.)

Versão do texto nº1 – INTRODUÇÃO DA COLETÂNEA

Decidira primeiro por apresentar a versão com o texto original na página esquerda e a tradução ao francês na página direita. Entretanto, encontrei dificuldade em paginar corretamente este formato e resolvi adotar a configuração seguinte que traz a tradução, parágrafo por parágrafo, e foi incontestavelmente mais fácil de se incorporar na tese do que a primeira em que pensara. Também eliminei as inúmeras notas de rodapé que me pareceram poder atrapalhar a leitura, mas que disponibilizarei na versão online caso seja de interesse para alunos do campo dos estudos de tradução.

Patrício, apresento-te Blau, o vaqueano.

Compatriote, je te présente Blau, le vaqueano.

- Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichoso ziguezigue. Já senti a ardentia das areias desoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim ; fatiguei-me na extensão da coxilha de Santana; molhei as mãos no soberbo Uruguai; tive o estremecimento do medo nas ásperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saicã, oscilei sobre as águas grandes do Ibicuí; palmilhei os quatro ângulos da derrocada fortaleza de Santa Tecla, pousei em São Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorosas temperou, e, arrastado no turbilhão das máquinas possantes, corri pelas paragens magníficas de Tupaceretã, o nome doce, que no lábio ingênuo dos caboclos quer dizer os campos onde repousou a mãe de Deus...

- J'ai traversé notre État en capricieux zig-zags. J'ai senti l'ardeur des sables désolés du littoral; me suis délassé sur les îles enchanteresses de la lagune Mirim; me suis épuisé sur la longueur de la cochilla de Santana ; ai plongé les mains dans le superbe Uruguai ; senti la peur me saisir dans les escarpements du Mont Cavera ; cueilli des marguerites dans les plaines du Saican, oscillé au gré des vastes eaux de l'Ibicui ; arpenté les quatre angles des murailles en ruine de la forteresse de Santa Tecla ; fait étape à San Gabriel, cette forge resplendissante où furent trempées tant d'épées valeureuses puis, entraîné dans le tourbillon de ses puissants soufflets, j'ai parcouru les parages magnifiques de Tupaceretan au nom si doux qui, dans la langue ingénue des cabocles veut dire "la campagne où s'est reposée la mère de Dieu"...

- Saudei a graciosa Santa Maria, fagueira e tranqüila na encosta da serra, emergindo do verde-negro da montanha copada o casario, branco, como um fantástico algodão em explosão de casulos.

- J'ai salué la gracieuse Santa Maria, allègre et tranquille sur le contrefort de la serra, le blanc des maisons émergeant du vert-noir de la montagne boisée, tel un fantastique champ de coton dans une explosion de capsules neigeuses.

- Subi aos extremos do Passo Fundo, deambulei para os cumes da Lagoa Vermelha, retrovim para a merencória Soledade, flor do deserto, alma risonha no silêncio dos ecos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colonial.

- J'ai grimpé jusqu'aux hauteurs de Passo Fundo, déambulé sur les crêtes dominant le lac de Lagoa Vermelha, suis revenu par la mélancolique cité de Soledade, fleur du désert, âme riante pourtant dans le silence des échos du monde ; j'ai traversé une fourmilière humaine dans la zone coloniale.

- Da digressão longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, estes olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhosa da grandeza, da uberdade, da hospitalidade.

- De ce long et lent voyage dont les étapes ont eu lieu à des dates différentes, ces yeux gardent encore l'impression vivace et merveilleuse de la grandeur, de l'abondance, de l'hospitalité.

- Vi a colméia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auroras, de pássaros e de crianças, dos sulcos do arado, das águas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados à morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o último milésimo da luz, a impressão da visão sublimada e consoladora: e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num último esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Pátria comum, agora abençoada na paz. —

- J'ai vu la ruche et le corral, j'ai vu le verger e le troupeau, vu les cultures et les manufactures; vu la serra, les fleuves, la plaine et les villes. Et des visages et des aurores, d'oiseaux et d'enfants, des sillons de l'araire, des rivières et des lacs, enfin de tout, ces yeux, pauvres yeux condamnés à s'éteindre, à disparaître, garderont sur leur rétine jusqu'à leur dernière étincelle de lumière, l'impression de la vision sublimée et consolatrice: et le coeur, quand le rythme viendra à lui manquer, pulsera dans un ultime battement pour que la race qui est en train de se former, estime, aime et glorifie ces lieux et ces hommes de nos temps héroïques, pour l'intégration de la Patrie commune, où la paix étend aujourd'hui sa bénédiction.

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquista tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.

Et, dans des circonstances à caractère personnel, découlant de l'amitié et de la confiance que je lui portais, il s'est trouvé que m'a servi de guide et de second tout au long du voyage ce cher Blau Nunes, pisteur hors pair, solide carcasse de 88 ans et toutes ses dents, vue perçante et ouïe fine, qui n'a rien perdu de son aplomb d'aspirant farroupilla, à l'époque où il était sous les ordres de Bento Gonçalves, et de marin improvisé, jusqu'à ce qu'il soit dégagé de ses obligations militaires, blessé, à Tamandaré.

Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...

Il me faisait l'impression d'un tarumã verdoyant toujours, résistant à la hache et à la foudre, abritant dans son tronc aux cernes épais des essaims d'abeilles et dans ses branches des nids de colombes...

Genuíno tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

Type authentique — créole — du Rio-Grandense (tellement modifié depuis), Blau était le gaucho sain, le guasca* à la fois loyal et ingénu, impulsif dans ses joies et dans ses hardiesses, prudent, perspicace, fruste et infatigable; et doté d'une mémoire d'une limpidité rare qui brillait à travers sa locacité imaginative et enchanteresse, servie et embellie par le vif et pittoresque dialecte gauchesco.

E, do trotar sobre tantíssimos rumos; das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das cousas que ele compreendia e das que eram-lho vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida, entre o Blau — moço, militar — e o Blau — velho, paisano —, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações — casos, dizia, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende, ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Et, des chevauchées tous azimuts, des étapes dans les estancias, des braseros auxquels il s'était rechauffé, des ranchos de péons où il avait chanté, des villages qu'il avait traversés, des choses qu'il comprenait et de celles qui se dérobaient à son intelligence sans apprêt, du contact rude et constant avec les hommes, des érosions de la mort et des éclosions de la vie, entre le Blau —jeune homme, militaire— et le Blau —vieillard, civil—, s'est déroulée une longue route semée de souvenirs —de casos*, disait-il, que de temps en temps le vaqueano* racontait, comme quelqu'un étend au soleil pour les aérer, des vêtements gardés au fond d'une malle.

Querido digno velho!

Saudoso Blau!

Patrício, escuta-o.

Digne et cher vieux Blau!

Où es-tu donc?

Toi qui es du pays, écoute-le donc !

Comentário nº2. Intertextualidades

Texto e pretexto: “Trezentas onças”.

Foco escolhido: intertextualidade e sua transferência (ou não transferência) nas versões estrangeiras.

“E outra vez, por debaixo do seu balandrau remendado, começou a gargantear a guaiaca, e **logo lhe foi caindo na mão uma onça... e segunda... outra... e quarta, mais outra, e sexta...**” (“A Salamanca do Jarau” em *Lendas do Sul*).

Neste comentário, uso o episódio da “Salamanca do Jarau” sobre a onça que gerava outra que gerava outra, *ad infinitum*, como pretexto para abordar a questão da intertextualidade, uma vez que o “texto dos textos” que se encontram interconectados com determinado texto (aqui o conjunto dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do sul*) não pode ser outra coisa do que uma espécie de *libro de arena* borgiano: sempre se poderá fazer ou perceber mais uma conexão com mais um texto.

Cabe frisar que a “transferibilidade dos elementos intertextuais” me apareceu como sendo um assunto relativamente pouco discutido nos ensaios de tradutologia. Talvez isto seja devido ao fato de ser um problema que envolve seu lote de complicações, nem que seja porque a intertextualidade que relaciona a versão estrangeira com textos que não sejam escritos no idioma desta versão se faz principalmente como que por procuração, mediante versões estrangeiras desses textos (ou resumos, ou resenhas, ou remissões de natureza diversa, etc.). O tema é vasto, para não dizer infinito, mas me interessei em particular nesta breve ponderação por três aspectos ligados à questão geral da intertextualidade e da problemática de sua incorporação nas versões estrangeiras.

– Primeiro, os complexos de relações entre os diferentes textos da coletânea.

Em se tratando de uma coletânea, assume-se a priori que os textos que a compõem trazem algo em comum que fez com que se tenha decidido reuni-los para uma publicação em conjunto. Como o anuncia o título da coletânea, são contos e são gauchescos, todos supostamente, mas, com certeza, corre também do começo até o fim do texto integral uma urdidura feita de recursos lexicais e sintáticos que unem de maneira mais eficiente, mais concreta por ventura, os contos um ao outro.

– Segundo, os complexos de relações entre o texto de *Contos gauchescos* e textos que os precederam.

Sendo contos e sendo gauchescos, as unidades da coletânea reivindicam uma filiação literária que se faz particularmente conspícua em relação a determinadas obras anteriores.

– Enfim, em terceiro lugar, o caráter “bidirecional” da intertextualidade.

Os *Contos* são filhos da literatura que veio antes, mas também pais da literatura que veio depois.

Começamos, portanto, por examinar brevemente a questão dos elementos que interconectam os contos entre si.

Intratextualidade: o complexo de interligações entre as diferentes peças (os contos) da coletânea

“E o cabelo me cresceu e fiquei de choro parado... e ouvi, patentemente, **ouvi bem ouvido, o velho macota, o Anjo da Vitória, morto como estava, gritar ainda e forte: Viva o Imperador! Carrega!**” (“O Anjo da vitória”)

“Tinha vindo das guerras do outro tempo; **foi um dos que peleou na batalha de Ituzaingo; foi do esquadrão do general José de Abreu. E sempre que falava no Anjo da Vitória** ainda tirava o chapéu, numa braçada larga, como se cumprimentasse alguém de muito respeito, numa distância muito longe.” (“Contrabandista”)

Primeiro ponto a ser examinado, pois: a intertextualidade como intratextualidade, sendo, entre outras coisas que eventualmente serão levadas em consideração, o fato de os contos terem sido publicados separadamente no rodapé de jornais pelotenses locais antes de ficarem reunidos em coletânea aos cuidados da editora Etchenique.

Diante esta história de publicação dos *Contos gauchescos*, aliás comum a uma multidão de textos literários, quais os recursos que contribuíram para cimentar a construção da coletânea a partir da reunião de contos “avulsos”?

Quais os elementos nesta reunião dos textos – uma construção e uma reconstrução (o texto dos contos publicados nos jornais foi alterado em alguma medida) – que seriam suscetíveis de problematizar ou obstaculizar a tradução?

De um conto ao outro

Há sem dúvida todo um sistema de interconexão entre os textos da coletânea, que não se limita ao tipo de retomada “temática” bastante conspícua que mencionei acima —coloquei em exergo desta secção do presente capítulo, o fato de Blau se referir ao general José de Abreu justamente em “Contrabandista”, ou seja, precisamente no conto que segue “O Anjo da Vitória” de imediato na organização da coletânea¹¹.

Outros recursos talvez sejam menos visíveis e exijam mais atenção por parte do leitor/tradutor se ele quiser tentar transferi-los para a versão estrangeira.

Não deixam tais recursos de participar plenamente de uma estratégia de “costuramento de acabamento” do conjunto de textos, acrescentando coerência e consistência ao produto final. Por isso deveriam pelo menos ser investigados e, eventualmente, identificados para que se possa julgar da oportunidade de sua transferência na tradução. Entre esses recursos de “apertamento da costura” para fechar a coletânea, consta a marcação da continuidade na caracterização das personagens. Ora, o conto, habitualmente, possui seu elenco próprio. Ou seja, a coletânea de contos, diferentemente da novela, ou ainda mais do romance, não se pauta no desenvolvimento dos mesmos personagens ao longo de seu texto (em geral). Porém, neste trabalho de João Simões Lopes Neto, há duas personagens integradas na narrativa, o narrador, Blau Nunes, e o narratório, o susposto companheiro de viagem e transcritor dos casos, que contribuem para a consolidação do conjunto como objeto de apreensão intelectual do leitor.

¹¹ Eu apostaria que aqui houve alguma reescrita, ou de “O Anjo da Vitória” ou de “Contrabandista”. São visíveis os pontos de conexão entre esses dois contos consecutivos na coletânea: há, por exemplo, a menção da batalha de Ituzaingo em ligação direta com a do General Abreu, mas também, do ponto de vista da ambientação, reencontramos um banhado (o Banhado do Ibirocai em vez do Banhado do Inhatium) e a remissão ao tempo das missões (“Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões”). Mas geralmente temos nas duas narrativas uma evocação na qual a paisagem é descrita, em boa parte, como ofuscada por alguma cortina invisível (fumaça e lusco-fusco em “O Anjo da Vitória”, escuridão em “Contrabandista”). Tudo muito conradiano, até essa *inconclusiveness* que permeia as descrições nas novelas do escritor inglês: “A rir, sim, rindo na boca, mas também a chorar lágrimas grandes, que rolavam devagar dos olhos pestanudos... E rindo e chorando estava, sem saber por quê... sem saber por quê, rindo e chorando, [...] a moça porém ficou, como estava, no quadro da porta, rindo e chorando, cada vez menos sem saber por quê... pois o pai estava chegando e o seu vestido branco, o seu véu, as suas flores de noiva...” “Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o véu branco, as flores de laranjeira... Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquelas cousas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquisito, de feitios estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!..”.

Além disso, como as personagens, mesmo que sendo derivadas de fontes múltiplas, não deixam de proceder da mesma mente criativa, é lógico que se entretetece entre elas todo um complexo de relações, digamos assim, “parentais” ou “pseudoparentais”. Fora os clássicos fenômenos de “contaminação estilística” (*stylistic contagion*¹²) que costumam se observar ao se comparar entre si as formulações usadas nos diálogos de diferentes personagens ou ao cotejar o estilo dos diálogos com o do monólogo narrativo propriamente dito, há aspectos da caracterização global, no tocante às relações interpersonagísticas, que “mimetizam” e esquematizam o que acontece no domínio das relações interpessoais.

Poderíamos dizer até que as personagens exibem experiências de introjeção mutual, bem num sentido de uma difusão e utilização literárias do significado psicanalítico e sociológico da palavra. O fato de a personagem feminina de “Os cabelos da china” se chamar Rosa, por exemplo, poderia ser visto, no meu entendimento, como uma conexão ao mesmo tempo formal e semântica entre esse conto e “No manantial”, construído em torno de outra rosa.

Quero dizer que as ressonâncias não concernem unicamente a textos justapostos na ordem escolhida para a coletânea, elas formam um esquema mais abrangente, que permite estabelecer pontes, nexos, entre os diferentes elementos do conjunto. Ora, no tocante ao enredos respectivos de “No manantial” e “Os cabelos da china”, não posso deixar de ver certa confluência no tratamento narrativo do tema da vida biológica do ser humano (aqui, da mulher), com, no segundo conto, a separação entre Rosa e seu pai que, de certa maneira, reproduz o corte inicial (do cordão umbilical) que a separou da mãe e, no primeiro, o desabrochar de Maria Altina (a rosa vermelha sendo apta, nesta história, para evocar tanto o fluxo menstrual quanto o fluxo himenal).

¹² *stylistic contagion* ou “contaminação estilística” é uma expressão que se costuma usar para abranger os fenômenos de influência linguística de um “discurso” sobre outro. No texto literário, a expressão é mais correntemente empregada para se referir ao fato de a linguagem do narrador assumir determinados traços estilísticos da linguagem das personagens ficcionais. No caso dos Contos gauchescos, inclino-me a pensar que esta influência é fundamentalmente recíproca, uma vez que a voz das personagens passa pelo “crivo” da memória e, portanto, da voz de um único narrador, Blau Nunes; único, mas que, enquanto tipo (do gaúcho) representa, na sua expressão particular, também a expressão de uma voz coletiva. É de se postular que Blau Nunes, ao se rememorar as palavras que teriam supostamente dito as personagens de seus causos, incorpora a suas citações as próprias idiosincrasias linguísticas. Da mesma forma, os fatores que plasmaram a forma específica dos gaúchos se expressarem (em relação com outras variedades do português do Brasil), inclusive, por conseguinte, as especificidades linguísticas das vozes “personagísticas”, também participaram da construção da voz narrativa. Não raramente ocorre a voz de tal ou tal personagem se manifestar de maneira mais ou menos direita na fala do narrador. Cito mais adiante este extrato de “No manantial” em que se conjectura que as palavras ‘nhanã’ e ‘sinhazinha’ são palavras originalmente pronunciadas pela personagem referida: “a mãe Tanásia voltou à cozinha, dando com a - nhanhã ... morta, e logo viu que a sinhazinha fugira.”

No que tange ao uso de recursos formais na consolidação da trama de conjunto, citaria o fato de certas “sequências de letras” recorrerem em esquemas particularmente notáveis ao longo da coletânea (‘rosa’ em “No manantial”, ‘trança’ em “Os cabelos da china”, entre outras). Por isso, pareceu-me defensável procurar manter os mesmos números de ocorrências, precisamente, para tais unidades – como ‘rosa’ (rose) e ‘trança’ (tresse¹³) – em vez de operar variações lexicais, que evitassem a reiteração, certo (a troco de quê?), e porém, justamente por isto, fossem suscetíveis de fragilizar o tecido léxico-semântico.

Claro que o mesmo procedimento não se pode fazer com todas as palavras, e ainda menos – se se contemplar uma tentativa desvairada de levar em conta a iconicidade do signo nas suas unidades mais diferenciais – com as letras¹⁴.

Depois de evocar, sumariamente, os elementos na composição textual que interligam as diferentes unidades da coletânea entre si, queria agora abordar a questão da incorporação, em *Contos gauchescos*, de elementos provenientes de textos anteriores a sua produção. De resto, quando alguém se refere à intertextualidade, é geralmente a aspectos pertencentes a esta dimensão do fenômeno intertextual, i.e. os sistemas de interligação entre textos de diferentes autores, que ele remete¹⁵.

Es fama que le preguntaron a Whistler cuánto tiempo había requerido para pintar uno de sus nocturnos y que respondió: "Toda mi vida". Con igual rigor pudo haber dicho que había requerido todos los siglos que precedieron al momento en que lo pintó. De esa correcta aplicación de la ley de causalidad se sigue que el menor de los hechos presupone el inconcebible universo e, inversamente, que el universo necesita del menor de los hechos. Investigar las causas de un fenómeno, siquiera de un fenómeno tan simple como la literatura gauchesca, es proceder en infinito; básteme la mención de dos causas que juzgo principales.

(Jorge Luis Borges, “La poesía gauchesca”, 1928)

¹³ Nestas recorrências, é preciso levar em conta palavras que contem as sequências “trança” ou “ros(a)”: como trançar, trançado, trançando, etc. ou roseira, rosário, etc. Por isto prefiro falar de sequências gráficas e não de palavras. Conforme aponto alhures neste trabalho, o emprego de consonâncias e ressonâncias dentro de esquemas paronímico-semânticos potencialmente complexos é uma característica da escrita simoniana. Os encadeamentos formados por vocábulos derivados de um mesmo radical ou apresentando semelhança formal (gráfica/sonora) independentemente de seu sentido (homofonias totais ou parciais) participam da conformação de tais esquemas.

¹⁴ Esboço em outro comentário um discussão da questão da numeração e da transferência das suas figuras.

¹⁵ Vide em particular os trabalhos de Julia Kristeva e de Gérard Genette que tratam do assunto das relações entre textos de autores diferentes. O ensaio de Gérard Genette, *Palimpseste*, publicado em 1982, parece-me ainda muito atual e esclarecedor sobre aqueles fenômenos da intertextualidade que o pensador reuniu sob o rótulo de *transtextualité*.

Intertextualidade propriamente dita.

Como bem sabemos, as modalidades em que a intertextualidade se manifesta em determinado texto são muito diversas. Podemos, todavia, esquematizar e partir da premissa de que essas modalidades se polarizam entre a repetição estilística e a repetição temática, mesmo que sempre possa resultar difícil exercer uma dicotomia entre tema e tratamento linguístico (lexical) do tema, um e outro sendo intrinsecamente imbricados. Outra forma de abordar esta questão seria de contemplar a intertextualidade em termos de maior ou menos proximidade na citação do hipertexto no hipotexto (referência mais ou menos direta ou indireta). Por exemplo, a referência aos *Contos gauchescos* nos trechos de *O Tempo e o Vento*, citada mais adiante, é direta quando se trata da incorporação da canção de Blau (reproduzida integralmente), menos direta quando se cita Blau através da fala de Fandango, e muito mais indireta se se considerar a menção do cusco que parece ter saído de um livro, os *Contos gauchescos*, para entrar em outro, *O tempo e o vento*.

Textos gauchescos

Um dos problemas básicos que se colocam perante o tradutor pode ser ilustrado mediante o exemplo seguinte. Dada a forte suspeita de que Simões se teria inspirado de um episódio de *El gaucho Martín Fierro* para escrever “O Negro Bonifácio”, convém se perguntar se esta fonte, que efetivamente transparece através do texto (para determinados leitores lusófonos, pampianos, etc.), também será suscetível de transparecer através do texto da versão estrangeira dos *Contos gauchescos* (para determinados leitores francófonos).

Em se falando da influência do poema de José Hernández de modo mais geral, a possibilidade de Simões ter se inspirado naquela obra seminal é, pois, inegável, tanto ao nível da formulação quanto ao nível dos elementos da representação mimética. Agora, no caso particular de alguma ressonância mais específica entre “O Negro Bonifácio” e determinado trecho de *El gaucho Martín Fierro*, o cotejo dos textos deixa efetivamente aflorar também semelhanças que poderíamos qualificar como sendo de ordem “formal”.

Entretanto, o que talvez predomine ao comparar os textos respectivos de Hernández e de Simões seria a impressão de um reaproveitamento de elementos do enredo, mais do que elementos de imitação na dicção propriamente dita – isto, como aponte, mesmo que esse reaproveitamento se tenha efetivado em alguma medida ou outra por “imitação” da composição léxico-sintática, pois não haveria reprodução temática sem uso das palavras afins com o tema.

Olhando para o que tange às estruturas rítmicas, elas são bastante diferentes, podendo-se considerar que a base da formulação do trecho citado é o grupo de dez sílabas métricas, enquanto na poesia de Hernández, temos o verso clássico da versificação em língua espanhola: o octossílabo. Talvez isto reflita preferências estabelecidas não só ao longo do processo de formação da língua, mas também ao longo da história de seu uso, sempre com aquele processo dialético de influência mutual entre a palavra falada e a palavra escrita. Não há afinidade “formal” tão visível no extrato citado embaixo, porém mostro no comentário dedicado à transferência dos esquemas rítmicos que o texto de Simões integra também sequências (incorporação da redondilha maior) que assinalam a presença nele de formas como a paja e a partir daí, apontam para alguns elementos de sintonia entre as formas de poesia oral no pampa e na pampa, do lado de cá e do lado de lá, e, colateralmente, entre os *Contos gauchescos* e *El gaucho Martín Fierro*. É, aliás, uma das razões pelas quais me empenhei em ler número expressivo de novelas e contos de cunho gauchesco escritos tanto em português quanto em espanhol, justamente para identificar rastros comuns na escrita, independentemente do idioma.

215

Por fin, en una topada¹⁶,
 en el cuchillo lo alcé
 y como un saco de güesos
 contra el cerco lo largué.

216

Tiró unas cuantas patadas
 y ya cantó pa'l carnero.
 Nunca me puedo olvidar
 de la agonía 'e aquel negro.
 (José Hernández, *El Gaucho Martín Fierro*)

O negro urrou como um touro na capa...

[...]

a rumo no mais avançou o braço, e fincou e suspendeu, levantou a velha, estorcendo-se, atravessada no facão até o esse...

[...]

o negro caiu, como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuda, mexendo em tremura uma perna, onde a roseta da chilena tinha, miúdo...

O que mais se repara são elementos dramáticos comuns como o fato de ambos Martín e Bonifácio transpassar e levantar o corpo do inimigo no ar, ou o detalhe das pernas que se sacodem no momento da morte. Mas não resultam particularmente notáveis, fora isso, outros elementos compartilhados na formulação, a não ser a evocação vívida da morte violenta. Vejamos outro exemplo, onde a semelhança na formulação é mais aparente.

¹⁶ No sistema de versificação espanhol, o verso mais usado da chamada “arte menor” (menos de oito sílabas) é o octossílabo (o verso mais fácil e natural ao idioma espanhol, por coincidir com o grupo fônico menor do idioma – razão pela qual o octossilábico tem sido usado durante toda a história da literatura em castelhano, no romancero, no teatro clássico e em grande número de estrofes de poemas e poemetas).

Contos

Discutimos implicitamente a identidade gauchesca do texto de Simões, correlacionando-o com outro texto seminal do gênero. Agora, além desse pleito dos *Contos gauchescos* para se eleger ao posto de maior obra de cunho gauchesco em língua portuguesa, o trabalho de Simões, como o indica claramente seu título, se reivindica também como uma coletânea de contos. Neste respeito, o livro se posiciona no meio da corrente de uma produção ocidental particularmente prolífica na época, e, ao mesmo tempo, afirma seu parentesco com o conto tradicional, supostamente de feição popular – ver a construção da ilusão de oralidade em *Contos gauchescos*.

Bem como no tocante ao seu caráter gauchesco, o nexos entre os textos de Simões e o conto popular tradicional é em boa parte uma questão de elementos temáticos compartilhados, uma vez que encontramos na obra muito material que nos acostumamos a associar com o causo “vulgar” por oposição ao texto “erudito”. (Por exemplo, a interferência do demônio nos assuntos humanos, a transformação zoomórfica, especialmente em desencadeamentos nos quais o herói se torna sucessivamente em bichos variados para escapar do inimigo, a metaforização dos processos biológicos¹⁷, etc.).

Entretanto, o vínculo com o conto popular não se reduz ao compartilhamento de *motivos* e *tópos* mais ou menos tradicionais; também envolve o uso de estruturas formais comuns. Não há dúvida, por exemplo, de que o texto de “*Os cabelos da china*” contenha elementos estruturais que aproximam a composição de Simões Lopes Neto do chamado, precisamente, conto tradicional¹⁸. Podemos facilmente verificá-lo ao colocar em vis-à-vis o texto do escritor gaúcho e o de um conto consensualmente considerado como popular¹⁹.

¹⁷ A trança decepada em “*Os cabelos da china*” que sinaliza a separação ‘decisiva’, “tranchã”, entre o pai e a filha, como alguma reprodução daquele corte primordial do cordão umbilical que conectava o infante com a mãe. O desabrochar da roseira vermelha em “*No Manantial*” como símbolo da maturação sexual da personagem de Maria Altina (fluxo menstrual e fluxo himenal), o que não pode deixar de trazer à memória contos como “*A bela adormecida*” ou mesmo “*O chapeuzinho vermelho*”.

¹⁸ Com a ressalva de que as coletâneas de Grimm, Afanassiev, Silvio Romero, e outros, são como que “literaturizações” de contos populares, eles também produtos de um “trabalho” em conjunto das formas de difusão popular (oralidade) e erudita (escrita) das histórias. Além do mais, é claro que os contos gauchescos se atem à tradição do conto enquanto forma literária bastante proteica se apresentando sob as mais diversas modalidades (o conto popular, o conto maravilhoso, mas também os contos de cunho naturalista ou fantástico que prosperaram na segunda metade do século XIX (ex. *Contes de la bécasse*, *Le horla* de Guy de Maupassant)

¹⁹ Da mesma forma que acontece em muitas narrativas consideradas como contos populares, o texto integrado às compilações dos irmãos Grimm tem uma longa história enquanto conto literário antes de chegar à forma

Idealmente, a tradução deveria também tentar levar em conta essa componente textual, tal esforço de transferência podendo, portanto, ser enquadrado na problemática, mais abrangente, da transposição das figuras de intertextualidade no processo tradutório.

Rosapunzel, um exemplo de inscrição intertextual

Dou a seguir um exemplo concreto da maneira como determinados elementos de estrutura e de formulação podem ter passado dum texto que se costuma considerar como “conto tradicional” para os *Contos gauchescos*. Pela confluência temática (uma moça vê sua bela cabeleira decepada por mão alheia, a bruxa no conto “tradicional”, o Picumã no conto de Simões), escolhi fazer uma comparação entre a versão do conto “Rapunzel”, tal como aparece na compilação realizada pelos irmãos Grimm, e o caso dos “Cabelos da china”. Poderia ter feito trabalho comparativo semelhante entre “No Manantial” e “A Bela adormecida”, focando a representação do fluxo menstrual e himenal nos dois textos. É um exemplo entre outros, dado que outros elementos da coletânea ostentam parentesco com outros repertórios (cf. a relação entre “Melancia – Coco verde” e o texto “Melancia – Coco mole” que aparece na coletânea realizada por Silvio Romero ou entre “O mate do João Cardoso” com o texto de Luis Araújo Filho sobre o velho Bernabé, em *Recordações gaúchas*, etc.).

Para o cotejo, escolhi mesmo a versão original dos irmãos Grimm; podia ter escolhido a tradução desta versão para o português, mas, de fato, o idioma, embora conduza e molde uma boa parte da fraseologia, não importa tanto, ainda menos neste caso porque a versão alemã se teria enxertado sobre uma versão originalmente coletada em francês. Além disto, achei interessante cotejar o texto de Simões com um texto em alemão, por evidenciar no cotejo, justamente, traços transversais a idiomas bastante diferentes. Com efeito, mesmo que haja necessariamente modificações ao nível da estrutura sintática quando se passa de uma língua para outra (pode se falar de gênio da língua ou de sistema ou traços estilísticos diferentes²⁰), a estrutura fundamental (uma das estruturas fundamentais), tanto no plano da organização narrativa quanto no da estilística de conjunto²¹, que se transmite de uma cultura para outra e

cristalizada de hoje, forma que, postulo, foi a que pode ter inspirado Simões, seja na sua versão alemã, seja em outro idioma. O certo é que a história de Simões, como uma roseira vermelha, se enraíza em uma longa e extensa tradição ocidental do contar.

²⁰ Bem como em obras de tipo comparativo (*Stylistique comparée du français et de l'anglais, Stylistique comparée du français et de l'allemand*, etc.)

²¹ De conjunto, quer dizer não ao nível da construção, segmentária, de colocações, proposições, frases ou parágrafos, mas ao dos blocos narrativos e da estrutura estilística geral sob aos quais esses elementos segmentários se subsomem.

de uma língua para outra, não muda tanto na tradução, como se pode verificar na tabela a seguir.

Cumpra acrescentar que o mesmo trabalho de aproximação pode ser feito com outros contos (por exemplo, entre “No manantial” e “A bela adormecida”, conforme assinalei)

O capitão:

E furioso, piscando os olhos, com as veias da testa inchadas,
largou o braço da morena, mas **agarrou-lhe os cabelos**,
a trança quase desmanchada,
fechando na mão duas voltas,
agarrou curto, entre os ombros, pertinho da nuca...,
e puxou pra trás a cabeça da cabocla...,
com a outra mão pelou a faca, afiada,
faiscando e procurou o pescoço da falsa...

A bruxa:

In ihrem Zorn

packte sie die schönen Haare der Rapunzel,

schlug sie ein paarmal um ihre linke Hand

griff eine Schere mit der rechten

Picumã:

Então, sem perder tempo, **com o mesmo facão matador cortou a trança**, rente, entre a mão do morto e a cabeça da viva... **Foi - ra... raaac! - e a china viu-se solta**

[griff eine Schere mit der rechten], **und, ritsch, ratsch, waren sie abgeschnitten, und die schönen Flechten lagen auf der Erde.**

Tal semelhança estrutural ou estilística na escolha da formulação poderia ser atribuída diretamente a um “decalque” do conto Rapunzel na redação de “Os cabelos da china”, mas o mais plausível é que o conto de Simões Lopes Neto tenha-se imbuído de uma retórica específica ao conto enquanto gênero narrativo, inclusive o conto maravilhoso ou popular, guardando na mente que o projeto simoniano se inscreve dentro de um processo contínuo de busca da identidade “local” (regional/nacional), o qual se apoia, entre outros elementos e como se viu, nas pesquisas ligadas à valorização de um acervo nacional ou regional de contos e lendas, cancionários, relatos de cunho historiográfico, vocabulários, compêndios de tradições, usos e costumes, populários, enfim todas aquelas obras que de perto ou de longe podem ser contempladas nos estudos do folclore.

In ihrem Zorn packte sie die schönen Haare der Rapunzel, schlug sie ein paarmal um ihre linke Hand, griff eine Schere mit der rechten und, ritsch, ratsch, waren sie abgeschnitten, und die schönen Flechten lagen auf der Erde.

Dans sa fureur, elle empoigna les beaux cheveux de Raiponce et les enroula deux fois autour de sa main gauche, attrapa des ciseaux de sa main droite et cric-crac, les belles nattes tombaient par terre.

Cheia de ódio, ela agarrou as lindas tranças de Rapunzel, deu duas voltas em sua mão esquerda, pegou uma tesoura com a direita, e snip, snap, cortou os cabelos dela, e as belas tranças foram jogadas no chão.

(O Capitão) E furioso, agarrou-lhe os cabelos, fechando na mão duas voltas, com a outra mão pelou a faca. [...] (Picumã) com o mesmo facão matador cortou a trança, Foi - ra... raaac!_- e a china viu-se solta

Presença futura (póstuma) de Simões

Simões Lopes Neto deixou uma marca indelével nas páginas que tinham de ser escritas depois de suas obras maiores, os *Contos gauchescos* e as *Lendas do sul*. Seu rastro se encontra ao longo da picada que percorre o pampa da literatura produzida no Estado, especialmente aquela que tem tratado de temas historicamente ligados à cultura gauchesca, aquela “prosa dos pagos” justamente celebrada por Augusto Meyer. Está muito presente a marca simoniana na obra de um Erico Verissimo, mas também na obra de um Sérgio Faraco ou de um Vitor Ramil. Olhando para essa presença póstuma de Simões em *O tempo e o vento*, pode o tradutor se perguntar como essa presença reflete na tradução das obras. Já para a presença de Simões em *O tempo e o vento*, temos o paradoxo de que, mesmo que haja tido um esforço, por parte do tradutor de levá-la em conta na sua versão (estou pensando em particular nas intervenções de Fandango), não existia ainda um texto em francês a que “idealmente” se pudesse remeter.

Dificuldade do desentralhar intertextual

Conformei aponte, as remissões aos *Contos gauchescos* ou às *Lendas do Sul* no texto de *O tempo e o vento* possuem um grau de conspicuidade extremamente variável, com citações bem ostensivas (p. ex., os artigos de fé do gaúcho recolocados na boca do peão Fandango, obviamente concebido como um alter ego de Blau Nunes), e muitíssimas alusões mais discretas (vide o cusco que passa de um texto para outro nos trechos reproduzidos a seguir).

“Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuveiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos: Quem canta refresca a alma, Cantar adoça o sofrer; Quem canta zomba da morte: Cantar ajuda a viver!... Mas que cantar, podia eu!... [...] Então fui para dentro: na porta dei o - Louvado seja Jesu-Cristo; boa-noite! - e entrei, e comigo, rente o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo. Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro. - Louvado seja Jesu-Cristo, patrício! Boa-noite! Entoces, que tal le foi de susto?... E houve uma risada grande de gente boa. Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaiveva, arrolhadito aos meus pés.

Sentado num mocho, de pernas cruzadas e violão em punho, Rodrigo Cambará cantava cantigas que aprendera nos acampamentos da Província e da Banda Oriental. [...] Punha na voz muita ternura, falava duma tirana que lhe havia roubado o coração e que o martirizava por ser muito arisca... Calou-se mas continuou a dedilhar o violão. Depois tornou a soltar a voz: Quem canta refresca a alma Cantar adoça o sofrer, Quem canta zomba da morte, Cantar ajuda a viver. “Nicolau sacudiu a cabeça e disse: - Que ajuda, ajuda mesmo. Um cachorro veio da cozinha, sacundindo o rabo, deitou-se enrodilhado junto ao balcão, descansou o focinho sobre as patas dianteiras e fechou os olhos.”

Assim como assinalei, pois, a figura e a escrita de Simões está intricadamente imbricada em três textos que parecem ser de maior relevância para a literatura gaúcha: *O tempo e o vento* de Erico Veríssimo, os contos de Sérgio Faraco, e *Satolep* de Vitor Ramil. Conduzi uma investigação sobre essa presença do autor nos romances citados e pude verificar que tantos os *Contos gauchescos* quanto as *Lendas do sul* foram inscritos, ou se inscreveram, em *O Tempo e o Vento* e em *Satolep* de mil maneiras. No extrato acima, conforme sinalizei, o detalhe do cachorro que veio da cozinha logo após Rodrigo Cambará cantar a canção de Blau Nunes provavelmente não é coincidência. Esta incorporação de um material anterior em graus diversos de conspicuidade desencadeia uma série de perguntas relativamente à tradução, sendo que os dois primeiros tomos do *Tempo e o vento* foram traduzidos para o francês.

Obviamente, a presença de Simões na versão francesa de *O tempo e o vento* há de passar despercebida, nem que seja porque nunca houve oportunidade para o leitor francófono de ler a obra de Simões em francês. E, mesmo que essa oportunidade lhe fosse suprida, as probabilidades que ele reparasse nas convergências autorais ou escriturais permaneceriam bem fracas. Além disso, neste caso particular, a versão francesa dos *Contos* e das *Lendas* viria depois da versão francesa do *Tempo e do Vento*. Devo confessar que não trabalhei minha tradução em função da tradução, anterior, do romance de Verissimo. Falha minha?

Bidirecionalidade da intertextualidade: olhando para frente e olhando para trás, escrevendo, lendo e traduzindo para frente e para trás

Segundo ponto, a intertextualidade como figura de Janus, ou seja, “olhando para o passado”, com o que chamaria de “visada intertextual analéptica” – desvirtuando a terminologia que Genette cunhou para descrever as estratégias e fenômenos narratológicos –, e, ao mesmo tempo, “olhando para o futuro”, com o que chamaria de “visada intertextual proléptica”. A inscrição dos *Contos gauchescos* de Simões em textos que lhes são posteriores não me parece ter muito menos relevância para o tradutor do que a inscrição nos *Contos gauchescos* de textos que lhes são anteriores. Além do mais, a intertextualidade afeta o tradutor de diversas maneiras, por exemplo, no que suas escolhas na versão de determinado texto dependem em boa parte de suas leituras anteriores, bem como as escolhas na redação do seu texto pelo autor foram em parte determinada por leituras anteriores.

Pois, quer eu queira ou não, traduzo os *Contos* (e isto pode ser extrapolado para qualquer outro texto a ser traduzido), não só enquanto leitor de Coelho Neto, Afonso Arinos, Apolinário Porto-Alegre, José de Alencar, Prosper Mérimée, Guy de Maupassant, Alphonse Daudet, etc., mas também enquanto leitor de João Guimarães Rosa, João Ubaldo Ribeiro, Graciliano Ramos, Sérgio Faraco, Vitor Ramil, Edgar Allan Poe, Ferdinand Céline, etc.

Em que medida esta “bidirecionalidade” na dimensão intertextual da leitura impacta minhas escolhas tradutórias, quando, por exemplo, vejo, ou estou informado, de relações intertextuais entre *Contos gauchescos* e *Grande sertão: veredas* ou entre *Contos gauchescos* e *Le cheval d’orgueil*, etc., sendo que as conexões que eu faço entre tal e tal texto, mesmo que se alicercem em elementos objetivos, inevitavelmente, possuem caráter subjetivo? Sem falar da variação no grau de consciência que tenho dessas conexões.

Terceiro ponto, decorrendo do segundo: consciente de que há uma multidão de referências ao texto dos *Contos gauchescos* em outros textos, em particular nos romances da trilogia do *Tempo e o vento* de Erico Verissimo e na novela *Satolep* de Vitor Ramil, como deveria me posicionar enquanto tradutor em relação a este fato? De maneira algo provocativa, faço as perguntas seguintes: devia eu traduzir os *Contos* (tradução já feita, mesmo que imperfeita) em função de *Satolep*, qualquer que seja o grau de consideração deste na tradução daquele? Deveria rever minha tradução dos *Contos* em função da minha tradução de *Satolep* (que resta para fazer)? Deveria conceber minha tradução de *Satolep* (“para fazer”) levando em conta a minha tradução de *Contos gauchescos* (“feita”)?

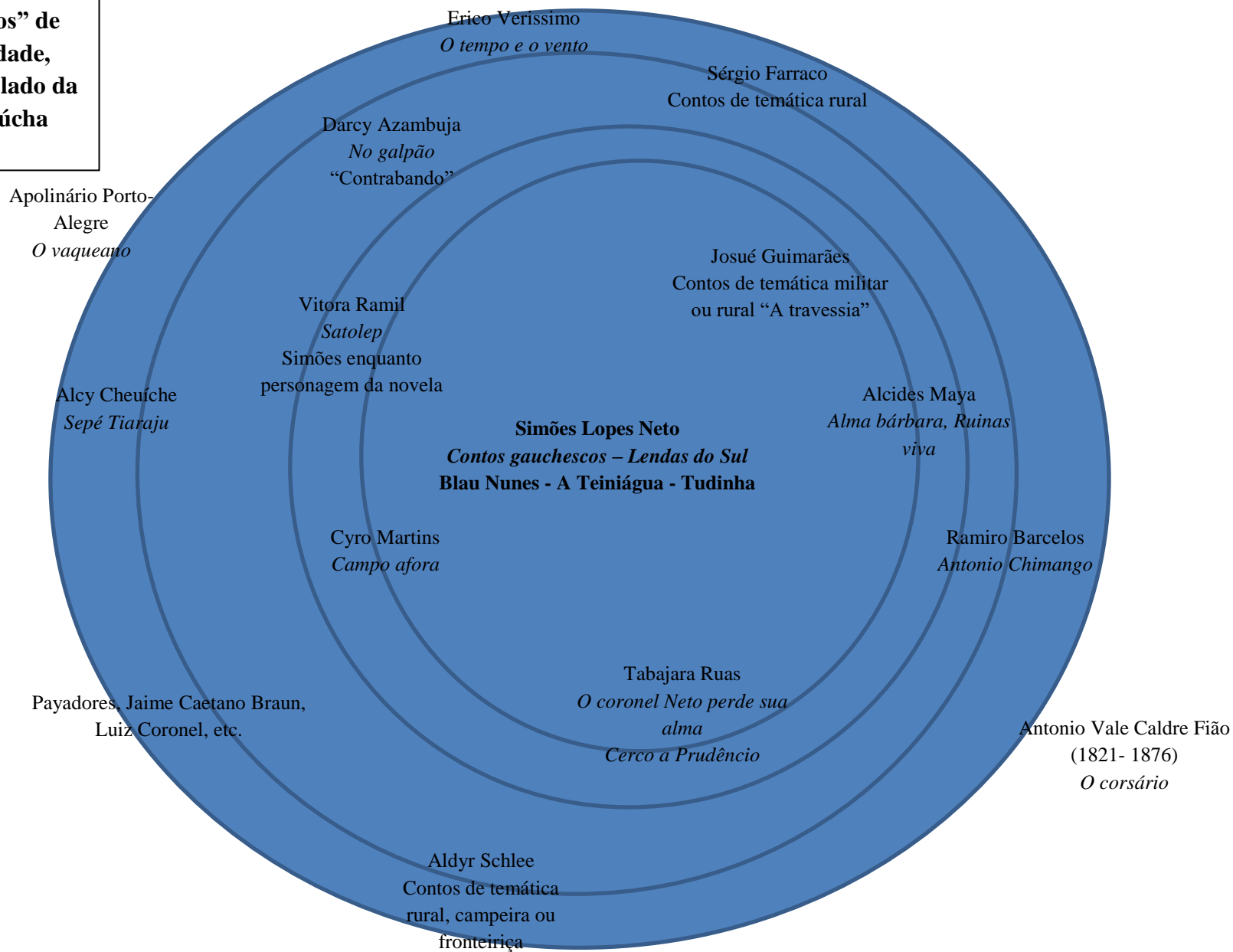
Elementos de bibliografia

Para melhor entender os contos de Simões Lopes Neto, tentei entender um pouco como se encaixavam na produção literária anterior e contemporânea. Em particular, empenhei-me em ver de que maneira podiam ter surgido de correntes como o “indianismo”, que percorreu todo o continente, inclusive parte do continente europeu (cf. os romances *Atala*, *René* e *Les Natchez* de Chateaubriand), o “caboclismo” que lhe sucedeu, a produção regionalista; com sua vertente sertanista, e enfim a literatura gauchesca. Foram muitas as leituras nestas quatro esferas. Li quantidade de romances, novelas e contos de cunho regionalista, inclusive as quatro obras de Alencar que se enquadram no segmento, quantidade de poemas e novelas gauchescas (até li o *Santo Veja*, de Hilário Ascasubi), quantidade de escritos indianistas e outros tantos do veio caboclista tão criticado por Monteiro Lobato.

A lista dos livros lidos e consultados não cabe aqui. Entretanto, dou a seguir algumas indicações da bibliografia sobre a questão da intertextualidade no processo tradutório sob outra forma (esboços de mapeamento) do que uma relação alfabética de títulos.

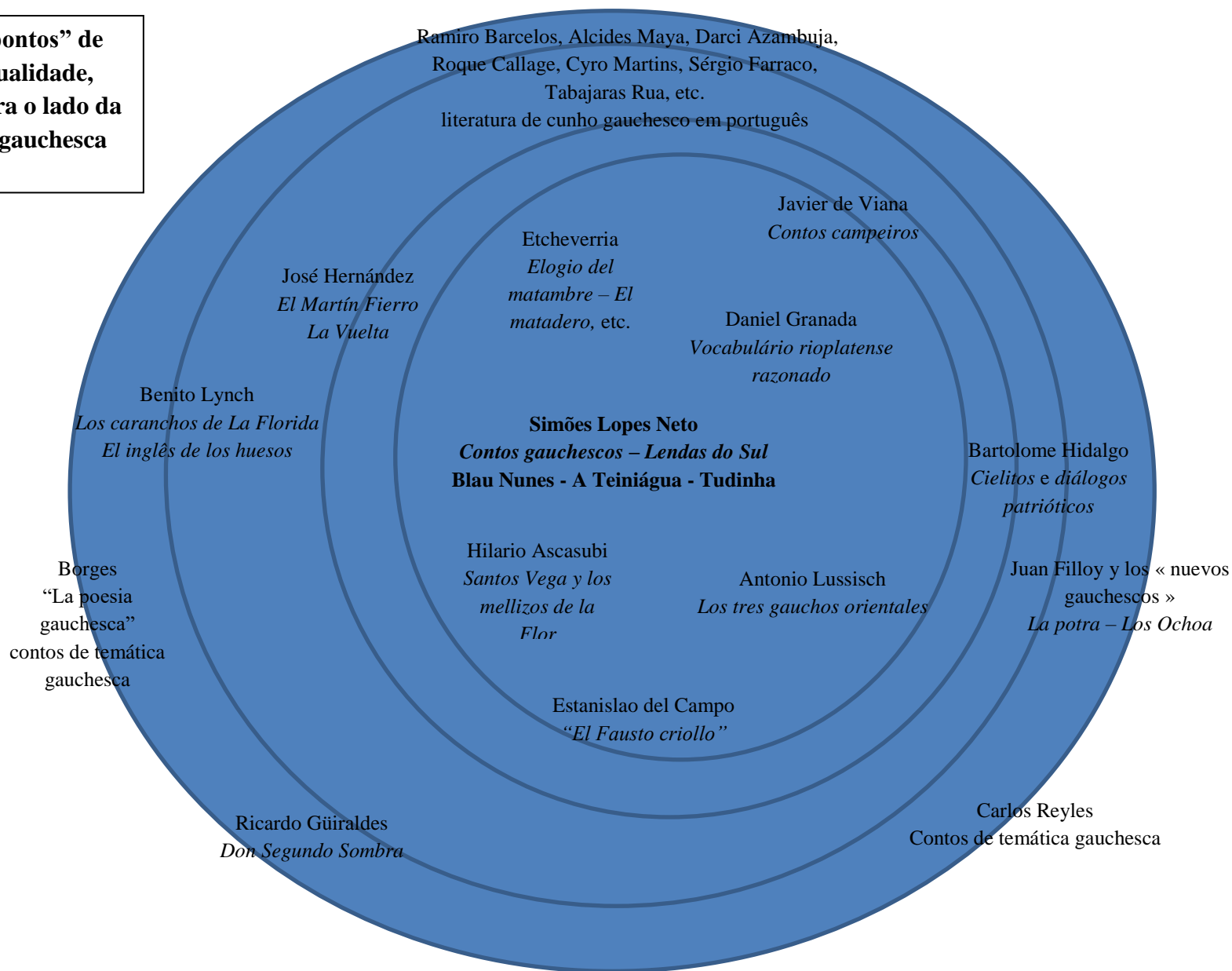
Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Alguns “pontos” de
intertextualidade,
olhando para o lado da
literatura gaúcha



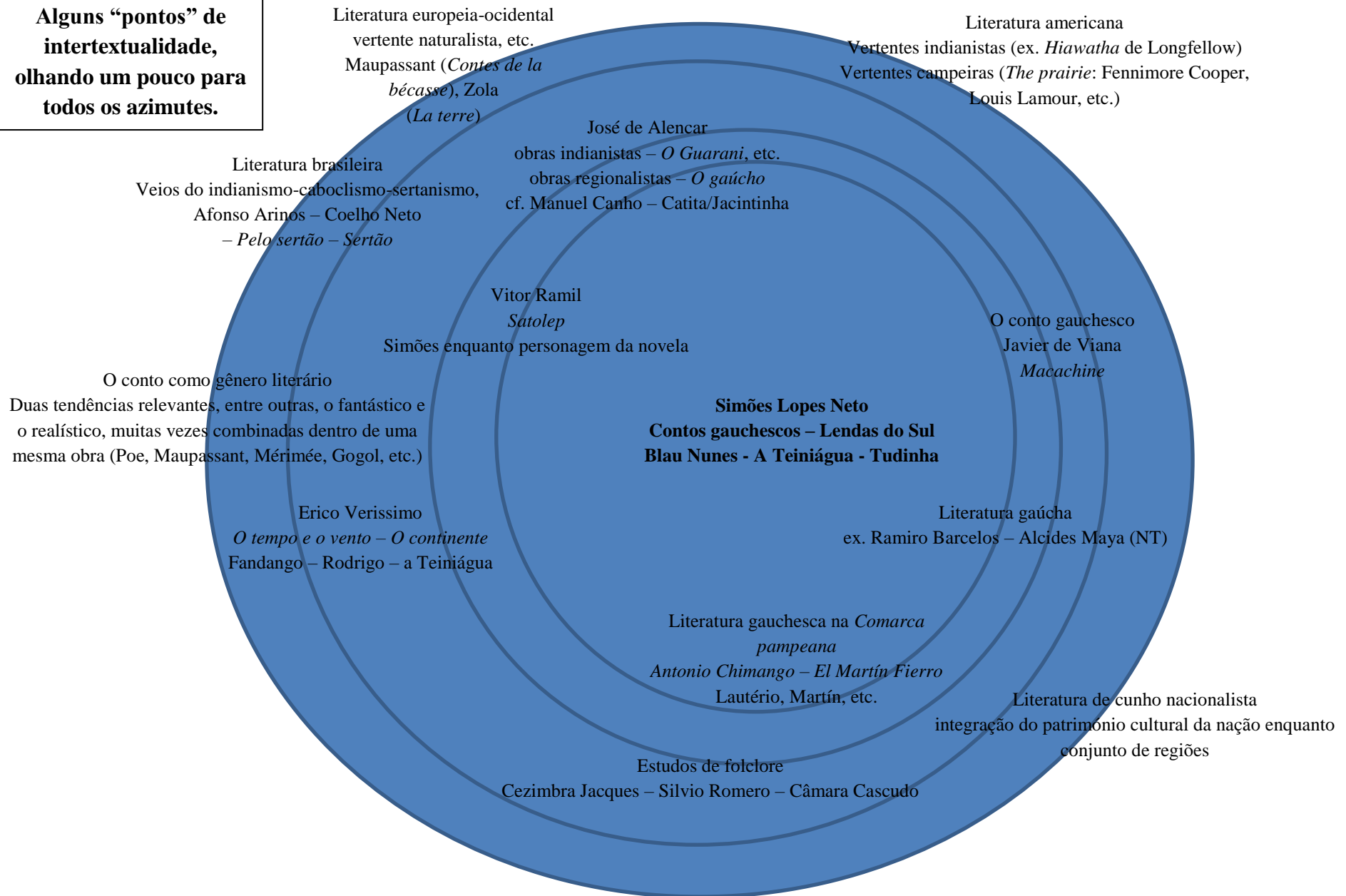
Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
 Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Alguns “pontos” de intertextualidade, olhando para o lado da literatura gauchesca



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Alguns “pontos” de intertextualidade, olhando um pouco para todos os azimutes.



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Encontra-se na página seguinte o esboço de um mapeamento da produção literária no Brasil em que se possa observar algum traço regionalista notável (sem nenhum anátema aqui, bem ao contrário, em se falando geralmente do regionalismo como de uma ferramenta literária de pleno direito, inclusive nas suas implicações estéticas).

Faltam no esquema indicações de datação da produção de cada autor. Entretanto, o que me pareceu mais pertinente era ressaltar o fato de o regionalismo no Brasil ter-se manifestado ao longo do tempo na produção literária realizada em toda a extensão do território nacional. Também convém acrescentar que foquei a produção de temática rural a partir do século XIX, sendo que há sonetos de Gregório de Matos por exemplo que possuem traços regionalistas e que, de certa maneira, escritores que se especializaram na produção de textos de temática urbana integraram também nas suas composições elementos regionalistas (porém de um “regionalismo urbano, pensando-se na São Paulo de João Antônio ou no Rio de João do Rio ou de Paulo Lins, entre outras configurações que me ocorrem)

Logicamente, nas composições de temática rural (tendências sertanistas ou caboclistas), a presença de um volume bastante substancial de palavras oriundas de idiomas da família tupi-guarani se constitui em um dos marcadores mais ostensíveis da composição lexical.

Vale observar a respeito que enquanto tem havido desde os tempos coloniais textos literários se referindo aos indígenas, a literatura indígena no Brasil é um fenômeno bastante recente e não se desenvolveu uma literatura escrita por autores indígenas no Brasil como se tem desenvolvido por exemplo nos Estados Unidos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
 Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº2 - TREZENTAS ONÇAS

Com a proposta de uma tradução de “Trezentas onças” apresentada a seguir, tentei dar uma ideia ainda bastante “crua” do que poderia ser uma versão estrangeira que integrasse bastantes vocábulos “típicos” da ambientação pampiana (gaúcha ou gauchesca). A incorporação das ilustrações no texto da versão aqui é extremamente maljeitosa, mas se pode imaginar uma produção mais cuidadosa, em que as imagens de certo seriam mais expressivas que qualquer definição. Nos textos, quando lembrei, sublinhei as palavras “tomadas emprestadas do texto original” para sinalizar um link (na versão eletrônica disponibilizada online) que levasse a sua explicitação, idealmente a partir de uma ilustração. Seria na verdade uma sorte de ferramenta pedagógica visando a substituir para alguns referentes da cultura gaúcha o texto definidor por uma ilustração que permitisse ao leitor visualizar “imediatamente” o “objeto” referido (‘guaiaca’, ‘zaino’, ‘paso’, ‘capincho’, ‘sarandi’, etc.)

TROIS CENTS ONCES

Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro , com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

En ce temps-là, je travaillais comme vaqueiro. Une fois où je voyageais seul et sans troupeau, ma guaiaca  gonflée d’onces d’or à la ceinture, je suis



venu traverser la rivière à ce même paso où nous sommes, parce que c’était plus court pour arriver à l’estancia de la Coronilla, où je devais faire étape.



Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

J’ai l’impression que c’était hier ! On était en février ou par là, et la longue chevauchée sous le soleil d’été m’avait cassé les reins.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Olhe, ali, na restinga , à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo , na beira do passo, desencilhei ; e estendido nos pelegos , a cabeça no lombilho , com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.



- Eh bien, juste là, dans ce vallon, à l'ombre de ce bosquet qui semble nous regarder, au bord du gué, juste là j'ai ôté ses harnais au cheval ; et, allongé sur mes pelegos en peau de mouton, la tête appuyée sur le lombillo, le chapeau sur les yeux, j'ai fait une bonne grosse sieste.



Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira ... e fui-me à água que nem capincho!

En me réveillant et en entendant le bruit paisible que faisait l'eau si fraîche et si claire en roulant sur le gravier, j'ai eu envie de me baigner, au moins pour briser un peu la torpeur... Et j'ai sauté dans l'eau comme un cabiai.

Debaixo da barranca havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre puxei umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

Juste en dessous de la berge, il y avait un trou d'eau où j'ai plongé deux ou trois fois et j'y ai même fait quelques brasses, pas beaucoup, parce qu'y avait pas vraiment la place pour nager.



E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Et puis, dans la solitude et le silence alentour, je me suis rhabillé, j'ai sellé le zaino et l'ai enfourché.

Daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

À partir de ce raccourci, j'ai dû trotter disons trois bonnes lieues, et il était encore assez tôt quand je suis arrivé à l'estancia ; il restait au soleil environ une brasse et demie à parcourir avant de se coucher.

- Ah!...esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brasino, um cusco mui esperto e boa vigia.

Ah, j'ai oublié de dire que voyageait avec moi un cusco brasino, un p'tit chien créole écaille de tortue, très vif et bon gardien.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Era das crianças, mas às vezes dava-me para acompanhar-me, e depois de sair a porteira, nem por nada fazia caravolta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Il était aux enfants, mais, des fois, ça le prenait de vouloir me suivre et alors, une fois le portail franchi, pas moyen de lui faire faire demi-tour, ou alors en même temps que moi. Et dans ces équipées, il dormait toujours à côté de moi, sur une pointe du tapis de selle, en bout de harnais.

Por sinal que uma noite...

C'est d'ailleurs comme ça qu'une nuit...

Mas isto é outra cousa; vamos ao caso.

Mais bon, ça c'est une autre histoire ; revenons à notre caso*.

Durante a troteada bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria pra trás, e olhava-me, olhava-me, e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro; — parecia que o bichinho estava me chamando!... Mas como eu ia, ele tornava a alcançar-me, para daí a pouco recomeçar.

Pendant qu'on allait au trot, je remarquais que, de temps à autre, le cusco s'arrêtait sur la route et aboyait, puis le voilà qui courait en arrière, me regardait, se remettait à aboyer et pis trotinait encore un peu en revenant sur nos traces ; on aurait dit que la bestiole m'appelait ! Mais comme j'allais de l'avant, il me rejoignait, avant de recommencer son manège au bout d'un p'tit moment.

- Pois, amigo! Não lhe conto nada! Quando botei o pé em terra na ramada da estância, ao tempo que dava as “boas-tardes” ao dono da casa, agüentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o peso da guaiaca!

- Eh bien l'ami ! Si je vous dis que lorsque j'ai mis pied à terre dans la ramada de l'estancia, alors que je saluais le maître de maison, mon cœur a fait un bond dans ma poitrine... Tout à coup, je n'ai plus senti à la taille le poids de ma guaiaca !

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

Je venais de perdre trois cents onces d'or que je portais sur moi pour le paiement de bétail que j'allais ramener.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Et aussitôt après, j'ai eu comme un éblouissement, et puis des scintillements devant les yeux avec des reflets violets... ensuite tout est devenu gris, s'est obscurci...

Eu era mui pobre — e ainda hoje, é como vancê sabe... --; estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um charqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras ...

J'étais très pauvre, et je le suis toujours, comme vous savez ; je commençais dans la vie, et cet argent, il était à mon patron, charqueador*, propriétaire d'une salaison, très à cheval sur ses comptes et aussi rêche qu'une pluie de grêlons...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam:

Encore sous l'effet du choc mais revenant à moi, j'ai entendu qu'on me demandait :

- Então patrício? está doente?

- Et alors mon gars ? Ça n'va pas ? Tu te sens mal ?

- Obrigado! Não senhor, respondi, não é doença; é que sucedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

- Je vous remercie, vous êtes bien bon, mais non monsieur, j'ai répondu, je n'suis pas malade ; c'est qu'il m'est arrivé un malheur : j'ai perdu une grosse somme d'argent qui est à mon patron.

- A la fresca!...

- Diable ! C'est vrai ?

- É verdade... antes morresse, que isto! Que vai ele pensar agora de mim!...

- C'est vrai... j'aurais préféré mourir ! Qu'est-ce qu'il va penser de moi maintenant ?

- É uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem!

- C'est un mauvais tour, c'est sûr... mais faut pas se laisser abattre pour ça !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nisto o cusco brasino deu uns pulos ao focinho do cavalo, como querendo lambê-lo, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

Sur ce, le cusco brasino s'est mis à faire des bonds sous le museau du cheval, comme s'il voulait le lécher et puis il a couru vers la route en aboyant. Et d'me regarder, et d'revenir, et d'repartir et d'se remettre à aboyer de plus belle...

Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo.

Ah !... Et tout m'est revenu d'un seul coup.

Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandi, e, em cima de uma pedra, a guaiaca e por cima dela o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma última tragada, antes de entrar na água, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento...; tudo, vi tudo.

On aurait dit que j'avais devant moi l'endroit où j'avais fait la sieste, le bain, et puis que je me revoyais en train d'accrocher mes habits aux branches des sarandis, de poser sur une pierre la guaiaca et, par-dessus, la ceinture avec mes armes, et même un mégot, celui de la cigarette dont je venais de tirer une dernière bouffée, avant d'entrer dans l'eau, que j'avais laissé planté sur une épine, encore fumant, et d'où s'échappait un mince filet bleu, qui montait, droit et fin, dans l'air sans un souffle de vent..., tout, je revoyais tout.



Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remédio era um só: tocar a meia rédea, antes que outros andantes passassem.

Elle était là, sur le bord de la rivière, la guaiaca. Et il ne restait qu'une chose à faire : retourner là-bas à bride abattue avant que d'autres ne passent par là.

Num vu estava a cavalo; e mal isto, o cachorrinho pegou a retouçar, numa alegria, ganindo — Deus me perdoe! — que até parecia fala.

En un clin d'œil, j'étais à cheval ; et le temps de sauter en selle, je vois le petit chien qui se met à faire des cabrioles et à japper, tout content, si bien que —Dieu me pardonne !— on aurait dit qu'il parlait.

E dei de rédea, dobrando o cotovelo do cercado.

J'ai fait virevolter le cheval et bientôt je dépassais le coude que faisait la clôture.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ali logo freteei com uma comitiva de tropeiros, com grande cavahada por diante, e que por certo vinha tomar pouso na estância. Na cruzada nos tocamos todos na aba do sombreiro; uns quantos vinham de balandrau enfiado.

Peu après, j'ai croisé une troupe de vaqueiros qui poussaient une grande manade de chevaux devant eux et qui, pour sûr, allaient faire halte à l'estancia. En passant, on a porté la main à l'aile du chapeau en guise de salut ; quelques-uns avaient leur poncho enroulé autour du cou.

Sempre me deu uma coraçonada para fazer umas perguntas... mas engoli a língua.

Bien sûr le cœur m'a lancé de leur demander... mais je me suis mordu la langue.

Amaguei o corpo e penicando de esporas, toquei a galope largo.

Au lieu de ça, je m'suis courbé sur l'encolure et, jouant des éperons, me suis éloigné au galop.

O cachorrinho ia ganiçando ao lado, na sombra do cavalo, já mui comprida.

Le p'tit chien courait à côté en jappant, dans l'ombre du cheval déjà bien allongée.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.*

La route s'étendait devant, déserte ; à gauche, les prairies se succédaient à perte de vue, sereines, vertes, éclairées par la lumière douce du soleil couchant, avec ça et là, des taches que faisait le bétail qui se regroupait pour la nuit. À droite, le soleil, très bas, rouge et or, s'enfonçait dans une masse de nuages aux franges lumineuses.

Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...



Dans les borbiers asséchés, pas même un quero-quero ; une perdrix piaillant de temps à autre, dissimulée au milieu de l'herbe mûre. Et au loin, entre le reste de lumière qui fuit d'un côté, et la nuit qui s'avance, tamisée, de l'autre, la silhouette toute blanche d'un héron grand-jean en train de voler, majestueusement, quasi sans bouger les ailes, comme dans un adieu triste où l'on garde les bras immobiles...



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi caindo uma aragem fresca; e um silêncio grande, em tudo.

Une petite brise a rafraîchi l'air et un grand silence s'est abattu tout alentour.

O zaino era um pingaço de lei; e o cachorrinho, agora sossegado, meio de banda, de língua de fora e de rabo em pé, troteava miúdo e ligeiro dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

Le zaino était un sacré coursier; et le cusco, maintenant apaisé, la langue pendante et la queue dressée, suivait de son trot menu et rapide, un peu en crabe, dans la poussière que soulevaient les sabots.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incêndio num pajonal; depois o lusco-fusco; depois, cerrou a noite escura; depois, no céu, só estrelas..., só estrelas... O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo caminho. Bem por cima da minha cabeça as Três-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar..., lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que também as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Três-Marias. « Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo...; Deus o



consERVE!..., sem saber nunca como é pesada a tristeza dos campos quando o coração pena!...

Et puis le soleil s'est couché ; il est resté dans les hauteurs une grande clarté flamboyante comme un incendie dans les hautes herbes du pajonal ; puis le crépuscule ; puis la nuit obscure s'est refermée ; et après ça, dans le ciel,

que des étoiles... rien que des étoiles...Le zaino tirait sur son frein et gémissait au rythme du galop, avalant la piste. Juste au-dessus de ma tête, les Trois Marias* si belles, si vives, si bien alignées, paraissaient m'accompagner ..., j'ai pensé à mes enfants, qui regardaient ces étoiles en ce moment, peut-être, eux-aussi ; à ma mère, à mon père, qui les ont regardées également quand ils étaient enfants et qui déjà les appelaient les Trois Marias. Ah l'ami ! Vous êtes jeune, pour vous, la vie n'est qu'allégresse..., que Dieu vous garde ainsi !... sans jamais savoir comme elle pèse cette tristesse des prairies quand le cœur est en peine !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Há que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lágrimas..., devagarinho, como gateando, subiram... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam elas na polvadeira da estrada, como um pingo d'água perdido, que nem mosca nem formiga daria com ele!...

Cela faisait combien de temps que je n'avais pas pleuré ! ... Eh bien les larmes me sont venues... tout doucement, comme à pas de félin, elles sont montées... elles tremblaient sur mes cils, y luisaient un bref instant... et encore chaudes, à chaque enlevée du galop, elles tombaient dans la poussière de la piste comme une goutte d'eau perdue, que ni une mouche ni une fourmi ne trouverait sur son chemin !...

Por entre as minhas lágrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro , passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos :

Entre mes larmes, comme un soleil qui traverse la bruine, il m'est revenu alors la mélodie d'un couplet de là-bas, du pays.

Quem canta refresca a alma,

Cantar adoça o sofrer;

Quem canta zomba da morte:

Cantar ajuda a viver!...

Celui qui chante se rafraîchit l'âme,

Chanter adoucit la souffrance

Celui qui chante se moque de la mort :

Chanter accompagne l'errance !

Mas que cantar, podia eu!...

Ah oui chanter, ça j'en étais encore capable !

O zaino respirou forte e sentou, trocando a orelha, farejando no escuro: o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Le zaino a renâclé et s'est arrêté net, bougeant une oreille puis l'autre, flairant l'obscurité; le bagual avait reconnu l'endroit, nous étions au passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

J'ai entendu le cusco haleter, comme s'il avait pris un coup de chaleur et j'ai mis pied à terre.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não bulia uma folha; o silêncio, nas sombras do arvoredado, metia respeito... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho.

Pas une feuille ne bougeait : le silence, dans l'ombre des arbres, forçait le respect... pas la peur, non, parce que la peur n'entre pas dans le cœur d'un gaucho.

Embaixo, o rumor da água pipocando sobre o pedregulho; vaga-lumes retouçando no escuro. Desci, dei com o lugar onde havia estado; tentei os galhos do sarandi; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais pra lá, mais pra cá...; nada! nada!...

En bas, la rumeur de l'eau clapotant sur les galets et les lucioles tourbillonnant dans l'obscurité. J'ai descendu la berge et suis arrivé à l'endroit où je m'étais arrêté ; j'ai tâté les branches du sarandi, j'ai trouvé la pierre où j'avais posé ma guaiaca et mes armes ; j'y ai promené la main sur toute sa surface, d'un côté, de l'autre, ... mais rien ! rien !

Então, senti frio dentro da alma..., o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado!... roubado!... Pois então eu ia lá perder as onças!... Qual! Ladrão, ladrão, é que era!...

Alors, j'ai senti un grand froid m'envahir... mon patron allait dire que je l'avais volé ! Volé ! Comme ça, j'avais perdu les onces d'or ? Pour qui donc est-ce que je le prenais ? Un voleur, oui, un voleur, voilà ce que j'étais !

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos: eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquela suposição.

Et presque aussitôt une idée mauvaise m'est entrée dans la tête: Je devais me tuer, pour m'épargner la honte d'un tel soupçon.

É; era o que eu devia fazer: matar-me... e já, aqui mesmo!

Oui, voilà ce que je devais faire : me tuer... Et sur le champ!

Tirei a pistola do cinto; armei-lhe o gatilho..., benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...

J'ai tiré le pistolet de ma ceinture, armé la détente... Et puis je me suis signé, j'ai mis dans le creux de mon oreille le canon, froid et dur, dans lequel la balle était engagée...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Ah! patrício ! Deus existe!...

- Dieu, camarade ... Dieu existe !

No refilão daquele tormento, olhei para diante e vi... as Três-Marias luzindo na água... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, estava me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num oco de pau!...

Dans l'étreinte de ce moment terrible, j'ai regardé devant moi et j'ai vu... les Trois Maries qui brillaient dans l'eau... le p'tit chien créole perché sur une pierre à côté de moi me léchait la main... et tout de suite après, le zaino a poussé un hennissement du haut de la berge, au moment même où le cricri joyeux d'un grillon se faisait entendre tout près, dans le creux d'une branche !

- Patrício! não me avexo duma heresia; mas era Deus que estava no luzimento daquelas estrelas, era ele que mandava aqueles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...

Ah mon ami ! Loin de moi tout blasphème mais c'était le bon Dieu qui était dans cette lueur des étoiles, c'était lui qui avait envoyé ces bêtes frustres éloigner de moi la pensée mauvaise...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavalo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquele grilo cantador trouxe a esperança... Eh-pucha ! patrício, eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações...; pois o meu, dentro do peito, naquela hora, estava como um espinilho ao sol, num descampado, no pino do meio-dia: era luz de Deus por todos os lados!...

Le cusco si fidèle m'a rappelé l'amitié des miens ; mon cheval m'a rappelé la liberté, le travail, et ce grillon qui chantait a ramené l'espoir...



Eh vé ! Camarade ! Moi je ne suis qu'une brute... les gens voient les visages pas les cœurs... Eh bien, le mien de cœur, dans ma poitrine, il était à ce moment là comme la floraison toute jaune d'un espinilho en plein midi, frappé par les rayons du soleil au milieu du maquis : c'était la lumière de Dieu de tous les côtés !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E já todo no meu sossego de homem, meti a pistola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar.

Et déjà apaisé, maître de moi comme un homme doit l'être, j'ai remis le pistolet à ma ceinture. J'ai roulé une cigarette, battu mon briquet et me suis mis à fumer.

E fui pensando. Tinha, por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna para mim. Não sabia como explicar o sucedido, comigo, acostumado a bem cuidar das cousas.

Et je me suis pris à penser. J'avais, par ma faute, par ma faute entièrement, perdu les trois cents onces d'or, une fortune pour moi. Je ne pouvais expliquer comment cela avait pu m'arriver, à moi qui d'ordinaire faisais tellement attention.

Agora... era vender o campito, a ponta de gado manso -- tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores — vender a tropilha dos colorados ... e pronto! Isso havia de chegar, folgado; e caso mermasse a conta..., enfim, havia se ver o jeito a dar... Porém matar-se um homem, assim no mais... e chefe de família... isso, não!

Maintenant... eh bien maintenant, il ne me restait plus qu'à vendre mon lopin de terre, les quelques têtes de bétail, sauf une ou deux laitières pour les enfants et les deux bœufs de trait jaguanés, vendre aussi ma tropilla de chevaux colorados et voilà ! Ça devait suffire, tranquillement ; et en tout cas ça diminuerait au moins ma dette..., enfin, il y aurait toujours moyen... Mais qu'un homme se tue comme ça ! Pour ça ! Un chef de famille... Ça, non !

E d'espacito vim subindo a barranca; assim que me sentiu o zaino escarceou, mastigando o freio.

Et je suis remonté lentement sur la berge ; dès qu'il m'a entendu, le zaino s'est mis à hocher la tête et à mâcher son frein.

Desmaneei-o, apresilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

Je l'ai détaché et j'ai bouclé le licol sur la selle ; mon bon cheval s'est tourné vers le chemin du retour... et je l'ai enfourché, soulagé.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estância.

Le p'tit chien a fait une cabriole, tout content et, au trot ou au galop, j'ai regagné l'estancia.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ao dobrar a esquina do cercado enxerguei luz na casa; a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro outros relinchos vieram.

En repassant le coude de la clôture, j'ai distingué une lumière dans la maison ; les chiens sont sortis en menaçant. Mon zaino a poussé un hennissement joyeux, en sentant l'odeur des compagnons ; depuis l'enclos, d'autres hennissements lui ont répondu.

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se reboiou, com ganas.

J'ai mis pied à terre dans le galpon, rangé les harnais et détaché le cheval, qui n'attendait que ça pour se vautrer.

Então fui para dentro: na porta dei o “Louvado seja Jesu-Cristo; boa-noite!” e entrei, e comigo, rente o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quatro paisanos; era a comitiva que chegava quando eu saía; corria o amargo.

Alors j'ai franchi la porte : sur le seuil, j'ai salué la compagnie d'un « Loué soit Jésus-Christ notre seigneur : bonsoir la compagnie ! » et je suis entré, le p'tit chien dans mes jambes. Dans la salle à manger de l'estancieiro, il y avait quatre gars du pays. C'était la petite troupe qui arrivait au moment où moi je m'éloignais : le maté passait à la ronde.



Em cima da mesa a chaleira, e ao lado dela, enroscada, como uma jararaca na ressolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro.

Sur la table, la bouilloire, et juste à côté, enroulée sur elle-même comme une vipère jararaca sous le cagnard, ma guaiaca, bien ventrue, avec pour sûr les trois cents onces à l'intérieur.

« Louvado seja Jesu-Cristo, patrício ! Boa-noite! Entonces, que tal le foi de susto?...

- Loué soit le seigneur ! Bonsoir, camarade ! Entonces, que tal de susto ? Ça a dû vous faire un sacré coup au coeur, non ?

E houve uma risada grande de gente boa.

Et il y a eu un grand rire de gens sans malice.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Eu também fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipeva , arrolhadito aos meus pés...

Alors moi aussi je m'suis mis à rire, en regardant tour à tour la guaiaca et le p'tit chien, couché en boule à mes pieds...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº3. Antropônimos

Texto e pretexto: “O Negro Bonifácio”.

Foco do estudo tradutológico: interpretação e transferência dos antropônimos.

Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do **Nadico** (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

Escuite. A **Tudinha** era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos

Em se tratando do segundo relato da coletânea de contos, chamou-me a atenção o fato de nem o tradutor italiano nem o tradutor uruguaio terem modificado os nomes de duas personagens relevantes do caso: ‘Tudinha’ e ‘Nadico’. Ora, não sei exatamente o que acontece com a versão para o espanhol e seus leitores, mas me parece que os nomes ‘Tudinha’ e ‘Nadico’ não são suscetíveis de evocar para o leitor italiano o que este mesmo par antroponímico implicitamente evoca para o leitor brasileiro. Daí, decidi eleger a problemática da tradução dos nomes próprios como tônica do comentário dedicado a esse conto.

Não considerando o que acontece na realidade com respeito ao uso de nomes próprios – pelo menos entre nós, ocidentais –, e deixando de lado minha convicção de que os nomes próprios possuem todos alguma dimensão “cratílica”, inclusive na vida “verdadeira”, parti da premissa de que os antropônimos nos textos literários são na sua maioria hipermotivados. Isto, mesmo que o processo decisório que levou o autor a elegê-los possa ter tido algum grau de incidência (da vida pessoal, das leituras, da proposta escritural, etc.) e outro de coincidência (i.e., paradoxalmente, uma motivação de ordem, digamos, “acidental”). A final de contas, milhares de páginas foram escritas sobre o porquê de nomes de personagens ficcionais como Reinaldo, Riobaldo e Diadorim por centenas de pesquisadores. Não podem ser todos equivocados. Por isso, comecei a questionar certa tendência que notara por parte de alguns tradutores de manter todos os nomes originais nas suas versões estrangeiras²².

²² Claro que na história da tradução, existem inúmeras adaptações antroponímicas. Para dar um exemplo próximo de nosso contexto histórico-geográfico-cultural, podemos recordar, entre muitas outras traduções, a escolha dos nomes ‘Juca’ e ‘Chico’ feita por Olava Bilac para traduzir os nomes das personagens ‘Max’ e ‘Moritz’ na obra *Max und Moritz* do escritor alemão Wilhelm Busch. Entretanto, podemos ler no livro de

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Tudinha / Nadico ou tu(o)dinho / nadica?

Certo que pode ser uma decisão absolutamente legítima não alterar o nome escolhido pelo autor. É bem provável, aliás, que, na maior parte dos casos, faça sentido e seja mais adequado do que outras soluções; contudo, numa configuração como a que eu enfoco neste comentário ('Tudinha' / 'Nadico'), tenho dúvidas quanto à pertinência de manter os nomes originais na versão estrangeira.

Em francês, é certo que o par 'Tudinha' / 'Nadico' não evocará a “vigésima” parte do que este par de nomes se mostra apto para evocar em contexto lusófono (o jogo com tudo / nada, incluindo a inversão dos marcadores de gênero que faz todo sentido, justamente, dado o enredo do caso, etc.). Daí, pensei que talvez um tradutor hesitasse em praticar qualquer modificação nos nomes próprios por receio de perder alguma coisa, algum aspecto, sei lá, fundamental, da carga semântica, imaginando que aquela carga ficasse intacta com essa ausência de modificação. Fica intacta talvez, e porventura respeita o caráter “cratílico”, meio sagrado, dos nomes próprios, mas me soa ser de muito pouco proveito para o leitor estrangeiro. Neste caso particular, no meu entendimento, seria um pouco, mal comparando, como trocar uma picape aberta (o par de nomes em contexto lusófono) por um carro fechado, blindado, com vidros opacos (este mesmo par em contexto francófono). Talvez a escolha de não operar modificações neste quesito do texto se faça pensando que a carga fica, justamente, a mesma (e é *wishful thinking*, porque há de se alterar, necessariamente, em algum grau no transporte) e esquecendo-se de que, na língua de destino, uma vez que não se enxerga para dentro do veículo, não se pode identificar quase nada desta preciosa carga que se relutava perder. Como sempre, é uma questão de negociação entre uma suposta “intocabilidade” (sagração) do nome próprio, que é próprio mesmo, e as demandas da acessibilidade do texto, “no máximo” alcançável de suas dimensões e aspectos, para o leitor estrangeiro.

De minha parte, preferi procurar deixar visível um tanto da carga transportada pelo veículo lexical, trocando o carro original (um modelo brasileiro) por outro (um modelo francês), certo, mas que, esperançosamente, mantivesse algumas características idênticas às do veículo de partida (tipo picape).

Mounin, *Les belles infidèles*, a seguinte recomendação: “[...] la volonté d’atteindre à l’illusion d’un texte écrit directement dans notre langue [...] comporte tout au moins une limite infranchissable : les noms propres, qu’il faut garder dans la forme étrangère toutes les fois qu’elle n’est pas francisée. (Mounin [1955] 1994, 78) [nous soulignons].

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Acresce assinalar que a questão da transferência dos antropônimos na esfera tradutória francesa tem recebido mais atenção nas últimas décadas. Falarei aqui somente de dois critérios no problema da tradução dos nomes próprios. De um lado, temos a transparência do antropônimo (ou a sua opacidade), de outro, a sua aura conotativa. Eis fragmentos do discurso que encontramos na literatura atual a respeito. Cito Balard:

Tant que la référence du Nom propre est obscure, il ne fonctionne que par son iconicité et confère au texte traduit une couleur locale purement visuelle et sonore. Il est intéressant de voir que l'histoire de la traduction, souvent associée à l'histoire des échanges culturels, est allée vers une « révélation » des noms propres. La grécisation des noms propres par Leconte de Lisle en est un exemple patent, et cette révélation n'est pas purement sonore, elle renvoie dans ce cas à la portée du nom : « Hercule » est le nom qui nous est venu du latin, il renvoie, dans l'esprit d'individus moyennement cultivés à un héros (et demi-dieu) dont la principale caractéristique est la force, à un point tel que ce nom est repassé dans la classe des noms communs pour désigner une catégorie d'homme ; mais le retour à la forme grecque du nom, Herakles rend lisible, pour ceux qui en sont capables, au travers de son étymologie, le destin fatal du héros condamné à une série d'épreuves pour « la gloire d'Héra ».

As noções mais interessantes nesta conceitualização da relação entre nome próprio e o seu referente me parecem ser a da iconicidade, ou seja, da aptidão que o antropônimo demonstra para evocar “algo” exclusivamente mediante o livre jogo dos arranjos gráficos que o compõem e dos arranjos acústicos que lhes são associados e a de certa adequação entre o nome e a pessoa que designa. O melhor exemplo disto seria o cognome, que reestabelece um vínculo existencial entre o nome e nomeado. Arranhão, por exemplo, adequa-se (na fala de Blau) quase que como uma luva à caracterização que o narrador faz da personagem, adequa-se, aliás, inclusive com o som que produz sua atualização acústica, pois não é que a palavra ‘arranhão’ arranha mesmo?

Entretanto, no âmbito de seu emprego literário, não precisa o antropônimo ser um cognome para participar plenamente da caracterização da personagem. Na verdade o que acontece é que, no texto literário, ocorre a miúdo o nome das personagens reatar aqueles liames ancestrais (rituais?) entre o nome e o nomeado que estavam na base da nomeação de nossos ancestrais (Fischer, Le Grand, Rosenfield, Wolf, etc.). Neste caso, talvez a atitude mais segura fosse considerar cada antropônimo como sendo, no fundo, um cognome, este cog- de cognome sendo porventura o cerne do assunto. Balard, de resto, acrescenta no artigo citado :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Le nom propre possède une fonction fondamentale de désignateur social ou spatial mais il contient aussi du sens par sa motivation et l’histoire de l’individu qui le porte. Pour ce qui est des anthroponymes, la motivation du nom propre est liée à un acte de nomination variable dans ses procédures : l’antiquité judaïque, l’antiquité classique, la civilisation arabe offrent des procédures où l’acte de nomination renvoie à un événement, un trait lié à l’individu ; la création du surnom renvoie généralement à un trait lié à l’individu mais aussi parfois à une parole, à un incident ; de façon plus classique et figée, l’acte de nomination courant s’effectue par héritage (pour le nom de famille) et par utilisation d’un donné (les prénoms en usage dans une communauté, qui souvent avant le XXe siècle renvoyaient à une religion, une mythologie perçue comme un héritage ou une protection) ; l’auteur de roman ou de pièces de théâtre peut utiliser toutes les ressources précédemment évoquées mais généralement le choix ne se fait pas au hasard ; des considérations socioculturelles, la prise en compte de connotations interviennent généralement de façon plus ou moins forte.

Caráter “hipermotivado” dos antropônimos em textos literários.

Quando examinamos o conjunto onomástico em *Contos gauchescos*, vemos rapidamente que muitos nomes possuem e mesmo ostentam vínculos de ordem lógica ou analógica com o contexto do caso em que foram inseridos. Vejamos a seguir alguns elementos desse complexo inter-relacional que integra os antropônimos ao resto da composição textual.

Blau Nunes: não há por que alterar o nome do narrador e frequentemente protagonista dos próprios casos. As notas alemã²³ no nome e portuguesa/espanhola no sobrenome têm de ser transferidas.

No primeiro conto que segue a dupla apresentação de Blau Nunes, (na introdução da coletânea e as “Trezentas onças”), temos, como nomes de personagens relevantes no conto, Bonifácio, Tudinha e Nadico.

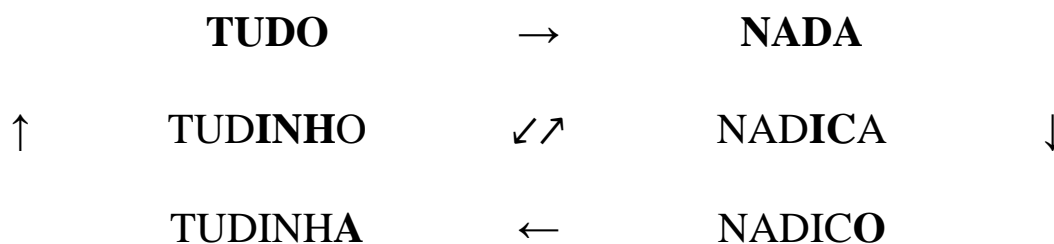
Bonifácio: o interessante do nome à protagonista negra do caso é que o nome significaria, pautando-se na sua etimologia, algo como “o benfazejo” (aquele que faz bem). Ao mesmo tempo, ainda que isto não corresponda à etimologia do antropônimo, Bonifácio não deixa de evocar também a combinação “boa face”, ou seja, de sugerir qualquer relação entre o nome e algo como “o bem-encarado”.

²³ Existem diferentes teorias quanto à origem deste nome. Biógrafos contam que teria tido um boneco chamado Blau na casa dos Simões. Este ‘blau’ pode assinalar também uma vontade de colocar na construção da personagem algum elemento que remetesse à participação dos colonos (alemães e italianos) na composição étnica da população do estado.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ora, contrastam essas duas significações possíveis do antropônimo com o que nos diz o narrador a propósito da personagem, esse narrador insistindo particularmente em que Bonifácio era feio e malvado. O nome da personagem traz consigo, pois, uma pergunta: Bonifácio é Bonifácio por antífrase ou será que alguém não está contando essa história direitinho?

Tudinha: como disse, funciona tanto de forma autônoma quanto em conjunção com o nome ‘Nadico’. É certamente bastante instigante a maneira como os dois antropônimos se combinam, convidando para uma reflexão sobre o valor de morfemas como ‘o’, ‘a’, ‘inho’, ‘inha’, ‘ico’, ‘ica’ que nos leva ao coração da relação entre o ser das coisas e o aparecer das suas designações:



o/a ♂/♀

Haveria muito que dizer na forma como o jogo entre ‘a’ e ‘o’ no funcionamento junto aos nomes, Tudinha, Nadico e Bonifácio, permeia uma boa parte do texto. Sabemos que o papel de gênero das personagens na sua versão convencional e tradicional sofre uma espécie de inversão ou reversão ao longo do causo, uma vez que a história se conclui com a emasculação do personagem masculino e a apropriação de seu facão pela personagem feminina.

Virilidade e viralidade

Ora, é notável a tendência mostrada por Blau para escolher palavras “epicenas” quando caracteriza Bonifácio (‘taura’, ‘maleva’, ‘caipora’). Em sentido inverso, nas orações em que Blau fala de Tudinha, a presença do “o” vai crescendo, como se esse aumento se fizesse ao compasso, ou mesmo em detrimento, da transformação do touro em boi de matadouro e do percurso gradual de Bonifácio a caminho certo da perda, anunciada, de sua masculinidade. Volto para este assunto no comentário nº23 que gira em torno da problemática da transferência de unidades de sentido menores do que a palavra (morfemas, sílabas, letras...)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mariano e Maria

Em “No Manantial”, encontramos a representação de uma relação entre pai e filha que não pode deixar de ser vista como que uma antecipação de semelhante representação entre o pai, Picumã, e a filha, Rosa, em “Os cabelos da china”. Talvez um fato que mereça ser notado, neste respeito da relação pai/filha representada nos dois casos, é a inclusão do nome da filha, Maria (Altina) no nome do pai, Mariano. De certa maneira, podemos dizer que Mariano carrega/contem Maria. Chamou-me a atenção também o nome do padrinho do noivo de Maria Altina (Maria Latina?), ‘Machado’, coincidir com o nome da arma, ‘machado’, usada por Chicão para matar a avó da moça. Pode ser coincidência, pode ser efeito da reminiscência mais ou menos inconsciente do próprio texto no autor, mas pode ser também alguma ressonância de se ponderar, uma vez que este tipo de coincidência é bastante frequente.

Grudento como o cardo

No conto seguinte, “O mate de João Cardoso”, temos que resolver um pequeno dilema de interpretação. Biógrafos de Simões apontam para a existência “histórica” de um indivíduo chamado João Cardoso, com fama de falador e mentiroso, o qual teria servido de modelo para a personagem do caso de Blau Nunes²⁴. Ora, acontece que o nome “Cardoso” (derivado de ‘cardo’) se harmoniza bastante bem com a caracterização que o narrador faz da personagem (Blau diz dele que é “renitente como uma mosca de ramada”).

O Nico da vitória

“Deve um queijo!” sendo um conto no qual se corporifica uma sorte de miniaturização da história nacional e regional (as guerras entre o Brasil e seus vizinhos hispanófonos), nos dá a conhecer uma personagem que atua enquanto campeão rio-grandense e cujo nome é Nico Lessa. Seu adversário, tipicamente, não tem nome, é somente o castelhano. Bom, quando se indaga sobre a etimologia do antropônimo ‘Nicolau’, encontra-se, na maior parte das fontes consultadas, a informação de que o nome significaria “aquele que leva seu povo para a vitória”. Seria mesmo muito acaso que nosso Davi rio-grandense, nanico, velhito, com barbinha, o qual “abate” com tanto brio o Golias rio-platense, alto e guedelhudo, possuísse justamente um nome com esta significação sem que Simões tenha ponderado a sua escolha.

²⁴ Aquele “João Cardoso” histórico apontado por Carlos Reverbel e outros biografos de Simões compartilharia, portanto, com personagens literárias como o Bernabé de *Recordações gaúchas* (Luis Araujo Filho) a honra de ter inspirado o nome da personagem principal deste caso de Blau Nunes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Dando nomes aos bois: Dourado e Cabiúna

"Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada." Os nomes dos bois no conto "O boi velho" são, pois, Dourado e Cabiúna. Para mim, da mesma maneira que os antropônimos 'Tudinha' e 'Nadico' funcionam tanto de maneira autônoma quando em conjunto, "acolherados" um ao outro, o par formado pelos nomes dos bois me aparece como que uma espécie de espelhamento da dupla formada pelos bichos que, também ajunçados um com o outro, levam a família para o banho no rio. Novamente, vejo nestes nomes como elementos constituintes de uma vertente alegorizante embutida no texto dos *Contos*, notadamente em que nos remete a aspectos da história nacional e regional. Explico um pouco mais a propósito do nome de Cabiúna no comentário nº7 que evoca o uso de um vocabulário específico da escravização.

Idade do ouro → El dorado → Idade do couro.

'Dourado' evoca para mim uma idade, precisamente... de ouro. Integraria a representação do mundo (de um mundo) antes da picada de serpente – que lembramos, é a causa da morte de Dourado e reaparece sob diversas formas nos outros contos –, seja esse mundo a própria criação, a criança, a América indígena antes da conquista europeia ou qualquer outra alusão imagética a tempos idealizados.

A palavra 'Cabiúna', por sua vez, remeteria a outro elemento na composição populacional²⁵; isto, na medida em que, além de ser um fitônimo e de servir efetivamente (mimeticamente) para designar a cor de pelo de animais, o vocábulo também foi usado para se referir aos escravos trazidos clandestinamente da África para o Brasil depois da interdição do tráfico negreiro. Daí faria sentido manter o nome 'Dourado' sem mais preocupação, porém trocar o nome 'Cabiúna' por uma apelação com igual significação em francês. Ora, até agora, não me ocorreu nenhuma palavra em francês da metrópole ou do ultramar que, simultaneamente, tivesse uma consonância apta para evocar o mundo indígena, nomeasse uma espécie vegetal, fosse empregada para a cor do pelo bovino, tivesse designado os africanos trazidos para as Antilhas (ou a Guiana) depois da extinção oficial do comércio de escravos. Por conseguinte, embora a prática não seja sempre bem acolhida, resolvi manter o nome original na versão estrangeira, acompanhando uma explicação em nota de rodapé.

²⁵ Encontramos esta simbolização do "trio de base" – índio, africano, europeu – em outros contos, inclusive no conto "O Negro Bonifácio", no qual a origem das palavras também demonstra ser significante.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora, sempre pode se argumentar, contra esta decisão, que no texto de partida, tampouco é explícita esta possibilidade de sentido do nome ‘Cabiúna’, que, no máximo revestiria caráter alusivo, como que a revelia.

Carnagem no Jordão

Encaminhando-nos para a estória seguinte, na sequência dos causos apresentados na coletânea, encontramos o nome “Jordão”. Resulta-me difícil não ouvir ecos entre a maneira como Blau nos conta a massacre de milhares de cavalos na ocasião de uma voltada de eguada xucra e aqueles versos da Bíblia nos quais nos é narrada a chacina de milhares de efraimitas nas margens, precisamente... do rio Jordão.

“Eguada xucra, potrada orelhana, isso, era **imundície**, por esses campos de Deus; miles e miles!... [...] Quando era para limpeza, então tocava-se a eguada sobre um apertado qualquer, sobre uma sanga bem funda, grotta, manantial, sumidouro, e atirava-se aí pra dentro, para destroçar, para acabar, atirava-se aí para dentro toda a bagualada, que, do lance em que vinha, toda se afundava, amontoava, esmagava e morria, sem poder recuar, perdida pela sua própria brabeza, empurrada pelas pechadas dos que vinham, sarapantados, tocados de trás!...[...] Dessa feita, nos campos do major Jordão matamos pra mais de seis mil baguais”

E, saindo aqueles espíritos **imundos**, entraram nos porcos; e a manada se precipitou por um despenhadeiro no mar (eram quase dois mil), e afogaram-se no mar”. (Marcos 5:9.)

“4 E os gileaditas tomaram os vaus do Jordão a Efraim; e era que, quando algum dos de Efraim que havia fugido, dizia, passarei? Os de Gileade lhe perguntavam: És tu efraimita? Se ele respondia, Não; 6 Então lhe diziam: Agora, pois, dize, Chibolete. E ele dizia, Sibolete; porque não podia pronunciar daquela sorte. Então lhe lançavam mão, e lhe degolavam junto aos vaus do Jordão. E morreram então dos de Efraim quarenta e dois mil.” (Juizes 12: 4,5,6)

A tradição na qual se inscreve o próprio escritor e seus contos está imbuída de catolicismo. Então, seria necessário procurar não perder as remissões feitas pelo texto ao que Northrop Frye chamou de *Great Code*, inclusive porque este fervor católico é parte integrante da caracterização do narrador (muitas vezes protagonista de seus causos). Não cabe aqui enumerar as referências à Bíblia ou a outros aspectos da tradição católica, mesmo nas suas formas americanas, mas podemos pensar “Deve um queijo!”, por exemplo, como uma reescrita da história de Davi e Golias. Cabe frisar novamente que a incorporação de um texto em outro, (aqui o texto bíblico) não é somente uma questão de temática, mas diz também respeito a semelhanças estilísticas. Essas ressonâncias na formulação que aparecem com bastante nitidez no cotejo acima são mais ou menos da mesma ordem do que as que ressaltarei ao comparar trechos de “Os cabelos da china” e do conto “Rapunzel”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um campo de rosas

Pulando por cima de “Chasque do imperador”, texto no qual os nomes são principalmente empregados na sua função de designadores*, chegamos aos “Cabelos da china”, ao Picumã e a Rosa, a qual poderia ser vista como um rebento da roseira vermelha que se espalha e se espelha ao longo do conto “No manantial”. O nome da Rosa não traz dificuldade (ficará idêntico na versão francesa), mas a tradução do nome do pai encerra um pequeno problema. Tal entrave está relacionado à problemática maior da transferência das alcunhas ou cognomes. A particularidade aqui é que o narrador se dá o trabalho de mencionar a origem do apelido (cf. *Dom Casmurro* de Machado de Assis), e que essa explicação resulta incompreensível na versão francesa se não se explicita nela a relação entre ‘Picumã’, o nome próprio, e ‘picumã’, o nome comum (picumã, *la suie*). “[...] quem me ensinou a trançar, foi um tal Juca **Picumã** [...] Este índio Juca era homem de passar uma noite inteira comendo carne e mateando, contanto que estivesse acoc'rado em cima quase dos tições, curtindo-se na fumaça quente... Era até por causa desta catanga que chamavam-lhe - **picumã**.”

Da inconveniência de ter um pai chamado Severo.

O conto seguinte, “Melancia - Coco Verde”, sintomaticamente, levou-me para uma interrogação muito semelhante à que surgiu em relação ao problema da transferência de Picumã, uma vez que “Melancia” e “Coco verde” são explicitados por Blau Nunes como sendo cognomes, e mesmo codinomes, por Costinha e sua Talapa, nomes que, cada um, chegam para nós com os próprios questionamentos a respeito de uma motivação potencial (o diminutivo em Costinha, as possíveis significações de Talapa para o nome da moça?). Quanto ao nome do pai, Severo, é bem como o Ernest da peça de Oscar Wilde: mostra fazer jus ao seu nome, ou o nome mostra fazer jus ao seu dono.

Uma partida entre Arranhão, Chico Ruivo, Lalica e “o zorro”.

Em “Jogo do osso” ressurge o problema da tradução das alcunhas, o qual se cruza com a dificuldade específica que trazem para o tradutor francês os diminutivos e aumentativos, ‘Arranhão’, ‘Chico’, ‘Lalica’. No que diz respeito a ‘Arranhão’, a dedução mais plausível é que o bolicheiro seja conhecido sob esse apelido por causa de alguma cicatriz. Agora, essa cicatriz pode ser física (ele é “cuerudo”) ou moral (ele é cupido). A manutenção do nome na versão estrangeira não permite preservar tais sentidos. No limite da interpretação, Osoro, qualificado de ‘milongueiro’ por Blau, poderia se ler “O zorro”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Esta possibilidade se conservaria para alguns leitores franceses com a manutenção do nome original na versão estrangeira graças ao querido Don Diego de La Vega na adaptação que se fez para a televisão (*Zorro*) e que todos da minha geração conhecem.

Nomes de pássaros em “Penar de velho”.

A priori, ‘Binga’ enquanto nome de criança não chamaria tanto a atenção do leitor. Acontece que o tradutor, no seu afã de perceber algo mais do texto do que lhe proporcionara a primeira leitura, terá procurado o termo ‘binga’ nos dicionários e constatado que o vocábulo, além de várias acepções mais ou menos condizentes com o contexto do caso, já tem sido usado para se referir ao beija-flor. Ora, esta informação seria de pouca valia se a acepção em causa, coincidentemente, não se harmonizasse com uma variedade de elementos que participam da composição léxico-semântica do conto: a importância das aves no enredo, a caracterização que Blau faz do menino (“Guri levado da casqueira”, etc.). Enfim, há itens nessa composição que consolidam a hipótese de que esse nome próprio de ‘Binga’ para a personagem principal de “Penar de velho” possa ter a ver com diversas acepções do substantivo comum, ‘binga’.

Visto que algum jogo entre o nome próprio e o nome comum, bem como alguma sinalização para uma dimensão “cratílica” da linguagem, são recorrentes nos textos de Simões, e dado o estatuto de cognome de ‘binga’, a hipótese não me soou ser um disparate (cf. Rosa, rosa, Machado, machado, Cabiúna, cabiúna, Cardoso, cardos, etc.)

Não vou seguir mais adiante na demonstração, pois seria enfadonho continuar com esse elenco de nomes e de suas possíveis significações além da referência a tal ou tal personagem. Deve ter ficado claro que, para mim, a transferência dos antropônimos requer alguma investigação de conexões possíveis entre a escolha do nome de sua personagem por parte do escritor e outros elementos relevantes da composição léxico-semântica. Em alguns casos, o tradutor preferirá manter o nome original, em outros optará por operar alguma forma de adaptação do nome ao contexto linguístico-cultural que supostamente acolhesse a versão estrangeira.

Certo, sempre haverá o fato de a manutenção do nome original não permitir a manutenção da íntegra de suas significações para o leitor da versão estrangeira, visto que esse nome funciona no sistema do idioma de partida, e, por outro lado, deve-se admitir que a alteração (a modificação do nome original ou sua substituição por outro) meramente privilegia algumas significações sobre outras, sem nunca infelizmente conseguir abarcá-las todas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Elementos de bibliografia

Ballard, Michel. *Le Nom propre en traduction*. Paris : Ophrys, 2001.

Ballard, Michel. (2011). «Epistémologie du nom propre en traduction». *Translationes*. 3. 10.2478/tran-2014-0045.

Delesse, Catherine, Richet, Bertrand. *Le Coq gaulois à l'heure anglaise. Analyse de la traduction anglaise d'Astérix*. Arras: Artois Presses Université, 2009.

Mounin, Georges. *Les belles infidèles*. Lille: P.U.L., 1994 [1955].

Mounin, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*, Paris, Gallimard, 1963.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº3 - O NEGRO BONIFÁCIO

A partir daqui, dispense as ilustrações que oneravam por demais o presente documento, mas é de se imaginar que o esquema das ilustrações incorporadas ao texto da versão (ou dos links remetendo a um glossário ilustrado para uma versão *on-line*) seguiria igual para toda a coletânea. Continuei entretanto sublinhando as palavras que receberiam este tipo de explicitação... quando lembrei. O asterisco sinaliza uma nota de rodapé, na maior parte das ocorrências com o intuito de explicar algum traço cultural.

LE NÈGRE BONIFACIO

Se o negro era maleva ? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!

Ah si le nègre était une mauvaiseté ? Jésus Marie ! Un vrai démon ! mais vaillant aussi, ça oui ! Comme une taure !

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

La fois où il y a eu la grande course, entre le picaço du major Térêncio et le tourdille de Nadico (le fils d'Antunes le gros, un qui était boîteux) ; le jour de cette course, donc, eh bien c'est là que le nègre a montré ce qu'il avait dans les tripes. Mais il a été caipora*.

Escuite. A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos. Um cajetilha da cidade dumavez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos —pro caso— que tinha um que dizia que ela era uma

“..... chinoca airosa,

Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...”

Écoutez-donc. Toutina était la chinita* la plus candongueira* de ces parages. Un de ces jolis messieurs de la ville, un jour qu'il posait les yeux sur elle, lui a dédié quelques vers, joliment tournés d'ailleurs, et il y avait même un couplet qui disait qu'elle était :

«une bien mignonne chose,

ardente comme le soleil, aussi fraîche qu'une rose !... »

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E o sujeito quis retouçar, porém ela negou-lhe o estribo, porque já trazia mais de quatro pelo beijo, que eram dali, da querência, e aquele tal dos versos era teatino...

Et le galant a voulu caracoler, mais pas question qu'elle le laisse mettre le pied à l'étrier, non, parce que des amoureux, elle en avait déjà quatre qu'elle menait par le museau et qui étaient du coin alors que celui du poème, lui, venait d'ailleurs...

Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde. Tinha os pés pequenos e as mãos mui bem torneadas; cabelo cacheado, as sobrancelhas finas, nariz alinhado.

Fine, la taille enlevée, elle faisait penser à un palmier jerivá encore tout jeune, quand il balance sa cime verte, effleurée par une petite brise, d'après-midi. Elle avait les pieds petits et les mains bien faites; des cheveux bouclés, les sourcils fins et le nez droit.

Mas o rebenqueador, o rebenqueador ..., eram os olhos!...

Mais le coup de grâce, ce qui vous cravachait l'esprit pour de bon, c'étaient ses yeux !

Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos ... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo..., ouvindo mais que vendo...

Les yeux de Toutina ressemblaient à des yeux de veado-virá effarouché : noirs, immenses, avec une lueur à l'intérieur, timides et en même temps hardis... on aurait dit des yeux sans cesse en train d'écouter ...en train d'écouter plus que de voir...

Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju ...

Le visage de la couleur d'une pêche mûre; les dents blanches et brillantes comme les crocs d'un jeune chien; et les lèvres de la métisse devaient être tendres comme du trèfle, sucrées comme du miel d'abeille mirim et fraîches comme la pulpe du guabiju.

E apesar de arisca, era foliona e embuçalava um cristão, pelo só falar, tão cativo...

Et malgré ses airs farouches, elle aimait s'amuser et elle vous passait la bride à n'importe quel chrétien rien qu'à la voix tant elle l'avait captivante.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No mais, buenaça, sem entono; e tinha de que, porque corria à boca pequena que ela era filha do capitão Pereirinha, estancieiro, que só ali, nos Guarás, tinha mais de não sei quantas léguas de campo de lei, povoado, O certo é que o posto em que ela morava com a mãe, a sia Fermina, era um mimo; tinha de um tudo: lavoura, boa cacimba, um rodeíto manso; e a Tudinha tinha cavalo amilhado, só do andar dela, e alguma prata nos preparos.

Et pour le reste, une fille gentille, pas prétentieuse pour un sou ; et pourtant elle aurait eu de quoi, parce le bruit courait qu'elle était la fille du capitaine Pereirinha, estancieiro, qui rien que par là du côté des Guarás, possédait je n'sais combien de lieues de bonnes terres, toutes avec du bétail dessus. Ce qui est sûr, c'est que l'endroit où elle habitait avec sa mère, m'ame Fermina, aux confins* de l'estância, était très coquet ; rien n'y manquait: champs, fontaine, quelques chevaux dociles et Toutina en avait même un à elle, nourri au maïs, qu'elle seule montait, et sur le harnais duquel on pouvait voir briller quelque argent.

Pareceças, isso, tinha, e não pouco, com a gente do capitão...

Qu'elle avait un air de ressemblance, et même plus qu'un air, avec la famille du capitaine, ça...

O velho, às vezes, ia por lá, sestear, tomar um chimarrão...

Parfois, le vieux leur rendait visite, restait là faire la sieste ou siroter un chimarrão...

Pois para a carreira essa, tinha acudido um povaréu imenso.

Eh bien, pour cette course dont je vous parle, les gens étaient venus en foule de partout.

E ela veio, também, com a velha. Velha, é um dizer, porque a sia Fermina ainda fazia um fachadão...

Et donc elle s'y est rendu, elle aussi, accompagnée de la vieille. Vieille, façon de parler parce que sia Ferminha présentait encore très bien...

E deu o caso que os quatro embeçados também vieram, e um, o mais de todos, era o Nadico.

Et voilà pas que ces quatre là qu'elle menait par le museau sont venus pour la course, et Neantino était le plus entiché des quatre.

E sem ninguém esperar, também apareceu o negro Bonifácio.

Et sans que personne ne s'y attende, figurez-vous que le nègre Bonifácio y a fait aussi son apparition.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

É assim que o diabo as arma...

Eh oui, c'est comme ça que le Diable fait sa trame...

Escuite.

Ecoutez-donc

O negro não vinha por ela, não; antes mais por farrear, jogar e beber: ele era um perdação pela cachaça e pelo truço e pela taba.

Le nègre ne venait pas pour elle, non ; il venait plutôt pour festoyer, jouer et boire, incapable qu'il était de résister à une bouteille de cachaça, ou bien à une partie de truc ou de taba.

E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabricano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho , e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo!...

Et bien monté qu'il venait, sur un cheval lobuno rabricano, haut de paturons, une poitrine de pigeon et des oreilles fines, comme des ciseaux, la crinière tondué jusqu'à mi-encolure, et la queue tressée en trois brins et relevée bien haut, « là où chante le coq » comme on dit par chez nous !

E na garupa, mui refestelada, trazia uma chirua, com ar de querendona...

Et en croupe, bien à son aise contre lui, il amenait une chirua*, qui avait des airs d'être son amoureuse...

Eta! negro pachola!

Voyez-moi ça ! Quel nègre fanfaron !

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morradas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado , com o nó republicano ; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino!

Sur la tête, un chapeau à larges bords, maintenu par un cordon en cuir à large liseré qui lui passait sous le nez ; au cou un mouchoir rouge, noué à la républicaine : à la ceinture un tirador en cuir de loutre avec un revers de taffetas bleu et autant d'estafilades que de taches sur la robe d'un bœuf salino.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E na cintura, atravessado com entono, um facão de três palmos, de conta.

Et, passé crânement en travers de la ceinture, un grand coutelas d'au moins trois palmes de long, bien en vue.

Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguém.

Quand il était de parade, il se tenait à l'écart des autres, et quand il parlait, c'était d'une voix forte et rude sans regarder personne.

Era um governo, o negro!

Ah c'était quelque chose que ce nègre !

Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudinha... e tirando-se dos seus cuidados encostou o cavalo rente no dela e aí no mais, sem um "Deus te salve!" sacudiu-lhe um envite para uma paradita na carreira grande.

Bon, eh bien, après s'être montré un peu, le nègre fait descendre la métisse du cheval et, déjà éméché, il commence à tourner autour de Toutina... Et, sortant de sa réserve, il arrête son cheval juste à côté du sien et là, sans même la saluer, voilà qu'il lui largue une invitation à parier avec lui sur le vainqueur de la grande course.

A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado e não se deu por achada ; ele repetiu o convite da aposta e ela então (depois explicou) de puro medo aceitou, devendo ganhar uma libra de doces, se ganhasse o tordilho. O tordilho era o do Nadico.

La jeune fille lui jette un regard de ses yeux de chevreuil effarouché et fait celle qui ne comprend pas ; il répète alors sa proposition et elle, eh bien elle, uniquement parce qu'il lui fait peur (comme elle l'a expliqué plus tard) accepte le pari, qui lui vaudra une livre de confiseries si c'est le tordille de Nadico qui gagne.

Ficou fechado o trato.

Bref, le pari est pris.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O negro -- era ginetão! -- deu de rédea no lobuno, que virou direito, nos dois pés, e já lhe cravou as chilenas, grandes como um pires, e saiu escaramuçando, meio ladeado!

Le nègre —excellent cavalier— tire sur les rênes de son cheval et le fait pivoter sur ses pattes arrière, puis il lui enfonce dans les flancs ses éperons chiliens grands comme des soucoupes et s'éloigne en caracolant, légèrement de travers.

Os quatro brancos se olharam... o Nadico estava esverdeado, como defunto passado...

Les quatre blancs se regardent... Neantino était vert, comme un défunt de plusieurs jours...

A Tudinha pegou logo a caturritar, e a cousa foi passando, como esquecida.

Mais Toutina recommence aussitôt à gazouiller et la chose en reste là, comme oubliée.

Mas, quê!... o negro estava jurado...

Mais que voulez-vous ! Ils l'avaient déjà condamné, le nègre...

Escuite.

Ecoutez la suite :

Entraram na cancha os parelheiros, todos dois pisando na ponta do casco, mui bem compostos e lindos, de se lavar com um bochecho d'água.

Les chevaux de course sont entrés en piste, sur la pointe des sabots, préparés à merveille et superbes, de se bouchonner avec un filet d'eau claire pas plus.

Fizeram as partidas; largaram; correram: ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho.

On fait les courses d'essai; on lâche les chevaux pour la grande course, ils courent, et c'est le cheval de Neantino, le tourdille, qui l'emporte d'une tête.

Depois rompeu um vozerio, a gente desparramou-se, parecia um formigueiro desmanchado; as parcerias se juntaram, uns pagavam, outros questionavam.... mas tudo se foi arreglando em ordem, porque ninguém foi capaz de apontar mau jogo.

Et c'est un tohu-bohu : les gens s'éparpillent; on aurait dit une fourmilière éventrée ; les parieurs se retrouvent, les uns payent, les autres réclament... mais tout finit par rentrer dans l'ordre parce que personne ne peut vraiment dire qu'il y a eu tricherie.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E foi-se tomar um vinho que os donos da carreira ofereceram, como gaúchos de alma grande, principalmente o major Terêncio, que era o perdedor.

Et alors on va boire un verre de vin à la santé des concurrents, des gauchos au grand cœur, surtout le major Terêncio, qui était le perdant.

E a Tudinha lá foi, de charola.

Et Toutina suit le mouvement emportée par ses prétendants comme une madonne dans une procession...

No barulho das saúdes e das caçoadas, quando todos se divertiam, foi que apareceu aquele negro excomungado, para aguardar o pagode. Esbarrou o cavalo na frente do boliche; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu a Tudinha: havia perdido, pagava...

Dans le brouhaha des verres levés à la santé des uns et des autres et des plaisanteries, alors que tout le monde s'amuse, eh bien c'est là que ce nègre endiablé fait son apparition pour gâcher la fête. Il stoppe net son cheval devant le boliche* ; il a à la main un mouchoir rempli de bonbons qu'il tend à Tudinha : il a perdu, il paie sa mise...

A morocha parou em meio um riso que estava rindo e firmou nele uns olhos atravessados, esquisitos, olhos como pra gente que já os conhecesse.., e como sentiu que o caso estava malparado, para evitar o desaguisado, disse:

La morocha* s'est arrêtée en plein milieu de son rire, et elle le fixe avec des yeux de travers, étranges, des yeux comme pour quelqu'un qui les connaîtrait déjà... et parce qu'elle sent que les choses prennent mauvaise tournure, pour éviter une offense, elle lui dit :

- Faz favor de entregar à mamãe, sim?!...

- Donnez-les à ma mère, pour moi, vous voulez bien ?

O negro arreganhou os beiços, mostrando as canjicas, num pouco caso e repostou:

Le nègre retrousse les lèvres, découvre ses dents en un sourire insolent et lui répond :

- Ora, misturada !..., eu sou teu negro, de cambão !... mas não piá da china velha ! Toma!

- Écoute bien, la sang-mêlée !... Je suis ton nègre, sous ton joug ! Mais sûrement pas le valet de ferme de la vieille ! Prends-donc !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E estendeu-lhe o braço, oferecendo o atado dos doces.

Et il tend le bras, avec les confiseries nouées dans son mouchoir.

Aqui, o Nadico manoteou e no soflagrante sopesou a trouxinha e sampou com ela na cara do muçum.

Et c'est à ce moment que Neantino s'empare brutalement du paquet et le jette avec force au visage du muçum*.

Amigo! Virge' nossa senhora!

Eh bien ça mon ami ! Jésus Marie Joseph !

Num pensamento o negro boleou a perna, descascou o facão e se veio!...

En un clin d'œil, le nègre avait bondi du cheval, tiré le coutelas et s'avancait sur lui !

O lobuno refugou, bufando. Que peleia mais linda!

Le lobuno* recule en renâclant. Ah si vous aviez vu ce combat !

Vinte ferros faisaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido.

Vingt lames étincellent en même temps; c'est Neantino, c'est les autres amoureux de Toutina et c'est d'autres encore qui avaient des comptes à régler avec ce moricaud arrogant.

Perto do negro Bonifácio, sentado sobre um barril, sem ter nada que ver no angu, estava um paisano tocando viola: o negro -- pra fazer boca, o malvado! -- largou-lhe um revés, tão bem puxado, que atorou os dedos do coitado e o encordoamento e afundou o tampo do instrumento!...

À côté du nègre Bonifacio, assis sur un tonneau, complètement étranger au grabuge, un gars jouait de la guitare. Voilà pas que le nègre —pour se mettre en bouche cette teigne — lui lâche un revers de sabre, avec tant de force qu'il tranche les doigts du malheureux et les cordes de sa guitare, et défonce la caisse de l'instrument !...

Fechou o salseiro.

C'est le signal de la mêlée.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O Nadico mandou a adaga e atravessou a pelanca do pescoço do negro, roçando na veia artéria; o major tocou-lhe fogo, de pistola, indo a bala, de refilão, lanhar-lhe uma perna.., o ventana quadrava o corpo, e rebatia os talhos e pontações que lhe meneavam sem pena.

Neantino se fend et sa dague traverse le gras du cou du nègre, manquant de peu la carotide ; le major lui tire dessus avec son pistolet et la balle lui érafle la jambe. Mais le gaillard se met en garde et repousse les coups de pointe et de taille qu'on lui distribue de tous côtés.

E calado, estava; só se via no carão preto o branco dos olhos, fuzilando...

Et tout ce temps, il ne dit pas un mot le nègre ; tout ce qu'on voit dans sa grosse figure noire, c'est le blanc de ses yeux qui lancent des éclairs.

Ai!...

Aïe...

Foi um grito doido da Tudinha... e já se viu o Nadico testavilhar e cair, aberto na barriga, com a buchada de fora, golfando sangue!...

C'est Toutina qui a poussé un cri de désespoir... et l'on voit Neantino trébucher et tomber, le ventre ouvert, les tripes à l'air, son sang qui gicle.

No meio do silêncio que se fez, o negro ainda gritou:

Au milieu du silence qui se fait, le nègre trouve encore le moyen de crier:

- Come agora os meus sobejos!...

- Eh bien, vas-y maintenant, régale-toi de mes restes !

Depois, roncou, tal e qual como um porco acuado... e então, foi uma cousa bárbara!...

Puis il pousse un grognement, comme un porc acculé... et alors, l'affaire se transforme en massacre !

Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou estivado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto.

En quatre coups d'épaule, il fend la foule des assaillants, mutilant çui-ci, tailladant çui-là, embrochant cet autre ; le temps que le diable se frotte les yeux et voilà le sol jonché d'estropiés, et le sang qui coule à flots dans ce petit espace.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

É verdade também que ele estava todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiuno empacador : mas não quebrava o corincho, o trabuzana !

Il faut dire que lui aussi était couvert de blessures : son visage, ses bras, sa chemise, son tablier de cuir, ses jambes, montraient plus d'estafilades que les flancs d'un canasson rêtif mais il ne perdait rien de sa superbe, le fier à bras.

Aquilo seria por obra dalguma oração forte, que ele tinha, cosida no corpo.

Ce devait être le charme d'une puissante prière, qu'il portait, cousue dans sa chemise.

A esse tempo, era tudo um alarido pelo acampamento; de todos os lados chovia gente no lugar da briga.

À cet instant, c'était un remue-ménage de tous les diables dans le campement ; des gens accouraient de partout sur le lieu du combat.

A Tudinha, agarrada ao Nadico, com a cabeça pousando-lhe no colo, beijando-lhe ela os olhos embaciados e a boca já morrente, ali, naquela hora braba, à vista de todo o mundo e dos outros seus namorados, que se esvaíam, sem um consolo nem das suas mãos nem das suas lágrimas, a Tudinha mostrava mesmo que o seu camote preferido era aquele, que primeiro desfeiteou e cortou o negro, por causa dela...

Toutina, qui serrait Neantino dans ses bras et lui tenait la tête sur ses genoux, et lui baisait les yeux déjà vitreux et la bouche déjà mourante, là, en cet instant terrible, à la vue de tout le monde et de ses autres amoureux, qui agonisaient eux-aussi mais sans un geste ni une larme de consolation de sa part, Toutina montrait ainsi que celui qui avait sa préférence, c'était bien lui, lui qui avait le premier défié le nègre et l'avait tailladé à cause d'elle.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi então que um gaúcho gadelhudo, mui alto, canhoto, desprende da cintura as boleadeiras e fê-las roncar por cima da cabeça... e quando ia a soltá-las, zunindo, com força pra rebentar as costelas dum boi manso , e que o negro estava cocando o tiro, de facão pronto pra cortar as sogas ... nesse mesmo momento e instante a velha Fermina entrou na roda, e ligeira como um gato, varejou no Bonifácio uma chocolateira de água fervendo, que trazia na mão, do chimarrão que estava chupando...

C'est alors qu'un grand chevelu a décroché de sa ceinture ses boleadeiras et les a fait tourner au-dessus de sa tête de la main gauche... et au moment où il allait les lancer, bourdonnantes, avec assez de force pour fracasser les côtes d'un bœuf de trait, et que le nègre guettait le tir, le coutelas déjà levé pour couper les cordes... À cet instant même, donc, la vieille Fermina est entrée dans la danse, agile comme un chat, et a lancé sur Bonifácio une pleine chocolatière de l'eau bouillante dont elle mouillait son maté.

O negro urrou como um touro na capa...; a rumo no mais avançou o braço, e fincou e suspendeu, levantou a velha, estorcendo-se, atravessada no facão até o esse ...; ao mesmo tempo, mandado por pulso de homem um bolaço cantou-lhe no tampo da cabeça e logo outro, no costilhar , e o negro caiu, como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuda, mexendo em tremura uma perna, onde a roseta da chilena tinia, miúdo...

Le nègre a hurlé comme un taureau en train de se faire castrer... ; il a tendu brusquement le bras à l'aveuglette, transpercé, suspendu, levé en poids la vieille qui se tordait sur le coutelas qu'elle avait enfoncé dans la poitrine jusqu'à l'S de la garde... ; au même instant, une boule lancée avec force l'a atteint sur le haut du crâne et une autre dans les côtes et le nègre s'est effondré, comme un bœuf assommé, la bouche ouverte, la langue pointue, une jambe agitée de tremblements qui faisaient tintinabuler la rosette de son éperon...

Patrício, escuite !

Écoutez-bien l'ami !

Vi então o que é uma mulher rabiosa...: não há mania nem buçal que sujeite: é pior que homem!...

Et là j'ai vu ce que c'est qu'une femme en colère... ; Pas de bride ni de frein qui la retienne : pire qu'un homme !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A Tudinha já não chorava, não; entre o Nadico, morto, e a velha Fermina estrebuchando, a morocha mais linda que tenho visto, saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte... e por fim, espumando e rindo-se, desatinada, bonita, sempre! -- ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco (você compreende?...) e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer esfaquear uma coisa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...

Toutina ne pleurait plus, non : entre Neantino, mort, et la vieille Fermina secouée par de derniers soubresauts, la métisse la plus jolie qu'il m'ait été donné de voir bondit sur Bonifácio, arrache le coutelas de sa main sans force et lui en crève les yeux, lui porte mille coups au visage, ... et enfin, l'écume aux lèvres, riant d'un rire éperdu mais toujours si jolie, elle s'agenouille à côté du corps, empoigne le coutelas comme quelqu'un qui vous plante un pieux, tâte de la pointe au niveau de la vessie du nègre, un peu plus bas, si vous voyez ce que je veux dire... Et non pas une fois mais deux, dix, vingt, cinquante fois, elle plante la lame affilée, comme on s'acharne sur une vipère cruzeira* que l'on veut détruire au fond de sa tanière... comme on déchiquette une chose immonde... comme on réduit en miettes une parure jadis chérie et maintenant détestée.

Em roda, a gauchada mirava, de sobrelhas rugadas, porém quieta: ninguém apadrinhou o defunto.

Autour d'elle, les gauchos regardent, les sourcils froncés mais sans dire un mot et personne ne fait un geste pour l'éloigner du défunt.

Nisto um sujeito que vinha a meia rédea sofreu o cavalo quase em cima da gente: era o juiz de paz.

Sur ce, un cavalier qui arrivait au galop freine brusquement son cheval, pratiquement au-dessus de la foule : c'est le juge de paix.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsiar a Tudinha; que ao depois tomara novos amores com outra fulana, uma piguancha de cara chata, beijuda; e que naquele dia, para se mostrar, trouxera na garupa a novata, às carreiras, só de pirraça, para encanzinar, para tourear a Tudinha, que bem viu, e que apesar dos arrastados de asa daquela moçada e sobretudo do Nadico, que já a convidara para se acolherar com ele, sentira-se picada, agoniada da desfeita que só ela e o negro entendiam bem...; por isso é que ela ficou como cobra que perdeu o veneno ...

Plus tard, on a su que le nègre Bonifácio était le premier à avoir... à avoir apprivoisé Toutina et qu'ensuite, il l'avait délaissée pour une autre, une piguancha au visage aplati et aux grosses lèvres; et que ce jour-là, histoire de se montrer, il avait amené sa nouvelle conquête en croupe, sur le champ de course, juste pour la provoquer, elle, Toutina, la faire enrager, la toréer quoi, elle qui, malgré la cour que lui faisaient ses prétendants, et surtout Neantino, qui lui avait déjà proposé de se mettre en ménage avec lui, s'était sentie humiliée, outragée par l'affront qu'elle seule et le nègre pouvaient vraiment comprendre... : c'est pour ça qu'elle est devenue comme un serpent qui aurait perdu son venin.

Escuite.

Écoutez-donc

Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?...

Jusqu'à aujourd'hui, ça continue de m'intriguer : comment une morena aussi jolie a-t-elle pu céder à un nègre aussi vilain ?

Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçudo e ela, franzina?... Seria por...

Par peur, parce qu'elle le savait mauvais ? Parce qu'elle était gamine et innocente? Parce que c'était une brute et qu'elle, elle était si menue ? Ou bien alors...

Que, de qualquer forma, ela vingou-se, isso, vingou-se...; mas o resto que ela fez no corpo do negro? Foi como um perdão pedido ao Nadico ou um despique tomado da outra, da piguancha beijuda?...

Quoi qu'il en soit, elle l'a eue sa vengeance, on peut le dire... quand même, la façon dont elle s'est acharnée sur la dépouille du nègre ? C'est comme si elle demandait pardon à Neantino ou bien se vengeait de l'autre, sa rivale aux grosses lèvres.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ah! mulheres!...

Ah les femmes !

Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro ...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...

Qu'elles soient estancieiras ou péones, c'est du pareil au même... Toutes des animaux capricieux ... La plus sainte a en elle plus de malice qu'un vieux zorro !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº4 - Ritmos

Texto e pretexto: “No manancial”. A bela desaparecida (cf. a analogia entre o fuso do tear — o sangue da puberdade — e a rosa vermelha).

Foco do estudo tradutológico: translação de elementos rítmicos para a versão estrangeira.

Quem canta pra tu ouvires
Devia morrer cantando...
Pois quando daqui saíres,
Do cantor vais te olvidando;
E, pode ser que morrendo,
Dele então tu te lembrasses:
Se visses outro defunto,
Ou se outra vez tu dançasses...
Minha voz no teu ouvido,
Soluçaria de dor,
Não por deixar a vid...

É uma constatação unânime! A canção é inegavelmente uma das grandes sacadas da cultura brasileira. Uma vez que os *Contos gauchescos* incorporam trechos de canções, fui levado a me perguntar quais poderiam ser outros elementos de manifestação do ritmo em um texto em prosa como o de Simões Lopes Neto.

Um dos ângulos selecionados para esta abordagem é a interligação entre esquemas semânticos e esquemas rítmicos. Em particular, debrucei-me sobre um fenômeno já amplamente comentado da composição gauchesca: o emprego de formas sentenciosas com o intuito múltiplo de emular uma situação de oralidade (estimulação da memória), e dar um tom mais autêntico na representação de um ambiente rural/popular (reprodução literária da transmissão da sabedoria popular através dos adágios, ou da cultura popular através de formas como a pajada, etc.). Assim, certas construções do ritmo incorporadas na escrita das narrativas seriam um recurso a mais na (ilusão de?) legitimação do texto enquanto produto “gauchesco”. Ainda mais porque inscrevem no texto como que parte do fôlego da língua, ou da sua pulsação, ou seja, elementos primários e primordiais que interconectam, quase ritualmente, um idioma à cultura que o produziu.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que isso interessa à tradução? Em muito. Um exemplo talvez seja mais esclarecedor do que outro tipo de explicitação.

Em construções do tipo seguinte, vê-se trasladada para a prosa, conspicuamente, uma estrutura rítmica bem específica, que é a do dizer expressado sob a forma de um dístico:

Tinha marca na paleta, mas não era tambeiro (“No manancial”)

Tinha pinta de tambeiro (mas) **era touro cupinudo**. (“Deve um queijo!”)

Percebe-se imediatamente que a oração, construída à imitação de uma modalidade de expressão poética tradicional no mundo pampiano (a copla, i.e., neste caso, um dístico composto de duas redondilhas maiores) e remetendo ostensivamente àquele acervo paremiológico, gnômico, enfim predominantemente “locucional” e extremamente idiomatizado ao qual me referirei constantemente no curso deste trabalho, alicerça-se sobre a duplicação de uma estrutura idêntica do ponto de vista da organização rítmica.

Este tipo de repetição marca, em particular, o caráter poético (poético-popular?) da formulação, ainda mais porque ocorre de a redondilha maior ter mostrado ser a forma preferida, declinada em décimas Espinela, tanto da payada rio-platense quanto da pajada rio-grandense. As duas citações acima são um exemplo de construção particularmente, para não dizer ostensivamente, ritmada (no sentido de “versificada”). Remetem a diversos elementos essenciais da relação língua/cultura, entre outros, o ritmo inerente à língua (o português tendo uma prosódia bem marcada, à diferença do francês que, em princípio, não tem acento tônico marcado na realização sonora das unidades lexicais), as formas de expressão artística (a pajada, o desafio, o repente, etc.), a ligação entre prosa e poesia (elementos de uma versificação, “não tão ostensiva assim”, embutida na prosa), a expressividade e a dimensão iconizante.

Assim, tais formulações em caráter aforístico que caracterizam boa parte da produção de temática rural, inclusive campeira e gauchesca, contribuem para dar aquela cadência especial da fala e da escrita, notadamente quando o narrador é rural, campeiro ou gauchesco, como o é Blau Nunes. O maior problema aqui talvez seja que, como apontei acima, o francês, à diferença do português, não possui prosódia marcada. Assim, procura-se guardar algo do ritmo original pelo número de sílabas e, sobretudo, pela segmentação da fraseologia que decorre da organização em colocações, posições, orações subordinadas ou participiais, etc., isto junto com o uso da pontuação.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conforme assinali no comentário nº2, que versa sobre a intertextualidade, os esquemas rítmicos reduplicam de alguma maneira a informação veiculada por outros elementos da composição textual (cf. o cotejo entre a formulação na versão de Rapunzel dos irmãos Grimm e na formulação simoniana em “Os cabelos da china” que aparentam tanta semelhança). Assim, poderíamos postular alguma relação formal e significativa, junto com determinado uso do léxico, na alternância entre enunciados privilegiando o agrupamento prosódico em segmentos de dez sílabas métricas, esquema que se tem afirmado enquanto forma bastante preferencial ao longo da história da consolidação da língua portuguesa, e entre segmentos de sete sílabas métricas que, conjeturo, se pautassem antes no molde do verso de *redondilla mayor* castelhana, (ou seja, versos octossilábicos no sistema de escansão espanhol).

Um pouco da mesma maneira como a inclusão dos platinismos vem “pampanizar” o texto no sentido de matizar seu caráter nacional com um caráter regional que seja também inter-regional (transcendendo a divisão *gaucho/gaúcho* pela representação de um mundo gauchesco compartilhado), a incorporação de esquemas rítmicos suscetíveis de evocar a proximidade rio-platense, notadamente a redondilha maior ou heptassílabo²⁶ concorre para uma maior integração de um sistema “gauchesquizante” em ação na escrita. Estes intercâmbios no fazer poético são, aliás, fenômenos bem correntes aqui no sul do continente com o constante contrabando das formas versificadas de um lado para outro.

Idealmente, haveria de se procurar repassar algo desta presença rítmica do espanhol no português de Blau Nunes, mas ainda não resolvi o problema, que se ampara, ultimamente, na questão mais abrangente das configurações de superposições de línguas ou de variedades de línguas. Sem falar que a questão da transferência das estruturas cadenciantes da fala de Blau já é um assunto complexo, pois a versificação embutida nos textos em prosa se arrima não somente a tradições poéticas profundamente enraizadas nas vivências das comunidades que adotaram, ou a que foram impostos os seus idiomas mais representativos, mas também na própria história da formação desses idiomas e dos fundamentos, digamos, rituais que talvez um dia tenham presidido ao gradual acompanhamento do gesto pela palavra. Na verdade, haveria de se fazer um trabalho mais aprofundado na identificação dos ritmos, quase que escandindo a íntegra do texto, e mesmo assim, nada garante o sucesso da translação.

²⁶ É o verso preferido da paja gaúcha que se pauta na tradição rio-platense. A maior parte da produção de Jayme Caetano Braun, por exemplo, está composta essencialmente de décimas e oitavas em redondilha maior, bem conforme, por conseguinte ao modelo vigente nas payadas do lado de lá (“aqui me pongo a cantar...”)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E sobre a transferência?

Repito, há, neste quesito da transferência do ritmo, um obstáculo bem conhecido que se levanta perante o tradutor do português para o francês. É a ausência de sistema prosódico marcado na língua alvo quando a língua fonte, ao contrário, demonstra ter uma organização na qual elementos como o lugar dos acentos tônicos desempenha papel relevantíssimo.

A marcação rítmica, notadamente quando se efetiva mediante esquemas que se baseiam na distribuição entre sílabas tônicas e sílabas átonas, ou entre sílabas breves e sílabas longas, sofre inevitavelmente alterações brutais ao se passar o texto de uma mídia como o português, o espanhol, o italiano, o inglês para um idioma como o francês.

Entretanto, o acento tônico não é, obviamente, o único componente da organização rítmica da fraseologia. Também relevante é a divisão da sentença em segmentos sintáticos menores (oração, predicado, grupo nominal, grupo adjetival, etc.). Neste respeito, o francês e o português aparentam semelhança o bastante para que se possa conservar parte da organização rítmica do texto original, conquanto que se procure manter, mesmo que aproximativamente, a organização sintática e silábica (“comprimento” das palavras) na versão estrangeira.

Nisto, é indubitavelmente de primeira importância o cuidado com outros elementos de marcação na dicção da frase, como a pontuação.

Com efeito, apesar de os signos de pontuação terem significação diferente de um idioma para outro – a vírgula, o ponto vírgula, a reticência, etc., não possuem exatamente o mesmo valor em francês, português, alemão, inglês, etc. –, eles não deixam de indicar tanto na língua fonte quanto na língua alvo uma correspondência entre a organização sintática e a atualização acústica (sonora ou mentalizada), a dicção, digamos, do enunciado escrito. Conforme tentei mostrar no comentário que versa sobre o caráter cinematográfico da escrita de Simões, o cadenciamento da frase é muito diferente segundo o teor da narrativa. Aqui, a descrição dos pampas estendo-se até o horizonte ou de um acampamento com os soldados descansando ao redor dos fogões, ali a de um combate ou de um rodeio de cavalos selvagens. Confesso que não prestei a devida atenção à pontuação, salvo às reticências que me contentei em reproduzir. Com certeza, caberia dentro de um estudo da tradução do português do Brasil para o francês da França, um comentário sobre as diferenças no uso da pontuação e sobre possíveis estratégias de transferência dos signos. Infelizmente, não foi possível investigar mais a fundo este “ponto” no âmbito do projeto doutoral.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ritmo e repetição

De certa maneira, a questão do ritmo cabe na alçada do estudo do uso das repetições, quer justamente no quesito das batidas da fala, quer na reiteração de esquemas particulares (em matéria de comprimento, densidade, etc.) na organização fraseológica em segmentos delimitados pelos signos de pontuação. Vale frisar que, nesta perspectiva, ao estudo dos esquemas rítmicos conviria associar outros cuidados, como, por exemplo, a devida consideração para com os esquemas rítmicos que também participam do ordenamento do enunciado e são parte integrante dos recursos de cadenciamento da frase.

Cumprido frisar que, entrançados nos esquemas rítmicos, e também conspicuamente associados a formas da repetição, os esquemas rítmicos participam da integração dos regionalismos, sejam palavras autônomas, locuções, formas gramaticais... Insisti sobre a relevância de constelações paronímica-semânticas que participam de redes significantes de maior escala (a sequência ‘china’, ‘piguancha’, ‘guincha’, p. ex. no encadeamento consonântico que acompanha a metáfora zoomorfizante da analogia entre a condição humana e a condição animal), mas o trabalho da sonoridade do texto vai bem além desses sistemas de reverberação acústica. As configurações que envolvem a reiteração de sons particulares, assonâncias, aliterações, e rimas são bem presentes na composição dos textos simonianos. Essas configurações revestem as formas mais diversificadas e caberá, em outro trabalho, indagar sobre as possibilidades de sua transferência para a versão estrangeira.

Neste ínterim, gostaria de seguir de enfatizar alguns pontos intimamente vinculados, a meu ver, com a questão do ritmo e que tangem ao que Haroldo de Campos já chamou de “coreografia logopaica” das palavras²⁷. Tenho de fazer uma ressalva aqui. Dificilmente meu esforço de tradução refletirá as posições do mestre Haroldo de Campos, nem que seja por dois fatores óbvios. Ele foi poeta e dedicou muitos de seus empreendimentos tradutórios à elaboração de versões de poemas. Nunca escrevi um poema, e o texto a que dediquei este projeto, por mais que integre uma componente poética inegável, não é um poema. Isto não impede de se valer de *insights* preciosos que encontramos na produção ensaística de Haroldo de Campos, especialmente em se considerando a multiplicidade de aspectos que são transversais tanto à escrita de poemas propriamente ditos quanto à escrita de textos literários em prosa.

²⁷ “homologias fônicas, homologias sintáticas (coreografia logopaica), homologias visuais. Dessa conjunção irradiante pode decorrer toda uma ars poetica. Transcodagem, Tropismo. Tradução.” Haroldo de Campos, *A operação do texto*, São Paulo. Perspectiva, 1976.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A transferência dos esquemas rítmicos na tradução. Um exemplo.

Seja na modalidade de remissões explícitas em determinadas formas musicais – como por exemplo, poderia ser o caso no que diz respeito a citações de canções, as quais são formas literárias musicadas²⁸ ou musicáveis, ostensivamente anunciadas ou reconhecíveis como tais (“E garganteava umas coplas que tinha aprendido na véspera, quando dançava a tirana e se divertia...”), seja pela integração, talvez menos visível para o não iniciado, de esquemas próprios de composições musicais (clássicas, regionais, eruditas, populares, etc.), a questão da transferência para uma versão estrangeira de esquemas rítmicos embutidos no texto original não deixa de nos levar, na maior parte dos casos, para uma reflexão bem mais abrangente sobre o que é a dimensão rítmica do texto literário.

Não custa ressaltar novamente, a propósito, que conceituados especialistas da tradução literária há muito têm insistido na necessidade de prestar, ou de recomeçar a prestar, devida atenção aos elementos rítmicos na composição dos textos, tanto na língua de partida (identificação e interpretação) quanto na língua de chegada (transferência). Não pretendo emular estes especialistas cujos trabalhos abarcam anos de estudos aprofundados dos fenômenos investigados e se apoiam, na maior parte deles, sobre fundamentos filosóficos e conhecimentos artísticos que fogem da alçada deste trabalho. Este projeto é de resto muito mais voltado, por seu propósito (a produção efetiva de uma versão estrangeira²⁹), para uma aplicação prática da reflexão do que para uma teorização. No contexto francófono, um dos primeiros nomes a vir à tona nesta área particularmente complexa dos estudos da tradução é indubitavelmente o de Henri Meschonnic que se empenhou em recolocar a questão do ritmo no centro das preocupações dos tradutores. Como não é o objetivo deste trabalho levar o leitor para uma reflexão demasiada puxada sobre tal ou tal aspecto particular da tradução, o que eu não seria capaz de fazer de toda maneira, não vou me lançar numa investigação com o fito de teorizar, mas, sim, tentar apontar alguns elementos do texto de Simões que me parecem, precisamente, ser relacionados com a questão de se e como (e, eventualmente em que grau ou medida) se deve levar em conta no âmbito do processo tradutório os esquemas rítmicos (ou mesmo prosódicos) “detectados” no texto a ser traduzido.

²⁸ Na verdade, nada, no texto literário, distingue a canção da poesia. A canção no texto em prosa inevitavelmente perde seus aspectos cantados (esquemas melódicos em particular). Em geral, o leitor fica sabendo que se trata de uma canção porque o narrador o informa do fato — o leitor “computando” esta informação na sua “máquina” de apreensão e processamento do texto e até talvez inventando para si uma melodia para a dita canção. No caso de um texto como o de Simões, bem que a citação de canções podia apelar para a memória dos leitores iniciais.

²⁹ Voltarei para este assunto, mas o prazo de produção da versão estrangeira necessariamente limita o escopo do estudo particular.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E cruzaram, de novo. Em cima da minha cabeça um sabiá pegou a cantar... e era tão desconchavado aquele canto que chora no coração da gente, com aqueles talhos que cortavam o ar, que eu, que já tinha lanhado muito cristão caramuru, eu mesmo, fiquei, sem saber como, com os olhos nos peleadores, os ouvidos no sabiá, mas o pensamento andejando... nos pagos, no meu padrinho, no Jesu-Cristo do oratório da minha mãe... [...] E no silêncio que ficou, só ficou balançando no ar o canto do sabiá, na restinga: do outro lado, o sangue do coronel, pingando nos capins; deste lado, eu, sabendo, mas não podendo me intrometer...

Música das palavras sabiás

A maioria das danças (canções dançadas ou danças cantadas³⁰) mencionadas nos *Contos gauchescos* são formas que se originaram em Portugal e na Espanha e se amolduraram aos modos de viver dos imigrantes e colonizadores que povoaram esta parte das Américas – grupos de diversas estirpes étnicas que tiveram todos de se adaptar a seu novo meio de existência – inclusive os indígenas deslocados e deportados e os africanos importados, bem como seus descendentes, os quais sofreram complexos processos de dessocialização e ressocialização em que acomodar suas práticas culturais.

Sendo essas danças mais prontamente associáveis ao espaço brasileiro do que ao espaço pampiano, podemos perguntar-nos por que, enquanto o elemento lexical, como se vê na abundância ostensível de platinismos presentes na fala de Blau Nunes, por exemplo, aponta para uma conexão robusta entre a cultura rio-pratense e rio-platense, não há nos *Contos* menção de formas musicais e coreográficas mais suscetíveis de evocar o espaço platino como o candombe, a milonga, a zamba ou o tango. Uma primeira resposta seria que talvez estas formas de dança e música se tivessem constituído um pouco mais tarde ou pelo menos não corresponderem ao intervalo de tempo em que supostamente se teria desenvolvido a vida de Blau Nunes, e que é representado na obra (da batalha de Ituzaingo, em 1827, até os 88 anos de Blau Nunes, ou seja, até $1817 + 88 = 1905$, sendo que Blau tinha 10 anos em 1827).

³⁰ O anu, a tirana, o tatu, etc., tais como são apresentados ou mencionados em textos como o *Cancioneiro guasca*, os *Contos gauchescos* ou as *Lendas do Sul*, são essencialmente formas combinatórias, já que envolvem a composição de uma música, de letras e de uma coreografia.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Outra seria que, neste quesito da dança, que tanto tem a ver com a alma de um povo, foram as chimarritas e outros fandangos, práticas culturais profundamente enraizadas nas comunidades lusófonas que povoaram o pampa brasileiro, e foram essas formas, por conseguinte, que prevaleceram. Não há dúvida, assim, que os imigrantes açorianos, se bem que puderam adotar parte do vocabulário que ouviam nas zonas mais próximas da fronteira, conservaram as danças que trouxeram do além-mar, provavelmente no mesmo baú onde tinham colocado a saudade da terra natal³¹. Neste respeito, talvez a brasa da reivindicação identitária escorregue mais para as sardinhas de um Dante Laytano, quando o famoso historiador e folclorista enfatiza, na especificidade da cultura rio-grandense, elementos trazidos por elementos lusos e brasileiros, sejam açorianos aportando diretamente no litoral sulista, sejam bandeirantes mestiços chegando no pampa no curso de suas entradas³².

Com efeito, as danças evocadas por Blau ao longo de seus casos são todas danças que foram estampadas como típicas do Rio Grande do Sul (pelos formadores de opinião como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa). Nacionalismo e regionalismo se dão frequentemente a mão para entrar na dança da diversidade regional, e talvez, às vezes, ocorra também, para “aguar o pagode” como diria Blau Nunes ao evocar a chegada do Negro Bonifácio no baile, a contradança do bairrismo e do chauvinismo. Ao mesmo tempo, convém assinalar que boa parte dessas danças teve origem na Espanha. De toda maneira, mesmo que Simões se tenha empolgado pela preservação e revitalização do patrimônio cultural, sua trajetória geral mostra que também se preocupou com projetos que tinham como objetivo o enaltecimento do sentimento nacional e patriótico³³ e isto vai no sentido de não partir para uma exaltação ou um enaltecimento “exagerado” dos empréstimos feitos à cultura dos vizinhos.

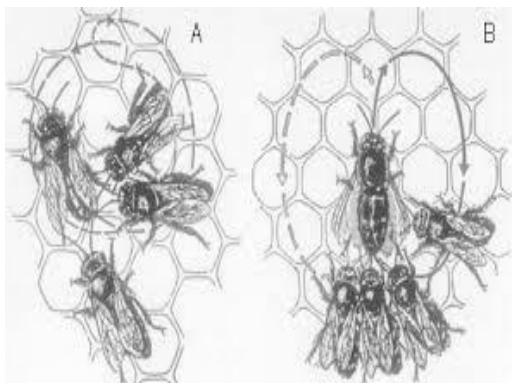
³¹ Para entender melhor o processo que levou o homem desde as práticas agrestes às configurações coreográficas mediante uma ritualização, através da dança, dos atos ligados às plantações e safras, pode-se consultar o livro de Flávio Azeredo, *Vertentes das Danças Açorianas – Tradição do Grupo Central de Ilhas*, estudo que justamente tenta rastrear os rituais ancestrais atrás das tradições folclóricas dos Açores. Outro livro do mesmo autor, *Herança Açoriana nas Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul* foca o processo de transplantação e “aclimatação” destas tradições coreográficas que acompanhou a imigração açoriana no Rio Grande do Sul.

³² Ver em particular *Folclore do Rio Grande do Sul*, Martins Livreiro, 1984, no qual o autor se empolga em reequilibrar as proporções entre contribuições rio-platenses e aportes luso-açorianos na cultura gaúcha.

³³ João Luis Pereira Ourique e Luís Rubira apontam que, no teatro de Simões, observam-se duas tendências no processo criativo do escritor, tendências que o fato de os *Contos* terem ficado na ribalta talvez possa ter ocultado em parte. Primeiro, como as crônicas, as peças de Simões são uma produção voltada quase que exclusivamente para o ambiente urbano. Segundo, e este pode ser uma consequência disso, o teatro de Simões não exhibe o mesmo pendor regionalizante do que seus outros trabalhos. Peças como *O bicho*, entre outras, exibem uma temática marcadamente nacional. Não há contradição nisto, Simões sendo um homem de

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Dança das palavras abelhudas



Falo de palavras borboletas em algum momento deste trabalho, mas de vez em quando as borboletas se transformam em abelhas e começam sua dança com o intuito de que se saiba onde exatamente estão as melhores eflorescências para os colegas coletarem o néctar e fabricarem o mel. Como se sabe, estas chamadas danças apiárias são de fato

“desenhos” efetuados no espaço com fins muito práticos.

Agora, é de conhecimento geral que a dança, enquanto produto da necessidade de expressividade própria da vida em sociedade dos seres humanos, sempre contém alguma dimensão figurativa, por mais abstratos que os movimentos que a compõem possam parecer. Mesmo que seu objetivo seja diferente do que aquelas indicações localizadoras que se deduzem da coreografia das abelhas, propiciar a safra, chamar a chuva, bater o trigo para separar o grão da sua casca, formar um par, eliminar os concorrentes, etc., a dança se assemelha, em certo sentido, a diversas manifestações corporais ritmadas dos animais (ver a dança dos pássaros – arrastando a asa). Mas o que sinalizam exatamente as danças e seus movimentos respectivos no texto de Simões e como se manifestam, se é que se manifestam, por outros canais além de uma simples menção ou citação (anu, tirana, etc.)? Uma das formas mais conspícua desta “interpolação” de figuras coreográficas na tessitura da composição literária seria, a meu ver, a do desafio. De certa maneira, o desafio é onipresente em contos como “O Jogo de osso”, a dança sendo o veículo, em vários graus de sublimação e de sofisticação, das mais elementares pulsões do ser humano na inevitável “realização” da sina que lhe confere sua condição animal e a efetivação de seus instintos (basicamente achar um par para se reproduzir, livrando-se dos concorrentes). O certo é que, se há coreografia das palavras, ela está já inscrita no texto, mesmo que seja só ao compasso da leitura que as palavras se ponham a dançar. Não estou falando de algum caráter caligramático do texto, sempre linear na sua apresentação para a maior parte das obras em prosa³⁴.

interesses tão diversificados: a literatura e a indústria, a cidade e o campo, a arte e o comércio, o regional e o nacional.

³⁴ Bem que se possa argumentar que a própria forma das letras, por exemplo, tenha a ver, se remontarmos à origem dos sistemas de escritura, aos movimentos coletivos ancestrais em pauta.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estou falando antes da disposição do texto (nos dois sentidos da palavra, conformação e aptidão) para reproduzir, ao ser lido e interiorizado pelo leitor, figuras que simulem aqueles movimentos rituais elementares de que surgiram os passos primários das danças. Se a disposição das palavras no texto – principalmente no que diz respeito à organização paradigmática e sintagmática que lhes conforma as figuras – torna possível uma analogia na qual se considera possível falar de “dança das palavras” (cf. Haroldo de Campos), cabe relevar que não há coreografia sem movimento. Agora, apesar da escrita apresentar uma forma aparente e estritamente estática, ela possui movimento, mesmo que de forma latente. Primeiro, claro, bem como a coreografia desenha figuras no ar e no tempo, a escrita também, para chegar ao volume, forma congelada da arte, desenhou suas sequências gráficas no espaço (o linear da linha e o plano da página) e no tempo (pois é a dimensão temporal que acresce o consecutivo ao simultâneo, dinamizando o texto “parado” no papel). Este “momento paralisado” se redinamiza na atualização do texto pela leitura, linear ou multidireccional. E o dinamismo aparece em particular na confluência de expressividades quando a musicografia, a coreografia e a escrita literária se encontram no mesmo terreno, ou terreiro.

Dança e contradança³⁵, canto e contracanto, desafios

Da mesma forma que, em “O Negro Bonifácio” o conto começa com a evocação de uma corrida (carreira de cavalos), a qual serve de palco para a narrativa por assim dizer, e se termina por outra (a tourada concluída pela “mise à mort” do touro e por sua emasculação), o texto de “Jogo de osso” inicia-se pela evocação de uma dança e se termina por outra (“siga o baile”), o teatro dos acontecimentos sendo nos dois contos, aliás, um boliche campeiro em dia de folga. Pela mera recorrência em *Contos gauchescos*, acredito que valeria a pena investigar em que o motivo do desafio tem permeado, tanto na forma como no sentido, modalidades literárias bem como modalidades musicais ou musicáveis (poéticas, como a trova dentre outras). As roupas do desafio na temática dos *Contos* são muito diversas. Em “Jogo de Osso”, é o jogo em si, claro, mas são também as palavras de deboche, ainda mais incandescentes por causa do beijo gordo dado por Osoro na boca de Lalice, que provocam Chico Ruivo e acabam transformando o arrasta-pé em uma espécie de *danse macabre*.

³⁵ Tomo “contradança” no sentido de movimento coreográfico contrário, mas não é o sentido habitual, sendo que a palavra seria derivada de ‘country-dance’ e não de ‘counter-dance’. Para mim, os dois são ligados, uma vez que muitas danças do campo (country-dances) apresentam efetivamente figuras nas quais os pares, numa simulação alternada do afeto e do desafeto, se desafiam simbolicamente em movimentos aparentemente opostos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Há, pois, o desafio verbal, o desafio das atitudes (a pera do castelhano em “Deve um queijo!”), o desafio da morte (ex. a última jogada para tentar salvar a vida do amigo), etc. em manifestações extraordinariamente diversificadas e dinâmicas que me parecem tocar algo de essencial na vida humana.

É, aliás, um motivo tão presente na literatura gauchesca e tão representativo da cultura popular que assim se abre o *Antônio Chimango*, de Ramiro Barcelos, bem à laia dos trovadores ou dos repentistas. O fato de Simões ter incluído vários exemplos de desafios em seu *Cancioneiro guasca* seria mais um sinal de que a forma poética, no que imita ou se assemelha à composição musical e coreográfica, teria desempenhado papel particularmente relevante na construção dos seus relatos. Insisto, esta incorporação se teria feito não só ao nível mimético, se não também ao nível formal³⁶. O mesmo vale para as figuras da contradança que me parecem ser inscritas, de certa maneira, nos arranjos sintagmáticos e paradigmáticos que constroem o texto.

Devo confessar que não aprofundei esta interpenetração em caráter quase que sinestético de formas tão diferentes como a dança e a literatura, principalmente pela falta de conhecimento assinalada antes, mas estou convencido de que há pistas de exploração extremamente instigantes nesta direção. Sobretudo, há para mim aspectos ritualísticos que são mais visíveis em modalidades de expressão artística como a música e a dança, certo, sem que por isto deixem de estar também intrincadamente embutidos no uso da linguagem em geral e no seu manejo em obras literárias em particular. Agora, se há uma área da linguagem na qual estes aspectos ritualísticos talvez se revelem mais prontamente, seria, a meu ver, no acervo de *refraneros* que costumam servir de correia de transmissão de uma suposta sabedoria popular de uma geração para outra, mas que, com efeito, permitem que se repassem elementos da cultura tradicional ao longo do tempo. Por isso, nas páginas seguintes, quero me debruçar com um pouco mais de detalhe na maneira como as estruturas rítmicas se transferem a partir destes esquemas primordiais da língua (enquanto ela própria fundida no cadinho do ritmo e do ritual) para o texto literário, notadamente mediante a inclusão de um *refranero* popular ou a imitação deste.

³⁶ Se bem que, a rigor, a integração na escrita de esquemas formais comuns a outras modalidades de expressão artística (música e dança nesta discussão) seja uma forma em si de representação da realidade e poderia, por conseguinte, ser contemplada como um aspecto pertencente de “pleno direito” à mimese, entendida no seu sentido mais geral.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não há dúvida, com efeito, que as formulações em caráter aforístico caracterizando boa parte da produção de temática rural, inclusive campeira e gauchesca, contribuem para dar aquela cadência especial da fala... e da escrita, ainda mais porventura quando o narrador é rural, campeiro ou gauchesco, como o é Blau Nunes.

Composição rítmica e formulação de cunho parêmico, sentencioso, idiomático, etc.
Combinatórias lexicais e vocabulários comunitários “populares”

Como é o caso em quase toda a produção gauchesca, a formulação usada pelas personagens, inclusive o narrador – seja ele homodiegético ou heterodiegético – frequentemente se apoia sobre construções (pre)existentes, ou supostamente (pre)existentes, que enfatizam o papel desempenhado pela palavra tradicional “coletivizada” ao longo do processo de formação da fala do campeiro. Esta palavra tradicional coletivizada constitui-se, entre outras componentes, de elementos procedentes de um fundo linguístico, aqui nitidamente com orientação rural/popular, que soe ser associado à ideia largamente difundida de uma sabedoria comunitária armazenada em ditos populares, dizeres ou modos de dizer (inclusive os chamados modismos).

São fragmentos de um discurso, compartilhados pelos membros da comunidade a que este discurso remete e, por isso, possuem algo de autodefinidor. Nos *Contos gauchescos*, são obviamente os “Artigos de fé do gaúcho” que ilustram melhor este discurso gnômico incorporado na fala da gente (na sua representação). Ilustram-no, em particular no que ele teria de tipicamente local e, portanto, identificador de uma comunidade específica. Entretanto, não é difícil observar que este discurso gnômico se manifesta, sempre nesta forma fragmentária que lhe caracteriza a expressão, em todos os *Contos*, integrado sob uma forma ou outra às palavras de Blau – desta forma, aliás, a voz do narrador ganha em expressividade e caracterização também. Isto significa que boa parte da estrutura rítmica da formulação vem, à leitura – é uma maneira de falar –, “por pacotes” e não necessariamente por unidades lexicais. Manifesta-se esta estruturação através da importação de segmentos já fixados na sua organização rítmica, pré-formados por assim dizer, e tomados emprestados daquele acervo comum à população local que tanta influência exerce nas lógicas e mecanismos subjacentes das combinações lexicais e dos arranjos sintáticos. Estes, ao final, são implementações concretas daqueles e confirmam as ditas combinatórias a que me refiro em abertura do parágrafo precedente. O fenômeno tem a ver obviamente com a lexicalização das colocações (associações de palavras que se tornam locuções, ou seja, unidades lexicais de pleno direito).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Além do ritmo na escala da frase, a intercalação de tais segmentos pré-construídos na narrativa, tomados emprestados de um discurso ambiente, intercalação intermitente, mas persistente, também imprime seu ritmo ao texto integral, ao nível da construção do conjunto. Os ditos, provérbios, adágios, comparações fixas, etc., já vêm, com efeito, estampados por sua própria marca d'água rítmica.

Esta é uma observação recorrente quando se trata da poesia gauchesca, mas os textos em prosa, uma vez que se valem também deste recurso na representação da fala popular, também estampam esquemas rítmicos similares. Novamente, estes fragmentos de um discurso aforístico na narração funcionam um pouco como a dança das abelhas apontando para direções e dando orientações para que se tire o melhor proveito da leitura.

Uso das variações rítmicas na evocação de cenas de ação

Ritmo da evocação e evocação do ritmo

O ritmo na evocação das ações representadas nos *Contos*, uma vez que esta é antes de tudo uma construção linguística, produz-se a partir das estruturas e subestruturas rítmicas embutidas no texto, a qualquer nível de composição que seja, mas principalmente, para nós, ao nível dos parágrafos, das frases e dos chamados “grupos de expiração/inspiração”³⁷. Em francês, fala-se de “*groupes de souffle*” para se referir àqueles agrupamentos “coerentes” de palavras – em se tratando da realização oral de determinado enunciado – que permitem ao ouvinte construir o sentido da sequência percebida. Estes agrupamentos, ou intervalos enunciativos, têm como “limites” dois momentos de pausa nos quais o locutor supostamente toma ou retoma o fôlego necessário para “expelir” as palavras que lhe quedaram para “expressar”. Tal agrupamento na entrega da fala é determinado por certo número de fatores, como a coerência sintática e semântica, a extensão do segmento em questão correspondendo ao dito *groupe de souffle*, e é relacionado, sem dúvida nenhuma, a fenômenos de prosódia, efeitos especiais ou sua busca, etc. Eis a definição que encontrei para “grupo rítmico” em espanhol; reproduzo-a, pois me parece apontar dois aspectos particularmente relevantes do fenômeno.

³⁷ A necessidade de respirar é evidentemente um fenômeno que afeta a produção de comunicação oral, obrigando o locutor a exercer uma série de pausas mais ou menos marcadas entre cada inspiração. Esses grupos são específicos à “entrega” oral da mensagem que se quer transmitir; contudo, há uma ligação inegável entre este esquema de recorte da comunicação oral e o que acontece no momento de leitura, nem que fosse porque a leitura mental integra elementos da leitura em voz alta e porque são as estruturações sintáticas e semânticas que comandam as “capturas” da comunicação, e, portanto, as pausas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“El grupo rítmico o palabra fónica es un fenómeno prosódico universal utilizado para estructurar un mensaje. **Existen lenguas de acento léxico que utilizan el alargamiento para crear pares mínimos de manera fonémica (esto es, cumpliendo una función distintiva en el léxico) pero también existe alargamiento en lenguas que no contienen tales acentos léxicos.** Los agrupamientos creados por estos alargamientos son los grupos rítmicos. Rol del grupo rítmico en el habla. **Los estudios han demostrado que la longitud promedio de los grupos rítmicos corresponde a la de los agrupamientos que afianzan la memorización. El grupo rítmico favorece la planificación de las articulaciones, así como la percepción del mensaje por el auditor.**” (O negrito é meu, pois queria ressaltar a diferença entre as línguas ibéricas e o francês com respeito aos acentos lexicais, por um lado, e a relevância da prosódia no processo memorização e mnemonização, especialmente em se falando de poesias “populares”).

Nota-se que, no caso da locução, na maior parte do tempo, a sua realização oral se faz numa só expiração. No caso de ditados, provérbios, ou seja, outras formas lexicais “aglomeradas”, entretanto, ocorre frequentemente uma distribuição em dois *groupes de souffle*. Novamente, isto tem de ser relacionado com as combinatórias das práticas rituais e poéticas. Em francês: “Qui se ressemble s’assemble”. “Qui veut voyager loin / ménage sa monture”; “un tien vaut mieux / que deux tu l’auras”; “rien ne sert de courir, / il faut partir à point”. Estes ditados são usados de maneira bastante corriqueira em conversas comuns (pelo menos por pessoas da minha geração), mas provêm de textos literários (as fábulas de La Fontaine). Importando-os para a conversa, também se importa um sistema prosódico altamente literário, uma vez que se baseia na forma de um alexandrino nitidamente dividido em dois hemistíquios iguais. Por outro lado, a relação entre sentido e “pausa de respiração” é particularmente óbvia em configurações que envolvem uma complementação do substantivo. Eis dois exemplos bastante caricaturais que mostram a conexão entre o agrupamento pelo critério do fôlego e o agrupamento pelo critério da coerência semântica. Em francês, “le garde / du corps de Lady Di” (como fora dito nas ondas de um rádio francês por um radialista especialista neste tipo de “erro” na enunciação) não tem o mesmo significado do que le “garde du corps / de Lady Di” (1. a pessoa que guardava o corpo de Lady Di, supõe-se que depois de sua morte !?; 2. o guarda pessoal de Lady Di). Em inglês, o agrupamento se manifesta também pelos fenômenos de acentuação suprasegmental: a colocação do acento tônico faz com que ‘*English teacher* se refira a um professor de inglês e ‘*English teacher* a um professor inglês. Enfim, o importante, a meu ver, é relevar esta correlação entre o ritmo, o sentido, a memória, o desejo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Tempo, pulsações, andamentos (largo, adágio, allegro... e alegretos)

Para ilustrar alguns destes *patterns* rítmicos e seu papel na economia e mecânica da escritura dos *Contos*, escolhi duas séries de segmentos textuais. Uma primeira série consiste em descrições de cenas de perseguição, a maior parte a cavalo. A segunda concerne a cenas de combate. Em “No manantial”, é a perseguição de Maria Altina por Chicão, em “Correr eguada”, a perseguição dos cavalos selvagens pelos campeiros, em “Penar de velho”, a perseguição às avestruzes por Binga. Contudo, podia ter escolhido outros exemplos entre as descrições de corridas, de cargas ou de fuga, por exemplo. Nos três casos de cada série, tentarei mostrar, nem que seja pelo efeito obtido mediante o próprio cotejo, que de fato certos esquemas se repetem, os quais se combinam manifestamente para dinamizar a narrativa. Procurarei identificar alguns arranjos rítmicos suscetíveis de serem imitados na versão francesa, ainda que o francês tenha suas próprias estruturas rítmicas em estreita ligação com sua própria prosódia (ou falta de prosódia).

Corridas

O desatino de Maria Altina

Bingo para Binga!

Mas o rapazinho estava encanzinado: levantou o picaço no freio e bateu de trás!

Amigo! Que disparada! Por tacuruzais e buracama de tuco-tuco, por cima das panelas de caranguejo, por lançantes de coxilhas e moles das canhadas, salvando sangas e arrancando no barral das lagoas, tudo era várzea lisa para aquela alminha de gaúcho!

Despistada pela perseguição, a avestruz corria à toa. Corria. Depois foi mermando; e foi afrouxando, até que se enredou numas macegas e caiu numa cova de touro. E conforme caiu, já o guri estava-lhe em cima, atracado com ela, passando-lhe o laço, maneando-a, vencedor, afinal!

Desenovelando

Irredutível Reduzo!

E bateu na marca!... Boleou e mudou cavalos alheios, pediu outros no caminho, tomou um, à força, largou os arreios porque rebentou-se-lhe o travessão e não tinha tempo para remendá-lo, mas com duas braças de sol, na tarde do casamento, veio dar no velho Severo, de em pelo —pelego, e freio —, as boleadeiras na cintura, o facão atravessado no cinto, e sem mais nada; moído, entransilhado, estrompado, varado de fome, com sono, com frio, mas ainda de olho vivo e língua pronta, contando uma rodela mui deslavada., que vinha de casa, andava campeando umas tambeiras... e uma vaca mocha, que não apareciam no gado manso, havia dois dias!...

Atrás das aves, atrás das aves-truz

Bandos e contrabandos

(narrativa) uma partida de guascas montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguariços, abanava o poncho e vinha a meia rédea; apartava-se a potrada e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma cousa; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados.

(diálogo) - A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou no corpo... Aí foi que o crivaram de bala.... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar, pra tomar o corpo!

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Combates

Mariano no Manantial

mas de repente, como um
parelheiro largado de tronco,
saltou pra diante e de vereda
atirou-se no manantial... e meio
de pé, meio de gatinhas, caindo,
bracejando, afundando-se,
surdindo, todo ele numa plasta de
barro reluzente, alcançou o
Chicão, e — por certo —
firmando-se no corpo do cavalo
morto, botou-se ao desgraçado,
com as duas mãos escorrendo
lodo apertou-lhe o gasganete... e
foi calcando, espremendo,
empurrando para trás..., para
trás... até que num — vá! —
aqueles abraçados escorregaram,
cortou o ar uma perna, um pé do
Chicão, — livre da espora — e
tudo sumiu-se na fervura que
gorgolejou logo por cima!...

Diabo do Chico Ruivo

O Chico Ruivo teve um estremeção e deu
um urro entupido, arrancou do facão e
atirou o braço pra diante, numa cegueira
de raiva, que só enxerga bem o que quer
matar...

E vai, como pegou o Osoro pela
esquerda, do lado, meio por detrás,
por debaixo da paleta, o facão saiu no
rumo certo e foi bandear a Lalice meio
de lado, sobre a esquerda da frente.
Vancê compr'ende? Do mesmo talho
varou os dois corações, espetou-os no
mesmo feno, matou-os da mesma
morte, fazendo os dois sangues, num
de cada peito, correrem juntos num
só derrame... que foi lastrando pelo chão
duro, de cupim socado, lastrando...

A revanche de seu Nico

E, no mesmo soflagrante, de
plancha, duro e chato, o velho Lessa
derrubou-lhe o facão entre as
orelhas, pelas costelas, pelas
paletas, pela barriga, pelas ventas...
seguido, e miúdo, como quem
empapa d'água um couro lanudo. E
com esta sumanta levou-o sobre o
mesmo surrão de erva, pôs-lhe nos
joelhos o prato com o resto do
queijeiro e gritou-lhe nos ouvidos: —
Come!...

E o roncador comeu... comeu até os
farelos...; mas, de repente,
empanzinado, de boca aberta, olhos
arregalados, meio sufocado, todo se
vomitando, pulou porta fora, se foi
a um matungo e disparou para a
barranca do passo... e foi-se, a la
cria!...

Vida e morte do capitão

E furioso, / piscando os olhos, /
com as veias da testa inchadas, /
largou o braço da morena / mas
agarrou-lhe os cabelos, / a
trança quase desmanchada, /
fechando na mão duas voltas, /
agarrou curto, / entre os ombros,
/ pertinho da nuca., / e puxou
pra trás / a cabeça da cabocla..., /
com a outra mão pelou a faca, /
afiada, faiscando / e procurou o
pescoço da falsa...

Chegou a riscar... / riscar, só, /
porque o chiru velho, o Juca
Picumã, foi mais ligeiro: mandou-
lhe o facão, de ponta, bandeando-
o de lado a lado, pela altura do
coração!...

Tudinha corta-o tudinho

[...] saltou em cima do Bonifácio,
tirou-lhe da mão sem força o
facão e vazou os olhos do negro,
retalhou-lhe a cara, de ponta e
de corte... e por fim, espumando
e rindo-se, desatinada bonita,
sempre! ajoelhou-se ao lado do
corpo e pegando o facão como
quem finca uma estaca, tateou
no negro sobre a bexiga, pra
baixo um pouco vancê
compreende?... e uma, duas, dez,
vinte, cinquenta vezes cravou o
ferro afiado, como quem
espicaça uma cruzeira numa
toca... como quem quer
estraçalhar uma causa nojenta...
como quem quer reduzir a
miangos
uma prenda que foi querida e na
hora é odiada!...

Guerras do sul – movimentos das tropas

Mas logo os chefes todos
/ se desparramaram, /
porque o barão Caxias /
andava na estrada, /
levantando polvadeira.

/ E brigou-se! /
Em S. Gabriel, / na Vacaria,
/ em Ponche Verde, / no
Rincão dos Touros. /
O governo tinha saído do
Alegrete / e estava outra
vez em Piratinim; / aí por
perto peleou-se, / e no
Arroio Grande, / em
Jaguarão, / nas Missões, /
sobre o Quaraim, / em
Canguçu, / em Pai Passo

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ritmo ao nível da organização narrativa. Aceleração e desaceleração do fluxo textual.

Talvez uma das virtudes maiores da escrita de Simões, no plano da dramatização, seja sua aptidão para valer-se das variações de tempo com o provável fim, justamente, de reforçar os efeitos dramáticos intrínsecos à **função** evocativa da narrativa, particularmente eficaz no seu poder de sugestão³⁸, e mesmo de persuasão³⁹, sobre o leitor. Darei aqui um só exemplo para ilustrar como opera, no meu entendimento, esta estratégia de câmbio de ritmos sofisticadamente calculada (funciona como uma caixa de câmbio). Porém, vale dizer que o recurso é empregado em todos os contos que contém elementos de dramatização – pois, excetuaria textos como “Artigos de fé do gaúcho” ou “Batendo orelha” que, a meu ver, ficam à parte dos demais.

Mais uma vez, importa para o tradutor prestar atenção à maneira como as escolhas de ordem sintática se interligam com os esquemas rítmicos, de sorte que a inevitável ressintagmatização dos períodos que compõem a versão estrangeira não impacte por demais estes esquemas, os quais não dependem tanto dos arranjos entre sílabas tônicas e átonas, mesmo que estes sejam necessariamente envolvidos na organização rítmica global do texto, senão, justamente, das escolhas de ordem sintática, seja ao nível do período, seja ao nível da oração, ou ainda de unidades menores.

Em quatro paletadas, / desmunhecando uns, / cortando outros, / esgaravatando outros, /
enquanto o diabo esfrega o olho, / o chão ficou estivado de gente estropiada, / espirrando
a sangueira naquele reduto.

Se examinarmos esta frase, por exemplo, vemos que ela pode ser dividida em duas partes. Uma primeira metade, grosso modo, correspondendo à evocação de uma cena em caráter mais dinâmico (a investida de Bonifácio), uma segunda, a uma cena em caráter mais estático (visão do campo de batalha após a investida). Estabelece, portanto, uma ligação em caráter lógico entre o cumprimento dos grupos rítmicos e a natureza da evocação (evocação da ação ou evocação da situação). O caráter entrecortado da narrativa, com segmentos breves separados uns dos outros por vírgulas, confere uma dimensão icônica ao enunciado na medida em que não se pode deixar de imaginar a cena de ataque evocada por Blau, como se fosse através de uma série de golpes de facão em vez de uma série de investidas da pluma.

³⁸ Ou seja, a capacidade do texto para fomentar, no espírito do leitor, um processo de recriação mental, “sinestética” ou “sinestetizada”, das cenas cuja descrição ele está lendo.

³⁹ No sentido que sustenta este “faz de conta” próprio da leitura e proposto pela escrita que Coleridge chamou de “ilusion of disbelief”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estruturação rítmica e tom épico

A organização rítmica do segmento sem dúvida contribui muito para a impressão de velocidade e brutalidade que se desprende desta metade do período, tanto do ponto de vista formal do que do ponto de vista temático. Na segunda metade, as pausas entre sintagmas são mais espaçadas, como se o olhar se repousasse sobre a cena do campo de batalho juncado de corpos, arfando.

Em **quatro paletadas**,
des**munhecando** uns,
cortando **outros**,
esgaravando outros,
enquanto o **diabo** esfrega o olho,
o **chão** ficou estivado de **gente estropiada**,
espirrando a **sangueira** naquele **reduto**.

Este tipo de alternância entre grupos de sintagmas mais curtos por um lado e grupos de sintagmas mais extensos por outro lado é, aliás, um esquema geral que se repete com bastante frequência nos *Contos*. Um dos alicerces da organização, digamos assim, “melódica”, do texto reside precisamente na repetição de estruturas fraseológicas, estratégia esta que realça, entre outros aspectos, os efeitos decorrentes de paralelismos cuidadosamente introduzidos na urdidura sintagmática – e sintática em geral – subjacente à trama narrativa.

Um esquema similar ao ilustrado acima, por exemplo, se encontra, desta vez duplicado e reduplicado, no trecho seguinte, onde os segmentos mais longos se refeririam aos “preparativos” antes dos combates e os segmentos mais breves se refeririam a “momentos” de batalha no tempo da guerra. Reproduz-se assim a alternância entre situação e ação que apontei nas páginas anteriores. A expressão se torna mais concisa, para não dizer “contusa”, enquanto o narrador passa a enumerar uma série de lugares que remetem a uma sequência de combates.

Mas **logo** os **chefes todos** / se
des**parramaram**,
porque o **barão Caxias** / **andava** na
estrada,
levantando polvadeira.
E brigou-se!
Em S. **Gabriel**,
na **Vacaria**,
em **Ponche Verde**, no **Rincão dos Touros**.

O **governo** **tinha** saído do **Alegrete** /
e estava **outra vez** em **Piratinim**;
aí por **perto** **peleou-se**,
e no Arroio **Grande**,
em **Jaguarão**,
nas **Missões**,
sobre o **Quaraim**,
em **Canguçu**,
em **Pai Passo**,

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Variações de tempo na narrativa.

Vejam, com outro exemplo semelhante, porém envolvendo um trecho maior de texto, de que maneira foram aproveitadas as variações de tempo, ou, para usar um termo da musicologia, de andamento, na escrita dos *Contos*. Dividi os trechos citados em segmentos conforme a cadência que lhes impõe pontuação e organização sintática.

“Staccatando” a frase.

Alegre (quase alegrete): O bagual agachou-se a velhaquear / , e / pra pior ainda, / em volta, / enredando-se no laço, / frouxo; o moço / – ginetazo! – / fechou as chilenas / e meneou o rebenque, / de chapéu do lado, / numa pabulagem temerária, / de gasca que só a Deus, / respeita!

O que se pode observar nitidamente na estruturação do texto é certo entrecortado sintático da fraseologia, com vírgulas cortando orações e corações onde, em outras circunstâncias, talvez não tivessem sido necessárias (“no laço, frouxo”; “que só a Deus, respeita”). Na mesma senda, cabe notar uma aposição entre travessões (– ginetazo –) que indica um comentário do narrador, certo, mas também participa deste efeito de “arfagem” que imprime sua pulsão ao texto. Essa intromissão por parte do narrador no relato dos acontecimentos, como alguma sorte de aparte, e esse recorte pouco habitual das orações ajudam, no meu entendimento, o leitor a captar a cena descrita bem como sua recriação mental, quase simultânea, sempre com uma enumeração meio-entrecortada (“num staccato”), como que “iconizando” de certo modo os próprios movimentos do cavaleiro atropelado pela precipitação nefasta dos acontecimentos.

Vivace: Foi nesse apuro que o touro carregou, e veio, de língua de fora, berrando surdo... e entreparado, baixou a cabeça, retesando o cogote largo e ia a levantar a guampada, quando, meio maneado no laço e ladeado por um sofrenço de pulso, o bagual planchou-se... e o moço Tandão ficou também aí caído, preso pela perna, exposto, entregue... O touro recuou um pouco, escarvou, meio dançando, retesou os lagartos, numa fúria de força **e fez a menção...**

Eis um momento no qual a dramatização fica como que suspensa, depois de um crescendo dramático que leva ao clímax da narração, tanto do ponto de vista da estimulação emotiva quanto do da pungência da evocação. Tudo se congela num “momento” (*momentum*) de três palavras: “fez a menção” e vemos o touro também como que suspenso, prestes a carregar (“balanceando no ar” diz o narrador). Evidentemente, os pontos de suspensão, em semelhante trecho, só podem reforçar a impressão de suspense...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Aqui, por exemplo, as reticências seriam uma das ferramentas usadas para conseguir este efeito de paralização momentânea da “imagnetização”, uma vez que concorrem eficientemente para desacelerar a ação (a sua evocação) como se, de fato, o “olhar narrativo” batesse um instantâneo daqueles dois ou três segundos no qual o tempo parece deter-se e o destino se jogar ou estar pronto para se decidir⁴⁰. O período, pois, “estaca” sobre este “e fez a menção”, ponto de equilíbrio em que o que está por acontecer se balança integralmente – ver comentário de Blau, no final do caso: “na beira da morte certa”.

Pausa: A campeirada olhava, parada, vendo a desgraça vir...

Então, o tempo está efetivamente parado por um curtíssimo instante, no plano mimético, ou seja, ao nível do evento evocado, e na escrita com as reticências, bem como na leitura com o efeito conjugado das escolhas lexicais, sintáticas e de pontuação. Mais uma vez, é a presença de reticências que sinaliza a parada, encapsulando a ideia de um intervalo de tempo ao mesmo tempo brevíssimo e inapreensível na sua infinidade, ou, melhor dito, na infinidade de suas possibilidades. Há momentos em que o que se diz na narrativa e como se diz na narrativa se encontram exatamente neste ponto do momento suspenso da fatalidade (que, porém, não se cumpre, visto que o campeiro é salvo): “vendo a desgraça vir...”; “este da beira... da morte certa⁴¹?”

Pausa sustentada: Mas nisto, justo, justo quando o touro, balanceando no ar, pareceu dar o pulo da carga,

Suspense O tempo ficaria em suspense até aqui... e de repente o encantamento, cujos segundos se parecem com uma eternidade, rompe-se, deixando a narrativa retomar fôlego.

⁴⁰ Ver observações sobre o caráter cinematográfico da narração no comentário dedicado a este aspecto e vertendo mais particularmente sobre a composição do conto “O Anjo da Vitória”.

⁴¹ Aponto em outras ocasiões aquela tendência da narrativa para “iconizar” o acontecimento evocado na mimese, tomando formas que se moldam à natureza dos eventos que descrevem, e que configuram como que uma imagem visualizável, escutável destes eventos. Em “Deve um queijo!”, por exemplo, o trecho “com uma pêra enorme, que ele às vezes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado...” claramente tem função anunciadora; vai haver “salseiro”. Porém, faz isto como se fosse para poder defraudar a expectativa do ouvinte/leitor mais adiante prefigurando o que há de ser contado, mas deixando se perfilar outro desenvolvimento. Neste anúncio, já se encerra o conhecimento, por parte do narrador, de que haverá outro final do que o que ele deixou pressentir. Ou seja, Blau diz para seu ouvinte o que vai acontecer, mas apontando porventura para uma “pista enganosa”, e dizendo o que o texto vai dizer, mas disfarçando ao mesmo tempo, como em todo caso bem contado e como em todo jogo de estratégia bem jogado.

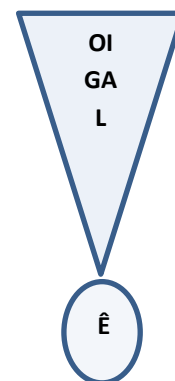
Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Os mecanismos de aceleração e desaceleração da narrativa (de evocação que procede da narrativa) embutidos na escrita (pontuação, estruturação sintagmática...) se assemelham ao uso das figuras de duração para o silêncio nas partituras, as quais dirigem a interpretação da peça musical. São pausas de semifusa, fusa, semicolcheia, colcheia, semimínima, mínima, semibreve que participam obviamente da estruturação rítmica.

Presto: o Juca Guerra esteve-lhe em cima! Em cima! Foi como o trovão e logo o raio..., pois como um raio o gaúcho carregou e atirou a montaria contra o touro!

É obviamente aqui o clímax na evocação da ação, quando a armada do laço caso se fecha sobre o seu desfecho, laço acertando no desenlace, depois dos rodeios típicos do gênero.

Prestíssimo: Oigalê! Pechada macota!



A fraseologia funciona, pois, como um sistema de pontuação paralelamente ao esquema de pontuação entendido no seu sentido convencional. Ou seja, as interjeições, por seu caráter breve e elíptico, funcionam por si mesmas como pontos de exclamação, pontuando, precisamente, o relato em um momento particularmente decisivo.

Vivace: O tostado arrebentou as duas paletas na encontrada e caiu, sacudindo a cola, os olhos chispeando, de beijo enrugado e subido, de dor... Caiu, mas o touro, também.

Vivace: E tanto que atirou o seu pingaço, de pechada feita – e certo de o escangalhar – contra o touro, escorregou pela garupa, e enquanto os dois brutos se batiam e enovelavam, o Juca já aliviava o companheiro, que apenas livre, pulou para o cupinudo, ainda meio azonzado do trompaço, manoteou-lhe nas aspas e torceu-lhe a cabeça, que cravou no chão, num pronto! O bicho pataleava, puxando a respiração forte, que ondulava, no arredondado da barriga.

Novamente, verifica-se uma mudança no ritmo e, por conseguinte, na dinamização do texto, que não vou detalhar aqui. Lendo o texto, percebe-se esta caixa de câmbio (de marchas) embutida na escrita.

Haveria assim uma variação de tempo no movimento narrativo ao longo dos textos que iria do lento (grave, etc.) crescendo para o médio (andante) até chegar para o rápido, e decrescendo para se concluir com o lento depois de passar por uma desaceleração no médio, andante, e grave no final.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Gostaria de enfatizar, mais uma vez, a esta altura do estudo, os esquemas de paralelismo patentes nas estruturas estilísticas, que só podiam reforçar a coerência e pungência do texto e sua harmonização geral. Tenho em mente especialmente sua eficiência ao se prevalecer, no momento do confronto da leitura, das armas com que foi equipado para, justamente, enfrentar o leitor, tal como os jogos ‘rítmicos’ apontados acima.

até os dois corpos baterem na parede, / sempre
abraçados, / **talvez mais abraçados**, / e depois
tombarem por cima do balcão, / onde estava
encostado o tocador, / que parou um rasgado
bonito / e ficou olhando fixe / para aquela parilha
de dançarinos morrentes / e farristas ainda!...

Levantou-se uma berraçada. /

/- Matou! / Foi o Chico Ruivo!.../ Amarra! / Cerca!...

/Mas o Ruivo parece que voltou a si; / coriscou o
facão aos dois lados / e atropelou a porta, / ganhou
o terreiro / e se foi ao palanque / onde estava o
ruano do Osoro: / montou / e gritou pra os que
ficavam:

— Siga o baile!... E deu de rédea, [...]

E furioso, / piscando os olhos, / com as
veias da testa inchadas, / largou o
braço da morena / mas agarrou-lhe os
cabelos, / a trança quase desmanhada,
/ fechando na mão duas voltas, /
agarrou curto, / entre os ombros, /
pertinho da nuca., / e puxou pra trás / a
cabeça da cabocla..., / com a outra mão
pelou a faca, / afiada, faiscando / e
procurou o pescoço da falsa...

Chegou a riscar.../ riscar, só, / porque o
chiru velho, o Juca Picumã, foi mais
ligeiro: mandou-lhe o facão, de ponta,
bandeando-o de lado a lado, pela altura
do coração!...

— Isso não!... é minha filha! disse.

Expressão, ritmo e expressividade

Como assinali em considerações anteriores, uma das conexões porventura mais conspícuas entre os *Contos gauchescos* e o *Cancioneiro guasca* que os precedeu – pelo menos ao julgar pela data de publicação respetiva – reside indubitavelmente na presença naqueles de numerosas construções textuais que já constavam deste (construções procedentes de citação, invenção, ou apropriação e modificação, em proporções diversas, de determinado material, sendo que ainda paira muita dúvida quanto à origem dos textos do *Cancioneiro guasca*⁴²).

Muitas vezes, a ressurgência destas construções, ou seja, sua presença tanto no *Cancioneiro guasca* quanto nos *Contos gauchescos*, sugere que existe de fato um vínculo bastante forte entre canto (*Cancioneiro*) e conto (*Contos*) na visão criativa de João Simões Lopes Neto.

⁴² Qual a proporção de recolhimento a partir de um repertório oral, qual a de invenção por parte do transcritor?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Também, talvez em consequência disto, o fenômeno deste parentesco assumido sinaliza a existência de uma relação entre, por um lado, as diversas práticas expressivas e artísticas associadas ou associáveis aos processos de sedimentação e cristalização de uma tradição oral estabelecida (*Cancioneiro*) e, por outro lado, as modalidades de escrita próprias do conto, tais como se poderiam inferir da evolução e implementação das “regras”, mais ou menos convencionalizadas, de composição do gênero (*Contos*) – ou seja, dentro de uma tradição, por sua vez escrita (literária) estabelecida.

O *Cancioneiro* não é, por certo, nenhum rascunho dos *Contos*, mas ele explica, por seu teor e sua feição, muitos dos elementos que encontramos na produção posterior. Cumpre acrescentar que a autenticidade na escrita de Simões talvez não esteja na possibilidade de rastrear seus textos a uma fonte local comprovada (como bem o mostra o caso de “Melancia e Coco verde”), mas num esforço para captar um espírito, o gauchesco, já esvanescente no momento da redação das obras. Parece-me pertinente relevar que o próprio Augusto Meyer emite dúvidas acerca da autoria de peças como “Lunar do Sepé”.

Do ponto de vista formal, a comparação com outros romances do mesmo tipo, os de conteúdo histórico, logo mostra alguns traços peculiares; consonância perfeita, em vez de assonância, divisão em sextilhas, raras quebras de metro. A estrofação em sextilha, com rima completa nos versos pares, mantida com uma regularidade que é raríssima nos romanceiros, dá a entender de qualquer modo que houve pelo menos colaboração de poeta culto.

Dizeres e dísticos.

Boa parte destas construções recorrentes de um gênero para outro (ex. de canto para conto) consiste, como de resto frequentemente se verifica ser o caso para a “proesia” gauchesca no seu conjunto, de esquemas dísticos, ou coplas. Bem como tem sido argumentado para o *Martín Fierro* de José Hernández, elas “mimetizam”, apontam para a expressão, ou transmissão, de alguma sabedoria popular (ou suposta sabedoria popular) repassada de memória em memória, tanto dentro de um círculo de difusão espacial, quanto dentro de um círculo de difusão temporal (de geração para outra).

Este conhecimento que “vem de longe” e terá viajado tanto por canais orais quanto por canais escritos, seria compartilhado por determinada comunidade e ele encontraria justamente um de seus principais vetores no chamado *refranero* popular a que se referisse, em última instância, o texto de “Artigos de fé do gaúcho”, inclusive no seu título.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O repasse de geração para outra se realiza efetivamente através da evocação, emulação ou simulação, de um fundo paremiológico ancestral, autêntico ou não – i.e. pretensamente autêntico ou não – ao mesmo tempo que remete a práticas linguísticas antes pertencentes ao domínio da expressão oral do que ao da escrita, enquanto correias de transmissão da cultura tradicional ou tradicionalista⁴³.

Aqui me contentarei em dar um exemplo deste tipo de inserção de material lírico/poético (principalmente excertos ou evocações de elementos de um cancionero, no sentido mais amplo da palavra ‘cancioneiro’) que, a meu ver, desmonstra bastante bem como o caráter “sentencioso” da fraseologia que caracteriza a fala de Blau Nunes (vaqueano e veterano das guerras do sul) se pauta sobre determinadas estruturas poéticas.

Estas estruturas poéticas, como veremos, contribuem em conferir ritmo e sonoridade para o enunciado ao mesmo tempo em que se lhe facilitam a memorização. Poderíamos até falar de “mnemopoética” aqui, *id est* de uma estratégia baseada na repetição de arranjos de elementos sonoros, própria das práticas de versificação, e que indubitavelmente ajude a memória.

No entanto, ao lermos as observações consignadas nas próximas páginas, será preciso guardar presente na mente que a configuração concomitantemente singular e complexa do processo de identificação, de interpretação e de transposição (mal ilustrada por um só exemplo nos parágrafos embaixo), –configuração, que, para mim, remete claramente a formas similares na composição de canções/cantos – se repetiu muitas vezes, de maneira significativa, ao longo da empreitada tradutória.

Tinha marca na paleta, mas não era tambeiro [“No manancial”]

Tinha pinta de tambeiro [mas] era touro cupinudo. [« Deve um queijo! »]

⁴³ É preciso enfatizar sempre o intercâmbio constante entre práticas orais e práticas escritas. Com efeito, se os provérbios nos parecem particularmente aptos para evocar a expressão de uma sabedoria popular, resta que significativo número dentre eles chegaram para a esfera das conversas correntes desde um “primeiro” emprego (ou possível primeiro emprego) em textos literários. Ao reler os textos de La Fontaine, para os francófonos, ou de Shakespeare, para os anglófonos, damo-nos conta de que, mesmo que estes textos se tenham eles próprios inspirados de outras fontes (orais ou escritas), eles são repletos de locuções proverbiais ou de fórmulas que se cristalizaram numa forma fixa e passaram mais ou menos “intatas” para o domínio oral, (“*un tient vaut mieux que deux tu l’auras*”, “*salad days*”, etc.). Ou seja, insisto, o processo é eminentemente dialético na medida em que envolve um diálogo constante entre as práticas orais e escritas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vê-se imediatamente que a oração, construída à imitação de uma modalidade de expressão tradicional e remetendo ostensivamente àquele acervo paremiológico, gnômico, enfim predominantemente “locucional⁴⁴” e extremamente idiomatizado ao qual me tenho recorrentemente referido no curso deste trabalho, alicerça-se sobre a duplicação de uma estrutura idêntica do ponto de vista da organização rítmica, o que marca, em particular, o caráter poético (poético-popular?) da formulação.

(TINHA) MARCA NA PALETA

TINHA PINTA DE TAMBEIRO

(MAS) NÃO ERA TAMBEIRO

ERA TOURO CUPINUDO

Sabe-se que a redondilha menor (ou seja, no sentido de hoje, um verso de cinco sílabas**) ou a redondilha maior (ou seja, no sentido de hoje, um verso de sete sílabas**) constam entre as formas privilegiadas por grande parte da poesia dita popular, seja em língua espanhola ou portuguesa. Reencontra-se esta redondilha maior, pois, no espaço sociocultural da *Comarca pampeana*, sob diversas modalidades, tais como a pajada do lado de cá ou a *payada* do lado de lá. Neste tipo de configuração fraseológica versificado ou semiversificado, pareceu-me um tanto lastimoso sacrificar de vez, por recorrer a uma adaptação ou modulação em caráter demasiado “domesticante”, aquele conjunto sentencioso / poético-popular a que nos reporta com tanta frequência a formulação, bem como aquela visão zoomórfica que soe carimbá-la e que enfatizamos tanto ao longo deste trabalho.

Preferi, portanto, optar por uma tradução mais literal quando e quanto julguei viável, antes de substituir os “veículos” originais da metáfora por outros, quem sabe mais familiares à mente do leitor da versão, e de arriscar no mesmo embalo perturbar o arranjo rítmico que caracteriza a expressão. Minha aposta era de que traduções como

Il avait l’air d’une vache à lait ou

On aurait dit un veau nouveau

mais c’était un taureau féroce

Mais c’était un taureau à bosse

⁴⁴ Uso “locução” na sua acepção gramatical: “Houaiss: Rubrica: gramática. conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem significado, conjunto próprio e função gramatical única (p.ex., a de adjetivo, donde locução adjetiva) as loc. podem ser adjetivas (da cor do mar, de ouro etc.); adverbiais (com cuidado, às pressas etc.); conjuntivas (posto que, desde que etc.); interjetivas (ora, bolas; valha-me Deus etc.); prepositivas (em cima de, depois de etc.); substantivas (estrada de ferro, casa de saúde etc.); verbais (conjugações perifrásticas)”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

permitted, hopefully, to preserve some of the aspects of the language mentioned above, notably in the area of specific rhythmic arrangements, passing nevertheless on to some modification, since what would be a distich of septisyllables would be replaced by a distich of octosyllables in French.

The title of comparison, it can be observed that Tavani, with “*aveva un aspetto da bonaccione (2), ma non si lasciava posar le mosche sul naso (1)*” preferred, on his part, to transfer the current and idiomatic (from a formulation probably? or supposedly common in the era in which the story of Blau or in which Simões wrote his stories.) The Italian version does not leave, in fact, of being perfectly coherent in relation to the strategy adopted globally by Tavani, which seems to have followed always, in the end, that direct line of a compromise between literalness and idiomaticization⁴⁵. Obviously, I cannot say anything about the rhythmic organization of the Italian translation. My knowledge of Italian does not make possible such an evaluation.

This compromise in the Italian version would manifest itself, according to my overall evaluation, by a balanced distribution, in parts approximately equal, between the “*decalque***” (see 2 above, as well as in my example of translation for French) in various proportions of imitation of the original and the “*adaptation*” (see 1 above). Or, in other words, Tavani apparently always sought an equilibrium between a translation imitative of the original formulation and a translation more congenial to Italian (more specifically in its national variety, since it resorted very little to a regional lexicon).

Well, translation is inevitably an art of compromise, and, from a similar perspective of a “*diplomatic*” function of this practice, it seems particularly adequate to the formulation of Umberto Eco. He speaks of it in *Dire quasi la stessa cosa - Esperienze di traduzione*, of “*negotiation*” between the text of origin and the text of destination. Well, the version by Tavani illustrates perfectly his effort to reach a compromise between an excess of foreignization that would certainly have made the reading of his text difficult for the Italian reader and, therefore, to compromise the diffusion of the art of Simões beyond the domain of his own language of natural expression, and an excess of domestication, which would not have done justice to the sophistication of the original literary composition.

⁴⁵ Ver Bertrand Buche, in “L'expression idiomatique en traduction : les processus d'idiomatization”» dir. de Michel Ballard]. - Arras : Université d'Artois, 1998 . - 110 p. : ill. ; 30 cm. Bibliogr. p. 101-103.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A dificuldade vem de que esta sofisticação não se funda unicamente na organização dramática dos relatos, mas também no jogo precioso e preciso com a linguagem. Isto é, especialmente no que diz respeito à combinatória complexa entre a ilusão de uma expressão que soe como imitativa da forma supostamente “frusta” do falar campeiro e aquele constante malabarismo poético com as palavras que se põem a trabalhar entre si no momento de leitura; feição do texto simoniano que tratei de ressaltar neste trabalho.

Por minha parte, optei pelo que alguns poderão ver como certa falta de “mesura” no cálculo das medidas. São duas estratégias diferentes, a de Tavani e a minha, cuja escolha tem muito a ver com o contexto de produção da versão. Em particular, seria pertinente considerar:

- por um lado, a divulgação de um texto que o encantara pelo conceituado lusicista italiano Giuseppe Tavani, a tradução dos *Contos* tendo provavelmente como maior fito a sua disponibilização para o leitor italiano não especialista.

- por outro lado, a apresentação de uma versão estrangeira dentro de um projeto de doutorado, sem as limitações, orientações e reorientações a que inevitavelmente teria levado a perspectiva de submeter a tradução a uma editora para publicação.

Em todo caso, não há ultimamente como o tradutor contornar a imbricação de formas “versificadas” na prosa dos *Contos*, seja qual for a sua modalidade e a origem da matéria “importada” – citação “direita” de elementos de poemas ou canções, arranjos lexicais e (ou) sintáticos tomados emprestados ou “imitados” da poesia oral ou escrita e “fundidos” na prosa, elementos do discurso gnômico ou de um fundo paremiológico apresentando esquemas rítmicos e rítmicos manifestos, etc.

O entranhamento de tais formas na narrativa, pois, implica em que seja mister prestar também atenção especial aos fenômenos de repetição vinculados com a prosódia e a composição poética em geral (versos, “grupos rítmicos”, construções rimadas, aliterações e consonâncias, etc.). Globalmente, isto equivale a dizer que se deve abordar a tradução de certos segmentos de textos como os *Contos gauchescos* como se se tratasse de verter um poema para uma língua estrangeira.

Contudo, vale fazer uma reserva quanto às perspectivas de aprofundamento deste aspecto da conversão para o idioma de destino.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Para poder investigar com mais segurança o assunto da captação dos elementos prosódicos e da sua eventual transferência para a versão estrangeira, caberia estudar não só as estruturas da prosódia da língua de partida e da língua de chegada em geral, como também a de cada um de seus constituintes. Este tipo de estudo se revela particularmente cabível em casos como este, onde o elemento lexical indígena, por exemplo, mostra desempenhar papel bastante significativo, nem que fosse ao nível da distribuição das sílabas tônicas ao longo dos períodos ou orações que formam a fraseologia.

Dos sonetos de Gregório de Mattos ao *Macunaíma* de Mário de Andrade, passando pelos poemas e romances indianistas de Gonçalves Dias e José de Alencar, o léxico procedente de línguas indígenas, certamente, terá imprimido traços rítmicos particulares na escrita literária brasileira que merecessem não ser passados por alto pelos tradutores.

Como disse alhures, a avaliação da pertinência das observações concernentes tanto à identificação quanto às possibilidades de transferência ou transposição do tipo de fenômeno ressaltado nestas páginas depende muito do contexto de produção da tradução e está estreitamente vinculado com questões ligadas à situação de recepção do texto (e, portanto, à própria receptividade do público leitor, enquanto fator relevantíssimo de influência nas escolhas tradutórias). Pensa-se em especial em restrições decorrentes das expectativas de recepção da versão, quer provenientes da editora, do revisor, do próprio tradutor, dos pares, etc.

São na verdade limitações devidas tanto ao “condicionamento” dos atores envolvidos (como escrever, como ler, como traduzir;...), inclusive na sua dimensão de autossugestionamento⁴⁶, quanto ao próprio mercado. Por exemplo, enquanto o impacto ao nível prosódico geral da introdução na escrita de um volume significativo de palavras de origem indígena pode ser de algum interesse imediato (se é que houve impacto, e com a ressalva de que os vocábulos importados foram aportuguesados antes de ser assimilados pela língua colonizante) talvez não seja tão relevante a maneira como aspectos prosódicos inerentes ao árabe tenham impactado os esquemas prosódicos do português (se é que os impactaram)

⁴⁶ É um processo que sempre poderíamos considerar como algo dialético, uma vez que evolui em função de fatores externos à prática do tradutor, mas que, ao mesmo tempo, esta prática, repetida às centenas ou aos milhares, impacta as orientações de ordem prescritiva que provém do “meio” (quer dizer o conjunto editora, mídia, situação política e suas restrições — ex. censura —, público de leitores, etc.). Também, pode ser contemplado como um duplo processo de exteriorização e de interiorização de sistemas restritivos e de lances, por parte dos tradutores, que se colocam como questionamentos ou enfrentamentos às ditas prescrições.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Consequências para as orientações de ordem bibliográfica.

Ah! saudade!... Parece que ainda vejo a minha
morena, quando no rancho do Chico Triste botei-
me os versos...

Minha voz no teu ouvido

A bibliografia, neste quesito da pesquisa, tem se movimentado entre composições literárias, cancioneros, pajadas ou payadas, outros poemas e poemetos diversos, etc. e ensaios sobre a organização dos textos literários sob o ponto de vista da sua versificação.

Outra estante bastante visitada tem sido a dos ensaios tradutológicos dedicados em particular à tradução poética (ou à tradução de poemas específicos) ou ainda livros mais abrangentes sobre a questão do tratamento do ritmo no processo de elaboração da versão estrangeira.

Nesta perspectiva de procurar não perder de todo a relação entre prosódia e construção da significação no curso do processo tradutório, pareceu-me aconselhável voltar-me para domínios de reflexão conexos da tradução e da tradutologia e indagar como era abordada esta questão em “tratados” de especialistas que focassem o problema, precisamente, da transferência dos esquemas rítmicos. Pensa-se evidentemente em primeiro lugar, para um francês, nos trabalhos de Henry Meschonnic, porém a questão da transposição da “cantabilidade” do texto é também uma vertente da pesquisa que vale se considerar.

Bibliografia sucinta

MESCHONNIC, Henry, *Pour la poétique II, Épistémologie de l'écriture, Poétique de la traduction*, Gallimard, 1973.

MESCHONNIC, Henry, *Pour la poétique III, Une parole écrite*, Gallimard, 1973.

MESCHONNIC, Henry. *Poétique du traduire*, Paris : Verdier, 1999

BOSSEAU, Charlotte. “The Translation of Song”, in *The Oxford Handbook of Translation Studies*, Ed. Kirsten Malmkjær and Kevin Windle Oxford: OUP, March 2011.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº4 - NO MANANTIAL

EN L'ÉTANG – Le manantial*

Está vendo aquele umbu, lá embaixo, à direita do coxilhão?

Vous voyez cet umbu, là en bas, à droite de cette grande cochilla?

Pois ali é a tapera do Mariano. Nunca vi pêssegos mais bonitos que os que amadurecem naquele abandono; ainda hoje os marmeleiros carregam, que é uma temeridade!

Eh bien c'est là que se trouve la tapera de Mariano. Je n'ai jamais vu de pêches aussi belles que celles qui murissent dans cet abandon et encore aujourd'hui les cognassiers sont chargés de fruits que c'en est une merveille !

Mais para baixo, como umas três quadras, há uns olhos-d'água, minando as pedras, e logo adiante uns coqueiros; depois pega um cordão de araçazeiros.

Plus bas, à environ trois cent mètres, il y a des sources qui coulent à travers les pierres, et juste un peu plus loin, quelques jerivás ; et derrière, commence une rangée d'araças.

Diziam os antigos que ali encostado havia um lagoão mui fundo onde até jacaré se criava.

Les anciens disent qu'à cet endroit il y avait un étang très profond où l'on trouvait même des caïmans.

Eu, desde guri conheci o lagoão já tapado pelos capins, mas o lugar sempre respeitado como um tremedal perigoso: até contavam de um mascate que aí atolou-se e sumiu-se com duas mulas cargueiras e canastras e tudo...

J'ai connu enfant l'étang déjà recouvert d'herbe et toujours avec cette réputation d'être un marécage dangereux; on racontait même qu'un colporteur qui s'était enlisé y avait disparu avec ses deux mules de somme, ses malles et tout le chargement.

Mais de uma rês magra ajudei a tirar de lá; iam à grama verde e atolavam-se logo, até a papada.

Moi, j'ai aidé à tirer de là plus d'une tête de bétail. Les animaux étaient attirés par l'herbe bien verte et s'enlisaient aussitôt, jusqu'au goître.

Só cruzam ali por cima as perdizes e algum cusco leviano.

Les seuls à s'y risquer, ce sont les perdrix et peut-être un cusco, s'il est pas trop lourd.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com certeza que as raízes do pasto e dos aguapés foram trançando uma enredia fechada, e o barro e as folhas mortas foram-se amontoando e, pouco a pouco, capeando, fazendo a tampa do sumidouro.

Les racines des herbes et des aguapés ont sûrement tissé un maillage serré où la fange et les feuilles mortes se sont accumulés et ont peu à peu recouvert le trou d'eau.

E depois nunca deram desgoto na ponta do lagoão, porque, se dessem, a água corria e não se formaria o mundéu...

Et puis personne n'a jamais creusé de pertuis au bout de l'étang parce que si on l'avait fait, l'eau se serait écoulée et n'aurait jamais formé ce piège...

Mas, onde quero chegar: vou mostrar-lhe, lá, bem no meio do manantial, uma cousa que vancê nunca pensou ver; é uma roseira, e sempre carregada de rosas...

Mais où je veux en venir ? Je vais vous montrer, là, bien au milieu du manantial, du trou d'eau, une chose que vous n'auriez jamais pensé y voir ; c'est un rosier, et couvert de roses en permanence.

Gente vivente não apanha as flores porque quem plantou a roseira foi um defunto... e era até agouro um cristão enfeitar-se com uma rosa daquelas!...

Les vivants ne cueillent pas les fleurs parce que c'est un défunt qui a planté ce rosier... Et ce serait même de mauvais augure que de se faire une parure d'une de ces roses !

Mas, mesmo ninguém poderia lá chegar; o manantial defende a roseira baguala: mal um firma o pé na beirada, tudo aquilo treme e bufa e borbulha...

Mais de toute façon, personne ne pourrait arriver jusque là ; le trou d'eau défend son joli rosier sauvage : à peine approche-t-on le pied du bord que tout ça se met à trembler, à glouglouter, à bouillonner...

Uns carreteiros que acamparam na tapera do Mariano contaram que pela volta da meia-noite viram sobre o manantial duas almas, uma, vestida de branco, outra, de mais escuro..., e ouviram uma voz que chorava um choro mui suspirado e outra que soltava barbaridades ...

Des muletiers qui ont installé leur campement dans les ruines du ranch de Mariano ont raconté avoir vu, aux alentours de minuit, deux âmes, l'une vêtue de blanc et l'autre d'un habit plus foncé..., et ils ont entendu une voix où se mêlaient sanglots et soupirs, et une autre qui lançait des imprécations...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas como era longe e eles estavam de cabelos em pé... - pois nem os cachorros acuavam, só uivavam... uivavam... - não puderam dar uma relação mais clara do caso.

Mais comme c'était loin et qu'ils avaient les cheveux qui se dressaient sur la tête... – car même les chiens qui auraient dû grogner et aboyer ne faisaient que hurler... hurler...— ils n'ont pu faire de récit plus clair de l'affaire.

E o lugar ficou mal-assombrado.

Et c'est ainsi que l'endroit est devenu hanté.

Mas, onde quero chegar: foi assim, como lhe vou contar. Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta, sem estrada nem divisa; apenas os trilhos do gado cruzando-se entre aguadas e querências.

Mais voilà où je veux en venir: c'est tout comme je vais vous raconter. Ces prairies-là n'avaient pas vraiment de propriétaire. Tout ça, c'était une pampa ouverte sans route ni limites de propriété ; juste les sentiers que traçait le bétail et qui se croisaient et recroisaient entre abreuvoirs et reposoirs.

A gadaria, não se pode dizer que era alçada: quase toda orelhana, isso sim.

Le bétail, on peut pas vraiment dire qu'il était sauvage mais pratiquement aucune bête ne portait de marque reconnue, ça c'est sûr.

Mas vivia-se bem, carne gorda sobrava, e potrada linda isso era ao cair do laço.

Mais on y vivait bien, la viande ne manquait pas et quant aux mustangs, il suffisait de lancer son lasso.

O Mariano apareceu aqui, diz que vindo de Cima da Sena, corrido dos bugres; uns, porque lhe morrera a mulher da bexiga preta, outros ainda, à boca pequena, que não era por santo que ele mudara de cancha.

Un beau jour, Mariano a fait son apparition, venu, disait-on, de Cima da Serra, chassé par les bugres*; selon les uns, parce que sa femme était morte de la variole, selon d'autres, à voix basse, parce que s'il avait changé de pâturage, c'est qu'il devait avoir la conscience chargée.

Mas fosse como fosse, chegou e arranchou-se.

Mais quoi qu'il en soit, il est arrivé dans le coin et s'y est installé.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Trazia para o brigadeiro Machado uma carta que devia ser de gente pesada, porque o brigadeiro tratou-o muito bem e decerto foi com o seu consentimento que ele aboletou-se aqui nos pagos.

Il était porteur d'une lettre pour le brigadier Machado qui devait être adressée par quelque gros bonnet car le brigadier l'a très bien traité et ce n'est qu'avec son consentement qu'il a pu s'établir par ici.

Tocava uma carreta de tolda, uma ponta de gado manso e uma quadrilha de ruanos.

Il conduisait un chariot bâché, une pointe* de bétail et une petite troupe de ruanos.

De gente, ele, duas velhucas, uma menina, uns pretos, campeiros e uma negra mina, chamada mãe Tanásia.

Quant aux gens, eh bien à part lui, deux femmes déjà vieilles, une petite demoiselle, quelques noirs, vaqueiros, et une négresse mina* qu'on appelait m'man Tanasia.

A menina era filha dele; das velhas uma era a avó da criança, e a outra, irmã dessa, vinha a ser tia-avó. Ele dava-se por genro da velha, mas não era: havia suspendido com a moça da casa, e depois nunca se proporcionou ocasião de padre para fazer-se o casamento, e o tempo foi passando até que a defunta morreu, ficando a inocente nesse paganismo de não ser filha de casal legítimo... por sacramento. Mas davam-se bem, todos.

La petite, c'était sa fille ; et quant aux deux vieilles, l'une était sa grand-mère et l'autre, sœur de la grand-mère, était donc la grand-tante. Lui se disait gendre de la vieille mais ne l'était pas: il s'était mis en ménage avec la fille de la maison et après ça, jamais il ne s'était trouvé de prêtre dans les environs pour les marier ; et puis le temps avait passé jusqu'à la mort de la mère ; et l'innocente était restée ainsi, dans cette impiété de ne pas être l'enfant d'un couple légitime... marié à l'église je veux dire. Mais tous s'entendaient bien.

O paisano era trabalhador e entendido nas cousas; desde o torrão para os ranchos, e quinchar, madeiras, cercados, lavouras, tudo passou pelas suas mãos. E tanto falquejava um linhote como semeava uma quarta de trigo, e já capava um touro como amanonsiava um bagual.

L'homme était travailleur et il s'y entendait: les briques en terre pour les ranchos, la couverture en paille de santafé, la coupe du bois, les clôtures, le travail des champs, il faisait tout lui-même. Et il savait aussi bien dégrossir une poutre que semer une centaine d'acres de blé, castrer un taureau ou dresser un mustang.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando Maria Altina - era a menina, a filha dele - andava nos dezasseis anos, este arranchamento era um paraíso: o arvoredado todo crescido e dando; lavouras, criação miúda, de tudo era uma fartura; havia galpões, eira, currais, tafona.

Quand Maria Altina —c'était la p'tite demoiselle, sa fille— allait sur ses seize ans, la petite ferme était un vrai paradis : les arbres fruitiers avaient poussé et donnaient en abondance; cultures, volailles, rien ne manquait ; il y avait des granges, une aire de battage, des corrals, une meule à broyer.

O Mariano e as duas velhas traziam nas palminhas a pequena. Ela era o - ai-jesus! - de todos, até dos negros.

Mariano et les deux vieilles adoraient la petite. C'était leur « petit jésus ! » à tous, même aux nègres.

Duma feita que a família foi ao povo, para um terço de muita fama que se rezou na casa do brigadeiro Machado, a Maria Altina fez um fachadão entre a moçada; mas de todos ela tomou-se de camote com um tal André, que era furriel e gauchito teso. Não entro nisto mais pelo miúdo porque não vale a pena de falar nestes chicos pleitos de namoriscos e milongagens de crianças.

Une fois où la famille s'était rendue au village pour assister à une oraison, fameuse alentour, dans la maison du brigadier Machado, Maria Altina s'est fait remarquer parmi les jeunes gens; mais entre tous, c'est un certain André, caporal-chef et jeune gaúcho fringant, qui a gagné son coeur. Je ne vais pas vous conter les détails parce que ça n vaut pas la peine de s'attarder sur ces brouilles d'amourettes et de coquetteries de gamins.

Mas segue-se é que na despedida da volta o furriel André deu-lhe uma rosa colorada, com um pé de palmo-.... e ela atravessou a flor no seu chapéu de palha, ali no mais, com toda a inocência, à vista de todos.

En tout cas, ce qui s'est passé, c'est qu'au moment de prendre congé, le caporal-chef André lui a donné une rose rouge, avec une tige longue d'une palme. Et elle, à l'instant même, a tout simplement planté la fleur dans la paille de son chapeau, sans penser à mal et au vu de tout le monde.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Cá pra mim havia algum conchavo entre o brigadeiro e o Mariano, porque naquele soflagrante da flor os dois piscaram os olhos um para o outro e riram-se à sorrelfa por debaixo do bigode.

Entre nous, le brigadier et Mariano étaient de mèche, parce qu'à cet instant, où la rose a été offerte et acceptée, ils se sont fait un clin d'oeil et ont étouffé un rire dans leur moustache.

Ah!... o furriel era afilhado e ordenança do galão-largo ... e até diziam mais alguma cousa... Vancê entende!...

Ah!... il faut vous dire que le caporal-chef était filleul et ordonnance du brigadier... et l'on disait même plus que ça... si vous voyez ce que je veux dire!

A comitiva nessa noite pousou no caminho, e a menina deu jeito e arrumou a rosa numa botija com água, para não murchar.

Cette nuit-là, le groupe a fait halte en chemin et la gamine s'est arrangée pour mettre la rose dans une cruche remplie d'eau pour ne pas qu'elle se fâne.

De manhãzita, marcharam; e de chegada em casa, o primeiro cuidado da pécora foi cortar a rosa bem rente do cachimbo e plantar o galho numa terra peneirada e fresquinha.

Au petit matin, ils se sont mis en route; et, une fois arrivés, la première chose que la petite a fait, ça a été de couper la rose à ras du bourgeon et de planter la bouture dans de la terre fraîche et tamisée.

E tais cuidados deu-lhe que a planta pegou, botando raízes firmes e espigando ramos e folhas; e quando vieram os primeiros botões, ela apanhou-os, fez um ramo todo cheiroso, amarrou-o com a fita dos cabelos e foi prendê-lo no pé da cruz dum Nosso Senhor que estava na frente do oratório, como quem dá uma prenda, a modo de pagamento de promessa feita!...

Et elle s'en est occupée tellement bien que la bouture a pris, s'enracinant fermement dans la terre et lançant tiges et feuilles ; quand sont venus les premières boutons, elle les a cueillis, en a fait un bouquet parfumé qu'elle a lié avec le ruban qu'elle portait dans les cheveux et s'en est allé le déposer au pied d'un crucifix qui se trouvait devant l'oratoire. Comme quelqu'un qui fait une offrande, histoire de s'acquitter d'une promesse.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nesse entrementes - cousa arranjada pelo brigadeiro - o furriel pousou em casa do Mariano, de passagem para um destacamento onde ia levar ofícios. Foi um alegrão para todos, mas para a Maria Altina, nem se fala!...

Sur ces entrefaites – c’est le brigadier qui avait arrangé la chose – le caporal-chef, qui se rendait jusqu’à un détachement pour y transmettre des ordres, a fait une halte au ranch de Mariano. Tout le monde était content mais je vous laisse imaginer la joie de Maria Altina...

Vancê pense... A paisaninha só teve alma e vida e coração para o moço... ele também estava entregue, de rédea no chão.

Pensez-donc... l’âme, la vie, le cœur de la petite étaient tout au jeune homme et lui, de son côté, était aussi sous le charme, docile comme un cheval dont on a laissé la bride traîner à terre*.

Aquela visita trazia água no bico... era o trato de casamento.

C’était plus qu’une simple visite. C’était la demande en mariage.

Depois que o furriel se foi, as velhas pegaram a fazer rendas de bilro e outros preparos do aprontamento da noiva.

Après le départ du caporal-chef*, les deux anciennes se sont mises à faire des dentelles et d’autres préparatifs pour la future mariée.

A roseira estava em todo o viço: recendia que era um gosto e bordava de vermelho o caniçado da horta, que se via desde longe.

Le rosier était en pleine floraison: il resplendissait que c’en était un plaisir et formait sur les canisses du potager une frange rouge que l’on voyait de loin.

Mas, perto da pomba andava rondando o gavião.

Mais près de la colombe rodait le busard.

Na Restinguinha, obra de um quarto de légua pra lá do Mariano, morava um tal Chico Triste, que tinha filhos como rato, e o mais velho era já homem feito.

Au lieu-dit du Petit Vallon, à la Restinguina, à environ un quart de lieue de chez Mariano, habitait un certain Chico Triste qui avait une floppée d’enfants, dont le plus âgé était déjà un homme fait.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Este, que pro caso chamava-se Chicão, andava mui enrabichado pela Maria Altina.

Ce dernier, qui se nommait Chicão, s'était entiché de Maria Altina.

Ele era um bruto, que só olhava, só queria a Maria Altina - de carne e osso -. Do mais não se lhe dava; não saber se a menina era vergonhosa, ou trabalhadeira ou prendada.

C'était une brute qui ne regardait, ne voulait Maria Altina –qu'en chair et en os—. Le reste lui importait peu; il ne voulait pas savoir si la jeune fille était vertueuse ou travailleuse ou avait quelque talent.

Ele só olhava-me para as ancas, e os seios, e para a grossura dos braços; era, - mal comparando -, como um pastor no faro de uma guincha. –

Tout ce qu'il vous regardait, c'était ses hanches, et ses seins, et la chair ferme de ses bras, comme un étalon, passez-moi la comparaison, qui flaire une jument.

A rapariga tinha-lhe quase tanto medo como raiva. Uma vez ele pediu-lhe uma muda da roseira, e ela, sem negar, para não fazer desfeita, disse-lhe que tirasse o que quisesse.

Il inspirait à la jeune fille presque autant de peur que de colère. Une fois, il lui a demandé une bouture du rosier et elle, sans refuser, de peur qu'il ne se vexe, lui a dit de couper ce qu'il voulait.

- Mas eu quero é dada pela senhora!...

- Mais moi je veux que ce soit vous qui me la donniez!

- Ah! não!...: Tire o senhor mesmo, a seu gosto...

- Ah non... Prenez-la vous-même, choisissez comme il vous plaira.

- Não dá?... pois qualquer dia pico a facão toda essa porcaria!...

- Ah bon, vous n'voulez pas me la donner? Eh bien un de ces jours, je taillerai en pièces toute cette saleté à coups de machette.

E levantou-se e saiu, todo apotrado.

Il s'est levé et s'en est allé, la rage au coeur.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Outras vezes trazia-lhe de presente ovos de perdiz, ou ninhadas de mulitas, que ela criava com paciência e logo que podiam manter-se, largava para o campo. Uma ocasião trouxe-lhe um veadinho; ela soltou-o; uns gatos viscachas, soltou-os também.

D'autres fois, il lui apportait en cadeau des oeufs de perdrix, des portées de tatou mulita qu'elle élevait patiemment puis relâchait dans les champs dès qu'ils étaient assez grands pour se débrouiller. Une fois, il lui a apporté un fãon et elle lui a rendu sa liberté; une autre fois, des viscaches, et elle a fait pareil.

O Chicão que não via nunca os seus presentes, soube do caso, e, por despique, apanhou uns quantos filhotes de avestruz, e a tirões arrancou-lhes - ainda vivos, criatura! - as pernas e as asas, e assim arrebetados e estrebuchando, mandou-os à Maria Altina;... a pobre desatou num pranto de choro, ao ver a malvadez daquele judeu...

Chicão, qui ne voyait jamais ses cadeaux, a eu vent de l'usage qu'elle en faisait, et, pour se venger, a attrapé des oisillons d'autruche à qui il a arraché les ailes et les pattes et qu'il a fait parvenir dans cet état à Maria Altina, tout mutilés et se traînant sur leurs moignons: ... la pauvre a éclaté en sanglots en voyant la méchanceté de ce payen...

Assim estavam as cousas quando o furriel passou e logo depois correu a nova do casamento.

Les choses en étaient là lorsque le caporal-chef a fait étape chez Mariano et que, peu de temps après, la nouvelle a couru du mariage qui se préparait.

O Chicão espumou de raiva... Levava os cavalos a sofrenações, os cachorros a arreador, os irmãos a manotaços e até a mãe, com respostas duras.

Chicão en a eu l'écume aux lèvres... Il tirait comme un forcené sur le mors de ses chevaux, distribuait des coups de fouet à ses chiens, des coups de poing à ses frères et jusqu'à sa mère à qui il répondait durement.

Só respeitava o pai, o velho Chico, e assim mesmo porque este tinha marca na paleta, mas não era tambeiro.

Il ne respectait que son père, le vieux Chico, et ça, uniquement parce qu'il savait que le vieux, sous ses airs de bœuf paisible, pouvait encore charger...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No dia - véspera da barbaridade, houve na casa do Chico Triste um batizado feito por um padre missioneiro que ia de caminho; a gente do Mariano foi convidada. Nessa noite comeram doces, tocaram viola, cantaram e até dançaram uma tirana e o anu.

Ce jour-là, la veille du drame, il y a eu dans la maison de Chico Triste un baptême célébré par un père des Missions* qui s'était arrêté en chemin; Mariano et les siens ont été invités. La nuit, on a mangé des gâteaux, on a joué de la guitare et on a même dansé une tirana* ou un anu*.

Aí o Chicão cargoseou muito a Maria Altina.

À cette occasion, Chicão a fait une cour pressante à Maria Altina.

A jantarola e o resto do festo iam ser no dia seguinte - que foi o do caso.

Le repas de baptême et le reste des festivités devaient avoir lieu le jour suivant, qui est celui où s'est passée notre affaire.

Vancê acredita?... Nesta manhã, desde cedo, os pica-paus choraram muito nas tronqueiras do curral e nos palanques ... e até furando no oitão da casa;... mais de um cachorro cavoucou o chão, embaixo das carretas;... e a Maria Altina achou no quarto, entre a parede e a cabeceira da cama, uma borboleta preta, das grandes, que ninguém tinha visto entrar...

Le croirez-vous?... Ce matin-là, il était encore tôt quand les pics ont tambouriné du bec dans les troncs du corral et des clôtures... on les a même entendus en train de forer dans le pignon de la maison... les chiens ont creusé le sol de leurs pattes sous les charrettes,... et Maria Altina a trouvé dans sa chambre, entre le mur et la tête de lit, un grand papillon noir que personne n'avait vu entrer.

Sol nado o Mariano e uma das velhas foram para o Triste, para dar um auxílio. Os campeiros, como de costume, para os seus serviços, uns de campo, outros lenhar.

Au lever du soleil, Mariano et l'une des deux vieilles se sont rendus chez Chico Triste pour donner un coup de main. Les vaqueiros, comme à l'ordinaire, sont partis à leurs occupations, les uns aux champs, les autres à couper du bois.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Na casa só ficaram, para irem mais tarde, a Maria Altina e a outra velha, que era a avó; e para as duas, debaixo do umbu, dois mancarrões encilhados.

Dans la maison ne sont restées que Maria Altina et l'autre vieille femme qui était sa grand-mère; et, les attendant sous l'umbu, car elles devaient rejoindre les autres plus tard, il y avait deux rosses déjà sellées.

Ficou também a negra mina, que viu tudo e foi quem fez o conto.

La vieille négresse mina était restée aussi à la maison et c'est elle qui a tout vu et a raconté après.

A avó estava na cozinha frigindo uns beijus e a Maria Altina na varanda, apenas em saia, arrematava um timãozinho^{rs} novo.

La grand-mère était dans la cuisine en train de faire frire des beijus et Maria Altina dans la véranda, en simple jupe, en train de faire une dernière retouche à un gilet neuf.

Na cabeça, como gostava, trazia uma rosa fresca, e que ficava-lhe sempre a preceito no negrume da cabeleira. E garganteava umas coplas que tinha aprendido na véspera, quando dançava a tirana e se divertia. Umas coplas que eram assim... e me lembro, porque quem as botou - para uma outra - foi mesmo este seu criado Matias !...

Sur la tête, comme elle se plaisait à le faire, elle portait une rose fraîche, qui était toujours d'un si bel effet dans le jai de ses cheveux. Et elle chantonnait quelques couplets qu'elle avait appris la veille quand elle dansait la tirana et qu'elle s'amusait. Des couplets qui disaient... et je me les rappelle bien parce que celui qui les a composés —pour une autre— c'est votre serviteur!

Quem canta pra tu ouvires
Devia morrer cantando...
Pois quando daqui saíres,
Do cantor vais te olvidando;

Qui chante pour que tu l'entendes
Devrait mourir en chantant...
Car quand tu sortiras d'ici,
Le chanteur tu oublieras;

E, pode ser que morrendo,
Dele então tu te lembrasses:
Se visses outro defunto,
Ou se outra vez tu dançasses...

Et il se peut que s'il meurt
Alors tu t'en souviennes;
Si tu voyais un autre défunt,
Ou dansais une autre fois...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Minha voz no teu ouvido,	Ma voix dans ton oreille
Soluçaria de dor,	Sangloterait de douleur
Não por deixar a vid...	Non pour avoir quitté la v...

E nem acabou o verso, porque estourou na cozinha um esconjuro e logo a voz da avó, sumida e arroucada, gritando - bandido! bandido! - e depois um gemido ansiado, uns ais... e um baque surdo...

Et elle n'a pas terminé le vers car on a entendu un cri angoissé dans la cuisine et tout de suite après, faible et déjà rauque, la voix de sa grand-mère qui criait: bandit ! Bandit ! Et puis un gémissement, des cris de douleur et un grand bruit sourd...

De pé, com o timãozinho numa mão e a agulha na outra, pálida como a cal da parede, o coração parado, Maria Altina pregada no chão, de puro medo, ouviu... ouviu..., e aí no mais entrou e veio a ela o Chicão..., o Chicão, entende vancê? - com uns olhos de bicho acuado, e um bafo de fogo, na boca...

Debout, le gilet dans une main et l'aiguille dans l'autre, pâle comme la chaux qui couvrait le mur, le coeur transi, Maria Altina clouée au sol tellement elle était pétrifiée par l'effroi, a écouté... écouté encore... et à cet instant, Chicão est entré d'un coup, qui s'est précipité sur elle... Chicão, vous comprenez ? Avec des yeux de bête aux abois, et une haleine brûlante...

E como chegou, atropelou-a, agarrou-a, apertou-a, abraçando-a pela cintura, metendo a perna entre as dela, forcejando por derrubá-la, respirando duro, furioso, desembestado... mais mordendo que beijando o pescoço amorenado... e garboso...

Et dans un même mouvement, il est sur elle, la bouscule, la coince, la serre contre lui, un bras autour de sa taille, une jambe entre ses jambes à elles et forçant pour la renverser, le souffle rauque, furieusement, précipitamment... mordant plus qu'il ne baisait le cou doré... et si bien tourné...

A rapariga gritou, empurrando-o num desespero, arranhando-lhe a cara, ladeando o corpo... por fim atacou-lhe os dentes num braço.

La jeune fille hurle, le repousse avec l'énergie du désespoir, lui griffant le visage, cherchant à échapper à son étreinte... et finit par lui planter ses dents dans le bras.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ele urrou com a dor e largou-a um momento; ela aproveitou o alce e disparou..., ele quis pegá-la de novo, mas no mover-se enredou as esporas no timãozinho que caíra, e testavilhou maneado ...

Il pousse un hurlement de douleur et la lâche quelques secondes; elle en profite pour s'échapper..., il veut l'attraper à nouveau mais ses éperons se prennent dans le gilet qu'elle avait laissé tomber par terre et il trébuche, entravé par l'étoffe...

A pobre, ao passar pela cozinha viu a avó estendida, com as roupas enrodilhadas, a cabeça branca numa sanguieira... e então desatinada , num pavor, correu para o umbu e foi o quanto pulou a cavalo e já tocou, a toda, coxilha abaixo !...

La malheureuse, en traversant la cuisine, voit sa grand-mère étendue, les vêtements ramassés autour d'elle, la tête aux cheveux blancs dans une flaque de sang... et à ce moment-là, complètement éperdue, épouvantée, elle court jusqu'à l'umbu, bondit sur l'un des chevaux et part au grand galop, en dévalant la pente de la coxilha.

Mas, logo, logo, mesmo sem se voltar, sentiu-se quase alcançada pelo Chicão, que também montara e se lhe vinha em perseguição...

Mais presque immédiatement, même sans se retourner, elle sent que Chicão est derrière elle et qu'il la rattrape car lui aussi a enfourché son cheval et s'est lancé à sa poursuite.

E os dois, - a que te pego! a que te largo !- se despencaram por aquele lançante, em direitura ao manantial ! E, ou por querer atalhar, ou porque perdesse a cabeça ou nem se lembrasse do perigo, a Maria Altina encostou o rebenque no matungo, que, do lance que trazia costa abaixo, se foi, feito, ao tremedal, onde se afundou até as orelhas e começou a patalejar, num desespero!...

Et les deux cavaliers, tout à ce jeu de que j't'attrape, que j'm'échappe, déboulent droit vers le trou d'eau. Et, parce qu'elle veut couper court ou parce qu'elle a perdu la tête ou même parce qu'elle a oublié le danger en bas, Maria Altina cravache son canasson qui, de la façon dont il dévale le flanc de la colline, atterrit pile dans le marais où il s'enfonce jusqu'aux oreilles et commence à agiter désespérément les pattes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A campeirinha varejada no arranco, sumiu-se logo na fervura preta do lodaçal remexido a patadas!... E como rastro, ficou em cima, boiando, a rosa do penteado.

La petite cavalière, désarçonnée dans la chute du cheval, a disparu aussitôt dans l'eau boueuse du marais que les pattes du cheval barattaient ! Et comme seule trace d'elle, flottant à la surface, la rose qu'elle avait dans les cheveux.

E da mesma carreira, o cavalo do Chicão, que também vinha tocado à espora e relho, chapulhou no pantanal, um pouco atrás do outro, cousa de braça e meia... e ali ficou, o corpo todo sumido, procurando agüentar as ventas, as orelhas fora da água.

Et dans un même mouvement, le cheval de Chicão, éperonné et cravaché lui aussi, a plongé dans le marécage, un peu derrière l'autre, à une brasse et demie plus ou moins, et est resté là, le corps tout entier dans la boue, tendant vers l'air les naseaux dilatés, les oreilles hors de l'eau.

O Chicão, agora deslombando-se em esforços para sair da enrascada, não podia, porque bem sentia as esporas enleadas nas raízes e os cabrestilhos eram fortes.... - e parecia-lhe que tinha um pé quebrado por uma patada do cavalo, que se despedaçava aos arrancos, sentindo-se chupado para o fundo...

Chicão se démenait maintenant pour essayer de sortir du piège où il était tombé mais en vain, parce qu'il sentait bien que ses éperons étaient pris dans les racines et les étrivières étaient solides. Et il lui semblait aussi qu'il avait un pied brisé, brisé par une ruade du cheval qui se cabrait et s'éreintait pour se libérer, se sentant aspiré vers le fond du marais.

Depois desse estropício, tudo ficou como estava: tudo no sossego, o sol subindo sempre, nuvens brancas correndo no céu, passarinhos cruzando para um lado e outro... os galos cantando lá em cima... uns latidos, muito longe... pios de perdiz... algum inhé de sapo ali perto...

Après la catastrophe, tout est redevenu comme avant: le calme tout autour, le soleil qui grimpe imperturbable, la course des nuages blancs dans le ciel, les oiseaux voletant d'un bord à l'autre du marais... les coqs en train de chanter plus haut au rancho,... quelques aboiements, très loin... des piu-piu de perdrix... un coâ-coâ de crapaud tout proche...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Parecia que nada se havia dado: se não fosse a rosa colorada boiando, lá, e o Chicão atolado até o peito, mais pra cá.

On aurait dit qu'il ne s'était rien passé, s'il n'y avait pas eu cette rose rouge qui flottait sur le marais et là, un peu plus près du bord, Chicão, enlisé jusqu'à la poitrine.

O cavalo dele, com a cabeça alinhada, mal podia agüentar fora da água o focinho e ressolhava, o pobre, puxando a respiração em assobios grossos, e o dono, todo salpicado de barro, suava em cordas, cada vez mais ansiado, não podendo desprender-se das malditas esporas, que o sujeitavam em cima do bagual, que ia se afundando... afundando... afundando... E a cada sacudida feita naquele reduto todo o manancial bufava e borbulhava...

Son cheval, la tête dressée, pouvait à peine maintenir son museau hors de l'eau et il renâclait bruyamment, le pauvre, avec des sifflements rauques à chaque respiration, et le cavalier, tout éclaboussé de boue, suant des cordes, de plus en plus angoissé, ne pouvait se libérer des maudits éperons qui le maintenaient prisonnier sur le cheval, lequel continuait à s'enfoncer... à s'enfoncer... à s'enfoncer. Et à chaque secousse dans ce carré de boue, c'était tout le marécage qui se mettait à glouglouter et à lâcher de grosses bulles.

Com pouco mais o Chicão desceu ainda, atolado até os sovacos; o cavalo já se não via e nem bulia, sufocado e morto, pesando entregue no mole do tremedal...

Encore quelque minutes et Chicão s'était enfoncé davantage, enlisé maintenant jusqu'aux aisselles: le cheval avait disparu et ne faisait déjà plus aucun remous, suffoqué, noyé, pesant de tout le poids de son corps abandonné à la succion du marais...

E as esporas... as malditas esporas, nem nada!...

Et ces éperons... ces maudits éperons, mais rien à faire !

Obrigado pela postura em que estava, ele olhava para o buraco que tinha engolido a Maria Altina: sobre a água barrenta, escura, nadavam folhas secas, capins pisoteados, gravetos... e no meio deles, limpa e fresca, boiava a rosa que se soltara dos cabelos da cobiçada no momento em que ela entrava pela morte a dentro, dentro do lodaçal...

Ne pouvant pas tourner les yeux dans une autre direction à cause de la posture dans laquelle il se trouve, il fixe le trou qui a englouti Maria Altina: sur l'eau boueuse, presque noire, surnagent quelques feuilles sèches, des herbes piétinées, des brindilles, et au milieu de tout ça, la rose qui s'est détachée des cheveux de la jeune fille à l'instant où elle est entrée dans la mort, entrée dans ce lac de fange...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E o tempo foi passando, a tranqüito, sem pressa nem vagar.

Le temps passe, au petit trot, sans se presser ni s'attarder.

Vancê lembra-se?...

Vous vous rappelez ?

Como eu disse, havia ficado em casa, além das brancas, a tia mina, - a mãe Tanásia - que, quando sentiu a desgraceira, ganhou no paiol, escondendo-se e daí pode bombear alguma cousa. Quando viu as criaturas montarem e tocarem -como caça e caçador - a mãe Tanásia saiu da toca e voltou à cozinha, dando com a - nhandã ... morta, e logo viu que a sinhazinha fugira. E pensou em ir ao Chico Triste, avisar o Mariano. O mais perto era ir pelos olhos-d'água, acima do manancial; desceu o caminho; costeou pelas pedras e quando dobrava a estradinha frenteou com o Chicão...

Comme je vous l'ai dit, était restée au ranch, en plus des patronnes blanches, la nourrice mina, m'man Tanasia, laquelle, quand elle a entendu crier, est partie se cacher dans la réserve et, de là, a pu épier ce qui se passait. Quand elle a vu les deux jeunes gens monter à cheval l'un après l'autre et décamper tels un chasseur derrière sa proie, m'man Tanasia est sortie de sa cachette et s'en est retournée à la cuisine, et c'est là qu'elle est tombée sur la nhandã... morte, et elle a compris aussitôt que la sinhazinha s'était enfuie. Elle s'est dit qu'elle irait chez Chico Triste pour avertir Mariano. Le plus court, c'était de passer par la source, au dessus du marais: elle a descendu le sentier, contourné par les pierres et, au sortir du coude que faisait le chemin, la voilà nez à nez avec Chicão.

A mãe Tanásia ficou estatelada..., e daí a pedaço - em que olhou só, sem pensar nada - foi que a coitada falou.

M'man Tanasia s'est figée..., et ce n'est qu'au bout d'un petit moment, pendant qu'elle regardait sans pouvoir penser à quoi que ce soit, que la pauvre a réussi à parler :

- Eh! eh!... siô moço!... que é que suncê fez!...

- Oh ! Oh ! Mon jeune monsieur, qu'est-ce que vous avez fait ?

E o desalmado gritou-lhe:

Et le misérable de lui hurler en réponse:

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Vai, bruaca velha, vai contar!...

- Va-t-en, vieille sorcière, va-t-en donc leur dire !

- Ah! ah!... Deus perdoe!...

- Hélas ! Que Dieu vous pardonne !...

E foi andando, estradinha afora, lomba acima, apurando o passo, um pouco renga.

Et elle a repris sa marche, suivant la piste, remontant la côte, pressant le pas, en boitillant.

Nesse meio tempo também chegavam à casa os campeiros; era hora de comer; repararam que só estava amarrado um cavalo; a casa aberta, silenciosa; um espiou pela janela da cozinha..., e gritou pelos outros, benzendo-se...

Entretemps, les vaqueiros étaient de retour; c'était l'heure de manger; ils ont remarqué qu'un seul cheval était attaché à l'arbre; la maison ouverte, silencieuse; l'un d'eux a regardé par la fenêtre de la cuisine et a appelé les autres en se signant...

Lá estava a senhora, com a cabeça arrebetada a olho de machado... O fogo apagado, a banha coalhada, os beijos frios..., e mui a seu gosto, de papo para o ar, dormindo na saia da morta, uma gata brasina e a sua ninhada.

Leur maîtresse gisait à terre, la tête défoncée par un coup de hâche..., Le feu éteint, le saindoux figé, les beijos froids... et bien à son aise, étirée sur le dos, une chatte écaille de tortue dormait avec ses petits dans la jupe de la morte.

Chamaram pela mãe Tanásia... gritaram... procuraram... e nada! Um deles, mais alarife, propôs que fugissem... que era melhor ser caiambola do que ser estaqueado... que por certo iam acusá-los daquela maldade.

Ils ont appelé à grands cris m'man Tanasia... Ils l'ont cherché partout... Rien ! L'un deux, plus malin que les autres, a proposé de fuir parce qu'il valait mieux être nèg' marron que d'se retrouver à l'estacade*... car pour sûr qu'on ne manquerait pas de leur mettre le crime sur le dos.

Porém outro mais precatado disse:

Mais un autre, plus avisé, a pris la parole:

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Cala a boca, parceiro... Vamos é avisar sinhô velho...

- Tais-toi donc camarade... Ce qu'on va faire, c'est avertir le patron...

E ficando uns de guarda, tocaram-se os outros, a meia rédea, para o Triste, onde, fulos de medo, desovaram a novidade.

Deux ou trois sont restés de garde et le reste est parti à bride abattue en direction de la maison de Chico Triste, où, terrorisés, ils ont lâché la nouvelle.

Que canhonaço, amigo! A gentama toda se alvorotou-; o que era de mulheres abriu num alarido, o que era homem apresilhou as armas, e já se saiu, muitos de em pêlo, cobrindo a marca dos fletes, o Mariano na frente, como um louco.

Ah quel coup de canon, mon ami ! Ça a été un branle-bas général, entre les femmes qui se mettent à hurler et les hommes qui bouclent leurs armes. Et les voilà déjà dehors, beaucoup montés à cru, cravachant les chevaux sans pitié, Mariano en tête, galopant comme un possédé.

Eu estava nessa arrancada. Chegamos como um pé-de-vento e conforme boleamos a perna, vimos o mesmo que os negros contavam. E da Maria Altina, nada; da mãe Tanásia, nada. Apenas no chão da varanda novelos desparramados, a mesa arredada, o timãozinho novo com um rasgão grande...

Et moi, j'ai fait partie de cette équipée. On est arrivés en trombe et en mettant pied à terre on a vu la scène telle que les nègres l'avaient décrite. De Maria Altina, aucune trace. Même chose pour m'man Tanasia. Rien si ce n'est des bobines de fil dévidées sur le sol de la véranda, la table repoussée, le gilet neuf avec une grande déchirure...

Nisto, um aspa-torta, gaúcho mui andado no mundo e mitrado, puxou-me pela manga da japona e disse-me entre dentes:

Sur ce, un gaucho corne-tordue* qui avait vu le monde et qui se tenait pour avisé, m'a tiré par la manche de ma vareuse et m'a dit à voix basse:

- O Chicão repontava a rapariga;... ele não estava em casa, nem veio conosco; ela não está... Patrício... que lhe parece?...

- Chicão tournait autour de la gamine;... il n'était pas chez lui, il est pas venu avec nous non plus; elle, elle est pas là... Qu'est-ce que tu en penses, camarade?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Hom!... respondi eu, e fiquei-me com aquele zunido de varejeira no ouvido...

- Hum ! Que j'ai répondu et j'ai gardé dans les oreilles ce bourdonnement de mouche à vers...

Mas o paisano tinha o estômago frio e foi passando língua;... daí a pouco todos faziam as mesmas contas, até que um, mais golpeado, disse-o claro, ao Mariano!

Mais le gars ne savait pas tenir sa langue... et il a pas fallu longtemps pour que tous en arrivent aux mêmes conclusions, jusqu'à ce que l'un d'entre eux, un peu plus sanguin, dise les choses clairement à Mariano !

O homem relanceou os olhos a ver talvez se descobria o Chicão... depois teve a modo uns engulhos e depois ficou como entecado...

Mariano a jeté un regard autour de lui pour voir s'il n'apercevait pas Chicão... puis on aurait dit qu'il avait des spasmes et puis il est resté comme paralysé...

Pensaria mesmo que a filha tinha fugido com o querendão?... Quem sabe lá!... Que o rapaz rondava, isso ele e todos sabiam e que ela não fazia caso do derretimento, isso também se sabia: agora, como dum momento para o outro os dois se tinham combinado, isso é que era!...

Pensait-il vraiment que sa fille s'était enfuie avec son amoureux ?... Va là savoir !... que Chicão tournait autour d'elle, ça, lui et tous les autres le savaient, et qu'elle en faisait peu de cas, ils le savaient aussi: mais, comment d'un moment à l'autre ils avaient pu se mettre d'accord tous les deux, là, oui, ça dépassait tout !...

Mas ao mesmo tempo perguntava-se - quem matou a velha e por quê?...

Mais en même temps, il se demandait – Mais qui a tué la vieille alors et pourquoi ?...

E quando estávamos neste balanço ouvimos então a gritaria das mulheres, que tinham vindo de a pé, encontrando no caminho a mãe Tanásia.

Et, alors qu'on était là à tergiverser, voilà qu'on entend les cris des femmes qui étaient venues de la maison de Chico Triste à pied et avaient rencontré m'man Tanasia sur le chemin.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em antes de chegarem, já os cuscos, ponteiros, tinham começado a acuar, por debaixo dos araçazeiros; as crianças, curiosas e mais ligeiras, tinham corrido pensando ser algum bicho... e recuaram assustadas, fazendo cara-volta, umas chorando, outras sem fala, apenas apontando para o manantial ...

Avant qu'elles n'arrivent au marais, les chiens, qui étaient devant, avaient commencé à grogner, menaçants, de dessous les araças; les enfants, curieux et plus rapides, étaient accourus pensant qu'il s'agissait de quelque animal... et ils avaient reculé effrayés, faisant volte-face, certains en pleurs, d'autres muets se contentant de pointer du doigt en direction du manantial....

E quando a ranchada das damas chegou perto e viu... viu o Chicão atolado; o Chicão atolado, e logo adiante, no barro revolvido, a rosa colorada boiando; a rosa boiando, porque a moça estava no fundo, afogada, porque... porque... por causa do Chicão?... por medo dele, que queria abusar dela?... quando as senhoras-donas, todas caladas, viram aquele condenado, e uma, mais animosa, gritou-lhe - cachorro desavergonhado! -foi que a mãe dele, jungindo as lágrimas para não saltarem, perguntou:

Et quant le groupe de femmes s'est approché e a vu ... a vu Chicão enlisé ; Chico enlisé, et un tout petit peu plus loin, dans la boue toute remuée, la rose rouge qui flottait ; la rose qui flottait parce que la jeune fille était au fond, noyée, parce que... parce que... à cause de Chicão ?... par peur de lui, qui voulait abuser d'elle ?... quand les femmes, muettes toutes, ont vu le misérable mais que l'une d'elles, plus hardie que les autres, lui a crié "Salaud, tu n'as pas honte ?" c'est à ce moment-là que sa mère, retenant ses larmes, a demandé :

- Chicão, meu filho, que é isto?...

- Chicão, mon fils, mais qu'est-ce qui s'est passé ?

- Atolado.... as esporas;... um laço!...

- Enlisé... les éperons... un lasso !

- Filho!... que desgraça! E a Maria Altina?...

- Ah mon fils... Quel malheur ! Et Maria Altina ?

- Aí!... embaixo da rosa...

- Là, sous la rose...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi neste ponto que rompeu o alarido, os choros, os chamados que ouvimos lá em cima, nas casas, e descemos logo. O Mariano vinha com os olhos raiados de sangue e batendo os dentes, como porco queixada...

C'est à ce moment-là que les cris ont éclaté, les gémissements, les appels qu'on a entendus d'en haut, des maisons, et on est descendus aussitôt. Mariano arrivait avec les yeux injectés de sang et claquait des dents comme un cochon pecari.

E quando paramos todos e vimos o jeito daquele rufião maldito, ainda um lembrou, alto:

Et quand on s'est arrêtés, et qu'on a vu cette maudite brute dans la situation où il était, l'un d'entre nous a pensé à voix haute :

- Vamos laçar o homem, e puxar cá pra fora!...

- On va l'attraper au lasso et le tirer de là !...

O Mariano porém, gritou:

Mais Mariano s'est écrié :

- Espera!... e voltando-se para o atolado, indagou:

- Attendez ! Et se tournant vers l'homme embourbé, il lui a demandé :

- Por que mataste a velha?...

- Pourquoi est-ce que tu as tué la vieille ?

- Não!

- C'est pas moi !

- Viste a Maria Altina?

- Tu as vu Maria Altina ?

- Não! esburacado.

- Non. J'suis coincé dans l'trou !

- Que é esse, aí na tua frente?

- Et c'est quoi ça juste devant toi ?

- Não sei!

- J'sais pas !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- E aquela rosa... também não sabes?...
- Et la rose là devant toi... ça non plus tu n'sais pas ?
- Pois sei, sim! É dela... e a velha, também, fui eu... e agora?...
- Eh bien si, je sais ! C'est à elle... Et la vieille aussi, c'est moi... et alors ?...
- Vou rebentar-te a cabeça...
- Je vais te faire sauter la cervelle...
- Arrebenta! Se não fosse as esporas!...
- Vas-y ! Si y avait pas ces fichus éperons !

Então o Mariano sacou a pistola do cinto e trovejou... e errou! Secundou o tiro e a bala quebrou o ombro do Chicão, que deu um urro e estorceu-se todo; quis firmar-se, porém o braço não afundava-se no barro, acamando os capins já machucados; com esses tirões e arrancos o manancial todo tremia e bufava, borbulhando...

Alors Mariano a tiré son pistolet de sa ceinture et a fait feu... et il l'a manqué. Il a tiré une seconde fois et la balle a fracassé l'épaule de Chicão qui a poussé un hurlement et s'est tordu sur sa selle. Chicão a voulu se remettre d'aplomb mais son bras sain s'est enfoncé dans la boue, aplattissant les herbes déjà écrasées ; avec toutes ces gesticulations, c'était le marais entier qui tremblait et bouillonnait, et des bulles crevaient la surface de l'eau fangeuse.

O Mariano amartilhou a outra pistola; o Chicão berrou de lá:

Mariano a levé le chien de son autre pistolet ; Chicão a crié de là où il était :

- Mata! Eu não pude!... mas o furriel também não há-de!...
- Vas-y, tue moi donc ! Moi, j'ai pas pu !... mais le caporal-chef, y pourra pas non plus !

Mas nisto a mãe dele abraçou-se nos joelhos do Mariano, e o padre missioneiro levantou a cruzinha do rosário, meteu o Nosso Senhor Crucificado na boca do cano da pistola... e o Mariano foi baixando o braço... baixando, e calado varejou a arma para o lameiro...; mas de repente, como um parreheiro largado de tronco, saltou pra diante e de vereda atirou-se no manancial...

Mais à cet instant la mère de Chicão a embrassé les genoux de Mariano et le père missionnaire a élevé la petite croix de son rosaire et placé le crucifix devant la gueule du canon du pistolet... et Mariano a baissé lentement le bras... l'a baissé et, sans dire un mot, a jeté l'arme dans la fange..., mais soudain, comme un cheval de course qui s'élance au moment où on ouvre les battants qui le retenaient, il a jailli en avant et s'est jeté dans le marais...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E meio de pé, meio de gatinhas, caindo, bracejando, afundando-se, surdindo, todo ele numa plasta de barro reluzente, alcançou o Chicão, e - por certo - firmando-se no corpo do cavalo morto, botou-se ao desgraçado, com as duas mãos escorrendo lodo apertou-lhe o gasganete... e foi calcando, espremendo, empurrando para trás..., para trás... até que num - vá! - aqueles abraçados escorregaram, cortou o ar uma perna, um pé do Chicão, - livre da espora - e tudo sumiu-se na fervura que gorgolejou logo por cima!...

Et tantôt debout, tantôt à quatre pattes, tombant, s'aidant des bras, disparaissant, réémergeant, le corps entier couvert de vase luisante, il est arrivé sur Chicão, et, sûrement en prenant appui sur le corps du cheval mort, il s'est lancé à la gorge du misérable, et de ses deux mains d'où ruisselait la boue, il lui a serré le cou... et il a continué à appuyer, à serrer, serrer en le poussant vers l'arrière..., en poussant et en serrant toujours plus fort... jusqu'à ce que – Vlan ! – les deux hommes embrassés basculent ensemble, une jambe puis un pied de Chicão, libéré de l'éperon, cisaillant l'air, et que tout disparaisse dans les remous qui se sont mis à agiter la surface au dessus d'eux...

Imagine vancê, aquilo passando-se ali pertinho a meio laço de distância e ninguém podendo remediar...

Imaginez la scène, tout ça en train de se passer là tout près, à une moitié de jet de lasso et personne sans pouvoir rien y faire...

Houve só uma palavra em todas as bocas; Jesus, Senhor!...

Un seul mot est sorti de toutes les bouches : Jésus !

O manancial borbulhava por todas as costuras... Se fosse água limpa... Credo!...

Le marais était en effervescence comme s'il était prêt d'éclater... Si ça avait été de l'eau claire... Seigneur !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

D'espacito... d'espacito... o missionário foi estendendo o braço, como esperando que as almas subissem... depois riscou uma cruz larga, na claridade do dia; e ajoelhando-se na beira daquela cova balofa, de três defuntos de razão de morrer tão diferente e de morte tão a mesma, começou a rezar.

Doucement, doucement... le père missionnaire a étendu le bras, comme s'il attendait que les âmes montent au ciel... puis il a tracé une grande croix dans la clarté du jour ; et s'agenouillant sur le bord de cette tombe boursouflée qui avaient englouti trois défunts, trois défunts qui étaient morts chacun pour une raison différente et pourtant d'une mort si semblable, il a commencé à prier.

E logo no derredor a gentama também se foi arrodilhando... e todos com os olhos firmados no manancial, e todos de mãos postas, todos empeçaram um - Salve-Rainha - que foi alteando e subindo no descampado, tão penaroso, tão sentido, tão do coração, que até parece que amansou os próprios bichos, porque, entrementes, nem um cachorro latiu, nem passarinho piou, nem cavalo se mexeu!...

Et aussitôt, autour de lui les gens se agenouillés eux-aussi... et tous avec les yeux fixés sur le marais, tous les mains jointes, ils ont entonné d'une même voix un – « Je vous salue Marie » qui a enflé et s'est élevé au-dessus de la campagne rase, tellement pénétré de chagrin et d'émotion, et qui venait tellement du cœur qu'on avait l'impression qu'il allait jusqu'à rendre les bêtes plus dociles car, pendant ce temps, pas un chien n'a aboyé, pas un oiseau n'a piaillé, pas un cheval n'a bronché !

Nas paradas da reza só se ouvia os soluços da mãe do Chicão e um leve guasqueio do vento nas talas dos jerivás.

Entre deux versets, tout ce qu'on entendait, c'étaient les sanglots de la mère de Chicão et un léger fouettement du vent dans les palmes des jerivás.

Acabada a devoção e marchando como uma procissão, fomos para a casa levando a outra velhinha, a irmã da que lá estava, de cabeça esmigalhada. Velamos o corpo e na manhã seguinte fizemos-lhe o enterro, também lá embaixo, na costa do manancial.

La prière terminée, on a regagné les maisons comme dans une procession, en emmenant l'autre petite vieille, la sœur de celle qui s'était fait fracasser le crâne. Celle-là, on a veillé son corps et le lendemain matin, on l'a enterrée, en bas avec les autres, sur le bord du trou d'eau.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O missioneiro benzeu, e então fincamos uma cruz morruda, de cambará, para vigia às almas dos quatro mortos.

Le père missionnaire a béni la tombe et ensuite on a planté une grande croix de cambará, pour veiller sur les âmes des quatre morts.

Depois, cada qual tomou seu rumo.

Après ça, chacun a repris sa route.

Anos depois passei por aqui: cortava a alma olhar para o arranchamento. Os negros tinham tomado a alforria por sua mão, e se foram a la cria! ... Ficaram as duas mulheres, a mãe Tanásia e a sua senhora velha, que, por caridade, o brigadeiro Machado mandou buscar pra casa dele.

Des années plus tard, je suis repassé par ici ; ça vous fendait l'âme de voir ce qu'était devenue la petite ferme. Les nègres s'étaient affranchis eux-mêmes et avaient fichu le camp ! Seules étaient restées les deux femmes, m'man Tanasia et sa vieille maîtresse que le brigadier Machado, par charité, avait envoyé chercher pour qu'elles viennent habiter chez lui.

O arranchamento ficou abandonado; e foi chovendo dentro; desabou um canto de parede; caiu uma porta, os cachorros gaudérios já dormiam lá dentro. Debaixo dos caibros havia ninhos de morcegos e no copiar pousavam as corujas; os ventos derrubaram os galpões, os andantes queimaram as cercas, o gado fez paradeiro na quinta. O arranchamento alegre e farto foi desaparecendo... o feitio da mão de gente foi-se gastando, tudo foi minguando; as carquejas e as embiras invadiram; o gravatá lastrou; só o umbu foi guapeando, mas abichornado, como viúvo que se deu bem em casado...;

Le ranch de Mariano est resté à l'abandon ; la pluie y a pénétré et un pan de mur s'est écroulé, une porte est tombée et les chiens errants n'ont pas tardé à venir dormir à l'intérieur. Sous les poutres, des chauves-souris avaient fait leur nid et les chouettes se posaient sous le porche; les vents ont fait s'effondrer les granges, les gens de passage ont brûlé les clôtures pour faire du feu, le bétail a pris l'habitude de se regrouper dans le pré. Le petit établissement, tout joyeux et généreux qu'il était, a disparu petit à petit.... Ce que la main des hommes avait fait est allé à vau l'eau. Les carquejas et les embiras ont envahi l'endroit ; le gravatá s'est installé partout, seul l'umbu a résisté, mais tristement, comme un veuf qui a été heureux en ménage...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi ficando tapera... a tapera... que é sempre um lugar tristonho onde parece que a gente vê gente que nunca viu... onde parece que até as árvores perguntam a quem chega: - onde está quem me plantou?... onde está quem me plantou?... –

C'est devenu une tapera... la tapera ... cette ruine qui est toujours un endroit lugubre où on a l'impression de voir des gens qu'on n'a pourtant jamais vu... où on a l'impression que même les arbres demandent à celui qui arrive là ; où est-il donc celui qui m'a planté ? Où est-il, hein, celui qui m'a planté ?

Olhe! Veja vancê: ali embaixo... hem? 'Stá vendo?... aqueles coqueiros, o matinho de araçás?
Regardez ! Vous voyez là en bas... Vous voyez ?... les palmiers, les bosquets d'araças ?

Pois é ali o manantial, que virou sepultura naquele dia brabo em que desde manhã tanto agouro apareceu, de desgraça: os pica-paus chorando... os cachorros cavoucando... a bruxa preta entrada sem ninguém ver...

Eh bien c'est là qu'est le manantial, qui s'est transformé en sépulture ce jour malheureux où depuis le matin, tant de mauvais signes s'étaient succédé, les pics qui tambourinaient du bec, les chiens qui grattaient le sol... cette sorcière de grand papillon noir entré sans que personne ne voit.

Sempre dói na alma, mexer nestas lembranças. E há quem não acredite!...

Cela vous remue toujours l'âme d'aller puiser dans des souvenirs comme ceux-là. Et dire qu'il y a des incrédules :

A cruz... onde já foi!... mas a roseira baguala , lá está! Roseira que nasceu do talo da rosa que ficou boiando no lodaçal no dia daquele cardume de estropícios...

La croix... Elle n'y est plus depuis longtemps ! Mais le beau rosier, il y est toujours, voyez. Ce rosier né de la tige de la rose flottant à la surface du borbier, le jour où tous ces malheurs sont arrivés, en horde.

Vancê está vendo bem, agora?

Vous le voyez bien maintenant ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois é... coloreando, sempre! Até parece que as raízes, lá no fundo do manancial, estão ainda bebendo sangue vivo no coração da Maria Altina...

Eh oui... Écarlate, toujours ! On dirait même que les racines, là dans le fond du marais, boivent encore du sang frais, dans le cœur de Maria Altina.

Vancê quer, paramos um nadinha. Com isto damos um alcezero aos mancarrões, e eu... desaperto o coração!...

Si vous voulez, faisons une petite halte. Comme ça, on laissera les canassons se reposer et moi,... moi je m'allègerai un peu le cœur.

Ah! saudade!... Parece que ainda vejo a minha morena, quando no rancho do Chico Triste botei-me os versos...

Ah ! saudade !... J'ai l'impression que je vois encore ma morena, quand je composais ces vers dans le rancho de Chico Triste.

Minha voz no teu ouvido

Fez seu ninho pra canta...

Ma voix dans ton oreille

Pour y chanter fait son nid

- Diabo!... parece que tenho areia nos olhos... e um pé-de-amigo na goela...

- Diable ! ... On dirait que j'ai du sable dans les yeux et une entrave qui me sert la gorge...

- Ah! saudade!...

Ah! Saudade, quand tu nous tiens !

É uma amargura tão doce, patrãozinho!...

La saudade, c'est une amertume si douce, mon jeune patron !

Saudade é dor que não dói,

Doce ventura cruel,

É talho que fecha em falso,

É veneno e sabe a mel...!

Saudade, c'est une douleur indolore

Un destin doux et cruel

Un coup de sabre qui rippe

Un poison au goût de miel

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº5. frases feitas e uso figurado da linguagem

Texto e pretexto: “O mate do João Cardoso”. Quando uma frase feita faz o conto.

Foco do estudo tradutológico: “identificação” e transferência das frases feitas, posicionamento entre o literal e o idiomático (*id est*, aspectos da negociação entre estrangeirização e domesticação aplicada ao caso das chamadas expressões idiomáticas).

“Isto até faz-me lembrar um caso... **Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso?...** Não?... É pena. [...] **Os mates do João Cardoso criaram fama...** A gente daquele tempo, até, quando queria dizer que uma coisa era tardia, demorada, maçante, embrulhona, dizia – **está como o mate do João Cardoso!**”

Uma vez que o conto todo (um relato breve) se constitui, no fundo, da história de como uma frase feita, foi, precisamente... feita (“está como o mate do João Cardoso”), a minha “pegada”, para o comentário correspondente a este caso de Blau Nunes, e ao respetivo depoimento sobre o processo tradutório, é a problemática da transferência de locuções ou outras colocações (no sentido linguístico da palavra) sedimentadas e cristalizadas pelos usos da língua ao longo do tempo.

O presente estudo conduzido por esta pauta trata, entre outras coisas, da necessidade constante de se avaliar a relevância do ‘veículo’ da metáfora (ou do comparante no símile, etc.) em relação às grandes redes significantes dos textos, sendo que a escolha do signo que serve de veículo para a expressão de cunho imagética possui, presumidamente, suas próprias motivações. O mais complexo na operação da transferência é encontrar um jeito de atentar para vários parâmetros ao mesmo tempo, entre os quais, a representação mimética do “linguajar gauchesco”, especialmente no que diz respeito ao emprego figurado da linguagem, sempre em relação estreita com uma *Weltanschauung* e um meio-ambiente particulares. Mais de uma vez, a composição lexical das frases feitas repercute com as outras palavras das frases circundantes ou mesmo de um contexto mais amplo, mas sem deixar de soar ‘natural’ na boca do narrador. É justamente essa combinação de naturalidade e de artificialidade que é difícil de se preservar.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Assim, ao se deparar com uma frase do tipo ‘de charola’⁴⁷, no texto a ser vertido, convém para o tradutor se perguntar se a palavra ‘charola’⁴⁸ é suscetível de possuir algumas conexões particulares com o contexto (ou cotexto) – qualquer que seja a escala deste – antes de se precipitar para a procura de um “equivalente” idiomático na língua alvo. Bom, uma das pistas de exploração seria a inscrição de um fundo cristão (católico) nos relatos de Blau Nunes fundo que se revela não somente mediante uma profusão de referências a rezas, saudações, e tal, mas também se expressa na escolha das metáforas e até na estruturação formal das histórias – e possivelmente até em certa visada escatológica que as orienta. Primeiro, no caso desta expressão, ‘de charola’, há o fato inabitual de a colocação merecer espaço particular no glossário de Aurélio Buarque de Holanda, o que é pertinente por si só. (Seria pertinente pelo menos no que diz respeito ao trabalho de esclarecimento dos termos, o qual precede o da interpretação de texto propriamente dita e, claro, se mostra quase que imprescindível para que se possam fazer as escolhas tradutórias em melhor conhecimento de causa). Ora, a colocação (de + charola) manifestamente intrigou Buarque de Holanda que escreve:

DE CHAROLA, *loc. adv.* “E a Tudinha lá foi, *de charola*.” Poder-se-á entender “carregada”, como o santo que vai *de charola* ou *em charola* (no andor); ou se tomará mais figuradamente a expressão, entendendo-se que a Tudinha seguiu acompanhada de perto pelos seus admiradores, que a cortejavam tanto, mostrando-se tão fervorosos, que parecia estarem levando uma santa no andor. Comentando esta passagem das *Memórias de um Sargento de Milícias*: “Caminhavam eles (os meninos) em charola atrás da procissão”, João Ribeiro diz que se lhe afigura “pouco clara”, aí, a palavra *charola*, “que significa – *andor*, – o que é impossível depreender do contexto do parágrafo”; e adiante escreve: “Alguns dos meninos, a que se refere o romancista, podiam ir nos ombros de outros. Parece, porém, que, no Rio de Janeiro, *ir em charola* quer dizer ir em multidão ou com acompanhamento numeroso, sempre em sentido depreciativo.” – *Autores Contemporâneos*, p. 71 (O *Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa* registra a expressão *levar em charola* = “levar alguém carregado por ocasião de uma manifestação de apreço”, significado que, como se vê, nada tem de depreciativo. *De charola* não está dicionarizado, e *em charola* aparece, creio, pela primeira vez no *Pequeno Dicionário*; é provável que ambas as locuções sejam conhecidas apenas no Brasil.)

⁴⁷ ‘de charola’: Houaiss não consigna a frase na sua rubrica “locuções”. Aurélio, todavia, registra-a: “Levar em charola. Levar (alguém) carregado por ocasião de uma manifestação de apreço.”. Entretanto, no caso do Aurélio, sempre se “suspeita” que a frase tenha sido registrada em decorrência do trabalho efetuado pelo lexicógrafo em relação com a edição de 1949 dos *Contos gauchescos* (pensando-se, em particular, na elaboração do glossário que foi incluído naquela edição).

⁴⁸ O dicionário português da Porto Editora traz: “charola. 1. padiola em que se levam as imagens sacras nas procissões; andor 2 Derivação: por metonímia. o transporte desse andor.”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como eu disse, o mero volume da explicação fornecida em seu glossário por Aurélio Buarque de Holanda (é uma das mais longas e mais detalhadas) já é motivo para interpelar o tradutor e fomentar eventuais questionamentos. Globalmente, o lexicógrafo se pergunta, no verbete correspondente de seu glossário, se se deve entender ‘de charola’ em sentido mais (Tudinha carregada nos braços de seus namorados), ou menos figurado (Tudinha levada junto pelos namorados, que a festejam).

Eu me inclinaria a tomar a expressão em sentido mais figurado: Tudinha, “contagiada” pelo entusiasmo dos namorados, acompanha-os. Dificilmente consigo imaginar a Tudinha se deixar carregar nos braços dos “embeçados”, mesmo que Blau nos tenha dito que “apesar de arisca, era foliona”, ou justamente por causa desse “arisca” que a qualifica na voz do narrador. Agora, uma pergunta que não interessa diretamente ao trabalho de lexicografia é de saber se é relevante ter “de charola”, precisamente, para expressar a situação, em vez de outra expressão de mesmo sentido, porém baseada em imagem diversa, e, portanto envolvendo outro ou outros vocábulos (p. ex. “E a Tudinha lá foi, no embalo”, “E a Tudinha lá foi, na onda” etc.⁴⁹) Ora, claro que a formulação selecionada por Blau pode ter a ver com os “arrastos de asa” dos pretendentes de Tudinha, em relação direta com outras unidades lexicais, como ‘embeçados’ por exemplo. A Tudinha estaria caminhando no meio dos namorados como uma imagem sacra está transportada no meio dos fiéis de uma procissão. Mas há outras ressonâncias. Eu, por exemplo, não pude deixar de lembrar deste “charola” do princípio do caso ao me deparar com o “santinha” do fim da narrativa (“Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro... **A mais santinha** tem mais malícia que um sorro velho!”). Além do mais, há outras palavras que nos remetem ao tema da vida e da moral cristã (‘cristão’, ‘cruz’, ‘diabo’, etc.) no mesmo conto. Visto desde este ângulo, então, o veículo da imagem no segmento em pauta de certo não seria indiferente.

Vida e morte das metáforas

É obviamente tal questionamento, quanto à pertinência do veículo da metáfora que constitui o núcleo da frase feita, algo que recorre com insistência ao longo do processo tradutório, em particular porque, no caso das expressões idiomáticas deste tipo, a metáfora na qual se apoiam é essencialmente uma metáfora morta.

⁴⁹ São claramente expressões que não se usavam no tempo de Blau Nunes, e tampouco possuem exatamente o mesmo sentido. Contudo, dou-as aqui como exemplos de expressões de cunho metafórico baseadas em uma imagem diferente do que a que sustenta a formulação do narrador “E a Tudinha lá foi, de charola”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas será que é realmente morta, ou será que possui ainda alguma faísca de vida que o contexto seja apto a reavivar e a fazer significar novamente?

No primeiro caso, o da morte confirmada (forensemente?) da metáfora, a propensão será de privilegiar na versão estrangeira o caráter idiomático da formulação sobre a possibilidade de manter a literalidade da formulação original (justamente mediante uma tradução literarizante, ou seja, aproximando-se mais de o que se costuma chamar de “decalque tradutório”⁵⁰, e menos de uma tentativa de transferência para o universo familiar do leitor da versão estrangeira).

No segundo caso, o da morte não confirmada da metáfora (que encerra a possibilidade de uma reanimação artificial; ou seja, de uma revitalização pelo uso artístico), haverá necessariamente a questão da pertinência de uma tradução literalizante, possivelmente em detrimento da idiomatização do texto da versão estrangeira, guardando na mente que o leitor pode atribuir um caráter idiomático à formulação escolhida pelo tradutor, sem que, por isso, esta formulação seja efetivamente, ou reconhecidamente, idiomática na língua alvo⁵¹.

O conto que serve de pretexto para nossa discussão – a qual se está tornando cada vez mais como o próprio mate do João Cardoso – parece-me ilustrar muito bem o problema apresentado pela transferência das frases feitas. Pois, se eu traduzisse “está como o mate de João Cardoso” por “c’est comme le vin de Jean Chardonnier”, por exemplo, eu, basicamente, teria de reescrever quase que por inteiro este conto de Simões. Quer dizer, neste caso... e causo, a frase feita está tão intrinsecamente costurada no próprio tecido narrativo que, ao mudar o termo da comparação, mexemos com toda a estrutura do texto. Contudo, como o texto deixa bem claro que “está como o mate de João Cardoso” é uma frase feita, e faz questão de explicar o que significa e de onde surge, a tradução literal não é problemática. Neste tipo de configuração, podemos considerar que o leitor do texto em português e o leitor do texto da versão estrangeira se encontram mais ou menos na mesma situação.

⁵⁰ A noção de decalque envolve uma operação de tradução, mas se costuma usar o termo no âmbito mais restrito do empréstimo de uma língua para outra: (Houaiss: Rubrica: linguística. Denominação, numa língua, de um objeto ou conceito pela tradução de uma palavra ou expressão de outra língua (p.ex., ter lugar 'acontecer', do francês *avoir lieu* 'id.').; cachorro-quente, do inglês *hot dog*)

⁵¹ Alguns especialistas da tradução como Antoine Berman defendem a tese de que o leitor integra esse caráter idiomático na sua leitura ao se projetar no que ele mesmo imagina que pode ter sido o texto original. Ou seja, o leitor lê algo que não é idiomático na língua de destino, porém, conforme permite a formulação, em algo “compensa” essa ausência de caráter idiomático na versão estrangeira ao conjecturar, dentro do pacto de adesão à ilusão literária (particular às versões estrangeiras à que a formulação original era, sim, idiomática).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Entretanto, pode haver situações em que a tradução literal, mesmo em se contando com toda a perspicácia colaborativa do leitor, não há de funcionar razoavelmente bem no contexto da recepção da versão estrangeira e que se necessite, portanto, de algum ajustamento lexical na formulação capaz de concretizar a transferência de tal ou tal associação de palavras consagradas pelo uso (colocação, frase feita, clichê, ditério, etc.).

Imaginamos, por exemplo, que este mesmo conto não tenha sido incluído na coletânea e que esta mesma frase (“está como o mate de João Cardoso”) surgisse no decorrer de outro causo narrado por Blau, sem mais explicitação por parte dele – cf. “Foram-se à ramada do Guedes... com um couro na cola, os trompetas!” em “Os cabelos da china”, que aparece primeiro na seção “Dizeres” do *Cancioneiro guasca*, mas de que fica ainda difícil saber se é empregado no conto em sentido figurado ou próprio. Imaginamos, pois, que em “Jogo de osso”, Osoro se queixasse da demora de Chico Ruivo para atirar a taba e lhe dissesse: “Atira, ermão. Isto está como o mate do João Cardoso”.

É óbvio que, se fosse o caso de se encontrar “está como mate do João Cardoso”, assim, solto, fora do seu contexto original, a situação de transferência seria completamente diferente. Careceria de outro tipo de negociação, levando em conta outros parâmetros: probabilidades de compreensão do leitor, adequação ao resto do texto, relevância dos lexemas na sua interligação com o contexto (p. ex. ‘mate’ enquanto referência característica das culturas pampianas, o nome ‘Cardoso’ enquanto particularmente apropriado para uma personagem acerca de quem Blau declara que era “renitente como mosca de ramada”), pertinência ou não da eventual existência “real” do dito João Cardoso (vide as conclusões de Carlos Revebel a respeito desta supostamente “comprovada” existência em sua biografia: *Um capitão da guarda nacional*), etc.

No curso deste trabalho, realizei um estudo mais detalhado que apresenta, entre outros subsídios para a reflexão, um levantamento da maior parte das expressões figuradas do texto de *Contos gauchescos*, analisando as diversas soluções oferecidas pelos tradutores italiano e uruguaio nas suas versões respectivas: *Storie di gaùchos* e *Cuentos gauchescos*. Em particular, pondera-se nele, para número substancial dentre essas expressões figuradas, a pertinência de “literalizar” ou “idiomatizar” a tradução, sendo que a versão proposta no âmbito deste projeto doutoral se encaminha resolutamente para os rumos da literalização. Vejamos alguns exemplos de configurações tradutórias.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Às vezes, existe um “jeito” bastante similar, dos dois lados (textos de partida e chegada), de se expressar de modo figurado, usando o mesmo léxico em modo comparativo no idioma fonte e no idioma alvo.

Seria o que ocorre com um símile como “chegamos como um pé-de-vento” a que corresponde em francês, no mesmo quesito imagético, a expressão “arriver en trombe”, ou “saiu da toca” para a qual temos “sortir de sa tanière”, que também é uma expressão “caçadeira”.

Aqui, o decalque (“chegamos como um pé de vento” → “nous sommes arrivés en trombe”; “saiu da toca” → “elle est sortie de sa tanière”) não acarreta maior discrepância, pois respeita a naturalidade da formulação e a especificidade da imagem (a borrasca e o esconderijo do animal silvestre). Ou seja, a solução tradutória por decalque satisfaz globalmente aos dois critérios de naturalidade da língua (expressão usual na língua) e de artificialidade da linguagem literária (interconectividade entre a locução e seu contexto de inserção – qualquer que seja a escala deste – especialmente no que diz respeito a conexões de ordem semântica/simbólica possibilitadas pelo veículo da metáfora⁵²). O que não consegue reter este tipo de solução, certo, são outros aspectos das relações entre unidades textuais, como possíveis ressonâncias paronímicas, a passagem de um idioma para outro necessariamente perturbando os jogos sonoros entre palavras ou mesmo entre morfemas⁵³.

⁵² A identidade de veículo e de teor das metáforas que constituem o cerne das locuções pode contribuir para que se mantenha, mesmo que parcialmente, algumas das conexões entre unidades textuais. Por exemplo, ao traduzir ‘tourear’ por ‘toréer’ em vez de ‘provoquer’ na versão francesa de “O Negro Bonifácio” se procura trasladar algo da construção linguística que veicula a comparação implícita entre a morte de Bonifácio no combate e a morte do touro na corrida (inclusive naquela confluência de leitura que permite ver, simbolicamente, tanto a morte da personagem quanto a morte do animal como a reencenação de algum sacrifício ritualístico). De certa maneira, a tradução “idiomatizante” privilegia a transferência do teor da metáfora sobre a transferência de seu veículo, perturbando a relação “icônica” entre teor e veículo, bem como a integração da metáfora (teor e veículo juntos) na composição textual. Por outro lado, a tradução “literalizante”, além de poder afetar a impressão de naturalidade da expressão, acentua o risco de o teor da metáfora se tornar menos inteligível ou perder algo de seu caráter “imediato” (pungência, expressividade, etc.) ou ainda de mexer com aspectos funcionais da formulação (cf esquema de Roman Jakobson), por exemplo, atenuando ou exagerando a força da expressão.

⁵³ Por exemplo, a tradução da palavra “piguancha” por “pouliche” na minha proposta de versão para o francês do conto “Os cabelos da china” visa a procurar manter a relação entre “piguancha”, vocábulo suscetível de se empregar para designar uma égua, e a vertente zoomorfixante na formulação escolhida pelo autor para construir a voz de seu narrador. É possível, pois, perceber um deslize paronímico-semântico no encadeamento das designações usadas pelo narrador para se referir à Rosa: china → piguancha → guincha. Haveria nesta sequência um jogo de repercussões sonoras, consonânticas e vocálicas, e ao mesmo tempo a expressão de certo movimento na apresentação da personagem de um ponto de vista moral em relação com a focalização

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Entretanto acontece também (e com frequência) não existir na língua alvo uma expressão idiomática construída em torno da mesma imagem que marcava a formulação original. Assim, um decalque de “Mas o paisano tinha o estômago frio e foi passando língua” arrisca não somente ser ininteligível pelo leitor da versão estrangeira, senão soar algo ridículo (“mais le gars avait l’estomac froid” !?).

A idiomatização do discurso. As frases feitas no feitiço da fala.

Podemos considerar que as locuções possuem papel semelhante ao das palavras “avulsas” na localização do texto (sua identificação enquanto texto gaúcho e gauchesco). No trecho seguinte, “foram-se à ramada do Guedes” ou “com um couro na cola” juntam-se, como unidades lexicalizadas de pleno direito, a vocábulos como ‘reunada’, ‘estransilhada’, ‘china’, ‘milongueira’ para conferir ao texto um tom definidamente pampeano.

- Sim... Pois é... **foram-se à ramada do Guedes... Com um couro na cola**, os trompetas!... Tem ai cavahada de refresco?

- Que nada! A reunada está estransilhada... A gente a custo se mexia... E pra mal dos pecados ainda o comandante traz uma china milongueira, numa carreta toldada, que só serve pra atrapalhar a marcha... A china é lindaça... mas é o mesmo... sempre é um estorvo!...

Quando Blau Nunes explica para seu companheiro de viagem de onde surgiu a frase “está como o mate de João Cardoso”, a origem das expressões “foram-se à ramada do Guedes” e “com um couro na cola” me ficou vedada. Quem era aquele Guedes? E onde era sua ramada? Porque se colocava couro na cola dos parrelhos? Não investiguei bastante a questão para descobrir uma resposta satisfatória, sendo que não havia tempo para procurar rastrear a proveniência de tantas locuções e modismos no texto dos *Contos*. Simões fornece o significado de “ir-se para a ramada do Guedes” na secção “Dizeres” do seu “Cancioneiro” guasca mas não diz nada sobre a história da frase⁵⁴. Nada diz o autor em seus escritos com respeito a “com couro na cola”, cuja significação se deduz do contexto e possivelmente consta em trabalhos lexicográficos ou adagiários relativos aos usos do Rio Grande do Sul.

narrativa – a personagem aparece mediante esta sucessão de designações numa luz crescentemente “desfavorável”. Não consegui trasladar tais elementos para minha proposta: china → pouliche → jument, tanto no tocante aos aspectos físicos quanto no que diz respeito ao movimento semântico, inclusive à sustentação da metáfora zoomorfizante (o que chamo de “cavalarização” das personagens mediante o emprego de palavras em referência a seres humanos que costumam ser empregadas para se referir a cavalos).

⁵⁴ Vale notar que tanto Arrospide quanto Tavani escolheram decalcar a expressão. Tomaram-na em sentido próprio? Tomaram-na em sentido figurado (como expressão idiomática), mas optaram por uma tradução literal?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Oscilações de sentido

Bem como há palavras que são ora empregadas como hiperônimos ora como hipônimos (flete, pingo, índio...), ora como vozes nacionais ora como vozes regionais (escaramuçar...), etc., há expressões que podem ter um sentido figurado aqui, porém um sentido literal ali. Como interpretar de outra maneira, por exemplo, estas diversas ocorrências de uma mesma colocação (enredar-(se) nas esporas)?

Era uma adoração, quase um medo de ofender a querida do seu coração; perdia a voz pra falar com ela, **enredava-se nas esporas**, perdia o entono de todo o seu jeito, e todo ele vivia só nos olhos quando atentava na formosura do seu rosto. (“O ‘Menininho’ do presépio”)

mas no mover-se **enredou as esporas** (“No manancial”)

Tiramos **as esporas**, por causa dalguma **enredica** (“Os cabelos da china”)

Particularmente interessantes neste respeito são as expressões que se referem ao trato com o cavalo, por exemplo, as que contém a palavra “rédea”. Aliás, de ‘enredar’ a ‘rédea’, o caminho é curto⁵⁵. São “naturalmente” várias no conjunto dos *Contos gauchescos*, e das *Lendas do Sul*, dada a ambientação dos textos num pampa onde não se pode conceber a vida sem o cavalo, sendo que não é sempre fácil de posicioná-las entre uso de sentido próprio e uso de sentido figurado. À vezes, o sentido figurado é óbvio:

Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como quera ... uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão !... Isso é que era!...

Outras vezes, estabelecer a presença ou a ausência de algum caráter figurado não é tão óbvio assim.⁵⁶

“o capitão mandou apear rédea na mão”

⁵⁵ Ainda mais curto por causa do jogo paronímico entre ‘enredar’ e ‘rédea’, mas sobre tudo porque a rédea (seu manejo) é mais um elemento, com a outras peças dos aperos, que participa da rede, precisamente, de representação dos sistemas de subjugação do indivíduo. De certa maneira, esta representação se inscreve no projeto global do naturalismo, que se empolga em mostrar como os vários determinismos, biológicos, sociológicos, enredam justamente (prendem nas suas teias) o indivíduo num destino, numa sina, de que nunca é mestre.

⁵⁶ O Houaiss registra a locução “com a rédea na mão”: Derivação: sentido figurado. com circunspeção, prudentemente. Entretanto, a formulação pode muito bem, no meu entendimento, ser entendida ao pé da letra.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Valsa das escalas

Cumprе acrescentar que o caráter idiomático das expressões concerne às mesmas divisões de escala que outras unidades lexicais. Há frases, colocações, etc. que se trasladaram junto com as línguas ibéricas para o continente americano, originando-se de não sei exatamente onde (latim? árabe? gótico? etc.). Poderiam ser consideradas como expressões idiomáticas da língua matricial ou mesmo iberismos (lusismos e hispanismos). Entre os lusismos, poderíamos citar, entre várias outras frases feitas, ‘por mal dos meus pecados’, que, aliás, se teria aclimatado aos novos espaços de uso⁵⁷ e se tornado “pra mal dos pecados” no texto de Simões (e provavelmente na voz do povo). Entre os hispanismos: “le echaba cuentas de gran capitán” (“Contrabandista”), “de mi flor” (“O duelo dos farrapos”)... Outras formulações “sedimentadas” remetem mais ou menos inequivocamente ao espaço brasileiro e só ficaram registradas em dicionários nacionais (Houaiss, Aurélio, Aulete, etc.). Seria o caso de ‘trocar língua’ (“O boi velho”), “passar língua” (“No Manantial”), e de tantas outras frases ou modismos que não constam em dicionários portugueses como o da Porto Editora ou da Priberam.

Assim, reduzindo o enfoque, e atentando às locuções formadas em torno da palavra “rédea”, teríamos, entre outras expressões idiomáticas, lusismos ‘com a rédea na mão’, brasileirismos ‘levantar na rédea’, sulismos ‘a meia rédea’, gauchismos, ‘dar de rédea’, etc. entre os quais, alguns platinismos.

À feição.

Recapitulando, as frases feitas constituem, sem dúvida, um dos recursos mais conspícuos, tanto da idiomatização do discurso quanto – em correlação óbvia, aliás, com a dita idiomatização – na construção da ilusão de oralidade. A sua densidade é variável, mas alguns trechos são bem representativos da relevância do recurso na elaboração da voz do narrador. Em todo caso, o volume ocupado por este tipo de recurso linguístico é bem expressivo em toda a coletânea.

Mas o paisano **tinha o estômago frio e foi passando língua**; ... daí a pouco todos **faziam as mesmas contas**, até que um, **mais golpeado**, disse-o claro, ao Mariano!
 (“No manantial”)

⁵⁷ Isso aconteceu de resto com porção substancial do vocabulário, inclusive das designações do pelo cavalariço, como se verá no comentário n.º 8.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E sisudo; não era **homem de roer corda**, nem de **palavra esticante, como couro de cachorro**. Falava pouco, mas quando dizia, estava dito; pra ele, **trato de boca valia tanto - e até mais - que papel de tabelião**. E **no mais**, era – **pão, pão; queijo, queijo!** (“Deve um queijo!”)

A rapaziada **era de dar e tomar**, e – sem desfazer em vancê, que está presente –, **eu era do fandango...** e devo dizer, que nesse tempo, **fui mondongo meio duro de pelar...** (“Os cabelos da china”)

Logicamente, para preservar tanto esta idiomatização da fala de Blau bem como a ilusão de oralidade a que está inegável e intimamente vinculada, caberia traduzir as frases feitas da língua fonte no texto original por frases feitas da língua alvo na versão original. Todavia, cabe primeiro se certificar de que se trata efetivamente de uma frase feita, ou seja, do caráter figurado da formulação. Para todos os segmentos em negrito acima, o caráter figurado da expressão não traz muita dúvida. Uma tradução literal dificilmente poderia induzir outra coisa que não uma leitura ao pé da letra, o que resultaria, como disse, em inegável risco de ininteligibilidade da versão: “il n’était pas homme à ronger une corde”, “il avait l’estomac froid” !?! Entretanto, há outras sequências lexicais que podem gerar hesitação entre sentido figurado e sentido próprio (o que está refletido, aliás, nas escolhas dos tradutores para o espanhol e para o italiano). Seria o caso de segmentos como “foram-se à ramada do Guedes” citado antes. Tudo deixa pensar que é uma locução, pois consta na seção *Dizeres* do *Cancioneiro guasca*, mas não se pode garantir cem por cento que, no contexto de “Os cabelos da china”, não haja alguma referência a uma tal de ramada e a um tal de Guedes, o qual tivesse desempenhado algum papel relevante na revolução farroupilha (o coronel Jacinto Guedes?).

O mesmo acontece, entre muitos outros exemplos possíveis, com “rédea na mão” em “o capitão mandou appear rédea na mão” (“Os cabelos da china”), ou “dar o cacho” em “ali no mais dava o cacho; podia fazer-se dele sinuelo” (“Correr eguada”), sendo que a leitura penderia antes para uma compreensão dos segmentos enquanto sendo de sentido próprio na primeira ocorrência e sendo de sentido figurado no segundo, porém sempre existindo uma fração de dúvida a respeito do estatuto real do enunciado (no gênio da língua e na mente do narrador). Nada impede que se entenda “rédea na mão” ao pé da letra (é uma voz de comando), em vez de tomar a expressão enquanto equivalente imagético de “em alerta”, imaginando os soldados efetivamente não soltando a rédea do cavalo para poder montar precipitadamente (“tudo pronto ao primeiro grito”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora, para “dar o cacho”, não sei se seria mesmo possível agarrar um cavalo recém reunado pela cauda. Idem para “podia fazer-se dele sinuelo”: literalmente ou modo de dizer?

Além disto, a confirmação, e a “localização linguística”, do caráter idiomático de tal ou tal associação de palavras não é sempre tão evidente (Seria nascida da inventividade do narrador/escritor? Seria representativa dos modismos da Campanha sul-rio-grandense? Do Rio Grande do Sul, do Sul, do Brasil, do espaço lusófono (matricial), da *comarca pampeana*? etc.)

Quantas vezes lancei uma busca na Internet para indagar sobre o uso ou o significado de tal ou tal segmento com que me havia deparado nos *Contos* para constatar que os únicos resultados que me retornava o motor de pesquisa eram o próprio texto de Simões. Acresce que a falta de trato com a língua alvo frequentemente não permite ao tradutor sempre acertar o grau de ‘coletivização’ de tal ou tal formulação, ainda mais porquanto, em alguns poucos casos, frases que se ouvem até hoje em determinados contextos de enunciação (provavelmente usadas em caráter jocoso) teriam vindo, “ultimamente”, dos *Contos* ou das *Lendas*. Ou seja, ou teriam sido inventadas pelo escritor, por exemplo, em imitação de outras frases existentes ou seu rastro se perderia uma vez chegado o filólogo ao texto de Simões.

Para encerrar esta minidiscussão, diria que o emprego das frases feitas nos *Contos gauchescos* caracteriza-se, bem como o léxico em geral ou as personagens, etc., por um grau bastante alto de miscigenação. O acervo frástico simoniano (o repertório de locuções que se encontram nos *Contos*) mobiliza de fato palavras do espanhol, do português, de idiomas indígenas⁵⁸ combinadas em expressões idiomáticas específicas da língua matricial portuguesa ou espanhola, do português brasileiro, das variedades sulistas, inclusive o linguajar gaúcho ou gauchesco. Nestas configurações nas quais o espaço de referência se situa fora do “normal”, o problema da marcação idiomática (da identificação do espaço geocultural a que remetem as frases feitas, justamente, enquanto expressões idiomáticas reveladoras da identidade geocultural, socioeconômica, sócio-étnica, etc. do locutor) se conjuga, pois, àquele, porventura mais elementar, de poder acertar se o segmento encontrado é efetivamente uma frase feita (caráter figurado) ou não (caráter literal). Como disse, há ocorrências em que isto é mais fácil de se acertar do que em outras.

⁵⁸ Deveria dizer palavras derivadas do léxico de idiomas indígenas, pois necessariamente sofreram alterações no processo de sua assimilação pela língua nacional, inclusive nas suas variedades regionais. Isto, nem que seja porque tiveram que passar do mundo oral ao mundo escrito e que esta passagem foi implementada pelos conquistadores (jesuitas ou outros religiosos na maior parte dos casos).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não se pode omitir outro parâmetro nas transferências literalizantes de expressões idiomáticas e que tem a ver com a defasagem linguístico-cultural entre o momento de produção do texto (começo do século XX em se tratando dos *Contos*) e a sua recepção hoje. Conforme assinali, há expressões que não parecem ter constado nas práticas de uso da língua a não ser na boca de Blau Nunes. No entanto, uma vez que não há registros sonoros ou transcrições que possam infirmar ou confirmar esse uso “corrente” ou simplesmente “real”, alguma dúvida permanece quanto a seu grau de apropriação pela coletividade e de sedimentação na língua (ou na variedade da língua em consideração).

Em diversos casos, encontrei a frase procurada devidamente registrada em tal ou tal obra de referência como, entre outras, o *Dicionário dos regionalismos do Rio Grande do Sul*, mas depois de alguma investigação, imperou a impressão de que tinha chegado lá justamente a partir do texto de Simões. Das pessoas que interroguei aqui, em Porto Alegre, a respeito, ninguém me disse, por exemplo, ter ouvido algum dia a expressão “É enquanto a galinha lambe a orelha!”. Além disto, como aconteceu de resto com muito do vocabulário usado por Simões para compor seus textos (a frase feita, ou locução, sendo, de certa maneira, um elemento desse vocabulário), as palavras e as expressões “envelheceram”⁵⁹ e não são mais reconhecidas pela maior parte dos leitores atuais, se bem que fica difícil às vezes, especialmente para o leitor estrangeiro, separar o que é invenção autorial e o que é reaproveitamento de material linguístico “historicamente” em uso na época de produção dos *Contos gauchescos* ou de ambientação das “aventuras” de Blau Nunes.

Por isso, senti-me algo legitimado em simplesmente decalcar a locução, uma vez que, afinal de contas, talvez não soasse a tradução literal mais estranha aos ouvidos (olhos) do leitor da versão francesa do que a formulação original aos ouvidos (olhos) do leitor brasileiro. Devo confessar que isto ocorreu com número bastante expressivo de locuções. Destarte, não julguei imprescindível procurar algum equivalente idiomático para locuções comparativas como “ainda que chovesse reünos acolherados” ou “que ventasse como por alma de padre”. Ficou pois a tradução literal que provavelmente não produzirá muito mais efeitos de defamiliarização na versão francesa do que as locuções do texto de Simões podem produzir para o leitor brasileiro contemporâneo.

⁵⁹ Também não há como acertar o grau de conhecimento ou de reconhecimento dos leitores da primeira edição dos *Contos* em relação a esse vocabulário. Vale lembra, aliás, que provavelmente parte dele já caíra em desuso, o que motivara Simões a procurar consignar, e mesmo mobilizá-lo, nos seus textos. Paradoxalmente, é bem possível que algumas palavras ou formulações despertem algum eco na mente de leitores acostumados a ouvir canções tradicionais e tenham sido meio que estranhadas pelos leitores da Pelotas de 1912.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Também enquanto optei por um “equivalente idiomático” para “não era homem de roer corda” ou “fui mondongo meio duro de pelar”, decalquei “era – pão, pão, queijo, queijo –”; pressionado pela necessidade de mencionar o queijo, apostei na perspicácia do leitor, que, espero, pensará (fará de conta) que se trata da locução original. Interessante relevar que existe exatamente a mesma formulação em italiano, mas não, que saiba, em francês. Uma outra possibilidade consistia em introduzir o tema do queijo de outra maneira, valendo-se de recurso locucional diferente para inscrever a palavra “fromage” no texto da versão. Pensei, por exemplo, em me valer da expressão “il n’était pas du genre à faire un fromage” que significa mais ou menos “não fazia tempestade em um copo de água”, mas não se engatava tão bem assim com as informações que Blau nos dera a respeito do velho Lessa.

O jogo interlinguístico, trate-se de relações (ou relacionamentos) entre idiomas nacionais⁶⁰ ou de variedades regionais, é sempre muito difícil de se manter no processo tradutório, pela simples razão de que está tão imbricado na trama da língua fonte que não se pode extirpar sem dano esta componente do tecido original para transplantá-la no tecido de outra língua –a de que se nutre a versão estrangeira.

Na maior parte dos casos, o risco é elevadíssimo de que o enxerto não pegue. Abordo de resto este problema da transponibilidade das configurações de superposição de línguas no comentário seguinte, que acompanha o (pre)texto de “Deve um queijo!”. Entre outros aspectos vinculados com estes formulados *supra* e que se haveria de considerar, pensa-se evidentemente no registro, já que, da mesma forma como se combinam as línguas e variedades, também se combinam o formal, o informal (tenso ou distenso), o popular, o erudito, o “neutro”, o coloquial, o rural, o urbano, etc., em graus e medidas diversas que, conjuntamente, configuram a voz tão especial e persuasiva do narrador – persuasiva do ponto de vista de sua eficiência no contexto da apreensão de um texto literário.

⁶⁰ E aqui, incluo a participação dos idiomas indígenas, e em proporção muito reduzida, africanos, na composição linguística. É interessante notar que, na literatura de tendência indianista, pensando-se especialmente nas obras de Gonçalves Dias, José de Alencar, Fenimore Cooper, etc., a comparação (seja sob forma de símile ou de metáfora) se destaca pela frequência de uso do recurso no sistema mimético. Quando se quer imitar o “jeito” de falar indígena, coloca-se na boca das personagens comparações de um tipo bem particular “a virgem com os lábios de mel”, etc., que supostamente reproduzissem práticas linguajares dos povos nativos. Não sei dizer, neste tipo de enunciação, qual é a proporção entre a invenção do escritor (ou da coletividade que o produziu) e a realidade histórica (os nativos falavam assim mesmo — têm falado, falam ainda? E, se usavam este tipo de linguagem imagética, em que medida o faziam?). Parece-me bastante instigante pensar o fenômeno como um tipo de tradução desde as línguas nativas para a língua colonizadora (inventou, reproduziu, transformou? com que propósitos?).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E claro, há as implicações formais da atualização acústica, contemplando-se a organização rítmica e rímica das próprias frases feitas que, pelo mero volume, acabam sendo um elemento bastante relevante deste ponto de vista para a estruturação física (gráfico-sonora) da fraseologia no seu conjunto. É deste aspecto que tentei esboçar uma discussão no comentário que precede a proposta de uma versão francesa do conto “No Manantial” e remeto, pois, o leitor àquele capítulo da tese para algumas informações suplementares. Achei que seria de valia para o tradutor analisar como elementos do repertório de frases tradicionais se apoiavam ou não em estruturas formais recorrentes (rítmico-rímicas), por exemplo, em relação com os alicerces linguísticos providos pelo idioma alvo, isto não somente no plano da expressão, mas também no da expressividade dos enunciados. “Está como o mate de João Cardoso (decassílabo). Foram-se à ramada do Guedes (octossílabo)”.

Depois coubesse talvez indagar como se integravam nos esquemas rítmicos e rímicos maiores das estruturas fraseológicas que acolhiam as frases em questão.

Preponderância das comparações “cavalarizantes”.

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

Frases feitas, à moda gauchesca

Boa parte da idiomatização na construção da voz narrativa se apoia em comparações nas quais o comparado é uma personagem (um ser humano fictício) e o comparante um cavalo. Este traço na expressão é incontestavelmente de se vincular com um afã, por parte do escritor, de se conferir um tom gauchesco à composição literária. Falo mais a respeito do assunto nos comentários nº7 e nº9, os quais tratam respectivamente da relevância do léxico ligado à presença do cavalo na vida do gaúcho retratado por Simões Lopes Neto e dos recursos de zoomorfização dos enunciados. Esta zoomorfização, sem dúvida, pode ser relacionada, pelo menos em parte, com o programa naturalista, dentro de uma orientação que se queria mais “realística” na representação da condição humana⁶¹. Entretanto, seria muito limitador contentar-se com semelhante explicação.

⁶¹ O determinismo social e biológico (genético) desempenha papel relevantíssimo na representação literária de cunho naturalista. As comparações animalizantes enfatizam o determinismo biológico/genético que rege os destinos das personagens e acentuam, portanto, semelhanças ontológicas entre a condição humana e a condição animal.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Alguns exemplos relacionados com a representação das relações “amorosas”

- o sujeito quis **retouçar**⁶², porém **ela negou-lhe o estribo**.
- Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a **pastorejar** a Tudinha....
- Mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a **amanonsiar** a Tudinha;

⁶² Retouçar não é uma locução, uma frase feita, porém se assemelha, no caráter figurado (“cavalarizante”) à expressão “negar o estribo a alguém”. Pertencem ambos, o vocábulo e a locução, a um tipo de formulação que contribui a identificar a narrativa como um texto gauchesco (a voz do narrador como a voz de um gaúcho). Idem para grande parte do léxico (rebenqueador, embuçalado, etc.), que, às vezes remete como que mais indiretamente aos cavalos, mediante a referência a uma peça do jaez ou a uma ferramenta da lide campeira. Como ênfase mais adiante, o uso figurado de designações de aperos é uma das correias de transmissão que vinculam cenário/ambientação, personagens e enredo ao nível simbólico das redes significantes. Os mesmos objetos (feito do couro dos cavalos) servem para amarrar, castigar ou subjugar tanto os bichos quanto os seres humanos (cf. a maneira para prender o comandante, o rabo-de-tatu para punir o Binga, etc.) De certa maneira, num mundo de Blau, o couro é essencial até na definição das relações interpessoais no pampa, tais como são representadas no texto gauchesco. Inclusive nas relações de sedução (E apesar de arisca, era foliona e **embuçalava** um cristão), notando-se que Tudinha não é desconfiada, mas arisca, e não cativa seus ouvintes, mas os embuçala.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº5 - O MATE DO JOÃO CARDOSO

LE MATÉ DE JOÃO CARDOSO

- A la fresca !... que demorou a tal fritada! Vancê reparou?

Fichtre ! Eh bien elle s'est fait rudement attendre cette fritada ! Vous avez vu ça ?

Quando nos apeamos era a pino do meio-dia... e são três horas, largas!... Cá pra mim esta gente esperou que as franguinhas se pusessem galinhas e depois botassem, para depois apanharem os ovos e só então bater esta fritada encantada, que vai nos atrasar a troteada , obra de duas léguas... de beijo!...

Quand nous avons mis pied à terre, c'était midi au zénith... Et ça fait trois longues heures, bien comptées ! Entre nous, je crois qu'ils ont attendu que les poussins deviennent des poules et puis qu'elles pondent des œufs pour pouvoir les ramasser et c'est seulement alors qu'ils l'ont battue cette omelette enchantée, qui va nous retarder, d'au moins deux bonnes lieues... offertes par la maison.

Isto até faz-me lembrar um caso .. . Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso?... Não?... É pena.

Tiens, ça me rappelle une histoire... Vous n'avez jamais entendu parler d'un certain João Cardoso ? ... Non ?... Dommage !

O João Cardoso era um sujeito que vivia por aqueles meios do Passo da Maria Gomes; bom velho, muito estimado, mas chalrador como trinta e que dava um dente por dois dedos de prosa, e mui amigo de novidades.

João Cardoso était un type qui vivait dans les parages du Passo de Maria Gomes : un brave vieux, qui avait l'estime de ses voisins, mais alors bavard, bavard comme une pie, qui aurait donné sa chemise pour deux doigts de prose, et qui adorait qu'on lui conte les nouvelles.

Também... naquele tempo não havia jornais, e o que se ouvia e se contava ia de boca em boca, de ouvido para ouvido. Eu, o primeiro jornal que vi na minha vida foi em Pelotas mesmo, aí por 1851.

Il faut dire qu'à cette époque, il n'y avait pas de journaux, et ce qu'on entendait dire et ce qu'on racontait à son tour passait de bouche en bouche, et d'oreille en oreille. Moi, le premier journal que j'aie vu de ma vie, c'est à Pelotas, aux alentours de 1851.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois, como dizia: não passava andante pela porta ou mais longe ou mais distante, que o velho João Cardoso não chamasse, risonho, e renitente como mosca de ramada; e aí no mais já enxotava a cachorrada, e puxando o pito de detrás da orelha, pigarreava e dizia:

Bon, comme je disais, il ne pouvait pas passer un voyageur devant sa porte, d'où qu'il vienne, sans que le vieux João Cardoso l'interpelle avec un grand sourire et ne le lâche plus, comme une mouche de ramada : et le voilà qui faisait déguerpir les chiens, tirait une cigarette de derrière son oreille, s'éclaircissait la voix et disait :

- Olá! Amigo! apeie-se; descansa um pouco! Venha tomar um amargo! É um instantinho... crioulo ?!...

- Salut l'ami ! Mettez-donc pied à terre et reposez-vous un peu ! Venez prendre un maté* ! C'est l'affaire d'un instant...Oh crioulo* ?!

O andante, agradecido à sorte, aceitava... menos algum ressabiado, já se vê.

Et le voyageur, heureux de l'aubaine, acceptait... sauf si le gars avait été échaudé, comme vous allez voir.

- Então que há de novo? (E para dentro de casa, com uma voz de trovão, ordenava:) Oh! crioulo! Traz mate!

- Et alors, quelles sont les nouvelles ? (et, se retournant vers la maison, il ordonnait d'une voix tonitruante :) Oh crioulo, apporte-donc le maté !

E já se botava na conversa, falava, indagava, pedia as novas, dava as que sabia; ria-se, metia opiniões, aprovava umas cousas, ficava buzina com outras...

Et il se mettait aussi sec à tailler une bavette, et de parler, se renseigner, demander les nouvelles, conter celles qu'il connaissait, et puis de rire, de dire son opinion, d'approuver certaines choses, de se fâcher avec d'autres.

E o tempo ia passando. O andante olhava para o cavalo, que já tinha refrescado; olhava para o sol que subia ou descambava... e mexia o corpo para levantar-se.

Et le temps passe. Voilà notre voyageur qui regarde son cheval, déjà plus dispos ; qui regarde le soleil en train de monter ou dégringoler ... et puis il s'agite sur sa chaise comme pour se lever.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Bueno ! são horas, seu João Cardoso; vou marchando!...

- Bueno* ! Il se fait tard, m'sieur João Cardoso, il faut que j'y aille !...

- Espere, homem! Só um instantinho! Oh! crioulo, olha esse mate!

- Mais attendez donc, juste un instant. Eh alors crioulo, ce maté, il vient oui ou non ?

E retomava a chakra. Nisto o crioulo já calejado e sabido, chegava-se-lhe manhoso e cochichava-lhe no ouvido:

Et il reprenait la causette. Et à ce moment, le crioulo, malin e déjà bien entraîné, s'approchait de lui en faisant des manières et lui chuchotait à l'oreille :

- Sr., não tem mais erva!...

- Patron. Y'a plus d'herbe pour le maté.

- Traz dessa mesma! Não demores, crioulo!...

- Mais oui, apporte donc de celle-là, enfin ! Et dépêche-toi un peu, crioulo !

E o tempo ia correndo, como água de sanga cheia.

Et le temps filait, comme l'eau dans une ravine après l'orage.

Outra vez o andante se aprumava:

À nouveau, le voyageur se redresse.

- Seu João Cardoso, vou-me tocando... Passe bem!

- Vraiment m'sieu João Cardoso, il faut que j'y aille... Portez-vous bien !

- Espera, homem de Deus! É enquanto a galinha lambe a orelha!... Oh! crioulo!... olha esse mate, diabo!

- Attendez, mais attendez donc: c'est juste le temps qu'la poule se lèche l'oreille. Eh Crioulo, et ce maté, que diable ?

E outra vez o negro, no ouvido dele:

Et le nègre de lui chuchoter à l'oreille encore une fois :

- Mas, sr!... não tem mais erva!

- Mais m'sieur, puisqu'y'a plus d'herbe.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Traz dessa mesma, bandalho!

- Eh bien, apportez-la donc alors, loustic !

E o carvão sumia-se largando sobre o paisano uma riscada do branco dos olhos, como encarniçando...

Et le noiraud disparaissait, en décochant un éclair du blanc de ses yeux, comme pour attiser...

Por fim o andante não agüentava mais e parava patrulha:

À la fin, le voyageur n'en pouvait plus et il disait d'une voix ferme.

- Passe bem, seu João Cardoso! Agora vou mesmo. Até a vista!

- Bon, allez, seu João Cardoso ! Maintenant, c'est dit, j'y vais. Bien le bonjour !

- Ora, patrício, espere! Oh crioulo, olha o mate!

- Attendez, l'ami, attendez donc ! Oh crioulo, le maté non d'une pipe !

- Não! Não mande vir, obrigado! Pra volta!

- Non ! Non, c'est pas la peine, laissez, merci ! Au retour !

- Pois sim..., porém dói-me que você se vá sem querer tomar um amargo neste rancho . É um instantinho... oh! crioulo!

- Si c'est comme ça..., mais ça me fait mal au cœur de vous voir partir sans vouloir prendre un maté chez moi. Ça prendra une seconde... Oh crioulo !

Porém o outro já dava de rédea, resolvido à retirada.

Mais l'autre faisait déjà pivoter son cheval, bien décidé à battre en retraite.

E o velho João Cardoso acompanhava-o até a beira da estrada e ainda teimava:

Et le vieux João Cardoso l'accompagnait jusqu'au bord de la route et s'obstinait :

- Quando passar, apeie-se! O chimarrão, aqui, nunca se corta, está sempre pronto! Boa viagem! Se quer esperar... olhe que é um instantinho... Oh! crioulo!...

- Quand vous repasserez, arrêtez-vous donc ! Ici, le chimarrão circule sans arrêt, y en a toujours un de prêt. Allez bon voyage ! Mais quand même si vous voulez attendre juste un p'tit peu... Il arrive dans un instant... Oh crioulo !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas o embuçalado já tocava a trote largo.

Mais çui-là, à qui on venait de passer la bride, s'éloignait déjà au grand trot.

Os mates do João Cardoso criaram fama... A gente daquele tempo, até, quando queria dizer que uma cousa era tardia, demorada, maçante, embrulhona, dizia - está como o mate do João Cardoso!

Les matés de João Cardoso ont fini par devenir fameux... Et même, les gens de cette époque, quand ils voulaient dire que quelque chose traînait, prenait du retard, était ennuyeux, embrouillé, disaient : « ah ça, c'est comme le maté de João Cardoso ! »

A verdade é que em muita casa e por muitos motivos, ainda às vezes parece-me escutar o João Cardoso, velho de guerra, repetir ao seu crioulo:

La vérité, c'est que bien souvent dans telle maison ou pour tel motif, il m'arrive encore d'avoir l'impression d'entendre João Cardoso, ce vieux madré répéter à son crioulo :

- Traz dessa mesma, diabo, que aqui o sr. tem pressa!...

- Mais apporte-la donc cette herbe, que diable, tu vois pas qu'ce monsieur est pressé !

- Vancê já não tem topado disso?...

- Ça vous est-il donc jamais arrivé, à vous ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº6. Superposições de línguas ou variedades da língua

Texto e pretexto: “Deve um queijo”. Um velho Davi rio-grandense e um jovem Golias castelhano (rioplatense).

Foco: o assunto complexo das configurações de superposições de línguas.

“- Ah! es usted de Canguçu?... Entonces... debe un queso!...”

“Si, pa nosotros... pero Canguçu pagará queso, hoy!...”

“Oigalê!... bailemos, que queso hay!...”

“Bueno... buenazo!... pero no puedo más!...”

“Si, justo: por usted, vaya!...”

Meu “pretexto” para ensejar a discussão do processo tradutório, neste sexto comentário, é a incrustação de segmentos em espanhol no texto em português, fenômeno que, de resto, acontece em outros casos de Blau (p.ex. “le echaba cuentas de gran capitán...” em “Contrabandista” ou “hablando un castellano de mi flor” em “O duelo dos farrapos”), mas talvez não com tanta conspicuidade quanto neste conto específico.

O presente estudo não se limitará ao problema de lidar com tais incrustações, extrapolando um tanto na investigação de um fenômeno que chamaria de “hispanização” ou “platinização” da linguagem em textos cuja composição, afinal de contas, responde ao mesmo tempo à expressão de certo ufanismo nacional bem como à reivindicação de um regionalismo, digamos, transfronteiriço. Globalmente, os *Contos gauchescos*, apesar da exaltação constante do sentimento pátrio, que marca o discurso do narrador, como que veiculam um transregionalismo com ares de transnacionalismo (a *comarca pampeana/comarca pampiana*: o espaço *gaucho* e gaúcho). Segundo seus biógrafos, o escritor foi decididamente comprometido no resgate e na defesa do patrimônio cultural regional, mas nunca chegou esse posicionamento “ideológico” no plano de sua produção na esfera artística a condicionar sua atuação no palco político. Foi militante regionalista sem deixar de ser republicano e profundamente afeiçoado ao ideal da unidade e integridade nacional.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Neste aparente afastamento de qualquer reivindicação de tipo separatista⁶³, Simões se diferencia de outros escritores regionalistas, na Europa do fim do século XX, que exibiram uma postura favorável à causa da independência.

“Deve um queijo!” opõe de maneira típica um castelhano a um rio-grandense – e lembra, neste respeito, textos que batem mais ou menos na mesma tecla, como, entre muitos outros que podem vir à mente, “Saint-Antoine” de Guy de Maupassant, o qual opõe por sua vez, também tipicamente naquele contexto francês de guerras também fronteiriças, um normando e um prussiano. Contudo, esta oposição (a história poderia ser lida como uma espécie de miniaturização engraçada do antagonismo com o vizinho) se conta mediante um português muito próximo, ou muito aproximado – pelo menos, assim o entendo – do espanhol.

Esta forte “dose” de espanhol no português de Blau seria como colocar “água no vinho” do causo, ou seja, amenizando o tônico de um enredo que ridiculiza o castelhano. A presença castelhana na voz do causo que vem duplicar a do castelhano na venda (fronteiriça) cria uma “força de distensão” que fala, sorrateiramente, ou “sorratextualmente” por ser mais exato, mais ou menos o contrário do que o relato, na sua dimensão mimética mais evidente, nos estaria supostamente contando – a surra que um castelhano arrogante recebeu do Velho Lessa “genuíno tipo-crioulo-rio-grandense (hoje tão modificado) [...] guasca sadio [...] a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade” – é a caracterização de Blau Nunes na introdução, mas vale para personagens que se enquadram na representação tradicional do gaúcho/gaúcho: Martín Fierro, Santos Vega, etc. ou, nos *Contos gauchescos*, Lessa, Picumã, Reduzo, etc.

⁶³ Afinal, os escritores regionalistas de maior fama da época, seja nas Américas, seja na Europa, inclinam-se pelo federalismo. A postura, tanto de João Simões Lopes Neto quanto de autores como Frédéric Mistral na França, pode ter resultado em boa parte de certo pragmatismo em matéria de opinião ou mesmo de postura política. Depois do fracasso da revolução farroupilha, não há nenhuma perspectiva de uma possível secessão. Isto não impede que o narrador e protagonista dos *Contos*, Blau Nunes, regularmente enalteça as figuras dos Farrapos e de seus chefes, em particular a de Bento Gonçalves. Nesta exaltação da “epopeia farroupilha”, pode ter havido um sentimento sincero de orgulho regional, mas também uso de um recurso “retórico” para enfatizar o caráter gaúcho de seu narrador enquanto tipo local, notando-se que o mesmo traço se encontra em obras como *O gaúcho* de José de Alencar por exemplo. Aliás, ao lado de Bento Gonçalves, destacam-se, enquanto figuras heroicas nas reminiscências de Blau Nunes, personagens como o general José de Abreu e o Duque de Caxias que são personagens históricas “representantes” da identidade nacional. Assim, é notável que não pareça transpirar nenhum ressentimento por parte do narrador contra o Duque de Caxias, o qual foi considerado como o grande salvador da unidade nacional, certo, mas cujas campanhas de repressão das intonadas e levantamentos nas diferentes partes do território brasileiro foram particular e reconhecidamente ferozes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Este afloramento do espanhol do Prata na fala brasileira de Blau Nunes é um pouco, tudo bem considerado, como se o espírito do roteiro de “Deve um queijo!” tivesse caráter principalmente antagônico (pão, pão, queijo, queijo: brasileiro, brasileiro, castelhano, castelhano), mas o espírito que anima a linguagem expressando esse antagonismo fosse profundamente reconciliador na sua essência (rio-grandense é pampiano e rio-platense também é pampiano). Ou como se, em vista da história, geografia e cultura compartilhadas, a noção de “co(-)marca pampiana” se fizesse literatura pelas escolhas escriturais, notadamente através do apagamento, mesmo que parcial, das de(-)marcações linguísticas. De certa maneira, neste uso da linguagem, a forma (o significante de origem platina por ex.) “contradiz” o sentido (o significado das palavras em geral). São, no fundo, duas formas diferentes de significar que se combinam no espaço transfronteiriço da escrita.

Enfim, de certa maneira vejo a forma (o viés hispanizante funcionando desde dentro da narrativa de Blau) como que se constituindo em contradiscurso “hipodérmico” (com acentos possivelmente fronteiriços ou “fronteirizantes”, e, neste sentido, regionalizante ou mesmo interregionalizante) de um discurso “epidérmico”, este com tônica nitidamente nacionalizante e até ufanista.

Dificuldades de transferência desta “dupla mão”⁶⁴

Agora, será que é possível hispanizar o texto francês para procurar solapar um tanto o caráter aparentemente “conflituoso” e chauvinista da história que nos é contada pelo narrador? O estudo indaga, pois, essa possibilidade de hispanização do texto e os efeitos de tal hispanização (supondo que seja realizável), sendo que se aplicaria a um texto em francês em vez de um texto em português – isto, mesmo que, no âmbito da aceitação da ilusão leitoral que faz parte dos “termos de uso e compromisso” inerentes a uma versão estrangeira, o francês se lesse como se se assumisse que fosse português. Não custa acrescentar que não consegui ainda encarar o desafio. A proposta de versão incorporada a este trabalho não apresenta algum grau ostensivo de hispanização do francês que pudesse colocar panos quentes sobre aquela briga – entre dois paisanos naquele boliche de passo fronteirço, do mesmo pampa, mas procedentes de um lado e outro da divisa – em torno da qual se constrói o enredo do caso.

⁶⁴ O significante vai, de um ponto de vista ideológico, em certa direção e o significado, aparentemente, na direção oposta: com efeito, a representação da inimizade entre os vizinhos hispano-argentinos/uruguaios e luso-brasileiros se expressa mediante uma linguagem amplamente miscigenada.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Diversidade das configurações

Nesta parte descritiva da composição linguística da fala de Blau, vou considerar em prioridade aquelas duas formas basilares de hibridação linguística, nascidas do contato regular entre dois idiomas, que são o *code switching* e o *code mixing*.

Não sei se minha conceitualização dos fenômenos é muito ortodoxa. Neste trabalho, considero como *code switching* a alternância de enunciados nos quais há uma passagem de uma língua ou de uma variedade para outra, mas que se realiza em uma escala correspondente a enunciados autônomos do ponto de vista sintático, como, por exemplo, neste trecho extraído do conto “O duelo dos farrapos”: “hablando um castellano de mi flor”.

Por outro lado, tomarei como pertencendo às práticas de *code-mixing* fenômenos linguísticos como o emprego de palavras de outro idioma num enunciado essencialmente construído na língua materna ou de construções apresentando (ou possivelmente apresentando) algum grau de “amalgamação” dos dois idiomas: “No manantial” para a interferência lexical, ou “que tal le foi de susto” em “Trezentas onças” no que diz respeito à interferência sintática (cf. também locuções como “de a pé”, “de em pelo”, etc. entrariam neste quesito).

Cabe frisar que, em geral, na literatura especializada sobre o assunto, não se faz tal diferença entre *code-switching* e *code-mixing*. Eu a farei todavia no âmbito deste trabalho e colocarei o cerne desta distinção, portanto, num critério de escala no discurso (amalgamação de “segmentos”: “le echaba cuentas de gran capitán”; amalgamação de “fragmentos”: “**de a pé**”, “no manantial”, etc.).

Especificidade da voz de Blau Nunes

Uma primeira observação concernente à hispanização do discurso na composição da fala do narrador é que esta hispanização se mostra praticamente ausente do texto de introdução da coletânea, introduzindo assim mais um elemento de demarcação entre o suposto transcritor dos contos e o narrador dos causos.

É de fato aquele “prefácio” um texto que ostenta elementos marcadores da origem letrada do autor (alguns deles reaparecem na narrativa, numa sorte de processo de contaminação estilística). Só encontrei um hispanismo, ‘vaqueano’, e um quichuanismo, ‘guasca’, neste texto de abertura, o que deixa supor uma diferença entre o transcritor e o narrador que fosse, possivelmente, da ordem da oposição entre cidade e campo, interior do estado e fronteira, letrado e campeiro, etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Repara-se, aliás, que tão logo Blau supostamente toma a palavra (ou retoma-a, pois teria sido ele que contou e ensajou o texto), o suposto transcritor se “desvanece” atrás da suposta transcrição.

Na verdade, a situação desse transcritor, mesmo que seja fictício – aparenta ser uma sorte de alter ego ou persona do autor – talvez fosse um pouco análoga à do tradutor, com a enorme diferença, é claro, de que a interferência do tradutor (sua intervenção sobre o texto) é bem maior. A presença do transcritor possível e mais restritivamente se manifesta mediante formulações que se destacam do conjunto como sendo mais “rebuscadas”, especialmente em se considerando que teriam sido transcritos pelo autor da coletânea enunciados proferidos no âmbito da contação de causos orais (status híbrido entre causo e paja).

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos parados da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas. Nos atoleiros, secos, nem um quero-quero: uma que outra perdiz, sorradeira, piava de manso por entre os pastos maduros; e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...

Na minha leitura do texto, o sumiço aparente do transcritor, que somente ressurgiu de maneira conspícua aqui e acolá ao longo da narrativa enquanto objeto das interpelações do narrador (“escuite”, “amigo”, “patrício”, “vancê”, etc.⁶⁵), ou o “apagamento” da sua voz detrás da voz do narrador – uma voz “transcritora” que somente ressurgiu mediante formulações de cunho, digamos, mais marcadamente letrado ou erudito – traduz-se em particular pela aparição de elementos de hispanização ou platinização no discurso narrativo.

Esta discrepância, que se ostenta entre a fala do suposto transcritor e a do suposto narrador, sugere que semelhantes elementos de hispanização da linguagem são um dos recursos de caracterização da palavra de Blau, atuando ou “autuando” como que um selo de autenticidade da transcrição – isto sempre dentro do pacto de leitura implícito na introdução da coletânea que inicia a participação do leitor daquela situação de colaboração entre o receptor e o produtor do texto, embasando o funcionamento da ilusão literária.

⁶⁵ João Guimarães Rosa radicaliza o uso do recurso em seu conto “Meu tio o iauaretê”, no qual a fala do visitante somente se concretiza nas supostas “retomadas” do onheiro (repete suas perguntas, descreve suas emoções, etc.).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Fazia-me ele a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernoso enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...

Genuíno tipo - crioulo - rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o **guasca** sadio, a um tempo leal e ingênuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sóbrio e infatigável; e dotado de uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco.

Algumas configurações da hispanização ou platinização da voz narrativa são bastante óbvias, outras menos, assim aquele “que tal le foi de susto?” citado acima, que poderia muito bem nos remeter ao ambiente fronteiriço – os tropeiros que Blau cruza em “Trezentas onças” são suscetíveis de ser gaúchos ou *gaúchos* –, sendo que o referido enunciado poderia igualmente representar um português matizado ou “mestiçado” de espanhol, ou ainda um português já algo antiquado, como costumou se preservar nos ermos do território brasileiro (cf. a linguagem das personagens em *Os sertões*, *Memorial de Maria Moura*, *Pedra Bonita*, etc.) Para mim, a formulação evoca, em todo caso, a subjetiva proximidade linguística, que não sempre contempla as divisas geográficas, e que, por sua vez, nos reporta à objetiva proximidade física (caráter limítrofe dos territórios nacionais) e suas implicações no plano das transações interculturais. O que valeria a pena investigar com maior afinco, neste respeito da representação da proximidade cultural entre dois territórios nacionais, é a diversidade dos recursos mobilizados pelo narrador para que se transmita esta hispanização/platinização ao leitor. Seguem alguns exemplos que dão alguma ideia de tal diversidade, bem como ilustram várias maneiras, do ponto de vista da justaposição, imbricação, amalgamação ou integração das unidades, de se incorporar uma língua na outra. Vale notar que, salvo o texto de apresentação da coletânea que seria atribuível a outrem dentro do pacto de leitura específico da coletânea, todos os contos contém elementos que vão neste sentido de uma representação da aproximação linguística.

- Eu **tropeava**, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a **guaiaca** empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo **passo**, por me ficar mais perto da **estância** da **Coronilha**, onde devia pousar. Parece que foi ontem!...

Era por fevereiro; eu vinha **abombado** da troteada.

- Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do **passo**, desencilhei; e estendido nos **pelegos**, a cabeça no **lombilho**, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada **morruda**.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Seguem alguns exemplos que mostram a diversidade das modalidades de entretencimento do motivo fronteiriço na trama textual, mediante a inclusão de formas “hispanizantes”. Conforme foi apontado, o rastreio de algumas dessas formas pode levar até diversas hipóteses; por exemplo, certas ocorrências são suscetíveis de remeter tanto a elementos do português antigo quanto a elementos do espanhol peninsular (matricial) ou do espanhol platino – cf. “Entonces, que tal le foi de susto?”, sentença na qual a única palavra que nos reporta inequivocamente ao português é a forma verbal “foi”, sendo que “susto”, “que tal”, “entonces” e “le” pertencem ao léxico compartilhado do português e do espanhol, os últimos dois vocábulos podendo ser considerados como diacronismos⁶⁶ do português (arcaico) mas não do espanhol, por isso mais prontamente associáveis à ideia da influência do espanhol sobre o português falado nas terras mais ao sul do Brasil.

- Oigalê!... bailemos, que queso hay!...

(“Deve um queijo!”)

aproveitava o vento e **le echaba cuentas de gran capitán...**

(“Contrabandista”)

O osso é a **taba**⁶⁷, que é o osso do garrão da rês vacum. O jogo é só de **culo** ou **suerte**

(“Jogo de osso”)

e a voz da dona repenicava, **hablando un castellano de mi flor!**

(“O duelo dos farrapos”)

O Reduzo foi se fazendo **de sancho rengo**⁶⁸

(“Melancia – Coco verde”)

- eu e o chiru que já estávamos **enforquilhados nas garras.**

(“O Anjo da Vitória”)

⁶⁶ Somente um especialista, historiador da língua, poderia dizer qual era o estatuto exato destas palavras na Campanha sul-rio-grandense da segunda metade do século XIX, situando-as com alguma precisão no intervalo [diacronismo do português – empréstimo do espanhol]

⁶⁷ O estatuto das palavras é diferente. O termo “tava” ficou registrado nos dicionários de português genérico (haveria de se verificar em dicionários mais antigos). Enquanto nem ‘culo’ nem ‘suerte’ constam nesses mesmos dicionários. [Houaiss: tava: Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 Derivação: por metonímia. Rubrica: ludologia. jogo que consiste em arremessar para cima um osso de jarrete de gado bovino, ganhando caso o osso caia no chão com sua parte côncava para cima; jogo do osso, taba 2 esse osso]

⁶⁸ rengo: hsp.-am. rengo 'coxo', alt. do esp. rengo 'que arrasta uma perna', prov. de um der. do germ. wrankjan 'torcer' (Houaiss)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Detalhes da hispanização do português (brasileiro) de Blau Nunes:

A dimensão realista (certa preocupação com a verossimilhança socio-histórica) na representação das práticas linguísticas, unida à tonalidade resolutamente gauchesca da composição, faz com que a proximidade com o espaço hispano-americano necessariamente receba tratamento especial na composição da linguagem do narrador e das personagens (sendo que a voz das personagens passa sempre pela memória e expressão do narrador). De fato, a fala de Blau é um potente veículo mimético, precisamente no poder de persuasão que exerce sobre o leitor enquanto representativa de um modo de se comunicar supostamente típico das populações da região e da época (o tal linguajar gaúcho, ou como o “transcritor” dos contos o coloca⁶⁹: o “vivo e pitoresco dialeto gauchesco”). Conforme já tem sido repetidamente ressaltado nos ensaios dedicados ao estudo de *Contos gauchescos*, esta fala é uma construção híbrida que não se contenta em reproduzir meticulosamente os usos da língua vigentes na Campanha rio-grandense da segunda metade do século XIX, mas os integra na composição textual pelo processo de estilização artística. Ou seja, a voz de Blau é intrinsecamente única, mesmo que incorporando, em vários graus e aspectos, as realidades linguísticas, históricas, da época de ambientação dos contos. A fala de Blau imita a fala do gaúcho, mas é uma imitação literarizada (a própria mimese, reportada à questão da linguagem), e é de se supor que não teria havido ninguém que se expressasse como o faz o narrador de Simões. O mais importante é que esta “imitação” linguística é totalmente funcional; *id est*, ela cumpre seu papel de transportar o leitor para dentro da ilusão literária, lendo os contos (fazendo de conta) como se fossem casos ouvidos da boca de um velho campeiro gaúcho.

Comparando com Guy de Maupassant, por exemplo, contista que ambientou muitos de seus textos na campanha normanda, é interessante observar que nunca Simões, pelo menos que eu saiba, tem sido taxado de ter deturpado os modos de falar “autênticos” do campeiro da Campanha da época. Não tem sido o caso com Maupassant, repetidamente censurado por forçar o traço na sua representação do dialeto normando. É verdade que a discrepância flagrante entre a linguagem do narrador letrado e de suas personagens “rústicas”, a qual tem papel relevantíssima na composição lexical e sintática dos contos do escritor francês, contribui muito para expô-los a este tipo de crítica, o “falso” dialeto normando falado pelas personagens acentuando a decalagem linguística entre narrativa e diálogos.

⁶⁹ “uma memória de rara nitidez brilhando através de imaginosa e encantadora loquacidade servida e floreada pelo vivo e pitoresco dialeto gauchesco” lê-se na introdução à coletânea.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ao contrário, no caso de Simões Lopes Neto, a integração linguística realizada através da escolha de um narrador cuja linguagem não o diferencia de suas personagens concorre fortemente para a impressão de autenticidade embutida na construção da ilusão literária e que nunca deixa de emanar do texto quando da sua atualização pela leitura (quando o causo, que supostamente se tornara conto, torna-se causo de novo). Agora, um dos recursos usados para conferir à voz de Blau Nunes este poder de persuasão (quanto a sua “autenticidade”) reside na “fronteirização” das formulações atribuídas ao narrador⁷⁰.

Isto vale notadamente no que diz respeito à inclusão de elementos da “fala do vizinho” na linguagem “fabricada” para Blau Nunes, a qual se colora em consequência de um matiz fronteiriço destacadamente “audível”. Tal ênfase sobre elementos suscetíveis de evocar a proximidade geográfica, histórica, social, cultural, linguística, traduz-se concretamente pela incorporação, na construção textual, de forma que demonstram relevante função localizadora (i.e. apontam inequivocamente para a proximidade da fronteira com o espaço hispanófono/platino): “O Reduzo foi-se fazendo de sancho rengo”.

Platinagem dos mecanismos linguísticos

A regionalização do discurso passa com efeito pela inclusão de palavras específicas da variedade rio-grandense do português do Brasil, certo, mas também por um grau maior na incorporação de palavras ligadas à evocação da proximidade do espaço hispano-uruguaio ou hispano-argentino em comparação com o que acontece no caso de outras variedades (do português matricial ou do português brasileiro). Para melhor entender como têm operado esses fenômenos de interpenetração das duas línguas, talvez coubesse perguntar-se em que momento tal ou tal palavra passou de um domínio para outro. Claro que muitas palavras tomadas do espanhol tinham infiltrado o português já havia muito quando da elaboração dos contos, e não é sempre fácil para o tradutor apontar, dentro do conjunto de elementos lexicais ou gramaticais que remetem ao espanhol, quais os elementos que concernem mais diretamente à implementação de um discurso fronteirizante na composição da voz narrativa.

⁷⁰ Outro recurso importante, ao lado desse caráter fronteiriço da fala do narrador, seria sua “campeirização”, ou seja, aquela tonalidade resolutamente popular e rural (ainda que literarizada, conforme foi apontado), a qual confere tanta pungência à voz narrativa, integrando o que poderíamos chamar de “ferramentas de criouliização” da composição textual, no sentido de lhe imbuir convincente inflexão gauchesca. A zoomorfização da linguagem, notadamente no que se apoia em construções envolvendo a comparação, mais ou menos explícita (símiles), mais ou menos implícita (uso figurado das palavras, inclusive em modo metafórico) entre humanos e cavalos ou entre humanos e bois talvez seja a mais óbvia dentre essas ferramentas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De fato, os dicionários não soem precisar em que momento, mais ou menos, se realizou o empréstimo, o que complica a tarefa de rastreamento e identificação, permitindo alguma precisão na diferenciação entre espanholismos e platinismos, ou seja, a atribuição de uma zona geográfica, de uma escala, para cada palavra ou construção que nos reporta à cultura vizinha, seja enquanto manifestação de localização peninsular ou americana.

Então, não há dúvida de que certos vocábulos provavelmente tenham sido integrados ao português antes da descoberta, conquista ou colonização de uma parte do continente pelos portugueses. Entretanto, talvez esta observação não seja tão pertinente assim, dado que a hispanização do discurso, sempre dentro da sua regionalização relativamente a normas nacionais, apreende-se, do meu ponto de vista, de maneira global, e não unidade por unidade. Globalmente, pois, podemos afirmar que tal regionalização – no sentido de uma maior exibição do elemento vindo do espanhol – se realiza principalmente de três maneiras, conforme a escala da infiltração de um idioma dentro de outro e deixando de lado provisoriamente os fenômenos de assimilação de outras línguas (indígenas ou africanas).

- A inclusão de palavras derivadas do espanhol.
- A inclusão de palavras tomadas emprestadas ou derivadas do hispano-americano.
- A inclusão de palavras tomadas emprestadas ou derivadas de platinismos.

Obviamente, é a última categoria que interessa de mais perto ao que, em vez de hispanização, poderíamos, ou talvez devêssemos, chamar de “fronteirização” do discurso. Os platinismos, como já foi assinalado em numerosos ensaios dedicados à obra simoniana, são particularmente presentes na obra prima de Simões, chegando a conformar às vezes como que uma trama linguística subjacente; e sua participação na dimensão transfronteiriça do texto é patente.

No anexo online será disponibilizada uma lista não exaustiva de termos identificáveis como “platinismos”, conto por conto. De resto, anotei o texto inteiro, tentando identificar os espanholismos, os hispano-americanismos, os platinismos, mas também marcar as vozes que eram brasileirismos, sulismos ou gauchismos, e sublinhando também as palavras que eram derivadas de vozes indígenas (tupi, guarani, quíchua ou outros), de vozes africanas, e até do árabe. A proposta era de investigar de que maneira esta vertente na composição lexical da escrita (a origem e o estatuto das palavras) contribuía para construir o sentido dos *Contos*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Escusado é precisar que a composição da fala de Blau Nunes se revela tão complexa desde este ponto de vista da contribuição dos diversos idiomas e das diversas variedades destes idiomas, que não se pode sonhar em transladar suas configurações para uma versão estrangeira, de certo não nas mesmas proporções em todo caso. Segue um extrato do texto tal como o anotei para saber com mais conhecimento de causo com que estava lidando.

Vancê sabe como é que se joga o osso?

Ansim:

Escolhe-se um chão parelho⁷¹, nem duro, que faz saltar, nem mole, que acama, nem areento, que enterra o osso.

É sobre o firme macio, que convém. A cancha⁷² com uma braça de largura, chega, e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola⁷³, amarrada em duas estaquinhas ou mesmo um risco no chão, serve; de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: este atira daqui pra lá, o outro atira de lá pra cá.

O osso é a taba⁷⁴, que é o osso do garrão⁷⁵ da rês vacum. O jogo é só de culo⁷⁶ ou suerte⁷⁷.

⁷¹ **PARELHO**^{esp?}, Houaiss: 7 Regionalismo: Rio Grande do Sul. campo plano. **dle.rae.es: PAREJO**, 2. adj. Liso, llano.

⁷² **CANCHA**^{plat, quech} Houaiss: Regionalismo: Brasil. pista preparada para corridas de cavalos; raia 2 Regionalismo: Brasil. terreno preparado para diversas modalidades de jogos, como futebol, tênis, basquete etc. 3 Regionalismo: Brasil. lugar de pousio ou parada costumeira (de gente ou de animais) 4 Regionalismo: Brasil. lugar, local 5 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Brasil. situação conveniente, compensadora 6 Regionalismo: Brasil. Uso: informal. larga experiência, conhecimento 7 Regionalismo: Paraná Rio Grande do Sul. lugar em que a erva-mate é batida antes de ser levada ao moinho [etimologia: esp. *cancha* 'terreno plano', este do quíchua *kántxa* 'paliçada, pátio'] Glossaire ABH: s. f. 1. Pista de carreira de cavalos. // 2. Lugar onde se realizam jogos. // 3. Paradeiro habitual; lugar predileto. // 4. Espaço; lugar. **dle.rae.es: CANCHA** del quechua *kancha* 'recinto, cercado'. 1. f. Espacio destinado a la práctica de ciertos deportes o espectáculos. 2. f. Am. Habilidad que se adquiere con la experiencia. 3. f. Arg., Bol., Chile, Col., Ec., El Salv., Méx., Pan., Par., Perú, R. Dom. y Ur. Terreno, espacio, local o sitio llano y desembarazado.

⁷³ **PIOLA**^{esp?, araucan?}, Houaiss: Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 fio para atar; cordel fino; cordão, barbante 2 qualquer fragmento de corda **Glossaire ABH:** s. f. 1. Cordão, barbante. // 2. Corda. [Do araucano *piulu*, "o fio delgado", segundo Malaret, Diccionario de Americanismos.] **dle.rae.es: PIOLA**, del lat. **pediōla* 'traba'. 1. f. Cuerda delgada.

⁷⁴ **TABA**^{esp}, Houaiss: Rubrica: ludologia. Regionalismo: Rio Grande do Sul. m.q. *tava* Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 Derivação: por metonímia. Rubrica: ludologia. jogo que consiste em arremessar para cima um osso de jarrete de gado bovino, ganhando caso o osso caia no chão com sua parte côncava para cima; jogo do osso, taba 2 esse osso [etimologia: esp. *taba* lud 'jogo do osso, astrágalo de carneiro com que se joga a tava', este, segundo Corominas, de orig. incerta, prov. do ár. *táb* 'espécie de jogo'] Glossaire ABH: s. f. 1. Jogo do osso. // 2. Osso com que se faz esse jogo. [También se diz tava.]. **dle.rae.es: TABA**, Del ár. hisp. *ká'ba*, y este del ár. *clás. ka'bah*. 1. f. astrágalo (|| hueso del tarso). 2. f. Lado de la taba opuesto a la chuca 3. f. Juego en que se tira al aire una taba de carnero, u otro objeto similar, y se gana o se pierde según la posición en que caiga aquella.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Meu conhecimento do português e do espanhol não me tem permitido fazer um estudo muito aprofundado da presença do espanhol na linguagem de Blau Nunes (as modalidades da sua incorporação na variedade de português falada pelo narrador). No que diz respeito a palavras derivadas do espanhol, por exemplo, conforme já disse, não havia como afirmar que o empréstimo tinha algo a ver com a proximidade da fronteira sul (Argentina e Uruguai) ou se produzira na Península, antes da conquista ou não. Além disto, sejam hispanismos, hispano-americanismos ou platinismos, alguns destes emprestados ou derivados têm integrado o vocabulário nacional, de sorte que não há como comprovar facilmente a particularidade da relação rio-platense/rio-grandense nesses intercâmbios linguístico-culturais.

O mesmo vale para diversas colocações. Será que ‘en pelo’ procede de ‘em pelo’ ou será que é ‘em pelo’ que procede de ‘en pelo’? Ou ainda seriam construções que não devem nada uma à outra, o que custa um pouco para acreditar?

Concentrei-me aqui sobre os elementos lexicais, mas vale frisar que há construções linguísticas às vezes relativamente difíceis de se identificar ou comprovar (pelo menos para um aprendiz como eu), as quais podem ser relacionadas com a vizinhança do Rio Grande do Sul com o Rio da Prata. Dentre elas, justamente, a duplicação da preposição em construções como “de a pé”, “de em pelo”, etc. que Aurélio Buarque de Holanda devidamente apontou no seu ensaio sobre “estilo e linguagem em Simões Lopes Neto”.

Notam-se-lhe ainda, de quando em quando, locuções de uso antigo, com sobrecarga de preposições, e que só em poucas regiões serão empregadas, mesmo entre o povo. Esse fato apresenta vários aspectos:

1. Expressões como a cavalo, a pé, cruzam-se com outras – de cavalo, de pé – e produzem de a cavalo (Os Cabelos da China, O Anjo da Vitória, A Salamanca do Jarau), de a pé (No Manantial, O Boi Velho)⁷⁸.

O fato pode explicar-se por influência do espanhol, ou será de origem portuguesa.

[negrito meu]

⁷⁵ **GARRÃO**^{esp} Houaiss: *Datação*: 1881 Houaiss: Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 jarrete de equídeos 2 Derivação: por extensão de sentido. jarrete de qualquer animal 3 Derivação: por analogia. jarrete do ser humano [etimologia: esp. garrón 'extremidade das patas de certos animais'] Glossário ABH, s. m. 1. Jarrete do animal (e, por extensão, das pessoas).

⁷⁶ **CULO**^{esp}, **Glossaire ABH**: Está excelentemente definido pelo próprio autor.

⁷⁷ **SUERTE**^{esp}, **Glossaire ABH**: Espanholismo, excelentemente definido pelo próprio autor. **NdT**. As duas palavras, ‘culo’ e ‘suerte’, remetem ostensivamente ao mundo hispânico e a uma cultura comum, inclusive nos divertimentos.

⁷⁸ Buarque de Holanda acrescenta: “Essa tendência para o reforço de advérbios e preposições é muito da velha língua portuguesa e ainda está particularmente viva na fala do povo”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nota-se que o próprio Aurélio Buarque de Holanda, exímio conhecedor da língua portuguesa e de sua variedade brasileira, menciona a influência do espanhol platino para explicar tais fenômenos como uma possibilidade e nunca a apresenta peremptoriamente como uma certidão.

Eu, simples tradutor, não podia esperar alcançar mais precisão na minha avaliação. Destarte, contentei-me em fazer meus levantamentos baseados na etimologia dos vocábulos principalmente em função das indicações supridas pelos lexicógrafos e especialistas da área – Antônio Álvares Pereira Coruja, João Romanguera Corrêa, Roque Callage, Luiz Cardoso de Moraes, Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Houaiss, Caldas Aulete, Vitor Russomano, Aldyr García Schlee, Zeno e Rui Cardoso Nunes, Batista Bossle, Alberto Juvenal de Oliveira, e Luis Augusto Fischer, principalmente.

Alguns exemplos de construções “hispanizantes”

Dentre outros traços linguísticos assinalados por Aurélio Buarque de Holanda enquanto marcadores de uma possível influência castelhana, podemos citar, pois, os seguintes, sendo que não me pareceu possível transferir a possível presença da sintaxe do espanhol (ou de construções gramaticais) no texto de Simões para o texto em francês.

Objetivamente, o que pode ser feito no limite com alguma porção do léxico arrisca ter efeito nulo no que diz respeito à organização dos períodos, fora a infalível estrangeirização e defamiliarização produzida para o leitor da versão, e um decalque das construções gramaticais, como as citadas a seguir, seria até suscetível de prejudicar seriamente a leitura dessa versão.

Aliás, parece-me relevante observar que os fenômenos mencionados por Buarque de Holanda como suscetíveis de denotar uma influência do castelhano na construção da voz de Blau Nunes concernem a detalhes de construção gramática (uso de conjunções, duplicação de preposições, pronomes pessoais, etc.) e não a estruturas mais abrangentes na conformação dos idiomas.

O uso da conjunção “como”

“Mas *como* chegaram, cada um despiu a farda” (*Duelo*). / “Mas *como* eu ia, ele tornava a alcançar-me” (*Trezentas Onças*). / “e *como* chegou, atropelou-a” (*Manantial*).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vemos aí o *como* no sentido, clássico, de “quando, logo que”, **já um pouco antiquado em português, mas ainda vigente no espanhol, donde terá passado ao Rio Grande do Sul.** [...] [negrito meu]

O ensaísta se debruça ainda sobre algumas especificidades ligadas às características gramaticais de determinadas palavras:

Encontro a palavra pampa no feminino: “Estes campos eram meio sem dono, era uma pampa aberta” (Manantial). Influência do espanhol: em português se diz, geralmente, “o pampa”, e assim está não só, por exemplo, em Alencar, como nos próprios escritores gaúchos – Alcides Maia, Darci Azambuja, Clemenciano Barnasque, etc. No Glossário deste ensaio acham-se alguns exemplos do vocábulo no gênero feminino. [...]

De minha parte, reparei também em alguns traços que me parecem querer reforçar, na voz de Blau Nunes, o vínculo com a cultura e a língua irmã/hermana: Por exemplo, aquelas ocorrências nas quais o verbo “ir” é construído com a preposição ‘a’ precedendo um infinitivo. É a norma em espanhol, mas em português a construção corrente é de fazer seguir o verbo auxiliar diretamente do infinitivo.

Quando **ia a entrar** na venda. (“Deve um queijo”)

retesando o cogote largo e **ia a levantar** a guampada (“Juca Guerra”)

foi descaindo e **ia a tombar** (“Juca Guerra”)

e quando **ia a soltá-las** (“O Negro Bonifácio”)

Coincidência... Ou não, nas quatro ocorrências citadas, o uso da construção hispanizante (pelo menos hispanizante no meu entendimento) é como que “nefasta” para as personagens quando contemplada do ponto de vista da estratégia narrativa, pois o que se anuncia depois deste “ia a” não é nada bom. Mas eu diria que há sempre aquele jogo de peso e contrapeso na composição, o qual, afinal de contas e dos contos, acaba equilibrando o balanço entre o lado bom e o lado mau de ter ou de ser vizinhos.

Superpondo o texto original e sua tradução para o espanhol

Conduzi, no âmbito deste projeto, um cotejo sistemático do texto integral de *Contos gauchescos* com o texto integral da versão uruguaia, *Cuentos gauchescos*, e pude constatar que, de fato, são reduzidas as alterações lexicais – palavras no texto de Román García Arros pide que não sejam idênticas ou (muito) semelhantes pela forma às palavras originais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Além do mais, ainda que tenha havido necessariamente “mudanças lexicais” dos *Contos gauchescos* para os *Cuentos gauchescos* (mesmo que bastante reduzidas conforme indiquei em relação com a versão italiana, por exemplo), são muitas as ocorrências em que existem palavras do espanhol que provavelmente não se adequassem tão bem ao contexto e por isto não foram escolhidas por Arrospide, mas que são de forma e de sentido quase idêntico ou muito semelhante às palavras originais do texto português. Isto sugere que o texto de Simões teria sido, globalmente, bastante transparente para um leitor uruguaio da metade mais próxima do Rio Grande do Sul e da época de ambientação ou de produção dos *Contos*, num tempo em que muitos eram os estancieiros do Uruguai de origem brasileira.

Exprime-se, evidentemente, nesses paralelismos linguísticos, a proximidade entre o português e o espanhol enquanto idiomas ibéricos, mas o grau de similitude dos textos, e ainda mais levando em conta o grau de transparência a que aludi acima, deixa sem dúvida entrever uma preocupação tanto de ordem realística (mimese) quanto de ordem estética (integração física das unidades) por deixar o espanhol falar quase que constantemente, como que em surdina, através do português de Blau.

Enfim, não posso dar aqui uma lista exaustiva de elementos linguísticos suscetíveis de assinalar um afã, por parte do escritor, de sublinhar na voz de seu narrador, traços que o identificasse com seu espaço geográfico e histórico de vivência e de elocução (e interlocução com os vizinhos ora tão odiados ora tão queridos). Primeiro, não sou hispanista, nem lusista, mas simples tradutor. Segundo, a integração se faz às vezes de maneira bastante intrincada, o que não facilita sua identificação por parte do forasteiro – duplamente forasteiro, aliás, nesta configuração de superposição de línguas (português – espanhol) que supostamente deveria transferir para seu próprio idioma. Conforme indiquei, seria necessário ter um conhecimento muito afinado da evolução do espanhol e do português nos espaços em pauta para poder avaliar com alguma precisão os processos de interpenetração entre os dois idiomas e suas variedades regionais. Uma ferramenta que possivelmente ajudasse num trabalho de identificação das formas hispanizantes consistiria em conduzir uma análise detalhada dos *Cuentos gauchescos*, a versão para o espanhol, e indagar as ocorrências nas quais o tradutor uruguaio achou necessário manter a formulação do texto original, ou preferiu trazer modificações, ainda que houvesse possibilidade de importar o enunciado diretamente para o espanhol. Mas não tive tempo para tanto.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conflitos geopolíticos e (re)conciliações linguísticas

Da mesma forma que a tonalidade resolutamente conflitiva do caso “Deve um queijo!” se esvaece bastante sob a ação da coloração nitidamente conciliante trazida pela própria composição linguística do texto do relato, a variação na densidade de hispanismos ou platinismos em outros casos de Blau também pode ser considerada como significativa. Assim, em “O Anjo da vitória” que, afinal de contas, se aproxima bastante, pelo tema do “ódio inato” aos castelhanos, de “Deve um queijo!”, espécie de revanche no âmbito do que chamei de miniaturização da história, a iminência dos castelhanos ou, melhor dito, do ataque dos castelhanos, está acompanhada, no desenvolvimento do relato, pelo emprego de um número expressivo de hispanismos/platinismos na fraseologia. Este aumento repentino relativo ao número de vocábulos alusivos, pela origem, ao lado de lá, espelha de certo modo a imagem do coração que, diz o narrador, trepa na gente como uma jaguatirica numa árvore. Isto comprovaria que o manejo da densidade de tal ou tal categoria de formas lexicais (ou sintáticas, em proporção menor) faz parte dos recursos que o escritor implementou para duplicar, como que linguisticamente, o enredo de seus contos.

Num escurecer, enquanto pelo acampamento os soldados **carneavam** e outros tocavam viola e cantavam, ou dormiam ou **chalravam**, o que sei é que nesse escurecer o meu padrinho mandou pegar os nossos cavalos; e encilhámos até a **cincha**; e depois nos deitamos nos **pelegos**, com os **pingos** pela rédea, **maneados**: ele, armado, **mateando**; eu, **enroscadito** no meu bichará⁷⁹, e o ordenança, que era um chiru ombrudo, chamado Hilarião, pitando. Eu, como criança, peguei logo a cochilar.

⁷⁹ Em artigos argentinos sobre as diferenças entre os ponchos nas diferentes partes do espaço nacional, encontra-se a locução “poncho bichará” como sendo um abrigo de “lana listrada” (cf. Leguizamón Martiniano. *Montaraz, costumbres argentinos*. Buenos Aires: La Facultad, 1914). Novamente, ao ler escritos argentinos e uruguaios da mesma época em que Simões compôs seus *Contos gauchescos*, confere-se imediatamente uma semelhança bastante conspícua na formulação, em especial no que diz respeito ao vocabulário típico da região, de engate direito com as realidades ambientais, sejam naturais ou culturais: “Um entrevero: [...] Un grupo de jinetes taciturnos y huraños se destacó al tranco en exploración con rumbo al naciente. Eran todos mocetones, de rostro moreno casi lampiño, de cabeza altanera, melenuda y los ojos de sombría, enigmática mirada, con ese gesto característico del hombre de nuestros campos, que tiene no sé qué de triste y bravío a la vez. Iban pobrememente vestidos con camisetas de lienzo y chiripaces de bayeta colorada; los pies calzados con botas de potro en que sujetaban gruesas espuelas de hierro de punzadora rodaja. **El poncho bichará de lana listada**, lo llevaban arrollado en bandolera sobre el pecho, para dejar en libertad el juego de los nervudos brazos. Sombreros altos, puntiagudos, de alas cortas con anchas divisas federales, volcados hacia la nuca, coronaban aquellas altivas cabezas de montonero. Algunos llevaban, a usanza charrúa, una larga pluma de ñandú. Por todo armamento tenían lanzas de cana tacuara enastadas con hojas de cuchillo o de tijera; el facón, las boleadoras y el lazo trenzado completaban el bélico arreo”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Amigo! Vancê creia: o coração às vezes, trepa, dentro da gente, o mesmo que jaguarica por uma árvore acima!... [...] Numa arrancada dessas é que o coração trepa, dentro da gente, como gato...

- **Desmaneia** e monta! Gritou o meu padrinho; ele que falava, eu e o chiru⁸⁰ que já estávamos **enforquilhados** nas **garras**. E por entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fincados espetos com restos de **churrascos**; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de **rejunos**; no fusco-fusco da madrugada, com uma **cerraçãozita** o quanto-quanto; por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do **chinaredo** e o vozerio do comércio, já no cheiro da pólvora e em cima dos primeiros feridos, formou-se o **entrevero** dos atacantes e dos **dormilões**.

Na verdade, este entrevero das palavras de “origens” diferentes no campo de batalha do texto que ecoa ou “responde” ao entrevero dos soldados no campo de batalha da mimese, poderia ser visto também como que espelhando ou prismatizando as contradições do posicionamento discursivo (focalizado aqui pelo olhar, ou seja, a voz do narrador) em relação ao outro. É aquele tango que transforma o vizinho ora em parceiro, e até *hermano*, ora em inimigo jurado de morte. Talvez seja “Contrabandista”, aliás, o conto em que se representa melhor essa negociação fronteira constante entre os luso-brasileiros e os hispano-argentino/uruguayos. Não é que se observa sempre ao longo do relato uma alternância entre conflito e parceria?

E faziam trocas, de elas por elas, quase.

Os paisanos das duas terras brigavam, mas os mercadores sempre se entendiam...

Isto veio mais ou menos assim até a guerra dos Farrapos; depois vieram as califórnicas do Chico Pedro; depois a guerra do Rosas.

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, **desde em antes** da tomada das Missões. Naqueles tempos o que se fazia era sem malícia, e mais por divertir e **acoquinar** as guardas do inimigo: uma partida de **guascas** montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de **eguariços**, **abanava o poncho** e vinha a meia rédea; apartava-se a potrada e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma cousa; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados. Isto se fazia por despique dos espanhóis e eles se pagavam desquitando-se do mesmo jeito.

⁸⁰ Não está registrada a palavra ‘chiru’ no DRAE. Em contrapartida, consta ‘chirusa’ ou ‘chiruzá’ o que explica a tradução de ‘chiruzá’ por ‘chiruzá’ e de ‘chiru’ por ‘índio’ na versão de Garcia Arrospides. chiruzá. 1. f. despect. Arg. y Ur. Mujer de comportamiento vulgar. (DRAE)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A presença de formas hispanizantes na fala de Blau Nunes é conspícua, mas representa somente um elemento da composição linguística dos Contos, bastante complexa. De fato, olhando especialmente para as configurações de superposição de línguas, observa-se que são numerosas as variedades que entram nesta composição. Não me pareceu haver possibilidade viável de levar para a versão estrangeira esta complexidade, do ponto de vista tanto dos usos em função do espaço geográfico quanto dos usos em função do período histórico.

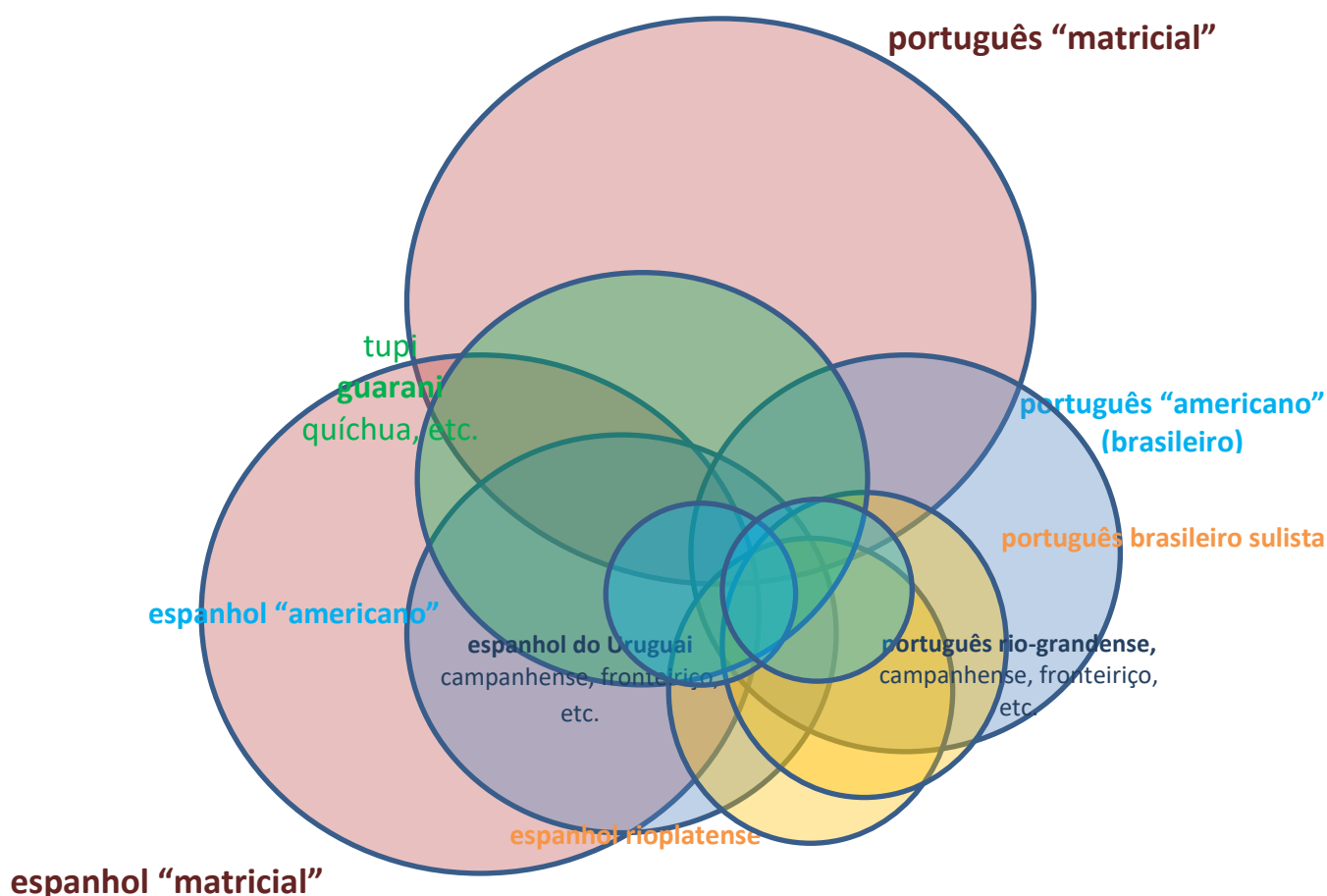
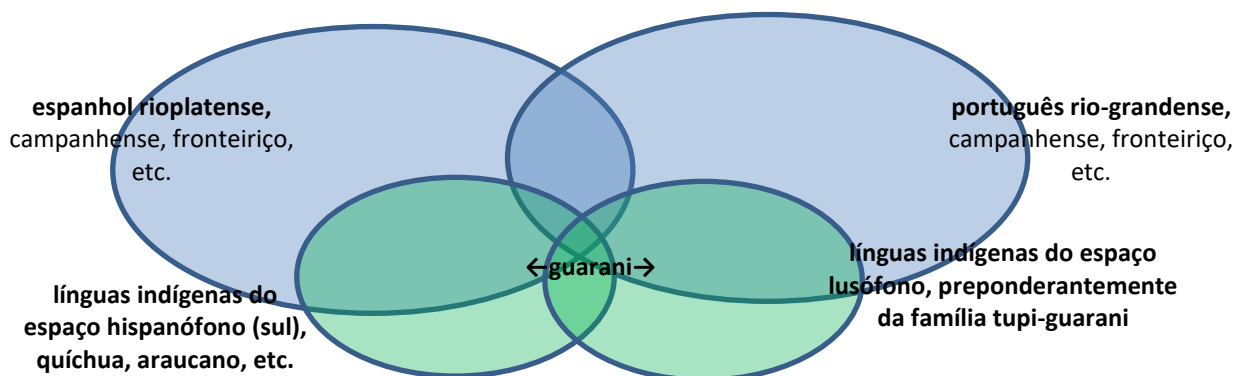
Vetores de conformação da composição linguística:

- influência mais ou menos pronunciada das línguas indígenas e africanas (notando que são muito mais frequentes as palavras oriundas de vocabulários nativos em *Contos gauchescos*⁸¹)
- influência mais ou menos pronunciada das práticas rurais e urbanas, interioranas e litorâneas, etc.
- influência mais ou menos pronunciada de variedades mais “eruditas” (o escritor letrado) ou mais “populares” (o peão iletrado no mais das vezes, sendo que Blau Nunes nos informa ser leitor de jornais)
- influência mais ou menos pronunciada dos usos linguísticos em função da proximidade da fronteira.
- evolução dos usos linguísticos ao longo do tempo, sendo que não se deve esquecer o caráter de resgate e preservação em *Contos gauchescos* de um vocabulário cuja boa parte estava ameaçada de cair em desuso na época em que Simões escreveu sua obra (p. ex. por causa de transformações drásticas na organização da vida social no campo e, em particular, no sistema estanceiro – vide ensaios como *Radiografía de la pampa* de Ezequiel Martínez Estrada)

⁸¹ Obviamente, a presença de elementos de línguas africanas é muito mais notável em práticas de uso da língua encontradas na região do Recôncavo baiano, incluindo Salvador (por exemplo, em relação com rituais religiosos, sendo que houve nesse espaço a criação de quantidade de irmandades negras católicas bem como ocorreu o desenvolvimento de terreiros e outros lugares de cultos afrobrasileiros); isto apesar de o pampa tanto hispano-americano quanto luso-americano ter recebido importantes contingentes de escravos de origem africana. Outro fator reside na construção da ambientação dos *Contos* que se apoia em particular na menção pelo narrador de fitônimos, zoônimos e geônimos (daí também de topônimos, estância dos Guaras, etc.) derivados, por boa parte deles, de vocábulos nativos, uma vez que não havia por que não se aproveitar dos termos já existentes para designar espécies – vegetais e animais – endêmicas das Américas. E também não se pode esquecer que, tradicionalmente, a representação do gaúcho tem enfatizado a fusão dos elementos ibéricos e indígenas na constituição do tipo, admitindo o elemento africano na sua composição genética (o negro Bonifácio em *Contos gauchescos*, o moreno na volta de Martín Fierro, etc.), mas atribuindo-lhe menos relevância.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O gráfico abaixo somente está incluído aqui para dar uma ideia ao leitor francês da complexidade na superposição das línguas e de suas variedades. Não inclui a participação das línguas africanas, nem de idiomas nativos não pertencentes à família tupi-guarani (como o quíchua – china –, o mapuche, o araucano e até o nahuatl – camote –). A presença destas palavras de origem tupi ou guarani define de maneira substancial o caráter brasileiro da variedade usada por Blau Nunes, pelo menos no que diz respeito ao léxico. O guarani forma um espaço linguístico-cultural de contato entre o pampa lusófono (tupi → guarani) e o pampa hispanófono (guarani → outros idiomas como o quíchua, o araucano, o mapuche, etc.).



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Elementos de bibliografia

Portunhol, spanglish, franglais e outras variedades linguísticas “não convencionais”

Para este aspecto da escrita, consultei diversos trabalhos sobre as formas linguísticas desenvolvidas a partir do contato entre idiomas, em especial nas áreas fronteiriças (não somente de um lado e outro da divisa física, visto que as áreas de uso de variedades do spanglish, do franglais, do portunhol, etc. podem ser encravadas dentro de megalópoles em um território nacional ou outro). De certo modo, o trabalho de Simões reflete, ou prefigura, práticas de literarização dos fenômenos de interpenetração linguística que se encontram na divisa entre os Estados Unidos e México (a chamada literatura chicana em particular), ou na divisa entre o Quebec e as províncias anglófonas do Canadá. Formas mais radicais de representação dos espaços de diglossia aparecem mais tarde (p. ex. *Yo-Yo Boing!*, da escritora porto-riquenha Giannina Braschi, *Les Belles-mères*, do dramaturgo quebequense Michel Tremblay, *Mar paraguayano*, do brasileiro Wilson Bueno, etc.)

Também foi esclarecedor o material a que tive acesso numa pesquisa paralela dedicada mais especificamente às formas literárias do “portunhol” no Brasil, no Uruguai e na Argentina.

Gumperz, John J. (1982). Discourse Strategies. Cambridge: Cambridge University Press

Poplack, Shana; David Sankoff (1984). “Borrowing: the synchrony of integration”. Linguistics. 22 (269): 99–136

Weinreich, Uriel (1953). Languages in Contact. The Hague: Mouton

A influência mutual do português e do espanhol tem evidentemente evoluído muito ao longo do tempo. As zonas Rivera-Livramento, Jaguarão-Rio Branco ou Aceguá-Aceguá possuem seus próprios modismos nascidos do contato das variedades de português do Brasil e de espanhol rio-platense na vida cotidiana. Há preferências que se constata em textos como os *Contos gauchescos* e que se verificam ainda hoje no sul do Brasil (p. ex. o uso de ‘cerro’ em vez de ‘morro’⁸²). Para entender um pouco melhor os fenômenos de interpenetração linguística na região naquela época, tenho recorrido a obras como o *Diccionario de vocábulos brasileiros* de Beaurepaire-Rohan abundantemente citado por Daniel Granada no seu *Vocabulario rioplatense razonado*.

⁸² ambas palavras pertencem ao léxico tanto do português como do espanhol, mas a preferência marcada pelos locutores brasileiros por uma ou outra não deixa de poder ser considerada como um indicador de proximidade da fronteira com os vizinhos hispanófonos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº6 - DEVE UM QUEIJO!...

A fala do castelhano, em espanhol no texto original, permanece em espanhol na versão francesa, mas com uma nota de rodapé em que consta a tradução dos enunciados.

VOUS DEVEZ UN FROMAGE !

O velho Lessa era um homem assinzinho^{rs}... nanico, retaco, ruivote, corado, e tinha os olhos vivos como azougue... Mas quanto tinha pequeno o corpo, tinha grande o coração.

Le vieux Lessa était un type pas plus grand que ça... haut comme trois pommes, trapu, le poil tirant sur le roux, la face rougeade, et des yeux vifs, comme le vif-argent. Mais autant son corps était petit, autant son cœur était grand.

E sisudo; não era homem de roer corda, nem de palavra esticante^{esp?}, como couro de cachorro . Falava pouco, mas quando dizia, estava dito; pra ele, trato de boca valia tanto - e até mais - que papel de tabelião. E no mais, era - pão, pão; queijo, queijo! –

Et sérieux avec ça ; c'était pas un homme à revenir sur sa parole, et cette parole, elle était pas élastique comme le cuir du renard graxaim. Il parlait peu, mais quand il disait quelque chose, c'était dit : pour lui, si on topait, ça valait autant, et même plus, que le papier du notaire. Pour le reste, franc du collier : pour lui, comme on dit, le pain, c'était le pain, et le fromage, c'était le fromage.

E, por falar nisto:

Et tiens, en parlant de fromage :

Duma feita no Passo^{esp?} do Centurião, numa venda^{esp} grande que ali havia, estava uma ponta^{esp} de andantes, tropeiros, gauchada^{plat} teatina^{esp?}, peonada^{plat}, e tal, quando descia um cerro^{esp?} alto e depois entrava na estrada, ladeada de butiazeiros, que se estendem para os dois lados, sombreando o verde macio dos pastos, quando troteava de escoteiro^{esp?}, o velho Lessa.

Une fois, au Passo du Centurion , dans une grande taverne qu'il y avait là, était réunie une petite compagnie de voyageurs, muletiers, gauchos venus d'autres parages, péons, et autres, alors que descendait de la colline pour rejoindre la route, bordée de palmiers butiá de chaque côté qui piquaient de taches plus sombres le vert tendre des pâturages, alors, donc, qu'arrivait au petit trot, sans autre équipage, le vieux Lessa.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De ainda longe já um dos sujeitos o havia conhecido e dito quem era e donde; e logo outro passou voz que aí no mais todos iriam comer um queijo sem nada pagar...

Il était encore loin qu'un des gars dans la taverne l'avait déjà reconnu et avait dit aux autres qui et d'où il était ; et voilà qu'un autre annonçait aussitôt à la ronde qu'ils allaient tous manger un fromage sans déboursier un sou.

Este fulano era um castelhano alto, gadelhudo, com uma pêra enorme, que ele às vezes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões^{esp?}, para divertir, ao primeiro coloreado^{esp}...

Ce type était un Castellano de gande taille, avec une longue crinière et une énorme impériale, que parfois, pour s'amuser ou pour quelque autre motif connu de lui seul, il lui prenait de tresser, comme pour tendre la perche à quelque commentaire, et que lui puisse alors rétorquer, et de là qu'on en vienne à croiser le fer, histoire de se divertir, en arrêtant le combat au premier sang.

Sossegado da sua vida o velho Lessa aproximou-se, parou o cavalo e mui delicadamente tocou na aba do sombreiro^{esp};

Donc, bien tranquillement, le vieux Lessa s'approche, arrête son cheval et très poliment touche du bout des doigts le bord de son chapeau.

- Boa-tarde, a todos!

- Bonjour la compagnie !

E apeou-se^{esp}.

Et il met pied à terre.

Maneou^{plat} o mancarrão^{esp}, atou-lhe as rédeas ao pescoço e dobrou os pelegos^{plat}, por causa da quentura do sol.

Il attache son canasson, noue les rênes sur l'encolure et plie le tapis de selle à cause du soleil qui tape fort.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando ia a entrar na venda, saiu-lhe o castelhano, pelo lado de laçar^{plat} ... A este tempo o negociante saudava o velho, dizendo:

Il va pour entrer dans la boutique quand voilà le castillan qui lui surgit brusquement du côté du lasso*... À ce moment-là, le tenancier était en train de saluer le vieux :

- Oh! seu Nico ! Seja bem aparecido! Então, vem de Canguçu, ou vai?...

- Eh ! M'sieur Nico ! Comment allez-vous ? Alors, on vient de Canguçu ou on y va ?

Antes que o cumprimentado falasse, o castelhano intrometeu-se:

Mais avant que le nouvel arrivant ait pu répondre, le castillan s'interpose :

- Ah! es usted de Canguçu?... Entonces... debe un queso!...

- Ah! es usted de Canguçu?... Entonces... debe un queso!...

O paisano abriu um ligeiro claro de riso e com toda a pachorra ainda respondeu:

Le vieux a un petit rire clair et répond, sans se départir de sa bonhomie.

- Ora, amigo... os queijos andam vasqueiros^{esp?}...

- Eh bien l'ami... c'est que les fromages ne se trouvent pas sous le sabot d'un cheval.

- Si, pa nosotros... pero Canguçu pagará queso, hoy!....

- Si, pa nosotros... pero Canguçu pagará queso, hoy!...

O vendeiro farejou catanga agourenta, no ar, e quis ladear o importuno; o velho Lessa coçou a barbinha do queixo, coçou o cocuruto, relanceou os olhinhos pelos assistentes, e mui^{esp/port} de manso pediu ao empregado do balcão:

Le tenancier flaire une odeur de roussi dans l'air et veut écarter l'opportun ; le vieux Lessa se gratte la barbiche, se gratte le haut du crâne, jette un coup d'œil sur l'assistance, et, toujours bonhomme, demande à l'employé derrière le comptoir :

- 'Stá bem!... Chê^{plat/quich}! dê-me aquele queijo!...

- Bon, puisque que c'est comme ça... Tchê ! donnez-moi ce fromage, oui çui-là !

E apontou para um rodado dum palmo e meio de corda, que estava na prateleira, ali à mão.

Et il indique sur l'étagère un fromage rond d'une palme et demie de diamètre, à portée de main.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O gadelhudo refestelou-se sobre um surrão^{esp} de erva, chupou os dentes e ainda enticou:

Le chevelu s'affale sur un sac d'herbe à maté, fait entendre un tchip moqueur et fanfaronne :

- Oigalê!... bailemos, que queso hay!...

- Oigalê!... bailemos, que queso hay !

Com a mesma santa paciência o velho encomendou então o seu almoço - ovos, um pedaço de lingüiça, café - e depois pegou a partir o queijo, primeiro ao meio, em duas metades e depois uma destas em fatias, como umas **oito** ou dez; acabando, ofereceu a todos:

Avec la même sainte patience, le vieux commande alors son déjeuner : des œufs, un morceau de saucisse, du café, puis il entreprend de partager le fromage, en le coupant d'abord en deux, puis l'une des moitiés en tranches, huit ou dix ; une fois qu'il a fini, il en offre à la cantonade :

- São servidos?

- Qui en veut ?

Ninguém topou: agradeceram; então disse ele ao cobrador:

Tout le monde décline en remerciant ; alors il se tourne vers son créancier :

- Chê^{esp/quich} ! ... pronto! Sirva-se!...

- Tchê ! ... Voilà ! Servez-vous !

O castelhano levantou-se, endireitou as armas e chegando-se para o prato repetiu o *invite*^{esp/portu}:

Le Castelhana se lève, arrange les armes à sa ceinture, et s'approchant de l'assiette, répète l'invitation à la ronde:

- Entonces?... está pago, paisanos!...

- Entonces ? ... está pago, paisanos !...

E às talhaditas^{sufixo_ita} começou a comer.

Et, taillant le fromage en lamelles, il se met à manger.

- Oigalê!... bailemos, que queso hay!...

- Oigalê!... bailemos, que queso hay!...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O velho Lessa - ele tinha pinta de tambeiro^{plat}, mas era touro cupinado ... pegou a picar um naco; sovou uma palha; enrolou o baio; bateu os avios, acendeu e começou a pitar, sempre calado, e moneando^{esp}, gastando um tempão...

Le vieux Lessa, qui avait l'air d'une vache à lait mais qu'était un taureau à bosse... commence à hâcher un bout de tresse de tabac ; il tasse et lisse bien son tabac dans la paille de maïs, roule sa cigarette, bat son briquet, allume sa cigarette, et puis il se met à fumer, sans dire mot, en faisant un tas de mimiques, et ça comme s'il avait tout le temps du monde...

Lá na outra ponta do balcão um freguês estava reclamando sobre uma panela reiuna^{plat}, que lhe haviam vendido com o beijo quebrado...

À l'autre bout du comptoir, un client était en train de réclamer d'une casserole, avec une écoussure qu'il disait parce qu'on la lui avait vendue avec une oreille cassée.

Aí pelas seis talhadas o clinudo parou de mastigar.

Après cinq ou six tranches, le chevelu s'arrête de mastiquer.

Bueno. . buenazo!... pero no puedo más!...

Bueno... Buenazo ! ... pero no puedo más !

Mas o velho, com o facão espetou uma fatia e of'receu-lhe:

Alors le vieux pique une tranche avec la pointe de son coutelas et la lui présente :

- Esta, por mim!

- Allez, celle-là pour moi !

- Sí, justo: por usted, vaya!...

- Sí, justo: por usted, vaya! ...

E às cansadas^{esp} remoeu o pedaço.

Et il rumine le morceau sans enthousiasme.

E mal que engoliu o último bocado, já o velho apresentava-lhe outra fatia, na ponta do ferro:

Il n'avait pas plus tôt avalé la dernière bouchée que le vieux lui présentait une autre tranche, plantée sur la pointe de son coutelas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Outra, a saúde de Canguçu !...
- Encore une, à la santé de Canguçu !

- Pero...
- Pero...

- Não tem pêro nem pêra... Come...
- Ya ni pero ni'm-pér-riale qui tienne... Allez mange !

- Pe...
- Pe...

- Come, clinudo!...
- Tu vas manger, dis, chevelu ?!

E, no mesmo soflagrante, de plancha, duro e chato, o velho Lessa derrubou-lhe o facão entre as orelhas, pelas costelas, pelas paletas^{plat}, pela barriga, pelas ventas ... seguido, e miúdo, como quem empapa d'água um couro lanudo. E com esta sumanta^{plat} levou-o sobre o mesmo surrão^{esp} de erva , pôs-lhe nos joelhos o prato com o resto do queijo e gritou-lhe nos ouvidos:

Et dans le même instant, avec le plat de son coutelas, voilà le vieux Lessa qui te lui assène une volée de coups secs et bien appuyés sur la tête, les côtes, le ventre, les naseaux ... et de frapper et de refrapper, comme quelqu'un qui battrait une peau de mouton pour la détremper. Et à force de coups, il ramène le Castelhana sur le même sac d'herbe à maté où il était assis auparavant, lui plante sur les genoux l'assiette avec le reste de fromage et lui braille dans les oreilles :

- Come!...
- Mange !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E o roncador comeu... comeu até os farelos...; mas, de repente, empanzinado, de boca aberta, olhos arregalados, meio sufocado, todo se vomitando, pulou porta fora, se foi a um matungo^{plat} e disparou para a barranca^{esp} do passo ... e foi-se, a la cria!...

Eh bien le matamore a mangé le fromage... a tout avalé jusqu'à la dernière miette... mais soudain, le ventre gonflé, la bouche ouverte, les yeux exorbités, s'étouffant presque, à se vomir dessus, il se précipite dehors, enfourche un canasson et détale en direction du guet ... et on ne le reverra pas de sitôt, celui-là.

O reclamador da panela desbeijada deu uma risada e chacoteou, pra o rastro:

Le client qui réclamait pour sa casserole ébréchée s'est mis à rire et a lancé une dernière moquerie en direction du fuyard.

- 'Orre, maula^{esp}!... quebraram-te o corincho^{esp?}!...

- Vas-y cours, froussard. On dirait qu'on t'a bien rabattu le caquet !

E o velhito^{sufixo_ito}, com toda a sua pachorra indagou pelo almoço, se já estava pronto?...

Et le petit vieux, sans rien perdre de sa nonchalance, demande où en est son déjeuner : alors, c'est prêt ?

- Os ovos..., a lingüiça..., o café?...

- Les œufs ? La saucisse ? Le café ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº7. Inscrição linguística da escravidão

Texto e pretexto: “O boi velho”. Uma fábula e sua moralidade, uma parábola?

Foco do estudo tradutológico: imbricação entre as designações remetentes à condição social e as remetentes à identidade étnica das personagens. Em particular, examina-se a representação (ou não representação?) da escravidão em *Contos gauchescos* e alguns aspectos no processo de transferência do vocabulário associado ao sistema escravocrata do período colonial desde o português do Brasil para o francês de França

"Um se chamava Dourado, era baio; **o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.** Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzinha, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e as **crioulas** apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajudasse."

- Espere, homem! Só um instantinho! Oh! crioulo, olha esse mate!

E retomava a chalra. Nisto o crioulo já calejado e sabido, chegava-se-lhe manhoso e cochichava-lhe no ouvido:

- Sr., não tem mais erva!...

- Traz dessa mesma! Não demores, crioulo!... (“O mate do João Cardoso”)

É bem marcante a ausência relativa de referências à sociedade escravocrata em *Contos gauchescos*, texto em que a maior parte da ambientação se apoia na evocação do mundo estancieiro do pampa, especialmente nas suas bandas fronteiriças. Não obstante, é verdade que aparecem aqui e acolá, no texto dos *Contos*, termos que pertencem mais especificamente ao “vocabulário da escravidão” e que trazem para o tradutor um tipo de dificuldade bastante semelhante ao que ele teve de enfrentar quando se tratou de lidar com a transferência de etnônimos (‘chiru’, ‘china’, ‘piá’, etc.). Seria o caso de palavras como ‘crioulo’, ‘mina’, ‘quilombola’, e várias outras designações que se referem a circunstâncias e situações específicas desse segmento da história brasileira, e que nem sempre encontram equivalentes na língua/cultura de conversão, apesar de essa história compartilhar muitos aspectos com a dos outros países de América.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com respeito ao tradutor para o francês, uma das perguntas para este quesito do vocabulário (que se cruza frequentemente, como disse, com a questão dos etnônimos) poderia ser de saber se é pertinente valer-se do vocabulário regional das Antilhas e da Guiana francesas para traduzir determinados termos, uma vez que, da mesma forma que aconteceu em Portugal, a escravidão foi fenômeno social e econômico desenvolvido pelos poderes europeus coloniais essencialmente nas suas colônias – ou seja, em nosso caso, nas Américas. Isto significa que boa parte do léxico ligado aos sistemas escravocratas implementados pelos europeus nas Américas não tinha vigência (ou pouca) nas metrópoles; longe dos olhos, longe da consciência, poderíamos dizer... ou pensar.

Como estamos traduzindo de uma variedade americana para uma variedade europeia, a pergunta sobre a pertinência de se valer de termos empregados mais ou menos exclusivamente nos territórios francófonos da América pode efetivamente vir bastante a calhar. As palavras ‘chabin’ ou ‘chabine’, por exemplo, são de uso extremamente frequente na Guiana Francesa, na Martinica e em Guadalupe, para designar o mulato de tez muito clara (não é bem equivalente de ‘sarará’; que seria antes meio alourado), mas quase nunca se ouvem na metrópole, a não ser, é claro, em comunidades de imigração ultramarina nas grandes cidades da França – e nem estão registradas essas designações, cabe observar, na maior parte dos dicionários genéricos da língua francesa.

Um léxico especializado

Bom, há de fato aquelas palavras referidas acima, ‘crioulo’, ‘mina’, ‘quilombola’, etc. que remetem explicitamente nos Contos Gauchescos à escravização, mas haveria, creio eu, um vínculo mais específico entre o assunto escolhido para este comentário e o conto que serve de pretexto à discussão. De novo, trata-se mais ou menos de dar nomes aos bois (vide comentário nº3 sobre a transferência dos antropônimos).

Conforme apontei no comentário nº3, com respeito ao “O boi velho”, não há muita dúvida quanto à tradução de ‘Dourado’, que, em minha opinião, pode ser mantido tal e qual na versão francesa com a palavra ‘Dourado’, (provavelmente percebida como “dorada” à leitura por um leitor francófono da versão francesa). “Dourado” é, com efeito, um significante bastante apto para evocar na mente do leitor francófono boa parte do que é suscetível de evocar para o leitor lusófono – i.e. alguma idade de ouro antes “da idade do couro”: a busca de *El dorado*, a perda e saudade da infância dourada, o mito da “terra sem mal”, etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Entretanto, a palavra ‘cabiúna’ usada como nome próprio de um dos bois atrelados ao carretão que leva a família ao banho interroga o leitor (tradutor em nosso caso) sobre uma possível relação de cunho alegórico, inscrita no texto, entre a história do boi e a do escravo.

Uma das razões por semelhante interrogação da minha parte, salvo determinados traços metafóricos que aproximam bastante o conto de Simões do gênero da fábula moralizante, e dada a conjectura histórica em que se deu a produção dos *Contos*, reside no fato de o termo ‘cabiúna’ se ter usado depois da extinção do tráfico de africanos para designar o negro trazido clandestinamente ao Brasil para ser usado como mão de obra servil. Portanto, o nome do boi, Cabiúna, não se referiria somente à cor da besta, mas estabeleceria alguma analogia entre a condição servil dos animais e a condição servil dos homens, lembrando que tanto os indígenas ou “negros da terra”, (cf. a origem tupi da própria palavra ‘cabiúna’), quanto os africanos ou “negros de fora” foram escravizados para que se sustentasse a economia nascente das colônias europeias nas Américas.

Novamente, não tenho como comprovar nestas páginas que a escolha do nome ‘Cabiúna’ não tenha sido estrita e restritivamente relacionada com a escolha da cor do boi; porém, partindo do princípio de que, na escrita literária, tudo é motivado (o mesmo que notas ou outros signos que orientam a interpretação numa partitura musical), acho legítimo procurar manter as possibilidades de sentido na versão estrangeira, ainda que, precisamente, não passassem de meras possibilidades.

Para início de argumentação, o fato deste tipo de remissão em caráter alegórico se encontrar amiúde nos *Contos* (cf. as observações sobre a escolha do nome do fazendeiro – major Jordão – em “Correr eguada”, por exemplo) se constitui em mais um motivo para se colocar perguntas quanto à relevância de transferir este tipo de possibilidade para a versão estrangeira.

Continuando o raciocínio, convém reparar que há efetivamente, até diria objetivamente, neste relato de Blau Nunes, elementos suscetíveis de consolidar a hipótese emitida *supra* a respeito de alguma polissemia em jogo na eleição do nome ‘Cabiúna’ para o boi sacrificado aos “mixes” interesses econômicos daquela “gente Silva”.

São, por exemplo, as referências às escravas (“as crioulas apareciam com as toalhas”), cuja menção não consta na maior parte dos outros contos (salvo o crioulo de “O mate do João Cardoso” e de “O ‘Menininho’ do presépio”), junto com alguns detalhes na formulação que parecem se adequar com a especulação feita aqui, elucubração, ou seja lá o que for.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Assim, acho curioso – é outro exemplo – esse particular linguístico na descrição por Blau da maneira como o boi é laçado por um peão antes de ser sacrificado: “E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. A mão no mais o sujeito passou uma volta de **meia-cara**; o boi cabresteou, como um cachorro...”.

Pois não é que o termo ‘meia-cara’, igual que ‘cabiúna’, também foi usado para designar africanos introduzidos no Brasil pelos traficantes, bossais⁸³, após a promulgação da Lei Eusébio de Queirós proibindo o tráfico? Traficantes que conseguiam subtrair-se à vigilância dos navios ingleses e burlavam o pagamento dos direitos aduaneiros no Brasil com a cumplicidade de juízes pouco escrupulosos.

Mais uma vez, pode ser coincidência esta presença da palavra ‘meia-cara’ no texto de “O boi velho” e a inclusão, entre suas acepções, de uma designação ligada à escravidão – e mais particularmente ao tráfico ilícito de indivíduos africanos – mas coincidências juntas acabam configurando feixes de probabilidades que dificilmente se podem ignorar de todo. Especialmente no contexto de uma tradução, pois ela há de se alicerçar numa interpretação, e essa interpretação, antes que se proceda a uma seleção, hierarquização e filtração das possibilidades semânticas (as acepções, denotações e conotações), somente se pode construir a partir de um levantamento das hipóteses plausíveis para tal ou tal segmento, para tal ou tal vocábulo.

E se poderia alegar, puxando um pouco mais a brasa para nossa sardinha, que “O boi velho” é possivelmente o conto de toda a coletânea em que se encontram os traços mais evidentes de antropomorfização na representação dos animais – p.ex. “o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o”; “os animais se entendem... eles trocam língua!...”; “tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso. também...” Como se Blau nos dissesse: escuta/olha bem que esse boi tem muito a ver com nós humanos e nos encorajasse a procurar interligações entre os dois.

⁸³ Em português como em francês se fazia uma diferença entre os bossais e os crioulos (Houaiss: bossal: adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros 1 Diacronismo: antigo. referente a ou escravo negro recém-chegado da África, que ainda não falava o português 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou aquele que é falto de cultura; ignorante, rude, tosco 3 Derivação: por extensão de sentido. que ou aquele que é desprovido de inteligência, sensibilidade, sentimentos humanos; besta, estúpido, tapado Regionalismo: Brasil. Uso: informal, hiperbólico. 4 muito grande; enorme, descomunal, imenso (talvez o Dorival da famosa curta-metragem inspirada do texto de Tabajara Ruas – crioulo: 1 que ou quem nasceu escravo nos países sul-americanos, p.opos. a quem já chegou da África com essa destinação)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Discrepâncias na diversibilidade e disponibilidade lexical entre idioma de partida e idioma de chegada

É de supor que a representatividade do elemento afrodescendente na literatura do Rio Grande do Sul do começo do século XX não tenha sido proporcional a sua representatividade relativamente à população do estado⁸⁴. Não se pode taxar todavia Simões Lopes de “negacionismo” ou revisionismo neste respeito: afinal, o escritor pelotense é autor de textos como “O negrinho do pastoreio” e “O Negro Bonifácio”. Entretanto, como tem ressaltado o professor Luís Augusto Fischer em diversos trabalhos, o mundo que Simões Lopes Neto retrata na sua obra literária é principalmente o mundo da estância, o qual se distingue, notadamente no tocante à organização socio-laboral, do mundo da charqueada⁸⁵.

Presumidamente, nesta organização da atividade pecuária (criação de gado) e de seus derivados (produção de charque, couro), teria predominado a mão de obra “livre” cabocla naquele e a mão de obra escrava afrodescendente neste. Ao mesmo tempo, Simões, cuja geração já não se pode considerar (inclusive a si mesma) como diretamente responsável pelo crime da escravidão⁸⁶, não é assinalado por seus biógrafos como militante em prol de melhores condições de emancipação e integração do negro na sociedade gaúcha depois da abolição da escravidão. O tipo focado por Simões é o mestiço, mas ao tudo que parece, “preferencialmente” o mestiço de indígena e europeu (de origem ibérica em geral). É interessante notar que quando Simões escolhe como narrador e protagonista de seus contos um neto de indígena charruá, Ramiro Barcelos opta pela figura de Lautério, mulato, “criado de Dona Marica” como personagem principal e narrador de seu poema satírico. Haveria de se investigar com mais afinco possíveis razões atrás destas escolhas diferentes, que não me parecem “aleatórias”.

⁸⁴ Não é ausente, mas é o elemento rebelde, Gabila (cf. o poema de Apolinário Porto-Alegre), Bonifácio, que talvez seja destacado de preferência ao elemento servil, cuja condição não deixa muitas opções numa perspectiva ainda bastante matizada de romantismo (A escrava Isaura, branca, de).

⁸⁵ Não há limites precisas entre esses mundos, mas, certamente, a questão da manutenção da escravidão é contemplada desde pontos de vista diferente pelos estancieiros e pelos charqueadores. Os farroupilhas se declaram em favor da abolição, mas convém lembrar que suas necessidades laborais não são tão diretamente ligadas à manutenção do sistema quanto as dos charqueadores. E cumpre matizar estas observações concernentes a diferença de organização entre estância e charqueada com o reparo que muitas estâncias, especialmente na região de Pelotas, eram estruturas mistas, incluindo uma charqueada. Foi o caso da estância da Graça na qual Simões passou uma boa parte de sua infância e terá “convivido” com proprietários de origem portuguesa, capatazes e peões mestiços (caboclos, mulatos ou cafuzos), e escravos afrodescendentes.

⁸⁶ A geração que o precede, a do Partenon literário, está diretamente engajada no debate em torno da abolição da escravidão.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contribuição para a demografia do país: os afrodescendentes: mulatas, mulatos, morenas e morenos

A propósito, é de se notar que Simões muito raramente emprega a palavra ‘mulato’ nos seus escritos. Em todo caso, o termo não aparece nem em *Contos gauchescos*, nem em *Lendas do Sul* (somente, ao que pude verificar, em *Mandinga*⁸⁷, texto cujo título, repara-se, consiste em uma palavra de origem africana e em *Casos do Romualdo*, e talvez alguma vez no seu teatro, porém não me certifiquei do fato). Em contrapartida, Simões usa nos seus contos o vocábulo ‘moreno’, mas ele usa-o sem que seja possível igualar, no âmbito deste uso literário, seu leque semântico (suas diversas acepções e conotações) ao da palavra ‘mulato’. Afinal, a mesma flutuação que se observa no espaço hispano-americano, observa-se também no espaço luso-americano: em quase todos os textos que li acerca do poema de José Hernández, o moreno pajador que desafia Martín Fierro na sequência das “aventuras” do herói, ou anti-herói, gaúcho criado pelo escritor argentino, é considerado como negro (sendo que é apresentado como irmão do homem assassinado por Martín, este “claramente” apresentado como “negro”); em outros textos, moreno remete antes à cor da pele e do pelo do que à origem afrodescendente. Não saberia dizer exatamente o momento nem as razões pela evolução do sentido que ainda hoje, me parece bastante flutuante.

O certo é que o tradutor não pode deixar de ponderar sobre a que remetem as ocorrências do termo para tentar fazer transferências (“negociando”) na sua versão com algum conhecimento de causa. A Tudinha de ‘O Negro Bonifácio’ é referida como ‘morena’ por Blau Nunes (entre muitas outras apelações), mas não aparece ao leitor como ‘negra’, dadas as circunstâncias do relato e o feixe de indícios de entendimento deixados pelo relator dos casos. Em contrapartida, o moreno ‘Osoro’, sim, é geralmente “entendido” como negro pelos leitores de “Jogo de osso”. Uma das chaves da leitura aqui pode residir no fato de o narrador também se valer da palavra ‘cabocla’ para designar Tudinha, o que não é o caso para Osoro, chamado de “negro” por Lalice⁸⁸. Entretanto, para mim, que tenho de fazer escolhas de tradução, a coisa não é tão clara assim, ainda mais porquanto usos mais recentes tiveram como consequência turvar ainda mais as águas.

⁸⁷ “Com grande escândalo, mesmo, da mucama, uma **mulatona** de 18 anos a quem por várias vezes o Hilário lançara olho cobiçoso e aceso”.

⁸⁸ Não me parece garantir a identidade étnica de Osoro, dado que o ilhéu chama Reduzo também de ‘negro’. Recordar-se que, no mundo hispanófono, é corrente usar o qualificativo ‘negro’ para designar alguém de tez mais escura e de cabelos negros sem que a pessoa em questão seja afrodescendente (La Negra Sosa (Mercedes Sosa), com rastros caboclos, Antonia la negra, Antonia Rodrigues Moreno, com feições ciganas, etc.). Não sei dizer se é muito diferente no mundo lusófono, dependendo do tempo, do espaço e das circunstâncias de uso.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pergunto-me por exemplo por que motivos Blau escolhe de mencionar no seu caso que Bonifácio se teria endereçado à Tudinha chamando-a de “misturada”, o que não deixa de poder ser uma das razões da briga com os “quatro brancos”. Também, me intriga um tanto o fato de Blau insistir na grossura dos lábios da nova querendona de Bonifácio, uma chirua⁸⁹ beijuda, para caracterizá-la.

Na verdade, o mais fácil é supor que tanto a Tudinha quanto a nova namorada de Bonifácio são caboclas, mas nada no texto impede imaginar que tanto esta como aquela possui alguma ascendência africana, alguma medida de cafuza, mesmo que ambas sejam qualificadas ao longo do relato de ‘china’, ‘piguancha’, ‘cabocla’ e ‘chirua’. E provavelmente a linha de pensamento que induziu o tradutor italiano, Giuseppe Tavani a se referir à nova namorada de Bonifácio por ‘mulatta’ (na sua tradução da segunda ocorrência de piguancha no conto correspondente).

Ilações feitas a partir do léxico

Os usos respetivos de ‘lábio’ ou ‘beijo’ na caracterização das personagens poderiam contribuir a sugerir a presença de uma componente ou outra na identidade étnica da personagem mencionada *supra*, mas é um índice bastante hipotético. Consta entretanto que, no conjunto formado pelas mais relevantes obras de Simões, a palavra ‘lábio’ é mais frequentemente usada em se referindo à boca de uma mulher.

Na verdade, cumpriria aprofundar a pesquisa e incluir nela diversas outras unidades do vocábulo. Como disse, somente aparecem os termos ‘mulato’ ou ‘mulatas’ em textos como “A mandinga”, mas não há como garantir que isto tivesse resultado de uma escolha deliberada de Simões sem ampliar o exame a um número expressivo de outros textos do mesmo período e do mesmo espaço de produção. Admitindo que Simões tivesse definido a personagem da nova querendona de Bonifácio como sendo de estirpe misto, incluindo alguma cepa africana, podemos perguntar-nos por que o narrador não falaria as coisas claramente, referindo-se à ela por ‘mulata’. Ao mesmo tempo, há muito neste conto que nos dá a impressão de que Blau não está dizendo tudo que sabe do caso. É parte da arte do narrador, é claro, mas deixa aberta a porta para suputações que não complicam necessariamente a tarefa do leitor, mas podem dificultar, sim, um pouco, a do tradutor.

⁸⁹ O Houaiss define o vocábulo ‘chiru’ assim: “Regionalismo: Sul do Brasil. 1 que ou quem é caboclo ou índio 2 que ou aquele que tem pele morena, traços acabocladados”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Imbricações lexico-semânticas entre termos indicativos da condição social e termos indicativos da identidade étnica

Assim como acontece com muitos campos lexicais, o vocabulário da escravidão, interligado, pela importação de indivíduos africanos que a sustentou, ao vocabulário da identidade étnica, é muito mais voluminoso e diversificado no português do Brasil do que em qualquer variedade de francês. Indiscutivelmente, a escravização dos africanos e de seus filhos não foi menos generalizada e cruel nas colônias francesas, espanhóis, holandesas ou inglesas, e não há nenhum motivo para sugerir que houve diferenças fundamentais nos diferentes espaços coloniais no que diz respeito ao tráfico de pessoas, quer triangular quer doméstico, à história e à organização do sistema servil nas plantações e nos engenhos (inclusive os meios de repressão e de castigo, as tentativas de revolta ou de fuga dos cativos, etc.).

Claro, terá havido diferenciações na implementação deste sistema nos diferentes espaços americanos, notadamente em função dos poderes coloniais que os ocupavam e das organizações administrativas que esses poderes instalaram nos territórios ocupados, mas houve na América toda escravos de ganho, de aluguel... Houve escravos alforriados, libertados... houve ingênuos e quilombolas... Houve troncos e pelourinhos, e maltratos de todos os gêneros, inclusive a disponibilização dos filhos para o mercado. Houve rebeliões, resistências, resiliências, estratégias de sobrevivência, dissimulações, sincretismos....

Enfim, tanto no campo da descrição do sistema escravocrata quanto no da descrição da identidade étnica (em função notavelmente da aparência física dos indivíduos⁹⁰), o léxico do português do Brasil é, no meu entender, muito mais substancial do que o léxico correspondente em outras línguas, pelo menos tal como está registrado nos seus dicionários genéricos, o que acarreta lacunas nos idiomas de tradução para transferir certos matizes nas designações e qualificações encontradas nos textos brasileiros.

Basta, aliás, comparar o volume de publicações em português sobre a questão da escravidão e o volume de publicações sobre o mesmo tema em francês para se dar conta de que, no espaço ideológico francófono, a questão tem sido globalmente relegada à categoria dos assuntos “acessórios” da história nacional – mesmo tendo em devida conta que não há como cotejar os remanescentes culturais (na sua expressão linguística) da história dos fragmentos do império colonial francês com a tremenda evolução da língua matriz inerente ao processo que levou à formação nacional do gigante brasileiro.

⁹⁰ Textos como *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, ou *Désirée's Baby*, de Kate Chopin, independentemente de qualquer mérito artístico, importaram porque justamente embaralhavam o jogo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Existem, é verdade, alguns trabalhos como *O Abécédaire de l'esclavage des nègres* de Gilles Cauvin, mas nada realmente comparável, em termos de número de entradas, de precisão nas definições ou de disponibilização dos dados, ao que se tem produzido no Brasil nas últimas duas décadas em matéria de documentação da história dos nacionais cujos ancestrros foram trazidos para as Américas na condição de escravo⁹¹.

Agora, como aponteí acima e como veremos mais em detalhe no comentário n°11, o mesmo reparo quanto à diversidade lexical e à versatilidade semântica que a caracteriza pode ser feito no tangente ao vocabulário das designações de ordem etnonímica. Basta um exemplo repetidamente citado (tanto no interior quanto no exterior do país) para epitomar a diversidade do vocabulário brasileiro neste quesito em comparação com o de idiomas de outras culturas, mesmo que estas tenham logicamente conhecido fenômenos similares de miscegenação. A lista seguinte é uma relação conhecida de denominações (ou antes auto-denominações) que cidadãos se atribuíram no âmbito de uma pesquisa comissionada pelo IBGE sobre a percepção dos brasileiros relativamente à própria cor da pele. Tirei-a de um ensaio norte-americano⁹² sobre a representação do negro no discurso latino-americano, mas esta lista costuma ser citada frequentemente quando se trata de fornecer uma amostra da diversidade do vocabulário socioétnico ou *fenotípico*⁹³ popular do português do Brasil.

⁹¹ *Dicionário da escravidão, dicionário da escravidão e liberdade, dicionário da escravidão negra no Brasil, Vocabulário controlado sobre escravidão, abolição e pós-abolição*. São muitas as obras publicadas nas últimas décadas e que tratam do léxico especificamente vinculado com a escravidão no Brasil.

⁹² Gates Jr, Henry Louis, 2011, *Black in Latin America*, New York, NYU Press. A lista em questão está incluída no apêndice do ensaio, encabeçado pela seguinte anotação: "Appendix: Color Categories in Latin America: while developing this project, I was continually struck by the sheer number of terms and categories applied to blacks in Latin America. In some cases, these categorizations carried very specific sociopolitical weight and were used to define and constrict generations of people of african descent. In other cases, the terms reflect simply the most casual forms of racism. All were, in their own way, of interest to me. What follows is a bare attempt to capture the volume and content of this discourse. Brazil - Brazilian terms for shades of blackness include the following, drawn from 1995 article by Christina Grillo in the country's leading daily paper, Folha de São Paulo, concerning a study by the Brazilian Institute Of Geography and Statistics:

⁹³ O Houaiss define o termo 'fenótipo' assim: "manifestação visível ou detectável de um genótipo", genótipo sendo definido pelo mesmo dicionário como "composição genética de um indivíduo, mais frequentemente us. a respeito de um gene ou grupo de genes". nestas linhas, tomo o vocábulo, por conseguinte, como designativo de um conjunto de traços físicos (visíveis) que denotam (ou delatam, segundo o contexto) tal ou tal origem étnica. Em Simões, é a cor da pele que obviamente se destaca, mas há outros elementos, como o uso da palavra 'beicho' em vez de 'lábio' para designar a boca de tal ou tal personagem, que podem ser indícios de uma representação fenotípica no texto dos Contos. Blau fala dos lábios de Tudinha mas designa a sua rival como "a piguancha beichuda". Isto não prova nada, mas o tradutor, para poder entender o funcionamento das palavras dentro de seu contexto e fazer deduções em função dos indícios que recolhe não tem como escapar este tipo

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Encontramos-a também em numerosos outros livros, escritos por autores norte-americanos ou europeus, como, por exemplo, no *Dictionnaire amoureux du Brésil* de Gilles Lapouge. Não me parece relevante aqui interrogar-se quanto ao grau de uso real dessas designações pela população brasileira, mas sim tomar uma lista como esta enquanto sintomática da variação, relativamente aos matizes de cor de pele, tanto de pontos de vista quanto das designações correspondentes. Acredito que também seja significativo, além da questão da sua autenticidade ou artificialidade, o fato de tantos trabalhos tê-la incluído nas suas páginas, sendo que nos informa ao mesmo tempo sobre perspectivas internas (como os brasileiros se percebem a si mesmos) e perspectivas externas (o que os forasteiros destacam em relação com sua percepção do Brasil).

Acastanhada, agalegada, alva, alva escura, alva rosada, alvarenta, alvarinta, alvinha, amarela, amarela-queimada, amarelada, amarelosa, amorenada, avermelhada, azul, azul-marinho, baiano, bem branca, bem clara, bem morena, branca, branca avermelhada, branca-melada, branca-morena, branca-pálida, branca-queimada, branca-sardenta, branca-suja, branquiça, branquinha, bronze, bronzeada, bugrezinha-escura, burro-quando-foge, cabo-verde, cabocla, café, café-con-leite, canela, canelada, cardão, castanha, castanha-clara, castanha-escura, chocolate, clara, clarinha, cobre, cor firme, cor-de-café, cor-de-canela, cor-de-cuia, cor-de-leite, cor-de-ouro, cor-de-rosa, corada, crioula, encerada, enxofrada, esbranquiçado, escura, escurinha, fogoio, galega, galegada, jambo, laranja, lilás, loira-clara, loura, lourinha, malaia, marinheira, marrom, meio amarela, meio branca, meio morena, meio preta, melada, mestiça, mista, morena, morena bem chegada, morena-bronzeada, morena-canelada, morena-castanha, morena-clara, morena-cor-de-canela, morenada, morena-escura, morena-fechada, morena-jambo, morenã, morena-parda, morena-roxa, morena-ruiva, morena-trigueira, moreninha, mulata, mulatinha, negra, negota, pálida, paraíba, parda, parda-clara, polaca, pouco clara, pouco morena, preta, pretinha, puxa para branca, quase negra, queimada, queimada de praia, queimada de sol, regular, retinta, rosa, rosada, rosa-queimada, roxa, ruiva, russo, sarará, saraúba, sapecada, tostada, trigo, trigueira, verde, vermelha

de investigação. Em nossas sociedades, tão racializadas nas suas maneiras de enxergar os conterrâneos (cf. os vergonhosos “driving while black” nos Estados Unidos, ou “délit de faciès” na França, etc.) e, portanto, nas suas modalidades de categorizá-los e de se referir a eles, seria mero angelismo pretender que não há nenhuma questão racial envolvida na boa literatura. O leitor não tradutor não é obrigado a se colocar estas perguntas, já o leitor tradutor não tem como as ignorar, a não ser que opte por uma uniformização e, portanto, certa neutralização do discurso subjacente ao texto que decidiu verter para seu idioma.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

As dificuldades de transferência de um vocabulário intrincado na história da escravidão: exemplo de ‘crioulo’ e de ‘créole’

Entre os termos que me causaram mais perplexidade neste quesito do triste relacionamento histórico entre a Europa, a África e a América, consta a palavra “crioulo”. Desenvolvi uma discussão sobre as diferenças de sentido das palavras ‘crioulo’ e ‘créole’ nos seus contextos de uso respectivos, mas nos levaria longe demais e decidi não incluí-la neste trabalho. Disponibilizarei a discussão online. No espaço restrito deste comentário, basta observar por enquanto que, embora os vocábulos ‘crioulo’ e ‘créole’ cubram realidades semelhantes no espaço lusófono e no espaço francófono, seu uso respectivo nesses espaços mostra diferenças flagrantes. Não me ocorreria, por exemplo, usar a designação ‘crioulo’ para me endereçar a um cidadão afrodescendente no Brasil, porém não vejo problema em me valer da designação ‘créole’ para me referir à população de origem afrodescendente da Guiana Francesa e das Antilhas (ver nota de rodapé anterior sobre os termos boçal, crioulo, *bossale* e *créole*).

Também consta ressaltar que, no momento em que se ambientam os *Contos gauchescos*, o termo ‘créole’ em francês estava usado principalmente para se referir a indivíduos nascidos nas colônias, certo, mas sobretudo em se falando de pessoas de origem europeia (i.e. brancas como a famosa *créole* Joséphine de Beauharnais). Enfim, enquanto era possível traduzir aquelas ocorrências do vocábulo ‘crioulo’, que encontramos no texto de introdução e no conto “Batendo orelha”, pela palavra francesa ‘créole’ (“Genuíno tipo – crioulo – rio-grandense” – égua [...] crioula de campo de lei”), não se podia recorrer a esta mesma tradução para a maior parte das ocorrências do vocábulo, as quais se referem principalmente a representações de pessoas escravizadas (as crioulas em “O boi velho”, o crioulo em “O mate do João Cardoso”).

Índios e negros no ambiente pampiano: correlações ideológicas e históricas nas representações

Há frequentemente uma relação entre a identidade étnica – e, portanto, no que nos interessa, entre o etnônimo usado para se referir a tal ou tal personagem – e o estatuto social ou a condição socioeconômica que parece caracterizar tal ou tal indivíduo na representação que o narrador Blau Nunes dá-nos de seu mundo pampiano. Assim, no segmento “O ilhéu olhou para o Reduzo, viu-lhe o facão atravessado... e tomado dum mau espírito, gritou furioso e escarlate: – Foi esse negro, com tanta arma, que estarreceu a menina!”, “negro” desempenha mais ou menos o mesmo papel na boca do ilhéu que “ilhéu” na boca de Blau Nunes. Quer dizer, a denominação é obviamente usada pelo ilhéu furioso em sentido pejorativo, sendo que Blau designa exclusivamente Reduzo por termos como ‘caboclo’, ‘índio’, ‘chiru’.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

‘Caboclo’, ‘índio’, ‘chiru’ supostamente marcam a origem mestiça do indivíduo, a priori gerado preponderantemente pela união de elementos ibérico e indígena, e por isto aproximam personagem e narrador na construção dos causos. Para o ilhéu – especialmente nesta altura do caso, quando ele, achando-se insultado, quer insultar por sua vez e também porque é chateado com a atitude da namorada⁹⁴ – Reduzo não passa de um “negro”, talvez não somente por causa da tez provavelmente bem escura do caboclo campeiro, quase sempre ao ar livre no seu desempenho das fainas da lide, mas também, porventura, em referência à colocação ‘negro da terra’, termo que se usava para designar aos índios na época colonial (especialmente num tempo, o das entradas bandeirantes, em que ainda se escravizavam os indígenas)⁹⁵.

Enfim, há, para mim, um sistema intrincado de representação do mundo estancieiro nos *Contos gauchescos* que incorpora subsistemas de correspondências entre a origem étnica e o estatuto social. Talvez isto não seja tão aparente quanto no conto “Melancia – Coco verde”, no qual Blau se lança numa diatribe contra os galegos e ilhéus e outros pés-de-chumbo, mas onde também se encontram referências menos óbvias a fenômenos de mobilidade de uma “categoria gentílica” para outra, notando-se, por exemplo, que os pais de Costinha e de Sia Talapa são apresentados pelo narrador como sesmeiros (portanto, provavelmente ainda luso-brasileiros) enquanto os filhos aparecem claramente como brasileiros – Este Costa lunanco era um pente-fino, que naquele tempo arranhou tirar para ele e para os filhos – miudagem, ainda – como quatro sesmarias de campo, sobre o Ibicuí, pegadas umas nas outras...” Observa-se que, intimamente ligada à questão do tratamento desses sistemas de hierarquização social na representação literária, há, justamente, a questão do tratamento entre interlocutores.

⁹⁴ Na maneira como Blau conta o acontecido, tudo indica que o ilhéu não tem boa consciência em relação com seu casamento com Nhã Talapa. É interessante notar que o narrador acresce o comentário “tomado dum mau espírito, gritou furioso e escarlate” para explicar a reação do noivo.

⁹⁵ É mera conjectura, mas talvez a inclusão do Negrinho do pastoreio nas *Lendas do Sul* tenha a ver com desenvolvimentos na situação dos antigos escravos, contemporâneos da produção literária simoniana. Nos *Contos*, é o “Negro Bonifácio”, com sua estatura de gigante, que faz contrapeso aos outros, mantidos na servidão e no medo (“Uma negra que havia lhe dado de mamar era a única criatura que chorava com a moça... mas chorava escondido, a pobre, por medo do laço” —“Melancia e Coco verde”; “era melhor ser carambola do que ser estaqueado.. que por certo iam acusá-los daquela maldade” —“No Manantial”). De certo modo, haveria como que uma tentativa de redenção nesta resposta do Negrinho do pastoreio das *Lendas* ao “negrão” Bonifácio dos contos (“negrão” pelo “gigantismo” épico que lhe confere o narrador na representação do combate), como poderia se interpretar também como palinódico aquela nova orientação no tratamento que se deixa perceber na representação do “moreno” na *Volta de Martín Fierro*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estatuto social e tratamento

Como eu disse, havia ficado em casa, **além das brancas**, a **tia mina**, - a mãe Tanásia - que, quando sentiu a desgraça, ganhou no paiol (cat.), escondendo-se e daí pode bombear (?) alguma cousa. Quando viu as criaturas montarem e tocarem – como caça e caçador – **a mãe Tanásia** saiu da toca e voltou à cozinha, dando com a – **nhanhã**... morta, e logo viu que a **sinhazinha** fugira.

Aqui, a imbricação, na linguagem corrente, de uma marcação lexical correlacionada com o fato histórico da escravidão é tal que dificulta bastante a tradução. No meu entendimento, há uma focalização narrativa (a fala de Blau Nunes) que passa pelo prisma da percepção e do relato da cena por parte de uma personagem do caso (“Ficou também **a negra mina, que viu tudo e foi quem fez o conto.**”)

Para mim, por conseguinte, a presença no texto de palavras como ‘tia mina’, ‘mãe Tanásia’, mas, sobretudo, ‘nhanhã’, ‘sinhazinha’, está ligada a determinada orientação focalizadora no discurso do narrador. Blau, que não presenciou os acontecimentos, conta como a tia mina contou o que viu, pelo menos presumidamente introduzindo algumas das palavras dela no meio das suas. Surge novamente o problema de uma diferenciação no tratamento – a personagem era provavelmente chamada de ‘tia mina’ ou de ‘mãe Tanásia’ pelos outros membros da família e chamava em seu torno ‘nhanhã’ a avó de Maria Altina e ‘sinhazinha’ a própria Maria Altina. Confesso que não estou muito versado nesta questão das interligações entre a organização social (aqui, notadamente, o sistema escravocrata) e a linguagem dos locutores dessa sociedade e não poderia ir muito mais além na discussão. Entretanto, certamente, é um aspecto da estratégia narrativa que vale a pena investigar um pouco mais a fundo. Vejamos as traduções para o espanhol e o italiano:

Como le dije, había quedado en casa, además de las blancas, **la tía mina**, – **mae Tanásia** – que, cuando sintió la catástrofe, ganó el galpón, se escondió y desde ahí pudo bombear alguna cosa. Cuando vio que las criaturas montaban y tocaban -como caza y cazador- la **mae Tanásia** salió del escondrijo y volvió a la cocina, donde encontró al **ama** muerta...y enseguida vio que la **amita** había huido.

Come ho detto, era rimasta a casa, oltre alle bianche, anche **la negra** – **mamma Tanàsia** – che, quando senti il trambusto, raggiunse la dispensa, nascondendosi e di lì potette spiare qualche cosa. Quando vide i due balzare a cavallo e correre via – come selvaggina e cacciatore – **mamma Tanàsia** uscì dal nascondiglio e tornò in cucina, inciampando nella '**gnora** morta... e subito vide che la **signorina** era fuggita.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mais adiante, o mesmo tipo de tratamento diferenciado (em função da situação de interlocução, ou seja, do estatuto do locutor e de seu interlocutor) ocorre de novo. Desta vez, produz-se no âmbito da introdução da voz dos escravos campeiros dentro da voz do narrador: (“vimos o mesmo que **os negros contavam**”)

Um deles, mais alarife, propôs que fugissem... que era melhor ser **carambola** do que ser estaqueado.. que por certo iam acusá-los daquela maldade, Porém outro mais precatado disse: - Cala a boca, parceiro... Vamos é avisar **sinhô velho**...

Na verdade, a questão do tratamento mereceria um capítulo próprio, uma vez que as formas respetivas são um problema recorrente na tradução do português (português do Brasil em nosso caso) para o francês (francês de França em nosso caso⁹⁶). Sempre é difícil para o não nativo distinguir os usos do ‘tu’ e do ‘você’ em português para um francês, ou do ‘tu’ e do ‘vous’ para um brasileiro, ainda mais porquanto se constata que a distinção não é tão fácil assim para o locutor mesmo quando lida com a própria língua materna⁹⁷. E nem estou falando das sutilidades inerentes à escolha de ‘vosmecê’, ‘vancê’, ‘vencê’, ‘nhor’, ‘nhô’, etc. que podem informar, entre outras coisas, sobre o espaço geográfico em que “atua” o locutor ou ainda sobre a situação em que se projeta o locutor em relação com o seu interlocutor (em função de critérios de hierarquização social, por exemplo).

Disponibilizarei online um comentário mais detalhado, palavra por palavra do campo lexical brevemente discutido aqui, em um trabalho que procura examinar com um pouco mais de afinco a representação do escravo nos *Contos* mediante uso de um vocabulário específico. Por enquanto, podemos concluir este breve estudo com algumas observações sobre o sistema de construção das personagens e das relações entre personagens, tal como se revela nos termos usados para se referirem ou se qualificarem uns aos outros. Obviamente, neste sistema, haveria de ter em conta a intervenção todo poderosa, ou quase, do narrador.

⁹⁶ O francês de França, certo, mas sempre com a possibilidade de se aproveitar o léxico em uso nas colônias americanas francesas que estivesse correlacionado, por exemplo, com o sistema escravocrata que vigorou lá — do começo do tráfico negreiro até a abolição definitiva da condição servil.

⁹⁷ Alguns locutores brasileiros, gaúchos, interrogados sobre uma possível distinção entre os usos respetivos de ‘tu’ e de ‘você’ responderam que se tratava unicamente de uma questão regional (‘tu’ no Rio Grande do Sul, ‘você’ no Rio, por exemplo); outros, no sul pelo menos, que ‘você’ marcava uma distanciação maior do que ‘tu’ em relação com o interlocutor, etc. Alguns perceberam alguma diferença entre os usos respetivos do ‘tu’ e o ‘você’ no Rio de Janeiro que não era aquela que, suponha-se, existisse no Rio Grande do Sul. Enfim, é sempre um assunto bem complicado. Quanto à distinção nos usos respetivos de ‘tu’ e de ‘vous’ em francês, não saberia explicá-la de maneira simples e exaustiva, sendo que ainda hoje costume pedir licença a certas pessoas antes de tuteá-las.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Elementos de bibliografia

Dayan, Joan, 1949, "Codes of Law and Bodies of Color", *New Literary History* - Volume 26, Number 2, Spring 1995

Figueirôa-Rêgo, João de et Olival, Fernanda, 2011, "Cor da pele, distinções e cargos: Portugal e espaços atlânticos portugueses (séculos XVI a XVIII)", *Tempo*, vol.15, nº30.

Garraway, Doris Lorraine, 1972-, "Race, Reproduction and Family Romance in Moreau de Saint-Mery's "Description de la partie française de l'isle Saint Domingue", *Eighteenth-Century Studies* - Volume 38, Number 2, Winter 2005, pp. 227-246

Moore, Carlos et Saunders, Tanya R. et Moore, Shawna, 1995, *African presence in the Americas*, Africa World Press

Moura, Clóvis Steiger de Assis, 2005, *Dicionário da escravidão negra no Brasil*, São Paulo, EDUSP (Editora da universidade de São Paulo).

Oboler, Suzanne, 1995, *Ethnic labels, Latino lives: identity and the politics of (re) presentation in the United States*, U of Minnesota Press.

Pamphile Lacroix (vicomte de), François Joseph, 1819, *Mémoires pour servir à l'histoire de la révolution de Saint-Domingue*, Pillet Aîné.

Rochmann, Marie-Christine, *L'Esclave fugitif dans la littérature antillaise*, 2000, Karthala Éditions.

Wade, Peter, 1995, *Blackness and race mixture: the dynamics of racial identity in Colombia*, JHU Press

Winddance Twine, France, 1998, *Racism in a racial democracy: the maintenance of white supremacy in Brazil*, Rutgers University Press.

São várias as fontes nas quais procurar vocábulos adequados aos significados dos termos ligados ao sistema escravocrata no Brasil (inclusive as designações de ordem etnonímica ou gentílica que derivaram do tráfico internacional de africanos). Podem ser o próprio vocabulário do português (esp. do Brasil), o vocabulário usado em colônias ou ex-colônias francesas nas Américas (Antilhas, Guiana, Louisiana, Haiti), o vocabulário usado em relação a práticas de escravização que entrou nas práticas de uso da língua por locutores francófonos, inclusive aquele que refere à antiguidade —sendo que palavras como ingênuo/ingénu foram adaptadas para designar “situações” semelhantes nos “novos” sistemas escravocratas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº7 - O BOI VELHO

LE VIEUX BŒUF

Cuê-pucha!... é bicho mau, o homem!

Cué-pucha !... Quelle mauvaise bête que l'être humain !

Conte vancê as maldades que nós fazemos e diga se não é mesmo!... Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará até eu morrer... como unheiro em lombo de matungo de mulher.

Faites le compte de nos vilenies et dites-moi si j'ai pas raison ! Ainsi moi, je n'arrive pas à m'ôter du crâne une scène dont j'ai été témoin et qui m'est resté incrustée dans la mémoire et y restera jusqu'à ma mort... comme un kyste sur le dos du cheval d'une femme.

Foi na estância dos Lagoões, duma gente Silva, uns Silvas mui políticos, sempre metidos em eleições e enredos de qualificações de votantes*.

Ça s'est passé dans l'estancia des Lagoes qui était à une certaine famille Silva ; très politiciens ces Silva, toujours fourrés dans une élection ou une autre à manigancer pour qualifier tel votant ou en écarter tel autre.

A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras; lá era o banho da família. Fazia uma ponta, tinha um sarandizal e logo era uma volta forte, como uma meia-lua, onde as areias se amontoavam formando um baixo: o perau era do lado de lá. O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju ; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!

L'estancia était disons... ici ! Et la rivière... à un kilomètre, peut-être un kilomètre et demi, plus loin. C'est là que la famille allait se baigner. Ça faisait une pointe ; il y avait un taillis de sarandis et, juste après, une courbe serrée, comme une demi-lune, où le sable s'était accumulé et où l'eau était rase; le profond était de l'autre côté de la rivière. Ce qui poussait là paraissait avoir été planté tout exprès ; c'était quasiment que guabirobas et pitangas, araças et guabijus ; en saison, le sol se couvrait de fruits que c'en était un régal !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Já vê... o banheiro não era longe, podia-se bem ir lá de a pé, mas a família ia sempre de carretão, puxado a bois, uma junta, mui mansos, governados de regeira por uma das senhoras-donas e tocados com uma rama por qualquer das crianças.

Vous voyez... C'était pas loin, on pouvait très bien y aller à pied, à cette baignade, mais la famille s'y rendait toujours en chariot tiré par des bœufs, deux bêtes très tranquilles, que l'une des senhoras-donas de l'estancia guidait en tirant sur une longe passée derrière l'oreille, tandis que l'un des enfants les aiguillonnait avec un bout de bois.

Eram dois pais da paciência, os dois bois. Um se chamava Dourado, era baio; o outro, Cabiúna, era preto, com a orelha do lado de laçar, branca, e uma risca na papada.

C'étaient deux pères patience que ces bestiaux-là. L'un avait pour nom Dorado, était bai*, l'autre, Cabiuna, était noir, avec l'oreille droite blanche et une raie, blanche aussi, qui lui striait le fanon.

Estavam tão mestres naquele piquete, que, quando a família, de manhãzita, depois da jacuba de leite, pegava a aprontar-se, que a criançada pulava para o terreiro ainda mastigando um naco de pão e **as crioulas** apareciam com as toalhas e por fim as senhoras-donas, quando se gritava pelo carretão, já os bois, havia muito tempo que estavam encostados no cabeçalho, remoendo muito sossegados, esperando que qualquer peão os ajoujasse.

Ils étaient passés maîtres dans cet office à tel point que, lorsque la famille, encore tôt le matin, après avoir pris la jacuba* au lait, commençait à se préparer, que les enfants sortaient en bondissant sur le terre-plein devant la maison encore en train de mastiquer un morceau de pain, et qu'apparaissaient les négresses avec des serviettes et, après elles, en dernier, leurs maîtresses, et qu'on appelait un péon pour qu'il amène la carriole, ça faisait longtemps que les bœufs étaient appuyés contre le timon et attendaient en ruminant, bien tranquillement, que le péon les attelle.

Assim correram os anos, sempre nesse mesmo serviço.

Et ainsi les années ont passé, et nos deux bœufs, toujours à faire le même service.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando entrava o inverno eles eram soltos para o campo, e ganhavam num rincão mui abrigado, que havia por detrás das casas. Às vezes, um que outro dia de sol mais quente, eles apareciam ali por perto, como indagando se havia calor bastante para a gente banhar-se. E mal que os miúdos davam com eles, saíam a correr e a gritar, numa algazarra de festa para os bichos.

Quand l'hiver arrivait, on les lâchait dans la prairie et ils allaient s'abriter dans un petit bois qui se trouvait derrière les habitations. Parfois, il arrivait qu'un jour où le soleil était plus fort, ils fassent leur apparition non loin, comme s'ils étaient venus se renseigner, histoire de voir s'il faisait assez chaud pour que les gens aillent se baigner. Et pas plus tôt les enfants les voyaient qu'ils se mettaient à courir et à crier, tout excités, en faisant bruyamment la fête aux deux bêtes.

- Olha o Dourado! Olha o Cabiúna! Oôch!... oôch!...

- Regarde, voilà Dourado ! Et voilà Cabíuna ! Allez hue ! Huuue Dia !

E algum daqueles traquinas sempre desencovava uma espiga de milho, um pedaço de abóbora, que os bois tomavam, arreganhando a beizola lustrosa de baba, e punham-se a mascar, mui pachorrentos, ali à vista da gurizada risonha.

Et l'un de ces galopins trouvait toujours le moyen de dénicher qui un épi de maïs, qui un morceau de courge, que les bœufs saisissaient en retroussant leur grosse lèvre luisante de bave et se mettaient à mastiquer, avec une lenteur bonhomme, sous les yeux des enfants qui riaient de plaisir.

Pois veja vancê... Com o andar do tempo aquelas crianças se tornaram moças e homens feitos, foram-se casando e tendo família, e como quera, pode-se dizer que houve sempre senhoras-donas e gente miúda para os bois velhos levarem ao banho do arroio, no carretão.

Bon, eh bien... Avec le temps, ces mêmes enfants se sont transformés en jeunes filles et en jeunes hommes, qui se sont mariés et ont eu des enfants à leur tour, et, d'une façon ou d'une autre, on peut dire qu'il y a toujours eu, pour les vieux bœufs, des femmes et des gamins à emmener en chariot jusqu'au bain dans la rivière.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um dia, no fim do verão, o Dourado amanheceu morto, mui inchado e duro: tinha sido picado de cobra.

Un jour, à la fin de l'été, on a trouvé Dourado mort, tout gonflé et tout raide. Il avait été mordu par un serpent.

Ficou pois solito, o Cabiúna; como era mui companheiro do outro, ali por perto dele andou uns dias pastando, deitando-se, remoendo. Às vezes esticava a cabeça para o morto e soltava um mugido... Cá pra mim o boi velho - uê! tinha caraca grossa nas aspas ! - o boi velho berrava de saudades do companheiro e chamava-o, como no outro tempo, para pastarem juntos, para beberem juntos, para juntos puxarem o carretão...

Cabiúna s'est donc retrouvé seul ; comme il était toujours en compagnie de l'autre, il est resté dans le coin à brouter, à se coucher, à ruminer non loin de l'endroit où était Dourado. Parfois, il allongeait la tête vers la carcasse du compagnon et se mettait à mugir. Pour moi, si le vieux bœuf – il fallait voir la croûte de saleté qu'il avait en bas des cornes !—si, donc, le vieux bœuf mugissait, c'était parce que son compagnon lui manquait et qu'il l'appelait pour aller, comme avant, paitre ensemble, s'abreuver ensemble, tirer la charrette ensemble.

- Que vancê pensa!... os animais se entendem... eles trocam língua!...

- Qu'est-ce que vous croyez ?... Les animaux se comprennent... Ils font leur brin de causette.

Quando o Cabiúna se chegava mui perto do outro e farejava o cheiro ruim, os urubus abriam-se, num trotão, lambuzados de sangue podre, às vezes meio engasgados, vomitando pedaços de carniça...

Quand Cabiúna s'approchait tout près de l'autre et flairait la puanteur, les vautours s'écartaient au grand trot, tout souillés de sang pourri, s'étranglant presque parfois et vomissant des lambeaux de charogne.

Bichos malditos, estes encarvoados !...

Maudites bêtes que ces noirauds-là !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois, como ficou solito o Cabiúna, tiveram que ver outra junta para o carretão e o boi velho por ali foi ficando. Porém começou a emagrecer... e tal e qual como uma pessoa penarosa, que gosta de estar sozinha, assim o carreteiro ganhou o mato, quem sabe, de penaroso, também...

Bon, eh bien, comme Cabiúna s'est retrouvé seul, il leur a fallu trouver une autre paire pour le chariot et, du coup, on a laissé le vieux bœuf vaquer. Mais il a commencé à maigrir... et tout comme quelqu'un qui a du chagrin, qui préfère rester seul, le vieux bœuf charretier a gagné les bois, peut-être bien parce que lui aussi avait du chagrin.

Um dia de sol quente ele apareceu no terreiro.

Un jour où le soleil tapait fort, le voilà qui fait son apparition sur le terre-plein..

Foi um alvoroço da miuçalha.

Les gamins accourent tout excités.

- Olha o Cabiúna! O Cabiúna! Oôch! Cabiúna! oôch!...

- Regarde! Regarde! C'est Cabiúna ! Cabiúna ! Hue ! Cabiúna ! Hue dia!

E vieram à porta as senhoras-donas, já casadas e mães de filhos, e que quando eram crianças tantas vezes foram levadas pelo Cabiúna; vieram os moços, já homens, e todos disseram:

Et viennent alors, sur le pas de la porte, ces dames, déjà épouses et mères de famille, qui, quand elles étaient gamines, s'étaient fait transporter tant de fois par Cabiúna; et les garçons, des hommes déjà, arrivent aussi, et tous de s'exclamer !

- Olha o Cabiúna! Oôch! Oôch!...

- Eh! Regardez, c'est Cabiúna ! Hue ! Hue dia !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Então, um notou a magreza do boi; outro achou que sim; outro disse que ele não agüentava o primeiro minuano de maio; e conversa vai, conversa vem, o primeiro, que era mui golpeado, achou que era melhor matar-se aquele boi, que tinha caraca grossa nas aspas, que não engordava mais e que iria morrer atolado no fundo dalguma sanga e... lá se ia então um prejuízo certo, no couro perdido...

Alors, l'un d'eux remarque la maigreur du bœuf; un autre confirme, un autre dit qu'il ne résistera pas aux premières rafales de minuano en mai, et comme ça, de fil en aiguille, le premier qui avait parlé, et qui était impulsif, est d'avis qu'il vaut mieux tuer ce bœuf —faut voir la croûte de saleté qu'il a en bas des cornes— qui ne grossit plus et qui va mourir embourbé au fond d'une ravine quelconque, en pure perte car alors son cuir ne profitera à personne.

E já gritaram a um peão, que trouxesse o laço; e veio. A mão no mais o sujeito passou uma volta de **meia-cara**; o boi cabresteou, como um cachorro...

Et on appelle déjà un péon, qu'il vienne avec un lasso. Et le péon arrive, passe avec un simple geste de la main le lasso autour des cornes du bœuf*, à mi-tête, et l'animal le suit comme un chien en laisse.

Pertinho estava o carretão, antigão, já meio desconjuntado, com o cabeçalho no ar, descansando sobre o muchacho.

Non loin de là se trouvait le chariot, une antiquité, déjà à moitié disloqué, avec son timon en l'air, qui reposait sur un piquet.

O peão puxou da faca e dum golpe enterrou-a até o cabo, no sangradouro do boi manso; quando retirou a mão, já veio nela a golfada espumanta do sangue do coração...

Le péon prend son coutelas et d'un seul coup, il l'enfonce jusqu'à la garde dans la carotide du bœuf; quand il retire sa main, le sang écumant jaillit de la plaie, pompé par le cœur.

Houve um silenciozito em toda aquela gente.

Il s'est fait un silence parmi tous ces gens.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O boi velho sentindo-se ferido, doendo o talho, quem sabe se entendeu que aquilo seria um castigo, algum pregação de picana, mal dado, por não estar ainda arrumado... - pois vancê creia! -: soprando o sangue em borbotões, já meio roncando na respiração, meio cambaleando o boi velho deu uns passos mais, encostou o corpo ao comprido no cabeçalho do carretão, e meteu a cabeça, certinho, no lugar da canga, entre os dois canzís ... e ficou arrumado, esperando que o peão fechasse a brocha e lhe passasse a regeira na orelha branca...

Le vieux bœuf se sentant blessé, l'entaille lui faisant mal, qui sait s'il n'a pas pris ça pour une punition, quelque coup d'aiguillon mal donnée, parce qu'il n'était pas encore prêt, car, le croirez-vous, avec tout ce sang qui lui jaillissait de la gorge, la respiration déjà rauque et les pattes flageolantes, eh bien le bœuf a fait quelques pas en titubant, s'est rangé le long du timon du chariot, et a mis la tête, bien à sa place, sous le joug, entre les deux chevilles de la coiffe... et il est resté là, à attendre que le péon fixe la jointure et passe la boucle du licou autour de son oreille blanche...

E ajoelhou... e caiu... e morreu...

Et puis il s'est agenouillé... Il est tombé... Et il est mort...

Os cuscos pegaram a lambar o sangue, por cima dos capins... um alçou a perna e verteu em cima... e enquanto o peão chairava a faca para carnear, um gurizinho, gordote, claro, de cabelos cacheados, que estava comendo uma munhata, chegou-se para o boi morto e meteu-lhe a fatia na boca, batia-lhe na aspa e dizia-lhe na sua língua de trapos:

Les chiens sont venus lécher le sang qui tachait l'herbe... L'un d'eux a levé la patte et lui a pissé dessus... et tandis que l'ouvrier affûtait son couteau à dépecer, un gamin potelé, à la peau claire et aux cheveux bouclés, qui était en train de manger une patate douce, s'est approché du bœuf mort et la lui a mise dans la bouche, lui a tapoté la corne en lui disant dans sa langue enfantine :

- Tome, tabiúna! Nó té... Nô fá bila, tabiúna!...

- Manj' tabina ! veu pa?... fépa bébé... tabina.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!...

Et il riait, l'innocent, en regardant vers les grands qui se tenaient là, silencieux, ces diables, pour moi, soit dit entre nous, pleins du remords de cette trahison qu'ils avaient fait au vieux bœuf qui les avait transportés tous, tant de fois, jusqu'à cette allégresse de la baignade et des guabirobas, des araçãs, des pitangas, des guabijus :

- Cuê-pucha! ...é mesmo bicho mau, o homem!

- Cuê-pucha !... Une bien mauvaise bête que l'homme, je vous dis !

- Veja vancê, que desgraçados; tão ricos... e por um mixe couro do boi velho!...

- Voyez un peu quels misérables ! Eux si riches... et tout ça pour un malheureux morceau de cuir.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº8. Cavalos

Texto e pretexto: “Correr eguada”.

Foco do estudo tradutológico: o léxico equestre e as dificuldades acarretadas por eventuais lacunas ou falta de correspondências “exatas” no idioma de destino – sendo que, em geral, o idioma de origem e o de destino não “efetua” um recorte idêntico da realidade.

“Eguada xucra, potrada orelhana, isso, era imundície, por esses campos de Deus; miles e miles!... [...] Aí para os meios de Quaraim, nos campos do major Jordão, entrei uma vez numa correria macota. Foi logo depois da guerra do Oribe. Havia como dez mil **baguais** entre **éguas e potros orelhanos, cavahada** largada, **reiuna** e marcada, que toda virou haragana, nos pajonais. [...] Mas também, quanto **porongo!**... Quantas vezes, depois duma canseira, boleava-se e caía um potro lindaço, cogotudo e bem lançado, e ia-se ver, era um **colmilhudo**, com cada dente como uma estaca... velho como o cerro do Batovi; ou era um **mancarrão** de montaria, **aporreado** e **cuerudo**... outras vezes ainda... enfim, havia sempre embaçadelas!”

Os *Contos gauchescos* anunciando-se-

e mesmo proclamando-se – enquanto “prole” ao mesmo tempo “natural” e legítima da literatura gauchesca, não podia faltar no seu vocabulário especial fartura de termos ligados ao convívio entre o gaúcho, essencialmente representado no seu “papel” campeiro e guerreiro, e o cavalo. Abundam de fato, nos causos de Blau Nunes, vocábulos designativos ou qualificativos do pelame dos cavalos (‘tordilho’, ‘tapado’, ‘zaino’, ‘lobuno rabicano’...), de partes de sua anatomia (‘garrão’, ‘machinhos’, ‘cascos’, ‘clina’...) de seu ‘caráter’ e comportamento (‘empacador’, ‘arisco’, ‘manso’...), de suas doenças, qualidades ou defeitos (‘nambi’, ‘ovado’, ‘porongudo’...), de seus andares (‘tranquito’, ‘trote’, ‘trotão galopeado’, etc.), do seu “estatuto” em relação ao grau de domesticação (‘bagual’, ‘redomão’, ‘sinuelo’....) e à serventia enquanto montaria (‘flete’, ‘pingo’, ‘matungo’, ‘mancarrão’...), de detalhes no seu cuidado (‘agarraduras’, ‘tosa’...), e outros, bem como dos arreios usados para dominá-lo e montá-lo (‘buçalete’, ‘lombilho’, ‘carona’, ‘travessão’).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Funcionam estes termos não somente ao nível da construção da ambientação, mas também, de certo modo, como selo de autenticidade do texto naquela pretensão – ostentada desde seu título, como ressalvei, até os pormenores da sua composição temática e lexical – de se alimentar à vertente da literatura gauchesca e mesmo de lhe dar continuação. Os cuidados que deveriam acompanhar o processo de transferência deste vocabulário “equestre” ou campeiro são de natureza diversa. Para alguns dos elementos do segmento do léxico em pauta, por exemplo, coloca-se perante o tradutor a questão de se avaliar se são usados por Blau, segundo o contexto, como hipônimos (em sentido mais específico) ou como hiperônimos (em sentido mais geral). Para outros, o problema é de poder captar o seu significado com a devida precisão, ainda que não se consiga uma transferência adequada da palavra original para a versão estrangeira (lobuno rabicano). Isto pode ser o caso no que diz respeito a tal ou tal menção, por Blau, da cor do pelo do animal, de uma afecção particular (ovado, unheiro, porongudo), etc. Para outros, ainda, a dificuldade reside na identificação do registro ao qual pertencem (técnico, comum, informal, tenso, distenso?). Entretanto, talvez a interrogação maior para o tradutor no que tange a todos esses vocábulos, que chamarei de “hippônimos” (com dois pê), concerne à possibilidade de eles desempenharem outra função além daquela, referencial e “ambientacional”, que constitui sua significação, digamos, elementar.

Designações do cavalo – “hippônimos”

hiperônimos ou hipônimos?

Hipônimos

A interrogação quanto a um emprego hiponímico ou hiperonímico dos termos incidiria, por exemplo, no caso de palavras como ‘pingo’, ‘matungo’, ‘mancarrão’ ou ‘bagual’. Às vezes, designam o cavalo em função das suas qualidades enquanto montaria, ‘pingo’ e ‘flete’ soando ser empregado basicamente para se referir ao cavalo bom, ‘matungo’ e ‘mancarrão’ para se referir ao cavalo ruim. Outras vezes, todavia, são usados enquanto meros sinônimos do termo ‘cavalo’. Assim, em “O duelo dos farrapos”, os mesmos animais são referidos por Blau Nunes uma vez pela designação ‘flete’ outra vez pela designação ‘mancarrão’. Ora, as definições que se encontram para as duas palavras em dicionários genéricos atuais e até em dicionários de regionalismos são, respetivamente, como disse, de cavalo bom e cavalo ruim⁹⁸:

⁹⁸ Aliás, para ‘mancarrão’, o Houaiss não dá outra acepção: “Regionalismo: Rio Grande do Sul. que ou o que está velho, imprestável, manco (diz-se de cavaladura) esp. mancarrón 'id.'”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

o general me chamou e mandou que eu fosse levando pela rédea, para a restinga, **os dois cavalos** que estavam atados debaixo dum espinilho;

era um **picaço** grande e um **colorado**. Ah! esqueci de dizer a vancê que atravessado debaixo da sobrecincha de cada **flete**, vinha uma espada. [...]

Maneei os **mancarrões** e com um olho no padre, outro na missa, por entre as ramas da restinga, fui espiar a peleia.

Hippônimos

Para outros “hippônimos”, surge o problema de se achar uma “correspondência” terminológica em francês. Se nos limitarmos ao quesito das designações do pelo dos animais, por exemplo, pode ser pertinente lembrar que o cavalo crioulo se desenvolveu a partir das diversas raças equinas trazidas para as Américas, possuindo portanto pelagens cujas cores, aparentemente, não se encontram na Europa e para que, por conseguinte, não existe designação própria “exata” em francês (‘tobiano’, ‘picaço’, etc.). Acontece também que algumas das *capas* em questão não receberam designação na Europa por motivos diversos, inclusive por não ser consideradas relevantes no âmbito da criação de cavalos em outros espaços que o pampa, notadamente dentro de sistemas de categorização⁹⁹ dos animais em função de seu pelo (*robe*) que se elaboraram em função de outros critérios dos que foram adotados nestes pagos.

Neste respeito, podem até se contemplar como lacunas da língua alvo aquelas designações que fazem falta para o tradutor. Desde semelhante perspectiva, vale dizer que vários termos do léxico equestre se enquadrariam, para o tradutor, no problema mais abrangente das chamadas “realias”, ou seja, de palavras da língua fonte usadas para designar objetos materiais ou imateriais da cultura de partida que (ainda) não se encontram na cultura de chegada (chimarrão, bomba, minuano, etc.) e para que, portanto, há mingua de vocábulos correspondentes na língua alvo.

⁹⁹ Para uma palavra como ‘tobiano’, por exemplo, existem várias explicações dadas pelos especialistas da língua, prevalecendo, ainda que controvertida, a opinião de que teria sido derivada de um tal Tobias, oficial do exército brasileiro. Encontrei o termo em textos escritos em francês, sendo que os sistemas de categorização (e, portanto, as subcategorias que os constituem) não se superpõem exatamente de uma área linguístico-cultural para outra. Cumpre frisar neste respeito que, ao passo que se tem desenvolvido o conhecimento acerca da genética do cavalo, as nomenclaturas têm mudado. Na França, por exemplo, houve uma reforma bastante profunda do sistema de designação dos pelos nos *haras* no começo do século XXI. Isto quer dizer que talvez uma tradução visando a atualizar o vocabulário não usasse os termos ‘zain’, ‘bai’, ‘pie’ exatamente no mesmo sentido em que foram usados na proposta de versão francesa que acompanha os presentes comentários.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Observa-se, no entanto, que este estatuto pode mudar com o tempo. Assim, já podemos encontrar nas edições atuais de dicionários franceses palavras do português do Brasil que não constavam em edições menos recentes. Da mesma forma que uma palavra como “taïga” já integrou o léxico francês, também “sertão” aparece em alguns dicionários genéricos (a edição online do dicionário Larousse, p. ex.¹⁰⁰).

Interconexões semânticas.

Além destes obstáculos eventuais à tradução, há sempre a questão, também, de a “aura significante” do lexema se estender bem além da mera referência virtual a que remete no âmbito do seu contexto mais imediato (no plano “epidermimético”). Ou seja, encontramos, para este segmento do vocabulário, nosso velho conhecido problema das conotações ou dos virtuemats que são parte integrante dos esquemas de integração textual – i.e. o funcionamento das unidades entre si no contexto particular da obra literária.

Correspondências

Vigora no pampa, por exemplo – disto nos informa o próprio Blau Nunes – um sistema de correspondência entre o cavalo e as suas qualidades enquanto montaria (cf. “Artigos de fé do gaúcho” no qual a cada *capa* do cavalo corresponde um traço particular).

Pois, eu postulo aqui que haveria outro sistema de correspondência, este não explicitado pelo narrador, entre o cavalo e a personagem que o monta (cf. o lobuno do Negro Bonifácio, o cavalo amilhado com alguma prata de Tudinha, o zaino do próprio Blau em “Trezentas onças”, etc.). Existiria, entre outras interligações, certa “sintonia” entre a cor da pele das montarias e a cor da pele das personagens, ou entre outras características destes e daqueles – por exemplo, a condição social relativamente confortável de Tudinha, filha natural do estancieiro Pereirinha em “O Negro Bonifácio” tal como se depreende da descrição do seu cavalo. Por isso, uma tradução demasiada aproximativa ou precipitada de um lexema do texto original (‘zaino’) por seu “lexema epidérmico” correspondente na versão estrangeira (‘zain’) pode solapar sistemas de significação que interligam elementos de uma categoria lexical (p. ex. nomenclatura das capas dos cavalos) a elementos de outra categoria lexical (como a nomenclatura das personagens em função de critérios fenotípicos).

¹⁰⁰ **sertão, sertões** nom masculin (brésil. sertão) définitions : zone peu peuplée semi-aride du Nordeste brésilien où l'élevage extensif l'emporte sur une agriculture vivrière peu productive. (Dicionário Larousse)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Tal cor de pelo, tais qualidades do cavalo

Como observei e conforme o próprio Blau sinaliza no seu relato, uma primeira restrição no tocante à precisão da tradução das *capas* dos cavalos está ligada ao sistema de associações tradicionais entre a cor do pelo do animal e suas qualidades. Ora, esta restrição perderia bastante de sua pertinência se não houvesse sistema semelhante em francês. Ocorre que vigora ou vigorou tal sistema, embora eu não tenha aprofundado a questão das afinidades e divergências entre o sistema ibérico-pampiano e o sistema francês, cujos “preceitos”, em princípio, são veiculados mediante refraneros¹⁰¹, digamos, especializados, como bem o ilustram os “Artigos de fé do gaúcho”.

Assim, ao consultar tratados franceses dedicados à hipologia, encontrei bastantes referências condizentes com o teor dos artigos enumerados por Blau. Afinal, esta presença na velha Europa de preceitos semelhantes aos enunciados pelo campeiro do novo mundo não é de se estranhar. Ao contrário, sua total ausência teria desafiado em algo a lógica das exportações e importações culturais. Bem como o resto dos elementos culturais, os idiomas, as músicas, as danças, os rituais, a lida com os cavalos, e em particular, a arte de montar se transplantou (com os cavalos) para o Novo Mundo, onde se aclimatou ao novo ambiente, transformando-se no processo. Eis um exemplo, dentre muitos, que mostra, pelo menos, a existência de noções afins na França do século XIX:

L'ignorance et la superstition ont attribué des qualités ou des vices aux chevaux sous certains poils. Mais l'homme instruit et raisonnable n'ajoute aucune foi à ces conjectures.

Nous dirons seulement qu'en général, on peut présumer un cheval mou, lorsque sa teinte est lavée, fade, et qu'elle approche du blanc.

On peut assurer aussi, puisque c'est le résultat de l'expérience, qu'il se trouve de bons chevaux de tous poils, et qu'il ne faut pas croire aux chimères de l'ignorance. Il y a des poils très-difficiles à appareiller, surtout si l'on veut former de grands attelages¹⁰².

¹⁰¹ Do que pude verificar, o refranero francês, neste quesito de uma eventual correspondência entre o valor do cavalo e a cor de seu pelo, se inspira amiúde do refranero espanhol. Por sua vez, pelo fato dos cruzamentos na criação do cavalo, bem como pela presença moura na península, o refranero espanhol incorporou ditados (preceitos) que se originavam de tratados ou repertórios orais árabes.

¹⁰² *Notions fondamentales de l'art vétérinaire, ou Principes de médecine appliqués à la connaissance de la structure, des fonctions et de l'économie du cheval* Traduit de l'anglais de M. Delabere Blaine"

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em outra obra, as observações do autor demonstram uma percepção que contradiz claramente a opinião expressada no trecho citado *supra*. Escolhi este outro exemplo porque se trata de uma tradução para o francês de um tratado originalmente escrito por um veterinário inglês.

Quer dizer, não somente circulavam fragmentos da cultura tradicional de um espaço para outro e de um idioma para outro, mas também conhecimentos científicos ou pseudocientíficos cruzavam-se, por escrito, com intercâmbios culturais que se realizam, por boa parte deles, num contexto de comunicação/transmissão oral.

« **Le châtain clair jouit d'une réputation assez équivoque** : il y a égalité de paris pour et contre. On trouve cependant des chevaux de ce poil qui sont excellents. Les gros chevaux de Suffolk, très estimés pour le trait, sont tous de cette couleur. **Les chevaux châtain foncé ont ordinairement beaucoup de feu** ; mais ils sont très sujets à avoir les pieds serrés.

[...]

L'expérience prouve que la couleur influe sur les qualités du cheval ; et l'on peut poser en maxime générale, que les chevaux de couleur foncée sont les meilleurs ; mais cette règle, comme toutes les autres règles générales, souffre des exceptions ».

Ainda que o livro de que procede este trecho seja, na verdade, uma tradução e não uma obra escrita originalmente em francês (o tratado de Blaine data do começo do século XIX), o texto serve não obstante como argumento de que vigorou algo muito semelhante aos “artigos de fé do gaúcho” (no que interessa aos cavalos) dentro do espaço europeu.

Ou seja, havia efetivamente, disseminadas nos países do velho mundo, crenças, fundamentadas ou não, que atribuíam aos cavalos certas qualidades ou defeitos em função da cor de seu pelo. De onde se originaram essas crenças, como se difundiram pelo velho mundo e pelo novo mundo afora? não saberia dizer. O mais provável no caso de sua incorporação nos *Contos gauchescos*, acredito, é que os preceitos listados por Blau Nunes nos seus “artigos de fé do gaúcho” em prol do seu companheiro de viagem, gaúcho aprendiz, teriam chegado ao Rio Grande do Sul vindo do pampa rio-platense onde os refraneros espanhóis tinham aportado ao mesmo tempo em que os conquistadores e seus cavalos desembarcavam em solo americano. Não custa acrescentar que boa parte do conteúdo desses refraneros teria sido oriundo da cultura árabe, pelo motivo da ocupação da Península pelos mouros, claro, mas também pelo legado equestre devido à importância do cavalo árabe no que diz respeito à criação dos animais no Velho Mundo e depois, no Novo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Tal cavaleiro, tal cavalo (tal cor de pelo)

Quanto a uma restrição de escolha tradutória que fosse ligada à “necessidade” de se transferir para a versão estrangeira um eventual sistema de correspondências (bijeccional?) entre a cor de pelo do cavalo e a caracterização da personagem, ela permanece hipotética, uma vez que não há nada explicitador neste sentido nas narrativas de Blau (à diferença, conforme enfatizado, do que ocorre com as correspondências entre capa e qualidades do cavalo, tais como aparecem, sobretudo, em “Artigos de fé do gaúcho”)¹⁰³.

Ou o cavalo merece / recebe algum destaque por parte do narrador que, em seu turno, assinala o cavalo para a atenção de seu ouvinte; ou o cavalo não merece / não recebe atenção particular alguma. A tendência é de se usar termos como ‘bagual’, ‘mancarrão’, ‘matungo’ sem que haja uma depreciação do animal na escolha das palavras, ou esta depreciação seria que não merece interesse particular no conto.

Entretanto, dou um exemplo abaixo que porventura esclarece por que julguei melhor “apostar” na probabilidade da integração de tais correspondências (cavalo / cavaleiro) na composição dos contos e procurar levá-la em conta na minha proposta de tradução das designações das *capas* do cavalo. Afinal de contas, se bem que o termo ‘negociação’ usado por Umberto Eco para se referir ao processo de escolha (identificação e levantamento, seleção, hierarquização, seleção a novo dos traços semânticos e estéticos) é apropriado, consta-me dizer que há, pelo menos houve no meu caso, uma boa parte de aposta nessas negociações.

A seguir pois, uma aposta sobre a significação das cores de pelo do cavalo na economia semiótica dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul*.

¹⁰³ De certa maneira, tal interligação entre a capa do cavalo e a caracterização da personagem que o monta poderia se relacionar com o uso de hipônimos depreciativos ou apreciativos. Blau se refere em geral aos cavalos das mulheres como ‘matungos’ (“como unheiro em lombo de matungo de mulher”). Também é qualificado de ‘matungo’ o castelhano “maula” (“se foi a um matungo e disparou para a barranca do passo... e foi-se, a la cria!...), observando que dentre as seis ocorrências de matungo nos contos, quatro se reportam a uma fuga ([Reduzo] pulou por uma janela e se foi ao galpão onde montou no primeiro **matungo** que encontrou e abriu os panos!... [Binga] quebrou o corpo, disparou e de vereda encarapitou-se num matungo que estava de piquete, encilhado, e abriu campo fora”; “a Maria Altina encostou o rebenque no matungo” algum matungo riscado de aspa de brasino. Enfim, é sempre interessante guardar a variação das designações em função das situações evocadas pelo narrador, cujas escolhas lexicais, mais uma vez, espelham seu ponto de vista. O cavalo de Juca Guerra sacrificado para salvar o amigo só poder um flete, mas o cavalo do velho Lessa é um mancarrão.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Breve histórico do percurso tradutório

Num primeiro momento, traduzi “espontaneamente” as designações do pelo dos cavalos, da *capa* do animal¹⁰⁴, por termos que se assemelhavam às palavras originais pela forma.

Destarte, ‘zaino’ ficou ‘zain’ em “Trezentas onças”, ‘ruano’ ficou ‘rouan’ em “Jogo do osso”, ‘baio’ ficou ‘bai’, etc. Parecia-me lógico proceder assim, ainda mais porquanto não sou especialista no assunto e que constatara semelhante decalque dos significantes em questão tanto na versão uruguaia (o que não deixa de ser normal, dado a origem comum do gado equino na *comarca pampeana*) quanto na versão italiana.

Ao aprofundar um pouco mais a questão da cor de pelo do elemento cavalariço, dei-me conta de que, neste quesito do vocabulário, como sucede no tocante à maior parte do léxico, tampouco há necessariamente correspondência semântica exata entre palavras que exibem semelhança, quando se passa de um idioma para outro, pela forma gráfica e a pronúncia. Quero dizer, não é porque ‘zaino’ se parece tanto com ‘zain’ que os significantes, tão similares, possuem exatamente o mesmo significado, pelo menos em se considerando o leitor rio-grandense de Simões de um lado e o leitor francófono da versão estrangeira.

Vejamos o caso da palavra ‘ruano’ a título de ilustração.

No livro de Solanet, *Pelajes criollos*¹⁰⁵, lemos as seguintes linhas a propósito do cavalo argentino ruano:

¹⁰⁴ Por *capa* de cavalo entende-se “cor do pelo”. A palavra se encontra em textos de língua portuguesa que versam sobre o cavalo, mas é muito mais frequente nos textos de língua espanhola. Como a acepção não consta nos dicionários genéricos brasileiros, mas sim nos espanhóis (Drae: 6. f. Color de los caballos y otros animales.) é bem provável que seja um hispanismo. Nas revistas brasileiras, também se encontra de vez em quando o termo. Tomarei a liberdade de usá-lo aqui, por sua praticidade, já que nos achamos em um ambiente meio fronteiriço. Não custa acrescentar que a palavra se ouve corriqueiramente nas estâncias de criação de cavalo crioulo da Campanha.

¹⁰⁵ Explico no fim do ensaio, na parte “elementos de bibliografia comentada” as razões pelas quais elegi a obra de Solanet como base para minha tradução das designações da cor de pelo do cavalo. Haverá provavelmente aficionados que criticarão semelhante escolha, mas eu estimei que um tratado escrito por um veterinário argentino criador de cavalos crioulos nas primeiras décadas do século XX tinha credenciamento o suficiente para que eu pudesse me fiar em suas indicações. Além do aspecto técnico e do fato de Solanet ter-se debruçado sobre o assunto com muito afincamento, observando, anotando, comparando, etc., levei em conta a harmonização entre o tom geral do livro de Solanet e o do livro de Simões. Penso em particular nas observações que Solanet supre acerca das qualidades tradicionalmente atribuídas ao cavalo em função de tal ou tal cor. Pouco importa no fundo que o embasamento dessas observações seja da alçada da ciência ou da superstição. Elas revelam uma *Augensschauung* e um modo de pensamento que participam de uma concepção

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

En el actual Diccionario español existe la palabra “roano”, “rouan” en el francés, “ruano” ou “rovano” en italiano, “roan” en inglés, pero ellas no significan nuestro “ruano” (nuestro alazán de crines blancas) sino las capas resultantes de una mezcla de pelos blancos y colorados en unos idiomas, y de blancos, negros y colorados o blanco, gris y bayo en outros, o sea los que aquí designamos con los nombres de rosillo, rosillo moro, tordillo sabino, tordillo zafranado, etc.

Quando o fiel amigo se torna falso.

Ou seja, uma palavra “gauchesca” como ‘ruano’ seria efetivamente uma espécie de “falso amigo”¹⁰⁶, do ponto de vista do locutor francófono, na medida em que a semelhança física que “ostenta” com a palavra ‘rouan’ é suscetível de induzir este locutor a pensar que os dois termos, ‘ruano’ e ‘rouan’ possuem o mesmo significado (em se falando do contexto pampiano), o que não é o caso. O problema do cognato que se revela traiçoeiro é certamente um dos fenômenos mais comumente encontrados, e mais conhecidos do tradutor neófito ou simplesmente do aprendiz de uma língua estrangeira, quando se circula entre idiomas que compartilham origens comuns. Entretanto, no caso dos pelos de cavalos, abordei a tradução desprevenido. Somente me ocorreu verificar se havia convergência ou divergência depois de constatar discrepâncias flagrantes nas definições das palavras oferecidas pelos dicionários genéricos europeus e americanos de português, espanhol, francês, italiano e inglês.

Ora, talvez isto não houvesse implicações relevantes se os trabalhos literários de Simões não demonstrassem ter sido tão cuidada e intrincadamente compostos, no sentido de visar a uma integração artística particularmente elaborada de todos seus elementos. Assim, não há dúvida de que a cor de pelo dos animais não é uma escolha “aleatória” feita pelo escritor entre todas as cores de pelos disponíveis. É um elemento da composição que se interliga com outros recursos escriturais em mais de uma maneira. Por isso, privilegiar a semelhança formal entre um vocábulo francês e um vocábulo português (zaino → zain; ruano → rouan; baio → bai, etc.) sobre alguma precisão maior na transposição do significado (tal ou tal cor específica) é uma opção possível, porém discutível. Por vários motivos.

(e percepção) afim do ambiente pampiano e harmonizam as representações do *gaucho* de um lado e do *gaúcho* do outro.

¹⁰⁶ Um falso amigo, tradução literal do francês ‘*faux-ami*’, é um cognato, ou seja, uma palavra que obviamente vem da mesma raiz de que se derivou a palavra original, porém cujo sentido pode ser muito diferente do sentido habitual portado pelo significante da língua fonte. Em particular, uma palavra pode tender a possuir uma conotação positiva na língua fonte e uma conotação negativa na língua alvo. Seria, por exemplo, o caso do termo ‘*versatile*’ em francês, que vem habitualmente colorido de algum matiz depreciativo e o termo ‘*versatile*’ em inglês que, ao contrário, se usa frequentemente para elogiar alguém.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como expliquei acima, a cor se integra, por exemplo, num esquema que faz corresponder a capa do cavalo a sua valia enquanto cavalgadura. Este esquema seria uma incorporação no texto de uma parte do refranero tradicional enquanto “porta-voz” ou “correia de transmissão” da sabedoria campeira (rural, popular e gaúcha), como parecem expressar os “Artigos de fé do gaúcho”.

Então, da mesma forma que a atribuição de tal característica na roupa, na aparência física, etc. de uma personagem procede de uma determinação do autor (ou do narrador), a definição da capa da montaria de tal ou tal indivíduo, em *Contos gauchescos*, é resultado de uma seleção; quer dizer, tem necessariamente a ver com a caracterização da personagem. De certa maneira, também está ligado este traço a certos rumos do realismo, na medida em que a menção e descrição dos objetos que “circundam” ou entre os quais se movimentam as personagens são elementos que nos informam sobre a sua personalidade, seus costumes, sua condição socio-econômica, etc. – cf. as intermináveis descrições nos romances de Honoré de Balzac. Neste respeito da representação da relação entre o homem e os elementos de seu entorno (impostos ou escolhidos), cabe lembrar que, na tradição gauchesca, o cavalo e seus aperos informam, entre outras coisas, sobre a posição social do cavaleiro.

Para ilustrar este tipo de interligação entre elementos da caracterização que aparentemente não seriam correlacionados, vejamos a cor do pelo da cavalgadura “atribuída” a Bonifácio pelo narrador dos causos. O cavalo do Negro Bonifácio nos é apresentado como um “bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo!...” Obviamente a soberba de Bonifácio se reflete na aparência do cavalo, primorosamente aperado para a ocasião.

Mas, e lobuno? Por que lobuno justamente e não outra cor?

Primeiro, haveria o fato de se costumar escolher um cavalo de pelo muito escuro (ou, ao contrário, muito claro) para “se exhibir”, o que é condizente com a pabulagem de Bonifácio. O cavalo branco ou o cavalo preto, segundo tratados equestres como o de Emilio Solanet, sempre contribuiriam para realçar a figura do cavaleiro¹⁰⁷.

¹⁰⁷ “Vim trazer-lhe um presente; é um trançado feito por mim; e há de ficar mui bem no tordilho, porque é preto...”. Desta fala de Picumã se deduz que o cavalo regalado é um tordilho claro.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Segundo, poderíamos argumentar que ‘lobuno’ é uma cor que puxa para o preto e que, neste traço, já haveria também algum indício de uma noção de reverberação entre a cor do pelo do cavalo e a cor da pele de seu cavaleiro. Também, nesta senda de possíveis ressonâncias entre a aparência física do cavalo e do cavaleiro, há a sugestão de que o Negro Bonifácio é uma espécie de lobo solitário, sempre em alerta (“Na pabulagem andava sozinho...”)

Mas acho que tem mais do que isso neste sistema, que conjeturo aqui, de harmonização entre caracterização de cavalo e de cavaleiro. Na sua caracterização de Bonifácio, Blau faz questão de insistir sobre o caráter malvado do Negro, (“Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!”¹⁰⁸, etc.). Ora, olhando para o sistema tradicional de atribuição de qualidades a uma montaria em função da sua *capa* — vigente no pampa, pelo menos naquela época— podemos verificar que o cavalo de cor lobuna é, em geral, considerado como um animal dotado de mau caráter. É verdade que este traço não consta nos “Artigos de fé do gaúcho”, os quais nos são apresentados como sendo nada mais nada menos do que algum fragmento do refranero popular campeiro (“Amanhã vancê escreve o resto: olhe que dá para encher um par de tarcas!...”), mas o encontramos em outras obras sobre as práticas equestres no mundo gauchesco.

Poderíamos dizer, portanto, que as qualidades atribuídas pela “sabedoria” ou tradição popular ao cavalo de *capa* lobuna, apesar de não ser explicitadas em “Artigos de fé do gaúcho”, nem mesmo nos outros relatos da coletânea, são um elemento “implícito” na integração da cultura pampiana ao texto dos *Contos gauchescos*, elemento suscetível, portanto, de ter sido apreendido pelo leitor inicial supostamente conhecedor das “coisas dos pagos” e dos campos gaúchos, inclusive do sistema de correspondências sugerido aqui. Como me fiei bastante nas informações que encontrei em tratados escritos por especialistas argentinos mais ou menos da época em que foram publicados os contos, valho-me aqui dessas informações.

Assim, no livro *Pelajes criollos*, de Emilio Solanet, podemos ler a observação seguinte acerca do cavalo lobuno¹⁰⁹:

¹⁰⁸ “Perto do negro Bonifácio, sentado sobre um barril, sem ter nada que ver no angu, estava um paisano tocando viola: o negro — pra fazer boca, o malvado! — largou-lhe um revés, tão bem puxado, que atorou os dedos do coitado e o encordoamento e afundou o tampo do instrumento!...”

¹⁰⁹ Para cada pelagem, Solanet acrescenta, no final de suas considerações sobre como esta pelagem se encaixa na história e na geografia do país (p.ex. elencando cavalos famosos e os seus donos), uma rubrica

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Cualidades atribuidas a los caballos de este pelo:

“Es opinión bastante difundida que son infatigables, malos y desconfiados.

Um refrán uruguayo advierte: “Cuidado com ellos en uma mañana fría, que arriba está Dios, pero abajo está el diablo”. (Grifec. Edmond. Comunicación a E. Solanet. del 15 de enero de 1925. Paysandú, República Oriental del Uruguay”)

“Es opinión bastante difundida que son infatigables, malos y desconfiados”. Ora, ocorre esta primeira linha da rúbrica “cualidades atribuídas a los caballos de este pelo” bater particularmente bem com o retrato que Blau faz do Negro Bonifácio para seu ouvinte (caracterizado o personagem pelo narrador como sendo “essencialmente” mau – “maleva”, “condenado”, “malvado”; etc. – mas também como particularmente desconfiado e precavido – “na pabulagem, andava sozinho”, “tirando-se de seus cuidados”, etc.).

“Un refrán uruguayo advierte: Cuidado com ellos en uma mañana fría, que arriba está Dios, pero abajo está el diablo”, acresce Solanet. A segunda parte da citação só pode servir para reforçar a impressão comunicada acima, sendo que também se revela assaz condizente com a representação do Negro neste caso de Blau Nunes: há sempre, na maneira como o narrador nos descreve os eventos, a sugestão de alguma interferência diabólica na atuação de Bonifácio. Não é que o narrador, além de fazer outras alusões a alguma intervenção diabólica na sina de Bonifácio e na das pessoas com que “teve comércio” (“Ele foi caipora”; “É assim que o diabo as arma...”), faz questão de qualificar o protagonista de “excomungado”, “tição do inferno”, etc.¹¹⁰

Concluindo sobre este ponto, não me parece ser mero fruto do acaso ou de um processo aleatório essa correspondência entre as informações supridas pelos refraneros importados da península ibérica para as Américas, onde se moldaram conforme complexos processos de transplantação e aclimação cultural (ex. as informações transmitidas por Solanet) e as indicações proporcionadas por Blau – i.e., trazendo tal correspondência para o conto focado nesta linhas, entre a escolha de uma cor de pelo para o cavalo de Bonifácio e a caracterização do protagonista.

especialmente dedicada à representação dos cavalos da *capa* em pauta na sabedoria popular (ou no imaginário coletivo), citando, entre outros elementos, fragmentos de refraneros ibéricos ou crioulos/*criollos*.

¹¹⁰ É, aliás, um traço que estabelece uma ligação com o conto popular, no qual tradicionalmente o capeta ocupa um lugar de destaque, mas também com o discurso ocidental vigente, popular ou não, junto com a ideologia em que pôde vicejar e que desde a descoberta da África pelos europeus tendeu a diabolizar o africano. Na conquista usou-se o negro como se fosse algum demônio (como se vê representado em *Aguirre*, filme de Werner Herzog).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Recapitulando: a escolha básica para a tradução das “capas” dos baguais.

Para terminar sobre esta questão particular das designações da cor do pelo dos cavalos, mais especificamente no caso de se verificarem cognatos entre a língua de partida e a língua de chegada (afins, pois, no tocante aos significantes, mas não tanto na questão de seus significados), podemos reduzir a escolha de tradução a duas opções principais:

- ou priorizamos aspectos formais (a grafia e sua atualização acústica), traduzindo ‘zaino’ por ‘zain’, ‘baio’ por ‘bai’, ‘ruano’ por ‘rouan’, etc. e deixando “jogo livre” para eventuais associações semânticas ou consonantais deflagradas pelas interações entre significantes;

- ou decidimos por tentar manter o sistema implícito de interligação entre os elementos de caracterização das personagens e dos cavalos, sabendo que parte desse sistema (a maior parte provavelmente) não deixara por isso de (me/nos/lhes – aos leitores) permanecer oculto, salvo para alguns poucos peritos no assunto.

A primeira opção oferece a indiscutível vantagem de interligar a cultura fonte e a cultura alvo mediante um sistema de significantes afins (pela aparência visual e pelo som que produz a atualização acústica das sequências de grafemas) e, por conseguinte, de deixar retinir algo do “som do original” na versão estrangeira.

A segunda seria mais focada no significado do signo e evitaria que se atribísse “erroneamente” as qualidades associadas a tal cor de pelo no texto original a uma cor de pelo diferente na versão original. É relevante? É irrelevante? A avaliação depende da ênfase que se terá colocado sobre tal ou tal componente textual, aproveitando as semelhanças físicas geradas pelo fato de o português e o francês serem línguas românicas.

De cores e couros

“Vim trazer-lhe um presente; é um trançado feito por mim; e há de ficar mui bem no tordilho, porque é preto...”

Cumprе frisar que dificuldades afins no vocabulário se encontram logicamente em outros campos léxico-semânticos, como o dos aperos, existindo diferenças importantes não só nos cavalos e na maneira de montar a cavalo de uma região do território nacional a outra, mas também nas peças que compõem o jaez “tradicional”. Novamente, manifesta-se neste quesito maior proximidade com os usos equestres do Rio do Prata do que semelhança com as práticas (montar e arreios) do nordeste brasileiro por exemplo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Confesso que, neste quesito lexical também, nem sempre consegui achar o termo mais adequado em francês, ainda mais porquanto, bem como é o caso com as capas de cavalo, entre outros elementos do vocabulário, as maneiras de encilhar a montaria, e os próprios aperos, evoluíram diferentemente nas Américas e na Europa, eventualmente criando lacunas nos vocabulários das línguas matriciais.

A propósito, achei no livro de Tito Saubidet, *Vocabulario e Refranero criollo* uma excelente ferramenta, na medida em que as definições de muitos desses aperos, que seriam típicos da arte equestre do Sul, são acompanhadas de ilustrações do próprio autor. Entretanto, se a ilustração resolve o problema da compreensão (o antigo estribo, por exemplo), não ajuda tanto para o da transferência. Idealmente, a parte que segue deveria ser precedida, para melhor se colocar no ambiente da discussão, de uma escuta atenta da milonga “pelajes entreverados”.

Pelames e personalidades

“Tranças de mil feitios”; peles e pelos, cabelos e cavalos entreverados

Porque há visivelmente tanto cuidado, seja no plano formal dos arranjos gráficos e sonoros*, seja no dos esquemas semânticos de formulações em caráter simbólico (as redes significantes que operam primariamente em modo metafórico ou metonímico), tanto cuidado, pois, na maneira como se entrançam as palavras, é difícil ignorar estas, especiais, que batalham sempre no entrevero do texto, como cor e couro, cabelo e cavalo, pele e pelo. São pares léxico-semânticos, com ressonâncias paronímicas, que, em se respondendo, consolidam a trama do texto tanto fisicamente, mediante repercussões e reverberações do som e da aparência visual dos signos, quanto ao nível do sentido, pois se interconectam entre si também neste respeito, atraindo-se, repelindo-se, enfim produzindo os mais diversos efeitos de contato¹¹¹.

Nesta mesma senda, também seria difícil apreender os elementos descritivos e qualificativos das “personagens” da narração, sejam seres humanos ou animais (aqui focamos os cavalos) como se não tivessem a ver uns com os outros. Seria ainda mais difícil porquanto os contos de Simões remetem a um sistema de tratamento da mímese, a literatura gauchesca, no qual cavalo e cavaleiro são “acoplados” por algo mais do que a relação possessor / possuído.

¹¹¹ As associações que se fazem ao nível da afinidade gráfico-acústica produzem em seu torno associações semânticas. Estas, por sua vez, são suscetíveis de gerar outras conexões paronímicas, como numa espiral envolvendo som e sentido.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O sentido ricocheteando.

Os sistemas polissêmicos, até diria “polifônicos”, a que se atêm as palavras, entrando em ressonância uma com outra ao sabor das associações paronímico-semânticas que vão se atualizando a medida que o texto vai sendo lido, fazem com que seja sempre necessário ficar atento a eventuais “conotações” das palavras – i.e. – cuidando para a possibilidade de uma significação e repercussão que se estendessem além da função de reportação do signo escrito a um referente virtual.

Não podia ser diferente com os termos do léxico equestre. Por isto, efetuei um levantamento das cores de pelo mencionadas nos diferentes contos e destaquei os resultados em função das personagens principais a que pertencem os cavalos em questão ou a que servem de montaria. Não saberia dizer exatamente porque Simões atribuiu um tordilho ao Nadico em “O Negro Bonifácio” ou um picaço ao Major Terêncio, mas duvido que essas escolhas tenham sido unicamente fruto da fantasia do autor.

Contos	personagens	pelames
Trezentas onças	Blau Nunes	zaino
	1. Major Terêncio	picaço
	2. Nadico	tordilho
O Negro Bonifácio	3. Bonifácio	lobuno rabicano
	4. Tudinha	cor do pelo indeterminada ¹¹²
No manantial	Não há menção da cor do pelo dos cavalos	
O mate do João Cardoso	Não há menção da cor do pelo dos cavalos	
Deve um queijo!	Não há menção da cor do pelo dos cavalos ¹¹³	
O boi velho	Não há menção da cor do pelo dos cavalos ¹¹⁴	

¹¹² Entretanto, a caracterização do cavalo nos dá informações sobre o estatuto social de Tudinha. “A Tudinha tinha cavalo amilhado, só do andar dela, e alguma prata nos preparos”.

¹¹³ Não se informa nada sobre o cavalo do velho Lessa qualificado de ‘mancarrão’ e ‘matungo’. O que conta aqui, não é a riqueza da pilcha, a beleza do cavalo ou dos aperos, mas sim a “gauchidade” como caráter principal, que o velho Lessa claramente possui e de que o castelhano também claramente carece.

¹¹⁴ Nem há menção de cavalos neste conto, patentemente “dedicado” ao gado bovino, à “rês vacum”. São várias as designações da cor do pelo dos bois (Cabiúna, Dourado, etc.)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Correr eguada	Não há menção da cor do pelo dos cavalos ¹¹⁵ .	
Chasque do imperador ¹¹⁶	Um barão	Tostado crespo ¹¹⁷
Os cabelos da china	Blau	Um pingo tordilho ¹¹⁸
Melancia e Côco verde	Não há menção da cor do pelo dos cavalos ¹¹⁹	
	O padrinho de Blau	azulego ¹²⁰
O anjo da vitória	General Abreu, O anjo da vitória	tordilho salino ¹²¹
Contrabandista	Não há menção da cor do pelo dos cavalos	
	Osoro	ruano
Jogo de osso	Chico (ruivo)	tostado

¹¹⁵ O que prevalece neste relato é uma representação do animal visto essencialmente como membro de um grupo; verifica-se, no texto, a presença conspícua de numerosos coletivos ou vocábulos afins, “animalada”, “eguada”, “bagualada”, “pandilha”, “entropilhados”, “tropolhita”. Entre outros artifícios (i.e. ferramentas artísticas) o mero volume/diversidade de vocábulos e a frequência das ocorrências, neste quesito do emprego de coletivos, ressalta um tratamento do seu objeto pela representação narrativa/literária que acentue, precisamente, o caráter coletivo não só dos sujeitos (homens e animais), mas também das suas ações e interações. É a ideia, a evocação da massa (e, descrito no final do conto, o mass-acre em massa dos animais, “passando geral”) que prevalece ao ler o conto, mais do que as individualidades (ver comparação com “O Anjo da vitória”)

¹¹⁶ Blau conta no caso que disse ao Caxias que este lhe regalara um petiço, mas não nos informa de que pelo.

¹¹⁷ Falando do imperador, Blau, além de indicar que “era eu que encilhava-lhe o cavalo” faz questão de dizer que “Pela pinta devia ser mui maturrango”, observação condizente com o “O imperador - esse era meio maricas, era!” que vem mais tarde no mesmo relato e, de maneira mais geral, o tom depreciativo na descrição do ilhéu de “Melancia e Coco verde”, dos galegos, gringos e estrangeiros em geral (a estrangeirada); os fletes tosados a preceito, a cascaria aparada (correspondência com indiada macanuda – relevância no uso dos coletivos, diminutivos, aumentativos...

¹¹⁸ “Um dia um estancieiro regalou-me um **pingo tordilho**, pequenitate, mas mui mimoso”

¹¹⁹ Mas Blau faz questão de mencionar que “Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petiço e isso mesmo o **petiço** havia de ser podre de manso... e até **maceta**... e **nambi**... e **porongudo**!...” Aí a cor não importa; como bem vemos, a adequação entre o cavalheiro e o cavalo se faz em função de outros critérios.

¹²⁰ “O meu padrinho levantou na rédea o **azulego**”; “Campeei o meu padrinho: **morto, também, caído ao lado do azulego**, arrebetado nas paletas por um tiro de peça”. É uma variação sobre o tema dos destinos paralelos do cavalo e da sua cavalgadura, que encontramos concentrado em “Batendo orelhas”. O padrinho vive e morre com o seu cavalo (ou vice-versa)

¹²¹ “Formou, fez uma fala à gente e carregou, ele, na frente, montado num **tordilho salino**, ressolhador”. Confere mais vivacidade à evocação, a menção de cores contribuindo para a formação de uma representação mental que emule (imag-ine) a visualização da escena descrita.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O duelo dos farrapos	1. General Bento Gonçalves	picaço
	2. Coronel Onofre Pires	colorado ¹²²
Penar de velho	Pai de Binga, Binga	picaço ¹²³
Juca Guerra	Juca Guerra	tostado ¹²⁴
Artigos de fé do gaúcho	o gaúcho	tobiano ¹²⁵ , bragado, melado, tordilho, tapado, tostado, baio
Batendo orelha	Não há menção da cor do pelo dos cavalos ¹²⁶	
O 'Menininho' do presépio	Não há menção da cor do pelo dos cavalos	

Levando em conta as indicações de Emilio Solanet, tanto no tocante às designações correspondentes em francês quanto às qualidades tradicionalmente atribuídas aos cavalos em função da cor de seu pelo, podemos cotejar as informações que encontramos em *Contos gauchescos* e outras provenientes de fontes exteriores. Efetuei um levantamento para cada cor de pelo cavalares mencionada por Blau Nunes – levantamento que não incluo aqui por ser demasiado pormenorizado – sob a forma de tabela na qual consta, na primeira coluna, a definição dada por Solanet, na segunda, os comentários que o veterinário argentino faz quanto às qualidades dos cavalos em função dessa cor de pelo, e numa terceira, o lugar exato da referência de Blau à mesma cor. A mesma observação que se pode fazer em relação às indicações que o narrador dos *Contos* supre sobre a cor dos cavalos é aliás válida para os textos gauchescos em geral. Por exemplo, no romance de Benito Lynch, *Los caranchos de la Florida*, em menos de cinquenta páginas, deparamo-nos com um *redomón tubiano*, *caballos tordillos*, um *tostao*, um *gateado*, um *lobuno grandote*, *oscuro*, *alazán*, *zaino*, *petiso blanco*, *overo bicocho*, etc., sempre dentro de um sistema complexo e intricado de correspondências entre o cavalo e o cavaleiro.

¹²² “E quando foi no dia 27 de fevereiro o general me chamou e mandou que eu fosse levando pela rédea, para a restinga, os dois cavalos que estavam atados debaixo dum espinilho; era um **picaço** grande e um **colorado**”. “O **colorado** era do coronel; o **picaço**, do general”.

¹²³ “O pai dele, o velho, recebeu de regalo um bagual **picaço** sãozito das quatro patas, sem uma basteira; e de rédea, um pensamento. E era mesmo para o andar dele”.

¹²⁴ O **tostado** arreventou as duas paletas...

¹²⁵ 9º. Não te fies em **tobiano**, nem **bragado**, nem **melado**; pra água, **tordilho**; pra muito, **tapado**; mas pra **tudo**, **tostado**; 10º. Se topares um andante com os anelos às costas, pergunta-lhe: — Onde ficou o **baio**?...

¹²⁶ Não há porque mencionar nem a cor de pele do cavalo nem do cavaleiro, ambos crioulos (no sentido de nativos) do pampa, ambos caracterizado pela condição social (os dois, p. ex., são “bucha de canhão”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

capa e termo francês correspondente	O que Solanet escreve na sua rubrica: “cualidades atribuidas a los caballos deste pelo”	Onde aparece? Quem o monta?
zaino. Brasil: zaino. italiano: baio. francês: bai brun (colorado moreno), bai, rouge brun. Hoy, en España se llama “zaino”, y en Francia “zain”, al caballo o yegua que no lleva ningún pelo blanco, o sea, significa lo mismo que nuestro “tapado”.	“los zainos son muy valientes y para mucho”, dice el manuscrito <i>Pintura de un potro</i> (España, 1655). Se les mira del mismo modo en esta parte de América, donde se acostumbra decir: “El zaino, para todo”, hasta para las lides amorosas...	zaino é o primeiro cavalo que aparece na coletânea mediante uma referência à cor de seu pelo, sendo a montaria do próprio Blau em “Trezentas onças” ¹²⁸ . Pode haver alguma reverberação entre a cor da pele do caboclo neto de charrua e a de seu cavalo.
colorado (p.70) Rio Grande do sul: colorado vermelho, colorado requemado [sic] o requemado. francês: bai Aplicase al que tiene el pelo de color más o menos rojo ¹²⁷ .	A los requemados [categorizados como colorados por Solanet. NdD], como a los gateados, moros y tostados, es voz corriente entre nuestros paisanos decirles: “Bravos y guapos como toda la vida”.	Blau menciona uma tropilha de colorados em “Trezentas onças” e é um colorado que o coronel Onofre Pires monta em “Duelo dos farrapos” ¹²⁹ .

¹²⁷ “Además del colorado común, se distingue un colorado requemado o sangre de toro, de un matiz más rojo, reforzado y vivo que el genérico y siempre con los cabos negros (crines y extremidades)” (Solanet)

¹²⁸ Nota-se que, para se referir aos cavalos, é bem frequente usar, em vez de qualquer outra (inclusive o nome do animal) a designação da cor de pelo. Por isto, seria interessante indagar em que medida existiam sistemas de concordância entre a maneira de se referir e categorizar os indivíduos (o zaino, o baio... o negro, o caboclo, etc.) fossem seres humanos ou fossem seres equinos.

¹²⁹ Interessante esta nota que Solanet agregou à sua descrição do colorado: “Este pelo tuvo preferència en la época de Rosas; así, en una proclama del 12 de octubre de 1835...” que justamente é o ano em que estoura a revolução farroupilha, a qual fornece o quadro histórico, mimético, em que se encaixa o caso “Duelo dos farrapos”. No que diz respeito a menção de um zaino em “Trezentas onças”, consta ressaltar que é uma das cores favorecidas para as tropilhas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que semelhantes considerações sobre algumas especificidades do léxico equestre e do seu uso podem ter impactado, certamente ou equivocadamente, as escolhas tradutórias?

Como ressaltai, um esforço para se familiarizar minimamente com o léxico equestre usado por Blau Nunes tem se revelado necessário para identificar com alguma precisão:

- o “tipo” de cavalo referido pelo narrador¹³⁰ (reiuno, orelhano, bagual, redomão, flete, pingo, matungo, mancarrão, etc.)
- a cor do cavalo (zaino, ruano, lobuno, tostado, tobiano, etc.)
- a saúde ou as doenças do cavalo (porongudo, unheiro, etc.)
- a parte anatômica do cavalo (nambi, garrões, virilhas, ventas?)

E, extrapolando para o quesito das designações dos aperos:

- a peça do jaez (buçalete, freio, cincha, sobrecincha, travessão¹³¹ ...) mencionada aqui e acolá nos contos, etc.

A dificuldade é quase de ordem técnica, ressaltando que algumas palavras podem ter sido usadas em caráter mais técnico do que outras (p. ex. ‘lobuno’ relativamente a ‘bagual’), o que vale para diversas ocorrências da mesma palavra (p. ex. ‘flete’ hiperônimo ou ‘flete’ hipônimo, i.e. indicando ou não uma qualidade superior da montaria).

Neste ponto se aloja, aliás, uma diferença entre o texto técnico e o texto literário e suas traduções respectivas. Na tradução técnica, por exemplo, de um tratado hípico, busca-se em geral a maior consistência possível do ponto de vista terminológico. As ocorrências de determinado termo técnico em um mesmo texto, uma vez identificado seu referente virtual com a devida precisão, serão em princípio traduzidas da mesma maneira.

Mas em um texto que não tem pretensão científica, o uso da linguagem reflete o próprio caráter flutuante do significado no caso de a palavra se empregar em situações de conversação corriqueira, tal como a que os causos estão supostamente emulando nos seus diálogos¹³².

¹³⁰ ...ou pelas personagens, mas a fala das personagens neste tipo de construção homodiegética sempre se apreende como se fosse filtrada pelo narrador. Daí, é melhor assumir que as informações supridas pelas personagens provêm do narrador, cuja memória, imparcialidade, boa fé e tal, são sempre sujeitas a interrogações, bem como o seria o discurso “reportado” nas conversas reais (fulano de tal me disse que fulana de tal...), se contemplarmos isto do ponto de vista das funções e dos recursos miméticos da escrita.

¹³¹ Em certos segmentos, a densidade aumenta: “e **encilhamos** até a **cincha**; e depois nos deitamos **nos pelegos**, com **os pingos** pela **rédea**, **maneados**” (“O anjo da vitória”)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A densidade do léxico na fraseologia é variável, com trechos bastante complicados para o não cavaleiro, ou simplesmente aquele que não tem familiaridade com o assunto. Esta densidade aumenta, em seu torno, a tecnicidade da linguagem, como se vê no extrato seguinte de “Juca Guerra”:

O moço estava mui bem montado; o **pingo** era **de patas**, porém apenas **rocim**, mui **cosquilhoso**; os **arreios** já vinham mal e com o tirão a **cincha** correu toda pras **virilhas**... [...] O **bagual agachou-se** a **velhaquear**, e, pra pior ainda, em volta, enredando-se no laço, frouxo; o moço - ginetaco! - **fechou as chilenas** e **meneou o rebenque**, de chapéu do lado, numa pabulagem temerária, de guasca que só a Deus, respeita! [...] quando, **meio maneado no laço** e **ladeado** por um **sofrenço** de pulso, o **bagual planchou-se**.

Últimas observações sobre as designações da cor de pelo dos cavalos.

Cumpra acrescentar que as referências à cor do pelo não concernem unicamente ao elemento cavalari. Várias designações se aplicam ao gado bovino (um brasino em “Juca Guerra”, um boi salino¹³³ em “O Negro Bonifácio”, por exemplo). Também neste quesito, haveria de contemplar o fato de designações de capas equinas serem usadas para se referir a seres humanos (indivíduos: “era uma mais que mouro”, ou tipos: “lamões e ingleses, melados”). No caso de “melado” e de “mouro”, por exemplo, o primeiro tem de se entender como uma designação ligada à aparência física das personagens. Com efeito, não há dúvida quanto ao primeiro epíteto, compreendendo-se que Blau Nunes se vale de uma comparação com o pelo dos cavalos para dizer que os forasteiros, alemães (‘lamões’) e ingleses, têm cabelo loiro (justamente eles que fazem comércio das crinas dos animais), porém semelhante leitura (remissão a uma capa de cavalo) é contestável quanto ao segundo termo, ‘mouro’¹³⁴.

¹³² E até no monólogo narrativo próprio, o qual integra elementos de diálogo entre o contador e o seu ouvinte. Como indiquei, este tipo de ressemantização do vocabulário à *l'oeuvre* no texto de Simões é bem visível no emprego dos etnônimos, com uma “desetnicização” (ou, melhor dito, uma mudança no caráter etnicizante) de certas palavras, ‘guri’, ‘piá’, ‘china’, etc., uma vez que, em certas ocorrências, há de fato uma remissão mais ou menos implícita ou explícita à origem indígena, enquanto, em outras, já se veria certo deslizamento para uma categorização socioeconômica (mesmo que, como bem sabemos, dimensões sócioétnica e socioeconômica são muitas vezes intrinsecamente interligadas), ou para uma categorização “étnica”, mas reportando a outro tipo de categorização: o uso recorrente de palavras como ‘guri’, ‘piá’, ‘china’ marca o locutor como sendo gaúcho em vez de marcar o referente virtual como sendo de ascendência indígena (caboclo). Isto vale para os hippônimos, sendo que palavras que, em princípio, denotassem tal ou tal categorização podem ser usadas em sentido mais geral (ver bagual, flete, mancarrão: cavalo selvagem, bom ou ruim cavalo ou simplesmente cavalo).

¹³³ Pensa-se também no boi barroso de “A salamanca do Jarau” em *Lendas do sul*.

¹³⁴ Na versão italiana, ‘melado’ foi traduzido por “ubriaco”, mas acho que o adjetivo se refere mesmo à tez clara desses imigrantes. Quanto a ‘mouro’, se é verdade que outras acepções são condizentes com o contexto,

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O que me parece relevante, independentemente disto, é a interligação das unidades textuais em função de sistemas que as subsomem: aqui, o sistema de conexões entre o humano e o animal, especialmente nesse quesito da cor de pelo e de pele – o que iria, aliás, no sentido de uma correspondência entre a caracterização do cavalo e a caracterização do seu cavaleiro, tal como ficou hipotetizada neste comentário. Evidentemente, no conjunto das comparações animalizantes, o cavalo é o maior comparante. Tanto que não é sempre que se identifica no primeiro olhar o caráter “metaforicavalar” do enunciado. Seguem alguns exemplos em que escolhi ficar mais perto do texto original no intuito de tentar preservar algo desta influência do meio-ambiente e dos usos sobre a presença dos modismos que contribuem tanto para caracterizar a fala de Blau Nunes. Deveriam ser considerados somente como uma pequena amostra destinada a evidenciar o viés “literalizante” da proposta de tradução para o francês.

O chiru foi andando como **cancheiro**, e eu, na **cola** dele.

Le chiru a continué comme un **cheval qui connaît bien la piste**, et moi je **trottais** juste derrière.

(Era um chinocão de agalhas!)

Seiúda, **enquartada**, de boas cores, olhos terneiros... e com uma trança macota, ondeada, negra, lustrosa, que caía meio desfeita, pelas costas, até o **garrão!**...

Une de ces poitrines, une de ces **croupes**, la peau dorée, des yeux de biche... et avec ça, une longue tresse épaisse, ondulante, noire, lustrée, qui lui tombait à moitié défaite sur le dos jusqu’aux **jarrets** !

Nisto a **piguancha** alçou a panela e voltou pra carreta¹³⁵.

À cet instant, notre pouliche a soulevé la casserole et est retournée au chariot.

deve-se notar que é uma palavra bastante recorrente nos textos de cunho gauchesco em situações enunciativas que a relacionam obviamente com o cavalo: “O meu mouro rabicano, agarrador de avestruzes” (Piá do sul, *Gauchadas e Gauchismos*)

¹³⁵ Isto de chinas e gatos... quem amimar sai arranhado... Talvez por este ser ruivo... talvez por farromeiro... **por causa dalgum cavalo que ela gabou e ele regalou-lhe**... e até... até por enfarada do outro... Ora vão lá saber!... (esta intermediação do cavalo na relação entre homem e mulher se encontra particularmente em três casos, “Os cabelos da china” (Rosa surge e ressurgue ao longo do conto sob a forma cavalariço, a égua xucra de rabo decepado, o cavalo tordilho oferecido a Blau e para que Picumã lhe presenteia com um buçalete feito dos cabelos da moça, etc.), “O Negro Bonifácio” (Bonifácio faz sua aposta contra Tudinha sem se apelar de seu cavalo – “Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudinha... e tirando-se dos seus cuidados encostou o cavalo rente no dela e aí no mais, sem um “Deus te salve!” sacudiu-lhe um convite para uma paradita na carreira grande”) e “Jogo de osso” (Lalica equipara-se ao ruano de Osoro na última parada da partida de taba). Esta “intermediação” não deixa de estabelecer mais algum “parentesco” entre Tudinha, Rosa e Lalica, as quais, convém lembrar, são as únicas personagens dos causos a que o narrador se refere mediante a palavra ‘china’.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Ela não se **arpistou** quando me viu?...

- Elle a pas bronché quand elle m'a vu ?

- ...um legal virou, **pataleando**.

- ... un légaliste fait la culbute et **se retrouve les quatre fers en l'air**.

Este viés metafórico particular que se apoia sobre comparações cujo termo de comparação é o cavalo – ou algo que tenha a ver de perto com o cavalo (apero, etc.¹³⁶) – é bastante característico do “estilo gauchesco”. São, com efeito, inúmeras as ocorrências de semelhantes elementos de “metaforicavalarização” do discurso que pude levantar em obras de cunho gauchesco, quer escritas em espanhol, quer escritas em português. Cumpre frisar, para mostrar até que ponto este traço tem sido reivindicado pelos escritores do pampa, que este tipo de comparação também se encontra amiúde em artigos de jornais ou em ensaios, servindo porventura para autenticar o texto carimbando-o com um selo regional, na maior parte do tempo em modo meio sério, meio jocoso.

Lembra-me agora, para dar resumo vivo destas críticas, a reação quase cômica de Roque Callage, diante de alguns episódios de fantasia solta, no estranho livro. Vibrátil, agitado, o excelente Roque, medindo a sala da redação a passos desencontrados, punha toda a sua indignação no fulgor dos admiráveis olhos negros. Irritavam-no a ternura dos cavalos pelo Canho, a gratidão e o sorriso da égua baia, a Morena, as delicadezas da mãe tordilha; mas, quando Jacintinha, a irmã do Canho, carregava no colo o potrilho, Callage explodia: **merecia um freio e rédea curta, o Alencar!** (*Prosa dos Pagos*¹³⁷)

¹³⁶ Entre numerosos símiles e metáforas encontradas nos *Contos gauchescos*, acham-se comparações se referindo à saúde do cavalo: “Olhe, nunca me esqueço dum caso que vi e que me ficou cá na lembrança, e ficará té eu morrer... **como unheiro em lombo de matungo de mulher.**”; outras a tal ou tal modalidade de andamento do cavalo: E o tempo foi passando, **a tranquito**, sem pressa nem vagar, outras à cor do pelo “Depois é que apareceram uns lamões e uns ingleses, **melados**”

¹³⁷ Neste mesmo artigo sobre o romance de José de Alencar, artigo originalmente publicado em um jornal nacional, Augusto Meyer escreve: “Refere-se a uma “sela forrada com o lombilho”, e, entre a xerga e a manta, estende um pedaço de carne, “que o calor do animal cozinha durante a jornada”... Em Minas Gerais, talvez se pudesse admitir a graciosa Catita montada em mula caborteira, sem quebra de seus encantos, mas no Continente, com aquela gauchada mordaz e sua rígida estética de gineteria, a heroína do romance morreria de ridículo... Pior ainda, pior dos piores – nem seu como o diga – é o herói da história, o Gaúcho, montado em égua! Gaúcho só monta em égua quando muda de sexo. E basta.” O fato não deixa de lembrar a censura feita por Rafaël Hernández ao overo do “Fausto criollo” de Estanisló del Campo (lembrada por Borges em seu ensaio “la poesia gauchesca”) ou ainda aquele comentário que a tradição popular atribui a Borges de Medeiros criticando a pouca plausibilidade, no *Antônio Chimango* de Ramiro Barcelos, de se manter aperado um pangaré para caso de emergência (“Deixou-se apenas pegado / Pra não se ficar de a pé / Um redomão pangaré”). Estas “desqualificações” mostram que em matéria de literatura gauchesca, o cavalo é assunto sério.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conclusão

O assunto do cavalo é tão relevante na literatura gauchesca que o tratamento do vocabulário correspondente não se pode “fazer nas coxas”. Como espero ter mostrado neste miniensaiio, o léxico respectivo a esse segmento temático nunca está mobilizado com o único fim de referir o leitor para determinada realidade geográfica e histórica. A maior parte dos termos se encaixa de fato em redes simbólicas, algumas assaz complexas, que envolvem ressonâncias entre a caracterização das personagens e a descrição das montarias, ou se encaixam na estratégia de zoomorfização da representação da vida e da condição humana, típica do naturalismo, mas convencional, também, do “estro” gauchesco. Mais uma vez, é a consideração sobre o material original desde a perspectiva de sua integração artística (inclusive sob o ângulo da sua contribuição de ordem estética) que terá guiado várias das escolhas do mestre trançador Simões Lopes.

O glossário ilustrado

De certa maneira, o glossário ilustrado resolve o dilema entre manter a semelhança formal entre ‘zaino’ e ‘zain’, ou ‘ruano’ e ‘rouan’, por exemplo, atentando ao mesmo tempo no diferencial sul-americano evidenciado na nomenclatura das cores do pelo equino (e bovino¹³⁸). Mantendo a palavra inicial, ‘zaino’, ‘ruano’, ‘picaço’ na versão estrangeira, mantém-se certa transparência entre o termo original e seu homólogo na elaboração lexical da tradução: através de ‘zaino’ se lê ‘zain’, através de ‘ruano’ se lê ‘rouan’, etc. Agora, a fotografia de um cavalo crioulo zaino restituirá o significado regional, ou seja, a especificidade da capa referida pelo termo no âmbito da criação do cavalo crioulo / *caballo criollo*, sobretudo em relação com os usos europeus (‘zaino’ e *zain*, etc. não designam a mesma capa no pampa e na França). Inclusive permitirá que se traslade assim para a versão estrangeira, esperançosamente, algo das relações entre a caracterização do cavalo, inclusive a cor de seu pelo, e a caracterização do cavaleiro. Obviamente, entretanto, este cálculo tradutório provavelmente mais cai na alçada do *wishful thinking* do que encerra genuína esperança: o que acontece realmente no momento de leitura da versão pelo leitor francês fica relativamente fora de controle.

¹³⁸ Também conviria incluir na discussão a cor das réis (‘boi salino’ em “O Negro Bonifácio”, “touro brasino” em Juca Guerra, etc.) Também seria relevante, como assinalei, o fato de as cores de pelo serem usadas às vezes para se referir a tipos (“um mais que mouro”, “lamões e ingleses, melados”), mas qualquer tentativa de ser exaustivo neste tipo de trabalho está fadada ao fracasso. Logo que se “acaba” a investigação de um traço particular da linguagem, tropeça-se em outro.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.



Zaino. Ilustração: Angel Cabrera para o livro de Emilio Solanet, *Pelajes criollos* (Buenos Aires; Letemendia, 2010, [1955])

Estou tomando emprestadas as ilustrações que acompanham dois livros de valia reconhecida no meio dos criadores de cavalos crioulos. O primeiro é de Emilio Solanet e o segundo de Eduardo Casals, ambos veterinários argentinos.



Alazán ruano. Fotografia: Enrique Eduardo Casals para seu livro *El caballo criollo – pelajes. Cromohipologia de la raza criolla.* (Córdoba: Ecoval, 2016)

O fato de serem fruto do trabalho de especialistas argentinos, não é um problema, a meu ver, dado que o mundo representado por Blau é, logicamente, bem mais perto do Prata (neste quesito) do que de Portugal, p. ex.



Bayo. Fotografia: Enrique Eduardo Casals para seu livro *El caballo criollo – pelajes. Cromohipologia de la raza criolla.*

Como disse, a remissão a alguma ilustração permite driblar, mais ou menos torpemente, o problema da ausência de correspondência entre o sistema de designação da cor do pelo naquela época e naquele espaço e o sistema homólogo que vigora na França de hoje.

Elementos de bibliografia

Para cotejar o vocabulário equestre apresentado nos *Contos gauchescos* e o vocabulário mais ou menos homólogo usado na França, dei a prioridade, do lado francês, a trabalhos mais antigos, uma vez que foi uma das escolhas basilares da versão de projetar o leitor de Simões, tanto na remissão ao contínuo espaço-tempo em que se ambientam nos *Contos*, quanto no plano da especificidade da linguagem usada para realizar essa remissão, no pampa da segunda metade do século.

Claro que houve uma boa medida de acomodação no uso do francês, que afinal de contas é amplamente “meu” (ou seja, um uso do idioma nacional marcado pela vivência e experiência pessoais) e não é nem de Maupassant nem de Prosper Mérimée, nem de outro escritor francês apesar de a leitura de suas obras ter inegavelmente influenciado nas escolhas de vocabulário e de fraseologia. Primeiro, não me atrevera a comparar o estilo da versão proposta aqui com o desses autores. Mesmo que minha procura de um francês plausível para a segunda metade do século (a cavalo entre uso popular e uso mais, digamos, culto) não passasse muito do pastiche, não sou um Proust para poder fazer legítimos pastiches literários e o que resultou na proposta de versão foi inevitavelmente uma mescla de diversos estilos, devida a diversas influências.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Qualquer aproximação da escritura dos *Contes gauchesques* com o estilo de um ou outro escritor francês contemporâneo de Simões Lopes (fim do século XIX – começo do século XX) seria mais o caso de se ter amalgamado, na tradução, uma “mistura” de alguma imitação de tal ou tal autor e de alguma tonalidade um pouco mais “pessoal”. Espero que a versão francesa tenha conseguido manter elementos do estilo do escritor no uso da sua língua, mas não saberia dizer em que medida exatamente este objetivo foi ou não foi alcançado. Às vezes, a tradução provavelmente ganha mesmo ares de pastiche; outras, afasta-se bastante dos padrões de uso do francês, tal como este uso se encontra na literatura da época, nem que seja porque os únicos registros de comunicação oral daqueles tempos a que tive acesso foram diálogos em textos literários.

No quesito do vocabulário equestre, parti da premissa de que, muito provavelmente, no Rio do Grande do Sul, não só os cavalos, mas também a maneira de montar e, portanto, a composição do jaez das cavalgaduras, tivesse mais a ver com as práticas observáveis naquela época no Rio do Prata (e os objetos respectivos) do que as que se podiam constatar em outras partes do território nacional. A implicação de que não tenha havido real solução de continuidade entre as populações e os usos do lado de cá e do lado de lá se encontra como que embutida em grande parte do texto dos *Contos* (na linguagem: “que tal le foi de susto”, na insistência sobre a ausência de divisas, nos temas como o contrabando, nos cenários – o boliche de fronteira; etc.).

Carranza, Romero Fernando. *El gaucho y el recado*. Buenos Aires. Letemendia. 2010

Carranza, Romero Fernando. *El Gaucho: Costumbres y Tradiciones*. Buenos Aires. Letemendia. 2015.

Carranza, Romero Fernando. *Guía De Pelajes Del Caballo Criollo*. Buenos Aires. Letemendia. 2009.

Saubidet, Tito. *Vocabulario e refranero criollo*. Buenos Aires. Ed. Guillermo, 1952.

Solanet, Emilio. *Tratado de hipotecnia*. Buenos Aires. Ed. Morata, 1943.

Solanet, Emilio. *Pelajes criollos*. Buenos Aires. Ed. Letemendia [1955].

D’Hozier, Charles. *De l’Aurigie, ou Méthode pour Choisir, Dresser Et Conduire les Chevaux de Carrosse, de Cabriolet Et de Chaise*. Paris: Dondey-Dupré. 1819¹³⁹

¹³⁹ Há um vasto acervo de tratados hipotécnicos do século XIX nas bibliotecas disponibilizadas online de sites como archive.org, google books gutemberg Galica, etc. (Original: universidade de Ghent) (<https://archive.org/details/delaurigieoumth00hozigoog/page/n8>) Gallica.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº8 - CORRER EGUADA

COURRE* LES MUSTANGS

Se vancê fosse daquele tempo, eu calava-me, porque não lhe contaria novidade, mas vancê é um guri, perto de mim, que podia ser seu avô... Pois escuite.

Si vous aviez connu cette époque, alors là je me tairais, parce que je ne vous apprendrais rien, mais vu que vous êtes encore un gamin, à côté de moi qui pourrais être votre grand-père... Écoutez-donc !

Tudo era aberto; as estâncias pegavam umas nas outras sem cerca nem tapumes; as divisas de cada uma estavam escritas nos papéis das sesmarias; e lá um que outro estancieiro é que metia marcos de pedra nas linhas, e isso mesmo quando aparecia algum piloto que fosse entendido do ofício e viesse bem apadrinhado.

En ce temps-là, tout était ouvert, les estancias se touchaient, et il n'y avait ni clôtures ni haies. Les limites de chaque propriété étaient inscrites sur les documents des sesmarias ; de temps à autre, un estancieiro délimitait ses terres avec des bornes en pierre mais encore fallait-il qu'on puisse mettre la main sur un arpenteur qui connaisse bien son métier et soit bien protégé.

Vancê vê que desse jeito ninguém sabia bem o que era seu, de animalada . Marcava-se, assinalava-se o que se podia, de gado, mas mesmo assim, pouco; agora, o que tocava à bagualada , isso era quase reiuno ... pertencia ao campo onde estava pastando. E mesmo nem tinha valor nenhum: égua baguala era só para tirar-se as loncas, alguma bota.

Vous voyez donc que, les choses étant ce qu'elles étaient, personne ne savait vraiment quelles bêtes appartenaient à qui. On marquait le bétail qu'on pouvait, mais ç'en était jamais qu'une petite partie ; maintenant, pour ce qui est des chevaux, ils étaient pratiquement à personne... ils appartenaient à la prairie où ils étaient en train de paître. Et vraiment ils n'avaient aucune valeur : les juments sauvages, on s'en servait tout juste pour le cuir, pour en faire des lanières ou des bottes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Depois é que apareceram uns lamões e uns ingleses, melados, que compravam o cabelo: por isso às vezes se cerdeava ; mas eles pagavam uma tuta e meia.

C'est plus tard que sont arrivés par ici des alboches et des anglos, couleur de miel clair, qui achetaient les soies des chevaux. Et c'est pour ça qu'on tondait des fois mais ils vous payaient des clopinettes.

Veja vancê: sempre a estrangeirada especulando cousas de que a gente nem fazia caso...

Vous voyez : encore une fois les étrangers à faire des affaires avec des choses dont, nous, on voyait pas l'intérêt.

Eguada xucra, potrada orelhana, isso, era imundície, por esses campos de Deus; miles e miles!...

Des chevaux retournés à l'état sauvage, des poulains sans marque, ça oui que c'en était infesté dans ces prairies de Dieu; des mille et des cents.

E bicho brabo pra se tropear, esse!... Barulhento, espantadiço, disparador e ligeiro, como trezentos diabos!

Et vraiment difficile d'en faire un troupeau, de ces carnes ! Bruyants, s'affolant pour un rien, prompts à s'emballer et rapides avec ça, comme tous les diables !

Mas, como quera, era sempre um divertimento macanudo, uma volteada de baguais!

Mais, quand même, c'était toujours une de ces fêtes quand on faisait un rodéo de chevaux sauvages !

Ah!...

Ah !...

Não há nada como tomar mate e correr eguada!

Il n'y a rien au monde comme siroter un maté et faire une battue de mustangs.

Aí para os meios de Quaraim, nos campos do major Jordão, entrei uma vez numa correria macota.

Dans le sertão de Quaraim, sur les terres du major Jordão, j'ai participé comme ça, un jour, à une grande battue.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi logo depois da guerra do Oribe.

C'était juste après la guerre contre Oribe.

Havia como dez mil baguais entre éguas e potros orelhanos, cavalhada largada, reiuna e marcada, que toda virou haragana, nos pajonais.

Y avait pas loin de dix mille mustangs* entre juments ou poulains sans marque, et bêtes de cavalerie, l'oreille coupée et marquées au fer, qu'on avait larguées dans la nature et qui étaient retournées à la vie sauvage dans les hautes herbes.

Os gados, que já eram mui ariscos, viviam numa bolandina com as disparadas da bagualada.

Le bétail, qui était déjà très farouche, vivait dans une panique perpétuelle à cause des débandades subites de ces baguals*.

Pro caso, diz que é o Negrinho do Pastoreio que faz as disparadas dos cavalares... Isso é uma história comprida...

Soit dit en passant, on raconte que c'est le Négrillon du Pâturage qui les fait s'emballer comme ça... Mais bon, c'est une autre histoire, et longue avec ça...

Um belo dia o major resolveu fazer uma limpa naquele bicharedo alçado.

Un beau jour, le major a décidé de faire le ménage dans toute cette sauvagerie.

E preparou-se, com tempo.

Et il s'y est pris à l'avance.

Desfrutou a novilhada que pode, no verão, arreglou as suas contas e mandou avisar e convidar o vizindário para correr a bagualada no veranico de maio, que era para agarrar o bicharedo rachando de gordo e aguaxado, pesadão e o tempo mais fresco para a cavalhada do serviço.

Il a vendu à l'été autant de bouvillons qu'il pouvait, a fait ses comptes et envoyé dire qu'il invitait tout le voisinage à venir participer à une grande battue, au petit été de mai, afin de surprendre les bêtes bien lourdes, prêtes à éclater tellement elles étaient gorgées d'herbe et d'eau, et de profiter d'un temps plus frais pour que les montures ne souffrent pas trop.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Amigo! Quando foi aos três dias da lua nova a estância estava apinhada de gauchada. Como uns oitenta e tantos torenas, campeiraços destorcidos, domadores e boleadores de fama.

Ah l'ami si vous aviez vu ! Trois jours après la nouvelle lune, l'estancia était pleine de gauchos. Il y avait là environ quatre-vingt gars intrépides, tous des as du rodeio*, dresseurs et boleadors réputés.

Adelgaçava-se os fletes com água a meia costela, em qualquer lagoão, e à sogá; cascos bem aparados, agarradeiras bem cavadas, endurecidas com uma untura de sebo de rim e carvão, aquecida com a ponta em brasa de um tição de goiabeira; cola curta, toso baixo.

On faisait maigrir les montures en profitant d'un étang quelconque et en les tirant par le licou pour les faire avancer dans l'eau à mi-poitrail; les sabots bien curés, avec, pour plus de prise, une agarradeira, une rainure creusée dans la corne, enduite de gras de rein et de charbon, puis chauffée avec un tison de bois de goyavier ; la queue coupée court, et la crinière aussi.

E a gauchada quase toda de em pêlo. Uns de bombacha, outros de chiripá; muitos sem chapéu, muitos de lenço na cabeça; tudo em mangas de camisa e faca atravessada.

Quant aux gauchos, presque tous à cru. Les uns en bombacha, les autres en chiripá; beaucoup sans chapeau, beaucoup avec un simple foulard noué sur la tête ; tous en manches de chemise et le coutelas en travers du dos.

O mais maula levava pelo menos dois pares de bolas; três pares, isso era a rodo, e havia torena que chegava a levar cinco: um na mão, os outros na cintura.

Le moins hardi amenait au moins deux jeux de bolas ; trois jeux, c'était pas rare, et il y avait des gaillards qui en portaient jusqu'à cinq, un jeu dans la main, les autres à la ceinture.

E tudo boleadeiras mui bem feitas, de pedra pequena; porque vancê sabe que o cavalari tem o osso mais quebradiço que a rês - e vai, se toma de mau jeito um bolaço pesado, aí no mais já temos um avariado.

Et toutes ces boleadeiras étaient faites à la perfection, avec de petites pierres ; parce que vous savez que le cheval à les os plus fragiles que le bœuf – et paf, s'il reçoit au mauvais endroit un coup de boules trop fort, nous voilà déjà avec un éclopé.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois é: as três-marias retovadas a preceito; e as sogas macias, pra não cortar; e levava-se também uns quantos ligares.

Et donc les trois-maries recouvertes de cuir dans les règles de l'art ; et les lanières bien souples, pour pas cisailier la chair des animaux ; et on amenait aussi une quantité de ligars.

- Vancê não sabe o que é um ligar? Não é só, não sr., o couro de terneiro pra fazer carona; é também uma tira de guasca, chata, assim duma meia braça, com um furo dum lado e uma meia ponta do outro. Conforme boleava um animal e ele caia, o campeiro chegava-se e passava-lhe o ligar em cima do garrão e apertava, acochava, à moda velha; hom !... era mesmo como botar uma liga de mulher, com perdão da comparação! Vancê compr'ende, não!

- Vous ne savez donc pas ce que c'est qu'un ligar ? Non monsieur, ce n'est pas seulement le cuir de bouvillon qu'on utilise pour faire un harnais ; c'est aussi une lanière, plate, à peu près longue d'une demi brasse, avec un trou à un bout et un demi-clou à l'autre. Dès qu'il avait boléé un animal et que celui-ci s'effondrait, le vaqueiro se précipitait et lui passait le ligar au-dessus du jarret, et puis il serrait, comprimait, à l'ancienne ; et voilà l'travail !... C'est pareil que'd passer un bas de femme, si vous me pardonnez la comparaison ! Vous voyez comme c'était, non ?

Ficava o nervo do garrão, arrojado pelo ligar; então o gaúcho desenredava as boleadeiras e assinalava e mal isto, já o bagual se aprumava e levantava-se, bufando, puava, pra rufar..., mas qual! saía em três pernas!... E assim de seguida, em dois, três, oito ou mais, que cada corredor boleasse; esses não podiam mais disparar, ficavam perneteando no meio do campo!

Le nerf du jarret était écrasé par le ligar ; alors le gaucho démêlait les boleadeiras après avoir marqué l'animal et aussitôt le mustang se redressait et se levait, en renâclant, prêt à décamper..., sauf qu'il se retrouvait sur trois pattes !... Et ainsi de suite, sur deux, trois, huit bêtes ou plus que chaque rabatteur boléait ; ceux-là ne pouvaient plus détalier, ils restaient là à boitiller au milieu de la prairie !

Então a gurizada, os piás, a relho, iam entropilhando os ligados, que depois cada dono separava pelo sinal feito.

Alors les piás, les petits cabocles de l'estancia, rassemblaient en tropillas à coups de fouet les chevaux qu'on avait liés ainsi, et que leur propriétaire séparait ensuite grâce à la marque qu'il leur avait faite.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Era assim, que, conforme ia correndo a eguada, cada gaúcho ia boleando o bagual que mais lhe agradava; às vezes saíam dois a um mesmo animal: aí, o que primeiro lhe sentava as pedras, era o dono.

Et c'est comme ça qu'au fur et à mesure que la battue avançait chaque gaúcho boléait le mustang qui lui plaisait : des fois, on était deux à choisir une même bête : alors, c'était au premier qui l'entraverait avec les pierres de sa boleadeira qu'elle appartenait.

Mas também, quanto porongo !... Quantas vezes, depois duma canseira, boleava-se e caía um potro lindo, cogotudo e bem lançado, e ia-se ver, era um colmilhudo, com cada dente como uma estaca... velho como o cerro do Batovi; ou era um mancarrão de montaria, aporreado e cuerudo ... outras vezes ainda... enfim, havia sempre embaçadelas!

Mais faut dire aussi qu'il y avait de ces rosses !... Combien de fois, après s'être bien éreinté, on lançait la boleadeira et un poulain superbe, à l'encolure puissante, élancé, s'écroulait et on allait voir, et c'était qu'une vieille carne, avec des dents comme des battoirs... vieille comme le mont Batovi ; ou bien c'était un canasson de cavalerie, plein de cicatrices et d'éparvins... d'autres fois encore... Bref, il y avait toujours de ces déconvenues !

Mas, como ia dizendo: quando a gente estava toda a cavalo e pronta, o estancieiro ou o encarregado distribuía os ternos, que espalhavam-se a todos os rumos, sobre as costas e rinconadas, para fazer a tocada de lá desses fundos.

Mais comme je disais : quand tout le monde était à cheval et fin prêt, l'estancieiro ou le chef de battue répartissait les hommes en ternos, en groupes de trois qui se dispersaient dans toutes les directions et gagnaient un flanc de colline et un fond de ravin, pour démarrer la battue depuis les postes qu'on leur avait attribués.

E daí a pouco já se levantavam os primeiros rumores... A bagualada estranhava aqueles movimentos; os colhudos começavam a relinchar, ajuntando, pastorejando as manadas; os entropilhados, farejando, entreparavam -se, arpistas; outras pandilhas, de cola alçada, iam num trotão dançado, bufando... e já cerravam numa correria em redondo e depois riscavam, campo fora...

Et peu après commençait à s'élever une rumeur sourde... Ces mouvements inquiétaient les bêtes ; les étalons se mettaient à hennir, regroupant, poussant les manades devant eux ; les bandes de chevaux de même robe, les tropillas, flairaient l'air et s'arrêtaient, nerveuses ; d'autres, la queue haute, se déplaçaient au grand trot, en s'ébrouant... et toutes ces bêtes finissaient par former des cercles en galopant, avant de détalier vers l'horizon...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Lá adiante, o mesmo barulho; noutra ponto, igual; dum rincão, numa trepada de coxilha, numa descida de canhada, rufando duma restinga, os lotes de eguações iam se encontrando, entreverando-se; os campeiros vinham chegando e a gritos, a cachorro, a tiro, ia-se tocando a bagualada de cada querência; de todos os lados cruzava-se a contradança, que se encaminhava sobre uma linha já combinada; e aos poucos ia crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redemoinhava, espirrava, tornava a embolar-se... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadas.

Mais là devant, même bruit ; et encore là-bas, pareil ; débouchant d'un défilé, grimant le flanc d'une colline, déboulant d'un ravin, surgissant d'un bois, les manades de chevaux regroupées autour d'un étalon se rejoignaient, se mélangeaient ; les vaqueiros arrivaient et, à grands cris, aidés des chiens et tirant en l'air, ils chassaient les animaux de leur refuge ; de tous les côtés, on se croisait comme dans une contredanse et on se disposait suivant une ligne combinée à l'avance : et peu à peu, le rodéo en mouvement grossissait, devenait plus compact, tourbillonnait, explosait puis refaisait boule... et soudain, il se formait dans cette masse une tête, une pointe, et alors tout ça détalait, faisant trembler le sol, avec un grondement dans l'air, comme une trombe.

Aí a gente entrava a manguear, aos dois lados, e então é que começava, de verdade, o divertimento! Arrematava-se três, quatro, cinco fletes; corria-se sem parar, seis, dez, doze léguas... e no fim estava-se folheiro!...

C'est là qu'on commençait à serrer les animaux, des deux côtés, et c'est à ce moment-là aussi qu'on commençait vraiment à s'amuser ! Chaque cavalier épuisait trois, quatre, cinq chevaux sous lui ; et on galopait sans s'arrêter, six, dix, douze lieues... Et à la fin, on se sentait tout fringuant !...

Barbaridade! Nem há nada como tomar mate e correr eguada!

Barbaridade ! Qu'est-ce qui vaut un bon maté et une battue de mustangs !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Amigo! Aquele novelo não se desmanchava mais; ao contrário, o que ia topando pela frente ou aos lados, de eguada, também corria e atirava-se, incorporando-se; na culatra ia ficando uma estiva de potrilhos, de flacos, de aplastados, dos que rodavam, dos que se quebravam e até dos que morriam pisoteados por aquela massa cerrada de cascos.

Camarade ! Cet écheveau n'en finissait pas de se demêler ; au contraire, les bêtes qui se trouvaient sur son chemin ou sur ses flancs, se mettaient à galoper et s'incorporaient à la masse en mouvement ; à l'arrière se formait un sillage de potrillos*, d'animaux affaiblis, ou fatigués, entre ceux qui boulaient, ou qui se cassaient une patte, ou même mouraient piétinés par la herse compacte des sabots.

E em cancha direita ou fazendo voltas largas, não se respeitava sanga, banhado, tacuru, panela de caranguejo, nem buraco de tuco-tuco; ia-se acamando as macegas, pisoteando cardais, esmigalhando as manchas de trevo, e ia-se sempre a meia rédea.

Et qu'on aille en ligne droite ou en faisant de grandes boucles, on n'avait que faire des ravines, des marais, des termitières, des terriers de crabe ou des galeries de tuco-tuco ; à qui mieux mieux on écrasait les épineux ici, piétinait les chardons là, foulait les trèfles plus loin, et toujours, toujours au grand galop.

Aí é que era o lindo!

Ah, c'est là que c'était beau à voir !

Os fletes montados, alevianados, corriam, alçados no freio; os tiros de bolas cruzavam-se nos ares... e aquilo era largar as três-marias sobre a paleta do escolhido e o bagual logo rodava, no enleio das sogas.

Les montures, qu'on avait allégées, couraient la tête dressée par les rênes tendues ; les tirs de bolas se croisaient dans les airs... et c'était à qui larguerait ses trois-maries sur la paleta* du bagual qu'il avait choisi et voilà ce dernier qui tombait, aussi sec, les pattes emmêlées dans les lanières des boleadeiras.

O gaúcho, apeava, ligava, tirava as boleadeiras e já se bancava de novo pra nova nombrada.

Et hop ! Le gaucho mettait pied à terre, liait la bête, récupérait ses boleadeiras et sitôt fait, sautait déjà en selle pour une autre prouesse.

Isto quando era por divertir.

Ça, c'était quand on s'amusait.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando era para tropa, o melhor era reunir os boleados; isso era ligeiro: com um talho de faca, por detrás, na raiz da orelha, esta caía pra diante, sobre o olho; o sangue também ajudava, porque escorria e se empastava nas clinas; e podia ser potro cru e malevaço, que ali no mais dava o cacho; podia fazer-se dele sinuelo.

Quand c'était pour la troupe, le mieux c'était de faire une écoussure aux chevaux qu'on avait immobilisé : ça n'entraînait pas ; un coup de coutelas par derrière, à la racine de l'oreille, et elle lui tombait en avant sur l'œil : le sang aussi aidait, parce qu'il coulait et se coagulait dans les cils : et ça pouvait bien être un poulain brutal et vicieux, qu'on en faisait aussitôt ce qu'on voulait en le tirant par la queue ; et on pouvait s'en servir alors de sinuelo* pour attirer les autres.

Quando era para limpeza, então tocava-se a eguada sobre um apertado qualquer, sobre uma sanga bem funda, grotta, manantial, sumidouro, e atirava-se aí pra dentro, para destroçar, para acabar, atirava-se aí para dentro toda a bagualada, que, do lance em que vinha, toda se afundava, amontoava, esmagava e morria, sem poder recuar, perdida pela sua própria brabeza, empurrada pelas pechadas dos que vinham, sarapantados, tocados de trás!...

Quand c'était pour nettoyer, alors là on poussait le troupeau vers un resserrement quelconque, un ravin bien profond, une combe, un trou d'eau, des sables mouvants, et on le faisait s'y précipiter ; pour les détruire, les anéantir, on y acculait toutes les bêtes ; elles, de la façon dont elles arrivaient pêle-mêle, s'enfonçaient, toutes, se montant les unes sur les autres, s'écrasant les unes sous les autres, agonisant, sans pouvoir reculer, toute cette masse perdue par sa propre sauvagerie, les bestiaux poussés par les coups de poitrail de ceux qui venaient derrière, emballés, affolés par la poursuite.

E o resto que se desguaritava e que se podia ainda apanhar a laço e bolas, esse, degolava-se.

Et ceux qui arrivaient à se décoller du lot et que l'on pouvait encore attraper au lasso ou avec les boleadeiras, ceux-là, eh bien on les égorgeait.

Dessa feita, nos campos do major Jordão matamos pra mais de seis mil baguais. E cada gaúcho, na despedida, foi tocando por diante a sua tropilhita nova.

Cette fois-là, sur les terres du major Jordão on a dû en tuer plus de six mille, de ces chevaux sauvages. Et chaque gaúcho, après la battue, est parti en plus de ça avec sa petite tropilla*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Hoje... onde é que se faz disso?

Aujourd'hui... Où est-ce qu'on fait encore ça ?

É verdade que há muita coisa boa, isso é verdade... mas ainda não há nada, como antigamente, tomar mate e correr eguada...

C'est vrai qu'il y a de bonnes choses, et beaucoup c'est vrai... Mais quand même, y a rien qui vaille, comme avant, un bon maté et une battue de broncos.

Xô-mico !... Vancê veja... eu até choro!...

Pssshhh quelle honte !... Voyez-moi ça... Il m'en vient les larmes aux yeux !...

Ah! tempo!...

Ah ! C'était l'bon temps !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº9. Histórias e História

Texto e pretexto: “Chasque do imperador”. Dimensão histórica dos relatos e da linguagem.

Foco do estudo tradutório: inclusão e entremeação da história em *Contos gauchescos*. Translação para a versão estrangeira dos recursos implementados em prol da visada “historizante” e historiográfica que percorre os contos.

“Quando foi do **cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65** e o **imperador Pedro II veio cá**, com toda a frota da sua comitiva, andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque.”

“Chasque do imperador” é um conto que, embora seja ambientado em tempo de guerra, não contém nenhuma cena de violência, e, por isto, proporciona certo alívio emocional no decorrer da leitura da coletânea. Apesar de se referir este caso de Blau Nunes a um episódio particularmente sangrento na história do sul do continente (a guerra do Paraguai), inclino-me a classificá-lo entre os relatos mais leves do conjunto, aqueles que atuam como intervalos de “*comic relief*” entre textos mais pesados (alguns especialistas da obra simoniana, como Flávio Loureiro Chaves, qualificaram sua tonalidade principal de “anedótica”, aliás sem desmerecer com isso o valor do texto). A narrativa é marcada pela evocação do imperador que aparece logo no título e, por isto mesmo, achei oportuno orientar o comentário dedicado a este texto para uma análise, mesmo que sucinta, da maneira como Simões incorporou uma dimensão histórica substancial à sua coletânea.

A dimensão historiográfica das palavras e nas palavras

O que me interessou em particular nesta questão da inscrição da história no texto dos *Contos gauchescos* é a maneira como se narra essa história inclusive através de uma escolha minuciosa das palavras que compõem os relatos. Um termo como ‘china’ por exemplo, sendo derivado de uma voz quíchua, já apontaria para o fenômeno histórico da difusão, pelos espanhóis e mestiços por toda a América Latina afora, de pequena parte do vocabulário dos incas e das populações que lhes eram subjugadas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

‘China’ é, com efeito, um termo que se encontra em quase toda a América hispano-falante, e, como se vê, também na América lusófona. Como se difundiu, por que se difundiu? De que circuitos se valeu para viajar de um espaço para outro? De certa maneira, eu diria que a pergunta está embutida no próprio vocábulo. Pois, ele sozinho conta efetivamente toda uma história. O mesmo vale, é claro, para qualquer que seja a categoria léxico-semântica a que pertence o termo, seja topônimo (história de ‘Canguçu’, por ex.) seja antropônimo (história de ‘Binga’), seja nome de animal (história de ‘Cabiúna’), etc.

Uma história americana

Parte dessas histórias concerne ao passado indígena. Enquanto artesão da construção de um mito fundador, de essência nativista, da identidade gaúcha “moderna” (moderna no sentido de lhe ser contemporânea), Simões ressaltou o passado indígena da região e, paralelamente a sua escolha de um caboclo para narrar e protagonizar seus contos, ele fez amplo uso de palavras derivadas das línguas indígenas. Significativamente, a proporção de palavras derivadas de idiomas africanos é bem menor, e talvez esteja ligada à própria representatividade das componentes étnicas na mimese dos *Contos* (e dos “africanismos” no português do Brasil em geral). Em todo caso, o que é indubitavelmente enfatizado até pelas escolhas linguísticas na escrita dos *Contos* e das *Lendas* é a dupla origem ibero-indígena, com relativa minorização do elemento africano – traço que, afinal de contas, (a exaltação de uma cepa em detrimento de outra) se encontra em grande parte do mundo americano (cf. o caso de México por exemplo).

Uma história pampiana

Por sua parte, os platinismos narram uma história permanente de contatos, alguns muito conflituosos (razias, invasões, guerras, ocupações, etc.), outros mais cooperativos, seja no plano dos intercâmbios culturais, seja no da colaboração comercial, quer legal, quer ilegal (cf. “Contrabandista”). Um dos problemas da conversão da linguagem bastante compósita que caracteriza a “receita” escritural dos *Contos* para uma variedade globalmente padronizada (seria, digamos, a variedade “escolar” do francês de França) é que esta conversão evacua a maior parte daquela “contaçoão” da história brasileira tal como se encontra embutida no vocabulário nacional e regional. Enfim, a palavra não surge do nada; não procede de alguma geração espontânea. Ela tem todo um percurso histórico e geográfico, social e cultural, que a modelou e modulou enquanto significante e significado à medida que se difundia pelo espaço e pelo tempo afora. Conquistou, foi raptada, resistiu, foi dominada, desapareceu, ressurgiu... Talvez.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

História de uma antropofagia linguística no próprio léxico

Por isso, cada uma delas nos conta uma história de conflitos (banzé...), conquistas, colonizações, deportações ('banzo'...), etc., mas também, e ainda bem que haja este lado algo "redimidor" do processo histórico, de resistências ('quilombo'...), de assimilações, combinações, intercâmbios ou cooperações ('mutirão'...). Em tal vocábulo se podem vislumbrar as entradas bandeirantes; nesse outro, como que por transparência, as rotas tropeiras se debuxam, que, junto com os homens, as bestas e as mercadorias, transportaram modalidades do dizer de um espaço do continente para outro (p.ex. da Banda oriental para o pampa gaúcho, e de lá para o cerrado mineiro, passando às vezes pelo *hub* de Sorocaba). Naquele outro, é o contrabando que desenha em filigrana seus circuitos clandestinos "num padrão esquisito, de feitiços estrambólicos" (p.ex. do Rio do Prata para o Rio grande do Sul). O que se vê nos textos escritos no Brasil a partir, notadamente, do começo do século XIX, é um pouco da ação fagocitária da língua do invasor.

Pois, semelhante percurso que fizeram as palavras ao se deslocarem de seu espaço de uso original para outros espaços e outras comunidades me parece ser uma componente essencial da vertente historiográfica inerente às escolhas lexicais. Inclino-me a pensar parte desse processo de difusão pelo território fora um pouco como um processo de contaminação. Os morfemas são os vírus, os locutores (tropeiros, contrabandistas, soldados, mascates, etc.) seus portadores. Acontecem fenômenos de rejeição, ingestão, destruição ou transformação e assimilação, e claro, mutações.

Ao se deparar nos *Contos* de Simões com palavras como 'maloca' que teria sido derivado do mapuche ou 'piola' (provavelmente do araucano?), ou ainda 'pampa', 'cancha' ou 'china' do quíchua, sem falar dos guaranismos, tupismos, africanismos, etc., só pode especular este tradutor sobre as razões pelas quais foram estas palavras, entre tantas outras possíveis, que penetraram o vocabulário brasileiro ou rio-grandense, como se contivessem dentro de si, iguais à semente que contém uma planta inteira, toda uma história para projetar. Infelizmente, é mais um aspecto difícil de se preservar no momento da conversão para outra língua, e sobretudo outra cultura. No quesito deste aldeamento linguístico dos idiomas nativos, por exemplo, não há como narrar em francês os périplos de termos como *cancha* (quíchua), *camote* (náuatle), *piola* (araucano), *maloca* (mapuche) etc. A tradução tende, pois, de modo geral, a tomar a palavra no estado e com o estatuto em que ela se encontra no momento de conversão, ou seja, um pouco como se fosse "algo" sem história.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em contrapartida, a palavra estrangeira que substitui o termo original traz sua própria história na medida em que o leitor capta, ao apreendê-la, de maneira mais ou menos conscientizada, fragmentos de processos de transformação (fragmentos de um passado), os quais podem ser tanto ligados às mutações na forma (p. ex. de uma palavra nativa para sua forma na língua dominante) ou no sentido, como acontece com os fenômenos de ressemantização das unidades lexicais em função de circunstâncias históricas que implicaram mudanças de ordem sociogênica (ex. *cabiúna*, ver comentário nº7, *china*, ver comentário nº11, etc.). Acontece que esta dimensão historiográfica da palavra escolhida na língua alvo não necessariamente recobre a dimensão homóloga na língua fonte. Sem falar das mudanças destas dimensões respectivas em função do momento de enunciação. O passado que pode evocar tal ou tal palavra não será o mesmo para todo mundo, e certamente, não será o mesmo para um locutor ou interlocutor de hoje ou de cem anos atrás.

Parentesco entre línguas e experiência comparativa na história da colonização das Américas

Em se tratando de dois idiomas pertencentes ao conjunto das línguas românicas, é verdade que o francês possui esta vantagem sobre o italiano já que a França teve empreendimentos coloniais próprios nas Américas¹⁴⁰.

Daí, houve fenômenos, nesta passagem para a língua dominante de vestígios linguísticos da eliminação dos índios, que são incontestavelmente semelhantes, *mutatis mutandis*, ao que aconteceu no Brasil ou no espaço hispano-americano. Entretanto, para a maior parte destes “vestígios¹⁴¹” no presente (relativo) de um passado mais ou menos visível, mais ou menos encoberto, eles ficaram enquanto vocabulário próprio de variedades locais da Guiana Francesa ou das Antilhas (Martinica e Guadalupe), fora alguns raros vocábulos como *jaguar* ou *ananás* que acabaram integrando o léxico nacional. Estes vocábulos apresentam a particularidade de ser compartilhados por léxicos de vários países com idiomas nacionais diversos. Passaram para práticas languageiras de um e outro país mediante a fonte comum dos idiomas da família tupi-guarani, ou seja idiomas das populações que residiam nas terras que foram conquistadas e colonizadas.

¹⁴⁰ Em compensação, há muitas áreas nas quais o italiano aparece mais próximo do português ou do espanhol do que o francês: acentos tônicos, uso dos diminutivos e aumentativos, etc.

¹⁴¹ Algumas palavras são testemunhas de populações que desapareceram quase que por completo (ex. o Caribe nas línguas crioulas das Antilhas); outras depõem sobre o processo de integração de populações deportadas (ex. *iorubá* ou *quimbundo* no português do Brasil); outras ainda assinalam contatos fronteiriços entre duas línguas dominantes. Todas trazem particularidades vinculadas à natureza da sua assimilação pela língua maior.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Bom, o que quero dizer é que talvez seja mais fácil para um leitor francófono do que para um leitor italiano, por causa da história respectiva de seus países (tal como supõe-se que se transmita ou ensine na escola), relacionar-se com a influência das culturas indígenas sobre as culturas europeias que se apoderaram das Américas. Talvez o leitor francês tenha ouvido falar da colonização do Québec e da Louisiana e do papel dos nativos na história desta colonização; talvez tenha lido alguma obra em francês de cunho ou temática indianista (*René* ou *Atala* ou *Les Natchez* de Chateaubriand); talvez saiba da existência na Guiana Francesa, ou seja, em território ainda francês, pelo menos de cinco “nações” índias diferentes, etc.

Entretanto, apesar desta vivência ou história de vivência mais ou menos compartilhada pelas coletividades representadas pela língua fonte e a língua alvo, seria provavelmente questionável a prática de substituir aos termos procedentes do quíchua, por exemplo, termos de significados mais ou menos semelhantes tomados emprestados do Caribe (em se falando das famílias linguísticas assim denominadas). O mais próximo da situação brasileira (deixando de lado o caso do pampa) que se possa encontrar no espaço cultural francófono, seria a influência do tupi nas práticas languageiras da Guiana Francesa – isto relativamente à história dos contatos entre os “forasteiros” e as populações indígenas no processo de colonização das terras americanas, sendo que o panorama se complica ainda mais se se levam em conta outros aportes, como os das línguas das populações deportadas ou das levas de imigrantes¹⁴².

Contudo, para a maior parte dos franceses, o mundo caboclo retratado por Simões, é “realmente” outro mundo e, certamente, a relação que eles poderão ter ou desenvolver para com este aspecto específico da dimensão histórica, seja ou não inscrita diretamente na linguagem, será necessariamente muito afastada da relação que o leitor brasileiro (dependendo do espaço e da época é claro) for capaz de tecer com a “herança” ameríndia inscrita na sua cultura¹⁴³.

¹⁴² É verdade que falo pouco neste trabalho da presença de palavras de origem africana no texto de Simões e da questão da sua transferência. Como expliquei, eu não podia ser exaustivo na minha investigação e, dado o contexto ideológico em que se enquadram os *Contos gauchescos*, e a decorrente (?) representatividade bem maior dos indigenismos em relação aos “africanismos” no texto, escolhi focar o fenômeno da inscrição do tupi-guarani no texto de Simões quando me debrucei sobre as configurações de superposições de línguas.

¹⁴³ Obviamente, além do processo de desapossamento dos nativos que contribuiu (ou tem contribuído) para que alguns elementos de seus idiomas sejam comuns às línguas dos conquistadores/colonizadores, o da deportação dos africanos, parcialmente em função das regiões de onde vinham os escravos levados para os grandes centros de venda no litoral, também marcou muito a formação das culturas americanas no seu conjunto (espanhóis, holandesas, francesas, inglesas, portuguesas).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estive falando principalmente aqui em função da forma do signo, e da aptidão desta forma para remeter a uma história. Entretanto, o problema da translação da historicidade do signo, inclusive daquela historiografia que o signo transporta “diferencialmente” (enquanto unidade discreta), não diz somente respeito ao significante.

Da história dos significantes à dos significados. Outros percursos

Uma das maneiras como a história se manifesta no processo tradutório tem a ver, pois, com a datação das acepções. Darei um exemplo aqui.

Ao se sentir livre após o pai ter cortado sua trança, Rosa, diz o narrador Blau Nunes, “disparou mato dentro, como uma anta”. Ora, dada a tendência esbanjadamente demonstrada por Simões para se valer do jogo com as palavras nos seus textos (ver em particular seu teatro), interroguei-me sobre a escolha da palavra ‘anta’. Claro que o significado tem tudo a ver com a situação, mas a minha interrogação verteu, sobretudo, sobre a possibilidade de ‘anta’, além de se encaixar na vertente zoomórfica que magnetiza a organização elemental do texto, conectar-se também com a palavra ‘pateta’; isto, pelo fato de nosso termo possuir, além da referência a uma espécie animal bem definida (*Tapirus terrestris*), uma acepção conhecida que vai no mesmo sentido do que o significante ‘pateta’ na mesma frase.

Ora, não dispomos nem em português nem em francês de ferramentas da envergadura do *Oxford English Dictionary*, fruto de um projeto quase que megalomaniaco de lexicógrafos malucos, o qual tentou abarcar, de maneira exaustiva, a história dos vocábulos do inglês no Reino Unido desde sua aparição na linguagem escrita até seu emprego contemporâneo.

Claro, sempre existe a possibilidade de o tradutor procurar “modernizar” a linguagem na versão estrangeira, o que se dá inevitavelmente, de maneira ou outra, uma vez que a tradução se efetua com decalagem temporal significativa e que o lugar e o momento em que se encontra o tradutor na história das mentalidades, por razões históricas e geopolíticas (culturais), obviamente diverge do em que se encontrou o escritor quando compôs sua obra. Resulta também desta decalagem que o tradutor, por mais empenhados que sejam seus esforços no sentido de se aproximar do contexto histórico-linguístico da narrativa original (no caso de esse tradutor visar uma transposição/projeção – ou retroprojeção – para um mesmo intervalo temporal de ambientação e de produção), dificilmente poderá emular a relação que pode ter havido entre o texto original e seus leitores, também originais, e nem sei se isto seria uma prática viável do ponto de vista das possibilidades de edição da versão estrangeira.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Bom, voltando para a “anta fria”, pude constatar que os dicionários consultados não supriam nenhuma informação quanto ao momento no qual a acepção em pauta (“4. Regionalismo: Brasil. Uso: informal. indivíduo de inteligência limitada; burro, estúpido” – Houaiss) surgiu nas práticas de uso da língua. Diante desta ausência de datação da acepção, não houve outro remédio do que conduzir um pequeno inquérito de ordem histórica¹⁴⁴.

Agora, se a acepção em questão (anta = pateta) tivesse sido vigente no tempo de Simões, seria mesmo muito estranho que uma corrente político-artística como o movimento verde-amarelo tivesse escolhido justamente a anta como símbolo (cf. “a escola Anta”) de suas aspirações e postulados ideológicos. Esta constatação fez com que não insistisse em explorar aquela pista de uma possível polissemia da palavra ‘anta’ no texto de “Os cabelos da china”. Cumpre ressaltar que o mesmo tipo de pergunta, a respeito da pertinência de tal ou tal acepção, veio à tona em relação com diversos outros termos, como ‘veado’, por exemplo, que aparece notadamente em um texto envolvendo, mesmo que sorrateiramente, fragmentos de um discurso sobre a conceptualização, ideologização e representação das identidades de gênero.

A historização da linguagem, fenômeno inevitável, é, aliás, um fator de complicação para a leitura de hoje, na medida em que afeta a maior parte dos campos lexicais. Assim, houve mudanças na linguagem no que diz respeito aos aperiros porque muitos dos aperiros mudaram desde os tempos de Blau ou mesmo de Simões, devido, por exemplo, a mudanças na arte de montar a cavalo ou simplesmente de se usar o cavalo na lida campeira. Excuso é dizer que os fenômenos de ressemantização concernem em igual proporção a outras categorias do vocabulário como, por exemplo, a dos politônimos, (obviamente – farrapo, camelo, caramuru, etc.), mas também a dos etnônimos que lhe é, amiúde, intricadamente vinculada (galego, ilhéu, etc.). O índio dos *Contos gauchescos* como já se tem apontado com frequência, inclusive nas traduções do poema de Hernández para o português do Brasil, não é o índio do *Martín Fierro*. Já na época de Blau e a fortiori na de Simões, os índios “bravos” quase que tinham completamente desaparecido, dizimados em particular pelas doenças ou simplesmente assimilados pela cultura colonizadora, ou pelo menos aldeados e colocados de lado.

¹⁴⁴ É aqui que ferramentas de linguística de corpus poderiam se revelar muito úteis. Caberia, neste caso específico, estudar um corpus bastante relevante da língua brasileira na virada do século XIX para o século XX, identificar mediante os sistemas de concordâncias integrados ao aplicativo uma amostra expressiva de uso da palavra ‘anta’. A ausência do emprego da palavra com o significado pesquisado confirmaria a relevância ou irrelevância do questionamento. Mesma coisa para ‘veado’, etc. cuja interpretação pode ser problemática, segundo os contextos, pelo risco de cometer um anacronismo na consideração de suas acepções.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Isto faz com que não seja assim tão lógico traduzir o ‘índio’ dos *Contos gauchescos* por ‘indien’ na versão francesa, termo que remeterá, para a maior parte dos leitores franceses ao índio não mestiçado, enquanto ‘índio’ na voz de Blau Nunes, o mesmo finalmente que ‘caboclo’ ou ‘chiru’, designa essencialmente, no quadro mimético dos *Contos*, o mestiço de europeu e de indígena. Aliás, em se falando da representação do nativo na obra de Simões, repara-se que aquele índio “bárbaro” retratado pelo narrador no poema de Jose Hernández somente aparece de maneira extremamente fugitiva em todos os *Contos*. Assim, tipicamente, em “No Manantial”, esse indígena “puro-sangue” não é referido por Blau como ‘índio’, mas como “bugre”¹⁴⁵. Fora isso, o índio não aldeado (“europeizado”) só entra como comparante em alguns símiles aqui e acolá “rastreava como índio” (“O Anjo da Vitória”), etc. e, é claro, naquela informação de Blau a respeito da avó charrua que encontramos em *Lendas do Sul* e que sela o caráter caboclo da representação da personagem principal dos *Contos*.

Caberia assinalar, no âmbito destes sumários apontamentos sobre a historização do significado das palavras, alguns gentílicos em particular, cujo sentido talvez não seja tão evidente à primeira leitura (pelo menos para um leitor forasteiro como eu), tal aqueles ‘baianos’ a que se refere Blau Nunes em “Chasque do imperador”: “tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel... Vossa excelência mandou-me dormir e comer na sua barraca, e no outro dia me regalou um picaço grande, mui lindo”¹⁴⁶. ‘Baiano’, antes de designar um soldado procedente do estado da Bahia, é mais provavelmente usado por Blau neste contexto para qualificar um soldado “de a pé” – sendo que muitos baianos devem ter sido recrutados para reprimir as revoltas que aconteciam em diversas porções do Brasil e que esses tais baianos integravam em geral regimentos de infantaria (cf. a famosa distinção entre os cavaleiros gaúchos e os jagunços feitas pelo narrador nos *Sertões* de Euclides da Cunha).

No que diz respeito à relação entre o léxico e a história, haveria igualmente de se considerar as frases feitas, em função, notadamente, de uma eventual evolução semântica, mas, sobretudo, de seu grau de lexicalização, sendo que algumas ficaram, outras sumiram, ainda outras se modificaram, etc., foram dicionarizadas ou ainda estão dicionarizadas... Ou não. Afinal, as locuções, qualquer que seja seu cumprimento ou sua complexidade, constituem unidades lexicalizadas por si mesmas e merecem tratamento semelhante ao que é dado a palavras “isoladas” (unidades lexicais não compostas) no processo tradutório.

¹⁴⁵ Blau até alude ao que sabemos ter sido uma causa maior de mortandade nas tribos índias: a bexiga preta.

¹⁴⁶ O detalhe do cavalo regalado realçaria o contraste entre os soldados do norte, de infantaria, e do sul, de cavalaria.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Questões de datação

Muitas palavras, na narração de Blau Nunes, são conspicuamente marcadas por sua “idade”. Reportam-nos a tempos passados, quando os nomes das coisas eram diferentes porque as próprias nomenclaturas e os sistemas e os processos a que se atinham eram diferentes, ou simplesmente porque as próprias coisas eram diferentes. É o caso, entre outras, de palavras como as que indicam o estatuto administrativo de um território ou de uma aglomeração, ‘continente’, ‘província’,¹⁴⁷ ou ‘vila’,¹⁴⁸, ou mesmo de topônimos que mudaram de nome (Vila Rica de Ouro Preto que se tornou Ouro Preto), de apelações ligadas a um contexto histórico específico, como ‘reinóis’, ‘continentistas’, de termos designando ofícios ou medidas de gestão administrativa também referentes a uma época particular, como ‘capitão-general’, ‘sesmarias’.

Quem governava aqui o **continente** era um chefe que se chamava o **capitão-general**; ele dava as **sesmarias**, mas não garantia o pelego dos **sesmeiros**...

[...] Naquela era, a pólvora era **do el-rei nosso senhor** e só por sua licença é que algum particular graúdo podia ter em casa um polvarim... Também só **na vila de Porto Alegre** é que havia baralho de jogar, que eram feitos só na fábrica do rei nosso senhor, e havia fiscal, sim senhor, das cartas de jogar, e ninguém podia comprar senão dessas!

Transfiguração artística de um léxico efetivamente “datado” (de uso mais ou menos associado a um período específico no passado).

Pois bem, boa porção do léxico de Blau Nunes corresponde a práticas de uso da língua já extintas há tempo, nem que seja porque remetem a fenômenos ou objetos que desapareceram de nossas vidas atuais (p.ex. objetos especiais para a lida, para o jogo, para a guerra, etc.). Essa porção, pois, sempre necessitou alguma investigação por parte do tradutor empenhado em se certificar do sentido exato das palavras no seu contexto. Um dos aspectos, digamos, ‘redentores’ da arte é de ressuscitar o passado, deixando-o vivido e vívido para o espectador, ouvinte, leitor, etc., de sorte que o objetivamente obsoleto se torna subjetivamente inovador. Parece-me ter sido o caso com a arte de Simões Lopes Neto.

¹⁴⁷ Há sete acepções registradas no Houaiss, mas a que convém é aquela com sentido mais preciso. O termo “province” em francês arrisca não traduzir com justeza o sistema de divisão territorial e administrativa vigente no território e na época em questão. Houaiss “3 Rubrica: história. No Brasil imperial, cada uma das grandes divisões administrativas, que era governada por um presidente Ex.: p. de São Paulo, de Minas Gerais, etc.”

¹⁴⁸ Há todo um processo de progressão do status administrativo dos agrupamentos (aglomerações, aldeamentos, ...) humanos que pode se acompanhar através da evolução de suas designações, ‘freguesia’, ‘vila’, ‘cidade’. ex. ‘vila’: “1 povoação de categoria inferior a uma cidade, mas superior a uma aldeia” (Houaiss)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Algumas das práticas sociais, como o castigo dos escravos, o tratamento dos indígenas, etc. foram disseminadas em toda a extensão do território; mas outras foram mais específicas do sul. Algumas se cruzaram, como o costume bárbaro de estaquear o castigado, que se aplicou tanto aos escravos em todos os países que tiveram um sistema escravocrata quanto aos soldados presos ou rebeldes no pampa. Outras ainda se encontram (ou se encontraram) tanto nas Américas quanto na Europa. O costume de reunir os animais, por exemplo, pode ser observado ainda hoje na Camarga, mesmo que sob uma forma diferente daquela descrita nos *Contos* – a Camarga sendo uma região do sul da França onde tem sido de praxe fazer um sinal na orelha dos touros para indicar a que estância pertenciam.

Pois bem, é indubitavelmente relacionada às considerações sobre a dimensão histórica, ou historiográfica, do texto literário esta necessidade de se investigar um vocabulário específico, como ‘cambão’, ‘estaquear’, etc., conectando-os com os usos e costumes, a própria história, das sociedades retratadas.

Ressemantização do léxico de uma época para outra

Cumprir observar também que muitas palavras viram seu sentido mudar com o tempo, o que, de certa maneira, está igualmente vinculado com a dimensão histórica da escrita. A nomenclatura das designações das cores do cavalo, por exemplo, não é a mesma nos haras de hoje do que era no começo do século XX. Este tipo de detalhe, é uma evidência, faz com que a idade dos leitores tenha papel relevante na apreensão do texto.

Outro subcampo lexical, entre outros, no qual foi preciso fazer verificações especiais, é o que correspondendo ao vocabulário usado para se referir à organização da hierarquia militar, sendo que tal ou tal grau, ou tal ou tal designação de grau, seja no exército francês, seja no exército brasileiro, não tem o mesmo sentido hoje do que podia ter na época a que se referem os *Contos gauchescos*. Por isto, bem como relutei em traduzir ‘zaino’ por ‘zain’ ou ‘ruano’ por ‘rouan’, decidi não substituir o “fourriel” original pelo “fourrier” francês, termos que, na época de ambientação dos *Contos* correspondiam a posições hierárquicas e funções distintas no exército, com o possível agravante de que as classificações (aqui as divisões em postos de comando no exército) nunca tenham sido idênticas de um país para outro. Um caso exemplar seria o termo ‘*commandant*’ que, em francês atual, corresponde a uma patente (entre *capitaine* e *lieutenant-colonel*), enquanto o termo ‘comandante’ no Brasil de Blau Nunes servia para designar quem estava em exercício de comando, qualquer que fosse a patente.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Uma história popular?

O universo gauchesco de Simões pode parecer à primeira vista, como o próprio pampa, bastante monótono e limitado. Mas, logo se dá conta que, como se diz em inglês, *there's more to the picture than meets the eye*.

Neste pampa de horizonte infinito, são chinãs, chirus, morochas, piás, peões, posteiros, estancieiros, zainos, picaços, ruanos, tostados, graxains, avestruzes, etc., que se movimentam, enquanto a narrativa dá voz a uma grande diversidade de personagens que não se costumava (e não se costuma ainda) destacar nas histórias oficiais. Nisto, nesta escolha de um pobre vaqueano para narrar seus contos e de personagens que, na sua maioria, são camponeses de condição humilde, Simões mandou vir para os *Contos gauchescos* sua própria visão do que era a história.

Não há, a priori, real dificuldade para o tradutor nos nomes de grandes figuras, nomes de campos de batalha, datas, etc., que se transferem assim mesmo, mas claro sem as suas ressonâncias (de per si e entre si), para a versão estrangeira. São elementos de uma historiografia a que estamos acostumados, de heróis, vilões, façanhas ou desastres. O que pode ser difícil, em contrapartida, é levar em conta uma história que se ate à descrição dos detalhes da vida cotidiana do povo, história que se inscreve através de palavras selecionadas justamente em função de sua “carga” historiográfica, história também que corresponde, em última análise, ao que Simões se propunha a si mesmo nessa sua dupla tarefa de escritor e de pedagogo.

Conclusão: deixando a palavra para o próprio Simões.

Para concluir este comentário, pareceu-me vir a calhar a seguinte citação na introdução de outro texto de Simões, *Terra gaúcha*, obra que também objetivou reunir no mesmo afã as três vertentes – historiográfica, literária e didática – que se combinam com tanta harmonia na composição dos *Contos*. O texto é interessante para o leitor dos *Contos* porque deixa vislumbrar com bastante clareza quais eram os objetivos do mestre no sentido de uma releitura e reescritura da historiografia rio-grandense, e notadamente, seu anelo de participar da elaboração de uma historiografia que levasse mais em conta a imensa contribuição dos anônimos para o processo de configuração social, étnica, econômica, enfim, política (no sentido mais amplo da palavra) da nação brasileira.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ora, porção substancial do programa que Simões definiu e colocou no prefácio de *Terra gaúcha*, o escritor, no meu entendimento, colocou-a em andamento e implementou-a na composição de sua obra literária e particularmente seus contos.

A escrita dos *Contos*: um negócio da china...

De resto, não é por acaso que os *Contos gauchescos* e as *Lendas do sul* são considerados sua obra mestra. O que talvez ele não tenha conseguido expressar com maior pungência como pedagogo (*Artinha de leitura* e *Terra gaúcha: histórias de infância*), historiador (*Terra gaúcha*), folclorista (*Cancioneiro guasca*), etc., a literatura deu ao escritor o ensejo de se expressar através do meio que melhor lhe correspondia: a arte... transformando seu trabalho obscuro em visão luminosa.

A história segundo João Simões Lopes Neto

“Critério

A minguada literatura histórica rio-grandense pousa na feição biográfica, caracterizando-a sobretudo no duplo aspecto militar-político, daí, a crença generalizada de que “só são dignos da História o valor que se sagra nas batalhas e a ambição que sobe até o poder”.

As outras atividades sociais que elaboram a cultura e o bem-estar público, que formam e modificam costumes e ideias, que dão força e prestígio e constituem a vida estável da concidadania, e que, sem ruído nem aparato, vão vagarosamente fazendo-nos mais ilustrados, mais prósperos, mais felizes, essas atividades têm sido relegadas para um plano secundário; e, fora de contestação, quando elas faltam, toda glória militar é impossível. Nulo qualquer labor político.

É pois a trama coletiva o que forma o acervo da História, que não tem por escopo distribuir graças ou apodos entre os homens; ela se limita – serena – a coordenar e expor os sucessos eficientes que a ham impulsionado ou influído sobre a marcha progressiva de uma comunidade social.

E se o nome próprio surge com frequência em suas páginas, não é considerando os indivíduos como tais, porém como expoentes ou executores de tendências, aspirações e propósitos coletivos que podiam haver se encarnado em quaisquer outros e haver sido por esses realizados.

Em suma, pois, a História não se concebe mais – primordialmente – como uma exposição – comentada – de sucessos políticos e de aventuras guerreiras, em que intervieram grandes homens, porém, sim – e racionalmente, – como um conjunto orgânico de atividades de toda espécie, que contribuíram para modificar as condições de vida de um país ou região, através do tempo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Rustrear as nossas origens como povo, mentir as dificuldades vencidas, salientar os fatores benéficos e, do mesmo passo, observar as manifestações das resultantes, é um estudo que dá força ao espírito, inspira ao coração generosas aspirações e à consciência confiança na própria energia, o que, tudo faz amar mais e servir melhor o torrão doméstico, que outras gerações amaram e serviram em proveito nosso.

Tal parece-nos a missão educativa da História: tal, o critério que anima este obscuro trabalho.” (João Simões Lopes Neto, prefácio de *Terra gaúcha*)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº9 - CHASQUE DO IMPERADOR

CHASQUE DE L'EMPEREUR

- Quando foi do cerco de Uruguaiana pelos paraguaios em 65 e o imperador Pedro 2º veio cá, com toda a frota da sua comitiva, andei muito por esses meios, como vaqueano, como chasque, como confiança dele; era eu que encilhava-lhe o cavalo, que dormia atravessado na porta do quarto dele, que carregava os papéis dele e as armas dele.

- Quand les Paraguayens ont assiégé Uruguaiana en 65 et que l'empereur Pedro II est arrivé jusqu'ici avec toute sa suite, j'ai sillonné toute la région, comme pisteur, comme estafette, — chasque qu'on disait— et aussi comme homme de confiance; c'est moi qui sellais son cheval, moi qui dormais en travers de sa porte, moi encore qui transportais ses papiers et ses armes.

Começou assim: fui escalado para o esquadrão que devia escoltar aquele estadão todo.

Tout a commencé quand j'ai été désigné pour servir dans l'escadron qui devait escorter toute cette crème du gouvernement.

Quando a força apresentou-se ao seu general Caxias, o velho olhou... olhou... e não disse nada.

Quand l'escadron s'est présenté devant le général Caxias, le vieux nous a regardé... regardé... et n'a pas pipé mot.

Cada um, firme como um tarumã; as guascas, das melhores, as garras, bem postas, os metais, reluzindo; os fletes tosados a preceito, a cascaria aparada... e em cima de tudo, - tirante eu - uma indiada macanuda, capaz de bolear a perna e descascar o facão até pra Cristo, salvo seja!...

Chacun de nous droit comme un tronc de taruman; le cuir des harnais, du meilleur, la sellerie, impeccable, le métal, flamboyant; les chevaux, étrillés comme pour la parade, et les sabots bien curés... et surtout, moi à part, une bande de gauchos n'ayant pas froid aux yeux, capables de mettre pied à terre et de dégainer leur sabre y compris au nom du Christ, amen !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois o velho olhou..., olhou..., e ficou calado. E calado saiu.

Donc, le vieux regarde, ... regarde..., et se tait. Et puis il s'en va, sans avoir dit un mot.

O tenente que nos comandava, relanceou os olhos como numa sufocação e berrou:

Le lieutenant qui nous commandait parcourt la troupe du regard avec l'air de quelqu'un en train de s'étouffer et braille :

- Firme!

- Garde à vous !

E dando um torcicão forte na banda, começou a mascar a pêra, furioso.

Et tirant violemment sur sa ceinture d'officier, le voilà qui commence à mordiller sa barbiche, l'air furibond.

E ali ficamos; de vez em quando um bagual escarceando, refolhando, escarvando...

Et nous, immobiles, tandis que de temps à autre, un bagual renâcle ou piaffe ou gratte le sol du sabot.

Daí a pouco, de em frente, das casas, veio saindo uma gentama, muito em ordem, de a dois, de a três.

Au bout d'un moment, devant nous, sort des bâtiments tout un tas de gens, bien en ordre, par deux ou par trois.

Na testa vinha um homem alto, barbudo, ruivo, de olhos azuis, pequenos, mas mui macios. A esquerda dele, dois passos menos, como na ordenança, o velho Caxias, fardado e firme, como sempre.

À leur tête venait un homme de haute taille, barbu, les yeux bleus, petits mais très doux. À sa gauche, à deux pas derrière, comme si c'était son ordonnance, le vieux Caxias, en uniforme et droit comme un i, comme toujours.

O outro, o ruivo, assim a modo um gringo, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas.

L'autre, le rouquin, on aurait presque dit un gringo car il était habillé tout de noir, avec une capote en gabardine à col en velours, et des bottes à la russe, sans éperons.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pela pinta devia ser mui maturrango.

À le voir, ça devait être un piètre cavalier.

Não trazia espada nem nada, mas devia ser um maioral porque todos os outros se apequenavam pra ele. Quem seria?...

Il ne portait pas d'épée ni rien d'autre, mais ça devait être un grand chef parce que tous les autres se faisaient petits à côté de lui. Qui ça pouvait être ?

O tenente descarregou umas quantas vozes; e nós estávamos como corda de viola!...

Alors, le lieutenant s'est mis à crier une série d'ordres; et nous, raides comme des piquets !...

O ruivo passou pela nossa frente, devagar; mirou um flanco e outro, e falou com o velho, mostrando um ar risonho no rosto sério.

Le rouquin passe devant nous, lentement, regarde un flanc puis l'autre, et parle avec le vieux, et il a un air rieur sur son visage sérieux.

O velho acenou ao tenente, que tocou o cavalo e firmou a espada em continência.

Le vieux fait un signe de tête au lieutenant, qui fait avancer son cheval et salue en présentant son épée.

Então o ruivo disse:

Alors le rouquin lui dit:

- 'Stá bem, sr. tenente; estou satisfeito! Mande-me aqui um dos seus homens, qualquer...

- C'est bien, lieutenant: ces hommes me conviennent. Appelez-en un, n'importe lequel...

O tenente bateu a espada e deu de rédea, e parou mesmo na minha frente... eu era guia da fila testa.

- Le lieutenant présente à nouveau son épée, fait pivoter son cheval et s'arrête juste devant moi... qui était chef de file du premier rang.

- Cabo Blau Nunes! Pé em terra! Um!... Dois!...

- Caporal Blau Nunes! Pied à terre ! Un !... Deux !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estava apeado e perfilado, com a mão batendo na aba levantada do meu chapéu de voluntário.
J'étais debout et au garde à vous, la main en équerre sur l'aile de mon chapeau de volontaire de la patrie*.

- Apresente-se!

- Présentez-vous !

E baixinho, fuzilando nos olhos, boquejou-me:

Et, tout bas, me fusillant des yeux, le lieutenant me dit dans un grognement:

- aquele é o imperador; se te enredas nas quartas, defumo-te !

- celui-là, c'est l'empereur, fais l'imbécile et je te réduis en charpie !

Ora!... Caminhei firme e quando cheguei a cinco passos do ruivo, tornei a quadrar o corpo, na postura dos mandamentos.

Eh bien ça !... j'avance fermement et quand j'arrive à cinq pas du rouquin, je me mets au garde-à-vous.

Aí o velho Caxias perguntou:

À ce moment, le vieux Caxias me demande:

- Sabes a quem falas?

- Tu sais à qui tu parles?

- Diz que ao senhor imperador!

- On dit qu'c'est l'empereur!

- Sua majestade o imperador, é que se diz.

- Sa majesté l'empereur, voilà ce qu'on dit !

- A sua majestade o imperador!

- Sa majesté l'empereur !

Vai então, o tal, que pelo visto, era mesmo o tão falado imperador, disse, numa vozinha fina:

Alors, celui-là qui, à en juger par les apparences, était donc cet empereur dont on parlait tant, dit d'une petite voix fine :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Bem; cabo, você vai ficar na minha companhia; há de ser o meu ordenança de confiança. Quer?...

- C'est bon caporal, vous allez rester en ma compagnie : vous serez mon ordonnance et mon homme de confiance. Ça vous va ?...

- O senhor imperador vai ficar mal servido: sou um gaúcho mui cru ; mas para cumprir ordens e dar o pelego, tão bom haverá, melhor que eu, não!

- Son excellence va être mal servie : j'suis qu'un gaucho mal dégrossi ; par contre pour remplir les ordres et risquer sa peau, sôr qu'y en a d'aussi bons qu'moi, mais pas d'meilleurs !

Aí o homem riu-se e o velho também. E vai este indagou:

Sur ce l'homme se met à rire et le vieux aussi, qui me demande :

- Conheces-me?

- Tu me connais ?

- Como não?!... Desde 45, no Ponche Verde ; fui eu que uma madrugada levei a vossa excelência um ofício reservado, pra sua mão própria... e tive que lanhar uns quantos baianos abelhudos que entenderam de me tomar o papel... Vossa excelência mandou-me dormir e comer na sua barraca, e no outro dia me regalou um picaço grande, mui lindo, que...

- Ah ça, pour sôr !... Depuis 45, à Ponche Verde; c'est moi qui un matin à l'aube ai apporté à votre excellence un pli scellé à vous remettre en main propre.. et il m'a fallu sabrer deux ou trois fantassins trop curieux qui s'étaient mis en tête de m'arracher le papier... Son excellence m'a fait dormir et manger dans sa tente et le jour suivant m'a offert un grand cheval picaço, très joli, qui...

- Bem me parecia, sim... E ainda és o mesmo homem?

- C'est bien ce qu'il me semblait... Et tu es donc cet homme-là ?

- Sim, sr., com algum osso mais duro e o juízo mais tironeado!

- Oui monsieur, avec un ou deux os plus durs et un peu plus de jugeotte.

- É que sua majestade vai precisar de um chasque provado, seguro... há perigo, na missão...

- C'est que sa majesté va avoir besoin d'une estafette qui a fait ses preuves, quelqu'un de sôr... car la mission est périlleuse...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Uê ! seu general!... Meu pai e minha mãe hoje, é esta!

- Ah ça ! Mon général !... Mon père et ma mère, aujourd'hui, c'est eux !

E beijei a minha divisa de cabo.

Et je baisais mes galons de caporal.

O imperador pôs a mão no meu ombro e disse:

Alors l'empereur me pose la main sur l'épaule et me dit:

- Estimo-te. Podes ir... e cala-te.

- Tu me plais. Tu peux disposer... et pas un mot.

E vancê creia... - que diabo! - tive um estremeção por dentro!...

Et vous me croirez ? Diable ! J'en ai senti comme un grand frisson en dedans !

Eu pensava que o imperador era um homem diferente dos outros... assim todo de ouro, todo de brilhantes, com olhos de pedras finas...

Moi qui pensais que l'empereur, c'était un homme pas comme les autres... moi qui le voyais tout en or, tout en diamants, avec des yeux en pierre précieuse...

Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como quera ... uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão !... Isso é que era!...

Eh bien non monsieur ! C'était un homme de chair et de sang, comme les autres... mais tout de même... avec un visage si sérieux... et une façon à lui à la fois si tranquille et si autoritaire, qu'il laissait tout le monde docile comme un cheval à qui on peut laisser la bride traîner par terre. Oui monsieur, c'est comme ça qu'il était.

Fiz meia-volta e fui tomar o meu lugar; o esquadrão desfilou, apresentando armas e fomos acampar. Logo a rapaziada crivou-me de perguntas... mas eu, soldado velho, contei um par de rodélas, queimei campo a boche, mas não afrouxei nada da conversa; não vê!...

Bon, j'ai fait demi-tour et je suis retourné à ma place ; l'escadron a défilé, a présenté les armes et nous sommes partis monter notre bivouac. Alors les camarades commencent aussitôt à me cribler de questions... et moi, vieux soldat, je leur raconte une ou deux fariboles, je les promène tant et si bien, mais je ne dis mot de la conversation ; Qu'est-ce qu'ils croyaient ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De tardezita já entrava de serviço.

En fin d'après-midi, je prenais déjà mon service.

A não ser nas conversas particulares daqueles graúdos - pois tudo era só seu barão, seu conselheiro, seu visconde, seu ministro -, eu sempre via e ouvia o que se passava.

À part les conversations particulières entre les gradés —car c'était tout du monsieur le baron par ci, du monsieur le conseiller par là, monsieur le vicomte, monsieur le ministre, etc.—, je voyais et j'entendais tout ce qui se passait.

E a bem boas assisti.

Et j'en ai vu et entendu de bien bonnes.

Um dia apresentaram ao imperador um topetudo não sei donde, que perguntou, mui concho:

Un jour, on présente à l'empereur une grosse légume, de je n'sais où, et qui lui demande sans se démonter :

- Então vossa majestade tem gostado disto por aqui?

- Alors votre majesté, ça vous plaît ici ?

- Sim, sim, muito!

- Oui, oui, beaucoup !

- Então por que não se muda pra cá, com a família?...

- Eh bien alors, pourquoi ne venez-vous pas vous y installer, avec la petite famille ?...

Outro, no meio da roda, puxou da traíra, sovou uma palha de palmo, e começou a picar um naco; esfregou o fumo na cova da mão, enrolou, fechou o baio e mui senhor de si ofereceu-o ao imperador.

Une autre fois, un type tire sa dague et entreprend de hacher menu un morceau de tabac; il frotte le tabac dans la paume de sa main, le fait rouler dans le papier, colle le papier avec la langue, et, plein d'aplomb, offre la cigarette à l'empereur.

- É servido?

- Ça vous dit?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Não, obrigado; parece-me forte o seu fumo...

- Non merci, il me paraît bien fort votre tabac.

- Não sabe o que perde!... Então, com sua licença!...

- Vous ne savez pas ce que vous perdez !... Alors, avec votre permission !...

E bateu o isqueiro e começou a pitar, tirando cada tragada que nuveava o ar!

Et il bâta son briquet et se met à pétuner, en tirant de grosses bouffées qui enfument l'air alentour.

Havia um que era barão e comandava um regimento, que era mesmo uma flor; tudo moçada parelha e guapa .

Il y en avait un aussi qui était baron et qui commandait un régiment, lequel était vraiment que de la fine fleur, rien que des gaillards tous aussi vaillants les uns que les autres.

O imperador gabou muito a força, e aí no mais o barão já lhe largou esta agachada :

L'empereur fait l'éloge de la troupe et voilà pas notre baron qui lui lâche :

- Que vossa majestade está pensando?... Tudo isto é indiada coronilha, criada a apoio , churrasco e mate amargo ... Não é como essa cuscada lá da Corte, que só bebe água e lambe a... barriga! ...

- Mais que pense donc votre majesté ? Tout ça, c'est des gauchos qui n'ont pas froid aux yeux, élevés au lait de rebloche, au churrasco et au chimarrão*... C'est pas comme ces roquets de la Cour* qui ne boivent que de l'eau et passent leur temps à se lécher... la panse.

Este mesmo barão, dum feita que o d. Pedro procurou no bolso umas balastracas para dar uma esmola e não achou mais nada, desafivelou a guaiaca e entregando-a disse:

C'est ce même baron qui, une fois où Dom Pedro fouillait dans sa poche pour y dénicher deux ou trois balastracas qu'il voulait donner en aumône mais n'y trouvait rien, déboucle sa guaiaca et la tend à l'empereur en disant:

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Tome, senhor! Cruzes! Nunca vi homem mais mão-aberta do que vossa majestade..., olhe que quem dá o que tem, a pedir vem ... mas... quando quiser os meus arreios prateados... e até a minha tropilha é só mandar... só reservo o tostado crespo e um qualquer pelego...

- Prenez donc monsieur ! Parbleu ! Je n'ai jamais vu un homme avec le cœur sur la main comme votre majesté... Faites attention que celui qui donne ce qu'il a aujourd'hui est le même qui demande aux autres demain... mais... si un jour vous voulez mes harnais avec leurs parures d'argent...ou même ma tropilla de chevaux, il suffit de le dire... Je me réserve tout de même comme monture le tostado bouclé et un pelego¹⁴⁹ quelconque, c'est tout.

- Mas, sr. barão, nem por isso eu dou o que desejara...

- Mais baron, si je suis loin de donner ce que je souhaiterais...

- Ora qual!... Vossa majestade não dá a camisa... porque não tem tempo de tirá-la!...

- Il manquerait plus que ça ! Si votre majesté ne donne pas sa chemise, c'est bien parce vous n'avez pas le temps de l'enlever.

Numa das marchas paramos num campestre, na beira dum passo, perto dum ranchito.

Pendant l'une de nos marches, on s'est arrêtés dans une clairière, sur le bord d'un gué, près d'une petite ferme.

Daí a pouco, com uma trouxinha na mão apareceu no acampamento uma velha, que já tinha os olhos como retovo de bola. Por ali andou mirando, e depois entrando mesmo no grupo onde ele estava, disse:

Peu après arrive au campement une petite vieille avec un paquet à la main, et dont les yeux avaient la peau déjà si plissée qu'on aurait dit la poche en cuir des boules de boleadeiras. Elle regarde autour d'elle, s'approche du groupe où il était et dit à la cantonade :

- Bom dia, moços! Qual de vocês é o imperador?

- Bonjour messieurs, lequel d'entre vous est l'empereur ?

- Sou eu, dona! Assente-se.

- C'est moi, bonne femme ! Asseyez-vous donc.

¹⁴⁹ Temos em francês a palavra 'chabraque', mas me pareceu importante marcar o caráter gauchesco das falas aqui.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A velha olhou-o de alto a baixo, calada, e depois rindo nos olhos:

La vieille le regarde de haut en bas, en silence, puis, elle lui dit avec comme un rire dans les yeux :

- Deus te abençoe! Nossa Senhora te acompanhe, meu filho! Eu trago-te este bocadinho de fiambre!

Que Dieu te bénisse ! Et que La Vierge Marie t'accompagne mon garçon ! Je t'ai apporté quelques victuailles !

E abrindo o pano, mui limpinho, mostrou um requeijão, que pela cor devia de estar um gambelo, de gordo e macio. D. Pedro agradeceu e quis dar uma nota à velha, que parou patrulha.

Et, ouvrant le torchon, très propre, elle lui montre un fromage, qui, d'après sa couleur, et à le voir si gras et l'air si moelleux, devait être un délice. Dom Pedro remercie et veut donner un billet à la vieille mais elle l'arrête net :

- Não! não!... Tu vais pra guerra... Os meus filhos e netos já lá andam... Eu só quero que vocês não se deixem tundar!...

- Ah non alors! Toi, tu pars à la guerre. Mes fils et mes petits-enfants y sont déjà ... Tout ce que je veux, c'est que vous ne vous laissiez pas mettre une raclée.

Houve uma risada grande, da comitiva. A velhota ainda correu os olhos em roda e indagou:

Les gens de la suite de l'empereur éclatent de rire. La vieille parcourt les visages du regard et demande :

- Diz que o seu Caxias também vem aqui... quem é?

- On dit que m'sieur Caxias aussi est de la partie... Qui c'est donc ?

- Sou eu, patrícia !... Conhece-me?

- C'est moi, payse ! ... Tu me connais ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- De nome, sim, senhor. O meu defunto, em vida dele, sempre falava em vancê... Pois os caramurus iam fuzilar o coitado, quando vancê apareceu... Lembra-se?... E vai, quando o seu general Canabarro fez a paz entre os farrapos e os legais, o meu defunto jurou que onde estivesse o seu Caxias, ele havia de ir... mas morreu, pro via dum inchume, que apareceu, aqui, lá nele. Mas, como por aqui, correu que vancê ia pra guerra dos paraguaios, o meu filho mais velho, em memória do pai, ajuntou os irmãos e os sobrinhos e uns quantos vizinhos e se tocaram todos, pra se apresentarem de voluntários, a vancê!...

- Oui, de nom, monsieur. Mon défunt mari, quand il était en vie, parlait toujours de vous... les caramurus allaient fusiller le malheureux, quand vous êtes arrivé... Vous vous rappelez ?... Et alors, quand le général Canabarro a fait la paix entre les farrapos et les légalistes, mon mari a juré que, partout où se trouverait le sieur Caxias, il le suivrait ... Mais il est mort, à cause d'une tumeur qui lui est venue, ici... vous voyez ? Mais, comme le bruit courait dans le coin que vous partiez en guerre contre les Paraguayens, mon fils aîné, en mémoire de son père, a rassemblé ses frères et ses neveux et aussi quelques voisins et ils se sont tous présentés comme volontaires pour servir sous vos ordres !

Vancê dê notícias minhas e bote a benção neles; e diga a eles que não deixem o imperador perder a guerra... ainda que nenhum deles nunca mais me apareça!... Bem! com sua licença... Seu imperador, na volta, venha pousar no rancho da nhã Tuca; é de gente pobre, mas tudo é limpo com a graça de Deus... e sempre há de haver uma terneira gorda pra um costilhar ... Passar bem! Boa viagem... Deus os leve, Deus os traga!...

Vous leur donnerez de mes nouvelles et aussi votre bénédiction, et dites-leur bien qu'ils ne laissent pas l'empereur perdre cette guerre... même si aucun d'eux ne doit en revenir !... Bon ! Avec votre permission... M'sieur l'empereur, au retour, faites donc halte chez la mère Tuca ; c'est pauvre chez nous, mais tout y est propre comme un sou neuf grâce à Dieu... Et y aura toujours une génisse bien grasse pour griller quelques côtelettes ! Portez-vous bien ! Bon voyage... Que Dieu, qui vous emmène, vous ramène sain et sauf !...

O imperador - esse era meio maricas, era! - abraçou a velha, prometendo voltar, por ali, e quando ela saiu, disse:

L'empereur —il avait parfois de ces délicatesses de femme !— embrasse la vieille et lui promet de revenir dans les parages ; et une fois qu'elle est sortie, il dit à ses compagnons :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Como é agradável esta rudeza tão franca!

- Comme ça fait du bien, cette franchise sans apprêts !

Numa cidade onde pousamos, o imperador foi hospedado em casa dum fulano, sujeito pesado, porém mui gauchão.

Dans une ville où nous avons installé notre campement, l'empereur était logé dans la maison d'un tel, une huile mais en même temps un gaucho fruste comme un paysan.

Quando foi hora do almoço, na mesa só havia doces e doces... e nada mais. O imperador, por cerimônia provou alguns; a comitiva arriou aqueles cerros açucarados . Quando foi o jantar, a mesma cousa: doces e mais doces!... Para não desgostar o homem, o imperador ainda serviu-se, mas pouco; e de noite, outra vez, chá e doces!

Quand vient l'heure du déjeuner, il n'y a sur la table que des confiseries et encore des confiseries... et rien d'autre. L'empereur, par courtoisie en goûte quelques-unes ; sa suite met à bas ces montagnes de sucreries. Quand arrive le dîner : même chose : encore des confiseries et rien que des confiseries !... : Pour ne pas offenser son hôte, l'empereur se sert encore, mais à peine, et au souper, rebelote: du thé et des gâteaux !

O imperador, com toda a sua imperadorice, gurniu fome!

Voilà l'empereur, avec toute son empereureté, qui commence à avoir faim !

No outro dia, de manhã, o fulano foi saber como o hóspede havia passado a noite e ao mesmo tempo acompanhava uma rica bandeja com chá e... doces...

Le lendemain matin, l'hôte vient s'enquérir si son invité a bien dormi et, en même temps, arrive un plateau chargé de thé et... de gâteaux.

Aí o imperador não pôde mais... estava enfarado!...

Là, l'empereur n'en peut plus... Il est complètement écoeuré !

- Meu amigo, os doces são magníficos... mas eu agradecia-lhe muito se me arranjasse antes um feijãozinho... uma lasca de carne...

Mon ami, ces pâtisseries sont superbes... mais je vous serais vraiment très reconnaissant si vous pouviez me dénicher une petite assiette de haricots... avec un petit morceau de viande...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O homem ficou sério... e depois largou uma risada:

L'homme prend une mine grave... puis il éclate de rire ;

- Quê! Pois vossa majestade come carne?! Disseram-me que as pessoas reais só se tratavam a bicos de rouxinóis e doces e pasteizinhos!... Por que não disse antes, senhor?

Ça alors ! votre majesté mange de la viande ? On m'avait dit que les personnes royales ne bécotaient que des mets dignes des Dieux, becs de rossignol, confiseries et petits gâteaux ! Pourquoi n'avez-vous donc rien dit avant, monsieur ?

Com trezentos diabos !... Ora esta!... Vamos já a um churrasco ... que eu, também, não agüento estas porqueries !...

Par tous les diables ! C'est la meilleure ! Allons sans attendre aux grillades... parce que moi non plus je n'supporte pas ces cochonneries !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº10. Zoomorfização em suas dimensões naturalista, fantástica e modernista

Texto e pretexto: “Os cabelos da china”

Foco do estudo tradutológico: estratégias e figuras de zoomorfização das personagens, aspectos da sua transposição para a versão estrangeira

“Mas quando pisou o pé em terra, a mão do Juca Picumã fechou-me o braço, **como uma garra de tamanduá**... [...] a china viu-se solta, mas sura da trança, tosada, tosquiada, **como égua xucra** que se cerdeia a talhos brutos, ponta abaixo, ponta acima... E mal que sentiu-se livre sacudiu a cabeça azonzada, relanceou os olhos assombrados, arrepanhou as anáguas e disparou mato dentro, **como uma anta**...”

Talvez sem chegar a certa “radicalização” no tratamento do tema da transformação animal, que caracteriza obras como *Die Verwandlung*, de Kafka, ou “Meu tio o iauaretê”, de João Guimarães Rosa, este trabalho de Simões se apoia em recursos que, todavia, aproximam “Os cabelos da china” da mesma vertente em que se alimentaram textos como aqueles, tão famosos, a que acabo de me referir. Pelo menos do ponto de vista da sinergia alcançada pelo escritor entre a metamorfose dramática (mimese e alegorização) e a linguagem que a formulou.

O postulado principal subjacente a esta reflexão sobre como lidar com os zoônimos é que modificar os signos (no sentido, por exemplo, de modificar a espécie a que o significante original se referia) pode atentar a uma modalidade de comunicação particularmente interessante do ponto de vista de seus efeitos semânticos e estéticos. É de se relevar que o tradutor italiano, por exemplo, optou com relativa frequência por substituir designações brasileiras de certas espécies referidas pelo narrador “gaúcho” por designações italianas de outras espécies. Sem dúvida, Tavani tinha suas razões – afinal, a tradução é publicada na Itália de 1956 –, mas a anta, entre outras ocorrências de substituição notáveis, tem mais a ver com demais elementos do texto, no meu entendimento, do que a lebre. Lembramos que a personagem acaba de ser “mutilada” da trança pelo pai, e logo é comparada a uma anta, ou seja, a uma besta selvagem, um animal que quase sempre foi comparado a um cavalo nas primeiras crônicas das Américas, um mamífero que tem uma cauda muito curta como se, justamente, fosse suro, etc., enfim um bicho que talvez se encontre mesmo *tapi* (r) no próprio ente de Rosa, qualificada de “pateta” e, sobretudo, de “**abichornada**”, pelo narrador.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A animalização das personagens responde sem dúvida a uma influência das tendências artísticas que viçavam na época da produção dos *Contos*, seguindo os rumos dos veios dominantes do realismo naquela época, em particular em se pensando na difusão de traços de composição vinculados ao movimento naturalista¹⁵⁰. Mas não é só isso. Haveria também, possivelmente, algo de “totêmico”, porventura especificamente americano, na maneira como as personagens e a própria história se transformam gradualmente num processo de zoomorfização implementado por cuidadosas escolhas linguísticas. E tampouco se deveria negligenciar o fato de a presença massiva de comparações animalizantes se apresentar objetivamente como um dos traços marcantes de boa parte da produção literária de cunho gauchesco. Recapitulando, o uso de recursos de zoomorfização do discurso, no que tange à representação e caracterização das personagens, poderia ter confluído a partir de perspectivas diferentes na maneira de se considerar o mundo e sua mimesis: o naturalismo e o cientifismo (inclusive o positivismo) que veem na morfologia do indivíduo e na sua herança genética fatores primordiais do seu desenvolvimento, tanto no plano biológico quanto no plano social, o chamado perspectivismo ameríndio, uma *Weltanschauung* específica do pampa.

Esta presença de formulações zoomorfizantes pode ser relacionada ao afã de conseguir maior autenticidade na representação das práticas linguageiras locais, mas não se deve esquecer que se constitui também em um recurso literário de pleno direito. Por isto, não se pode tratar o zoomorfismo linguístico unicamente de maneira “isolada”, *au coup par coup*, e talvez seja pertinente também considerar esta vertente da linguagem como um traço de conjunto da escrita. Destarte, correlacionada com a relevância de uma abordagem com visada, digamos, mais holística, da comparação zoomórfica, haveria, sobretudo, de se investigar a integração do recurso, bem como para os demais componentes escriturais (qualquer que seja sua escala), no “objeto” artístico visto como um todo.

¹⁵⁰ Certas posturas do naturalismo incentivam de fato a uma aproximação, na construção da mimese, entre a condição humana e a condição animal. A preocupação com a incorporação, na obra literária, de um “inquérito” sobre os fatores que determinam a sina de tal ou tal indivíduo e a vontade de se inserir nas correntes científicas e filosóficas contemporâneas levam os escritores a um posicionamento intelectual que se aparenta a uma forma de cientificismo. Certo, existem determinadores sociais específicos que distinguem a condição do ser humano, enquanto ser gregário, da de muitos outros mamíferos, porém também atuam fatores biológicos que aproximam o homem de outras espécies. Em particular, enfatiza-se, em muitos romances naturalistas, o papel desempenhado, no desenvolvimento do indivíduo, da transmissão de caracteres genéticos e de outros, ligados à vida na primeira infância, ou seja, de traços inatos e adquiridos que já prefiguram a trajetória pessoal. São tendências que orientam as escolhas da personagem e que podem ser rastreadas às circunstâncias orgânicas (herança genética; vida infantil...) em que se enquadra sua existência. É bom ter em mente que o século XIX é o berço de uma intensa atividade científica na área da construção de uma futura biogenética, inclusive nessas formas nefastas que se revelaram na emergência de doutrinas como a frenologia ou o eugenismo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Análise dos recursos em questões e elementos de reflexão com vista em seu tratamento no âmbito do processo tradutório

Animalidade e literalidade

Em um texto como “Os cabelos da china” que incorpora a representação de vários processos metamórficos¹⁵¹, achei especialmente interessante tentar manter ao máximo que eu pudesse a animalização do discurso pela linguagem. Com este intuito, resolvi ficar sempre muito perto do original neste aspecto, o que não deixará de poder causar algum estranhamento para o leitor da versão em francês. Mas a intenção é justamente esta, sublinhar um jeito de falar que pode ser atribuído, ou que nos reporta, à identidade “fundamentalmente” gauchesca de Blau Nunes. Darei aqui somente alguns exemplos que, esperançosamente, ilustram como funciona esta zoomorfização linguística, mas, para mim, a escolha lexical, em um conto como “Os cabelos da china” foi mesmo efetuada pelo autor de maneira a constantemente reforçar a vertente animalizante na fala de Blau Nunes.

Os fenômenos em foco. O que ocorre concretamente no texto?

Recursos mais “visíveis”: os símiles

De fato, algumas formulações deixam claramente transparecer sua dimensão zoomorfizante. É o caso de uma multidão de símiles, disseminados na coletânea, nos quais o comparado é uma personagem e o comparante é a designação de algum animal cuja menção se faz em relação com a situação contextual. Eis a seguir, a título de amostra, uma série de tais símiles encontrados no âmbito mais restrito do texto do conto em foco, sendo que estará disponibilizado *online* um estudo muito mais detalhado das comparações deste tipo: “fininhos, como cerda de **porco**”; “Comia como um **chimarrão**”, “dormia como um **lagarto**”,

¹⁵¹ São múltiplas as modalidades do “metamorfismo” no conto. Primeiro, haveria a transformação das personagens em animais pela linguagem, que pode até relembrar as múltiplas transformações animais das personagens de contos tradicionais (ver “Raiponce”, já mencionado, p. ex.). O elo entre o animal e o humano se faz, entre outros recursos, através de jogos paronímicos, como cabelo/cavalo que reverberem o próprio processo proteico de “vida” da trança de Rosa, a qual, de símbolo da feminidade da personagem, torna-se buçalete do jovem e viril Blau Nunes (“Eu já tinha meu bigodinho”). E haveria muitas outras “metamorfoses” inscritas no texto, tal como a transformação biológica e sociológica das personagens (Blau diz que crescia pelo e insiste sobre sua ascensão militar; Rosa perde pelo, vê o substituto de cordão umbilical decepado pelo pai, e passa dos braços de um capitão farroupilha aos do comandante legalista; o próprio Picumã se encaminha para sua morte, etc.). Metamorfoses essas que se “resolvem” de maneira paradoxal na constatação de que o outro também é o mesmo (“doutro jeito... mas sempre os mesmos”). Fora as comparações, a progressão paronímica/metonímica também pode ser vista como parte integrante do processo metamórfico que opera desde o interior da escrita.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“o coronilha escorregava como um **gato**”; “pobre como **rato** de igreja”; “E levantava e mexia o nariz, tal e qual como um **cachorro**, rastreando...”; “O chiru foi andando como **cancheiro**”; “Picumã fechou-me o braço, como uma garra de **tamanduá**”; é a china viu-se solta, mas sura da trança, tosada, tosquiada, como **égua xucra** que se cerdeia a talhos brutos”; “disparou mato dentro, como uma **anta**.”

Recursos porventura menos visíveis: as metáforas

Em outros casos, esta dimensão animalizante na formulação empregada pelo contador não é sempre tão ostensiva. É o caso do uso figurativo de vocábulos habitual e “propriamente” usados para se referir a animais, vocábulos esses que, juntos e interligados entre si, contribuem para criar metáforas sustentadas ao longo da narrativa e que se atêm ao dito sistema de zoomorfização do discurso. Assim, limitando-nos ao texto de “Os cabelos da china”, teríamos, entre outros segmentos que se vinculam à expressão metafórica da natureza animal das personagens: “vancê só tem é de atar o **gagino**”; “o comandante é mui **rufião**”; “**guincha** desgraçada”; “**Mangangá** de ferro bravo!”; “é cruza de **calombo**”; “Che! **Aspartorta!**”; “**Cachorra!**... vai-te!... rugiu o chiru”; etc. e estes que zoomorfizam por sinecdoque por assim dizer: “aflouxa o **garrão**”; “**acolherou**-se com Juca Picumã”; “é para a **maneia** do homem”, etc.

Os cabelos cavalos

Nesta perspectiva, é relevante tomar nota, a meu ver, do papel crescente desempenhado ao longo do relato de Blau em “Os cabelos da china” pelas construções metafóricas contempladas em relação a comparações que se formulam mediante símiles. Vistas desde certo ângulo, estas construções metafóricas podem ser apreendidas como contribuindo para uma maior aproximação do comparado e do comparante – já que se elimina a interferência gráfica/semântica do conector (como, o mesmo que, tal qual, que nem, etc.) entre os termos da comparação. Na mesma senda, parece-me de igual interesse notar a relevância também crescente das referências a animais selvagens à medida que o relato avança em direção ao clímax dramático do enredo. Não seria, pois, por acaso que acodem o tamanduá, a égua xucra, a anta numa altura do relato em que se concentra e explode a força bruta da ação dramática, como uma onda vinda de longe. À seleção de referências a espécies selvagens corresponderia, no plano da contação de história, o asselvajamento da narrativa enquanto vetor da ação dramática. Por isso, não julguei pertinente colocar conectores onde não os havia, ou mudar a referência a um animal bravo por uma referência a um animal manso.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Rodeios chimarrões e rodas do chimarrão

Neste respeito, a menção de tal ou tal espécie, em vez de tal ou tal outra, não deixa de ser pregnante, pelo menos na minha leitura dos *Contos*. Conforme ressaltai, vejo no fato de surgirem referências a espécies selváticas como o tamanduá e a anta, ou a bestas alçadas como o cão chimarrão e a égua xucra, um acompanhamento metafórico do relato que eu qualificaria de iconizante, na medida em que a própria narrativa se torna gradualmente mais selvagem (a trança, sintomaticamente, se desfaz pouco a pouco e acaba se desmanchando por completo) e que a violência se aproxima e se intensifica até chegar ao seu cúmulo e “transbordar”. Talvez fosse o caso, precisamente por isto, de permitir que a tradução também se deixasse empurrar um pouco mais, à semelhança do enredo e das personagens, seguindo o movimento geral e feral, pelas suas impulsões selvagens.

Dentre as comparações zoomorfizantes que, no seu conjunto, podem se relacionar com o viés naturalista dos *Contos*, merecem destaque especial essas que se nutrem àquela vertente que qualifiquei de “metaforicavalar” (por ser tão insistente) e na qual o comparante é um cavalo ou algum elemento diretamente conectado com o cavalo – peça de apero, tipo de animal, andadura, parte da anatomia, etc. Tais comparações são típicas do gênero gauchesco, gênero que pode ser associado à manifestação de tendências naturalistas na formação da literatura do sul do continente, certo, mas que possui ao mesmo tempo suas próprias características (p.ex. integra figuras “neomitológicas” como a do “centauro dos pampas”). De resto, falo um pouco mais a respeito no comentário nº8, o qual versa mais especificamente sobre a interpretação e transferência do vocabulário equestre.

Quais, mais precisamente, as formulações de Blau neste caso (“Os cabelos da china”) que podemos associar a alguma vertente “metaforicavalar” na composição linguística?

Sem dúvida, a transformação de Rosa em égua xucra pela língua – simultaneamente, a língua enquanto órgão “físico” do narrador, e a língua enquanto idioma de comunicação de uma comunidade e portanto, enquanto ferramenta da narrativa –, transformação que constitui o fulcro dramático em torno do qual se articula o conto, mobiliza uma grande diversidade de recursos. Primeiro, cabe dizer que, além de existir toda uma tradução cultural e literária que gira em torno de metamorfoses animais da mulher (Io, Leda, etc. na antiguidade), são inúmeros os contos literários ou populares em que as personagens são sujeitos a tais transformações. Mais perto de nosso texto, não posso deixar de ver, neste quesito, uma afinidade intrigante entre os contos e certos trechos do romance *O gaúcho* de José de Alencar.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De repente o espírito do gaúcho achou-se envolto em uma dessas ilusões agradáveis, que se estendem pelos horizontes da imaginação como lindas miragens. Representou-lhe a mente um casal de belas criancinhas, brincando na esteira; ao lado de uma linda moreninha que os contemplava rindo-se de gosto. E a ilusão foi tal, que Manuel começou a ver nas ondulações do lustroso pêlo da baia as inflexões de um colo airoso e os requebros sedutores do talhe da rapariga; nos saltos do poldrinho a graciosa petulância do menino. **Ao mesmo tempo que por estranha confusão lhe parecia que as tranças aneladas de Jacintinha se desatavam pelas espáduas como a formosa clina de uma poldrinha, e o pé travesso batia o chão com a altivez e ardimento de um casco gentil.** [...]

O olhar alucinado de Manuel pousou um momento no semblante de Catita e sondou a profundidade do precipício que se abria quase a seus pés, iluminado pelo lívido clarão do relâmpago. **Sua mão terrível abarcou na cabeça da moça as longas tranças negras**, revoltas pelo sopro da tempestade, e arrastou-a até a borda do abismo

De certa maneira, o traço animalizante que se encontra nas formulações de Blau narrador dos *Contos*, já teria estado delineado na obra de José de Alencar¹⁵², porém, logicamente, com feição mais em fase com o romantismo em Alencar, e mais em fase com o realismo e o naturalismo em Simões. Seria uma transformação ideológico-escritural de transformações (do ponto de vista da mimese, ou seja, de uma encenação da realidade pela narrativa). Não é uma ruptura no tratamento, mas uma continuação, com evoluções vinculadas às tendências na esfera da atividade intelectual, em particular no que influi na produção artística – inclusive do ponto de vista das implicações de ordem estética. Por isto, vejo este recurso particular de expressão e expressividade narrativas, nos *Contos* de Simões, como um dos *traits-d’union* entre certas características do romantismo e outras do realismo, mantendo em mente que, enquanto formas que integram elementos supernaturais na mimese, como o gótico, por exemplo, costumam ser associadas ao romantismo, outras soem ser relacionadas à corrente realística. Assim, grande parte dos escritores que produziram contos naturalistas também sucumbiu ao apelo do fantástico. Maupassant seria emblemático, neste respeito, o qual escreveu tanto textos de inspiração naturalista, como *Une vie* ou *Boule de suif*, quanto contos com viés nitidamente fantástico, como “Le Horla”¹⁵³ ou “La main d’écorché”.

¹⁵² E, claro, vem de muito mais longe, a comparação zoomorfixante sendo provavelmente tão antiga quanto a própria literatura (cf. as peças de Aristófanes: *As aves*, *As vespas*, *As rãs...*), e o motivo da transformação animal se transformando ele próprio ao longo da evolução da literatura.

¹⁵³ Esta coabitação dos gêneros aparece, é claro, na geração anterior; por exemplo, com Prosper Mérimée, autor de composições como *Mateo Falcone* (texto realístico quase que de inspiração “costumbrista”) e outras

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que a reflexão sobre a zoomorfização das personagens mediante o vocabulário usado por Blau Nunes¹⁵⁴ impactou as escolhas tradutórias

A “eguarização” de Rosa

Este traço me impressionou como sendo de particular relevância na escrita dos *Contos*, quer pela vinculação com a literatura de cunho gauchesco quer pela manifestação da influência das teorias e práticas naturalistas, mas também porque prefigura textos modernos¹⁵⁵ ou pós-modernistas¹⁵⁶ que levaram até seus limites certo jogo metafórico entre o ser do significante e o aparecer do significado (ou será o contrário?)

Como para vários outros aspectos da linguagem usada na escrita dos *Contos*, as considerações sobre o viés animalizante na fala de Blau Nunes me levaram a optar, na maioria das ocorrências, por uma maior “literaridade” na transferência, em detrimento da idiomatização do texto de chegada. O que pode soar natural na expressão original – o que podia soar natural, dado as discrepâncias infalivelmente trazidas pela ação do tempo, notadamente no que diz respeito à relevância do cavalo na vida cotidiana do campo – pode ter-se tornado bastante artificial nas formas expressivas que foram escolhidas para a tradução. Entretanto, estimei que se deveria contemplar em prioridade, para o leitor francês contemporâneo, a remissão a um tempo e um espaço em que, justamente, a convivência entre o homem e o cavalo era tal que marcava a linguagem de um selo particular.

como “La Vénus d’Ille” (conto fantástico). Na verdade, desenvolve-se uma sorte de fantástico realista que, mais tarde, assumirá formas como o chamado “realismo mágico” do boom latino-americano.

¹⁵⁴ O processo zoomorfizante da linguagem não se limita à seleção de termos habitualmente usados em referência a alguma espécie animal para designar ou qualificar uma personagem. Assinalei, por exemplo, o procedimento que consiste em dar gradualmente, no texto, preferência à metáfora sobre o símile. A preterição de uma modalidade da comparação que dispensa o conector semântico-gramatical sobre o uso de outra que marca uma distinção maior entre os termos da comparação seria uma indicação, neste respeito, da busca de maior aproximação, na representação textual, entre o humano e o animal.

¹⁵⁵ No caso da produção modernista, pode-se pensar em obras como “Cobra Norato” de Raul Bopp (1931), poema no qual vários animais da floresta amazônica entram em cena e conversam, em relação com traços culturais regionais. Os modernistas foram atraídos em particular pela relação entre a percepção popular e “hibridada” do mundo natural (inclusive os animais) e as formas artísticas (canto, dança, música, poesia e prosa não eruditas...) que nasceram dessa percepção. O coco, por exemplo, enquanto tipo musical e coreográfico, se manifesta tanto na obra de Raul Bopp quanto na de Mário de Andrade, o qual, lembra-se, conduziu uma investigação de ordem musicológica indubitavelmente pioneira sobre essa forma de expressão cultural.

¹⁵⁶ “Meu tio o iauretê”, de Guimarães Rosa é um dos textos mais citados quando se escreve sobre formas radicais da animalização do discurso na literatura brasileira. A transformação da linguagem que passa pela aproximação à língua geral e ao tupi acompanha a transformação “onçológica” do enunciador, ao mesmo tempo onçeiro e onça, narrador e narratário.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A mesma coisa pode ser dita a respeito da penetração, na linguagem, de uma perspectiva mais especificamente “indigenista”, em especial no tocante à consideração sobre as posições relativas da condição humana e da condição animal.

A “taurização” do negro Bonifácio

Outra ocorrência marcante deste tipo de uso da zoomorfização do discurso, ainda que sob uma modalidade porventura menos extremada do que nos “Cabelos da china”, seria a evolução que caracteriza o papel das comparações animalizantes diretamente envolvendo o protagonista do caso “O Negro Bonifácio”. Há, pois, uma evolução, no sentido de também essas comparações animalizantes acompanharem de perto o relato e participar da expressão (teor) e expressividade (modo) da fala do narrador, certo, mas desta vez, mais particular e enfaticamente, em vínculo íntimo com aquele elemento bem específico da representação da emasculação da personagem – esta possivelmente contemplada na sua função de “construção alegórica personagística” do homem negro: o lanceiro mobilizado pelas tropas revolucionárias com a promessa da liberdade, e depois sacrificado em Porongos? Com efeito, enquanto na primeira parte do relato, o comparante maior nos símiles e metáforas, em que Bonifácio é o comparado, seria o tauro/touro, é a imagem do boi que vai gradualmente superpondo-se a do touro e impondo-se – ou seja, o “mesmo” animal, porém castrado, sem mais possibilidade de descendência¹⁵⁷.

Enfim, nas comparações, quer se manifestem sob a forma de símiles, quer sejam metáforas que expressassem um passo a mais na analogia entre comparado e comparante, o significante correspondente a esse comparante (tal ou tal tipo de animal manso, tal ou tal espécie de animal selvagem) mantém relações com outros componentes da narrativa que vão indubitavelmente além da simples reprodução de uma maneira de falar gaúcha ou mesmo gauchesca. Nesta senda, mencionei o fato de, para determinado texto, o aumento, na densidade das comparações cujo comparante é um animal selvagem, corresponder em geral à aproximação de algum clímax violento no enredo.

¹⁵⁷ Sabe-se que o escravo não tinha descendência própria no sistema escravocrata, no qual seus filhos podiam ser alugados ou vendidos, o que favoreceu formas de culto voltadas para a ascendência, os ancestrais, já que era negado aos escravos o reconhecimento do seu direito a fundar uma família. A castração simbólica de Porongos, com a eliminação do perigo social dos lanceiros negros, acabou fisicamente com a possibilidade de descendência dos soldados, mortos, mas também feriu a esperança dos vivos de reconquistar sua masculinidade com e pela emancipação.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ao mesmo tempo, em face desta eventual americanidade do recurso (enquanto alusão a uma perspectiva “totêmica” da relação homem/animal que, na verdade, pode ser antes uma referência a um estado “primordial” do homem), a personagem simoniana não deixa de ser um “homem cordial” (no sentido que Sérgio Buarque de Holanda deu à colocação) não porque é brasileiro, ou rio-grandense, ou porque é de origem lusa, ou miscigenado de índio, ou por qualquer outra característica especiosa, mas simplesmente porque é homem e que tende, portanto, a se deixar levar por suas paixões antes de pautar sua conduta no que lhe sugere a razão (cf. as oposições constantes entre termos como “meia rédea” – rédea solta – e outros como “sofrenços”).

Conclusão: a evocação do mundo estancieiro.

Haveria também, novamente, algo de tipicamente gauchesco na maneira como as comparações animalizantes se apoiam nos elementos tradicionalmente considerados como sendo constituintes do entorno estancieiro, sendo que a maioria dos símiles e das metáforas que se encontram no texto de Simões têm o cavalo ou o boi como comparante e o ser humano como comparado. O estudo completo, que disponibilizarei online, faz, por conseguinte, um levantamento dos segmentos do conto que compartilham da estratégia de construção de um discurso zoomorfizante dentro do texto, inclui uma análise comparada das traduções encontradas em *Storie di gaúchos* e *Cuentos gauchescos*, e argumenta para uma tradução literal (na medida do possível) desses segmentos.

Para mim, a escolha das diversas espécies como referentes virtuais das palavras utilizadas pelo narrador está intrincada nas redes significantes que orientam o funcionamento do texto; assim, a “evolução”, nas comparações zoomorfizantes, de touro para boi em “O Negro Bonifácio”, ou de animais domesticados para animais selvagens em “Os cabelos da china”, à medida que o primeiro conto se aproxima de seu desfecho (a castração de Bonifácio) e que o segundo se dirige para o auge de “sua” violência.

Proporcione, portanto, na Internet uma análise comparativa de traduções que coteja o texto original, a versão uruguaia para o espanhol, a versão italiana de Giuseppe Tavani e minha própria proposta. Não inclui esta análise aqui, por ser muito detalhada em examinar essa “bestialização” linguística que opera desde dentro do texto (da fala de Blau enquanto representativa de um tipo do contador gaúcho, mas também como porta-voz da voz do escritor), considerando-a ocorrência por ocorrência.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº10 - OS CABELOS DA CHINA

LES CHEVEUX DE LA CHINA

- Vancê sabe que eu tive e me servi muito tempo dum buçalete e cabresto feitos de cabelo de mulher?... Verdade que fui inocente no caso.

- Savez-vous que je me suis servi pendant longtemps d'un filet et d'un licol fabriqués avec des cheveux de femme ? Bon, c'est vrai que je n'y ai été pour rien, moi, dans cette histoire.

Mais tarde soube que a dona dele morreu; soube, galopeei até onde ela estava sendo velada; acompanhei o enterro... e quando botaram a defunta na cova, então atirei lá pra dentro aquelas peças, feitas do cabelo dela, cortado quando ela era moça e taulona... Tirei um peso de cima do peito: entreguei à criatura o que Deus lhe tinha dado.

Plus tard j'ai appris que cette femme était morte et j'ai galopé jusqu'à l'endroit où avait lieu la veillée du corps ; j'ai accompagné l'enterrement... et quand on a déposé la défunte dans la fosse, alors j'y ai lancé ces harnais, fabriqués avec ses cheveux, coupés à l'époque où elle était jeune fille et faisait tourner les cœurs.... Je me suis ôté un poids de la poitrine : j'ai rendu à cette créature de Dieu ce qu'il lui avait donné.

Eu conto como foi.

Laissez-moi vous raconter comment ça s'est passé.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quem me ensinou a courear uma égua, a preceito, estaquear o couro, cortar, lonquear, amaciar de mordação, o quanto, quanto...; e depois tirar os tentos, desde os mais largos até os fininhos, como cerda de porco, e menos, quem me ensinou a trançar, foi um tal Juca Picumã, um chiru já madurázio, e que tinha mãos de anjo para trabalhos de guasqueiro, desde fazer um sovéu campeiro até o mais fino preparo para um recau de luxo, mestraço, que era, em armar qualquer roseta, bombas, botões e tranças de mil feitios.

Qui m'a appris à écorcher une jument dans les règles de l'art, à tendre le cuir entre quatre pieux pour le faire sécher, à le découper, le racler pour en enlever les poils, l'assouplir en le passant et le repassant dans la fente de la pommelle, et après ça, à en faire des courroies, des plus larges aux plus fines, aussi fines qu'une soie de porc ou même encore plus; qui m'a appris à tresser enfin, c'est un dénommé Juca Picuman, gaucho, vieux chiru* déjà pas mal avancé en âge et qui avait des mains d'ange pour le travail du cuir, depuis la fabrication d'un lasso campeiro jusqu'aux pièces les plus ouvragées pour un harnachement de luxe, maître qu'il était pour confectionner rosettes, accroches, boutons et tresses de mille sortes.

Este índio Juca era homem de passar uma noite inteira comendo carne e mateando, contanto que estivesse acoc'rado em cima quase dos tições, curtindo-se na fumaça quente... Era até por causa desta catinga que chamavam-lhe - Picumã.

Ce cabocle Juca était homme à vous passer la nuit entière à mastiquer de la viande grillée et à siroter du maté, accroupi pratiquement au-dessus des tisons à se faire boucaner le cuir dans la fumée brûlante.... C'était d'ailleurs à cause de cette odeur pouacre qu'on l'appelait Juca Picuman, Juca La suie.

Pra mais nada prestava; andava sempre esmolambado, com uns caraminguás mui tristes; e nem se lavava, o desgraçado, pois tinha cascão grosso¹⁵⁸ no cogote.

Il n'était bon à rien d'autre ; toujours sans le sou, avec pour tout bien quelques effets en piteux état; et en plus de ça, y se lavait pas, ce vaurien, car il avait toujours une croûte de crasse sur la nuque.

Comia como um chimarrão, dormia como um lagarto; valente como quê... e ginete, então, nem se fala!...

Il mangeait comme un chien cimarron, dormait comme un lézard ; mais alors vaillant comme pas un, et, pour monter à cheval, je n'vous en parle même pas!

¹⁵⁸ Tinha caracá grossa nas aspas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Para montar, isso sim!..., fosse potro cru ou qualquer aporreado, caborteiro ou velhaco - o diabo, que fosse! -, ele enfrenava e bancava-se em cima, quieto como vancê ou eu, sentados num toco de pau!... Podia o bagual esconder a cabeça, berrar, despedaçar-se em corcovos, que o chiru velho batia o isqueiro e acendia o pito, como qualquer dona acende a candeia em cima da mesa!

Car une fois en selle, là c'était autre chose!... Ça pouvait bien être un poulain pas encore débourré ou n'importe quelle rosse, indomptable, rétive ou capricieuse ; le diable, si ça faisait une différence pour lui ; il lui mettait le mors et l'enfourchait, aussi tranquillement que vous ou moi on s'assoit sur un tronc d'arbre ! Le bagual pouvait bien rentrer la tête, hennir, ruer tant et plus et s'arquer à s'en briser le dos, cela n'empêchait pas notre vieux chiru de battre son briquet et d'allumer sa cigarette, pas plus en peine qu'une maîtresse de maison qui allumerait une chandelle sur une table !

Às vezes o ventana era traçoeiro e lá se vinha de lombo, boleando-se, ou acontecia planchar-se: o coronilha escorregava como um gato e mal que o sotreta batia a alcatra na terra ingrata, já lhe chovia entre as orelhas o rabo-de-tatu, que era uma temeridade!...

Il arrivait que le canasson soit vicieux et qu'il s'emmêle les pattes à force de bondir et de se cabrer, ou bien qu'il se couche carrément sur le flanc: le vieux se laissait alors glisser au sol comme un chat et à peine la rosse posait les quartiers par terre qu'il lui tombait une grêle de coups de cravache entre les oreilles, que c'en était une pitié!

Voltar o caboclo, isto é que não!

Désarçonner le cabocle, impossible!

E bastante dinheiro ganhava; mas sempre despilchado, pobre como rato de igreja.

Et il gagnait pas mal d'argent le bougre ; mais alors toujours sans le sou, plus gueux qu'un rat d'église.

Um dia perguntei-lhe o que é que fazia das balastracas e bolivianos, e meias-doblas e até onças de ouro, que ganhava?...

Un jour, je lui ai demandé ce qu'il faisait des balastracas et des bolivars, et des doublons et même des onces d'or qu'il gagnait ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Esteve muito tempo me olhando e depois respondeu, todo num prazer, como se tivesse um pedaço do céu encravado dentro do coração:

Il m'a regardé un bon bout de temps et puis il m'a répondu, l'air épanoui, comme s'il avait un morceau de ciel fiché dans le cœur :

- Mando pra Rosa... tudo! E é pouco, ainda!

- Je les envoie à Rosa... j'envoie tout ! Et encore, c'est pas assez !

- Que Rosa é essa?

- Et qui c'est donc cette Rosa ?

- É a minha filha! Linda como os amores! Mas não é pra o bico de qualquer lombo-sujo, como eu...

- C'est ma fille ! Belle comme un cœur ! Mais elle n'est pas pour le museau d'un quelconque soudard*, comme moi...

A conversa ficou por aí.

Et nous en sommes restés là!

Passaram os anos. Eu já tinha o meu bigodinho.

Les années ont passé. J'avais déjà ma petite moustache.

Rebentou a guerra dos Farrapos ; eu me apresentei, de minha vontade; e com quem vou topar, de companheiro? Com o Juca Picumã.

Et puis la guerre a éclaté, la guerre des Farrapos, des loqueteux comme on disait, et je me suis enrôlé de leur côté, comme volontaire; et avec qui je me retrouve comme compagnon de régiment ? Avec mon Juca Picuman.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Duma feita andávamos tocados de perto pelos caramurus... Tínhamos saído em piquete de descoberta e aconteceu que depois de vararmos um passo, os legalistas nos cortaram a retirada e vieram nos apertando sobre outra força companheira, como para comer-nos entre duas queixadas...

Une fois, on était serrés de près par les caramurus, comme on appelait alors les forces du gouvernement... On était partis en éclaireurs et il s'est trouvé qu'à la sortie d'un gué, ces caramurus nous ont coupé la retraite et nous ont poussés vers une compagnie des leurs, comme pour nous broyer entre deux mâchoires.

E não nos davam alce; mal boleávamos a perna para churrasquear um pedaço de carne e já os bichos nos caíam em cima...

Et ils ne nous laissaient aucun répit, ces pestes ; à peine on mettait pied à terre, histoire de faire griller un morceau de viande, que ces animaux-là nous tombaient dessus...

Na guerra a gente às vezes se vê nestas embretadas, mesmo sendo o mais forte, como éramos nós, que bem podíamos até correr a pelego aqueles camelos ..., mas são cousas que os chefes é que sabem e mandam que se as agüente, porque é serviço...

À la guerre, il arrive qu'on se retrouve comme des bêtes à se bousculer dans un corral, même si on est le plus fort ; comme nous l'étions, sûrement, car nous aurions pu disperser ces fichus chameaux du gouvernement à coups de chabraque..., mais dans ces affaires, ce sont les chefs qui savent et qui commandent de rester tranquille, parce que c'est les ordres...

Ora bem; havia já dois dias e duas noites que vivíamos neste apuro; arrinconados nalgum campestre dava-se um verdeio aos cavalos; os homens cochilavam em pé; nisto um bombeiro assobiava, outro respondia e o capitão, em voz baixa e rápida, mandava:

Donc voilà; il y avait déjà deux jours et deux nuits qu'on était sur le fil du rasoir; les bivouacs dressés dans une clairière, on laissait paître les chevaux ; les hommes somnolaient debout; et alors un guetteur sifflait, un autre lui répondait et le capitaine donnait un ordre brusque à voix basse :

- Monta, gente!

- En selle, les gars!

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E o Juca Picumã, que era o vaqueano, tomava a ponta e metia-nos por aquela enredada de galhos e cipós e lá íamos, mato dentro, roçando nos paus, afastando os espinhos e batendo a mosquitada, que nos carneava ... Ninguém falava. A rapaziada era de dar e tomar, e -sem desfazer em vancê, que está presente -, eu era do fandango... e devo dizer, que nesse tempo, fui mondongo meio duro de pelar...

Et alors Juca Picuman, qui était notre pisteur, prenait la tête et nous entraînaît dans un dédale de branches et de lianes où on s'enfonçait derrière lui, en s'écorchant aux branches, écartant les épines et chassant la moustiquaille qui nous saignait vivants... Personne ne pipait mot. On était du genre prêts à tout, et – sans vouloir vous démeriter – moi-même je n'y pensais pas à deux fois avant d'entrer dans la danse ... et on peut dire qu'à cette époque, j'avais des tripes et que j'étais plutôt dur à cuire.

Dessa vereda o vaqueano foi pendendo para a esquerda; de repente batemos na barranca do arroio, e ele, sem dizer palavra meteu n'água o cavalo e, devagarzinho, fomos encordoando de trás e varando, de bolapé.

À partir de là, notre scout a appuyé vers la gauche et, tout à coup, nous voilà arrivés à la berge de la rivière et lui, sans dire un mot, pousse son cheval dans l'eau et, nous, lentement, on le suit, en file indienne, et on traverse tant bien que mal de volapié, avec de l'eau tantôt jusqu'au garrot tantôt jusqu'à l'encolure.

Seguimos um pedaço, sempre sobre a esquerda, e mui adiante tornamos a varar o arroio para o lado que tínhamos deixado. Tínhamos feito uma marcha em roda, que íamos agora fechar saindo na retaguarda do acampamento dos legalistas.

On a fait encore un bout de chemin, toujours en appuyant sur la gauche, et, bien plus loin, on a traversé à nouveau pour repasser sur la rive qu'on avait quittée. On avait fait une boucle, qu'on allait maintenant refermer en sortant juste à l'endroit où se trouvait l'arrière-garde du campement des légalistes.

Num campestrezinho paramos; o capitão mandou appear rédea na mão, tudo pronto ao primeiro grito.

On s'est arrêtés dans une petite clairière; le capitaine nous a ordonné de mettre pied à terre mais sans lâcher les rênes, prêts à repartir au premier cri d'alarme.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Depois acolherou-se com o Juca Picumã e meteram-se no mato e aí boquejaram um tempão. Depois voltaram.

Puis il a pris à part Juca Picuman et ils sont entrés sous le couvert du bois où ils ont palabré à voix basse pendant un bon bout de temps.

Então o capitão correu os olhos pelos rapazes e disse:

Quand ils sont revenus, le capitaine nous a passés en revue du regard en disant.

- Preciso de um, que toque viola...

- J'ai besoin d'un gars qui joue de la guitare.

Mas o Picumã xeretou logo:

Mais Picuman s'en est tout de suite mêlé :

- Tem aí esse pisa-flores, o furriel Blau...

- Y a bien ce joli monsieur, là, le caporal-chef Blau !

- Esse gurizote?...

- Ce gamin ?

- Sim, senhor, esse; é cruza de calombo!...

- Oui monsieur, çui-là même ; c'est de la graine de taureau, et même de taureau calombo !

E deu de rédea, com cara de sono. O capitão acompanhou-o, mandando que eu seguisse; e eu segui-o, quente de raiva, pelo pouco caso com que ele chamou-me -gurizote -. Se não fosse pelas divisas, eu dava-lhe o -gurizote!...

- Et il a fait pivoter son cheval, avec cet air d'endormi qu'il avait toujours. Le capitaine l'a accompagné tout en m'ordonnant de les suivre ; et j'ai suivi, la rage au cœur à cause du peu de cas, rapport à sa façon de me traiter de gamin. Si y avait pas eu ses galons, je lui en donnais, moi, du —gamin.

Fomos andando... parando... farejando... escutando... Em certa altura o Picumã, sem se voltar levantou o braço, de mão aberta e parou. O capitão parou, e eu.

On s'est remis en marche... en s'arrêtant... le nez au vent... l'oreille aux aguets... À un moment, Picuman, sans se retourner, a levé un bras, la main ouverte et a fait halte. Le capitaine s'est arrêté et moi aussi.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O chiru disse, baixo:

Le chiru a dit à voix basse :

- Está perto... ali!... E o churrasco é gordo!...

- On est pas loin... C'est là-bas !... Et c'est de la bonne viande bien grasse qu'ils font griller!...

E levantava e mexia o nariz, tal e qual como um cachorro, rastreando...

Et il levait et fronçait le nez, comme un chien, flairant la piste...

E apeamos.

Et on a mis pied à terre.

- Vamos botar um torniquete nos cavalos, para não relincharem...

- Muselons les chevaux pour pas qu'ils hennissent...

Fizemos, com o fiel do rebenque.

Ce qu'on a fait, avec la courroie de la cravache.

- Tiramos as esporas, por causa dalguma enrediaça...

- Enlevons les éperons, pour pas se prendre les pieds dans la broussaille...

Tiramos.

On les a enlevés.

- Bom; agora o capitão diz como há de ser o serviço...

- Bon, maintenant, m'sieur le capitaine va nous dire comment il veut qu'on fasse.

O oficial encruzou os braços e assim esteve um pedaço, alinhavando a idéia; depois, como falando mais pra mim do que pra o outro, disse:

L'officier a croisé les bras et est resté comme ça un petit moment, à couturer son plan ; puis, comme s'il s'adressait plutôt à moi qu'à Picumã, il a dit:

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Olha, furriel Blau, tu e o velho Picumã ides jogar o pelego numa arriscada... Ele que te escolheu pra companheiro é porque sabe que és homem... Há dois dias, como sabes, andamos nestes matos..., mas não é tanto pelo serviço militar, é mais por um vareio que quero dar... por minha conta... Ouve. A minha china fugiu-me, seduzida pelo comandante desta força... Vocês vão-se apresentar a ele, como desertados e que se querem passar... Ele é um espalha-brasas; ela é dançarina..., arranja jeito de rufar numa viola e abre o peito numas cantigas... Tendo farra estão eles como querem... E enquanto estiverem descuidados, eu caio-lhes em cima com a nossa gente. Agora... quando fechar o entrevero só quero que tu te botes ao comandante... e que lhe passes os maneadores ... quero-o amarrado...; entendes? És capaz?... O Picumã ajuda... O resto... depois...

- Écoute, caporal-chef Blau, toi et le vieux Picuman vous allez risquer votre peau dans l'aventure... Il t'a choisi pour le seconder parce qu'il sait que tu as c'qu'il faut... Il y a deux jours, comme tu le sais, qu'on avance dans ces bois... mais ce n'est pas tant pour le service que pour une leçon que je veux donner à quelqu'un ... une affaire personnelle... Écoute, ma china s'est sauvée, séduite par le commandant de cette troupe... Vous allez vous faire passer pour des déserteurs qui voulez changer de bord... Lui, il aime faire la noce; elle, elle aime danser ... Trouve donc le moyen de tirer quelques accords d'une guitare et de leur seriner une chansonnette ou deux... Du coup, occupés qu'ils sont à faire la fête, ils vont se sentir à leur aise....Et quand ils s'y attendront le moins, moi je leur tombe dessus avec nos hommes. Bon,... une fois la bagarre commencée, tout c'que j'veux, c'est que tu t'occupes du commandant... et que tu me le menottes avec une longe ... Je le veux ficelé..., entends-tu ? Tu en es capable ? Picuman te donnera un coup de main... Pour le reste... On verra après...

- Mas... não é pra defuntear o homem... amarrado?...

- Mais... c'est pas pour l'envoyer en enfer... qu'il faut l'attacher ?...

- Não! Acoquina-lo, só...

- Non, non, c'est juste pour lui rabattre le caquet...

- A tal piguança, também... não é pra... lonquear?...

- Et cette pouliche...là, aussi... c'est pas... pour lui faire la peau ?

- Não! Desfeiteá-la, só...

- Non, non, c'est juste pour lui donner une leçon...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Então, vou. Mas quem fala é o Picumã...; eu, nem mentindo digo que sou desertor...
- Bon, alors d'accord... mais c'est Picuman qui parle parce que moi, même pour mentir, pas question que je dise que je suis déserteur...
- Estás te fazendo muito de manto de seda !... Cuidado!...
- Dis-donc, tu en fais bien des manières !... Prends garde !
- Seu capitão é oficial... nada pega...; eu sou um pobre soldado que qualquer pode mandar jungir nas estacas...
- Capitaine, c'est vous l'officier... Y'a rien à faire..., moi, j'suis qu'un pauvre soldat que n'importe qui peut envoyer à l'estacade* pour lui faire sécher le cuir entre quatre pieux...

Aí o Picumã meteu a colher.

Sur ce, Picuman s'est interposé.

- Seu capitão, o mocito não é sonso, não! Deixe estar, patrãozinho, tudo é comigo... vancê só tem é que atar o gagino..
- Capitaine, c'est pas un mauvais bougre, ce garçon ! Laissez-moi faire, mon p'tit patron, je me charge de tout...Tout ce que qu'on vous demande, c'est d'attacher les pattes à notre coquelette.

Depois os dois se abriram e ainda estiveram de cochicho, rematando as suas tramas.

Ensuite, ils se sont écartés tous les deux et ont recommencé leurs messes basses pour finir de mettre leur plan au point.

O capitão montou.

Le capitaine est remonté en selle.

- Bueno!... Vejam o que fazem; eu vou buscar a gente, e, conforme chegar, carregos. Vocês devem-se arrinconar junto da carreta, para eu saber. Blau!... não cochiles: o ruivo não é trigo limpo!...
- Bueno! Vous savez ce qu'il vous reste à faire, moi, je vais chercher nos hommes, et dès qu'on arrive, on leur tombe dessus. Vous, vous vous mettez à couvert près du chariot, pour que je sache où vous êtes. Eh Blau! ... T'endors pas: le rouquin est retors.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E desandou por entre as árvores.

Et il s'est éloigné entre les arbres.

Quando não se ouviu mais nada o chiru convidou.

Quand on n'a plus rien entendu, le chiru a proposé :

- Vamos: nos apresentamos como passados, que já andamos entocados aqui há uns quantos dias. Deixe estar, que eu falo... estes caramurus são uns bolas... Vai ver como passamos o buçal.. . logo nos aceitam! Vamos! Ah! meta dentro da camisa uma cana de rédea... é para a mania do homem... Os companheiros depois nos levam os mancarrões, a cabresto.

- Allons-y. On se présente comme des déserteurs et on leur dit qu'on veut passer de leur côté et qu'on se cache dans le coin depuis plusieurs jours... Laissez-moi faire, c'est moi qui parle... Ces caramurus sont des imbéciles. Vous allez voir comment on va leur passer la bride... En moins de deux, on est des leurs ! En route ! Ah oui, mettez donc dans vot' chemise une bonne mesure de longe. C'est pour ligoter notre homme.... Plus tard, les camarades nous amèneront nos canassons, à la remorque.

E metemos a cabeça no mato, ele adiante, a rumo do cheiro, dizia.

Et on a replongé dans la forêt, lui devant, en direction de l'odeur, qu'il disait.

Andamos mais de seis quadras; nisto, o chiru pegou a cantar umas coplas, devagar, meio baixo, como quem anda muito descansado, de propósito para ir chamando o ouvido de algum bombeiro, se houvesse...

On a encore dû faire presque un quart de lieue comme ça ; sur ce, le chiru se met à chantonner quelques couplets, lentement, pas bien fort, comme quelqu'un qui ne serait pas sur ses gardes, exprès pour attirer l'attention d'un guetteur, s'il y en avait.

Ora... dito e feito! Com duas quadras mais, um vulto junto duma caneleira morruda, gritou, no sombreado das ramas:

Et... ça ne manque pas ! Quelques mètres encore et voilà une silhouette collée contre le tronc épais d'un cannelier, qui nous hèle sous le couvert du feuillage.

- Quem vem lá!

- Qui va là ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- É de paz!

- Amis !

- Alto! Quem é?

- Halte ! Qui vous êtes ?

- É gente pra força, patrício! Andamos campeando vocês desde já hoje...

- On vient en renfort, mon gars ! Et ça fait un bout de temps qu'on vous piste...

- Há! Pra quê?

- Ah oui ? Et pourquoi ça ?

- Ora, pra quê... Pra escaramuçar os farrapos!... E queremos jurar bandeira com o ruivo...

- Comment ça pourquoi ? Pour faire tourner ses sacrés Farrapos en bourrique pardi !... Et puis on veut s'enrôler avec le rouquin...

- Ah! vancês conhecem o comandante?

- Ah bon ! Vous connaissez le commandant ?

- Ora... ora! Mangangá de ferrão brabo! Ora, se conheço... Então, seguimos?...

- Allons allons, si on le connaît ! Faut pas s'frotter à son dard, à ce frelon-là ! Ah ça si on le connaît ! Alors, on peut continuer ?

- Passem. Vão por aqui... até topar um sangra-douro...; aí tem outra sentinela; diga que falou comigo, o Marcos...

- C'est bon, vous pouvez passer. Prenez par là... jusqu'à ce que vous arriviez à une ravine... Là il y a une autre sentinelle. Dites que vous avez déjà parlé avec moi, Marcos.

- Tá bom... Quando render, vá tomar um mate comigo!...

- C'est bon l'ami... À la relève, venez donc boire un maté avec moi !

Fomos andando, até a sanga dita; aí topamos com a outra sentinela; o chiru nem esperou o grito, ele é que falou, ainda longe;

Et on a avancé jusqu'à la ravine qu'il avait dit, là où était l'autre sentinelle; le chiru n'a même pas attendu qu'on nous interpelle, c'est lui qui a parlé le premier, de loin.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Oh... sentinela!

- Eh ! Oh... Sentinelle ?

- Quem vem lá?...

- Qui va là ? –

Foi o Marcos que nos mandou; andávamos extraviados... ele nos conhece... vamos levar um aviso ao comandante... É dos farrapos que andavam ontem por aqui... foram corridos...

- C'est Marcos qui nous envoie. On avançait sans trop savoir où on allait... Il nous connaît... on a une information pour le commandant. C'est rapport aux farrapos qui étaient dans les parages, hier... Eh bien, on les a fait déguerpir...

- Hã! Pois passem...

- Ah oui ? C'est bon alors, passez..

- Sim... Pois é... foram-se à ramada do Guedes... Com um couro na cola, os trompetas!... Tem ai cavalhada de refresco?

- Ah ! Ah !... On aurait dit qu'ils avaient le diable aux trousses... Ventre à terre qu'ils ont détalé, ces salopards ! Vous avez des chevaux frais ?

- Que nada! A reunada está estransilhada... A gente a custo se mexia... E pra mal dos pecados ainda o comandante traz uma china milongueira, numa carreta toldada, que só serve pra atrapalhar a marcha... A china é lindaça... mas é o mesmo. .. sempre é um estorvo!...

- Vous voulez rire ? Les canassons de service sont crevés. C'est tout juste si on arrivait à avancer, et comme si ça suffisait pas, le commandant voyage avec une china qui fait plein de manières, dans un chariot bâché... Sûre que la fille est une beauté... N'empêche qu'elle nous retarde !...

Aqui o Picumã se acoc'rou, tirou uma ponta de trás da orelha e pediu-me:

À ce moment, Picuman s'est accroupi, a pris un mégot qu'il gardait coincé derrière l'oreille et m'a demandé:

- Dá cá os avios, parceiro...

- Passe-moi donc le briquet camarade...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E bateu fogo. Reparei que a respiração do chiru estava a modo entupida... Mas pegou outra vez:

Et il a battu le briquet. J'ai remarqué que la respiration du chiru était comme qui dirait gênée par quelque chose... Mais il a bientôt repris :

- É... o Marcos disse-me que o comandante é mui rufião... –

- Ça m'étonne pas... Marcos m'a dit que le commandant est un sacré étalon...

- É mesmo; mal empregada, a cabocla; qualquer dia ele mete-lhe os pés... é o costume... Ora!...

- Ça, c'est vrai; dommage qu'elle soit tombée sur lui, la cabocle ; un de ces jours, il te la vire à coups de sabots ; ce sera pas la première ni la dernière...

- É... assim, é pena... Vamos, parceiro. Até logo. Como é a sua graça ?

- Ah oui... c'est comme ça ? Dommage... Bon, allons-y partenaire. À bientôt l'ami. Et à qui ai-je l'honneur ?

- João Antônio, seu criado... E a sua, inda que mal pergunte?

- Joan Antônio, pour vous servir... Et c'est quoi le vôtre de nom, si je peux vous retourner la question ?

- Juca, patrício... Juca no mais... Quando render, espero a sua pessoa para um amargo!...

- Juca, camarade... Juca, tout court... Quand ça sera la relève, je vous attends pour prendre un maté avec moi !

- 'Stá feito!... Vá em paz!...

- C'est entendu... Allez, bonne chance !

E outra vez nos mexemos, agora sobre o acampamento dos legais. Começamos a ouvir o falaraz dos homens, assobios, risadas, picamento de lenha, uma rusga de cachorros.

Et on a repris la marche mais, cette fois, directement sur le campement des légalistes. On a commencé à entendre des bruits de conversation, des rires et des sifflements, et puis aussi le crépitement des bûches, et des chiens qui se battaient.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mais umas braças. Chegamos. No meio do campestre uma fogueira grande, rodeada de espetos onde o churrasco chiava, pingando o fartum da gordura; nas brasas, umas quantas chocolateiras, fervendo; armas dependuradas, botas secando, japonas abertas, e ponchos, nos galhos. Deitados nos pelegos, nas caronas, muitos soldados ressonavam; outros, em mangas de camisa, pitavam, mateavam.

Encore quelques brasses et nous voilà arrivés. Au milieu de la clairière, il y a un grand brasier, autour duquel des broches sont plantées, où la viande grésille, et on sent l'odeur âcre de la graisse qui tombe dans les flammes : sur les braises, des bouilloires en train de chauffer, dans les branches, des armes accrochées çà et là, des bottes en train de sécher, des vareuses déployées, des ponchos. Allongés, sur les peaux de mouton, sur les tapis de selle, beaucoup de soldats en train de ronfler, tandis que d'autres, en manches de chemise, fument leur tabac ou sirotent leur maté accroupis.

Do lado da sombra uma carreta toldada. Num fueiro, pendurado, um porongo morrudo, tapado com um sabugo; vestidos de mulher, arejando, diziam logo o que aquilo era. Pertinho, outro fogão, também com churrasco, uma chaleira aquecendo e uma panela cozinhando algum fervido... Uma fumaça mui azul, cerrava tudo, alastrando-se na calmaria da ressolana.

À l'ombre des arbres, un chariot bâché. Accrochée à une ranche sur le chariot, une grosse calebasse, avec un trognon de maïs pour bouchon; et puis des habits de femme, étendus à sécher, qui en disaient long sur ce que c'était que ce wagon-là. Tout près, un autre brasero, lui aussi avec des grillades, une bouilloire en train de chauffer et une casserole où devait mijoter quelque chose... Une fumée toute bleue faisait comme un brouillard et se répandait dans le calme de la clairière inondée de soleil.

Dois cavalos à soga, e um outro, bem aperado, maneado, pastando.

Deux chevaux au piquet, et un autre, joliment harnaché, la longe sur l'encolure, en train de paître.

Mal que desembocamos do mato vimos tudo... e tudo com jeito de acampamento relaxado.

En débouchant du bois, on a vu d'un coup tout le campement... et on peut pas dire que ça respirait la discipline.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O chiru foi andando como cancheiro, e eu, na cola dele. Nisto um sujeito, deitado nos arreios, gritou-nos:

Le chiru a continué comme un cheval qui connaît bien la piste, et moi je trottais juste derrière.

À ce moment, un type allongé sur ses harnais nous a crié :

- Che! Aspa-torta! Então isto aqui é quartel de farrapos?... não se dá satisfações a ninguém?...

- Tché! Les cornes-tordues ! Vous vous croyez où ? Dans une caserne de farrapos ? ... Alors c'est plus la peine de s'annoncer ?

- Foi o Marcos, que nos mandou...

- C'est Marcos qui nous envoie...

- Que Marcos?

- Quel Marcos ?

- O Marcos, que está de sentinela... e o João Antônio... sim, senhor, para falar com o comandante...

- Marcos, qui est de sentinelle... et aussi Joan Antonio... oui, monsieur, c'est pour parler au commandant.

- Isso é outro caso... O comandante está sesteando... Se quiserem, esperem ali, junto da carreta. Já comeram?

- Ah ça, c'est une autre affaire... Le commandant est en train de faire la sieste. Si vous voulez, attendez ici, près du chariot. Vous avez mangé ?

- Já, sim senhor.

- Oui m'sieur.

- Pois então!... Vão!

- Bon alors, vous pouvez disposer!

E apontou.

Et il a montré du doigt où aller.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Arrolhamo-nos na sombra da carreta, junto da roda, encostando a cabeça na maça. Eu estava como em cima de brasas... não era pra menos... Cuna!... Se descobrissem, nos carneavam, vivos!...

On s'est installés à l'ombre du chariot, à côté de la roue, et on a appuyé la tête sur le moyeu. J'avais l'impression d'être assis sur des charbons ardents et y'avait bien de quoi... Pu...rée! S'ils nous découvraient, c'est qu'ils nous écorchaient vifs !...

O Picumã cochilava... mas estava alerta, porque às vezes eu bem via fuzilar o branco dos olhos, na racha das pálpebras, entre o sombreado das pestanas...

Picumã somnolait... mais il restait vigilant parce que je voyais de temps en temps le blanc de ses yeux lancer comme un éclair, dans la fente des paupières, entre l'ombre des cils...

A milicada começou a retirar os churrascos, já prontos e foi-se arranchando em grupos, para comer.

Puis la soldatesque a commencé à retirer les broches du feu et à former des petits groupes pour la popote.

Nisto, por cima de nós, dentro da carreta, ouvimos falar, e depois uma risada moça, e logo uma mulher desceu, barulhando anáguas.

À ce moment, juste au-dessus de nous, à l'intérieur du chariot, on a entendu parler, et ensuite un rire jeune, et presque aussitôt après, une femme est descendue dans un frou-frou de jupons.

O chiru, que estava com os braços encruzados por cima dos joelhos, quando sentiu a mulher, afundou a cabeça pra diante, escondendo a cara... e o chapéu ainda ficou imprensado entre a testa e a curva do braço... Então passou pela nossa frente a cabocla... viu um como dormindo e o outro, que era eu, mui derreado e bocó... E foi-se à panela, mirou-a, apertando os olhos pro via da fumaça e do mormaço do brasido.

Le chiru, qui avait les bras croisés sur les genoux, quand il a entendu la femme, il a baissé la tête et a caché son visage..... et en plus de ça, il avait coïncé son chapeau contre son front avec son bras... Alors la cabocle est passée devant nous... Elle a vu un type qui avait l'air de dormir et un autre, moi, un morveux à l'air exténué ... Et elle est allée jusqu'à la marmite, l'a regardée en plissant les yeux à cause de la fumée et de la chaleur du brasier...

Por Deus e um patacão!...

Par le sang-bleu et un doublon d'or !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Era um chinocão de agalhas!... Seiúda, enquartada, de boas cores, olhos terneiros... e com uma trança macota, ondeada, negra, lustrosa, que caía meio desfeita, pelas costas, até o garrão!...

Quel morceau ! Une de ces poitrines, une de ces croupes, la peau dorée, des yeux de biche... et avec ça, une longue tresse épaisse, ondulante, noire, lustrée, qui lui tombait à moitié défaite sur le dos jusqu'aux jarrets !...

Por que seria que este diabo largou o meu capitão, para se acolherar com este tal ruivo?...

Qu'est-ce qui avait pu pousser cette diablesse à larguer mon capitaine pour s'acoquiner avec le rouquin...

Isto de chinas e gatos... quem animar sai arranhado... Talvez por este ser ruivo... talvez por farromeiro... por causa dalgum cavalo que ela gabou e ele regalou-lhe... e até... até por enfarada do outro... Ora vão lá saber!...

China et matou, c'est du pareil au même ... À trop caresser, on s'fait griffer... Peut-être bien parce qu'il était rouquin... peut-être parce qu'il était hâbleur... ou alors elle avait trouvé un cheval à son goût et il le lui avait donné... et peut-être même parce qu'elle s'était lassée de l'autre... Va là savoir ?...

Nisto a piguancha alçou a panela e voltou pra carreta.

À cet instant, notre pouliche a soulevé la marmite et est retournée au chariot.

O chiru então, com a cara de lado, soprou-me de leve:

Alors le chiru, sans tourner la tête, m'a soufflé à voix basse :

- Ela não se arpiou quando me viu?...

- Elle a pas bronché quand elle m'a vu ?

- Não... nem nos benzeu com um olhado... É uma cabocla enfestada!...

- Non, ... elle nous a même pas fait l'aumône d'un regard... Dis-donc, elle est gironde, la cabocle !

- Cale a boca... Apronte-se que o fandango não tarda.

- Chut taisez-vous... Préparez-vous, le bal va pas tarder à commencer.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Eu preferia bailar com a morena...

- Eh bien, moi je préférerais danser avec cette morena..

- Aqueles dois do mate convidado não vêm mais....

- Ces deux-là, que j'ai invités à prendre le maté avec moi, ils viendront plus...

- Os sentinelas?

- Qui ça ? Les sentinelles?

- Sim; com certeza o capitão enxugou-os... Está me palpitando que a gente está desabando aí...

- Oui, le capitaine les a liquidés, c'est sûr... Quelque chose me dit que nos hommes vont nous tomber dessus.

Palavras não eram ditas, que saiu do mato um milico, pondo a alma pela boca, e balançando, de cansaço e medo, mascou a nova:

Il n'avait pas fini de parler qu'un soldat, qui sortait du bois en courant, à bout de souffle et en titubant de fatigue et de peur, donne l'alarme.

- Os farrapos! Os farrapos! Mataram o João Antô-!...

- les Farrapos! Les Farrapos! Ils ont tué Joan Antô-!

Estrondeou um tiro... zuniu uma bala... um legal virou, pataleando.

Une détonation... une balle qui siffle... et pof, un légaliste fait la culbute et se retrouve les quatre fers en l'air.

E pipoqueou a fuzilaria em cima da camelada!

Et tout à coup les coups de feu se mettent à crépiter sur ces chameaux* de caramurus !

Eu, pulei logo para o recavém da carreta, para me botar ao ruivo; mas antes de chegar já ele tinha descido... e se foi ao cavalo, que montou de pulo e mesmo sem freio e maneado, tapeando-o no mais, tocou picada fora.

Moi, j'ai bondi aussitôt vers le chariot pour me charger du rouquin; mais avant que j'y arrive, il était déjà descendu... avait couru à son cheval, sauté en selle et, sans frein et la longe encore sur l'encolure, rien qu'en lui donnant une ou deux tapes, il le lançait au galop sur la sente.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E berrou à gente:

Et il a crié à ses hommes:

- Pra o rincão! Pra o rincão!

- À couvert ! À couvert !

E com a folha da espada tocou o flete, que pelo visto era mestre naquelas arrancadas.

Puis il a tapé du plat de l'épée sur son cheval, qu'on voyait entraîné à de tels démarrages.

Mesmo assim eu ia ver se segurava o homem, mas o chiru gritou-me:

J'allais quand même essayer d'attraper mon bonhomme mais le chiru m'a crié :

- Deixe! Deixe! Agora é tarde!...

- Laissez-le ! Laissez-le ! Maintenant, c'est trop tard !...

Naturalmente de dentro da carreta a china viu o entrevero, e que o negócio estava malparado; e pulou pra fora, pra disparar e ganhar o mato. Mas quando pisou o pé em terra, a mão do Juca Picumã fechou-lhe o braço, como uma garra de tamanduá...

Naturellement, de l'intérieur du chariot, la china a vu la bagarre, et que l'affaire était bien mal engagée ; elle a sauté dehors pour gagner le bois. Mais au moment où ses pieds touchent le sol, v'là la main de Juca Picuman qui se referme sur son bras, comme les griffes d'un tamanoir...

A cabocla não estava tão perdida de susto, porque ainda deu um safanão forte e gritou, braba:

La cabocle n'était pourtant pas si effrayée qu'elle ne l'a repoussé violemment en criant, furieuse :

- Larga, desgraçado!...

- Lâche-moi, misérable !...

E olhou, entonada... mas conheceu o chiru e ficou abichornada, pateta...

Et elle l'a toisé avec mépris... mais alors elle a reconnu le chiru et elle est restée toute bête, comme ahurie...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- O tata! O tata!...

- Oh ! Taita ! Papa !

- Cachorra!... Laço, é o que tu mereces!...

- Chienne !... le fouet, voilà c'que tu mérites !...

- Me largue, tata!...

- Lâchez-moi Taita !

- Primeiro hei de cair-te de relho... pra não seres a vergonha da minha cara...

- Pas avant de t'avoir corrigée à coups de fouet... pour que tu n'me fasses plus jamais honte...

Neste instante, fulo de raiva, o nosso capitão manoteou-a pelo outro braço.

À cet instant, livide de colère, notre capitaine l'a saisie par l'autre bras.

- Ah! mencê... perdão!... Nunca mais!... Eu... Eu...

- Ah ! c'est donc vous, M'sieur ! Pardon !... Je l'ferai plus ! Je... Je...

- Eu é que vou dar-te sesteadas com o ruivo, guincha desgraçada!

- Je vais t'en donner, moi, des siestes avec le rouquin, maudite jument !

E furioso, piscando os olhos, com as veias da testa inchadas, largou o braço da morena mas agarrou-lhe os cabelos, a trança quase desmanchada, fechando na mão duas voltas, agarrou curto, entre os ombros, pertinho da nuca..., e puxou pra trás a cabeça da cabocla..., com a outra mão pelou a faca, afiada, faiscando e procurou o pescoço da falsa...

Et furieux, clignant des yeux, les veines du front gonflées, il a lâché le bras de la morena mais l'a attrapée par les cheveux, par sa tresse presque toute défaits, qu'il a enroulée deux fois autour de sa main, l'empoignant par la racine, entre les épaules, tout près de la nuque..., et puis il a tiré en arrière la tête de la cabocle... de l'autre main il a dégainé son poignard, tranchant, étincelant, et a dégagé la gorge de la traîtresse..

Chegou a riscar... riscar, só, porque o chiru velho, o Juca Picumã, foi mais ligeiro: mandou-lhe o facão, de ponta, bandeando-o de lado a lado, pela altura do coração!...

Il a même été jusqu'à l'érafler, cette gorge... l'érafler c'est tout, parce que le vieux chiru, Juca Picuman, a été plus rapide: il a porté un coup de la pointe de son coutelas et a transpercé le capitaine de part en part, à hauteur du cœur.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Isso não!... é minha filha! disse.

- Ça non alors !... C'est ma fille ! qu'il a dit.

O capitão revirou os olhos e deu um suspiro rouco... depois respirou forte, espirrou uma espuma de sangue e afrouxou os joelhos... e logo caiu, pesado, com uma mão apertada, sem largar a faca, com a outra mão apertada, sem largar a trança...

Les yeux révulsés, le capitaine a poussé un soupir rauque... puis il a respiré bruyamment, le sang lui est venu en écume à la bouche et ses genoux se sont dérobés... et il est tombé, comme une masse, avec un poing serré qui ne lâchait pas la dague et l'autre, serré aussi, qui ne lâchait pas la tresse...

E a china, assim presa; rodou por cima dele, lambuzando-se na sangueira que golfava pelo rasgão do talho, que bufava na respiração do morrente...

Et la china, prisonnière, a roulé par-dessus le corps du capitaine, se souillant toute du sang qui jaillissait de l'entaille béante et qui sortait par bouffées de la bouche du mourant...

Vendo isso, o Picumã quis soltar a piguancha e forçou abrir a mão do capitão: qual! era um torniquete de ferro; tironeou... nada! Então, sem perder tempo, com o mesmo facão matador cortou a trança, rente, entre a mão do morto e a cabeça da viva... Foi - ra... raaac! - e a china viu-se solta, mas sura da trança, tosada, tosquiada, como égua xucra que se cerdeia a talhos brutos, ponta abaixo, ponta acima...

En voyant ça, Picumã a voulu délivrer la jeune fille et a essayé d'ouvrir de force la main du capitaine : rien à faire ! On aurait dit un garrot de fer. Il a eu beau tirer ... en vain ! Alors, sans perdre de temps, avec la même arme qui venait de tuer, il a tranché la tresse, à la racine, entre la main du mort et la tête de la vivante... Zaaaaac ! Et la china s'est vue libre, oui, mais amputée de sa tresse, rasée, tondue comme un jument sauvage à qui l'on coupe la crinière et la queue en deux grands coups de coutelas, un vers le bas, un vers le haut...

E mal que sentiu-se livre sacudiu a cabeça azonzada, relanceou os olhos assombrados, arrepanhou as anáguas e disparou mato dentro, como uma anta...

Et à peine s'est-elle sentie libre qu'elle a secoué la tête, encore tout étourdie, a jeté un regard rempli d'épouvante autour d'elle, a ramassé ses jupons et a détalé, s'enfonçant dans les fourrés, comme un tapir.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Cachorra!... vai-te! ... rugiu o chiru, limpando o ferro na manga da japona. E olhando o corpo do capitão, cuspiu-lhe em cima, resmungando:

- C'est ça, chienne ! Va-t-en ! A rugi le chiru en essuyant sa lame sur la manche de sa vareuse. Et puis il regardé le corps du capitaine et lui a craché dessus en grommelant :

- Pois é... seduziu... e agora queria degolar...

- Et voilà... il l'a séduite... et maintenant il voulait l'égorger...

E mui triste, pra mim:

Et, d'une voix triste, en se tournant vers moi :

- Vancê vai dar parte de mim?

- Vous allez me dénoncer ?

- Esta é a Rosa, a tua filha?

- C'est donc Rosa, ta fille ?

- Sim, senhor, que eu criei com tanto zelo!...

- Oui monsieur, ma fille que j'ai tout fait pour élever du mieux possible !

E mais não pudemos dizer, porque o entrevero rondou para o nosso lado... e tivemos que fazer pela vida!... No meio do berzabum o Picumã ainda achou jeito de atirar uns quantos tições pra dentro da carreta... e daí a pouco o fogo lavorava forte naquele ninho de amores. A la fresca!... que ninho!...

Et nous n'avons pas pu échanger un autre mot, parce que la bagarre est arrivée dans notre direction... et il a fallu défendre notre peau !... Au milieu de ce barouf de tous les diables, Picumã a encore trouvé moyen de jeter quelques tisons à l'intérieur du chariot... et il a pas fallu attendre longtemps avant que le feu dévore ce joli nid d'amour. Et quel nid !... A la fresca !

Alguém gritou: o capitão 'stá morto!... Vamos embora!...

Quelqu'un a crié : ils ont tué le capitaine ! Allons-nous-en !

Um de a cavalo atravessou-o no lombilho e fomos retirando, troteando sempre.

Un cavalier l'a couché en travers de la selle et nous avons battu en retraite en tirillant.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas a trança não ia mais na mão do morto.

Mais la tresse avait quitté la main du mort.

Passaram-se uns três meses largos; em muita correria andamos, surpresas, tiroteios, combates sérios.

Il s'est passé trois longs mois ; on arrêtait pas de courir, d'attaques éclairs en escarmouches, d'escarmouches en batailles rangées.

Um dia um estancieiro regalou-me um pingo tordilho, pequenitate, mas mui mimoso. Quando eu ia sentar-lhe as garras, apareceu-me o Picumã, sempre esfrangalhado e com cara de sono e disse-me, desembrulhando um pano sujo:

Un jour, un estancieiro m'a fait cadeau d'un cheval tourdille, petit mais très joli. Alors que j'allais lui mettre les harnais, voilà pas que surgit mon Picuman, en guenilles comme à l'ordinaire et avec son air d'endormi, et qui me dit, en dépliant un morceau de tissu crasseux :

- Vim trazer-lhe um presente; é um trançado feito por mim; e há de ficar mui bem no tordilho, porque é preto...

- Je suis venu vous apporter un cadeau; c'est une pièce que j'ai tressée moi-même ; elle ira très bien sur le tourdille, vu qu'elle est noire...

E ajeitou na cabeça do cavalo um buçalete e cabresto preto, de cabelo, trançado na perfeição. Nunca passou-me pela idéia cousa nenhuma a respeito...

Et il a ajusté sur la tête du cheval un filet et une têtère noirs, faits avec des crins, tressés à la perfection. À ce moment, l'idée ne m'a même pas traversé l'esprit...

O meu esquadrão marchou para a fronteira; depois andamos de Herodes para Pilatos, até que no combate das Tunas... fomos topar com os antigos companheiros de divisão.

Mon escadron a fait marche vers la frontière; puis on a couru par monts et par vaux, d'Hérodes à Pilates, jusqu'à ce qu'on tombe, au combat des Tunas, sur nos anciens camarades de division.

Brigamos muito, nesse dia. Aí ganhei as minhas batatas de sargento.

On s'est beaucoup battus, ce jour-là. Et c'est même là que j'ai gagné mes galons de sergent.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não sei como ele soube, mas de noite um fulano procurou-me dizendo que o soldado Juca Picumã, um chiru velho, que estava muito ferido, pedia para eu não deixá-lo morrer sem vê-lo.

Je ne sais pas comment il a fait pour me trouver, mais de nuit, quelqu'un est venu me chercher pour me dire que le soldat Juca Picumã, un vieux chiru, était blessé, vraiment mal en point, et me demandait de ne pas le laisser mourir sans venir le voir.

Lá fui. Estava o chiru deitado nas caronas e todo reatado de panos, pela cabeça, nas costelas, nas pernas.

J'y suis allé. Le chiru était allongé sur des tapis de selle, entièrement couvert de bandages, sur la tête, les côtes, les jambes.

O coitado gemia surdo, de boca fechada; e às vezes cuspiam preto...

Le malheureux poussait des gémissements sourds, la bouche fermée; et de temps à autre crachait un sang noir...

Quando me viu, à luz de uma candeia de barro fresco, quis mexer os ossos e não pôde...

Quand il m'a vu, à la lueur d'une chandelle d'argile fraîche, il a essayé de se redresser, en vain...

- Então, Picumã... homem afloxa o garrão?...

- Et alors, Picuman... mon gars, on plie le jarret ?...

E ele falou tremendo na voz:

Et il a parlé d'une voix tremblante:

- Estou... como um crivo... Eram oito... em cima... de mim... só pude... estrompar... cinco!... Vancê... ainda... tem... aquele buçalete?...

- J'suis... une vraie passoire... huit qu'ils étaient... à m'tomber dessus.. j'ai pu... en bousiller... que cinq !... Dites Patron, vous... avez... encore... cette têtère... que... je...vous ai... donnée ?

- Tenho sim; meio estragado, mas tu ainda há de compô-lo, não é?...

- Oui, elle est plutôt abîmée mais tu vas me la remettre en état, pas vrai ?...

- Não... eu queria... eu queria... lhe... lhe pedir... ele, outra vez... pra... pra mim...

- Non... j'voulais... j'voulais... vous demander de me la rendre... c'est pour... pour moi...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Pois sim, dou-te! Amanhã trago-te.

- Bien sûr que je vais te la rendre. Je te l'apporte demain.

- É do... do cabelo da Rosa... a trança... lembra-se?...

- Je l'ai faite... avec... avec... les cheveux de Rosa... Sa tresse... Vous vous rappelez ?...

Levantei-me, como se levasse um pregaço no costilhar... O buçalete era feito do cabelo da china?!... E aquele chiru de alma crua... E quando firmei a vista no índio, ele arregalou os olhos, teve uma ronqueira gargalejada e finou-se, nuns esticões...

Je me suis levé d'un coup, comme si j'avais reçu un coup violent dans le dos... Le harnais était donc fait avec les cheveux de la china ?!... Et alors le chiru, avec son âme mal dégauchie ... Et quand j'ai regardé à nouveau le cabocle, il a roulé des yeux, a poussé un dernier râle et il est mort dans un spasme...

Nessa mesma madrugada fui mandado num piquete de reconhecimento, de forma que não soube onde nem como foi enterrado o Picumã, porque o meu desejo era atirar-lhe pra cova aquele presente agourento...

À l'aube, on m'a envoyé en mission de reconnaissance, de sorte que je n'ai jamais su ni où ni comment avait été enterré Picumã, parce que mon intention à ce moment-là, c'était de jeter dans la fosse ce présent de mauvais augure...

Agourento... agourento não digo, porque afinal enquanto usei aquele buçalete nunca fui ferido.., e ganhei de uma a quatro divisas...

Mauvais augure... pas si mauvais augure que ça, parce qu'en fin de compte, tout le temps que je l'ai utilisé ce harnais, jamais je n'ai été blessé... et je suis passé de un à quatre galons...

Tem é que dobrei a prenda, reatei-a com um tento e soquei-a pro fundo da maleta, até ver...

Alors je l'ai plié, l'ai noué avec une lanière et l'ai fourré au fond de ma cantine, en attendant...

Até que um dia, como lhe disse, soube que a Rosa morreu e então... ah!... já lhe disse também: atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...

Jusqu'au jour où, comme je vous l'ai dit, j'ai appris que Rosa était morte et alors... ah!... ça aussi je vous l'ai déjà dit : j'ai jeté les cheveux dans la fosse de la cabocle, les cheveux de cette fameuse tresse... sous une autre forme maintenant, c'est vrai... mais, pourtant, toujours les mêmes !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº 11. Etnônimos

Texto e pretexto: “Melancia - Coco-verde”

Foco do estudo tradutológico: o assunto delicado dos etnônimos, sua relação bastante complicada com a cultura de origem ou de uso, alguns problemas ligados a sua transferência para a versão estrangeira

“Esse tal era um **ilhéu**, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petição e isso mesmo o petição havia de ser podre de manso... e até maceta... e nambi... e porongudo!... [...] Era mesmo uma pena, lhe digo... casar uma **brasileira** mimosa com um **pé-de-chumbo**, como aquele desgraçado daquele **ilhéu**... só porque ele tinha um boliche em ponto grande!...”

“**Galego**, naquele tempo, era gente, vancê creia! Estância, era dele; negócio, era dele; oficial, era só ele; era arrematante das sisas, ele; surgião, ele; padre-vigário, ele; e pra botar a milcada em cima dos **continentistas**... era ele!... [...] E cada presilha!... **Gente da terra** não valia nada!...”

Alguns elementos das imbricações entre história, origem geográfica, identidade étnica, condição socioeconômica e política, etc.

Num país onde o léxico da referência étnica é notavelmente farto, especialmente, porventura, no que diz respeito ao quesito dos termos ligados mais diretamente à história da miscigenação no Brasil – os dicionários genéricos registram dezenas de sinônimos da palavra “mestiço”, cada um com algum matiz semântico que lhe é mais ou menos específico¹⁵⁹ – o etnônimo (i.e., a designação de determinado grupo humano) é uma unidade lexical que se revela ser de manejo particularmente delicado para o estrangeiro (o tradutor no caso). Neste comentário, discuto brevemente as dificuldades levantadas por etnônimos como ‘china’, ‘chirua’, ‘chiru’, ‘caboclo’, ‘cabocla’, ‘moreno’, ‘morena’, ‘morocha’, etc., mas também por gentílicos como ‘ilhéu’, ‘galego’, ‘caramuru’, etc. Na verdade, cada uma destas palavras mereceria um pequeno ensaio que lhe fosse dedicado, pois todas envolvem uma multidão de denotações e conotações intimamente vinculadas com as histórias de sua emergência na língua e de sua evolução semântica.

¹⁵⁹ A própria abundância é pregnante, uma vez que, em outros países, o vocabulário neste quesito é longe de ser tão diverso, apesar de certas nações terem passado por experiências históricas semelhantes à do Brasil.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como é sabido, Simões, com seu “Melancia e Coco Verde”, conseguiu dar uma tonalidade resolutamente gaúcha a uma história que já fora apresentada na famosa antologia de contos reunidos pelo sergipano Sylvio Romero. Boa parte da maneira como estilização e regionalização se combinam para fazer do empreendimento de recuperação cultural uma obra literária pessoal de pleno direito (de autoria de João Simões Lopes Neto e não de outrem) gira em torno da introdução de elementos como, justamente, essas palavras que referi *supra* e que remetem a uma especificidade inegável na formação cultural, demográfica, linguística do Rio Grande do Sul.

Alguns aspectos relevantes para a tradução a respeito:

- **interligações:** parte da complexidade inerente à tradução dos etnônimos está ligada a ocorrências de um tipo de osmose semântica que se produz entre etnônimos(caboclo)/gentílicos(baianos) e politônimos (ex. farrapos, i.e. designações de grupos formados por afiliação política). Assim, em função de seu contexto de uso, termos como ‘galego’ ou ‘caramuru’ podem ser entendidos como sinônimos de ‘legalista’. Decorre disto que sempre pode colocar-se a pergunta perante o tradutor de saber se é melhor transferir o pertencimento ao grupo étnico ou ao grupo político, sendo que a associação entre um e outro significado no mesmo significante não tem, em regra geral, como ser trasladada para a versão estrangeira, a não ser que se recorra novamente a informações extratextuais em prol do leitor da dita versão (sob a forma de notas de rodapé ou de fim de texto ou outro recurso).

- **Processos de ressemantização:** os etnônimos representam uma categoria de palavras bastante suscetíveis de sofrer substanciais modificações semânticas em função do contexto de emprego e dos diversos fatores envolvidos nos processos de ressemantização do léxico. O ‘cabra’ dos romances de José Lins do Rego, por exemplo, poderia não ser o ‘cabra’ de uma novela sul-rio-grandense contemporânea (que provável, porém não necessariamente, evocaria um “nordestino”, seja ele mulato, cafuzo, caboclo, etc., na boca de alguma personagem gaúcha de um romance sulista). Também haverá contextos (“é um cabra valente”, etc.) nos quais o emprego do termo “cabra” não envolve a priori nenhum particular matiz de ordem etnonímica, o que, de resto, é o caso de muitos etnônimos empregados em contexto urbano.

Da mesma forma, o ‘índio’ dos *Contos gauchescos* não é o ‘índio’ de *El gaúcho Martín Fierro*; a china de “O Negro Bonifácio” ou de “Os cabelos da china” não é a china de “O analista de Bagé”. Não pode haver uma tradução padronizada destes termos, justamente porque seu sentido é sujeito a variações notáveis segundo o espaço e a época de emprego.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O piá de *Macunaíma* não é o piá das letras das composições apresentadas nas atuais califórnicas da canção tradicional, o qual pode ser de qualquer estirpe conquanto que seja “campeiro”; o neguinho das crônicas cariocas de hoje não é o negrinho do pastoreio, etc. Daí, não há, para o tradutor, como se “entregar” a um tratamento “automático” ou “sistematizado” de um etnônimo do idioma original, traduzindo-o sempre pela mesma palavra no idioma alvo. Como de costume, tudo depende ultimamente do contexto de enunciação em que se encaixa tal ou tal ocorrência – tendo em conta, em especial, parâmetros como o contexto, i.e. as palavras vizinhas, as circunstâncias históricas e artísticas representadas na mimese, o “ambiente de uso” no momento de produção do texto, notadamente no que tange ao grau de “racialização” do discurso, etc.

Os etnônimos, como os demais elementos lexicais na composição textual, podem entrar em consonância com outros elementos junto aos quais configuram esquemas paronímico-semânticos plenamente participantes da vertente simbólica que se ramifica pelas redes significantes texto adentro e texto afora. Destarte, relativamente a “O Negro Bonifácio”, enfatizei o caráter iconizante da escrita, no sentido de sugerir, ou mesmo desenhar – naquela projeção mental que emana do leitor ao tomar conhecimento do texto – uma analogia entre a sua composição e uma corrida, não somente ao nível da formulação, mas também no plano da estruturação do conto. Repara-se, entre outras ocorrências suscetíveis de corroborar semelhante leitura, que, na lista que constituem os vários etnônimos usados por Blau para se referir a Tudinha, consta a palavra “morena¹⁶⁰”. Ora, como ‘taura’, ‘tourear’, etc., o vocábulo ‘moreno’ se harmoniza, de certa maneira, com a imagem da corrida, uma vez que ‘moreno’ é um termo usado em espanhol para designar exclusivamente ao touro negro.

Representação das relações entre grupos socioétnicos e socioeconômicos.

A mimese dos *Contos gauchescos* integra principalmente uma representação do mundo da estância, com o estancieiro (eventualmente também charqueador) no cume da pirâmide social, e depois o capataz, os campeiros, posteiros e agregados, com destaque para ofícios particulares como o de domador ou de compositor de cavalos.

¹⁶⁰ Eis o que o dicionário dá como etimologia da palavra ‘moreno’: “**esp. moreno 'touro negro'**, antropônimo 'de cor parda (objetos) ou de pele ou tez escura (pessoas ou animais)” (Houaiss). Não é somente, nesta etimologia, o sentido original da palavra que interessa, senão também o idioma de que foi tomada emprestada, uma vez que participa de um subsistema de representação que leva em conta o caráter comum das culturas do pampa e de *la pampa*, do gaúcho e *del gaúcho*, compartilhado em especial pelas populações fronteiriças do Rio Grande do Sul e do Rio do Prata.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Neste sistema, os papéis são distribuídos mais ou menos em função de uma hierarquia que poderíamos qualificar de socioétnica, o estancieiro sendo em geral português ou descendente de português (cf. “Melancia e Coco Verde” e a correspondência entre as gerações e a identidade étnica), o resto repartido entre caboclos “livres” e negros escravizados ou libertos.

De sorte que sempre há, explícita ou implicitamente, alguma relação entre o estatuto socioétnico e a condição socioeconômica. Agora, pode parecer um sistema relativamente simples, mas o que se constata nos *Contos* é uma diversidade de apelações socioeticamente conotadas que é difícil de se transladar para a versão estrangeira. Isto, em parte porque mesmo que os termos aparentem ser sinônimos na boca de Blau Nunes, conquanto que ele use-os para se referir a uma mesma personagem, a variação de uma designação para outra pode ser significativa de per si. Talvez não faça muita diferença quando Blau designa Picumã por ‘índio’, ‘caboclo’ ou ‘chiru’, mas há casos como “O Negro Bonifácio” nos quais toda cautela é pouca em se tratando das designações de ordem etnonímica. A questão da diversidade vocabular, em se reportando a um mesmo referente virtual, é, a propósito, um tema recorrente nos tratados de tradutologia, na medida em que é muito raro duas culturas e os seus idiomas mais representativos apresentarem sempre a mesma diversidade nas designações de um campo lexical específico – nem que seja porque o recorte da realidade não é idêntico de uma cultura para outra (cf. a chamada “hipótese de Sapir-Whorf”).

É o que acontece, conforme vimos, com os nomes das capas de cavalo, dos aperos, mas é também o caso com os etnônimos, e gostaria de dar um exemplo a seguir de como, precisamente, a variação na designação etnonímica pode sinalizar uma variação no sentido, e mesmo nos levar para um percurso semântico miniaturizado.

Dou a seguir um exemplo de como abordei certos aspectos inerentes à variação de designações para um mesmo objeto ou sujeito, variação que sempre considero, *a priori*, em parte como reflexo de práticas culturais vigentes no pampa da segunda metade do século XIX, e em parte enquanto escolha deliberada do narrador.

Selecionei, para ilustrar meu ponto de vista, o circuito desenhado pelos etnônimos usados por Blau Nunes ao se referir à personagem de Tudinha no conto “O Negro Bonifácio”. Parece-me ser particularmente apto para exemplificar como a variação lexical se harmoniza com outros constituintes da composição literária e adquire significância por si mesma.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“História” de um “percurso”: a tudinha Tudinha ou uma china “multifacetada”

A dificuldade trazida pela interpretação e transferência dos etnônimos poderia se epitomar, tudinha, no caso da Tudinha, protagonista feminina do conto “O Negro Bonifácio” e, porventura, personagem emblemática na representação literária simoniana da mulher gaúcha no pampa.

Tudinha, chinoca, piguancha, misturada, morocha, morena...

Vejamos mais em detalhe as apelações da personagem na voz de Blau Nunes:

A Tudinha...

A primeira indicação quanto à identidade étnica da personagem se encontra no seu nome, conforme explico no comentário no qual se esboça alguma reflexão sobre a significação dos antropônimos nos *Contos gauchescos*.

A Tudinha era a **chinoca** mais candongueira...

chinoca airosa [este segundo ‘chinoca’ presumidamente “do ponto de vista” do cajetilha que escreveu alguns versos para ela, mas sempre segundo Blau velho narrador]

Na primeira frase de apresentação da personagem, salienta a palavra ‘chinoca’, “palavra de material compósito” (china + oco/a) que colocaria certa ênfase em duas características físicas da Tudinha. Conforme ressaltai antes, a formulação é “híbrida” na seleção das palavras (tudinha, chinoca, candongueira, respetivamente de origens europeia, americana, africana), mas também na conformação destas (‘china’, americana, + sufixo ‘oca’, europeu).

A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado

A terceira designação que pode ser vinculada (ou não) com a identidade étnica da personagem é ‘piguancha’, termo que também, ao julgar pelo emprego que Blau faz da palavra, pode aludir tanto à origem “genética” da Tudinha quanto a sua juventude e a seu poder de sedução. Cabe frisar que as únicas personagens femininas a que Blau se refere pela designação ‘piguancha’ (junto, aliás, com a denominação ‘china’), são a própria Tudinha de “O Negro Bonifácio”, a Rosa de “Os cabelos da china”, a Lalica de “Jogo de osso”; ou seja, não é qualquer tipo de personagem que recebe esta “apelação” por parte do narrador.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nota-se que a rival de Tudinha, a nova “querendona” do Negro Bonifácio, é chamada de ‘chirua’ em um primeiro momento do relato, mas também acaba sendo designada por ‘piguancha’ mais adiante (“ao depois tomara novos amores com outra fulana, uma **piguancha** de cara chata, beijuda”¹⁶¹) de sorte que os elementos que conformam o prisma das identidades e das cores da tez atribuíveis às personagens começam a convergir, ao passo que se constrói o relato. Acresce que o fato de o narrador se valer de uma mesma designação para se referir a diferentes personagens não deixa de criar possibilidades de conexão entre elas, colocando-as, nem que seja por um instante narrativo, em algum pé de igualdade.

- Ora, **misturada!**..., eu sou teu negro, de cambão!... mas não piá da china velha!

Esta quarta designação (emanando supostamente de Bonifácio, citado por Blau) se engata com a primeira, ‘Tudinha’. Da mesma forma que se assinala certa oposição entre a ‘chirua’ e a ‘china’, parece que a interpelação feita por Bonifácio haveria a ver com o caráter miscigenado da personagem. Ele é O Negro: ou seja, especula-se que Bonifácio não seria a priori, pelo menos desde seu ponto de vista (sempre transitando pela voz do narrador), “misturado”, mas “puro-sangue” (glossando: “africano de lei”). Esse “misturada”, no texto e na boca do protagonista do relato, entra em ressonância com outros termos, ‘negro’, ‘chirua’, ‘Tudinha’, mas também com a informação suprida por Blau no começo do seu caso: “No mais, buenaça, sem entono; e tinha de que, porque corria à boca pequena que ela era filha do capitão Pereirinha, estancieiro”¹⁶².

a **morocha** mais linda que tenho visto,

A quinta designação, ‘morocha’, já se demarca um pouco de ‘china’, mas bate também na tecla da mestiçagem¹⁶³ e de certa categoria de tez, obviamente de preferência do narrador¹⁶⁴.

¹⁶¹ Observa-se que, nas duas ocasiões em que Blau emprega a palavra ‘piguancha’ para se referir à nova “querendona” de Bonifácio, ele faz seguir o substantivo do epíteto ‘beijuda’. Parece-me importante dentro de um esquema de representação das “relações socioétnicas” em que participam não somente os etnônimos, mas também muitos outros elementos da composição, textual, certo, mas também quase que pictórica no seu alcance evocativo (as “cores” das personagens — o negro Bonifácio, o branco esverdeado Nadico “os quatro brancos” — as cores dos cavalos, o lobuno rabicano, o picaço do Major Terêncio, o tordilho de Nadico —, etc.)

¹⁶² Este “misturada!” que se encontra no texto da edição dos *Contos gauchescos* em que escolhi me basear para a elaboração da versão francesa, não consta na edição de Aldyr Garcia Schlee. Este decidiu substituí-lo pela palavra “coração”, argumentando que correspondia à formulação usada na publicação dos contos tais como foram impressos, de maneira avulsa, em rodapé dos jornais locais, i.e. antes de serem reunidos em coletânea. Como o tradutor uruguaio alicerçou a sua versão para o espanhol na edição de Aldyr Schlee, traduziu na referida versão a palavra ‘coração’, e não ‘misturada’.

¹⁶³ Houaiss: “morocho. (Houaiss) Regionalismo: Rio Grande do Sul. que ou aquele que tem pele morena; caboclo. etimologia: plat. morocho 'mestiço'” (cf. a famosa milonga, “el morocho y el oriental”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Há, pois, um ‘radical livre’ nesta referência, que permite enganchar ‘morocha’ com ‘china’ que precede, e outro, que autoriza novo engate, na sequência, entre ‘morocha’ e ‘morena’ que segue.

como uma **morena**, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?...

A volta da china Tudinha

Com esta sexta designação, ‘morena’, temos, por assim dizer, dado a volta ao hexágono e reaproximado, pelo menos linguisticamente, a ‘china’ do ‘negro’¹⁶⁵.

O Houaiss traz ao verbete ‘moreno’: “1 que ou quem tem a pele azeitonada ou amarronzada 2 que ou aquele cuja cor de cabelo varia entre o castanho-escuro e o preto” e assinala até a possibilidade de um emprego mais “hiperonímico” do significante – “hiperonímico”, pelo menos no sentido de perder parte de seu significado etnonímico¹⁶⁶.

Entretanto, no contexto da cultura gaúcha e de sua representação na literatura gauchesca, ‘moreno’ sói se empregar como sinônimo de ‘negro’. É, aliás, fato cultural que o professor Luis Augusto Fischer assinala em nota de rodapé relativa ao termo ‘moreno’ usado por Blau para se referir a personagem de Osoro no seu causo “Jogo de osso” (“O Osoro era um moreno mui milongueiro¹⁶⁷”). Aliás, no que diz respeito ao uso da palavra no contexto da literatura gauchesca, pensa-se imediatamente naquele moreno pajador, irmão do negro assassinado por Martín Fierro, e que vem, numa espécie de palinódia poética, enfrentar o herói em desafio cantado “al compás de la vigüela”.

¹⁶⁴ cf. p. ex. aquele comentário de Blau velho, mas facilmente atribuível a Blau jovem, em virtude de nítida orientação focalizadora: “Era **um chinocão de agalhas!**... Seiúda, enquartada, **de boas cores**, olhos terneiros”.

¹⁶⁵ Apesar de que, a bem dizer da verdade, já haveria indícios de uma possível contribuição africana na mestiçagem da Tudinha, o nome, é claro, mas também o adjetivo ‘candongueira’, de origem bantu, que vem qualificar o nome ‘chinoca’.

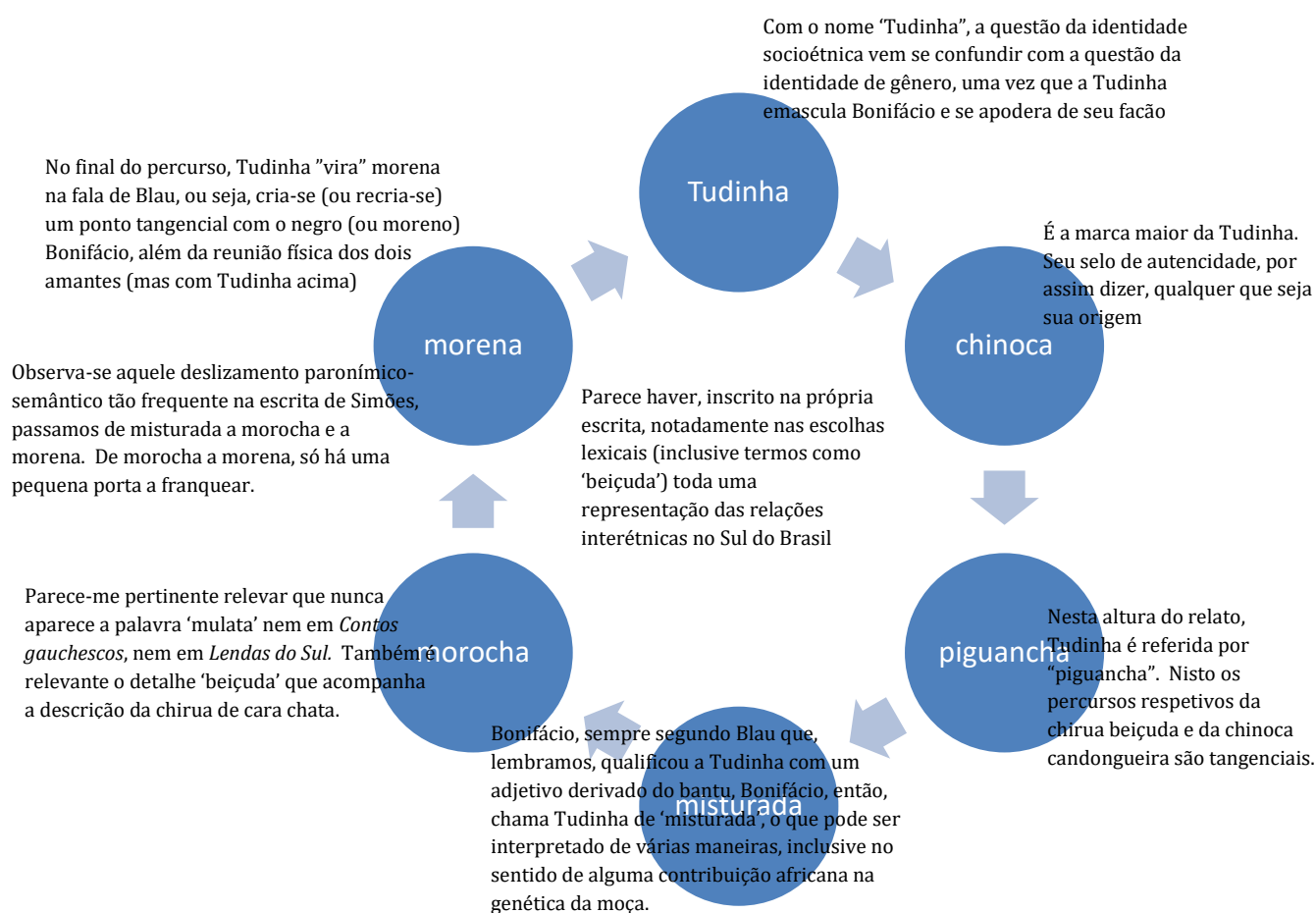
¹⁶⁶ Como acontece, aliás, com muitas palavras, ‘cabra’, ‘nego’, ‘negão’ em linguagem descolada, ou ‘neguinho’ no Rio, ‘china’ na Porto Alegre de hoje e do *Analista de Bagé*, etc.

¹⁶⁷ Produz-se uma repercussão entre as personagens de Tudinha e de Osoro, não somente pela designação compartilhada (na voz de Blau) de ‘moreno/morena’ mas também, como se vê, por certo paralelismo na apresentação (atribuível ao narrador, é verdade, mas também relacionável com as próprias personagens): “A Tudinha era a **chinoca mais candongueira**” / “O Osoro era um **moreno mui milongueiro**”. Pode ser um efeito da “memória do já escrito” na mente do “escritor escrevendo”, mas não me parece ser unicamente isso. Há outros elementos em jogo, acredito eu. Por exemplo, Blau acaba deixando de lado o estatuto socioetnoeconômico da sua personagem (Tudinha) para voltar ao que interessa: sua “condição de mulher”. Parte desta condição, contemplada desde o ponto de vista do narrador (i.e. uma herdeira da Eva tentadora), encapsula-se no final do conto: “Ah! mulheres!... Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...” Ora, assim que, entre o sorro e Osoro, não há muita distância a percorrer, as duas personagens, Tudinha e Osoro não me parecem tão afastadas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vemos de novo alguma flutuação no uso da palavra, que possivelmente reflete flutuação correspondente nos usos mimetizados pela representação literária, certo, mas não deixa por isso de trazer enxaquecas para o tradutor. Enfim, enquanto o ‘moreno’ de “Jogo de osso” é provavelmente de fato um equivalente de ‘negro’, em outros casos, não há necessariamente a mesma conexão, mas sim um vínculo com as construções ideologizadas associadas à palavra ‘caboclo’¹⁶⁸. A variabilidade semântica se constata também, aliás, no uso da palavra em espanhol: [1. adj. Dicho de un color: Oscuro que tira a negro. 2. adj. De color moreno. Tiene la piel morena por el sol. 3. adj. Dicho de una persona: Que tiene el pelo negro o castaño. Sale con una morena guapísima. 5. coloq. Dicho de una persona: De raza negra. 6. adj. Cuba. mulato (|| nacido de negro y blanca, o de blanco y negra).]

Esboço de um “percurso designativo” de Tudinha (em relação com a mimese da organização socioétnica)



¹⁶⁸ “o pescoço amorenado... e garboso...” (em se falando de Maria Altina); “Parece que ainda vejo a minha morena” (“No manantial”); Eu preferia bailar com a morena...” “largou o braço da morena” (“Os cabelos da china”); “Moreno, alto, delgado; olho preto” (“Juca Guerra”); etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Haveria, pois, integrados à narrativa mediante semelhantes percursos configurados em boa parte pelo jogo das variações lexicais (enquanto designações de personagens humanos ou animais), itinerários que vinculam intricadamente as personagens às designações de que Blau se vale para se referir a elas. Seriam, por conseguinte, como que percursos entreverados das personagens, mas também entreverados no enredo e na trama “interativa” das palavras que subjaz à composição narrativa.

Assim, como se vê, os etnônimos também contam uma história (além de sua história como significantes). Enfim, vista desde certo ângulo, a variação que caracteriza a escolha e colocação dos termos na fala de Blau Nunes, i.e. enquanto designativos de uma mesma personagem dentro de uma mesma narrativa, “iconiza” uma trajetória (ou várias trajetórias). Esta trajetória se delineia num espaço mental que reúne narrador e narratário ao passo que o texto está sendo apreendido por seu receptor, mediante o ato de leitura. A diversidade das designações, e a diversidade das constelações em que se organizam, evidentemente não é aleatória, pois estas designações se declinam ou se orientam, como linhas de limalha em algum campo magnético, segundo diretrizes que convergem até corporificar-se a narrativa em alguma história aparentemente simples de amor e desamor, de união, desunião e reunião.

É justamente neste tipo de manifestação do vocabulário, em particular do vocabulário regional, que se coloca em primeiro plano – com bastante pungência, acho eu – a questão da variedade e variação lexicais enquanto, ambas, recursos de enriquecimento e fortalecimento da trama textual.

Um dos problemas que esta variedade, e as variações que ela permite, levanta para o tradutor reside no fato de os etnônimos não somente fazerem parte da história, mas também veicularem parte da história e que não há geralmente como encontrar um conjunto de etnônimos ‘homológico’ do outro lado (o da versão estrangeira), o qual autorizasse os mesmos recortes da mimese e as mesmas sutilidades da composição (a reprodução de realidades e as modalidades artísticas desta reprodução, combinando expressão e expressividade).

Nem na versão italiana nem na versão francesa se conseguiu transferir os matizes inerentes a cada designação, sendo que termos como ‘morena’ permitem diversas possibilidades de leitura (em que sentido mesmo tomar esse ‘morena’?) que as traduções para o italiano e para o francês não logram manter.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Aliás, isto é uma das razões pelas quais a versão italiana tem sido bastante criticada. Enquanto o trabalho de Garcia Arrospide – em boa parte em razão da proximidade culturo-linguística, histórica, entre o Rio Grande do Sul e o Rio do Prata – faz com que segmento substancial deste jogo entre os etnônimos e a representação das personagens e dos tipos humanos (as *castas* como costumava se dizer em espanhol) seja mantida em *Cuentos gauchescos*, a tradução bastante uniformizada de ‘morena’, ‘morocha’, ‘chinoca’, ‘piguancha’ por ‘ragazza’ em *Storie di gaúchos* encobre uma dimensão relevantíssima no uso do recurso linguístico (em particular, no tocante aos regionalismos) por parte do escritor gaúcho.

Apontei para deslizamentos paronímico-semânticas (cf. o caso de Rosa, a qual, de ‘china’, passa a ser – a ser referida como – ‘piguancha’ e depois ‘guincha’¹⁶⁹) que acompanham não somente o desenvolver do enredo, mas também mudanças na focalização narrativa enquanto refletivas de alguma evolução inerente à transmissão pelo narrador de seu ponto de vista.¹⁷⁰ De certo modo, o mesmo acontece aqui com a variação significativa dos significantes no que tange aos etnônimos selecionados pelo narrador/autor para se referir à Tudinha.

Sempre é interessante examinar como os tradutores lidaram com este problema da variação, no quesito da designação em possível caráter etnonímico. No caso de Tudinha, eis as traduções que encontramos em *Storie di gaúchos* para os diversos epítetos que a designam:

chinoca: brunetta; chinoca: brunetta; morocha: brunetta; piguancha: ragazza;
morocha: brunetta; misturada: bastarda; morocha: brunetta; morena: brunetta;
a nova querendona : chirua: meticcia; chirua: meticcia; piguancha: mulatta.

Como se vê, a língua italiana não deu conta da diversidade do português neste segmento lexical das designações de uma jovem mulher do campo. Seis designações diferentes para a Tudinha do texto original e somente três para a Tudinha da versão italiana.

Também cabe observar que ‘piguancha’ foi traduzido uma vez por ‘ragazza’ (em se tratando de Tudinha) e a outra vez por ‘mulatta’ (em se tratando da nova namorada de Bonifácio). Tampouco houve possibilidade de manter a conexão (ou reconexão) entre a morena e o negro.

¹⁶⁹ A sequência “china/piguancha/guincha” também se encontra na caracterização de Lalice por Blau em “Jogo de osso”.

¹⁷⁰ Esquematisando, a variação das designações escolhidas por Blau para se referir a Rosa em tal ou tal altura de seu relato, incorporaria um tipo de acompanhamento do julgamento moral que o narrador parece querer comunicar para seu ouvinte em função das informações que aquele supre para este.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ocorrências do vocábulo ‘china’ em *Contos gauchescos*.

Antes de tudo, cumpre observar que o mesmo tipo de trabalho de “localização” poderia ser feito com outras palavras, como “caboclo”, “chiru”, “piá”, cuja transferência para a versão estrangeira acarreta o mesmo tipo de interrogações.

Deveriam tais vocábulos ser tratados como meros equivalentes regionais de palavras nacionais, indicando, sobretudo, uma localização geográfica pela especificidade, ou se deveria levar em conta, o quanto possível, as conexões que mantêm, possibilitam, sugerem, etc. entre si e com outros elementos dentro ou fora do texto, no âmbito do sistema cultural e do ethos correspondentes nos quais estão empregadas e funcionam?

“O Negro¹⁷¹ Bonifácio A Tudinha era a **chinoca** mais candongueira”

“**chinoca** airosa”

“Ora, misturada!..., eu sou teu negro, de cambão!... mas não piá da **china** velha!”

Em “Os Cabelos Da **China**”

“Ouve. A minha **china** fugiu-me, seduzida pelo comandante desta força”

“o comandante traz uma **china** milongueira, numa carreta toldada, que só serve pra atrapalhar a marcha... A **china** é lindaça... mas é o mesmo... sempre é um estorvo!”

“Era um **chinocão** de agalhas!... Seiúda, enquartada, [...]”

“Por que seria que este diabo largou o meu capitão, para se acolherar com este tal ruivo?... Isto de **chinas** e gatos... quem amimar sai arranha-do... Talvez por este ser ruivo”

“a **china** viu o entrevero”

“E a **china**, assim presa, rodou por cima dele, lambuzando-se na sangueira [...] e a **china** viu-se solta, mas sura da trança, tosada, tosquiada, como égua xucra que se cerdeia a talhos brutos, ponta abaixo, ponta acima...”

¹⁷¹ Mesmo que a Tudinha desempenhe papel proeminente no conto, o “tipo” enfaticamente representado no conto pelo narrador é o negro e não a china. A repetição da palavra “negro” e da palavra “china” em contos cujos títulos contêm as próprias palavras; “O Negro Bonifácio”, “Os cabelos da china”, são índices desta tendência para uma tipificação. Antes que o nome ‘Bonifácio’, ao se referir ao ex-amante de Tudinha e adversário dos “quatro brancos” que juraram sua morte, Blau emprega o termo “negro”. Antes que o nome Rosa, ao se referir à filha de Picumã, Blau usa a palavra “china”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“O buçalete era feito do cabelo da **china**?!...”

“atirei para a cova da **china** os cabelos daquela trança”

Em “O Anjo Da Vitória”

a choradeira do **chinaredo** e o vozerio do comércio

“muitos sotretas fugiram de cambulhada com o **chinerio**¹⁷²...”

Em “Jogo De Osso”

“Doutras ocasiões ajeitava umas dançarolas que alvorotavam o **chinaredo** da vizinhança”

“Assim como assim, esta **china** já está me enfarando!...”

“o Osoro, para completar o carcheio, ainda tinha topado a última parada, que era a **china**...”

“Por certo que o Chico Ruivo disse à **china** que a jogara numa parada de taba”

“Na primeira volta, quando o par passou por ele, a **china** ia dizendo mui derretida”

“E na outra, a **china** vinha calada”¹⁷³

Podemos verificar que o termo ‘china’ é usado por Blau para se referir a personagens femininos unicamente em quatro contos:

- em “O Negro Bonifácio” no qual a designação se reporta a Tudinha (filha natural, amante de Bonifácio, etc.¹⁷⁴)

- em “Os cabelos da china”, caso em que a designação se aplica à Rosa (filha de Picumã – nunca se fala da mãe –, amante do capitão farroupilha e, em seguida, do comandante legalista, que acaba sendo tosada, etc.)

¹⁷² Explico no comentário correspondente a relevância do uso super-representativo (acima de uma média postulada) de coletivos em um conto cuja estrutura geral se alicerça na representação de um movimento de massa (inclusive do massacre), que se repete sob várias formas nos rodeios de “Correr eguada”.

¹⁷³ Observa-se o contexto do uso da palavra, que informa tanto acerca do locutor quanto acerca da pessoa referida (no seu olhar pelo menos) e, de maneira mais indireta ainda, acerca do narratório. Em outros termos, a designação “designa” o designado, mas também o designador e, eventualmente, a pessoa para que ele designa.

¹⁷⁴ Notando que quando Blau alude à paixão de Nadico pela Tudinha, não diz que ele a pediu em casamento, mas que o Nadico “já a convidara para se acolherar com ele”. Estamos, pois, longe das “flores de laranjeira”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- em “O Anjo da vitória”, onde os coletivos “chinarado” e “chinerio” designam as mulheres que acompanham a(s) tropa(s)

- em “Jogo de osso”, relato de Blau no qual o vocábulo serve para se referir às mulheres “soltas” que acodem ao baile organizado pelo Arranhão e, em particular, à Lalica que passa dos braços de Chico Ruivo para os de Osoro depois de ter sido jogada numa parada de taba (e que é caracterizada, entre outras coisas, por sua fala sem trava: “quem me ensilha agora...”

Enfim, não parece ser qualquer mulher, não, que Blau opta por designar pela palavra “china” (ou seus diminutivos, aumentativos, coletivos). Na mesma senda, observamos que, ao se referir a “outros tipos de mulheres”, às filhas de estancieiros, por exemplo, Blau não usa, de maneira geral, o termo “china”, mas sim, prefere outras designações, mais neutras, inclusive ‘moça’, ‘dona’, etc.. Também não se vale de ‘china’ em certos casos em que poderia (lhe) parecer necessário imbuir sua formulação de alguma dose a mais de “respeito” – a filha de Jango Jorge em “Contrabandista”, a prometida do ilhéu em “Coco verde e Melancia”, etc., inferindo-se pela maneira como nos é contado o caso, aliás, que se trata a priori de duas mulheres bem comportadas (virgens)¹⁷⁵. Enfim, dependendo do contexto, haveria indicações de que “china”, pela amplitude de seu leque de significados, poderia quase sempre sugerir alguma ideia de “degradação”, mesmo que levemente, ou de “subalternidade”, puxando, pois, para um sentido possivelmente algo “depreciativo” da palavra.

Reparamos que Rosa passa dos braços de um sedutor aos de outro; Tudinha, qualificada também de ‘china’, nos é apresentada como antiga (?) amante de Bonifácio e convidada por Nadico a ‘se acolherar’ com ele – quer dizer, sempre é plausível que, ao usar a palavra, Blau a teria associado na sua mente, mais ou menos cientemente, a qualquer noção de decadência ou de *déclassement*, orientação semântica que costuma se reforçar, como sabemos, no emprego dos coletivos (‘chinerio’, ‘chinarada’, etc.), os quais certamente não me soam ter a mesma ressonância do que palavras como ‘gauchada’, ‘indiada’, e outras de cunho nitidamente mais apreciativo¹⁷⁶.

¹⁷⁵ Isto sempre procurando apreender os elementos textuais desde um ângulo que integra o sistema de valores, o *éthos* explicitamente ou implicitamente incorporado à representação do ambiente histórico do pampa.

¹⁷⁶ Haveria tendências gerais para o matiz apreciativo ou negativo em função da categoria semântica a que pertence o nome coletivizado. De maneira geral, os coletivos de indivíduos de sexo feminino e os de indivíduos de sexo masculino não seguem a mesma lógica. Os coletivos de designações de crianças seriam entre os dois,

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Tudo isto redundaria em dizer que, na representação que Blau Nunes faz de seu mundo, os leques semânticos de “mulher” e “china” não se superpõem exatamente, em todo caso não como poderiam fazê-lo em outros contextos de enunciação, reais ou fictícios, (se bem que, no ambiente urbano atual, ‘china’ veicula toda uma gama de expressividade, meio jocosa, meio saudosa, ou autoderrisória, etc., afastando-se seu uso da enunciação histórica com que estamos lidando em obras como *El gaúcho Martín Fierro*, mas demarcando-se de outras designações mais “neutras”, e certamente aludindo sempre, de algum modo, ao universo gauchesco).

Tampouco se correspondem os leques semânticos de ‘cabocla’ e ‘china’ como se pode verificar nas figuras da página 368¹⁷⁷. Vale frisar, além disto, que, para a maior parte dos termos procurados, as gamas de sentido supridas pelos dicionários não são idênticas – se não fosse o caso, não haveria necessidade de se compilar vários dicionários, e não haveria necessidade para o tradutor de comparar os verbetes dos diferentes dicionários entre si. Daí, é sempre pertinente nos perguntar por que Blau usa uma vez tal palavra e, em circunstância aparentemente semelhante, tal outra para designar a mesma “pessoa”.

do ponto de vista da probabilidade de um viés antes apreciativo ou antes depreciativo. No que tange a designações que se atêm a categorias etnonímicas, obviamente, também há fenômenos de orientação mais ou menos tendenciosa ou mais ou menos elogiosa. ‘Negrada’, ‘caboclada’, ‘indiada’ não possuem exatamente as mesmas conotações. ‘Indiada’ poderá puxar para o pejorativo na escrita de um autor gauchesco como José Hernández e para o melhorativo na escrita de um autor gauchesco como Simões Lopes Neto. Quando Blau se refere a um grupo de mulheres de “casta superior” digamos, ele diz “o rancho de damas”, “as senhoras-damas”, etc. e não “o chinerio” ou nem mesmo ‘a mulherada’. ‘moçada’ aparece como bastante neutro neste tipo de enfoque prismático. O leitor francês observará que, de modo geral, não se ouvem, ou quase nunca, coletivos como ‘a brancada’ (um conjunto de brancos?), ‘a estancieirada’ (um conjunto de estancieiros?), comparado ao emprego de termos como ‘negrada’ ou ‘caboclada’ ou ‘peonada’. A variação da valorização de tal ou tal coletivo não é sempre fácil de se perceber e de se transferir. ‘oficialada’ ou ‘ministrada’ não usado de maneira tão ‘favorável’ como o seriam ‘gauchada’; haveria diferenças conotativas entre ‘peonada’ e ‘campeirada’; etc.

¹⁷⁷ Ocorre amiúde, por exemplo, que o ordenamento das acepções para um mesmo verbete seja diferente de um dicionário para outro, a priorização de tal ou tal sentido sobre tal outro sendo suscetível de induzir o tradutor a fazer sua escolha lexical em função das acepções colocadas em primeira posição. Para a palavra ‘chiru’, observa-se que é a única entrada que se encontra no Houaiss, enquanto o Aurélio registra ‘chiru’ e ‘xiru’, indicando a segunda grafia como a mais corrente. Também, há uma pequena diferença na classificação gramatical. Entretanto, o leque semântico é o mesmo: Houaiss: “adjetivo e substantivo masculino Regionalismo: Sul do Brasil. 1. que ou quem é caboclo ou índio 2. que ou aquele que tem pele morena, traços acabocladados”. Aurélio: “xiru [Do tupi = ‘meu companheiro’.] Bras. S. Substantivo masculino. 1. Índio ou caboclo. Adjetivo. 2. Acaboclado. [Var. ortográf.: chiru. Fem.: xirua.]”. Agora, comparando os verbetes supridos respectivamente pelo Houaiss e pelo Aurélio para vocábulos como ‘china’, ‘moreno’, ‘caboclo’, observam-se diferenças nas acepções e também na hierarquização das acepções.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Impulsos de um folclorista pedagogo: o vocabulário em ação nos *Contos*.

Uma resposta que vem à mente quase que espontaneamente quando considerarmos esta “extraordinária” diversidade lexical (inclusive dentro do acervo do vocabulário regional) é que pode ter sido bastante relevante para Simões não tanto exhibir a riqueza do vocabulário, quanto “dar voz”, concreta e efetivamente, às variantes de tal ou tal significante (‘china’, ‘piguancha’, ‘chinocão’, etc.; ‘flete’, ‘pingo’, ‘bagual’, ‘mancarrão’, ‘matungo’, etc.) colocando-as no seu texto para que se fixassem, primeiro na palavra de seu narrador Blau Nunes, estampada no papel, segundo, na mente dos seus ouvintes potenciais (os leitores), isto dentro daquele grande esquema de preservação do léxico pela “implementação” concreta — implementação ao qual já tenho aludido várias vezes no curso deste trabalho.

Aliás, é flagrante que pode aparecer certo sistematismo no emprego dos termos regionais, quando se cotejam trabalhos visando a coligir as particularidades do vocabulário regional (Romanguera Correa, Moraes, Apolinário Porto-Alegre, Cezimbra Jacques, etc.) e o léxico empregado nos *Contos gauchescos*. Certo, havia o convívio com as pessoas (estancieiros, charqueadores, capatazes e peões, etc.), a impregnação das leituras (em particular das obras de cunho gauchesco de autores rio-platenses), etc., mas parece ter havido também o convívio com as obras lexicográficas. Como essas “caravanas” vocabulares se deslocaram e se trasladaram para os grandes dicionários nacionais é uma questão complexa. Certamente, no caso de Simões, o interesse que sua prosa despertou para um grande lexicógrafo como Aurélio Buarque de Holanda desempenhou papel relevantíssimo em prol da inscrição de um vocabulário tipicamente regional nos maiores trabalhos de levantamento do vocabulário brasileiro. Afinal, ao estilizar este vocabulário regional nas suas páginas, Simões lhe conferiu uma legitimação artística, perenizando-o mediante a incorporação dentro de uma obra literária, e, portanto, autenticando-a como elemento do patrimônio cultural regional/nacional. Assegurou-se pela fixação no papel eventuais falhas da memória humana, e o risco, uma vez separadas as palavras de seu espaço socioeconômico de uso (p.ex. a lide campeira executada por cavaleiros), de que se perdessem para sempre.

Dicionários ou vocabulários como os de Romanguera Correa, Antônio Álvares Pereira Coruja, Luiz Carlos de Moraes, Roque Calage, mesmo que contenham exemplos de emprego dos termos (em muitos casos extraídos de poemas ou canções regionais), são essencialmente trabalhos descritivos e serviam para decifrar a fala (ou escrita) de outros.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Simões ofereceu esta oportunidade única para o leitor (até hoje) de se “pechar” com a manifestação efetiva daquelas palavras do Rio Grande fronteiriço em situação de enunciação concreta, tirando-as da petrificação e colocando-as em movimento pela mobilização artística e a dinamização narrativa. Levantou o vocabulário, mas “encostou-o” no serviço, como o fizeram antes dele, Apolinário Porto Alegre e outros, e até José de Alencar, mas nos seus Contos e Lendas, objetivou um escopo, uma escala, bem maiores.

Isto se vê em vários segmentos do léxico, por exemplo, nos elementos do vocabulário equestre. A variação nos hipônimos em “Juca Guerra” pode servir para ilustrar o procedimento Enquanto, o cavalo do moço Tendão passa de ‘pingo de patas’ (O moço era mui bem montado) a ‘apenas rocim’ e acaba sendo chamado de ‘bagual’, o de Juca Guerra primeiro referido como ‘a montaria’, torna-se ‘

O cavalo de Tendão Lopes

O moço estava mui bem montado; **o pingo** era de patas, porém **apenas rocim**, mui cosquilhoso; os arreios já vinham mal e com o tirão a cincha correu toda pras virilhas...

O bagual agachou-se a velhaquear, [...] meio maneado no laço e ladeado por um sofrenação de pulso, **o bagual** planchou-se

O cavalo de Juca Guerra

o gaúcho carregou e atirou **a montaria** contra o touro! [...]

O tostado¹⁷⁸ arrebentou as duas paletas [...]

E tanto que atirou o seu pingaço [...] chegaram-se para o cavalo tostado [...] enquanto o Juca, com a sua própria mão sangrava **o seu confiança**, o moço Tandão abraçava a cabeça inteligente **do flete** [...] o tostado afrouxou a força [...] Coitado do flete [...]¹⁷⁹

¹⁷⁸ Com o acréscimo do detalhe da cor de pelo, o cavalo já adquire alguma “personalidade” a mais. Este detalhe é relevante, já que o outro cavalo não terá merecido tratamento semelhante. Cumpre lembrar que o bagual (cavalo selvagem) de “Correr eguada” tampouco é “agraciado” pela menção da cor de pelo que o individualizaria sobremaneira em detrimento da sua representação como quantidade nula, ou quase nula, dentro da massa. Este tipo de procedimento recorda certa tendência, por parte de Blau, em não nomear suas personagens castelhanas (epítome: o castelhano de “Deve um queijo!” por contradistinção com o Nico Lessa.)

¹⁷⁹ Há uma equiparação subjacente entre o touro e os campeiros, mas esta equiparação é muito mais conspícua entre o homem e o cavalo quando se considera os epítetos apreciativos dados ao cavalo por parte de Blau que só podem reunir o cavalheiro e o cavalo em um mesmo gesto (gesta) heroico. Esta aproximação se faz, aliás, também mediante outros recursos, como, entre vários, o de se valer de comparações nas quais o cavalo, desta vez (ao revés do que ocorre habitualmente) é o comparado e o ser humano o comparante (a metonímia antropomorfizante em ‘o confiança’, os símiles na mesma orientação da criança dorminhoca e do amigo).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A maneira como a caracterização dos cavalos e a caracterização das personagens se intersectam e se cruzam com outras componentes pelo jogo das denominações e adjetivações é típica do que se poderia chamar de percurso em caráter mimético das designações. É mais um traço que concorre para a dinâmica da narração, na medida em que não há um estatuto fixo e constante do objeto designado tal como se depreende da própria designação. As variações das designações (de china para piguancha para morena para..., ou de pingo para rocim para bagual..., etc.) indicam de fato, pelo próprio percurso linguístico, um “percurso” da personagem (humana ou animal) e isto, não somente em função do roteiro, mas também seguindo de itinerário narrativo que joga justamente, em modo contínuo, com o estatuto relativo do sujeito (Blau Nunes em prioridade porque tudo passa pelo prisma de sua memória e de sua fala, presumidamente) e do objeto do discurso (os animais, homens, mulheres e crianças dos causos).

Com efeito, estas mudanças na designação da personagem (seja humana ou animal) por parte do narrador traduzem também alterações mais ou menos controladas pelo narrador na transmissão de seu suposto ponto de vista (enquanto autônomo ou condicionado pelo coletivo). Haveria todo um sistema de valores, bastante complexo, correspondendo às designações etnonímicas, um pouco como aquele a que fiz referência no caso das capas de cavalos (cf. os “Artigos de fé do gaúcho”) e Blau faria com que se movimentasse e se transmitisse seu ponto de vista moral mediante a variação das designações, inclusive em função do desempenho (moral¹⁸⁰) da personagem ao longo do caso.

Além do mais, ao avaliar possíveis motivações pela variação lexical, especialmente neste quesito dos etnônimos, nunca deveria se perder de vista a dimensão pedagógica que imbuí o texto simoniano, enquanto elemento dinamizante de um projeto maior de transmissão do patrimônio cultural rio-grandense para as novas gerações. Dimensão pedagógica, aqui, portanto, no sentido especial de se empenhar em diversificar as designações, tratem-se de pessoas ou de animais, de aperos ou outros bens materiais ou imateriais da cultura gaúcha, precisamente para deixar em suspenso nos seus textos um vocabulário que estava em risco de extinção e que precisava se revitalizar, pronto para se colocar em movimento no momento em que um leitor abrisse as primeiras páginas do livro.

¹⁸⁰ Ou seja, como a personagem se movimenta e se posiciona em função do *éthos* incorporado à mimese, supostamente aos olhos do narrador. Como se conforme ou se “inconforme” às exigências do sistema de valores vigente no pampa, naquela *Weltanschauung* do gaúcho campeiro, guerreiro e vaqueano.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Andamentos da/na china.

“Isto de chinas e gatos... quem amimar sai arranhado”

O etnônimo ‘china’ é bem representativo das dificuldades que a transferência deste tipo de vocábulo pode acarretar para o tradutor. Seria errado pensar que o termo só serve para matizar o texto com cor local. Ele se inscreve na trama textual de maneira a se encaixar tanto nos sistemas mimético (a representação da sociedade gaúcha na segunda parte do século XIX globalmente, a relevância indígena e platina na formação da cultura regional, etc.), dramático e estético (por exemplo, através de encadeamentos paronímico-semânticos como ‘china’ → ‘piguancha’ → ‘guincha’, repetidamente mencionado). Como estes elementos da caracterização das personagens não deixam de se apreender relativamente aos demais constituintes do texto, por eles transitam, entre outros aspectos, variações na focalização como aquelas que sinalizei como afetando a comunicação de algum julgamento moral por parte do narrador relativamente a tal personagem ou tal ocorrência.

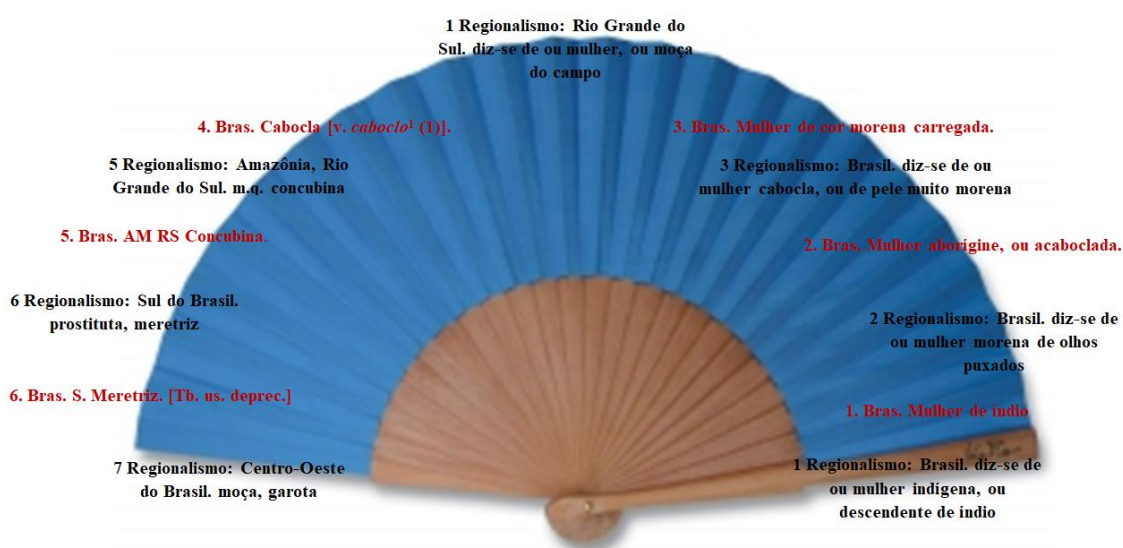
Do ponto de vista da mimese enquanto remissão a realidades geográficas e históricas particularizantes, é a inserção do vocábulo na representação da organização social que é talvez o que há de mais problemático para o tradutor, não somente na diversidade das designações usadas e na variação destas designações ao longo do relato para se referir a uma mesma personagem ou tipo de personagem (p.ex. enquanto construção em função de parâmetros socioétnicos ou socioeconômicos), mas também na diversidade das acepções de um mesmo vocábulo e a variação destas acepções.

Como propus antes, para um mesmo vocábulo, poderíamos falar de espectro ou leque semântico. Pode parecer paradoxal, mas o contexto em que Simões Lopes Neto usa a palavra ‘china’ não é exatamente o contexto em que Blau usa a mesma palavra. Ou, para dizê-lo de outra maneira, a china da Campanha Rio-Grandense de Blau jovem já não é a china da Campanha Rio-Grandense de Blau velho e, certamente, não é a china da Campanha Rio-Grandense do leitor contemporâneo, urbano na sua grande maioria – que usará a palavra (se a usa), um pouco como o faz o Analista de Bagé nos textos de Luis Fernando Verissimo¹⁸¹, ou seja, com o mesmo tipo de conotações (uma mistura sutil de “saudosismo”, jocosidade e autoironia).

¹⁸¹ Afinal, são quatro gerações: Blau Nunes, Simões Lopes, Erico Verissimo, Luis Fernando Verissimo e estas quatro gerações representam contextos de uso das palavras bastante diferenciados. Simões Lopes Neto é mais ou menos contemporâneo de seu narrador (Blau velho), Erico de seu narrador, mas não, obviamente de personagens como Fandango, que são ainda “avatares” do velho Blau Nunes. Já, Luis Fernando Verissimo e seu analista de Bagé fazem parte de outra fracção ou secção do contínuo espaço-tempo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A necessidade de se entender a palavra com alguma precisão para poder traduzi-la faz com que se procure “afunilar” a significação, mas no texto original, este afunilamento não é preciso, nem pertinente, nem provavelmente desejado. O leitor apreende a palavra com sua aura semântica e esta aura inclui a própria flutuação do sentido da palavra. Como as circunstâncias históricas e geográficas que presidem aos processos de semantização e ressemantização dos vocábulos da língua fonte não são as mesmas para os vocábulos da língua alvo, não há como transferir esta aura e esta flutuação.



‘china’ “aureliana” e ‘china’ “houaissana”



‘chinas’ e ‘caboclas’ “houaissianas”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Grupos “nacionais”, nativos, locais e teatinos

E o sujeito quis retouçar, porém ela negou-lhe o estribo, porque já trazia mais de quatro pelo beijo, que eram dali, da querência, e aquele tal dos versos era **teatino**... (“O Negro Bonifácio”)

O Mariano apareceu aqui, diz que vindo de Cima da Serra, corrido dos **bugres**
De gente, ele, duas velhucas, uma menina, uns pretos, campeiros e uma negra **mina**, chamada mãe Tanásia.

a pobre desatou num pranto de choro, ao ver a malvadez daquele **judeu**... (“No manantial”)

- Olá! Amigo! apeie-se; descanse um pouco! Venha tomar um amargo! É um instantinho.... **crioulo**?!... (“O mate do João Cardoso”)

estava uma ponta de andantes, tropeiros, gauchada **teatina**, peonada, e tal,

Este fulano era um castelhano (“Deve um queijo!”)

Depois é que apareceram **uns lamões e uns ingleses**, melados, que compravam o cabelo: por isso às vezes se cerdeava; mas eles pagavam uma tuta e meia.

Veja vancê: sempre a **estrangeirada** especulando cousas de que a gente nem fazia caso... (“Correr eguada”)

- Na mesma senda, o comentário deveria trazer à tona o problema particular dos gentílicos. Nos indagamos, por exemplo, qual seria a estratégia tradutória mais adequada para levar em conta as particularidades semânticas de termos como ‘ilhéu’, ‘galego’, ‘reinol’, ‘gringo’, etc. no contexto dos *Contos gauchescos*, tal como são usados por Blau Nunes nos seus relatos. Seria melhor traduzir ‘gringo’ por ‘gringo’? Por ‘étranger’? Por ‘rital’? Infelizmente não consegui desenvolver o assunto como queria. Entretanto, esboço uma análise do emprego de ‘gringo’ no comentário 15, na qual falo da historicização das palavras, em relação nomeadamente com a questão dos politônimos (designações de grupos ou facções políticas) e da variação de sentido dos gentílicos em função do seu espaço e de sua época de uso (e, é claro, das características do locutor).

Disponibilizarei online uma análise comparativa de tradução cujo enfoque é precisamente a transferência dos etnônimos, dos gentílicos e dos politônimos. Como as outras análises comparativas, não a incluo aqui, por ser demasiado detalhada, visto que procedo ocorrência por ocorrência, examinando o que acontece na versão uruguaia, na versão italiana e em minha própria proposta, tentando mostrar algumas das conexões que vinculam estas categorias lexicais entre si (galego ←→ legalista; caboclo ou chiru ←→ farroupilha, por exemplo). Também escrutino no mesmo documento o sistema de designações (nomes, substantivos, adjetivos funcionando como atributos, epítetos, apositivos, etc. pronomes —tratamento—) que participam diretamente da construção da caracterização não somente das personagens, mas também das relações que mantém entre si.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quem chama quem de quê?

A escolha de tal ou tal designação de ordem etnonímica, a qual quase sempre veicula alguma conotação e algum julgamento de valor, pode ser considerada como as outras escolhas lexicais como um recurso de caracterização tanto da pessoa que está referida (a personagem) quanto da pessoa que está referindo (o narrador). Deixando de lado por enquanto a questão da origem do discurso no que diz respeito à produção do texto¹⁸² tudo está ultimamente atribuível ao narrador, inclusive os trechos de discurso direto que, no quadro da ilusão narrativa do causo/conto, seriam citações por Blau Nunes de palavras (supostamente) proferidas pelas personagens de seus relatos.

Daí, podemos fazer uma distinção entre o que parece emanar diretamente do narrador, e o que parece ser uma reprodução da fala de tal ou tal personagem, tendo em devida conta, novamente, não somente que as falas das personagens passam todas pela fala de Blau (que passa pela fala do transcritor, que passa pela fala do escritor, que passa pela fala da comunidade em que este se criou e se construiu sua mente, etc.), mas também que, em alguns casos, o discurso do narrador claramente (declaradamente) toma emprestados elementos dos discursos das suas personagens – cf. o caso das referências à “nhanhã” e à “sinhazinha” em “No Manantial” evocado no comentário nº7.

As traduções na versão italiana e na versão uruguaia

Vali-me do mesmo recurso que utilizei para todos os pontos abordados neste trabalho, cotejando as soluções propostas pelos tradutores italiano e uruguaio em suas respectivas traduções. Conforme apontei anteriormente, o grau de compartilhamento cultural (no sentido mais amplo da expressão) entre espaço de partida e espaço de chegada é muito diferente para o Uruguai e para a Itália, especialmente quando se considera que o quadro mimético dos *Contos* é o pampa da segunda metade do século XIX, e que a imigração italiana somente ganhou força na região no último quarto do mesmo século.

¹⁸² (P. ex.: Qual a parte individual, qual a parte coletiva no discurso autoral, qual o grau de projeção do autor nas suas personagens? Qual o grau de projeção das personagens no autor em função da sua capacidade para sair de si, ou o uso por parte do escritor de se transportar junto com sua escritura para outros modos de pensar? Simões não era nem peão nem caboclo, porém não deixa de criar uma personagem e, sobretudo, um narrador convincente... para quem? Não entrarei aqui na questão espinhosa da legitimidade escritural – quem pode escrever sobre quem? –, lembrando a polêmica feroz que provocou o lançamento do romance de William Styron: *Confessions of Nat Turner*.)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Dou o detalhe deste cotejo nas páginas seguintes na medida em que a questão do tratamento das palavras ligadas a sistemas de categorização etnonímica ilustra bem, a meu ver, diferenças maiores entre as duas traduções.

Cumprе lembrar ao ler as propostas respectivas de Arrospide e Taviani, que, obviamente, não tem havido entre o italiano e o português aquela relação histórica de proximidade que tem tido entre o espanhol e o português, ambos desenvolvidos na Península e depois transplantados nas Américas, onde seguiram seus próprios cursos, mas sempre com influência mutual (pelo menos no pampa, de que estamos falando). Também, a Itália (que só tomou sua forma mais ou menos atual no fim do século XIX) não fundou colônias nas Américas nas quais pudesse ter instalado uma sociedade escravocrata. Além disto, o imigrante italiano, aparentemente, não trabalhou nas mesmas atividades (lide pecuária) do que os caboclos e mestiços do pampa. No mero contexto dos *Contos gauchescos*, o italiano, o “gringo” toca gaita, é dono de boliche, etc., mas nunca é representado como campeiro¹⁸³, mesmo que deva ter havido “campeiros gringos” na realidade pampiana. Enfim, são muitos os aspectos que podem ser apontados, além da evidente distância geográfica, para essa nítida diferença no grau de compartilhamento cultural que se manifesta nas propostas, distintas no seu teor, da versão italiana e da versão uruguaia. Isto, sem falar da discrepância entre o espaço de produção da versão (a Itália da metade do século XX) e o espaço de produção da versão para o espanhol (o Uruguai da primeira década do século XXI),

O empreendimento da produção de uma versão francesa dos *Contos* se situa mais próximo da situação de tradução da versão italiana (do português da Campanha Rio-grandense para o italiano da Itália atual, em todo caso do ponto de vista dos dados linguístico-culturais. Ao mesmo tempo, as tendências tradutológicas (prescriptivas e descritivas) apontam para uma linha de horizonte que se aproxima da situação de tradução que produziu a versão de Arrospide (do português da Campanha Rio-Grandense da segunda metade do século XIX para o espanhol da Campanha uruguaia do século XIX). Ou seja, puxa de um lado (lidando com as diferenças culturais profundas e léxicos não compartilhados), puxa de outro (levando em conta os matizes semânticos), nosso empreendimento procura se posicionar entre as duas realizações, talvez não sempre da maneira mais fluída possível.

¹⁸³ O mesmo pode se dizer da representação do italiano na literatura gauchesca de língua espanhola (cf. os “gringos” no poema de José Hernández, por exemplo)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Consideradas sob certo ângulo, as anotações realizadas neste tipo de análise dizem respeito mais à mimesis enquanto reprodução de uma realidade. A leitura correspondente poderia, neste caso, ser taxada de leitura com visada sociológica. Acontece que a construção das relações “interpersonagísticas” (a representação literária das relações interpessoais mediante as personagens ficcionais) está intimamente vinculada com um quadro social/laboral (socio-étnico-econômico) da região de que é inegalmente emblemático o sistema estancieiro pampiano.

Mesmo que não seja o que faz o principal atrativo do texto, não há como o tradutor simplesmente passar por cima desta parte da representação literária, digamos mais puxada para o “sociológico” ou o “etno-sociológico”. Primeiro, para poder fazer suas escolhas com melhor conhecimento de causa, ele deveria, creio eu, tentar entender como funciona o sistema socio-étnico-econômico (as suas circunstâncias históricas) integrado pelo escritor à mimese. Segundo, ele deveria procurar entender também como o texto ultrapassa esse quadro realista para se tornar obra de arte.

Dei um exemplo esquemático de uma leitura das designações em caráter socio-étnico-econômico (as designações pelas quais “passa” a Tudinha na voz de Blau no relato “O Negro Bonifácio” que objetiva mostrar alguns aspectos ligados àquela visada sociológica referida no parágrafo anterior (realista/naturalista). Para mim, não há dúvida de que essas mesmas designações apontam para uma textura simbólica na construção literária que não se limita à exposição mimética de mecanismos sociais.

No exemplo lembrado acima (o percurso da personagem pelos substantivos ou adjetivos que a nomeiam e a qualificam na boca de Blau Nunes), trata-se da representação da relação amorosa entre Tudinha e Bonifácio, tal como a contam as próprias designações escolhidas pelo narrador para se referir à personagem feminina principal do conto. Depois de ser referida por “chinoca,” “piguancha”, “morocha”, “misturada”, “morocha” novamente, Tudinha se reúne ao negro Bonifácio enquanto “morena”, num último encontro, fatal, marcado pela dupla presença da morte (Thanatos) e da força de vida da sexualidade (Eros). Conforme aponte, não me parece acaso, nesta reunificação dos amantes, o narrador estipular a posição de Tudinha em relação com Bonifácio: “a morocha mais linda que tenho visto, **saltou em cima do Bonifácio, tirou-lhe da mão sem força o facão** e vazou os olhos do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte...”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

e por fim, espumando e rindo-se, desatinada, bonita, sempre! – **ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca**, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco (vancê compreende?...) e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer estraçalhar uma cousa nojenta... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...

Realismo e arte

Assim, podemos afirmar que, da mesma maneira que a incorporação do vocabulário regional na composição do texto se realiza enquanto empreendimento artístico (cf. ‘taura’ comentado mais adiante), ou seja integrando os regionalismos tanto no plano da construção dramática e da comunicação em caráter simbólico quanto do ponto de vista dos efeitos de natureza estética, o viés realista ou mesmo naturalista que marca os *Contos gauchescos* sempre está harmoniosamente fundido com modalidades profundamente metafóricas ou metonímicas, alegorizantes, enfim literárias, do contar. Destarte, as designações em caráter socioétnico ou socioeconômico pelas quais passam as personagens na boca do narrador, além de se constituir em componentes da criação artística de pleno direito e de participar holisticamente do enredo, também contam suas próprias histórias (cf. percurso da Tudinha referido acima).

Não são todas as entradas do extrato da tabela constando em anexo que podem ser consideradas como sendo indicações sobre a identidade étnica ou a condição socioétnica das personagens. Obviamente, os elementos de caracterização das personagens (inclusive do narrador) se combinam, de sorte que, por exemplo, os postos no exército (soldado, cabo, sargento...) ou as funções na estância (agregado, posteiro, peão, capataz...) não são independentes da “personalidade étnica” dos participantes dos casos. Entrelaçado nessas redes de designações e qualificações: o sistema dos tratamentos que evidentemente depende da posição relativa das personagens entre si nas diferentes hierarquias (as quais, de certa maneira, se encontram e se complementam).

Não inclui neste trabalho um capítulo específico sobre o tratamento, mas é indubitavelmente um elemento lexical que merecesse mais atenção por parte do tradutor. Nos *Contos gauchescos*, são muitas e diversas as formas de tratamento, que, sempre nos fornecem indicações sobre aspectos sociais relevantes das relações interpessoais representadas nos casos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Confesso que nem sempre entendi bem os matizes que distinguem formas como “você”, “vancê”, “mencê”, que certamente nos indicam algo sobre o enunciador, seu interlocutor e suas posições relativas (de um ponto de vista mais ou menos “objetivo” ou mais ou menos “subjetivo”). É claro que o sistema de tratamentos é bem diferente no sistema de práticas linguísticas vigentes na França, e valeria a pena empreender um trabalho comparativo de maior fôlego neste quesito específico dos recursos e usos linguísticos.

Também, neste sistema de posicionamento social (socioétnico / socioeconômico) integrado à mimese, seria interessante aprofundar a questão do uso dos antropônimos ou dos pronomes, comparativamente ao de designações tais como as levantadas na tabela. Por que, neste momento da sua narrativa, vale-se o narrador (o autor) do nome da personagem? Por que de um pronome de preferência sobre “o chiru”, “a china”, etc.? Para mim, as razões não são de ordem meramente gramatical, sendo que o narrador não hesita, quando a sua lógica narrativa o exige, em repetir um etnônimo (o chiru; o chiru) ou um antropônimo (Reduzo; Reduzo) em vez de retomar a primeira ocorrência mediante um pronome.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão nº11 - MELANCIA - COCO VERDE

PASTÈQUE - COCO VERT

- Vancê pare um bocadinho; componha os seus arreios, que a cincha está muito pra virilha. E vá pitando um cigarro enquanto eu dou dois dedos de prosa àquele andante... que me parece que estou conhecendo... e conheço mesmo!... É o índio Reduzo, que foi posteiro dos Costas, na estância do Ibicui.

.....

.....

.....

- Arrêtez-vous un p'tit instant; arrangez donc vos harnais; la sous-ventrière a glissé et est venue trop près de l'aîne. Profitez-en pour fumer une cigarette le temps que je fasse deux doigts de prose avec ce voyageur... qu'il me semble bien connaître... Et oui ! c'est bien lui !.. C'est le cabocle Reduzo, qui a été posteiro des Costas à l'estancia de l'Ibicui.

.....

.....

.....

- Vancê desculpe a demora: mas quando se encontra um conhecido do outro tempo - e então do tope deste! - a gente até sente uma frescura na alma!... Coitado, está meio acalcanhado... mas, bonzão, ainda!

- Excusez cette petite pause: mais quand on rencontre quelqu'un qu'on connaît d'une autre époque – et en plus de cette trempe ! On en a presque comme un frisson dans l'âme ! Le pauvre ! Il a bien veilli, mais il paraît encore vaillant pourtant.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois aquele cuerudo que vancê está vendo, teve grito d'armas!... Vou contar-lhe uma alarifagem em que ele andou metido, e que só depois se soube, pelo miúdo, e isso mesmo porque a própria gente do caso é que contava.

Tel que vous le voyez ce balafre a eu son heure de gloire. Je vais vous raconter une de ces folles équipées où il a été fourré, qu'on a su qu'après, dans le détail, et ça uniquement parce que ceux qui ont raconté l'affaire, c'est ceux-là mêmes qui en étaient.

O Reduzo foi nascido e criado em casa dos Costas, ainda no tempo do velho, o Costa lunanco, um que foi alferes dos dragões do Rio Pardo. Este Costa lunanco era um pente-fino, que naquele tempo arranhou tirar para ele e para os filhos - miudagem, ainda - como quatro sesmarias de campo, sobre o Ibicui, pegadas umas nas outras, e com umas divisas largas... como goela de gringo!...

Reduzo est né et a grandi dans la maison des Costas, je vous parle de l'époque du vieux Costa, dit Lunanco, le déhanché, qui a été aspirant dans le régiment des dragons de Rio Pardo. Ce Costa lunanco, eh bien c'était un malin, et en son temps, il s'est arrangé pour se faire approprier à lui et à ses fils —tous des mioches à l'époque— quelque quatre sesmarias de terrain, sur la rive de l'Ibicuí, qui se touchaient et avaient des limites disons élastiques... élastiques comme le gosier d'un rital.

O chiru criou-se junto com os meninos, e desde ninhar e armar urupucas, até botar as vacas, irem aos araçás e pegar mulitas, tudo faziam juntos.

Le chiru a grandi avec les enfants du vieux Costa, et que ce soit pour aller voler des oeufs dans les nids, poser des urupucas pour piéger les oiseaux, mener les vaches à paître, aller cueillir des araças, attraper des tatous mulitas, il n'y avait rien qu'ils ne faisaient ensemble.

Quando eram já taluditos o velho começou a encostá-los no serviço, também sempre de companheiros; e assim foram aprendendo a campeirear, domando, capando... até saberem apartar boi gordo e tocar uma tropa.

Quand ils ont été plus grands, le vieux a commencé à les mettre au travail, toujours ensemble, et c'est comme ça qu'ils ont appris l'office de campeiro, à dresser, à castrer... jusqu'à savoir comment on sépare un boeuf bon pour l'abattage ou comment on guide un troupeau.

Neste entrementes rebentou outra vez uma gangolina com os castelhanos.

C'est alors qu'a éclaté une fois de plus un grabuge avec les Castelhanos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um dos moços, que era um quebra largado, nomeado por Costinha, esse, foi dos primeiros a se apresentar ao comandante das armas, pra servir. E tais cantigas cantou ao velho Costa, que este deixou o Reduzo ir com ele, de companheiro e ordenança, porque o rapaz era cadete, com estrela, e tinha direito.

L'un des fils, un risque-tout que l'on appelait Costinha, a été parmi les premiers à se présenter au commandant des forces armées, pour s'enrôler. Et il a tellement seriné le vieux Costa, que celui-ci a laissé partir Reduzo avec lui, comme compagnon et ordonnance, parce que le jeune homme était cadet, avec une étoile, et y avait droit.

O chiru ficou todo ganjento; imagine vancê que colhera, daqueles dois aruás!...

Le chiru s'en est enflé de fierté; imaginez un peu la paire qu'ils faisaient, ces deux têtes-brûlées !...

Neste passo porém deu-se uma cousa em que o Costinha nem tinha pensado.

On en était là quand il s'est passé quelque chose à quoi Costinha n'avait même pas pensé.

E rabo-de-saia, já se vê...

Une histoire de jupons, vous vous en doutez...

O cadete tinha uma paixão braba por uma moça lindaça - a sia Talapa -, filha dum tal Severo, também fazendeiro dali pertinho, obra de cinco léguas.

Le cadet était amoureux-fou d'une belle du coin – m'zelle Talapa – fille d'un nommé Severo, lui-aussi fazendeiro et qui avait sa propriété pas bien loin, à quelque cinq lieues de là.

O moço Costinha de vez em quando aparecia por lá, matava as saudades; fazia umas agachadas, e vinha-se embora trazendo nos olhos o encantamento dos olhos da namorada.

Le jeune Costinha y faisait son apparition de temps en temps, quand le besoin de la voir le tenaillait, faisait quelques avances, et s'en repartait avec dans ses yeux à lui l'enchantement de ses yeux à elle

O velho Severo parece que não queria o casamento dos dois, nem por nada; teimava e berrava que ela havia de casar-se com o sobrinho dele, primo dela, um que tinha uma casa de negócio na Vila.

Il semble bien que le vieux Severo ne voulait pas que ces deux-là se marient, pour rien au monde ; il s'était mis dans la tête et clâmait bien haut qu'elle se marierait avec un de ses neveux, cousin de la belle, un type qui avait boutique au bourg*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petiço e isso mesmo o petiço havia de ser podre de manso... e até maceta... e nambi... e porongudo!...

Le type en question était des îles, un Açorien grand mangeur de salades et autres verdure, et, pour qu'il monte à cheval, il fallait que ce soit sur un petiço court sur pattes, et en plus d'être petiço, il fallait qu'il soit doux comme un agneau, et même qu'il soit cagneux... et qu'il ait les oreilles tombantes... et qu'il soit perclus d'éparvins gros comme des potirons.

A moça chorava que se secava, quando caçoavam-na com o primo e o casório.

La jeune fille pleurait à s'en rendre malade, quand on la plaisantait sur le cousin et le mariage.

Era mesmo uma pena, lhe digo... casar uma brasileira mimosa com um pé-de-chumbo, como aquele desgraçado daquele ilhéu... só porque ele tinha um boliche em ponto grande!...

Et c'est vrai que c'était bien dommage, moi j'vous dis... marier une jolie petite brésilienne avec un porto pied-en-plomb comme cette canaille d'Açorien... juste parce qu'il était propriétaire d'un commerce, d'un boliche, en ville.

O caso é que o Costinha gostava da moça e a moça gostava dele: tem, é que não atavam nem desatavam... e o velho Severo puxava a pêra, torcendo as ventas...

Le fait est que la jeune fille plaisait à Costinha et que Costinha plaisait à la jeune fille; mais leur affaire n'avancait pas... et le vieux Severo tirait sur sa barbiche en fronçant le nez...

O ilhéu às vezes vinha à estância do tio, em carretinha...; veja vancê como ele era ordinário, que nem se avexava. de aparecer de carretinha, diante da moça!... E era só cama com lençóis de crivo, para o primo; fazia-se sopa de verdura para o meco; e até bacalhau aparecia, só pra ele!...

Ce type des Açores venait parfois à l'estancia de son oncle, dans une petite calêche...; vous vous rendez compte comme il fallait vraiment pas avoir une once de fierté pour arriver en carriole, devant la jeune fille ! Et alors c'était des draps bordés de dentelle pour le cousin, et on faisait une soupe de légumes pour ce monsieur, et il y avait même de la morue, juste pour lui...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Que isto das nossas comidas, um churrasco escorrendo sangue e gordura e salmoura...uma tripa grossa assada nas brasas... uma cabeça de vaquilhona... uma paleta de ovelha; e mogango e canjica e coalhada. .. e uns beijus e umas manapanças. .. e um trago de cana e um chimarrão por cima... e para rebater tudo, umas tragadas dum baio, de naco bem cochado e forte... tudo isso, que é do bom. e do melhor, para o ilhéu não valia nem um sabugo!...

Parce que, pour ce qui est de ce que nous, on mange, une grillade dégoulinant de sang, de graisse et de saumure... une tripe épaisse grillée sur les braises... une tête de génisse... une épaule de mouton; et du potiron mogango, et de la canjica, et du lait caillé... et des beijus et des manapanças*..; et une gorgée de cachaça et un maté chimarrão* pour faire passer le tout.. et pour finir, quelques bouffées d'une cigarette créole qu'on roulait avec du tabac tressé bien serré et bien fort. Tout ça, qui est du bon et du meilleur, pour notre Açorien, ça ne valait pas un trognon de maïs !

Tuuh! diabo!... Até me cuspo todo, quando me lembro daquele excomungado!...

Tchchch! Par tous les diables...Tenez, j'en crache de dégoût, rien qu'à me rappeler cet excommunié d'Açorien...

- Vancê está se rindo e fazendo pouco?... E porque vancê não é daquele tempo... quando rompeu a independência lá na Corte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir pra coxilha fazer a guerra dos Farrapos, com seu general Bento Gonçalves, que foi meu comandante, sim senhor, graças a Deus.. . e mais os outros torenas!...

Vous riez et faites peu de cas ? .. C'est parce que vous n'êtes pas de cette époque... quand a éclaté la guerre pour l'indépendance là à la Cour de Rio de Janeiro... et qu'ensuite, il a fallu reprendre les armes et le chemin des coxilhas* pour faire la guerre des farrapos, avec mon général Bento Gonçalves, qui a commandé mon régiment, oui monsieur, grâce à Dieu... et tous les autres braves de la pampa.

Galego, naquele tempo, era gente, vancê creia! Estância, era dele; negócio, era dele; oficial, era só ele; era arrematante das sisas, ele; surgião, ele; padre-vigário, ele; e pra botar a milicada em cima dos continentistas... era ele!...

Un Portugais, galego qu'on les appelait, c'était quelqu'un à l'époque, n'en doutez pas ! Les estâncias, elles étaient à eux ; les commerces, à eux aussi, les officiers, c'étaient eux, les collecteurs d'impôts, eux encore, les docteurs, eux, les pères curés, toujours eux, et pour vous envoyer la soldatesque réprimer les continentistas, c'est-à-dire nous... eux aussi!

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E cada presilha!...

Et il y avait de ces m'as-tu-vu !

Gente da terra não valia nada!...

Nous autres, les gens du pays, on valait rien !

- Que é que vancê está dizendo?... O que nós somos hoje a eles devemos? Qual! É verdade que uns inventaram plantação de trigo... isso enfim, era bom...; sempre era uma fartura; noutras casas plantavam e fiavam linho... também não era mau, isso; noutras cardavam lã... Algum mais vivaracho botava tenda e vendia mechiflarias ou prendas de ouro... Nalguns trocava-se uns quantos couros por um pão de açúcar, e pipote de cana por qualquer meia dúzia de vacas. E sempre corria alguma dobra, de salário, e algum cruzado pela peonada de ajuste.

Qu'est-ce que vous dites?... Que c'que nous sommes aujourd'hui, c'est à eux qu'on le doit ? Comment ça ? Bon, c'est vrai que certains ont inventé de planter du blé... ça, faut reconnaître, c'était plutôt bien...; C'est déjà quelque chose qu'on a eu en abondance; Chez d'autres, on plantait et on filait du lin... Pas mauvais non plus, ça ; chez d'autres encore, on cardait la laine... Quand il y en avait un qui était un peu plus malin que les autres, il ouvrait une boutique et vendait des bricoles ou des ornements en or... Dans certains établissements, on pouvait troquer quelques cuirs contre un pain de sucre et un barrillet de cachaça contre cinq ou six vaches. Et il y avait toujours à gagner quelque doublon, comme salaire, et quelque cruzado qui traînait pour les péons qui donnaient un coup de main.

Mas, como quera... eram mui entonados, os reinóis. Onde é mesmo que eu estava? Ah!... O Costinha e sua Talapa tinham juramento entre eles, de se casarem, ainda que ela saísse de casa na garupa do namorado, se o carranço do velho Severo não consentisse. Com o ilhéu é que nunca!

Bon, quoi qu'il en soit... ils étaient vraiment arrogants, ces portos. Où est-ce que j'en étais ? Ah oui... Le jeune Costinha et m'zelle Talapa s'étaient promis l'un à l'autre; de se marier, même si pour ça son amoureux devait l'enlever sur la croupe de son cheval, au cas où ce vieux ronchon de Severo ne donnerait pas son consentement. Avec l'Açorien, ça jamais !...

Pois foi por estas alturas que os castelhanos bandearam a fronteira e o Costinha assanhou-se. C'est à peu près à ce moment que les Castelhanos ont traversé la frontière et que notre Costinha a dressé sa crête.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi uma despedida de arrebentar a alma! Ele deixou-lhe de lembrança uma memória e ela deu-lhe um negalho de cabelo. E combinaram que pra qualquer recado ou carta ou aviso, ela teria o nome de Melancia e ele de Coco verde. Só eles, ninguém mais saberia; que era para despistar algum xereta.

Ça a été des adieux à vous fendre l'âme! Lui, il lui a laissé un anneau en souvenir et elle, elle lui a donné une petite mèche de cheveux. Et puis ils ont combiné entre eux que dans tous leurs messages, lettres ou avertissements, elle, elle serait Pastèque et lui, Coco vert. Il n'y aurait qu'eux qui sauraient, personne d'autre, pour dépister quelque fouineur qui pourrait les dénoncer.

E como a despedida foi de noite, e ela veio acompanhá-lo até a porta. .. até a ramada, onde ele montou a cavalo... e como ventava forte, e a vela que um crioulo trazia apagou-se... parece que houve a roubada de uma boquinha... porque ele tocou a trotezito, calado, e ela, ficou como entecada, no mesmo lugar, calada... Quem não soubesse jurava que se despediam enfunados, quando a verdade é que se despediam chorando nos olhos mas tocando música no coração... por causa daquela bicota arreglada no escuro, mas que valeu como um clarão!... Ninguém viu... só o Reduzo.

Et comme ces adieux se sont faits de nuit, comme elle est venue le raccompagner jusqu'à la porte... et même jusqu'à l'abri pour les bêtes, où il est monté sur son cheval.; comme il ventait fort et que la bougie qu'un esclave portait s'est éteinte... il semble bien qu'il y a eu là un baiser volé... parce que lui, eh bien, il est parti au petit trot, silencieux, et elle, elle est resté sur place, comme clouée au sol, silencieuse elle-aussi... Pour quelqu'un qui n'était pas au courant, on aurait juré qu'ils se séparaient fâchés alors qu'en vérité, ils se disaient au revoir les larmes aux yeux mais de la musique dans le coeur... à cause de ce petit bécot dérobé dans l'obscurité, mais qui avait été pour eux comme un éblouissement ! Personne n'a rien vu... Sauf Reduzo.

Nessa madrugada o cadete marchou.

Le matin à l'aube, le cadet se mettait en marche.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O velho Severo deixou passar um mês ou mais; quando teve notícia de que as forças andavam bem longe, e trançadas com o inimigo, e que ninguém de lá podia sair assim a dois tirões. . . sem falar nos balázios e nos lançasos - que isso era a boche! -, quando inteirou-se de tudo, mandou à Vila o capataz para vir acompanhando o sobrinho, a quem escreveu uma carta grande, fechada com mais obreias do que tragos de vinho tem um copo de missa, de padre gordo!...

Le vieux Severo a laissé passer un mois ou plus. Quand il a su que nos forces étaient bien loin, et aux prises avec l'ennemi, et que personne ne pouvait sortir de là comme ça, en un tour de main. ... sans parler des balles et des coups de lances ... que l'on distribuait à gogo ! quand il s'est bien informé de tout, il a envoyé le contremaître de l'estância à la vila pour qu'il ramène le neveu, à qui il a écrit une longue lettre, fermée avec plus de sceaux qu'il y a de gorgées de vin dans un verre pour la messe, d'un curé bien gras !...

Ora!... daí a uns dias o ilhéu batia na estância, de carretinha e com um carregamento de cousas. E já começaram a aferventar o casamento.

Et ça n'a pas tardé !... Quelques jour après, voilà notre îlien qui rappliquait à l'estância, dans sa petite calèche et avec tout un chargement. Et on a commencé alors à hâter les préparatifs du mariage.

Imagine vancê o cerco em que se viu a pobre da sia Talapa! Eram os pais dela; a parentalha; vizinhos velhos, cancheiros da estância... tudo a dizer, a gabar, a achar até bonito o ilhéu...

Imaginez la pauvre m'zelle Talapa, le siège qu'elle a dû endurer ! C'étaient ses parents, les oncles, tantes et cousins, les voisins, les habitués de l'estância... tous à opiner en faveur du mariage, à vanter les mérites de l'Açorien, et jusqu'à le trouver bien fait de sa personne.

E já foram alinhavando papéis, e preparos de vestidos e doçarias, perus na engorda, leitões no chiqueiro, terneiras pros churrascos.

Et on s'est donc mis à préparer les papiers, et à s'occuper des vêtements, gâteaux, dindes à engraisser, porcelets dans la porcherie, génisses d'un an pour les grillades.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Uma negra que havia lhe dado de mamar era a única criatura que chorava com a moça... mas chorava escondido, a pobre, por medo do laço... De noite, fechadas no quarto as duas abraçavam-se, rezavam e só diziam, no consolo duma esperança:

Une négresse qui l'avait allaitée était la seule à pleurer avec la jeune fille... mais elle pleurait en cachette, la pauvre, de peur du fouet... De nuit, enfermées dans la chambre, ces deux-là se serraient dans les bras l'une de l'autre, priaient et tout ce qu'elles trouvaient à dire, avec l'espoir pour seule consolation, c'était:

- Mãe santíssima... valei-me!...

- Sainte mère... Aidez-moi!

- Nossa Senhora!... manda nhô Costinha aparecer!..

- Marie pleine de grâce ! Faites que Costinha arrive!

Afinal chegou o dia marcado. Veio o vigário com o sancristão e gentama de toda parte; não digo bem: o velho Costa Lunanco nem a família não foram convidados.

Finalment, le jour fixé est arrivé. Le curé est venu avec le sacristain, et une foule de gens de partout ; de partout, non, le vieux Costa Lunanco et sa famille n'avaient pas été invités.

Mas assunte vancê como se passaram as cousas.

Mais voyez comment les choses se sont passées.

Pela Vila tinha justamente passado a meia rédea um chasque para as forças em que servia o cadete. O chasque era rapaz novo, alegre, mui relacionado por aqueles meios; enquanto mudava de cavalo tinha ido tomar um refresco no negócio do ilhéu, e aí, pela gente da casa soube a nova do casamento, do dia certo, dos preparos da jantarola, enfim, de tudo, tudo, pelo miúdo. E mal que apertou os pelegos, montou, - e se foi - que o rei manda marchar, não manda chover.

Il s'est trouvé qu'était passé à bride abattue par la vila une estafette qui allait rejoindre le corps dans lequel le cadet était engagé. Ce chasque* était un jeune homme allègre, et qui connaissait beaucoup de gens dans les parages ; pendant qu'il changeait de monture, il était aller prendre un rafraîchissement dans la boutique de l'Açorien, et là, on lui avait conté la nouvelle du mariage, le jour convenu, les préparatifs pour le banquet, enfin, tout, tout jusqu'au plus menu détail. Et à peine avait-il serré sa chabraque sur le dos du cheval, qu'il était monté et était parti.. parce que le roi ordonne de faire marche, il n'ordonne pas de pleuvoir.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando bateu no acampamento e entregou os ofícios que levava, procurou a rapaziada conhecida e portanto o Costinha, para dar a novidade do casório da sua Talapa com o primo.

Enfin, le voilà au campement et il transmet aux officiers les plis qu'on lui avait confiés, puis il se met en quête des camarades et donc de Costinha, pour lui annoncer la nouvelle du mariage de m'zelle Talapa avec le cousin.

Como touro de banhado laçado a meia espalda, assim ficou o moço. Amassou o sombreiro sobre a orelha, afivelou a espada e gritou:

Comme un taureau de marais enlacé à mi-épaule, c'est comme ça que le jeune homme a réagi. Il s'est enfoncé le chapeau sur le crâne, a bouclé son épée à sa ceinture et a crié :

- Me vou, e é já! Reduzo!

- J'm'en vais, et tout de suite ! Reduzo !

- Pronto!

- À vos ordres !

- Encilha os nossos cavalos! Já! Vamos embora!... Deserto!... Hei de lonquear aquele galego ordinário!... Deserto... Deserto... acabou-se!

- Harnache les chevaux ! Sans attendre ! On s'en va ! Je déserte. Je m'en vais écorcher ce vaurien de galego ! Je déserte... je déserte... C'est décidé !

- Encilho? reperguntou o chiru.

- Je selle ? A redemandé le chiru.

- Sim, coos diabos! berrou o desesperado.

- Mais oui, par tous les diables ! hurle le désespéré.

Neste momento o clarim deu toque de alarma... e como pra acoquinar o pobre um cabo veio a toda pressa chamar o Costinha, de ordem do comandante... Veja vancê que entaladela!

Sur ce, le clairon sonne l'alarme... et comme pour le tourmenter davantage, un adjudant vient chercher d'urgence Costinha, ordre du commandant. Voyez dans quel pétrin il se retrouve !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pelos altos das coxilhas avistava-se uma partida do inimigo. O comandante então deu ao Costinha uma prova de confiança, pois encarregou-o de uma carga sobre um flanco dos atacantes...

Du haut des cochillas, on pouvait voir un détachement ennemi. Le commandant a donné alors à Costinha une preuve de confiance: c'est lui qui allait mener la charge sur le flanc des attaquants.

E agora?!...

Et maintenant ?

Filho de tigre é pintado!...

C'est pas pour rien que le petit du tigre a des rayures.

Diante do dever o moço engoliu a tristeza, e mesmo não quis se desmoralizar desertando justamente naquela hora de peleia.

Face au devoir, le jeune homme avale sa tristesse, et surtout il ne veut pas se déshonorer en désertant juste au moment où on allait se battre.

Mas coriscou-lhe um pensamento... e logo montou, formou a gente, tomou a testa do piquete e disse ao Reduzo.

Mais une pensée lui traverse l'esprit, comme un éclair... et alors il enfourche son cheval, forme son escadron, se place à sa tête, et dit à Reduzo.

- Procura-me, que te preciso!...

- Débrouille-toi pour me rejoindre dans la bagarre, j'ai besoin de toi !

Desembainhou a espada, deu um viva a Sua Majestade! - e despencou-se, firme nos estribos, com o chapéu caído pra trás, sobre um ombro, preso pelo barbicacho. E a gauchada, reboleando as lanças, carregou, a gritos, fazendo tremer a terra e o ar.

Et puis il dégaine son épée, hurle un "vive sa Majesté!" et le voilà qui dévale la colline, dressé sur ses étriers, le chapeau en arrière, sur une épaule, retenu par le cordon. Et les gauchos, alors, de faire tourner leurs lances et de charger derrière lui, en criant et en faisant trembler terre et air.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O Reduzo, de pura pabulagem, atou a cola do pingo e logo riscou, escaramuçando, na culatra dos companheiros.

Reduzo, par pure fanfarronerie, relève la queue de son cheval en toupet et détale juste après, en caracolant dans le sillage des compagnons.

E foi mesmo no meio da carga, entre gritos, juras, palavrões, tiros, pontações de espadas e coriscos de lanças, pechadas de cavalos, foi nesse berzabum do entrevero que o Costinha industriou o chiru;

Et c'est bien au milieu de la charge, entre les hurlements, les serments, les jurons, les tirs, les estocs des épées et les éclairs des lances, les chocs des chevaux, c'est dans le capharnaüm du combat que Costinha a donné ses instructions au chiru.

- Tu, sai já; vai direito lá em casa, mas não chegues. A Talapa, depois d'amanhã, de noite, se casa, à força, com o ilhéu... Tu, mata cavalos, boleia e monta os que precisares... arrebentate, mas chega antes do casamento... Não diga a ninguém, nem lá em casa, que me viste, nem que sabes de mim... Mas vai ao velho Severo, mete-te lá, custe o que custar e acha jeito de dizer, que ela ouça, que o coco verde manda novas à melancia... Ela entende. Compreendes?... Eu sou o Coco Verde, ela é a Melancia... Só nós sabemos isso... e tu, agora. Vai. Tu vais adiante; logo mais eu sigo, se não morrer neste revira. Vai, Reduzo!... Coco verde... Melancia... Não esqueças... Abaixa-te!... abai!...

- Toi, tu t'en vas à l'instant même; tu files à l'estância, mais tu n'vas pas jusque là. Talapa, après-demain, elle se marie de force dans la soirée avec l'Açorien... Crève les chevaux sous toi, attrape et monte ceux dont tu as besoin... Que ce soit la dernière fois que tu montes à cheval, mais surtout arrive avant le mariage... Ne dis rien à personne, ni chez nous... ni que tu m'as vu, ni que tu as de mes nouvelles... Mais va directement voir le vieux Severo, débrouille-toi pour être de la fête, coûte que coûte, et trouve le moyen de dire, et surtout qu'elle t'entende, que Coco vert envoie des nouvelles à Pastèque... Elle saura... Tu m'as compris ? C'est moi Coco vert, et elle c'est Pastèque... Il n'y a que nous à le savoir. et puis toi maintenant. Va, pars devant; moi j'te rejoins dès qu'je peux, si j'en sors vivant. Va Reduzo! Coco vert... Pastèque... N'oublie pas... Baisse-toi... Bai!...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E enquanto o chiru se deitava no pescoço do cavalo e uma lança de três pontas escorregava-lhe por cima do espinhaço, o Costinha, com um tiro de pistola derrubava um gadelhudo lanceador... e continuava o sermão:

Et tandis que le chiru se couchait sur l'encolure de son cheval et qu'un trident lui glissait par dessus l'échine, Costinha, avec un tir de pistolet, faisait vider ses étriers à un lancier chevelu... tout ça sans interrompre son sermon :

- Olha, não brigues... pra não perder tempo... Olha... é depois d'amanhã... Se dormires, se comeres no caminho, não chegas a tempo!... Sempre a meia rédea, Reduzo! Eu não posso desertar agora... Senão, eu ia... Vou logo... amanhã. Tu, agora!... já sabes: Coco verde manda novas a Melancia... Diz como quem não quer... Só ela entende... O que é preciso é que ela ouça...

- Écoute-moi, perds pas de temps dans la bagarre..... Tu m'entends?... C'est après-demain... Si tu t'endors, si tu manges en chemin, c'est fichu ! À bride abattue, toujours, Reduzo ! Moi, j'peux pas désertar maintenant... Sinon, je partais aussi sec... Mais j'te suis dès qu'je peux. À toi de jouer maintenant !... Tu as bien compris ? Coco verde envoie de ses nouvelles à Pastèque... Tu diras ça comme si de rien n'était...; Y aura qu'elle pour savoir... Ce qu'il faut, c'est qu'elle t'entende...

- Acuda aquele, patrãozinho, que eu tempero estes!...

- Chargez-vous de çui-ci, mon p'tit patron, moi, j'm'occupe de ces lascars-là.

Isso disse o chiru e esporeando o flete atirou-o contra dois desalmados que iam degolar um ferido... emborcou-os a patadas e logo gritou ao moço:

Pas plus tôt dit que le chiru éperonne son coursier et le lance contre deux misérables qui allaient égorger un blessé... Il les renverse sous les pattes de son cheval et il crie au jeune homme :

- Já sei tudo! Deus ajude! Lá le espero!...

J'en sais assez ! Avec l'aide de Dieu ! Je vous attends là-bas !...

E riscou campo fora, rumo da querência, ainda batendo na boca, num pouco caso dos castelhanos!

Et il s'élançe à travers la prairie, en direction du patelin, en se frappant la bouche du plat de la main en plus de ça, par défi des Castellans.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E bateu na marca!... Boleou e mudou cavalos alheios, pediu outros no caminho, tomou um, à força, largou os arreios porque rebentou-se-lhe o travessão e não tinha tempo para remendá-lo, mas com duas braças de sol, na tarde do casamento, veio dar no velho Severo, de em pêlo - pelego, e freio -, as boleadeiras na cintura, o facão atravessado no cinto, e sem mais nada; moído, entransilhado, estrompado, varado de fome, com sono, com frio, mas ainda de olho vivo e língua pronta, contando uma rodela mui deslavada.., que vinha de casa, andava campeando umas tambeiras... e uma vaca mocha, que não apareciam no gado manso, havia dois dias!...

Et va que j'te cravache!... quand il faut changer de monture, Il attrape des chevaux avec ses boleadeiras ; d'autres, il les demande en chemin ; un, il le prend de force; et puis il largue les harnais parce que le travessão s'est rompu et qu'il n'y a pas le temps de réparer, mais il reste encore deux brasses de soleil, ce soir-là où doit avoir lieu le mariage, quand il arrive chez le vieux Severo, à cru, avec pour tout harnachement des pelegos et un frein, boleadeiras à la ceinture, coutelas en travers de la ceinture, sans rien d'autre, moulu, fourbu, estrompado*, affamé et avec une envie terrible de dormir, mais l'oeil encore vif et la langue assez bien pendue pour raconter avec aplomb une histoire à dormir debout... qu'il venait de chez Costa lunanco, qu'il était à la recherche de deux génisses... et une vache sans corne qu'on ne voyait plus depuis deux jours au milieu du bétail domestique.

O velho Severo pasmou...

Le vieux Severo est tombé des nues...

-- Uê! chiru!... Pois tu não tinhas ido com o seu Costinha?

Ué ! Chiru ! Mais tu étais donc pas parti avec Costinha ?

- Eu?... Não sr., patrão! Fui só levar uns cavalos até o meio do caminho e dei volta. Diz que lá bala é como chuva... e lança, como roseta!... Não vê!... E dele mesmo, nem notícia nenhuma, té agora... Vancê dá licença- de campear os alimais?

- Moi ?... Non m'sieur, non patron ! J'ai juste été emmener quelques chevaux jusqu'à mi-chemin et puis je suis revenu. On dit que là-bas les balles c'est comme s'il en pleuvait... et les lances... hérissées comme les pointes d'une rosette d'éperon ! Ah non merci !... Et de lui, pas de nouvelles jusqu'à maintenant... Alors j'ai votre permission pour gardianner* les alimaux ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Deixa isso pra amanhã. Hoje estamos de festa. Fica aí, pra tomares um copo de vinho e comer uns doces à saúde do noivado... Vai pra o galpão...

Ça peut attendre demain. Aujourd'hui, on festoie. Reste, et tu prendras un verre de vin et mangera du gâteau à la santé du marié... Va rejoindre les autres au galpon.

- Sim, senhor patrão: Deus lhe pague. Eu hei de fazer uma saúde, sim senhor...

D'accord, patron. Dieu vous le rende.. Et je porterai un toast aux mariés, oui monsieur...

- Pois sim, pois sim; vai!

Mais oui, j'y compte bien. Va rejoindre les autres !

O sorro entrou no galinheiro...

Le zorro est entré dans le poulailler...

Quando apeou-se, o chiru estava de pernas duras; agüentou-se como um tigre, pra não dormir.

Quand il a mis pied à terre, le chiru avait les jambes raides, il a résisté comme un tigre au sommeil qui le gagnait.

Daí a pouco pegaram a jantarola. O casamento ia ser de noite, depois da comida; depois, baile. Havia uns quantos cantadores, e violas; dava pra dançar a tirana, o anu e a mancada na casa-grande e no terreiro.

Peu après, on démarrait le banquet. Le mariage aurait lieu de nuit, après le repas; et après, on danserait. Il y avait des chanteurs, et des guitares; c'était assez pour danser la tirana, l'anu et la mancada dans la grande maison et sur le terre-plein devant.

O Reduzo foi se fazendo de sancho rengo... e foi se encostando pra janela da sala de jantar..., e por ali foi comendo e bebendo, como soldado estradeiro, que não se aperta...

Bon, Reduzo a fait le cochon qui fait semblant de boîter, et est allé s'appuyer contre la fenêtre de la salle du banquet... Et il est resté dans son coin, à manger et à boire, comme un soldat vétéran, à ventre déboutonné...

A noiva estava como um defunto: branca, esverdeada, de olhos fundos e chorando sem alívio; a negra, ama, atrás dela, muito retinta, só mexia o branco dos olhos, parecia uma alma penada, do purgatório...

La mariée était cadavérique: blanche, pâle comme la mort, les yeux creusés et pleurant toutes les larmes de son corps: la négresse, sa nourrice, derrière elle, d'un noir d'ébène, qui ne bougeait que le blanc de ses yeux, on aurait dit une âme en peine, du purgatoire...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O ilhéu é que estava solto!...

C'est l'Açorien qui ne tenait pas en place.

Parecia que tinha bicho-carpinteiro, o desgraçado!...

On aurait dit qu'il avait des fourmis dans le corps*, ce gredin...

Só estava era meio vendido com o jeito da noiva, mas fingia não se dar por achado, o velhaco...

Il y avait bien une chose qui le contrariait, et c'était la mine de la mariée, mais il feignait de ne s'apercevoir de rien, la canaille...

Um convidado levantou-se e fez uma saúde; depois outro, e outro e outro; cada um fazia o seu verso. Havia risadas, o noivo agradecia.. . a noiva chorava.

Bon, toujours est-il qu'à un moment un invité se lève et porte un toast; et puis un autre, et un autre et encore un autre; et chacun alors d'y aller de son petit poème. On rit, le marié remercie... La mariée continue à pleurer.

Os convidados aplaudiam; moças também botaram versos; os rapazes respondiam; foi se virando tudo numa alegria geral.

Les invités applaudissent ; les jeunes filles se mettent elles-aussi à improviser des vers ; les garçons leur répondent; l'allégresse gagne tout le monde.

Nisto o capataz da estância chegou à porta e pediu licença pra oferecer um verso à saúde do noivado, e botou uma décima bem bonita. Outros, posteiros e agregados, também.

Sur ce, le contremaître de l'estancia apparaît sur le seuil de la porte et demande la permission de dire quelques vers en l'honneur du marié, et il se fend d'un compliment* joliment bien tourné. Et d'autres arrivent, posteiros et agregados, qui font de même.

Nesse entrementes o velho Severo perguntou:

Et à un moment, le vieux Severo a demandé :

- Que é do Reduzo? Oh! Chiru?...

- Et Reduzo, où il est ? Oh ! Chiru ?

- Pronto, patrão, respondeu o caboclo .

- À vos ordres patron, réponde le cabocle :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Então?... e a saúde prometida?

- Et alors ? Et le toast que tu as promis ?

- Já vai, sim senhor!

- Voilà, voilà, patron, ça vient :

E amontoando-se para a mesa, bem junto dos que estavam sentados, frente a frente dos noivos, olhando pra sia Talapa o chiru levantou o copo e disse:

Et se rapprochant de la table, juste à côté de ceux qui étaient assis, face aux mariés, et le regard fixé sur m'zelle Talapa, le chiru lève son verre en disant:

Eu venho de lá bem longe,

Da banda do Pau Fincado:

Melancia, coco verde

Te manda muito recado!

Je viens de là-bas bien bien loin

Du côté de Pau Fincado.

Ma chère Pastèque, ton coco vert

T'envoie des nouvelles en cadeau !

E enquanto todos se riram e batiam palmas, enquanto o ilhéu se arreganhava numa gargalhada gostosa, e o velho Severo, mui jocoso, gritava - gostei, chiru! outra vez! - e enquanto se fazia uma paradita no barulho, a noiva se punha em pé como uma mola, e com uma mão grudada no braço da ama, já não chorava, tinha um coloreado no rosto e os olhos luziam como duas estrelas pretas!...

Et pendant que tout le monde s'esclaffait et applaudissait, pendant que l'Açorien se fendait d'un rire à gorge déployée, et que le vieux Severo, l'air blagueur, criait : "Ça m'a plu, chiru ! Dis-en un autre !" Pendant que se faisait un peu de silence au milieu du vacarme, la mariée s'était dressée sur ses pieds comme mue par un ressort, et avec une main qui serrait le bras de sa nourrice, avait cessé de pleurer; son visage s'était empourpré et ses yeux luisaient comme deux étoiles noires !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Lindaça ficou, como uma Nossa Senhora!

Et elle est devenue si jolie; on aurait dit une Madonne !

O Reduzo aproveitou o soflagrante e soltou outro verso:

Na polvadeira da estrada

O teu amor vem da guerra:...

Melancia desbotada!...

Coco verde está na terra!...

Dans la poussière du chemin

Ton amour revient de guerre

Pastèque reprends ton carmin !

Arrive Coco vert ventre à terre !

Amigo! Nem lhe sei contar o resto!...

Ah l'ami ! Je ne sais comment vous raconter le reste !

A noiva atirou-se pra trás e pegou aos gritos.

La mariée est tombée en arrière et s'est mise à crier.

A gente da mesa levantou-se toda; o mulherio correu, pra acudir...

Tous les convives se sont levés d'un coup ; les femmes sont accourues pour porter secours...

O padre-vigário benzia pra os lados...

Le père curé jetait de l'eau bénite dans toutes les directions...

O ilhéu olhou para o Reduzo, viu-lhe o facão atravessado... e tomado dum mau espírito, gritou furioso e escarlate:

L'Açorien a jeté un regard à Reduzo, a vu le coutelas en travers de la ceinture...et poussé par un esprit mauvais, a hurlé, furibond et écarlate :

- Foi esse negro, com tanta arma, que estarreceu a menina!

- C'est ce mal-blanchi, avec toutes ses armes, qui a épouvanté la petite !

Um que estava perto do chiru gritou-lhe na cara:

Un de ceux qui étaient tout à côté du chiru lui a jeté en pleine figure :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Que desaforo é este?...

- Comment oses tu... ?

O Reduzo - cuê-pucha! índio dente-seco! - largou-lhe os cinco mandamentos, de em cheio!

Reduzo, cuê-pucha ! Sacré cabocle au sang chaud ! lui a imprimé la marque des cinq commandements en pleine figure !

Porém caíram-lhe em cima; foi uma desgraceira!

Et ils lui sont tombés dessus. Ah quel esclandre, mes aïeux !

O ilhéu, do outro lado da mesa sampou-lhe com uma botija de bebida, que acertou bem entre o queixo e o ouvido do chiru...

L'Açorien, depuis l'autre côté de la table, lui a balancé un pichet, qui l'a cueilli juste entre le menton et l'oreille...

Fechou o salseiro, nem se sabia bem com quem.

Mêlée générale ! Personne ne savait vraiment pour quoi ou contre qui on se battait.

Nessa inferneira o Reduzo mergulhou por baixo da mesa e quando surdiu, foi para arriar o braço, dar uma volta na traira e reiunar o ilhéu...

Dans ce grabuge de tous les diables, Reduzo a plongé sous la table et quand il a refait surface, ça a été pour ramener le bras, faire pivoter son coutelas et marquer l'Açorien à l'oreille.

E antes que o picassem - que o picavam! - pulou por uma janela e se foi ao galpão onde montou no primeiro matungo que encontrou e abriu os panos!...

Et avant qu'on le réduise en charpie, parce qu'on allait le réduire en charpie, il a sauté par la fenêtre et a couru jusqu'au galpon où il a sauté sur le premier cheval qu'il a trouvé et a mis les voiles...

O resto é simples.

Le reste est simple.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Passados dois dias chegava o Costinha, como bagual com couro na cola; e apresentou-se ao velho Severo, pedindo a mão da moça, O velho teve de desembuchar, contar o compromisso em que estava e que até havia se demorado o casamento por causa dum estropício mui bruto, que tinha havido,.. O Costinha não quis saber de nada... armou banzé...; veio a moça à fala...

Deux jours après arrivait Costinha comme s'il avait le diable aux trousses, qui se présentait au vieux Severo et demandait la main de la jeune fille. Le vieux n'a pu que cracher le morceau, dire comment il s'était engagé et que, si le mariage avait été retardé, c'était à cause d'une catastrophe, d'une histoire de sauvages qui avait tout gâté.. Costinha n'a rien voulu savoir... Il a fait un esclandre... La jeune fille est venue s'expliquer...

Vancê imagina: rebentou o laço pra mais de quatro...

Vous imaginez le ramdam : c'était à qui crierait le plus fort...

Pra não afrontar o velho Severo, o Reduzo teve de andar escondido. Tempos depois do Costinha já casado, então o chiru tomou conta dum posto; depois passou a capataz.

Pour pas que le vieux Severo se sente insulté, il a fallu que Reduzo se cache. Quelque temps après le mariage de Costinha, alors le chiru a été chargé d'un poste à la limite de l'estancia; et puis il est passé contremaître.

Era o confiança da casa.

C'était l'homme de confiance de la maison.

Veja vancê que artes de namorados: Melancia... Coco-verde!...

Vous parlez de ruses d'amoureux: Pastèque... Coco-vert !...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº12. Cinemato-grafia

Texto e pretexto: “O Anjo da Vitória”

Foco do estudo tradutológico: qualidade “cinemática” e “cinematográfica” na *mimesis* e transferência dos recursos correspondentes para a versão estrangeira

Oh! velho temerário! Firme nos estribos, com o boné levantado sobre o cocuruto da cabeça, a espada apontando como um dedo, faiscando, o velhito ponteou aquela tormenta, que se despenhou pelo lançante abaixo e afundou-se e entranhou-se na massa cerrada do inimigo, como uma cunha de nhanduvai abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira... E deixando uma estiva de estrompados, de mortos, de atarantados, de feridos e de morrentes – como quando rufa um rodeio xucro... vancê já viu? – varou para o outro lado, mandou fazer – alto, cara – volta! – e mal que reformou os esquadrões, os homens chalrando e rindo, a cavalhada, de venta aberta, bufando ao faro do sangue e trocando orelha, pelo alarido, o velho já se bancou outra vez na testa, gritou – Viva o Imperador! – e mandou – Carrega!

Na descrição das situações ou acontecimentos que juntos compõem o enredo de seus contos, é frequente que Simões Lopes Neto pareça ter deixado sua pena se guiar pelo olhar de um cineasta. Quais são os recursos (lexicais, sintáticos, retóricos...) implementados na narrativa para que se conforme esta “visão” ou “visada” às vezes fotográfica, às vezes “cinematográfica”. Quais os recursos para que se crie essa impressão, à leitura dos contos, de uma fraseologia que aparenta acompanhar o objeto da representação como se fosse uma câmera (plano fixo de um acampamento, de uma tapera, plano móvel de uma perseguição, de uma batalha, *zoom in*, *zoom out*, *fade in*, *fade out*, *travelling*¹⁸⁴, etc.). São tais elementos de dinamização (aceleração ou desaceleração) do texto inteiramente transferíveis?

Aproveitei o estudo de alguns recursos mobilizados pelo escritor para dar essa impressão “cinemática” ou “cinematográfica” a uma forma que é supostamente fixa por definição (o texto) e abordei, no mesmo comentário, o assunto do papel de algumas figuras de iconicidade em construções literárias e de sua translação para a versão estrangeira, assunto que desenvolvo um pouco mais nas últimas páginas do projeto.

¹⁸⁴ Estou usando estes termos não para implicar que Simões integrou as técnicas correspondentes no seu texto, mas para ilustrar o tipo de “efeito” produzido na mente do leitor pelos recursos narrativos e evocativos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com efeito, nestes fenômenos de dinamização da frase¹⁸⁵, a escolha lexical (eixo paradigmático) pode ser tão relevante quanto a seleção de tal ou tal organização sintática (eixo sintagmático). Assim, o cumprimento das palavras, sua sonoridade quando atualizadas (em voz alta ou mentalmente), seu poder de evocação, certamente desempenham papel significativo na cadência conferida à narrativa pela própria fraseologia. Da mesma maneira, o cumprimento da frase, a pontuação, os “grupos de respiração” (a sequência de palavras que vão ser pronunciadas ou lidas num mesmo fôlego), enfim o caráter paratático ou hipotático, têm sua importância na aceleração ou desaceleração rítmico-semântica do enunciado.

Assim, há segmentos do texto que narram cavalgadas, as quais, dependendo do andamento dos cavalos, se leem no galope, no trote, no tranquilo, no passo... As frases obviamente não acarretam o mesmo tipo de atualização leitoral, dependendo de suas construções e das unidades lexicais que as constituem. Este trecho, por exemplo, é “de galope”, mas outros “andam” muito mais “devagar”, ao passo, ou ao tranquilo.

Tocava o picaço em cima do nhandu e atirava o laço... o bicho negaceava, e o laçador errava o tiro... E vá outro, e outro... mas errando sempre, só de apurado! Mas nisto o nhandu deu com a boca do rincão, viu o campo largo, e fazendo umas gambetas fortes, esparramando as asas, por fim aprumou o corpo e cravou a unha, num trotão galopeado, de comer quadras!... Mas o rapazinho estava encanizado: levantou o picaço no freio e bateu de trás! [...] Amigo! Que disparada! Por tacuruzais e buracama de tuco-tuco, por cima das painelas de caranguejo, por lançantes de coxilhas e moles das canhadas, salvando sangas e arrancando no barral das lagoas, tudo era várzea lisa para aquela alminha de gaúcho!

¹⁸⁵ O cinema não era ainda coisa comum nas primeiras décadas do século XX, certo. Daí a possível objeção de que as minhas observações apresentem um caráter algo anacrônico. Porém, cabe fazer os reparos seguintes, quanto a uma possível aproximação de Simões com o cinema e suas técnicas. Primeiro, quando Simões escreve os *Contos gauchescos*, já havia ou houvera projeções cinematográficas na cidade de Pelotas. Parece-me que, fora as projeções ambulantes, também já se abrira pelo menos uma sala de projeção na cidade do escritor. Segundo, cumpre lembrar que Simões passou parte da sua vida de jovem adulto no Rio de Janeiro, onde não há dúvida que havia alguns cinemas. Terceiro, é bem pouco provável que um homem como Simões, tão curioso de tudo, e em particular dos avanços da ciência e da tecnologia, desconhecesse o progresso daquelas formas que chegariam a se constituir rapidamente em uma arte maior. Enfim, o que me interessa neste comentário é a organização rítmica da fraseologia ao serviço da pungência da evocação, principalmente enquanto estimuladora de determinadas emulações visuais ou auditivas. É, pois, principalmente uma questão de dinâmica, sendo que, obviamente, os aspectos que enfatizo nestas páginas poderiam ser encontrados em qualquer texto, com mais ou menos destaque, bem antes de que tivesse surgido o cinema. Basta ler algum romance de Dickens para encontrar inúmeros exemplos de frases nas quais o escritor demonstra sua capacidade para usar de técnicas de aceleração ou desaceleração propícias à manipulação dos estímulos mentais e das projeções visuais do leitor. Há, por exemplo, descrições de paisagens vistas desde a janela de um compartimento de trem que são extraordinárias no seu efeito de “escorço” fraseológico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De certa maneira, a reflexão sobre o caráter cinematográfico da escrita em *Contos gauchescos* poderia ter sido integrada às considerações sobre a iconicidade, que ocupam o último capítulo desta tese. Existem, com efeito, aspectos na formulação simoniana que facilitam a conexão entre a dimensão “cinematográfica” e a dimensão icônica na composição textual. Evocarei um desses aspectos nas páginas seguintes.

Efeitos especiais

No tocante ao que poderíamos chamar de “efeitos especiais”, darei um só exemplo, que é o uso da fumaça, a evocação da qual permite intercalar um *écran* não somente entre a personagem e seu entorno, o narrador e sua memória ou seu passado, mas também entre o leitor e os “acontecimentos” que lhe são narrados (quer mais ou menos velados, quer mais ou menos revelados). Pois, o leitor, pelo jogo dos recursos de focalização integrados à estratégia narrativa, vê essencialmente as “cenas” pelos olhos da personagem: Blau, sendo narrador homodiegético dos *Contos*, conta o que ele se rememora ter visto e ouvido, então criança de alguns dez anos, naquele dia fatídico que o precipitou para a vida adulta. Desta maneira, podemos acompanhar a progressão do uso da evocação da fumaça no conto “O Anjo da Vitória”, fumaça que, de fato, vela a realidade do que está ocorrendo à consciência dos circunstantes, até a revelação final do engano – bem como acontece nas profecias (cf. *Macbeth* e as bruxas, *when fair is foul and foul is fair*).

Esta “desfocalização”¹⁸⁶ do cenário, integrada à evocação do ambiente em que se movimentam as personagens, mediante a utilização de um léxico específico (‘fumaça’, ‘escurecer’, ‘cerração’, etc.) é um dos traços que me parecem aproximar bastante a escrita de Simões da escrita de Joseph Conrad, sempre marcada por uma impressão de *inconclusiveness* até nas descrições¹⁸⁷.

“Banhado de Inhatium. Virge' Nossa Senhora!... mosquito, aí, **fumaceia**, no ar! [...]

¹⁸⁶ no sentido de indistinção controlada, i.e. mediante recursos aptos para esvaecer a nitidez dos contornos de determinados elementos que compõem o cenário (p. ex. mencionando que a cena ocorre, ou está apreendida pela personagem ou pelo narrador (ou ambos) através de algum crepúsculo, fumaça, nevoeiro, etc., criando assim uma impressão de nebulosidade da descrição – i.e. também da percepção rememorada do narrador, que a transmite por sua vez para seu ouvinte, bem como o texto a transmitirá depois para o leitor.

¹⁸⁷ Cf o início de *Nostramo*, entre água e terra (o estuário da tamise), na hora da cerração do entardecer, ou seja entre dia e noite, no momento de calma entre a montante e a jusante da maré que possibilitará que o barco zarpe e se encaminhe para o mar, etc. naquele momento de suspenso que é o início da contação, quando o texto também se anima, também zarpa e se encaminhe para algum oceano.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

e já nos foi **fumegando** bala e bala [...],
o que sei é que nesse escurecer [...] por entre os fogões meio apagados [...] no fusco-fusco da madrugada, com uma cerraçãozita o quanto-quanto... [...]
Mas nesta hora maldita, a **fumaça** maldita nos rodeava e cegava;" [...]
"veio uma rajada forte de vento, que varreu a **fumaça**, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa infantaria que nos tinha feito aquela desgraça..."

Algo especialmente cativante com esse jogo de (simulação de) ofuscação é que ele consegue estimular a imaginação do leitor no sentido de substituir “imagens” sonoras às imagens visuais do campo de batalha, ou seja, a orientar a “mentalização leitural” do cenário “mimético” em direção antes do ouvido de que do olhar, seguindo as impressões de Blau criança através das recordações de Blau velho – i.e. tais quais, supostamente, como o narrador (Blau velho) opta por comunicá-las. Já que não se vê claramente, figuradamente falando, a mente leitural se guia na evocação do “acampamento de batalha”, acompanhando de perto o narrador/tapejara, bem como suas personagens, como que pelo som ou pelo barulho das coisas¹⁸⁸.

O certo é que a fumaça, sob diferentes modalidades (cerração, churrasco, cigarro, etc.), faz parte da “encenação” de uma grande parte das descrições feitas por Blau nos seus causos. Outro recurso que aparece amiúde nas narrativas do velho tapejara são os sons mencionados pelo narrador, que um pouco à maneira de Jango Jorge, se orienta e nos orienta nas sendas da sua narrativa, ora por evocações em caráter auditivo, ora por evocações em caráter olfativo. Assim, no trecho de “Os cabelos da china” que segue, acompanhamos a aproximação dos dois soldados farrapos principalmente, pelo menos num primeiro momento desta aproximação, como que pelo ouvido. Esta transição da evocação “sonora” para a evocação “visual” se faz de maneira progressiva, com um trecho que apela por certa dose de sinestesia. É um procedimento bastante corrente, mas particularmente eficiente do ponto de vista da representação mimética.

E outra vez nos mexemos, agora sobre o acampamento dos legais. **Começamos a ouvir o falaraz dos homens, assobios, risadas, picamento de lenha, uma rusga de cachorros.**

¹⁸⁸ Da mesma forma, a noite em “Contrabandista” desempenha o papel que atribuo à fumaça em “Anjo da vitória”, sendo de se relevar que Jango Jorge vaqueana sua quadrilha não unicamente pelo som, mas também pelo olfato e pelo “paladar”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conforme Blau jovem e Picumã se aproximam, o narrador, Blau velho, passa da descrição de suas impressões auditivas para suas impressões visuais, mas ainda com certa mescla de domínios sensoriais (cf. “ressonavam”)

Mais umas braças. Chegamos. No meio do campestre uma fogueira grande, rodeada de espetos onde o churrasco chiava, pingando o fartum da gordura; nas brasas, umas quantas chocolateiras, fervendo; armas dependuradas, botas secando, japonas abertas, e ponchos, nos galhos. Deitados nos pelegos, nas caronas, muitos soldados rressonavam; outros, em mangas de camisa, pitavam, mateavam.

Como acontece amiúde (cf. “a ponta de cigarro deixada fumante num galho de sarandi” em “Trezentas onças”), a descrição se termina com a menção de uma fumaça “mui azul”, que “cerrava tudo”. Da mesma forma que sempre se adivinha alguma entrevisão atrás desse véu de fumaça, também se pressente algum subentendimento, algum não dito no dito, dissimulado atrás do véu das palavras.

Do lado da sombra uma carreta toldada. Num fueiro, pendurado, um porongo morrudo, tapado com um sabugo; vestidos de mulher, arejando, diziam logo o que aquilo era. Pertinho, outro fogão, também com churrasco, uma chaleira aquecendo e uma panela cozinhando algum fervido... **Uma fumaça mui azul cerrava tudo**, alastrando-se na calmaria da ressolana.

Dois cavalos à soga, e um outro, bem aperado, maneado, pastando.

Mal que desembocamos do mato vimos tudo... e tudo com jeito de acampamento relaxado.

Claro que são várias as ferramentas usadas na escrita para enfatizar aqui a tônica dinamizante (os soldados, os cavalos, etc.), ali a tônica “imobilizante” – o acampamento, o pampa deserto, onde mesmo o movimento é tratado de maneira a enfatizar o caráter estático da cena, pensando-se na evocação do João-Grande que voa sem bater as asas. Repara-se em particular a maneira como o escritor se vale ora de formas verbais “passivas” ora de formas verbais ativas para transmitir mudanças de focalização e de ritmo (alternâncias por exemplo de participios passados e presentes ou uso de voz passiva sintética e analítica, ou ainda de formas predominantemente impessoais¹⁸⁹ que contrastem com os verbos dotados de sujeitos animados). O que prevalece ultimamente é a sensação de uma mescla bem-sucedida de expressionismo e de impressionismo, com o vislumbrado se tornando tão relevante, e tão chocante, quanto ou talvez mais do que o visto.

¹⁸⁹ Particularmente notáveis são formulações nas quais os sujeitos dos verbos são “inanimados”, como que “reificando” a narrativa: “**vestidos de mulher**, arejando, **diziam** logo o que aquilo era”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“Fade in, fade out”

O detalhe da fumaça nos trechos citados *supra* não é insignificante. Ele faz parte de uma ambientação que joga com as alternâncias de focalização e de desfocalização nas evocações que acompanham os relatos de Blau Nunes. Ressaltei estas alternâncias nas páginas anteriores por serem tão propícias a que se transmita para o leitor aquela impressão de *inconclusiveness* e opacidade em que parece ser imersa a consciência do narrador, o qual se vê participante de eventos que somente mais tarde poderia ver com alguma lucidez e entender. Conforme apontei antes, é o ato de contar, tanto na prosa de um Joseph Conrad quanto na de João Simões Lopes Neto, que permite levantar parte do véu que ofuscava os objetos e os acontecimentos aos olhos dos narradores quando os viram e os presenciaram enquanto protagonistas de seus relatos. Ou seja, alguma clareza surge com a reminiscência e a narração desta reminiscência.

Impressões visuais e organização rítmica

Também participam nesta impressão de uma vocação cinematográfica da escritura, porventura, a maneira como Simões encadeia mudanças de foco e de ritmo. Essas mudanças contribuem em emular movimentos de aceleração e desaceleração na narrativa, quando o leitor se deixa enganar pela ideia que sua própria velocidade de leitura varia, acompanhando os “câmbios” de marcha da narrativa.

– Desmaneia e monta! gritou o meu padrinho; ele que falava, eu e o chiru que já estávamos enforquilhados nas garras.

E por entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fincados espetos com restos de churrascos; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de reiuos; no fusco-fusco da madrugada, com uma cerraçãozita o quanto-quanto; por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do chinaredo e o vozerio do comércio, já no cheiro da pólvora e em cima dos primeiros feridos, formou-se o entrevero dos atacantes e dos dormilhões.

E cantou o ferro... e choveu bala!...

O meu padrinho levantou na rédea o azulego: e de espada em punho, o chiru, com uma lança de meia-lua - e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará - nos botamos ao grosso do redemoinho, para abrir caminho para o quartel-general do dito Barbacena.

Como lá chegamos, não sei. A espada do meu padrinho estava torcida como um cipó, e vermelha, e o azulego tinha uns quantos lanhos na anca; o Hilarião tinha um corte de cima a baixo da japona, e eu levei um lançaço, que por sorte pegou no malote do poncho. Mas, varamos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que a reflexão sobre o caráter cinematográfico da narrativa pode ter impactado as escolhas tradutórias?

Haveria muito mais a se pensar no que diz respeito à “trilha sonora”, entre outros aspectos das evocações feitas por Blau Nunes. Inclusive, valeria a pena dedicar algum esforço para estudar como se combina o uso das onomatopeias e das interjeições na realização dessa trilha sonora. Enfim, eu acho que a consideração sobre os recursos “cinematografantes” mobilizados na composição dos contos interessa em particular à fraseologia no que se estrutura ao longo do eixo sintagmático; ou seja, é primeiramente uma questão de sequenciamento da escrita em função das unidades sintáticas (orações subordinadas, p. ex.) e prosódicas. Isto não impede argumentar que certas escolhas lexicais também favorecem a emulação mental da visualização ou da audição das cenas (ver a questão da dramaticidade, i.e. da representação, embutida no conto, de um caso no palco, ao pé do fogão, no galpão, etc.)

Boa parte deste viés “cinematografante” teria a ver, penso eu, com a iconicidade que se manifesta de maneira constante nos *Contos* – conforme aponto no comentário dedicado ao assunto – nas mais diversas modalidades, uma vez que se pode admitir que são muitos os esquemas tanto lexicais quanto sintáticos ou prosódicos que podem ser relacionados a alguma função ostensivamente imagética da linguagem (i.e. o poder das sequências léxico-sintáticas de fazer surgir imagens mentais na imaginação do leitor)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão nº12 - O ANJO DA VITÓRIA

L'ANGE DE LA VICTOIRE

- Foi depois da batalha de Ituzaingo, no passo do Rosário, pra lá de São Gabriel, do outro lado do banhado de Inhatium. Vancê não sabe o que é inhatium?

Eh bien, ça s'est passé après la bataille de Ituzaingo, au passo du Rosário, en allant vers São Gabriel, de l'autre côté du marais d'Inhatium. Vous ne savez pas ce ça que veut dire inhatium ?

É mosquito: bem posto nome!

C'est un moustique : et le nom lui va comme un gant, à cet endroit!

Banhado de Inhatium... Virge' Nossa Senhora!... mosquito, aí, fumaceia, no ar!

Marais d'Inhatium... Jésus Marie Joseph ! Là, les moustiques, c'est s'il en fumaçait dans l'air !

Eu era gurizote: teria, o muito, uns dez anos; e andava na companhia do meu padrinho, que era capitão, para carregar os peçuelos e os avios do chimarrão.

J'étais tout jeune : je devais aller sur mes dix ans au plus et j'accompagnais mon parrain qui était capitaine et dont je transportais les sacoches avec ses effets personnels et les ustensiles du chimarrão.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

As cousas da peleia não sei, porque era menino e não guardava as conversas dos grandes; o que eu queria era haraganejar; mas, se bem me lembro, o meu padrinho dizia que nós estávamos mal acampados, e estransilhados, pensando culatrear o inimigo, mas que este é que nos estava nos garrões; não havia bombeiros nem ordem, que o exército vinha num berzabum, e que o general que mandava tudo, que era um tal Barbacena, não passava de um presilha, que por andar um dia a cavalo já tinha que tomar banhos de salmoura e esfregar as assaduras com sebo...

Pourquoi on se battait, je n'en savais rien, il faut dire que j'n'étais encore qu'un gamin qui ne retenais pas les conversations des grands : moi, tout ce que je voulais, c'était courir la pampa et la coxilha ; mais si je me souviens bien, mon parrain répétait que le campement était mal installé, qu'on était à bout de forces, qu'on pensait coller au train de l'ennemi alors que c'était lui qui était sur nos jarrets ; qu'il n'y avait ni guetteurs ni discipline et que l'armée était un vrai capharnaüm, et en plus de ça le général qui commandait tout ce bazar, un certain Barbacena, n'était qu'un beau monsieur, qui, après une journée de cheval, devait prendre des bains de saumure et se frotter les escarres* de l'entrejambe avec du suif..

O meu padrinho era um gaúcho mui sorro e acostumado na guerra, desde o tempo das Missões, e que mesmo dormindo estava com meio ouvido, escutando, e meio olho, vendo...; mesmo ressonando não desgrudava pelo menos dois dedos dos copos da serpentina...

Mon parrain était un gaucho malin comme un zorro, qui était accoutumé à guerroyer, déjà depuis l'époque des Missions*, et qui ne dormait jamais que d'une oreille, pour continuer à écouter, et que d'un œil, pour continuer à voir... même quand il ronflait, il gardait toujours au moins deux doigts sur le pommeau de sa serpentina.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Num escurecer, enquanto pelo acampamento os soldados carneavam e outros tocavam viola e cantavam, ou dormiam ou chalravam, o que sei é que nesse escurecer o meu padrinho mandou pegar os nossos cavalos; e encilhamos até a cincha; e depois nos deitamos nos pelegos, com os pingos pela rédea, maneados: ele, armado, mateando; eu, enroscadito no meu bichará, e o ordenança, que era um chiru ombrudo, chamado Hilarião, pitando.

Ce que je sais, c'est qu'un soir alors que, dans le campement, les soldats étaient occupés qui à découper des morceaux de viande, qui à jouer de la guitare et à chanter, qui à dormir ou à bavarder, c'est que ce soir-là mon parrain m'a envoyé chercher nos chevaux ; on les a sellés, y compris la sous-ventrière ; ensuite nous on s'est allongés sur nos pelegos, la bride des chevaux, entravés, autour du poignet; lui, tout armé, à siroter son maté, moi, emmitouflé dans mon poncho bichará, et l'ordonnance, un gaucho large d'épaules qui s'appelait Hilarião, en train de fumer.

Eu, como criança, peguei logo a cochilar.

Moi, encore tout gamin, je n'ai pas tardé à somnoler.

Amigo! Vancê creia: o coração às vezes, trepa, dentro da gente, o mesmo que jaguatirica por uma árvore acima!...

Patron ! Le croirez-vous mais il arrive parfois que le cœur vous remonte jusqu'à la gorge comme un jaguaririca grimpe à un arbre.

Lá pelas tantas, ouviu-se cornetas e clarins e rufos de caixa...; mas o som dos toques andava ainda galopeando dentro do silêncio da noite quando desabou em cima de nós a castelhanada , a gritos, e já nos foi fumegando bala e bala!...

Tout à coup, on a entendu des sonneries de cornets et de clairons et des roulements de tambour ; mais sonneries et roulements retentissaient encore dans le silence de la nuit que les castelhanos nous tombaient dessus, en hurlant, et en nous criblant de balles !

Numa arrancada dessas é que o coração trepa, dentro da gente, como gato...

C'est dans des circonstances comme celles-là que le cœur vous grimpe jusqu'à la gorge, comme un chat ocelot.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Desmaneia e monta! gritou o meu padrinho; ele que falava, eu e o chiru que já estávamos enforquilhados nas garras.

- Détache les chevaux et en selle ! crie mon parrain ; il n'avait pas fini de parler que moi et l'ordonnance on avait déjà enfourché nos montures, d'un même élan.

E por entre as barracas e ramadas; por entre os fogões meio apagados, onde ainda havia fíncados espetos com restos de churrascos ; por entre as carretas e as pontas de bois mansos e lotes de reyunos ; no fusco-fusco da madrugada, com uma cerraçoazita o quanto-quanto ; por entre toques e ordens e chamados, e a choradeira do chinaredo e o vozerio do comércio, já no cheiro da pólvora e em cima dos primeiros feridos, formou-se o entrevero dos atacantes e dos dormilões.

Et entre les tentes et les enclos, entre les feux à moitié éteints, où se trouvaient encore plantées dans la cendre des broches avec des restes de viande grillée ; entre les charrettes et les petits groupes de bœufs de trait et les troupes de chevaux, dans la pénombre de l'aube, avec une petite brume effilochée par ci par là, entre les sonneries de clairon, les ordres et les appels, et les pleurs des femmes et le vacarme de ceux de l'intendance, déjà dans l'odeur de la poudre et par-dessus les premiers blessés, le combat entre attaquants et dormeurs s'intensifiait.

E cantou o ferro... e choveu bala!...

Et les sabres de siffler... et les balles de pleuvoir.

O meu padrinho levantou na rédea o azulego: e de espada em punho, o chiru, com uma lança de meia-lua - e eu entre os dois, enroscadito no meu bichará - nos botamos ao grosso do redemoinho, para abrir caminho para o quartel-general do dito Barbacena.

Alors mon parrain fait bondir l'azulego ; et lui épée au poing, le chiru brandissant une lance en demi-lune, moi entre les deux, emmitouflé dans mon bichará, on se jette au milieu du tumulte pour se frayer un chemin jusqu'au quartier général du fameux Barbacena.

Como lá chegamos, não sei.

Comment on est arrivé jusque là, je n'sais pas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A espada do meu padrinho estava torcida como um cipó, e vermelha, e o azulego tinha uns quantos lanhos na anca; o Hilarião tinha um corte de cima a baixo da japona, e eu levei um lançaço, que por sorte pegou no malote do poncho.

L'épée de mon parrain était tordue comme une liane, et toute rouge, et l'azulego avait le flanc lacéré : Hilarião avait la vareuse fendue de haut en bas par un sabre, et moi j'avais reçu un coup de lance qui, par chance, s'était fiché dans la sacoche où l'on gardait les ponchos.

Mas, varamos.

Mais bon, on était passés.

No quartel do Barbacena ninguém se entendia.

À l'état-major de Barbacena, personne n'arrivait à se mettre d'accord.

A oficialada espumava, de raiva, e um cutuba, baixote, já velho, botava e tirava o boné e metia as unhas na calva, furioso, de ralar sangue!...

Les officiers écumaient, de rage, et un grand chef, tout petit, déjà entré en âge, mettait et enlevait sa casquette à tout bout de champ et grattait son crâne chauve avec ses ongles, furieux, à s'en faire saigner.

Esse, era um tal general Abreu... um tal general José de Abreu, valente como as armas, guapo como um leão... que a gauchada daquele tempo - e que era torenada macota! - bautizou e chamava de - Anjo da Vitória!

Celui-là, c'était un certain général Abreu... un certain général José de Abreu, un brava comme on n'en fait plus, féroce comme un lion... que les gauchos de cette époque, et ils n'avaient pas froid aux yeux, avait baptisé et appelaient l'Ange de la Victoire.

Esse, o cavalo dele não dava de rédea para trás, não! Esse, quando havia fome, apertava o cinto, com os outros e ria-se!

Celui-là, son cheval ne repartait jamais en arrière, non ! celui-là, quand il avait faim, il se serrait la ceinture avec les autres et se moquait du sort.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Esse, dormia como quero-quero, farejava como cervo e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros num matagal.

Celui-là dormait comme le quero-quero, reniflait le vent comme un cerf et savait pister comme un indien ; celui-là, quand il chargeait, c'était comme une bourrasque de vent qui s'ouvre un chemin dans les hautes herbes du matagal.

Com esse.. . castelhano se desguaritava por essas coxilhas o mesmo que bandada de nhandu, corrida a tiro de bolas!...

Avec çui-là, les Castellanos s'éparpillaient sur les collines dans un sauve-qui-peut général comme une bande de nandous pourchassés à coups de boleadeiras :

Era o Anjo da Vitória, esse!

C'était l'Ange de la Victoire, çui-là.

Daí a pouco apareceu um outro oficial, mocetão bonito, que era major. Este chamava-se Bento Gonçalves, que depois foi meu general, nos Farrapos.

Peu après arrive un autre officier, un jeune homme de belle prestance, un major. Lui-s'appelait Bento Gonçalves, qui plus tard est devenu mon général, pendant la révolution des Farrapos.

Os dois se conversaram, apalavraram os outros e tudo montou e tocou pra rumos diferentes.

Les deux hommes discutent entre eux, parlementent avec les autres et tout le monde monte à cheval et part dans des directions différentes.

No acampamento estrondeava a briga. Já tinha amanhecido.

Dans le campement, la bataille grondait. Le soleil s'était levé.

Eu andava colado ao meu padrinho, como carrapato em costela de novilho. Por onde ele andou, andei eu; passou, passei; carregava, eu carregava; fazia cara-volta, eu também.

Je restais collé à mon parrain, comme une tique sur le flanc d'un veau. Partout où il allait, je le suivais. Il passait ? Alors moi aussi je passais. Il chargeait ? Je chargeais. Il faisait volte-face ? Je l'imitais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Naquelas correrias, o meu bicharazito, às vezes, enchia-se de vento, e voava, batia aberto, que nem uma bandeira cinzenta...

Et dans cette course effrénée, il arrivait que mon petit bichara se gonfle de vent et s'ouvre, et se mette à battre comme un étendard gris...

O major Bento Gonçalves formando a cavalaria, agüentava como um taura as cargas do inimigo, para ir entretendo, e dar tempo à nossa gente de quadrar-se, unida.

Le major Bento Gonçalves dirigeait la cavalerie et résistait comme un lion aux charges de l'ennemi, histoire de l'occuper et donner aux nôtres le temps de se mettre en ordre de bataille.

Os castelhanos, mui ardilosos, logo que aquentou o sol tocaram fogo nos macegais onde estava o carretame; o vento ajudou, e enquanto eles carcheavam a seu gosto, uma fumaça braba tapou tudo, do nosso lado!...

Dès que le soleil a commencé à chauffer, ces renards de Castellanos ont mis le feu à la broussaille où se trouvaient les charrettes. Le vent les a aidés, et pendant qu'ils pillaient et dépouillaient à leur aise, une fumée épaisse a tout recouvert de notre côté.

Então o general Abreu no alto do coxilhão formou os seus esquadrões: o meu padrinho comandava um deles.

Alors le général Abreu en haut de la colline a formé ses escadrons : mon parrain commandait l'un d'eux.

Formou, fez uma fala à gente e carregou, ele, na frente, montado num tordilho salino, ressolhador.

Une fois les escadrons formés, il a adressé quelques mots aux soldats et a mené la charge sur son tourdille salino, qui s'ébrouait.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Oh! velho temerário! Firme nos estribos, com o boné levantado sobre o cocuruto da cabeça, a espada apontando como um dedo, faiscando, o velhito ponteou aquela tormenta, que se despenhou pelo lançante abaixo e afundou-se e entranhou-se na massa cerrada do inimigo, como uma cunha de nhanduvai abrindo em dois um moirão grosso de guajuvira... E deixando uma estiva de estrompados, de mortos, de atarantados, de feridos e de morrentes - como quando rufa um rodeio xucro... vancê já viu? - varou para o outro lado, mandou fazer -alto, cara-volta! - e mal que reformou os esquadrões, os homens chalrando e rindo, a cavalhada, de venta aberta, bufando ao faro do sangue e trocando orelha, pelo alarido, o velho já se bancou outra vez na testa, gritou -Viva o Imperador! - e mandou - Carrega!

Ah, le vieux téméraire. Ferme sur ses étriers, la casquette perchée sur le haut du crâne, le sabre étincelant pointé sur l'ennemi comme un index, le petit vieux a chargé à la tête de cette tornade qui a dévalé la colline et a enfoncé la masse serrée de l'ennemi comme un coin de nhanduvai ouvre en deux un pieux de guajuvira. En laissant un sillage d'hommes piétinés, morts, hébétés, blessés et mourants - comme quand un troupeau sauvage est pris de panique... ça vous est arrivé de voir ça ? Eh bien, il a traversé les rangs ennemis, a donné l'ordre de faire —Halte ! Demi...Tour !—, et le temps de reformer les escadrons, les hommes parlant à haute voix et riant, les chevaux, les naseaux grands ouverts, renâclant à l'odeur du sang et agitant leurs oreilles à cause du vacarme, le vieux s'était replacé à la tête de ses hommes, criait « Vive l'empereur ! » et commandait la charge.

E a tormenta da valentia rolou, outra vez, sobre o campo.

Et la tourmente de bravoure s'est abattue une fois de plus sur le champ de bataille.

Mas nesta hora maldita, a fumaça maldita nos rodeava e cegava; e mal íamos dando lance à carga - eu, folheirito, abanando no mais o meu bichará pra o Hilarião - rebentou na vanguarda e num flanco a fuzilaria, e vieram as baionetas... e uma colubrina, que nos tiroteavam- donde não podia ser!...

Mais à ce moment maudit, la maudite fumée nous encerclait et nous aveuglait ; et à peine on avait commencé la charge, moi, tout fringant, le poncho battant au vent derrière Hilarião, qu'une grêle de balles s'est mise à pleuvoir sur notre avant-garde et notre flanc et qu'on nous a attaqués à la baïonnette... et une coulevrine s'est mise à nous canarder depuis un poste d'où ça ne se pouvait pas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A nossa cavalaria se enrodilhou toda, fazendo uma enrascada de mil diabos... e enquanto o tiroteio nos estraçalhava, que os ginetes e os cavalos caíam, varados, e que, por fim, os próprios esquadrões já iam ruscando uns com os outros - aí, amigo, andei eu às pechadas!- enquanto isso... veio uma rajada forte de vento, que varreu a fumaça, limpou a vista de todos e mostrou que era a nossa infantaria que nos tinha feito aquela desgraça...

Toute notre cavalerie s'est enroulée sur elle-même en se tordant comme un mille-pattes coupé en deux. Et pendant que la fusillade nous décimait, que cavaliers et chevaux tombaient, balayés par les balles, et nos escadrons finissaient par se battre l'un contre l'autre —à l'ami, mon cheval en a pris des coups de poitrail à ce moment-là— une grosse rafale de vent a chassé la fumée, a éclairci le champ de bataille et nous avons tous pu voir que c'était notre propre infanterie qui nous avait massacrés ainsi.

Então, por cima dos mortos e dos feridos houve um silêncio grande, de raiva e de pena... como de quem pede perdão, calado... ou de quem chora de saudade, baixinho...

Alors, au-dessus des morts et des blessés, un grand silence s'est fait, lourd de rage et de chagrin... Comme quelqu'un qui demande pardon sans mot dire, ou qui pleure de peine, tout bas

Lá longe, os castelhanos, enganados, tocaram a retirada. O nosso quartel-general também tocou a retirada.

Là-bas, au loin, les Castellans, ne comprenant rien à l'affaire, sonnaient la retraite. Et alors notre état-major lui aussi a sonné la retraite.

Pegou a debandada; dispersava-se a gente por todos os lados, aos punhados, botando fora as pederneiras, as patronas; muitos sotretas fugiram de cambulhada com o chinerio...

Et la débandade a gagné ; nos gens se dispersaient de tous les côtés, par groupes entiers, abandonnant fusils et cartouchières, et nombreux sont les vauriens qui se sont enfuis en se mélangeant aux femmes.

Metades de batalhões arrinconavam-se, outras encordoavam marcha.

Des moitiés de bataillons se cantonnaient, d'autres se mettaient en marche.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Os ajudantes galopavam conduzindo ordens... mas parecia que toda a força ia fugindo duma batalha perdida, que não era, porque tudo aquilo era da indisciplina, somentes.

Les adjudants galopaient pour transmettre les ordres... mais on avait l'impression que toute l'armée s'enfuyait après une défaite, une défaite pas vraiment car tout ça c'était simplement la faute au manque de discipline.

O Anjo da Vitória lá ficou, onde era a frente dos seus esquadrões, crivado de balas, morto, e ainda segurando a espada, agora quebrada.

L'Ange de la Victoire est resté là, à l'endroit où gisait l'avant-garde de ses escadrons, criblé de balles, la main encore crispée sur la garde de son sabre brisé.

Campeei o meu padrinho: morto, também, caído ao lado do azulogo, arrebatado nas paletas por um tiro de peça; ali junto, apertando ainda a lança, toda lascada, estrebuchava o Hilarião, sem dar acordo, aiando, só aiando...

J'ai cherché mon parrain : mort lui aussi, étendu à côté de son cheval azulogo, dont les côtes avaient été fracassées par un boulet de canon : à côté de lui, la lance encore à la main, Hilarião était secoué de soubresauts, inconscient, et gémissait, ne faisait que gémir.

Deitado sobre o pescoço do cavalo, comecei a chorar.

Le ventre sur l'encolure du cheval, j'ai commencé à pleurer.

Peguei a chamar:

Je me suis mis à appeler :

- Padrinho! Padrinho!...

- Parrain ! Parrain !

- Hilarião! Meu padrinho!...

- Hilarião ! Parrain!

Apeei-me, vim me chegando e chamando - padrinho!... padrinho!... e tomei-lhe a bênção, na mão, já fria...; puxei na manga do chiru, que já nem bulia...

Je suis descendu du cheval, me suis approché en continuant à appeler : Parrain !... Parrain ! et j'ai pris sa main et l'ai posée sur mon front pour une dernière bénédiction, sa main déjà froide... J'ai tiré sur la manche du chiru, qui ne remuait déjà plus...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Sem querer fiquei vendo as forças que iam-se movendo e se distanciando.., e num tirão, quando ia montar de novo, sem saber pra quê... foi que vi que estava sozinho, abandonado, gaudério e gaúcho, sem ninguém pra me cuidar!...

Sans le vouloir, je suis resté là à regarder les troupes en mouvement qui s'éloignaient..., et d'un coup, alors que j'allais remonter en selle, sans savoir pourquoi, c'est là que j'ai vu que j'étais tout seul, abandonné, orphelin et gaúcho, sans personne pour veiller sur moi.

Foi então, que, sem saber como, já de a cavalo, enquanto sem eu sentir as lágrimas caíam-me e rolavam sobre o bichará, os olhos se me plantaram sobre o tordilho salino... sobre o coto da espada... sobre um boné galoado...

C'est alors que, sans savoir comment, déjà monté sur le cheval et tandis que je sentais les larmes tomber et rouler sur mon poncho bichara, mes yeux se sont fixés sur le cheval moucheté, le tourdille salino, et sur le moignon de sabre, et sur la casquette galonnée.

E o cabelo me cresceu e fiquei de choro parado...e ouvi, patentemente, ouvi bem ouvido, o velho macota, o Anjo da Vitória, morto como estava, gritar ainda e forte:

Mes cheveux se sont dressés sur ma tête et j'ai arrêté de pleurer. Et j'ai entendu, de mes oreilles entendu, le vieux lion, l'Ange de la Victoire, tout mort qu'il était, crier une dernière fois d'une voix tonitruante :

- Viva o Imperador! Carrega!

- Vive l'empereur ! Chaaaargez !

O meu bicharazito se empantufou de vento, desdobrou-se, batendo como umas asas... o mancarrão bufou, recuando, assustado... e quando dei por mim, andava enancado num lote de fujões...

Et mon petit bichara s'est gonflé de vent, s'est déplié et s'est mis à battre comme des ailes... Le canasson s'est ébroué, a reculé, effrayé. Et quand je suis revenu à moi, j'étais entraîné par le mouvement au milieu d'une troupe de fuyards.

Comi do ruim... Vê vancê que eu era guri e já corria mundo.

Ah, j'en ai mangé de la vache enragée... Rendez-vous compte, je n'étais qu'un gamin et je courais déjà le monde.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº13. Flora: fitônimos

Texto e pretexto: “Contrabandista”

Foco do estudo tradutológico: “papel” dos fitônimos na composição dos contos e aspectos da sua transferência para a versão francesa.

“Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do **açouta-cavalo** florescido, lá o dos **trevais**, o das **guabiobas** rasteiras, do **capim-limão**”.

A tradução dos fitônimos, como, aliás, a maior parte dos outros elementos lexicais que compõem o texto, não se reduz sempre a uma simples operação (ou relativamente simples operação), “pseudoautomática”, de se substituir o significante na língua fonte pelo significante na língua alvo que correspondesse a um significado unívoco referido pelo primeiro — i.e., no caso dos nomes de plantas, de se substituir a designação brasileira de tal ou tal espécie vegetal pela designação francesa dessa mesma espécie.

Primeiro, bem como sabemos, é muito comum ter várias designações para uma mesma espécie (*Spondias tuberosa* sendo chamado por ambu, embu, imbu, imbuzeiro, ombu e umbuzeiro, dependendo do local). Ao inverso, é corrente ter uma mesma designação para várias espécies: o ‘umbu’ é uma espécie no pampa sulina, outra na caatinga nordestina, e até se usa para designar o taperebá (ou cajá) na Amazônia. Faz-se necessário, pois, no início do processo tradutório, um trabalho básico de identificação do vegetal referido.

Ainda que compartilhem o mesmo nome vulgar, a árvore símbolo do pampa não é aquela que Euclides da Cunha qualifica de “árvore sagrada do sertão” na sua obra-prima e mesmo que se opte por traduzir uma e outra pelo mesmo significante ‘ombu’, haveria de fazê-lo com conhecimento de causa. Reencontraremos exatamente o mesmo tipo de interrogação no que tange à transferência dos zoônimos. Dourado designa uma espécie na bacia do Amazonas, outra na bacia do São Francisco e ainda outra na do Paraná. A pescada é um peixe no Norte e outro no Sul. Ao inverso, a tainha ou o cascudo (*Loricaria* e *Hypostomus*) recebem diferentes nomes ao longo do litoral brasileiro (carimatã; acari, bodó, boi-de-guará, cari, uacari, etc.).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Bem como no comentário dedicado à tradução dos zoônimos, pois, o argumento principal aqui é que os fitônimos não deveriam ser considerados unicamente do ponto de vista da remissão ao referente virtual mais imediato (a espécie vegetal que designam, com mais ou menos precisão), mas também em função de outros parâmetros de sua integração nas redes significantes do texto.

Estes parâmetros incluem a forma dos significados (inclusive, portanto, a forma das próprias plantas) e dos significantes (os nomes de plantas), esta sempre expressiva de per si – pela etimologia, pela derivação, pela composição. Incluem também as conotações que sejam associadas às designações de ordem fitonímica e que permitam sua integração também na trama simbólica dos *Contos*. Do ponto de vista da representação do meio-ambiente pampiano, constam também, nesses parâmetros, as particularidades do habitat das espécies designadas, mas de um habitat não só geofísico, senão que se estendesse ao espaço da memória e da imaginação coletivas regionais.

Em um texto como os *Contos*, naquela encruzilhada de discursos ideológicos nativizantes que marcam a época (mais ou menos nacionalizantes ou regionalizantes), a origem da palavra, por exemplo, (tupismo – jerivá, butiá... – quichuismo, platinismo, etc.) faz sempre sentido. Também faz sentido a composição dos significantes (açouta-cavalo, capim-limão...), pelo poder de evocação e a função imagética das associações (ouve-se o do assobio do açoite; cheira-se o odor do capim-limão), ou ainda o fato de se designar uma espécie endêmica das Américas valendo-se de um fitônimo usado para se referir a uma espécie do velho mundo.

Assim, do ponto de vista da “americanização” do discurso, na evocação do mundo de antes da queda em “O boi velho” (o do banho, da infância, da idade de ouro, etc.), nota-se que Simões se vale de fitônimos cujas sonoridades se mostram aptas para remeter a uma América antes da catástrofe da chegada dos europeus (uma “terra sem mal”, antes da idade do couro, antes da mordida da serpente, etc.)

“O mato aí parecia plantado de propósito: era quase que pura guabiroba e pitanga, araçá e guabiju; no tempo, o chão coalhava-se de fruta: era um regalo!”

“E ria-se o inocente, para os grandes, que estavam por ali, calados, os diabos, cá pra mim, com remorsos por aquela judiaria com o boi velho, que os havia carregado a todos, tantas vezes, para a alegria do banho e das guabirobas, dos araçás, das pitangas, dos guabijus!”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Repara-se, no final do conto, aquela recordação do banho, com a repetição de uma série de vocábulos que fecham o conto escrito como, supostamente, teriam fechado o causo. Esta retomada do tema, em movimento de fuga, é uma configuração típica do texto literário. Não oferece a página em que se escreve um modo de regeneração e de redenção bastante análogo à água em que se banha e se purifica? Não são a guabiroba e a pitanga, o araçá e o guabiju lembrados pelo narrador também reminescentes e remanescentes, pela pura sonoridade, de um Brasil indígena como o imaginaram os conquistadores que aportaram no litoral da América do sul? Não contêm, estas frutas, sementes que podem ser sinais tanto de corrupção (apodrecem) quanto de regeneração (germinam)?

Comportamento vegetal dos fitônimos¹⁹⁰

Cabe frisar que, além da sua contribuição relevante para a ambientação da narrativa, é frequente que o fitônimo se enredeie na trama da mimese de modo simbólico. Daí, a necessidade de se estudar sempre – pelo menos o que dá para descobrir – o sistema de raízes, caules, gavinhas com que certos fitônimos se emaranham na fibra do sistema semântico dos causos. Isto concerne em especial a espécies que adquiriram valor especial, até emblemático, nesta parte do planeta como o adquiriram a figueira, o umbu já citado, o jerivá, etc. Vejam, com o exemplo do jerivá, como o narrador apela para a memória visual/vivencial do seu ouvinte (ou o escritor para a memorial visual/vivencial do seu leitor), reforçando assim, na própria narrativa (considerada quer enquanto comunicação oral quer enquanto comunicação escrita) as possíveis conexões pessoais entre o leitor e o texto. Esta memória sensorial/vivencial em que o texto se alicerça é tanto da ordem do indivíduo quanto da ordem do coletivo, sendo que deve ter orientado a construção de um leitor implícito pelo escritor, construção que se foi integrando à escritura. Aqui é como que o rastro de um entendimento imagético das relações humanas, e, certamente, ganha muito nisso a pungência da evocação.

“Marido e mulher davam assim uma ideia esquisita: vancê já reparou quando abre um cacho de flor num jerivá velho, de casca esbranquiçada, cheio de talos secos pendurados e um que outro pendão esfiapado, que já deu coquinhos?... O jerivá é uma árv'e tristonha, mas quando bota um cacho de flor fica alegre, de enfeitada, Aquele pendão amarelo, lá em cima, chama os olhos da gente, parece um favo de cera, de tão limpo e dourado; chama as mandaiaias, os passarinhos, os mangangás, as joaninhas; dá cheiro que é doce; é uma boniteza pra todos os viventes.

Assim era aquele casal: ele como o jerivá velho, ela como um cacho de flor.”

¹⁹⁰ Para alguns elementos do comportamento animal dos zoônimos, ver comentário precedente.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Expressão e expressividade. Memória da vivência e vivência da imaginação.

Bem como vimos com os zoônimos, um significante pode ser igualmente expressivo pelo referente virtual a que remete. Assim, a palavra ‘taperebá’ deflagra em mim, que morei doze anos na Guiana Francesa, uma memória difusa daquele aroma bem forte e característico da fruta, que, de repente, toma conta de todo o espaço olfativo numa picada qualquer da mata amazônica. Ou seja, os fitônimos são *madeleines* potenciais, pelo cheiro, pelo tato, pelo sabor das plantas a que se referem. Infelizmente, o leitor da versão estrangeira, à míngua de poder tê-lo “vivido na própria pele”, por assim dizer, dificilmente poderá experimentar este tipo de vínculo entre a fruta, de um lado, o butiá, o guabiju, a guabiroba, o araçá, e a memória, do outro lado, seja ela individual ou coletiva, que se enraíza além do texto, na vivência real ou imaginária do escritor e que ele possivelmente postulou ser compartilhada pelo seu leitor rio-grandense. Em contrapartida, existem também elementos no texto que incitam o leitor, qualquer que seja seu perfil, a imaginar quais as cores, o cheiro, o sabor, a textura do butiá, do guabiju, da pitanga, talvez não importando tanto as diferenças entre cores, cheiros, sabores imaginados (individuais) e cores, cheiros e sabores “reais” (coletivizados) das frutas mencionadas.

Referentes além do referente: extensão da aura significante do vocábulo.

No jogo das representações, que reúne, numa confluência de formação do sentido, o que a mimese representa e o que o leitor se representa para si mesmo ao tomar conhecimento do texto, podemos fazer o seguinte reparo: indubitavelmente, parte da significação de determinado vocábulo, seja um fitônimo, seja um zoônimo, ou ainda outro tipo léxico-semântico, decorre do fato desse vocábulo remeter a outros referentes além daquele, mais imediato, que lhe é mais comumente associado (aquela flor, aquela árvore, aquele arbusto; aquele mamífero, aquela ave, aquele peixe, etc.). Esta possibilidade e esta amplificação semântica são mais óbvias no caso das palavras que qualificaria de altamente imagéticas, e talvez ainda mais aparente ainda no caso das palavras compostas, com especial poder de sugestão. ‘Garça’ nos evoca um pássaro, e a evocação deste pássaro se mostra apta para produzir uma multiplicidade de coligações mentais: cor branca, água, banhado, certa imobilidade tanto no pescar quanto no voar, uma sorte de vocação animal para o estático ou o meditativo, etc. João-grande também pode evocar tudo isto, mas evoca mesmo, também, um... João grande, ou seja, adquire, como que pelo próprio nome, uma envergadura humana, estendendo a ave suas asas como se estendem os braços.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“e longe, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quase sem mover as asas, como numa despedida triste, em que a gente também não sacode os braços...”.

No quesito dos fitônimos, podemos postular que ‘açouta-cavalo’ não evoca exatamente para o leitor implícito de Simões a mesma coisa do que aquele *tiglia* proposto por Tavani na versão italiana. A solução proposta por Tavani na versão italiana tem esta vantagem de a menção da *tiglia* (provavelmente como o faria a do *tilleul* em uma versão para o francês) propiciar o titilar das terminações nervosas do olfato mental, bem como acontece, imagino, com a referência ao açouta-cavalo, explicitada no texto original (“Conhecia as querências, pelo fardo: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão”). Em contrapartida, lá se vai, galopando açoitada pelo campo afora, aquela evocação, que vinha junto, do uso da planta, e, daí, a associação com a flexibilidade de seus ramos, perfeitos para se confeccionar algum rebenque com que bater na marca do flete ou do mancarrão.

Não há dúvida de que se deveria refletir, no ato tradutório, sobre possíveis estratégias de transferência deste componente do poder de evocação, da potência sugestiva, das palavras, fossem estas contempladas separadamente ou no seu funcionamento coletivo. Um termo que evocava um cheiro, um sabor, um lugar, um acontecimento, uma personagem, uma história, etc. para os leitores do texto original, uma vez transplantado no texto de chegada perde a maior parte daquele alcance evocativo (enquanto reminescente de uma vivência compartilhada), que possuía no seu contexto de produção e publicação original.

Por isto, entendo perfeitamente as escolhas de Tavani, o qual optou amiúde por reproduzir a remissão à impressão sensorial associada com a referência fitonímica ou zoonímica em vez de priorizar certa precisão maior, talvez, na questão da espécie referida, ou certo matiz particular na função simbólica associada à menção da espécie pelo narrador. De minha parte, e em relação com as escolhas que resolvi fazer, achei que aquele poder e aquele horizonte evocativos se haviam esvaecido bastante, de toda maneira, até para os leitores do texto original, com o afastamento, ainda mais para o sujeito urbano contemporâneo, do tempo e do espaço representados nos *Contos*. Se não fosse o caso, por que se teria manifestado tanto a necessidade, para os organizadores, de se integrar um volume substancial de notas de rodapé em edições recentes, justamente em prol do leitor brasileiro de outros tempos, de outros espaços (ou ambos)?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que medida um porto-alegrense do Bonfim identificaria o cheiro do açoita-cavalo em flor? Tudo dependerá da sua experiência, infantil ou adulta, das coisas do campo, mas vamos combinar que as mudanças profundas da organização social (em particular a urbanização da população e o aumento das terras lavradas) têm impactado, globalmente, a nossa relação memorial/sensorial com a vida “selvagem” (plantas e animais) e a natureza em geral.

Além disto, como vimos, há outros aspectos a que o significante pode remeter: seria o caso daquela componente “linguístico-populacional” da formação demográfica e da construção da nação em geral – a qual seria da ordem, conforme apontei anteriormente, de alguma historiografia discreta embutida em cada palavra. Destarte, não se pode minimizar, na índole de certas palavras, a propensão da sua consonância para nos reportar à americanidade que se manifesta desde dentro das práticas de uso de línguas europeias transplantadas no Novo Mundo. Nisto, campos lexicais como os dos topônimos, fitônimos, zoônimos, etnônimos logicamente constituem uma fonte rica e segura para recursos que pudessem contar, através de sua própria forma, a história nacional e de suas culturas regionais.

Espécies endêmicas e designações autóctones: literatura endêmica (americana e brasileira) e linguagem autóctone (português do Brasil).

O *ready-made* indígena (um léxico preexistente à invasão)

Os fitônimos servem indiscutivelmente, em primeira instância, de marcadores da ambientação, e isto não somente por se referirem a plantas específicas do espaço no qual se decorrem as histórias. Nesta função, mobilizam-se tanto enquanto significados como enquanto significantes, em particular pela dimensão popular, nativa e nativista de suas designações. Assim, no que tange aos nomes de vegetais relativamente a outras categorias lexicais que desempenham papel especialmente relevante na ambientação dos *Contos*, poderíamos falar de fenômenos de manifestação daquele “caboclismo”¹⁹¹ (ao qual se referia negativamente Monteiro Lobato, nas designações correntes da flora, notadamente nas suas flexões regionais). É este caráter popular, caboclo digo (mas sem juízo de valor) de parte do léxico das plantas que mais me chamou a atenção e que, é claro, apresenta a maior dificuldade para o tradutor.

¹⁹¹ O termo é registrado pelos dicionários e o Houaiss, por exemplo, dá como definição de ‘caboclismo’: “Datação: 1817 Regionalismo: Brasil. **1 modo de sentir, agir, falar característicos dos caboclos** 2 apoio aos direitos e/ou interesses dos caboclos Ex.: o c. na política rural”. Haveria, pois “uma orientação caboclizante” na “política escritural” de certos autores da época. A “regressão” linguística que acompanha a evocação dos elementos naturais contribui para naturalizar e nativizar o texto. Talvez esta regressão da língua para um de seus componentes originais não seja tão radicalizada quanto no conto de Guimarães Rosa, “Meu tio o iauretê”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em que semelhantes considerações sobre a maneira como Blau se refere aos elementos da flora podem ter impactado, em bem ou em mal, as escolhas tradutórias?

O caráter “imagético” ou a remissão múltipla

Remissão a características da espécie (aparência, cheiro, uso, etc.)

No caso de palavras com forte dimensão “imagética”¹⁹², como ‘açouta-cavalo’, preferi manter uma tradução literal, que poderá parecer estranha ao leitor francês, sobre optar por uma designação com mais chances de ser conhecida ou familiar para esse leitor. Traduzi, pois, ‘açouta-cavalo’ por ‘fouette-cheval’, contando muito nisto com a boa vontade e mesmo a colaboração do leitor, em vez de procurar, quer uma designação da mesma espécie com que o leitor tivesse mais trato, quer uma designação que correspondesse a outra espécie, eventualmente com características semelhantes. O açouta-cavalo faz parte das tiliáceas, como nosso tilleul, mas se escolhesse a palavra ‘tilleul’, arriscaria criar um mau entendimento na mente do leitor francófono, uma vez que para nós, como indiquei, o tilleul reporta a outras impressões, diferentes daquelas veiculadas pela palavra original. Novamente, trata-se de uma escolha individual do tradutor, sendo que Tavani, por exemplo, decidiu, neste caso particular, por privilegiar o cheiro associado à planta (*tiglia*) e a familiarização do leitor com a planta.

Remissão à cultura, ou às culturas, de que se originou o fitônimo. Hibridação das plantas e de suas designações.

Conforme enfatizei ao longo deste trabalho, a mestiçagem do léxico consta entre os recursos mais conspícuos no repertório de ferramentas destinadas a acentuar o próprio caráter mestiço da cultura e das populações (ou indivíduos) que lhe são associadas. Ora, a categoria lexical dos fitônimos, com algumas outras (relativamente poucas), os zoônimos (graxaim, nhandu, etc.), os topônimos (Canguçu, Tupanceretã), etc. é obviamente um dos segmentos do vocabulário que possui, em toda lógica, um dos números mais expressivos de palavras derivadas de elementos de línguas indígenas. Aqui, também, a tendência que emergiu do processo de reflexão que acompanhou a elaboração da versão estrangeira foi no sentido de uma literalização acentuada da tradução em prol de uma maior proximidade com a história contada pela palavra original – porém, supõe-se, em detrimento da fluidez do texto e da familiarização do leitor. Assim, quando pude, priorizei a consonância “indígena” do signo.

¹⁹² Na verdade, não é bem imagética ou icônica, a designação “açouta-cavalo” remete a um uso da planta? Ou se é imagética, evoca para o leitor a flexibilidade dos ramos, aptos para servirem de rebenque.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Algumas outras considerações sobre a transferência dos fitônimos.

Falta de “homotetia” entre o espaço de ambientação dos *Contos gauchescos* e um espaço territorial e cultural francófono.

Neste quesito dos fitônimos, se o texto tivesse sido escrito por um autor amazônico, como Dalcídio Jurandir ou mesmo Milton Hatoum, uma das soluções tradutórias poderia ter consistido em recorrer ao vocabulário que se usa na Guiana Francesa¹⁹³. Entretanto, muitas das plantas mencionadas por Blau Nunes são específicas do bioma do pampa e da serra sulista e não há, por isto, possibilidade de fazer corresponder ao espaço de ambientação dos *Contos* uma porção de espaço geográfico na qual o francês fosse usado de maneira corriqueira.

O processo tradutório

Primeira etapa do processo tradutório: identificação das espécies

O primeiro trabalho residiu, é lógico, na identificação das espécies referidas por Blau. Antes de se lançar na tradução propriamente dito, era essencial apreender pelo menos esta primeira camada da significação.

Identificação das características (das espécies) explícita ou implicitamente referidas por Blau

Uma vez identificados os vegetais mencionados pelo narrador, veio o tempo das escolhas. Num primeiro lance, pensando na contextualização em francês, i.e. a estratégia escritural voltada para o leitor francês, imaginei substituir as espécies referidas pelo narrador original por espécies mais suscetíveis de serem conhecidas do leitor francês, bem como o fez o tradutor italiano, Giuseppe Tavani, ao traduzir, entre outros, açouta-cavalo por *tiglio* (tília)¹⁹⁴, capim-limão por *gramigna* (capim), (capincho por *ranocchio* (rã), anta por *lepre* (lebre), entre outros, no que concerne aos zoônimos, cuja transferência do texto original para a versão estrangeira acarreta o mesmo tipo de interrogações).

¹⁹³ É um vocabulário misto que tomou emprestado suas vozes das designações usadas por diversas comunidades, quilombolas, créoles, ameríndias, europeias. Concerne às plantas, mas também a outros segmentos do léxico: animais, usos e costumes, culinária, armas e objetos diversos, etc.

¹⁹⁴ Cabe frisar que não foi um recurso aplicado sistematicamente por Giuseppe Tavani. Como explico num ensaio dedicado à análise comparativa das traduções para o italiano e o espanhol, o tradutor italiano se valeu de estratégias diversificadas, transpondo tal designação por uma remetendo a uma espécie diferente do que a mencionada por Simões, mas também mantendo vocábulos do texto original ou, como aqui, passando de uma categoria da taxonomia, mas especificante, para outra, mais abrangente. Muitas vezes, pautou-se sobre a manutenção da impressão potencialmente produzida sobre o leitor (*id est*, o leitor da versão italiana).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Segunda etapa do processo tradutório: busca de soluções de transposição

Numa segunda fase, percebi que a espécie referida pelo narrador fazia parte integrante de um sistema de construção da ambientação dos contos que ia além da mera remissão a elementos mais ou menos intercambiáveis do ecossistema em que se movem os personagens. A figueira, o jerivá, o butiá possuem conotações especiais na cultura gaúcha, bem como o graxaim, o quero-quero ou o mulita, se pensarmos nos zoônimos.

Decorreu desta constatação que resolvi procurar se havia designações registradas no léxico francês correspondendo às espécies originais. Para algumas, havia efetivamente designações “homólogas”, em particular porque os franceses também foram presentes na América do Sul. Assim, tomando exemplos no segmento dos zoônimos, ‘onça’ costuma se traduzir por ‘jaguar’ em francês, ou ‘anta’ por ‘tapir’¹⁹⁵. Porém, havia também lacunas, ou seja, espécies para as quais não havia designação especificamente “francesa” ou devidamente registrada nos dicionários genéricos de francês. No processo de investigação, dei-me conta de que a forma do significante também significava, e, como se diz em francês, fazia isto *tout azimuth*. Entre outros aspectos, a origem da derivação da palavra pode sinalizar o mundo indígena, ou caboclo ou platino, etc. (e até o Velho Mundo no caso de empréstimos feitos ao bestiário africano ou europeu para nomear espécies americanas vistas como semelhantes: avestruz, perdiz, etc.).

Outras conotações ou “virtuemas” do signo

Além disso, o significante se entranha (e se estranha também) pelo jogo das sonoridades que cria a seu redor em constelações paronímico-semânticas excêntricas, as quais nos levam também para fora do círculo da mera referência fitonímica ou zoológica, no caso dos zoônimos e fitônimos, abrindo-se para novas sinapses potenciais entre os neurônios do texto e do Texto maior que o subsume.

¹⁹⁵ Nota-se que a espécie sendo endêmica do continente sul-americano, existem designações, tanto na língua portuguesa, quanto na língua francesa, que são de origem indígena, e, mais especificamente, derivam de idiomas da família do tupi-guarani. Em português, ‘jaguar’ (tupi ya'gwara 'nome comum aos grandes mamíferos carnívoros da família dos felídeos, particularmente os do gên. Felis' — Houaiss) designa a onça pintada (*Panthera onca*), também em francês, sendo que se usa a palavra ‘puma’ (quích. púma 'id.', pelo esp. puma 'id.'— Houaiss) nos dois idiomas para se referir à onça parda (*Felis concolor*). Mas o francês somente tem ‘jaguar’ e ‘puma’, enquanto o português dispõe de outras designações (algumas de origem latina, onça pintada, onça parda, outras de origem tupi, suçuarana, etc.). Da mesma forma, segundo o Houaiss, ‘anta’ vem do árabe e ‘tapir’ do tupi, observando-se que em alguns casos, foi uma designação de origem “novo-mundista” que vingou (jerivá, abacaxi, tamanduá, etc.), e em outros, uma designação “velho-mundista” (onça, anta, etc.)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Dizer ‘beija-flor’ ou ‘chupa-mel’ ‘colibri’ ou ‘guanambi’, ou ‘binga’ ou qualquer outra designação para se referir a um espécimen dos *troquilídeos* resulta implicitamente de uma escolha que leva em conta outros parâmetros do que a relação supostamente arbitrária entre o signo e o referente virtual, ainda mais porquanto, como disse, esse referente virtual pode ser outra coisa do que o próprio “bichinho”. Podemos considerar que a escolha se constitui em uma modulação intrínseca ao idioma implementada pelo narrador ou pelo escritor¹⁹⁶ ao preferir tal designação sobre tal outra. A mesma observação alíás vale para as outras categorias lexicais consideradas neste trabalho, sejam os etnônimos, hipônimos, etc.

Partindo deste raciocínio, baseado no postulado de que existe, especialmente em textos literários, alguma expressão de uma motivação múltipla da designação fitonímica ou zoonímica, faria sentido trasladar diretamente para a versão estrangeira os fitônimos e zoônimos que constam no texto original (ou porção deles). Só que, como sói acontecer no processo tradutório, a aparente elucidação de um problema (aqui o empréstimo tomado da língua fonte) acarreta outro problema. Os nomes originais, sem outra forma de explicitação, arriscam tornar-se um empecilho sério à compreensão do leitor da versão original. Havia então uma quadrupla preocupação para o tradutor:

- com a espécie mencionada por Blau (o referente virtual),
- com as características da espécie referida pertinentes no contexto
- com a forma do significante (palavra indígena “jerivá”, voz imagética “açouta-cavalo”, platinismo, etc.),
- com a questão da inteligibilidade do texto da versão francesa para o leitor.

¹⁹⁶ No contexto da reflexão tradutológica, lembro que a modulação é um tipo de transação linguística típica das atividades de tradução. Globalmente, uma modulação é uma tradução que exprime uma diferenciação de ponto de vista ou de perspectiva na maneira como os idiomas fonte e alvo consideram um objeto ou um fenômeno. O exemplo do beija-flor é esclarecedor: enquanto o português brasileiro “enxerga” um passarinho que “beija flores”, o francês vê um passarinho “do tamanho de uma mosca” (oiseau-mouche), o *créole* antilhano da Martinica ou da Guadalupe um passarinho que “esvoaça feito tontinho” (fou-fou); o alemão, um passarinho que lembra tanto a abelha quanto o elfo (Bienenelfe): o inglês, por sua parte, ouve um passarinho que zumbe (humming bird), etc. Na tradução de “beija-flor” por “oiseau mouche”, haveria portanto uma modulação embutida, na medida em que a transferência da palavra original para a palavra da língua alvo implica em certa mudança de ponto de vista. O postulado, nestas páginas, é que, na escolha entre várias designações para um mesmo “objeto” (planta, animal, pessoa, prática, etc.), exerce-se também uma modulação, a qual privilegia tal ou tal ponto de vista (beija-flor, colibri, guanambi, binga, etc.) em função das características próprias do significante (etimologia, derivação, composição, etc.).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Recapitulação: estratégias tradutórias – algumas soluções possíveis

Importações (empréstimos) “direitas”

Certo, em primeiro lugar, são muitas as ocorrências cujo sentido (enquanto fitônimo ou zoônimo) se deduz facilmente do contexto em que se situam. Sendo a palavra associada a outras como ‘tronco’ ou ‘sombra’ num mesmo parágrafo ou em parágrafos contíguos, entende-se facilmente que o vocábulo “estranho¹⁹⁷” se refere a uma árvore; sendo a palavra associada a termos como ‘pesca’ ou ‘nadadeiras’, etc., entende-se que se trata de um peixe; se o narrador descreve o animal voando no ar, deve ser uma ave, etc. Disto decorre que, bem como é o caso, aliás, para boa parte do vocabulário regional usado por Simões, os equacionamentos realizados pela mente do leitor a partir da colocação dos termos nas encruzilhadas entre eixos paradigmáticos e sintagmáticos permitem que ele faça ilações, de modo bastante “espontâneo”, quanto ao seu sentido. Conquanto o ordenamento sintagmático/paradigmático seja trasladado sem alteração maior para a versão francesa, ao leitor francês serão proporcionados os mesmos procedimentos de ilação (mais ou menos conscientizados), mesmo no caso de se ter importado tais quais palavras do texto fonte (fitônimos no caso). Assim, cuidando para decalcar a estrutura sintática do original ou procurando uma estrutura diversa, porém que facilite ou continue facilitando as inferências semânticas¹⁹⁸, contribui-se para segurar a compreensão de termos “desconhecidos” pelo leitor da versão estrangeira.

Explicações (mediante epítetos, atributos, apostos...). *Le palmier buriti*

Em segundo lugar, lembrei-me daquela sugestão que Guimarães Rosa fez, na sua correspondência com o tradutor italiano de suas obras, de recorrer ao “velho” recurso de fazer preceder a palavra original por uma palavra explicativa, traduzindo ‘buriti’, por exemplo, como se a formulação original fosse ‘palmeira buriti’ (daí, ‘*palma buriti*’ na versão italiana de *Grande Sertão*, sendo que é inútil repetir esse ‘*palma*’ depois, uma vez que a memória do leitor já teria registrado a associação entre buriti e *palma*, e se não a registrou, é sempre bom titilar um pouco essa sua memória).

¹⁹⁷ “estranho” para o leitor da versão estrangeira porque se depara com um vocábulo estrangeiro, mas potencialmente estranho para o leitor do texto original de hoje que o desconherá, por várias razões invocadas nestas páginas (urbanização, familiarização com outro bioma – mata amazônica, cerrado, caatinga, etc. – em função do espaço de vivência, etc.)

¹⁹⁸ Admitindo-se que o texto original já contém embutido todo um sistema escritural que favorece ilações sobre as palavras potencialmente desconhecidas do leitor (especialmente, no que concerne a regionalismos).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Sucesso mitigado das transplantações, aclimações, hibridações

Mas, repito, no processo da seleção tradutória, é quase que constante a resolução de uma equação de maneira aparentemente satisfatória fazer surgir outra equação. Assim, uma vez acordado o fato de os significantes se encaixarem em cadeias de significação, tanto ao nível mais epidérmico do enredo quanto ao, mais subcutâneo, das constelações simbólicas – que envolvem a própria forma, as conotações, etc. – como se faz a translação destas cadeias?

Ao extirpar a palavra original de seu contexto linguístico e ao transplantá-la para um contexto linguístico completamente diferente (a língua alvo), é claro que se deceparam uma grande parte das conexões (acústicas, semânticas, simbólicas) que vinculavam, como que por capilaridade, determinado vocábulo ao tecido vivo do texto original.

Pois, tomada emprestada do texto no qual estava enraizada, a palavra original, é uma evidência dizê-lo, soa de maneira completamente diferente no seu novo ambiente. Conquanto que o transplante pegue e que, apesar de tudo, ela consiga lançar radículas no substrato que a acolheu, é certo que ainda uma grande parte de suas ramificações terão murchado no processo de aclimação. Obviamente, o “empréstimo” não pode entrar em vibração com as palavras francesas que o circundam, criando repercussões paronímicas e semânticas com elas, da mesma maneira que o fazia, mais ou menos simbioticamente, no seu contexto original.

Como expliquei no comentário que tange à tradução dos antropônimos, ao optar por não manter os nomes originais, ‘Tudinha’ e ‘Nadico’, na versão estrangeira, tentei de fato uma sorte de enxerto. Toutina e Neantino guardam algumas das características físicas dos originais, mas só algumas – p. ex. o ‘t’ e o ‘n’ iniciais, o ‘a’ e o ‘o’ finais, a sequência diminutiva i(n)a e i(n)o por i(nh)a e i(c)o, o número de sílabas, três, para cada nome, etc. Entretanto, sumiram, entre outras “gavinhas” paronímico-semânticas, as que ligavam os signos ‘Tudinha’ e ‘Gertrudes’, ou as que participavam do cruzamento semântico entre ‘tudinha’ e ‘tudo’ de um lado, e ‘nadico’ e ‘nada’ de outro, com a inversão das terminações feminizantes ou masculinizantes, etc. Da mesma forma, ao traduzir ‘taura’ por ‘taure’, tentei guardar a possível alegorização (ou iconização) tauromáquica de que ‘taura’, precisamente, seria um elemento, considerando a aparente feminização que acarreta a escolha de uma forma epicena (‘a’ final em português, ‘e’ em francês); contudo, é claro, não deixaram de se apagar as implicações em que redundava a incorporação de um termo regional, inclusive aquele vínculo linguístico-cultural tão forte com o espaço platino, na tessitura da língua nacional.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Afinal de contas, é novamente a tal de “renúncia tradutiva”, sempre laboriosa e dolorosa, que resulta do processo de hierarquização e seleção inerente à atividade: ao procurar incorporar determinados elementos ou aspectos, sacrificam-se automaticamente outros.

Deu-se bem a plantinha (o fitônimo) em terreno alheio? Murchou, vingou, medrou?

As plantinhas dos *Contos gauchescos* transplantadas para os *Cuentos gauchescos*, de Román García Arrospeide, se encontraram em solo amigo e não tardaram em refazer todo seu sistema de radículas, ramificações e gavinhas, prosperando alegremente no espanhol do Uruguai da segunda metade do século XIX. Mas não aconteceu o mesmo com sua transplantação para *Storie di gaùchos* e *Contes gauchesques*.

Quanto mais, ficaram num jardim botânico, assim como os bichinhos acabaram nos jardins zoológicos (literários) da Itália e da França, mesmo se esta leva pequena vantagem sobre aquela, tendo sido o francês presente nas Américas e aquela sobre esta, sendo o italiano bem mais próximo do português em muitos aspectos. Para limitar os estragos causados por seu arrancamento do texto fonte e sua transplantação para o texto alvo, pensei que um suporte visual permitindo ao leitor visualizar tal ou tal planta, podia ser um médio interessante, a título de recurso compensador.

Claro, visualiza-se, mas não se cheira, não se saboreia, não se toca, não se ouve... a flor, a fruta, o inseto, o pássaro, etc. Entretanto, a ilustração pode, na minha opinião, ajudar um pouco para que se regenere na mente do leitor aquele tecido ferido, aquele sistema tentacular do som e do sentido no qual se entranham os relatos. Neste quesito dos fitônimos, pensa-se então nos grandes botânicos, Auguste de Saint Hilaire, Alexandre von Humboldt, Aimé Bonpland¹⁹⁹. Não se fazia descrições de vegetais sem o acompanhamento de ilustrações ou de amostras. Aliás, a ilustração desempenhou papel primordial na descoberta do Brasil pelos europeus e, segundo alguns pesquisadores nacionais, também foi relevantíssima no processo da descoberta do Brasil pelos próprios brasileiros²⁰⁰.

¹⁹⁹ Eis uma pista que não explorei o bastante e que consiste no uso das terminologias compostas por botânicos, ornitólogos, entomólogos, etc. que descreveram as plantas e os animais do novo mundo na sua língua materna para os leitores da sua nação. No caso do Rio Grande do Sul, seria proveitoso ler os escritos de Saint Hilaire, levantando as denominações que ele usou, tenham sido empréstimos, neologismos, latinismos, etc.

²⁰⁰ Ver, por exemplo, os artigos de Eduardo França Paiva sobre a importância dos trabalhos de Eckhout, Rugendas, Julião ou Debret no processo de constituição de uma documentação iconográfica nacional.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O glossário ilustrado

Ao decidir manter parte do acervo fitonímico contemplado pela narrativa de Blau Nunes, não era despropositado, pois, pensar-se em alguma ajuda exterior que impulsasse a imaginação do leitor, inclusive no sentido de despertar possíveis associações mentais entre a planta em pauta e outros elementos do texto, ou mesmo em função da “situação de leitura”.

Em favor do uso de tal recurso, cabe observar que a maior parte das publicações que marcaram a fortuna editorial dos *Contos gauchescos* inclui algum aparelho de explicitação de termos supostamente desconhecidos ou “desfamiliarizados” para o leitor brasileiro ou lusófono. É o caso das edições organizadas por Aurélio Buarque de Holanda, Lígia Chiappini, Luis Augusto Fischer, Aldyr Schlee, etc. que oferecem quer notas de rodapé, quer notas de fim de texto quer ainda um glossário. Como eu não pretendia abusar das notas de rodapé, pensei em um glossário ilustrado, a imagem me parecendo mais “expressiva” do que qualquer definição, pelo menos para certos vocábulos – fitônimos, zoônimos... – mas também objetos culturais (cuia, bomba, porongo, buçalete...) ou denominações da cor do pelo dos cavalos, etc. No caso de uma versão impressa de *Contes gauchesques*, seria possível integrar este glossário no corpo do texto, como se faz com ilustrações, ou colocá-lo no final do livro. No caso de uma edição digitalizada, pretendo dar acesso aos elementos do glossário mediante hiperlinks correspondendo aos vocábulos “clicáveis” no texto eletrônico.



Caeté : foto: **Luciano Rodrigues Soares** (UFRGS: Florars, 2010)

Não encontrei, mas o ideal seria encontrar uma fotografia livre de direitos autorais com uma gota de chuva ou de orvalho pendurada do cartucho da flor.



Butiazeiro : foto: **Denis Fedrizzi** (UFRGS: Florars, 2016)

Da mesma forma, dada a importância da fruta do butiá na cultura local, seria bom encontrar uma fotografia com uma palmeira cheia de coquinhos.



Tiririca : foto : **Angelo Schneider** (UFRGS – Florars, 2011)

O fitônimo ‘tiririca’ é típico quanto ao funcionamento desta categoria lexical no âmbito dos *Contos gauchescos*. A palavra derivada do tupi, parece que quer reproduzir o som do vento nas ervas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº13 - CONTRABANDISTA

CONTREBANDIER

- Batia nos noventa anos o corpo magro mas sempre teso do Jango Jorge, um que foi capitão duma maloca de contrabandistas que fez cancha nos banhados do Ibirocaí.

- Il allait sur ses quatre-vingt-dix ans, ce corps sec mais toujours droit comme un i de Jango Jorge, le chef d'une maloca* de contrebandiers qui avaient fait des marais de l'Ibirocaí leur quartier général.

Esse gaúcho desabotinado levou a existência inteira a cruzar os campos da fronteira: à luz do sol, no desmaiado da lua, na escuridão das noites, na cerração das madrugadas...; ainda que chovesse reiuos acolherados ou que ventasse como por alma de padre, nunca errou vau, nunca perdeu atalho, nunca desandou cruzada!...

Cette tête-brûlée de gaúcho a passé sa vie entière à sillonner la pampa de part et d'autre de la frontière : que ce soit en plein jour ou au clair de lune, par nuit noire ou dans la brume du petit matin..., Il pouvait bien lui crever au dessus de la tête toute une cavalerie de nuages ou souffler une de ces bourrasques à vous avertir qu'une âme de prêtre est en train de monter au ciel²⁰¹, il ne s'est jamais trompé sur l'emplacement d'un gué, n'a jamais manqué un raccourci, n'a jamais pris le mauvais embranchement !

²⁰¹ Existem é claro, frases feitas em francês como "il pleut comme vache qui pisse" ou "il vente à décorner un boeuf", mas preferi, quando possível, quando inteligível pelo leitor, manter a imagem original.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conhecia as querências, pelo faro: aqui era o cheiro do açouta-cavalo florescido, lá o dos trevais, o das guabirobas rasteiras, do capim-limão; pelo ouvido: aqui, cancha de graxains, lá os pastos que ensurdecem ou estalam no casco do cavalo; adiante, o chape-chape, noutro ponto, o areão. Até pelo gosto ele dizia a parada, porque sabia onde estavam águas salobres e águas leves, com sabor de barro ou sabendo a limo.

Il connaissait les parages comme pas un, à l'odorat : ici l'odeur du fouette-cheval en fleurs, là, celle des tréflières, là-bas celle des guabirobas rampantes, ailleurs, celle de l'herbe-citron ; à l'ouïe : ici, c'était un coin à graxains ; là, il on savait dans quelle prairie on était au bruit du sol qui amortissait ou faisait résonner le sabot des chevaux ; devant, c'était le chape-chape de la rocaille qui roulait, ailleurs, le sol meuble des sablières. Et il pouvait même vous dire l'endroit rien qu'au goût, parce qu'il savait où l'eau était saumâtre et où elle était douce, où elle avait un goût d'argile, où un goût de limon.

Tinha vindo das guerras do outro tempo; foi um dos que peleou na batalha de Ituzaingo; foi do esquadrão do general José de Abreu. E sempre que falava no Anjo da Vitória ainda tirava o chapéu, numa braçada larga, como se cumprimentasse alguém de muito respeito, numa distância muito longe.

Il était venu des guerres d'une autre époque : il était de ceux qui ont combattu à Ituzaingo ; il appartenait à l'escadron du général José de Abreu. Et à chaque fois qu'il parlait de l'Ange de la Victoire, il tirait son chapeau et faisait un grand geste avec le bras comme s'il saluait quelqu'un de très loin et avec infiniment de respect.

Foi sempre um gaúcho quebralhão, e despilchado sempre, por ser muito de mãos abertas.

Ce Jango Jorge a toujours été un gaucho bagarreur, et toujours sans le sou toujours, parce que ce qui lui entrait dans une poche lui ressortait par l'autre.

Se numa mesa de primeira ganhava uma ponchada de balastracas, reunia a gurizada da casa, fazia - pi! pi! pi! pi! - como pra galinhas e semeava as moedas, rindo-se do formigueiro que a miuçalha formava, catando as pratas no terreiro.

Si jamais il remplissait son ponco de balastracas à la table de jeu, il appelait les gamins qui étaient par là, faisait – piu ! piu ! piu ! piu ! – comme pour faire venir des poussins et puis il semait les pièces de monnaie à la volée, en riant de la mêlée que formaient les mioches pour attraper les pièces d'argent sur le terre-plein.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Gostava de sentar um laçoço num cachorro, mas desses laçoços de apanhar da paleta à virilha, e puxado a valer, tanto, que o bicho que o tomava, ficando entupido de dor, e lombeando-se, depois de disparar um pouco é que gritava, num - caim! caim! caim! - de desespero.

De temps en temps, il prenait un malin plaisir à vous asséner un coup de fouet sur un chien, mais alors de façon à vous saisir l'animal de l'épaule jusqu'à l'aine, la corde du fouet bien tendue, de sorte que la bête sur qui elle retombait, engourdie de douleur, se tordait sous la lanière et ce n'est qu'après s'être un peu éloignée qu'elle se mettait à pousser une série de cai ! cai ! cai ! désespérés.

Outras vezes dava-me para armar uma jantarola, e sobre o fim do festo, quando já estava tudo meio entropigaitado, puxava por uma ponta da toalha e lá vinha, de tirão seco, toda a traquitanda dos pratos e copos e garrafas e restos de comidas e caldas dos doces!...

D'autres fois il offrait un banquet et, à la fin de la fête, quand tout le monde était déjà bien éméché, il tirait sur la nappe d'un grand coup sec et envoyait par terre tout le bazar d'assiettes de verres et de bouteilles et de restes de nourriture et de sirop des desserts.

Depois garganteava a chuspa e largava as onças pras unhas do bolicheiro, que aproveitava o vento e le echaba cuentas de gran capitán...

Après ça il retournait sa bourse et ses deniers finissaient dans les griffes du tenancier qui, sentant que le vent lui était favorable, lui présentait des comptes de grán capitán*.

Era um pagodista!

Bref, c'était un fêtard et un trublion !

Aqui há poucos anos - coitado! - pousei no arranchamento dele. Casado ou doutro jeito, estava afamilhado. Não nos víamos desde muito tempo.

Ça doit faire quelques années —le malheureux !— j'ai passé la nuit chez lui. Marié ou non, toujours est-il qu'il avait maintenant sa petite famille. On s'était pas vus depuis longtemps.

A dona da casa era uma mulher mocetona ainda, bem parecida e mui prazenteira; de filhos, uns três matalotes já emplumados e uma mocinha - pro caso, uma moça -, que era o - santo-antoninho-onde-te-porei! - daquela gente toda.

La maîtresse de maison était une femme encore jeune, assez jolie et très avenante ; quant aux enfants : trois grands gaillards déjà bien emplumés et qui auraient pu quitter le nid, et une fille, une jeune fille pour être plus précis, que tout le monde avait en adoration.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E era mesmo uma formosura; e prendada, mui habilidosa; tinha andado na escola e sabia botar os vestidos esquisitos das cidadãs da vila.

Et c'est vrai que c'était une beauté, et qui savait faire beaucoup de choses, très adroite de ses mains ; elle avait été à l'école et savait porter ces drôles d'habits que vêtent les femmes de la ville.

E noiva, casadeira, já era.

Il faut que je dise aussi qu'elle était déjà fiancée et prête à se marier.

E deu o caso, que quando eu pousei, foi justo pelas vésperas do casamento; estavam esperando o noivo e o resto do enxoval dela.

Et il s'est trouvé que, lorsque je me suis arrêté là pour la nuit, c'était justement la veille du mariage ; on attendait le futur marié et le reste du trousseau de la promise.

O noivo chegou no outro dia; grande alegria; começaram os aprontamentos, e como me convidaram com gosto, fiquei pro festo.

Le fiancé est arrivé le lendemain ; je n'vous dis pas quelle joie dans la maison ; on a commencé les préparatifs et on m'a invité de si bon cœur que je suis resté pour les festivités.

O Jango Jorge saiu na madrugada seguinte, para ir buscar o tal enxoval da filha.

Jango Jorge est sorti le matin suivant à l'aube, pour aller chercher ledit trousseau pour sa fille.

Aonde, não sei; parecia-me que aquilo devia ser feito em casa, à moda antiga, mas, como cada um manda no que é seu...

Où, je n'en sais rien ; pour moi, c'est quelque chose que l'on devrait faire chez soi, à l'ancienne ; mais bon chacun est maître chez lui... n'est-ce pas ?

Fiquei verdeando, à espera, e fui dando um auxílio na matança dos leitões e no tiramento dos assados com couro.

J'ai passé le temps en sirotant un maté et puis je suis allé donner un coup de main pour l'abattage des pourceaux et pour préparer les morceaux de viande que l'on ferait griller avec la peau.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nesta terra do Rio Grande sempre se contrabandeou, desde em antes da tomada das Missões.

Dans cette partie du Rio Grande, on a toujours fait de la contrebande, et ça même avant la prise des missions.

Naqueles tempos o que se fazia era sem malícia, e mais por divertir e acoquinar as guardas do inimigo: uma partida de guascas montava a cavalo, entrava na Banda Oriental e arrebanhava uma ponta grande de eguariços, abanava o poncho e vinha a meia rédea; apartava-se a potrada e largava-se o resto; os de lá faziam conosco a mesma cousa; depois era com gados, que se tocava a trote e galope, abandonando os assoleados.

En ce temps-là, c'était plutôt bon enfant et on faisait ça plus par diversion et pour agacer les gardes-frontières de l'ennemi : une bande de gauchos montait à cheval, entrait dans la Bande Orientale et y rassemblait une manade de chevaux puis, le poncho au vent, regagnait notre côté à bride abattue ; on séparait les jeunes et on larguait le reste : ceux de l'autre côté faisaient la même chose chez nous : après ça, c'était du bétail que l'on faisait trotter et galoper devant soi en abandonnant sur le chemin les bêtes victimes d'un coup de chaleur.

Isto se fazia por despique dos espanhóis e eles se pagavam desquitando-se do mesmo jeito.

Tout ça c'était pour se venger des Espagnols et eux nous rendaient la monnaie de notre pièce.

Só se cuidava de negacear as guardas do Cerro Largo, em Santa Tecla, do Haedo... O mais, era várzea!

On faisait juste attention à mettre dans le vent les gardes-frontières de Cerro Largo, de Santa Clara, du Haedo... Le reste, c'était de la promenade* !

Depois veio a guerra das Missões; o governo começou a dar sesmarias e uns quantíssimos pesados foram-se arranchando por essas campanhas desertas. E cada um tinha que ser um rei pequeno... e agüentar-se com as balas, as lunares e os chifarotes que tinha em casa!...

Et puis il y a eu la guerre des Missions ; le gouvernement a commencé à distribuer des lots de terre, des sesmarias, et un petit nombre de puissants s'est établi dans ces campagnes désertes. Et chacun d'eux devait être un petit roi... et se débrouiller avec les balles, les lances et les épées qu'il avait chez lui.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi o tempo do manda-quem-pode!... E foi o tempo que o gaúcho, o seu cavalo e o seu facão, sozinhos, conquistaram e defenderam estes pagos!.

C'est une époque où commandait qui pouvait. Et c'est aussi l'époque où le gaucho, son cheval et son sabre, tous seuls, ont conquis et ont défendu ce coin de terre.

Quem governava aqui o continente era um chefe que se chamava o capitão-general; ele dava as sesmarias mas não garantia o pelego dos sesmeiros...

Celui qui gouvernait le continent* ici, c'était un chef que l'on appelait capitaine-général ; il distribuait les sesmarias*, mais il ne répondait pas de la peau des sesmeiros...

Vancê tome tenência e vá vendo como as cousas, por si mesmas, se explicam.

Si vous y pensez bien, vous verrez comme les choses s'expliquent d'elles-mêmes.

Naquela era, a pólvora era do el-rei nosso senhor e só por sua licença é que algum particular graúdo podia ter em casa um polvarim...

En ce temps-là, la poudre était privilège du roi et ce n'était qu'avec sa permission qu'un particulier pouvait en avoir chez lui, et encore fallait-il que ce soit une légume...

Também só na vila de Porto Alegre é que havia baralho de jogar, que eram feitos só na fábrica do rei nosso senhor, e havia fiscal, sim senhor, das cartas de jogar, e ninguém podia comprar senão dessas!

De plus, on ne pouvait acheter des jeux de cartes que dans la vila de Porto Alegre, lesquels étaient fabriqués par les manufactures royales ; et il y avait un contrôleur, oui monsieur, un contrôleur des cartes à jouer, et personne ne pouvait en acheter qui ne proviennent de ces manufactures.

Por esses tempos antigos também o tal rei nosso senhor mandou botar pra fora os ourives da vila do Rio Grande e acabar com os lavrantes e prendistas dos outros lugares desta terra, só pra dar flux aos reinóis...

En ces temps lointains, aussi, ce fameux roi tout puissant a fait expulser les orfèvres de la ville de Rio Grande et a ordonné qu'on fasse fermer boutique aux graveurs et joailliers qui pratiquaient ailleurs, et ça uniquement pour laisser le champ libre aux reinois, comme on appelait les Portugais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora imagine vancê se a gente lá de dentro podia andar com tantas etiquetas e pedindo louvado pra se defender, pra se divertir e pra luxar!... O tal rei nosso senhor, não se enxergava, mesmo!...

Maintenant imaginez un peu si les gens d'ici pouvaient faire cas de tant de restrictions et demander une autorisation pour pouvoir se défendre, une autre pour se divertir ou une autre encore pour se payer un luxe quelconque. Ce fameux roi, pour qui il se prenait !

E logo com quem!... Com a gauchada!...

Et en plus il se frottait à qui ? Justement aux gauchos !

Vai então, os estancieiros iam em pessoa ou mandavam ao outro lado, nos espanhóis, buscar pólvora e balas, pras pederneiras, cartas de jogo e prendas de ouro pras mulheres e preparos de prata pros arreios... e ninguém pagava dízimos dessas cousas.

Bon alors, voilà comme ça fonctionnait : les estancieiros allaient en personne, ou bien envoyaient des hommes à eux, acheter de l'autre côté chez les Espagnols de la poudre et puis des balles pour leurs mousquets, des cartes à jouer, des bijoux en or pour leurs femmes et des ornements en argent pour le harnachement des chevaux... et personne ne payait la moindre dîme sur ces choses-là.

Às vezes lá voava pelos ares um cargueiro, com cangalhas e tudo, numa explosão da pólvora; doutras uma partida de milicianos saía de atravessado e tomava conta de tudo, a couce d'arma: isto foi ensinando a escaramuçar com os golas-de-couro.

De temps en temps, une bête de somme volait en l'air, quand sa cargaison de poudre explosait ; d'autres fois, c'était une bande de miliciens qui jaillissaient d'une embuscade et s'emparaient du butin, par la force des armes : c'est de là que les contrebandiers ont appris à faire le coup de feu contre ceux qu'on appelait les cols-de-cuir.

Nesse serviço foram-se aficionando alguns gaúchos: recebiam as encomendas e pra aproveitar a monção e não ir com os cargueiros de balde, levavam baeta, que vinha do reino, e fumo em corda, que vinha da Baía, e algum porrrão de canha. E faziam trocas, de elas por elas, quase.

Quelques gauchos se sont faits à ce trafic : ils recevaient des commandes et pour rentabiliser leur affaire et ne pas faire des allers à vide, ils chargeaient les bêtes au départ avec de la serge, qui venait du royaume, et du tabac en corde, qui venait de la Bahia et aussi quelques jarres d'eau de vie. Et ils faisaient du troc, tu me donnes ci, je te donne ça, ou quasi.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Os paisanos das duas terras brigavam, mas os mercadores sempre se entendiam...

On se battait entre Rio-Grandenses et Castelhanos, c'est vrai, mais les marchands eux trouvaient toujours moyen de s'entendre.

Isto veio mais ou menos assim até a guerra dos Farrapos; depois vieram as califórnicas do Chico Pedro; depois a guerra do Rosas.

Les choses ont continué plus ou moins comme ça jusqu'à la guerre des Farrapos ; après ça, il y a eu les charges de Chico Pedro, les californies qu'on les a appelées, et encore après, la guerre contre Rosas.

Aí inundou-se a fronteira da província de espanhóis e gringos emigrados.

À partir de là, la frontière de la province s'est vue inonder d'espagnols et d'émigrés étrangers.

A cousa então mudou de figura. A estrangeirada era mitrada, na regra, e foi quem ensinou a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enxuta...; entrou nos homens a sedução de ganhar barato: bastava ser campeiro e destorcido. Depois, andava-se empandilhado, bem armado; podia-se às vezes dar um vareio nos milicos, ajustar contas com algum devedor de desaforos, aporrear algum subdelegado abelhudo...

Alors les choses ont pris une autre tournure. Dans l'ensemble, les étrangers étaient des malins et ce sont eux qui ont appris à ceux d'ici à plonger sans se mouiller la tête. L'attrait de l'argent facile a fait le reste : il suffisait d'être bon cavalier et tête brûlée. Et puis, on allait en bande, bien armés ; on en profitait pour ficher la frousse aux soldats, ou laver un affront, ou encore rosser quelque sous-commissaire trop fouineur...

Não se lidava com papéis nem contas de cousas: era só levantar os volumes, encangalhar, tocar e entregar!...

Des papiers et des livres de comptes, que nenni : tout ce qu'on faisait, c'était enlever la marchandise, la répartir sur les bâts, mettre les voiles et livrer au client !

Quanta gauchagem leviana aparecia, encostava-se.

Quand un gaucho assez gonflé arrivait, il entrait aussi sec dans le jeu.

Rompeu a guerra do Paraguai.

Et puis la guerre du Paraguay a éclaté.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O dinheiro do Brasil ficou muito caro: uma onça de ouro, que corria por trinta e dois, chegou a valer quarenta e seis mil réis!... Imagine o que a estrangeirada bolou nas contas!...

L'argent brésilien est devenu très cher. Une once d'or, qui en valait trente-deux mille, en est arrivée à s'échanger contre quarante-six mille réis. Imaginez ce que les métèques se sont mis dans les poches.

Começou-se a cargueirar de um tudo: panos, águas de cheiro, armas, minigâncias, remédios, o diabo a quatro!... Era só pedir por boca!

On a commencé alors à transporter un peu de tout : tissus, eaux de Cologne, armes, babioles, médicaments, enfin, tout ce que vous pouvez imaginer !... Il n'y avait qu'à demander.

Apareceram também os mascates de campanha, com baús encangalhados e canastras, que passavam pra lá vazios e voltavam cheios, desovar aqui...

À la même époque sont apparus les mascates, ces colporteurs qui battent la campagne avec leurs coffres et leur malles, qu'ils passaient à vide de l'autre côté et ramenaient pleins à craquer pour les faire dégorger par ici.

Polícia pouca, fronteira aberta, direitos de levar couro e cabelo e nas coletarias umas papeladas cheias de benzeduras e rabioscas...

Peu de policiers, une frontière ouverte, le droit de transporter cuirs et crins, et dans les perceptions, quelques papiers couverts de croix et de gribouillages...

Ora... ora!... Passar bem, paisano!... A semente grelou e está a árvore ramalhuda, que vancê sabe, do contrabando de hoje.

Allons... Allons ! Vous pouvez passer et bonne journée l'ami !... Eh bien la graine a germé et l'arbre a grandi et voilà notre contrebande d'aujourd'hui, que vous connaissez bien.

O Jango Jorge foi maioral nesses estropícios. Desde moço. Até a hora da morte. Eu vi.

Jango Jorge était passé maître dans ces manèges. Depuis tout jeune homme. Jusqu'à l'heure de sa mort. J'en suis témoin.

Como disse, na madrugada vesp'ra do casamento o Jango Jorge saiu para ir buscar o enxoval da filha.

Comme je l'ai dit, le matin de la veille du mariage, Jango s'est mis en route pour aller chercher le trousseau de sa fille.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Passou o dia; passou a noite.

La journée a passé ; puis la nuit.

No outro dia, que era o do casamento, até de tarde, nada.

Le lendemain, qui était le jour du mariage, c'était déjà l'après-midi et toujours aucune nouvelle.

Havia na casa uma gentama convidada; da vila, vizinhos, os padrinhos, autoridades, moçada. Havia de se dançar três dias!... Corria o amargo e copinhos de licor de butiá.

Il y avait là une foule d'invités : des gens venus de la vila, les voisins, les parrains, des chefs, des jeunes gens. On allait danser pendant trois jours. Le maté passait de main en main et aussi les petits verres remplis de liqueur de butiá.

Roncavam cordeonas no fogão, violas na ramada, uma caixa de música na sala.

Les accordéons ronflaient près du feu, on entendait des guitares sous le porche, une boîte à musique dans la salle à manger.

Quase ao entrar do sol a mesa estava posta, vergando ao peso dos pratos enfeitados.

Le soleil était déjà bien en bas, et la table était mise, qui pliait sous le poids des mets disposés avec soin.

A dona da casa, por certo traquejada nessas bolandinas do marido, estava sossegada, ao menos ao parecer.

La maîtresse de maison, sûrement habituée aux frasques de son mari, était tranquille, ou du moins elle en prenait l'air.

Às vezes mandava um dos filhos ver se o pai aparecia, na volta da estrada, encoberta por uma restinga fechada de arvoredos.

De temps en temps, elle envoyait l'un de ses fils aller voir si le père arrivait, là au détour de la route qu'un petit bois cachait aux regards.

Surdiu dum quarto o noivo, todo no trinque, de colarinho duro e casaco de rabo. Houve caçoadas, ditérios, elogios.

À un moment, le fiancé a émergé d'une chambre, sur son trente-et-un, avec un col amidonné et une redingote, salué par des moqueries, des dictons amusants, des éloges.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Só faltava a noiva; mas essa não podia aparecer, por falta do seu vestido branco, dos seus sapatos brancos, do seu véu branco, das suas flores de laranjeira, que o pai fora buscar e ainda não trouxera.

Il ne manquait plus que la mariée ; mais elle ne pouvait pas se montrer, à cause de la robe blanche, des souliers blancs, du voile blanc et des fleurs d'oranger que son père était allé chercher et qui n'arrivaient pas.

As moças riam-se; as senhoras velhas cochichavam.

Les jeunes filles riaient ; les vieilles femmes chuchotaient.

Entardeceu.

Le soleil était descendu.

Nisto correu voz que a noiva estava chorando: fizemos uma algazarra e ela - tão boazinha! - veio à porta do quarto, bem penteada, ainda num vestidinho de chita de andar em casa, e pôs-se a rir pra nós, pra mostrar que estava contente.

Sur ce, le bruit se répand que la mariée est en pleurs. Tout le monde accourt et elle, si gentille, apparaît à la porte de sa chambre, les cheveux bien arrangés, encore dans une petite robe de chita et elle se met à rire à notre intention, pour montrer qu'elle est contente.

A rir, sim, rindo na boca, mas também a chorar lágrimas grandes, que rolavam devagar dos olhos pestanudos...

A rire, la bouche à rire oui, mais les yeux à pleurer de grosses larmes qui tombent doucement de ses long cils sur ses joues.

E rindo e chorando estava, sem saber por quê... sem saber por quê, rindo e chorando, quando alguém gritou do terreiro:

Et comme ça, elle rit, elle pleure, sans savoir pourquoi... sans savoir pourquoi, à rire et à pleurer jusqu'à ce que l'on crie depuis la terrasse devant la maison ;

- Aí vem o Jango Jorge, com mais gente!...

- Voilà Jango Jorge qui arrive, et il y a du monde avec lui !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi um vozerio geral; a moça porém ficou, como estava, no quadro da porta, rindo e chorando, cada vez menos sem saber por quê... pois o pai estava chegando e o seu vestido branco, o seu véu, as suas flores de noiva...

Tout le monde parle en même temps ; malgré ça, la jeune fille est restée dans la même posture, dans l'embrasure de la porte, à rire et à pleurer, en sachant de moins en moins pourquoi... car est-ce que ça n'était pas son père qui arrivait et avec lui sa robe blanche, son voile, et ses fleurs de mariée ?

Era já fusco-fusco. Pegaram a acender as luzes.

C'était déjà le crépuscule. On a allumé des lumières.

E nesse mesmo tempo parava no terreiro a comitiva; mas num silêncio, tudo.

Et au même moment le petit groupe s'arrêtait sur la terrasse, mais dans un grand silence.

E o mesmo silêncio foi fechando todas as bocas e abrindo todos os olhos.

Et ce silence a fait se fermer toutes les bouches et s'écarter tous les yeux.

Então vimos os da comitiva descerem de um cavalo o corpo entregue de um homem, ainda de pala enfiado...

Alors on a vu ceux qui venaient d'arriver descendre d'un cheval le corps ballant d'un homme, le pala encore enfilé.

Ninguém perguntou nada, ninguém informou de nada; todos entenderam tudo...; que a festa estava acabada e a tristeza começada..

Personne n'a posé de question ; personne n'a rien expliqué. Tout le monde a compris que la fête était terminée et que la tristesse commençait.

Levou-se o corpo pra sala da mesa, para o sofá enfeitado, que ia ser o trono dos noivos. Então um dos chegados disse:

On a emporté le corps dans la salle du banquet, et on l'a déposé sur le sofa tout décoré, qui devait servir de trône aux mariés. Alors l'un de ceux qui venaient d'arriver a pris la parole :

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- A guarda nos deu em cima... tomou os cargueiros... E mataram o capitão, porque ele avançou sozinho pra mula ponteira e suspendeu um pacote que vinha solto... e ainda o amarrou no corpo... Aí foi que o crivaram de bala.... parado... Os ordinários!... Tivemos que brigar, pra tomar o corpo!

- Les gardes nous sont tombés dessus... Ils ont pris les bêtes de somme... Et ils ont tué le capitaine parce qu'il est allé tout seul jusqu'à la mule de tête, et qu'il en a enlevé un paquet qui n'était pas avec les autres, et qu'en plus, il l'a attaché sur lui... À ce moment, ils l'ont criblé de balles... lui qui n'avait pas même fait mine de se défendre... les salauds ! Il nous a fallu nous bagarrer dur pour leur reprendre le corps.

A sia-dona mãe da noiva levantou o balandrau do Jango Jorge e desamarrou o embrulho; e abriu-o.

La mère de la mariée a soulevé le balandrau de Jango Jorge et a détaché le paquet ; elle l'a ouvert.

Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o véu branco, as flores de laranjeira...

C'était la robe blanche de sa fille, les souliers blancs, le voile blanc et les fleurs d'oranger.

Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquelas cousas bonitas como que bordada de colorado, num padrão esquisito, de feitos estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!...

E tout ça visqueux de sang... tout taché de rouge, toute la blancheur de ces jolies choses comme si on avait voulu y broder de rouge des drôles de motifs, arrangés bizarrement, comme des fleurs de chardon écarlates écrasées par les sabots d'un cheval.

Então rompeu o choro na casa toda.

Et alors la maisonnée tout entière s'est mise à pleurer.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº14. Jogos

Texto e pretexto: “Jogo do osso” e Um conto “13”²⁰²

Foco do estudo tradutológico: jogos... de palavras

O que se passou entre aquelas três criaturas, não sei; se juntaram num canto do balcão da venda e falaram. Por certo que o Chico Ruivo disse à china que a jogara numa parada de taba; o Osoro só disse uma vez:

- Eu, se perdesse o ruano, o Chico **já ia daqui montado nele...**

A Lalica deu uma risadinha amarela; olhou o Osoro, olhou o Chico Ruivo, cuspiu de nojo e disse pra este, na cara:

- Sempre és muito baixo!..., **guampudo, por gosto!**...

- **Olha, guincha, que te grudo as chilenas!**...

- Ixe! **Este, agora, é que me encilha, retalhado!**...

Basta ler uma peça do teatro de Simões para dar-se conta de quanto o escritor gostava de “brincar” com as palavras. Mesmo que esse traço humorístico não seja tão aparente em *Contos gauchescos* quanto salta imediatamente à vista no texto de suas comédias, encontram-se na prosa simoniana bastantes trocadilhos e outras variedades de ocorrência de um emprego assaz jocoso do vocabulário em especial e do idioma em geral.

Primeira observação: o assunto da transferência dos trocadilhos e construções linguísticas afins é recorrente em obras de tradutologia e existem até livros inteiramente dedicados ao estudo da tradução deste tipo de configuração do uso da língua. Agora, os jogos de palavras em *Contos gauchescos* não se diferenciam muito de outros jogos de palavras encontrados em qualquer outra situação de comunicação, seja literária ou não. No mais das vezes, a “brincadeira” com a língua se funda na polissemia dos vocábulos (trocadilhos) ou no duplo sentido do enunciado (insinuações metafóricas, frequentemente com alusão em caráter sexual). Havia de ser o caso, logicamente, nos casos de Blau Nunes, lembrando que, bem como é de praxe acontecer no âmbito das representações que cada comunidade étnica faz de si mesma, existiriam formas de humor específicas ao grupo (ou tipo) étnico representado pelo narrador, ou seja, um humor tipicamente gaúcho ou gauchesco.

²⁰² É de fato o décimo-terceiro conto da coletânea.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Podemos postular, então, um tipo de jogo com as palavras que fosse bastante tipificador da escritura de cunho gauchesco, o qual consistisse, entre outros recursos, em empregar símiles ou metáforas, com intenção graciosa ou maliciosa, nas quais o comparado é humano e o comparante equídeo. Nos textos, isto acontece notadamente, por parte do narrador ou das personagens, para se referir às relações interpessoais, e, em particular, às relações amorosas, especialmente na sua dimensão sexual (ou função reprodutiva).

Daí, formas escabrosas, como essa extraída de “Jogo do osso” que cito em cabeça deste comentário, seriam, no meu entendimento, um traço linguístico, ou estilístico, bastante recorrente nos diálogos que constam nos contos, novelas e romances produzidos no sul da América do sul, especialmente quando se apresentam enquanto fragmentos de uma representação “coletivizada” (compartilhada) das práticas culturais pampianas, gaúchas (“realidades”?) ou gauchescas (“avatares literários”, dessas realidades postuladas, no âmbito da mimese).

No mais dos casos nos quais esta variedade de enunciado surge, bem como se vê no trecho referido *supra*, não há real dificuldade de tradução. Basta acompanhar de perto a fraseologia usada no texto original, conquanto que o tipo de formulação a ser transferido seja comum ao idioma de partida e ao idioma de chegada. É o que me parece ser o caso, globalmente, em se tratando da dupla português/francês.

Quero dizer que, embora a comparação metafórica que “cavalariza” o homem (cf. novamente o exemplo acima) possa ser considerada como relativamente típica da representação gauchesca do linguajar gaúcho (e, além disto, de determinada *Weltanschauung*, de determinado *éthos*, etc.), encontramos enunciados semelhantes em textos literários de temática rural escritos originalmente em francês (basta ler uma novela de cunho naturalista como *La Terre* de Émile Zola, ou algum conto campesino de Guy de Maupassant para deparar com diálogos assaz similares na sua forma)²⁰³.

²⁰³ Seguem dois exemplos extraídos do romance *Germinal* de Émile Zola, que não constituem uma “invectiva direta” como é o caso no conto de Simões Lopes Neto, mas ambos apresentam caráter pejorativo. “Le roulage reprit aux neuf étages, on n’entendit plus que les appels réguliers des galibots et que l’ébrouement des herscheuses arrivant au plan, fumantes comme des juments trop chargées” / “Et, nue maintenant, pitoyable, ravalée au trot de la femelle quêtant sa vie par la boue des chemins, elle besognait, la croupe barbouillée de suie, avec de la crotte jusqu’au ventre, ainsi qu’une jument de fiacre”. Outro exemplo, este excerto de um conto de Maupassant, que também constitui uma sorte de comparação, embora menos direta, entre uma mulher e uma égua: “Bientôt je découvris une jeunesse qui était en service chez Déboultot, de Cauville. Vous

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Novamente, neste quesito da linguagem, é uma questão de vocabulário, principalmente, com que há de se deparar o tradutor.

E esse “pera” aí? Se o uso lúdico (– agressivo, – afetivo, etc.) da metáfora animalizante não traz tantos problemas assim para o tradutor, quando o jogo se faz em torno de uma ambiguidade suscetível de decorrer de dois sentidos diferentes de um só significante, pode ser necessário modificar os elementos da brincadeira com a língua, adaptando-a, eventualmente, para a versão estrangeira. Como, no comentário em pauta, falo principalmente sobre jogos com a linguagem que não soube ou tive dificuldade em transferir, ou ainda que acabasse por traduzir de maneira insatisfatória (sem falar dos trocadilhos que nem percebi), mostro a seguir uma das ocorrências que me deu mais trabalho e que me parece mais apta para exemplificar o propósito destas páginas. É o jogo com o pero / pera que aparece nos diálogos de “Deve um queijo!” em resposta ao muxoxo do castelhano, no ajuste de contas entre as personagens.

“Este fulano era um castelhano alto, gadelhudo, com uma pera enorme, que ele às vezes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado... [...].

– Outra, a saúde de Canguçu!...

– **Pero...**

– Não tem **pêro** nem **pera**... Come...

– **Pê...**

– Come, clinudo!...”

Olhando para a versão italiana, observa-se que “pera” foi traduzido por ‘pera’ no diálogo citado acima (*Non c'è pero o pera... Mangia...*), mas a outra ocorrência (a primeira) fora traduzida por ‘barba’ (*era un castigliano alto, capelluto, con una barba enorme*). Daí, o diálogo na versão italiana me parece perder um pouco da sua consistência. Não se entende bem porque surge esse ‘pera’ no texto de *Storie di gaùchos*, uma vez que ‘pera’ não se usa, que eu saiba, para designar uma barba em italiano²⁰⁴.

avez bien connu Déboultot, vous, Blondel! Bref, elle, m'enjôla si bien, la gredine, que j'allai un jour trouver son maître et je lui proposai une affaire. Il me céderait sa servante et je lui vendrais ma jument noire, Cocote, dont il avait envie depuis bientôt deux ans. Il me tendit la main «Topez-là, monsieur de Varnetot.» C'était marché conclu; la petite vint au château et je conduisis moi-même à Cauville ma jument, que je laissai pour trois cents écus.» Seleccionei propositadamente excertos de obras de cunho naturalista na medida em que uma parte da literatura brasileira do fim do século XIX e do começo do século XX patenteia traços naturalistas, resultado dos intercâmbios artísticos no mundo ocidental, inclusive nas sua dimensão transatlântica.

²⁰⁴ DRAE: *pera* “4. f. Porción de pelo que se deja crecer en la punta de la barba. 7. f. Arg. y Ur. mentón”. Dizzionario Zanichelli: *pera* 2 estens. Qualsiasi oggetto simile alla pera; in senso scherz., testa: grattarsi la p.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Certo, não atrapalha na medida em que a palavra ‘pera’ em italiano pode servir, por extensão de sentido, para designar a cabeça.

Mas não é justamente aquela pera do castelhano o ponto da parada (ou perada) entre os “apostadores/desafiadores”? Não é essa menção da barba do outro por parte do velho Lessa uma réplica deste àquele “Canguçu” martelado pelo castelhano?

Um “jogo” (uma “justa”) poliglota?

Nas edições anteriores à reforma ortográfica, é relevante reparar em que os acentos marcam a diferença entre o espanhol e o português (pero / pêro). Nas edições mais recentes, este “jogo” linguístico-gráfico desaparece. Se o jogo entre o espanhol e o português mediante as ortografias respectivas (no tempo em que os *Contos gauchescos* foram escritos) não pôde ser preservado nas edições brasileiras contemporâneas, imagina-se que as versões estrangeiras dificilmente conseguiriam levar aquele “pero / pêro” em conta. Então, como manter a paronímia entre ‘pero’ e ‘pera’ que seria o fulcro da ‘brincadeira’?

A tradução dos jogos de palavras tem como evidente premissa sua compreensão por parte do tradutor, mas também a identificação de seu mecanismo. São várias as situações em que o tradutor pode errar: algumas dessas situações básicas seria o caso de ele não perceber o jogo linguístico, ou o perceber, porém entendê-lo de maneira equivocada, ou até encontrar um jogo de palavras onde não existe (com a ressalva de que um jogo de palavra pode ser mais ou menos deliberado, ou mais ou menos consciente, digamos, por parte do autor). As competências para a detecção de eventuais trocadilhos são lógica e estreitamente ligadas com o domínio da língua fonte pelo leitor/tradutor, mas há outros fatores que predisõem a leitura do tradutor a ficar atenta para este tipo de uso da linguagem.

Junto a esse trabalho de identificação, haveria, pois, a tarefa, subsequente, de conferir que o texto encerra de fato um jogo de palavras. Para mim, o cotejo da produção literária de Simões e de outros textos com que entrava em ressonância no âmbito mais abrangente da intertextualidade, embora não tenha atuado exatamente como pedra de toque, tem-me ajudado bastante neste trabalho de consolidação de hipóteses relativas a um eventual jogo de palavras no texto. No que diz respeito ao vezo “metaforicavalar”, que não se embasa nos trocadilhos, mas que envolve mesmo assim um emprego lúdico da linguagem (na maior parte do tempo, malicioso e até agressivo) em geral sancionado pela tradição, também basta ler algumas obras da literatura gauchesca para dar-se conta de que é “moeda corrente” em texto pampianos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como disse, o diálogo entre Chico Ruivo e Lalice não apresenta real dificuldade de tradução, por vários motivos. O primeiro dentre eles é que a analogia entre a vida sexual humana e a vida sexual dos animais, principalmente no que diz respeito ao “gado manso”, sejam cavalos, vacas ou ovelhas, existe em todas as culturas de essência rural.

Esta comunidade de expressão faz com que o tipo de metáfora maliciosa usado na literatura gauchesca não seja *a priori* tão difícil de trasladar para outro contexto linguístico, quase que por decalque, sem que isto acarrete empecilhos maiores para a compreensão do leitor da tradução. Não se contam as obras de ambientação campesina, aliás, nas quais a iniciação sexual começa pela observação dos animais e até por experiências zoofílicas (de *Doidinho*, de José Lins do Rego, a *Padre Padrone*, de Gavino Ledda, entre outros), sendo o leitor em princípio já acostumado com este tipo de “discurso”.

Quanto ao trocadilho propriamente dito, e penso em particular no uso paronímico das palavras em *Contos gauchescos*, o trabalho de conferência da validade de eventuais hipóteses, relativamente à presença ou não de equívocos baseados em jogos de palavras, envolveu bastante, no meu caso, a leitura do teatro de Simões. A maior parte das peças de teatro sendo comédias, encontram-se nelas, com efeito, muitíssimos jogos de palavras que sinalizam, pelo mero volume, o pendor do autor para esta modalidade de emprego da linguagem.

Assim, relativamente ao uso meio jocoso meio instigante do ‘o’ e do ‘a’, mais conspicuamente desenvolvido no conto ‘O Negro Bonifácio’ (cf. comentário nº23), a leitura do texto de peças como *Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá* me confirmou que não estava tomando um rumo completamente errôneo na minha interpretação dos contos. Quanto ao caráter escabroso de alguns trocadilhos ou metáforas que se encontram nos *Contos gauchescos*, diria que ele salta aos olhos no teatro. Daí, me senti legitimado em traduzir determinados trechos de maneira a procurar manter algum jogo de palavras, mais ou menos conspícuo, mais ou menos discreto, que pensava ter lido no texto. É claro que devem ter-me escapado vários.

O risco de equivocação por parte do tradutor nunca é nulo. Também é quase certo que muitos dos artifícios linguísticos do texto original lhe escaparão, bem como podem escapar ao leitor nativo, por mais experimentado que seja. Devo confessar que há muita coisa que não entendi no texto das peças de teatro, por exemplo, nem que seja porque o duplo sentido que se manifesta no uso das palavras se faz em referência, ou comentário, a circunstâncias culturais (históricas, políticas, sociais, etc.) que possuem caráter, digamos, tópico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pode ter sido o caso nos *Contos* também, mas certamente em proporção muito menor, dado a diferença de propósito, de feição e de tom entre a obra em prosa mais conhecida de Simões e a produção do escritor para o palco²⁰⁵. É verdade que *Os casos de Romualdo* se atêm à tradição humorística do tall-tale norte-americano ou do “mata-mouros” europeu²⁰⁶ e que figuram, entre os contos apresentados em *Contos gauchescos*, textos como “O mate do João Cardoso” ou “Deve um queijo!”, os quais manifestamente se inclinam muito mais para o cômico do que para o trágico. Entretanto, a maior parte dos textos que compõem as duas coletâneas *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul*, são obviamente marcados por um caráter decididamente trágico, para não dizer funesto.

Transferência automática?

Traduzindo o texto fonte mais literalmente, pode-se pensar que alguns jogos de palavras, se os havia no original, passam para a versão estrangeira, mas isto não é muito mais do que *wishful thinking*. Em muitos casos, a transferência do efeito cômico necessitará algumas modificações drásticas para que esse efeito tenha alguma possibilidade real de se concretizar na leitura da versão estrangeira.

Dado o gosto de Simões pelo jogo de palavras amplamente demonstrado em seu trabalho literário, (especialmente no seu teatro), era pertinente, acreditei, ficar atento às possibilidades de duplo sentido no texto dos contos, mesmo que o recurso não seja tão relevante para a composição textual de uma obra em prosa, evidentemente, quanto para uma comédia. Agora, é certo que muitos dessas ocorrências terão escapado à perspicácia do tradutor, tanto como é bem provável que este mesmo tradutor terá interpretado tal ou tal ocorrência de modo equivocado (equivocando-se sobre o teor da equivocação, por assim dizer) e até, possivelmente, vendo ou ouvindo um trocadilho aonde não “vinha ao caso”.

²⁰⁵ Ou seja, o dramático nos *Contos gauchescos* e nas *Lendas do Sul* não corresponde ao da obra precisamente “dramática” de Simões Lopes Neto, cômica no seu conjunto, apesar de sempre apresentar certos aspectos cáusticos ou satíricos que lhe conferem alguma dimensão mais sombria. “Nossos filhos” não seria de autoria de Simões, mas uma tradução realizada a partir de um texto uruguaio; entretanto, a versão também serve para ilustrar a oscilação entre o cômico e o trágico na produção de Simões, comum a tantos estros criativos.

²⁰⁶ Um equivalente às “romualdadas” de Simões, que me ocorre imediatamente, seria a “tartarinade”, lembrando que *Aventures prodigieuses de Tartarin de Tarascon*, o primeiro volume da trilogia cômica de Alphonse Daudet, foi publicado em 1872. Vale observar que, já no ano 1908, Georges Méliès realiza uma versão cinematográfica, um curta-metragem intitulado *Tartarin de Tarascon*. E, já que estamos falando de traduções, é interessante notar que a versão para o inglês, feita por Henry James, em 1889, sob pedido do Harper’s Monthly Magazine, foi elogiada pelo *Spectator* por sua inteligência e criticada pela eliminação da cor local. Faça a observação porque está diretamente relacionada com nossa problemática aqui.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Duplo sentido: alguns outros exemplos, de beijo

O beijo estendido

“Cá pra mim esta gente esperou que as franguinhas se pusessem galinhas e depois botassem, para depois apanharem os ovos e só então bater esta fritada encantada, que vai nos atrasar a troteada, obra de duas léguas... **de beijo!**... Isto até faz-me lembrar um caso... Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso?... Não?... É pena.”

As reticências deixam prejudicar algum sentido particular no que as segue, ou, mais precisamente, no que diz respeito à relação entre os dois segmentos assim separados. Ora, haveria dois sentidos em que esse “de beijo” poderia se entender. Primeiro, pensa-se no sentido mais corrente no qual a locução equivale a “de graça”, “gratuitamente”. É como se Blau dissesse que, além da fritada, eles vão ter duas léguas de atraso “cortesia da casa”. Segundo, encontra-se a expressão “légua de beijo”²⁰⁷, significando bem “contada”, larga, ou mais ou menos. Aí, nada mais espontâneo para o leitor do texto original do que imaginar o narrador esticando o beijo, justamente, logo antes ou depois de pronunciar a frase. É ainda mais “natural” se figurar este tipo de mímica por parte do narrador porquanto a implicação – na maneira, precisamente, como o modo de se expressar desse narrador está representado – de um gestual intimamente ligado à mimese de uma situação de contação de causos é um recurso que aparece com bastante frequência nos relatos – principalmente, repara-se, no início dos textos, no momento em que é necessário reatar com alguma pungência a ilusão da contação de história ao pé do fogo, e, portanto, a ilusão também da relação entre o contador de causos e seu ouvinte²⁰⁸.

²⁰⁷ O Houaiss não fornece nenhuma informação a respeito da colocação (légua de beijo), mas o Aurélio, além da acepção correspondendo à “de beijo” (“De graça; gratuitamente, grátis; no beijo”), oferece a explicação seguinte: “Léguas de beijo. Bras. Indicação vaga de distância, fora da realidade, por homens da roça, **com o beijo inferior distendido na direção que se deve percorrer**: Disse-me que dali até a cidade podem ser três léguas, mas não acredito: são léguas de beijo.”

²⁰⁸ Por exemplo: em “Deve um queijo!” e “Penar de velho”, lemos: “O velho Lessa era um homem assinzinho...” (com a mesma reticência que precede e segue “de beijo”) e “- Conheci, sim, sr., o Binga Cruz, desde assinzinho...”: O Houaiss faz questão de proporcionar a informação seguinte a respeito do uso da palavra “assinzinho”: “4 deste tamanho, desta altura etc. Obs.: ver uso a seguir: 2) na acp. 4, **é acompanhado de gesto com a mão, indicando altura, tamanho etc.**”. Daí, imaginamos o narrador fazer exatamente este gesto, bem como estica o beijo no exemplo citado antes. Praticamente, todos os contos integram este tipo de expressão (e de recurso de expressividade) que implica algum gesto, marcando a presença do narrador, mas também de seu narratário. cf. “A estância era como aqui e o arroio como a umas dez quadras;” em “O boi velho” ou “faz uma quebrada forte, assim como o cotovelo do meu braço; nesta ponta aqui, onde está a minha mão, fica o Lagoão das Lontras, e mais pra cá passa a estrada real” em “O ‘Menininho’ do presépio”, confirmando aliás a pertinência do texto à coletânea pela mera presença do mesmo recurso unificador.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O beijo quebrado

Aí, voltamos na questão da negociação entre expressão e expressividade. Com efeito, depois de entender o segmento, ou de pensar ter entendido o segmento, como encontrar algo em francês que permita um tipo similar de expressividade? Não vejo alguma expressão em francês que possa sinalizar um gesto de acompanhamento similar. Seria possível encontrar uma solução numa narração em terceira pessoa (“dit-il en allongeant la lèvre”), mas não em primeira pessoa. O que era possível para “assinzinho”, não me parece sê-lo para “de beijo”, que permite uma encenação direta (o narrador diz algo e o texto nos mostra o narrador dizendo), à diferença de “en allongeant la lèvre”. E, por falar em... beijo,

“um freguês estava reclamando sobre uma panela **reiuna**, que lhe haviam vendido com o beijo quebrado...”

Entendo, ou creio entender, que há um joguinho linguístico corporificado no emprego da palavra “reiuna”. Primeiro, aparecem novamente aquelas reticências tão insistentes que, se nos fiarmos nas observações de Lothar Hessel (ver comentário sobre a escrita dramática na produção literária de Simões) indicam como que uma marcação de encenação (p. exemplo: “aqui, Blau estica o beijo”, ou “aqui, ele estende a mão”, etc.), deixando imaginar a personagem não somente na página, mas como, se, de fato, havia perante nós, leitores, um contador de causo num palco improvisado (galpão, pé de fogo, etc., seja lá onde for). Vemos, então, esse narrador “se movimentando” ao compasso de seu causo e de sua causa, gesticulando, naquela projeção da narrativa escrita para o cenário da contação, a medida que desfia as etapas da viagem como tantas contas de um rosário. Enfim, o uso de palavras ou orações que sugerem algum acompanhamento gestual por parte do narrador claramente ajuda a transportar-nos no palco imaginário da contação de causos (“ao vivo”). Faz também parte de uma estratégia de legitimação da linguagem de Blau, que não é de narrativa “letrada”, nem de diálogo “popular”, mas particularmente adequada para um contador de histórias.

“E, do trotar sobre tantíssimos rumos; das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das cousas que ele compreendia e das que eram-lho vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida, entre o Blau – moço, militar – e o Blau - velho, paisano –, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia –, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende, ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Bom, naquela questão da panela reiuna, além das reticências²⁰⁹, há o detalhe do beicho quebrado. Para que aquele detalhe, se não é para complementar o uso da palavra “reiuna” por parte de Blau e assim, realçar aquele traço da jocosidade na caracterização do tipo? Pois, além de ser característica infalível da maior parte das personagens da literatura gauchesca ou das representações estrangeiras do gaúcho, remete também à caracterização do contador de causo. A formulação é tanto mais adequada porquanto se pensa na possibilidade de se falar das orelhas ou do beicho de uma panela para se referir as suas abas ou a sua borda²¹⁰. Daí, a panela seria reiuna porque é de má qualidade, certo, mas também porque seu rebordo ou sua aba está quebrada, bem como se chama de reiuno a um cavalo feio e de má qualidade, mas também a um animal a que falta a ponta da orelha²¹¹,

Outra área textual na qual certa jocosidade no manejo das palavras se faz mais ostensiva concerne aos numerosos “ganchos” que contribuem a inscrever cada causo na ilusão mais abrangente da jornada de Blau e de seu companheiro de viagem, que serve de quadro para a enfiada de causos.

Isto até faz-me lembrar um caso.. . Vancê nunca ouviu falar do João Cardoso?... Não?... É pena.

Falava pouco, mas quando dizia, estava dito; pra ele, trato de boca valia tanto – e até mais – que papel de tabelião. **E no mais, era – pão, pão; queijo, queijo! – [...] E, por falar nisto:**²¹²

Verdade que fui inocente no caso²¹³. (Verdade mesmo?)

²⁰⁹ Acho que poderia haver toda uma leitura centrada no uso das reticências enquanto indicação cênica, guiando a evocação do contador deflagrada pelo na mente do leitor. Mais tarde, Louis-Ferdinand Céline, que provavelmente nunca lera Simões, desenvolverá técnicas semelhantes.

²¹⁰ O Houaiss confirma a conexão entre aba e orelha; “designação comum a diversos objetos, acessórios, instrumentos, ornamentos etc. que lembram a forma da orelha ('pavilhão auricular') ou servem de abas” (ou seja, “parte ou objeto semelhante a um lábio; rebordo Ex.: o beicho de um jarro”). Aqui, portanto, não é uma aba, mas o rebordo da panela que está quebrado.

²¹¹ Também serve a designar uma montaria fornecida pelo Estado às recrutas (o que redundava, aliás, em alguma implicação da qualidade inferior do cavalo, ver *El gaúcho Martín Fierro*).

²¹² Confirma o ordenamento do conto, dois a dois, com retomada de elementos de um causo para outro.

²¹³ Apontei alhures a possibilidade de relativa ambiguidade no enunciado, sendo que a palavra ‘caso’ poderia se entender, entre outras opções, no sentido de ‘ocorrência’ (acepção n°1 no verbete do Houaiss), ‘história’ (acepção n°5 no Houaiss) ou ainda ‘namoro’ (acepção n°7 assinalada como um regionalismo brasileiro: “relação amorosa, esp. a clandestina; cacho”. Há de fato algo entre Picumã, Blau e Rosa que nunca vem claramente à tona. Além do mais, haveria suspeita de que Blau não fosse (ou não tivesse sido) tão inocente como o afirma, nem que seja porque é ele quem conta o caso (Blau velho), e que este caso o envolve, enquanto personagem (Blau jovem) que desempenhou algum papel naquele caso funesto (triângulo amoroso) entre Rosa, seu antigo amante farroupilha, o capitão, e seu novo amante legalista, o comandante.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº14 - JOGO DE OSSO

JEU DE L'OS

- Pois olhe: eu já vi jogar-se uma mulher num tiro de taba. Foi uma parada que custou vida... mas foi jogada!

- Savez-vous que j'ai déjà vu se jouer une femme dans une partie de taba ? C'est une partie qui a coûté des vies... mais elle s'est jouée.

Um pouco pra fora da Vila, na volta da estrada, metida na sombra dumas figueiras velhas ficava a vendola do Arranhão; era um bochinche mui arrebetado, e o dono era um sujeito alarifação, cá pra mim, desertor, meio espanhol meio gringo, mas mui jeitoso para qualquer arreglo que cheirasse à prata...

Un peu en dehors de la ville, dans le virage que fait la route, à l'ombre de deux ou trois vieilles figueiras, c'est là qu'était le boliche d'Arragnon ; c'était une taverne à l'aspect misérable, et le patron était un type sans scrupule, soit dit entre nous, probablement déserteur, moitié espagnol moitié rital, mais qui savait s'y prendre dès qu'il reniflait l'occasion de se faire un peu d'argent.

Mui destravado da língua e ao mesmo tempo rezador, sempre se santiguando e olhando por baixo, como porco, tudo pra ele era negócio: comprava roubos, trocava cousas, emprestava pra jogo, com usura, e sempre se atrapalhava para menos, no troco dos pagamentos.

La langue bien pendue et, en même temps, toujours à dire des prières, à se signer et à regarder par terre, comme un cochon ; tout pour lui était l'occasion de faire des affaires, recel, troc à tout va, prêts d'argent aux joueurs à un taux d'usurier ; et il se trompait toujours en sa faveur quand il rendait la monnaie.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Às vezes armava umas carreiritas, que se corriam numa cancha dumas três quadras que ele mesmo tinha arranjado a um lado do potreiro; então conchavava algum gringo tocador de realejo e estava preparado o divertimento. O que ele queria era gente, peonada, andantes, vagabundos, carreteiros, para poder vender canha e comida e doces; e de noite facilitava umas mesas de primeira, de truco ou de sete-em-porta para tirar o cafife. Doutras ocasiões ajeitava umas dançarolas que alvorotavam o chinaredo da vizinhança.

De temps en temps il organisait de petites courses, sur une piste d'environ quatre cent mètres qu'il avait fait tracer à côté du corral ; il embauchait quelque rital qui jouait de l'orgue de barbarie et ça suffisait pour qu'on s'amuse. Ce qu'il voulait, lui, c'était du monde, péons, gens de passage, vagabonds, muletiers, à qui il puisse vendre du tafia, des repas et des sucreries ; et la nuit, il mettait à disposition quelques tables pour jouer à la primeira, au truc ou au sept-à-la-porte. D'autres fois, il organisait de petits bals qui attiraient les jupons du voisinage.

Por este pano de amostra vancê vê o que seria aquele gavião.

Bon ce petit échantillon vous donne sûrement déjà une idée de cette fripouille.

Duma vez que ele tinha trançado umas carreiras, com duas ou três pencas de patacão, e se havia ajuntado algum povo, tudo gauchada leviana, choveu.

Une fois où il avait organisé des courses, avec deux ou trois poules* à deux sous la mise, et qu'une petite foule s'était rassemblée, tous des gauchos au sang chaud, voilà qu'il s'est mis à pleuvoir.

A chuvarada estragou a cancha, molhou as carpetas, atrapalhou tudo.

L'averse a rendu la piste impraticable, a mouillé les tapis de jeu sur les tables, bref un vrai gâchis.

E a gente foi ganhando na venda, apinhoscou-se por debaixo das figueiras e no galpão.

Et les gens alors de gagner l'intérieur de la boutique tandis que d'autres s'agglutinaient sous les figuiers et dans le galpon.

Quando passou o aguaceiro e oriou o terreiro, deram alguns aficionados para jogar o osso.

Quand l'averse est passée et que le terre-plein devant la taverne a eu séché un peu, quelques amateurs de jeu de l'os ont décidé de jouer une partie.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vancê sabe como é que se joga o osso?

Vous savez comment ça se joue, le jeu de l'os ?

Ansim:

Eh bien, c'est comme ça :

Escolhe-se um chão parelho, nem duro, que faz saltar, nem mole, que acama, nem arento, que enterra o osso.

D'abord, on choisit un endroit où le sol est égal, ni dur car l'os rebondirait, ni mou car il ne roulerait pas, et pas sablonneux non plus car il s'enterrerait.

É sobre o firme macio, que convém. A cancha com uma braça de largura, chega, e três de comprimento; no meio bota-se uma raia de piola, amarrada em duas estaquinhas ou mesmo um risco no chão, serve; de cada cabeça da cancha é que o jogador atira, sobre a raia do centro: este atira daqui pra lá, o outro atira de lá pra cá.

Le terrain doit donc être ferme sans être dur et mesurer environ une brassée de largeur et trois de long : on le divise en son milieu en tendant une ficelle attachée à deux piquets ou bien tout simplement en faisant un trait par terre ; les joueurs se placent à chaque bout du terrain de part et d'autre de la ligne, et ils lancent la taba vers elle; un joueur lance de ce côté-ci en direction du deuxième joueur, vous voyez ? L'autre lance depuis le côté opposé en direction du premier.

O osso é a taba, que é o osso do garrão da rês vacum. O jogo é só de culo ou suerte.

L'os, c'est la taba, l'os du jarret du bœuf. Il n'y a que deux possibilités : culo ou suerte.

Culo é quando a taba cai com o lado arredondado pra baixo: quem atira assim perde logo a parada. Suerte é quando o lado chato fica embaixo: ganha logo e sempre.

Culo, c'est quand la taba tombe de telle sorte que c'est le côté arrondi qui est en-dessous. Celui qui fait culo perd d'entrée sa mise. Suerte, c'est quand le côté plat est en-dessous ; celui qui fait suerte gagne d'entrée la mise.

Quer dizer: quem atira culo perde, se é suerte ganha e logo arrasta a parada.

C'est simple, celui qui tire et fait culo perd, et s'il fait suerte il gagne ; et alors il ramasse la mise.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ao lado da raia do meio fica o coimeiro que é o sujeito depositário da parada e que a entrega logo ao ganhador. O coimeiro também é que tira o barato - para o pulpeiro. Quase sempre é algum aldragante velho e sem-vergonha, dizedor de graças.

À côté du trait au milieu se tient le coimeiro qui est le dépositaire de la mise et qui la remet au gagnant après chaque partie. C'est aussi celui qui ramasse le loyer des tables de jeu pour le tavernier. C'est presque toujours un vieux gremlin, qui fait des plaisanteries pas bien fines.

E um jogo brabo, pois não é?

Un sacré jeu, pas vrai ?

Pois há gente que se amarra o dia inteiro nessa cachaça, e parada a parada envida tudo: os bolivianos, os arreios, o cavalo, o poncho, as esporas. O facão nem a pistola, isso, sim, nenhum aficionado joga; os fala-verdade é que têm de garantir a retirada do perdedor sem debocheira dos ganhadores... e, cuidado... muito cuidado com o gaúcho que saiu da cancha do osso de marca quente!...

Eh bien, il y a des gens qui s'ennivrent tellement de cette cachaça qu'ils y passent toute la journée, et mise après mise, y perdent tout ce qu'ils possédaient : bolivars, harnais, cheval, poncho, éperons. Le coutelas et le pistolet ça non, personne ne les joue car ces armes, on les appelle ne-ment-jamais, sont la garantie que le perdant va pouvoir se retirer sans avoir à écouter les moqueries des gagnants. Et méfiez-vous, méfiez-vous du gaúcho qui quitte le jeu de l'os encore cuisant de la défaite comme une bête qu'on vient de marquer.

Pois dessa feita se acolheraram a jogar a taba o Osoro e o Chico Ruivo.

Bon, cette fois-là, Osoro et Chico Ruivo, Chico le roux, se sont entendus pour jouer une partie.

O Osoro era um moreno mui milongueiro, compositor de parolheiros e meio aruá; andava sempre metido pelos ranchos contando histórias às mulheres e tomando mate de parceria com elas.

Osoro était un moreno coureur de jupons, qui préparait les chevaux pour les courses et était plutôt mauvais sujet ; il trouvait toujours le moyen de s'introduire dans les ranchos des péons pour y raconter des histoires aux femmes et prendre le maté en leur compagnie.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O Chico era domador e morava de agregado num rincão da estância das Palmas; e vivia com uma piguancha bem jeitosa, chamada Lalica.

Chico, lui, était dresseur de son état et était hébergé dans un coin de l'estancia des Palmas où il vivait avec une jolie petite pouliche du nom de Lalica.

Nesse dia vinha vindo com ela ao festo do Arranhão. Enquanto os dois jogavam, a morocha andava lá por dentro, com as outras, saracoteando.

Ce jour-là, il l'avait amenée avec lui au boliche* d'Arragnon. Et pendant que les deux hommes jouaient, la morocha était à l'intérieur avec les autres femmes, à se trémousser.

Havia violas; havia tocadores; a farra ia indo quente. E os dois, jogando. O Chico perdia uma em cima da outra.

Il y avait des guitares, il y avait des musiciens ; la fête commençait à chauffer. Et les deux autres, dehors, qui jouaient. Chico perdait partie après partie.

- Culo! Outra vez?... Má raios!...

- Culo, Encore ? ... Foutue poisse !

- Suerte, chê! Ganhei! repetia o Osoro.

- Suerte, Tchê : j'ai gagné, répétait Osoro.

- Jogo-te o tostado, aperado, valeu?

- Je joue mon cheval tostado avec ses harnais. Tu suis ?

- Topo!

- Tope-là !

- E culo!... Isto é mau olhado dalgum roncolho mirone!...

- Culo ! Y a un espèce de mal-castré qui me regarde du mauvais œil !

E relanceou os olhos pelos vedores, esperando que algum comprasse a camorra; ninguém se picou.

Et il jetait un regard autour de lui, espérant que l'un des spectateurs réponde à sa provocation mais personne ne la relevait.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Jogo o teu ruano contra as duas tambeiras da Lalica!
- Je joue ton ruano contre les deux laitières de Lalica.
- E pouco, Chico!... Ainda se fosse a dona!..
- C'est pas assez ça, Chico... Ah, si c'était la propriétaire, par contre... ;
- Osoro, não brinca!... Pois olha; jogo!
- Attention, Osoro, ne plaisante pas ! Eh bien d'accord, je tiens la mise.
- O ruano?
- Le ruano ?
- O ruano contra a Lalica! Assim como assim, esta china já está me enfarando!...
- Le ruano contre Lalica. De toute façon, cette fille-là commence à me peser.
- Pois topo!
- Tenu.

Os mirones se entreolharam, boquejando, alguns; eles bem viam que o gaúcho estava sem liga, que já tinha perdido tudo, o dinheiro, o cavalo, as botas, um rebenque com argolão de prata; e agora, o outro, o Osoro, para completar o carcheio, ainda tinha topado a última parada, que era a china...

Les spectateurs ont échangé qui un regard qui un ou deux mots à voix basse. Ils voyaient bien que le gaucho avait la poisse, qu'il avait déjà tout perdu, son argent, son cheval, ses bottes, sa cravache avec son anneau en argent ; et maintenant, voilà qu'Osoro pour terminer de le dépouiller avait topé la dernière mise, qui était la china Lalica.

A cousa ia ser tirana; correu logo voz; em roda dos dois amontoou-se a gente.

L'affaire allait être chaude ; le bruit a couru et les gens se sont amassés autour des deux joueurs.

O Osoro atirou, e deu suerte...

Osoro lance... Suerte.

O Ruivo atirou, e deu suerte...

C'est au Rouquin de lancer... Suerte lui aussi.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Ora, não deu gosto! disse um.

- Bon, le jeu n'veut pas les départager ; dit l'un.

- Outra mão! disse o outro.

- Faut rejouer, dit l'autre

E o Ruivo atirou: culo!

Et le Rouquin lance encore une fois... Culo.

O Osoro atirou: suerte!

Osoro lance à son tour...Suerte !

- Ganhei, aparceiro!

- J'ai gagné partenaire.

- Pois toma conta, ermão!

- Et bien, prends donc c'qui est à toi, frère !

- Tu é que tens de fazer a entrega...

- C'est à toi de me donner la mise...

- Não tem veremos... Trato é trato!...

- J'suis pas du genre à me défilier... Quand je dis pari tenu, c'est tenu.

Já ia querendo anoitecer.

La nuit menaçait déjà de tomber.

O que se passou entre aquelas três criaturas, não sei; se juntaram num canto do balcão da venda e falaram. Por certo que o Chico Ruivo disse à china que a jogara numa parada de taba; o Osoro só disse uma vez:

Ce qui s'est passé entre ces trois-là, j'en sais trop rien : ils se sont réunis à un coin du comptoir de la taverne et ils se sont mis à discuter. Pour sûr Chico Ruivo a dit à la china qu'il l'avait jouée dans une partie de taba ; et Osoro s'est contenté de dire une fois :

- Eu, se perdesse o ruano, o Chico já ia daqui montado nele...

- Moi, si j'avais perdu le ruano, Chico était déjà en selle dessus.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A Lalica deu uma risadinha amarela; olhou o Osoro, olhou o Chico Ruivo, cuspiu de nojo e disse pra este, na cara:

Lalica a eu un petit rire jaune ; elle a regardé Osoro, a regardé Chico Ruivo, a craché de dégoût et lui a dit , bien en face :

- Sempre és muito baixo!..., guampudo, por gosto!...
- Vraiment, tu n'vaut rien ! ... Encore un à qui ça plaît d'avoir des cornes !
- Olha, guincha, que te grudo as chilenas!...
- Fais attention, ma jolie, que je te fasse pas sentir mes éperons ;
- Ixe! Este, agora, é que me encilha, retalhado!...
- Ça risque pas ! C'est çui-là, maintenant, qui va me seller, espèce de mal castré.

Nisto um violeiro pegou a rufar uma dança chorada; umas parelhas pegaram a se menear no compasso da música e logo o Osoro, para cortar aquele aperto, travou do pulso da morocha, passou-lhe o braço na cinta e quase levantando-a no ar entrou na roda dos dançadores; o Ruivo ficou quieto, mas de goela seca e nos olhos com uma luz diferente.

Sur ce, un guitariste s'est mis à gratter les premiers accords d'une danse ; quelques paires se sont enlacées et ont commencé à danser au rythme de la musique et alors, Osoro, pour couper court, a saisi le poignet de la brune, lui a passé le bras autour de la taille et la soulevant presque en l'air, l'a entraînée au milieu de la ronde des danseurs ; le Rouquin n'a pas bougé, mais il avait la gorge sèche et dans les yeux une lueur différente.

Na primeira volta, quando o par passou por ele, a china ia dizendo mui derretida:

Au premier tour, quand le couple est passé devant lui, la china était en train de dire, d'une voix enjôleuse :

- Quando quiseres, meu negro...
- C'est quand tu voudras, mon joli nègre...

Na segunda volta, como num despique, ela tornou a boquejar pro Osoro:

Au second tour, comme pour narguer, elle a susurré à l'oreille d'Osoro

- Eu vou na tua garupa...
- Mets-moi en croupe et je pars avec toi...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E na outra, a china vinha calada, mas com a cabeça deitada no peito do par, olhando terneira pra ele, com uma luz de riso, os beijos encolhidos, como armando uma promessa de boquinha; e o Osoro se esqueceu do mundo... e colou na boca da tentação um beijo gordo, demorado, cheio de desaforo...

Et au troisième, la china n'a rien dit, mais sa tête était appuyée sur la poitrine de son partenaire, qu'elle regardait avec tendresse, avec un air rieur, les lèvres en avant comme dans une promesse de baiser ; et Osoro en a oublié le monde... et il a collé sur cette bouche tentatrice un baiser vorace, prolongé, plein de défi...

O Chico Ruivo teve um estremeção e deu um urro entupido, arrancou do facão e atirou o braço pra diante, numa cegueira de raiva, que só enxerga bem o que quer matar...

Chico Ruivo a tremblé de tout son long et a poussé un rugissement sourd ; il a sorti d'un coup son coutelas et a lancé le bras en avant, aveuglé par la rage, quand seul se voit bien ce que l'on veut tuer.

E vai, como pegou o Osoro pela esquerda, do lado, meio por detrás, por debaixo da paleta, o facão saiu no rumo certo e foi bandear a Lalica meio de lado, sobre a esquerda da frente.

Comme Chico a attrapé Osoro par le flanc gauche, un peu par derrière, sous les côtes, le coutelas est ressorti sans rencontrer d'obstacle et a transpercé Lalica en enfilade, plus ou moins de côté, ressortant par le sein gauche.

Vancê compr'ende? Do mesmo talho varou os dois corações, espetou-os no mesmo ferro, matou-os da mesma morte, fazendo os dois sangues, num de cada peito, correrem juntos num só derrame... que foi lastrando pelo chão duro, de cupim socado, lastrando... até os dois corpos baterem na parede, sempre abraçados, talvez mais abraçados, e depois tombarem por cima do balcão, onde estava encostado o tocador, que parou um rasgado bonito e ficou olhando fixe para aquela parelha de dançarinos morrentes e farristas ainda!...

Vous comprenez ? D'un même coup, il a transpercé les deux cœurs, les a embrochés sur le même fer, les a tués d'une même mort, si bien que les deux sangs, chacun jaillissant d'une poitrine différente, se sont mêlé dans un même jet qui s'est répandu sur le sol dur, d'herbe battue, et puis a coulé, coulé... jusqu'à ce que les deux corps viennent battre contre le mur, toujours embrassés, dans une étreinte peut-être plus étroite, et basculent sur l'estrade où se trouvait le musicien, qui s'est arrêté en plein milieu d'un joli rasgueado et s'est mis à regarder fixement ce couple de danseurs mourants et encore à la fête.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Levantou-se uma berraçada.

Ça a été un tohubohu général

- Matou! Foi o Chico Ruivo!... Amarra! Cerca!...

- Au meurtre ! C'est Chico Ruivo !... Attrapez-le ! Encerchez-le !

Mas o Ruivo parece que voltou a si; coriscou o facão aos dois lados e atropelou a porta, ganhou o terreiro e se foi ao palanque onde estava o ruano do Osoro: montou e gritou pra os que ficavam:

Mais il semble bien que le rouquin est revenu à lui car il a fait briller son coutelas devant et derrière lui et a ouvert la porte d'un coup de pied ; il a gagné le terre-plein et a couru au palanque où se trouvait le ruano d'Osoro : il a sauté dessus et a crié vers l'assistance :

- Siga o baile!...

- Que le bal continue !

E deu de rédea, no escuro da noite.

Ensuite, il a fait faire volte-face au cheval et a disparu dans la nuit

O Arranhão acudiu ao berzabum; aquele safado, curtido na ciganagem, só soube dizer:

Arragnon est accouru au tumulte ; et les seuls mots que cette crapule, maître en filouteries, a trouvé à dire, c'est :

- Pois é... jogaram o osso, armaram a sua paranda... mas nenhum pagou nada ao coimeiro!...
Que trastes!...

- Et voilà... ils ont joué à l'os, ils ont fait leur foin... et ni l'un ni l'autre n'a payé le coimeiro:... Des moins que rien, j'vous dis !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº15. Incorporação de um léxico marcado nos planos histórico e político.

Texto e pretexto: “O duelo dos farrapos”. Onde canta o sabiá.

Foco do estudo tradutório: os “politônimos” e os gentílicos

Dentro de um quadro como aquele em que se ambientam os *Contos gauchescos*, não é de se admirar do volume bastante significativo de termos relacionados com a história nacional e regional que semeiam a obra de Simões. Alguns destes termos podem, a meu ver, ser considerados como termos verdadeiramente técnicos, bem à semelhança de elementos do vocabulário que pertencem a outros campos lexicais especializados como os do cavalo, dos aperos, da fauna ou da flora regionais, etc., – os quais também podem ser apreendidos como elementos de uma linguagem restrita a um número mais ou menos relevante de “iniciados” ou peritos.

Pois, visto que as designações em pauta neste comentário se referem a “objetos” específicos da cultura de origem, na sua maior parte conjecturadamente desconhecidos do público leitor da versão estrangeira, coloca-se perante o tradutor um pouco a mesma interrogação que ele se fez ao lidar com os zoônimos, fitônimos, tecnônimos, etc. É preferível manter as denominações originais ou seria melhor modificá-las?

A palavra “farrapos”, bastante recorrente no texto dos *Contos gauchescos*, talvez epitome a problemática da transferência dos politônimos²¹⁴. Os politônimos são palavras geralmente enraizadas na história dos espaços de ambientação dos textos. Muitos são “motivados” por circunstâncias históricas particulares, como ‘farrapo’ ou ‘farroupilha’, mas também ‘caramuru’, ‘camelo’, ‘carimboto’, etc., e muitos carregam conotações nitidamente apreciativas ou depreciativas, com eventuais esquemas *a posteriori* de reapropriação valorizantes de apelações, *a priori* desvalorizantes na sua “criação”, por partes dos grupos concernidos (o caso de “farrapo” justamente).

²¹⁴ Não é uma palavra registrada nos dicionários, mas vou me servir dela para não repetir toda a sequência no sentido de designação de uma facção ou de um grupo político.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Dificuldades inerentes à tradução dos politônimos

Um dos empecilhos que acarreta a presença deste tipo de vocábulo para o tradutor do texto literário ou historiográfico está vinculado justamente a esta sua especificidade histórica. Outro empecilho decorreria de as designações de cunho etnonímico e as de cunho politonímico se entrecruzarem com frequência, especialmente em um contexto, como é o caso nas Américas, onde a independência nacional é ainda coisa relativamente recente. O termo ‘galego’ me soa relativamente emblemático neste respeito.

Exemplos de politônimos

Qual a categoria de vocábulos em que vou me debruçar nestas páginas? Quando se pensa em apelação política, no Brasil, pensa-se em termos como ‘trabalhista’ ou ‘peessedebista’, mas também ‘tucano’, ‘coxinha’, ‘petralha’, ‘maragato’ ou ‘pica-pau’, etc. Na França, um bom exemplo do tipo de politônimo que encontramos no texto de Simões seria o conjunto de denominações usadas para se referir às diversas (e numerosas) facções revolucionárias (*jacobins, girondins, montagnards, sans-culottes*, etc.) que, no seu conjunto e na sua diversidade, podem representar um verdadeiro “quebra-cabeça” para o pobre aluno das aulas de história no colégio.

Quais as opções para o tradutor?

Pois bem, por causa de sua particularidade nacional ou regional ‘exacerbada’, não custa entender que alguns politônimos dificilmente se poderão transferir sem alguma explicação extratextual (nota de rodapé ou de fim de texto, glossário, etc.).

Tampouco é a tradução literal sempre apropriada para este tipo de palavra, porque pode levar a confusões na mente do leitor da versão estrangeira em relação aos eventos históricos a que o termo ficou associado e ao espaço no qual esses eventos ocorreram (vide “*straccioni*” na versão italiana que se costuma usar para um momento específico na história da Itália), ou simplesmente não fazer muito sentido para esse mesmo leitor (‘*toucans*’, ‘*petites cuisses de poulet*’, ‘*petrapetouts*’?!?). O estudo que conduzi no âmbito deste projeto de tradução (no quesito em pauta) consistiu, portanto, em um levantamento dos termos suscetíveis de serem considerados como designações políticas, na tentativa de esclarecer vínculos particulares entre etnônimos (na sua maior parte, gentílicos) e politônimos, uma vez que um grupo “étnico” (gentílico) pode ser associado mais ou menos objetivamente, pelo menos no se considerando a maioria de seus integrantes, a um grupo “político”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Inventário de soluções possíveis

Conforme ressaltai *supra*, na narrativa de Blau Nunes, ‘galego’, por exemplo, pode ser entendido como equivalente de ‘legalista’. Entretanto, não seria absolutamente inquestionável a tradução de ‘galego’ por termos como ‘*légaliste*’ ou mesmo ‘*conservateur*’, uma vez que o narrador optou por uma designação mista (gentílico/politônimo) que, além disto, possui nítida aptidão para transmitir a impressão de algum julgamento depreciativo (e, por ricochete, de alguma preferência partidária) emanando do locutor.

Pertinência das soluções

Depois do levantamento dos termos diretamente ligados à representação das circunstâncias políticas na história da região e da nação, o estudo examinou, numa segunda etapa, a pertinência de diversas configurações e soluções neste quesito da transferência de uma categoria específica do vocabulário. Fez esse exame, notadamente, mediante uma comparação entre as traduções para o italiano de *Storie di gaúchos* e as para o espanhol de *Cuentos gauchescos*. Por exemplo, ponderaram-se as vantagens e desvantagens de traduzir um termo como ‘farrapo’ por ‘*farrapo*’ (empréstimo), ou por ‘*loqueteux*’ (*gueux, déguenillés, haillonneux*, etc.) ou ainda por ‘*insurgés*’ ou ‘*révolutionnaires*’ que não trazem os mesmos matizes conotativos.

Precedentes? Jurisprudência tradutória?

Na busca de soluções propostas por diversos tradutores, para tal ou tal politônimo, com o intuito de cotejá-las, considerando-as em função de sua pertinência respetiva (trabalho sempre altamente subjetivo), inclui textos estrangeiros escritos mais ou menos na mesma época em que os *Contos gauchescos* se ambientam. A contribuição à formação cultural nacional das missões europeias e dos viajantes que percorreram as províncias brasileiras já tem sido amplamente documentada pelos historiadores brasileiros. Também serviram os depoimentos e estudos desses cientistas e viajantes para a fixação do vocabulário americano importado nos idiomas da metrópole. Assim, achei interessante transcrever aqui o que Arsène Isabelle diz dos farroupilhas, por ser seu “depoimento” expressado em francês e contemporâneo da vivência de Blau Nunes. Na verdade, estou tomando o trecho do capítulo “Da estante dos forasteiros” na coletânea de ensaios de Augusto Meyer, *Prosa dos pagos*. Como se vê na citação, Isabelle guardou a denominação ‘farroupilhas’ (escreveu ‘farrupilhas’), mas forneceu algumas explicações a respeito do termo em prol, imagino, de seu leitor francófono.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Impressionante, por ser quase sempre concorde, é o testemunho de Nicolau Dreys e Saint-Hilaire sobre o continentino, daquele momento histórico, pelo menos o habitante da campanha, o mesmo homem que alguns anos depois há de empenhar-se nas lutas da revolução farroupilha, essa tomada imprevista de consciência do seu valor, tal como o pressentira o naturalista francês. Arsène Isabelle, às vésperas do levante de setembro, também consigna em seu primeiro livro, referindo-se expressamente aos *farrupilhas* (em nota de pé de página esclarece, para fins de pronúncia figurada: *Farroupillas mouillé*):

“Il s’y fait quatre ou cinq journaux périodiques entièrement consacrés à la politique: les habitans de Porto-Alegre, de même que tous ceux des autres villes de l’empire, sont divisés en deux partis, celui des Caramurus, comprenant tous les partisans et défenseurs du gouvernement monarchique, et celui des *farrupilhas*, ou sans-culottes, partisans du gouvernement républicain. Les derniers sont en force, comme partout ; mais cette force ils ne la connaissent pas » (Arsène Isabelle, *Voyage*)

Poderia até se pensar em incluir, numa versão francesa dos *Contos gauchescos* devidamente anotada (uma edição crítica, digamos), trechos de escritos de Saint Hilaire, Dreys, Isabelle e outros viajantes franceses que a versão “mobilizasse” para comentar alguns desses acontecimentos históricos a que se refere Blau Nunes no curso de seus contos. Haveria em semelhante operação, pelo menos, a vantagem dos textos serem testemunhos de viajantes franceses sobre o espaço de ambientação da coletânea de Simões – “depoimentos” mais ou menos contemporâneos dos eventos aludidos ou relatados pelo narrador— constituindo-se assim em elo cultural entre o universo dos contos e o leitor francófono de hoje, ainda que este, evidentemente, não pode ter a mesma relação aos eventos que marcaram a história do Rio Grande do Sul que a do leitor gaúcho de Simões (não há acampamentos farroupilhas, nas cidades francesas, para manter viva alguma chama da memória revolucionária).

Em todo caso, julguei que aquele precedente (de Arsène Isabelle) autorizava de certo modo a manutenção da palavra original na versão francesa, uma vez que já foi submetida aos leitores franceses (mesmo que eu duvida que Arsène Isabelle seja entre os autores mais lidos na França). Quanto à “equiparação” entre os “farrapos” aos “sans-culottes” feita por Isabelle no seu depoimento, ela pode prestar a alguma confusão se se fizer uma associação baseada no sentido comum da palavra ‘farrapo’. Na verdade, o que Isabelle pode ter querido sublinhar na sua justaposição dos dois termos, é mais o caráter radical das facções que promoveram as revoluções, farroupilha no sul das Américas, francesa na Europa, uma vez que o termo ‘sans-culotte’ não quer dizer ‘maltrapilho’, mas se refere a uma particularidade vestimentária dos elementos mais extremistas entre os revolucionários.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Historicidade nos processos de semantização e ressemantização dos gentílicos. Suscetibilidades nacionais?

A representação do estrangeiro

Já foi observado que, na narrativa de Blau Nunes, os forasteiros são frequentemente apresentados sob uma luz pouco favorável – seguindo nisto, aliás, uma vertente já bastante estudada que percorre grande parte da literatura gauchesca – cf. Martín Fierro, protagonista do poema de José Hernández, que, enquanto narrador, expressa várias vezes juízos cujo caráter tem sido considerado como xenofóbico²¹⁵ por leitores e críticos. Vamos combinar que este mesmo traço “anti-imigratório” é muito comum na literatura em caráter “nativista” (nacionalista ou regionalista) em geral em qualquer parte do mundo, e em qualquer época que seja, uma vez que o nativismo se entende primariamente, por definição, pela oposição entre o que seria nativo (a gente de antiga cepa) e o que seria não nativo²¹⁶ (os recém-chegados). Deve se atribuir esta tendência de rejeição do forasteiro unicamente às personagens que emitem julgamentos de valor afins, inclusive ao narrador? Em que medida o vezo fez parte do ambiente ideológico no momento de concepção e publicação da obra, em que medida esteve compartilhado pelo autor? Isto é uma questão difícil de resolver. O certo é que a sua incorporação no discurso das personagens é condizente com um retrato verossímil de um “tipo crioulo”, não só como se tem definido ao longo das representações literárias, mas também como se tem constatado na historiografia nacional e regional.

²¹⁵ Ensaios abundam que relacionam o traço nativista na fala de Martín Fierro e o sentimento pronunciadamente xenofobo por parte das populações do pampa argentino. Vide, entre tantos outros, Clara E. LIDA “inmigración, etnicidad y xenofobia en la argentina: la masacre de tandil”, Revista de Indias, 1998, vol. LVIII, num. 214.

²¹⁶ A distinção, e a própria definição, depende do espaço geopolítico em questão. Nos Estados Unidos, por exemplo, a designação “*Native-Americans*” se reporta aos descendentes dos habitantes que os colonizadores europeus encontraram quando primeiro pisaram no sol americano. Porém, a palavra “nativism” se refere a um sentimento e movimento de exaltação da “americanidade” que daria a preferência aos primeiros “crioulos”, ou seja os, de origem europeia, que nasceram em solo americano, e, por conseguinte, valorizaria as populações que forneceram os primeiros contingentes de conquistadores, colonizadores, imigrantes em detrimento das de que se originaram levas de imigração mais tardia. Assim, o nativismo norte-americano seria para o norte-europeu, protestante e germânico ou anglo-saxão, em prol da população Wasp (incluindo o segmento “*trash*”?), e contra a contribuição demográfica e cultural de origem sul-europeia (aportes mediterrâneos, católicos, semíticos, latinos, etc.). No sul do Brasil, o nativismo se expressaria, ou se teria expressado, preferencialmente por uma exaltação de uma componente demográfica que seria derivada das primeiras levas de açorianos e outros ilhéus, da contribuição dos elementos paulistas (bandeiras), da miscigenação com os “nativos” em detrimento de elementos de população que chegaram mais tarde (a estrangeirada) ou de elementos ainda se associando com a metrópole (europeus, administração, etc., ou seja brasileiro e português).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Trate-se do **castelhano** “importuno” “clinudo”, “maula” e arrogante de “Deve um queijo”²¹⁷, do **ilhéu** “desgraçado” ou **galego** “comedor de verduras”²¹⁸ de “Melancia e Coco verde”, do padre **gringo** “engambelador” de “Penar de velhos”²¹⁹, dos **lamões** e ingleses melados e “especuladores” de “Contrabandista”²²⁰, **estrangeirada** mitrada, e até do próprio **imperador**²²¹, “mui maturrango” e “meio maricas”, Blau Nunes raramente deixa de acrescentar um qualificativo pouco elogioso a suas referências a forasteiros. Sendo semelhantes “deboches” direcionados aos “teatinos” um dos recursos consagrados para se afirmar a identificação com a “querência”, é natural que Simões Lopes Neto tenha integrado tal elemento à caracterização de seu narrador, nem que seja para acrescentar verossimilhança a esta caracterização. Bem como o fizeram, aliás, muitos autores antes dele e como o fariam, para tomar um exemplo em outro campo, os torcedores do Grêmio em detrimento de seus homólogos do Internacional ou vice-versa. Fez, faz, parte do jogo...

²¹⁷ “E o roncadador comeu... comeu até os farelos...; mas, de repente, empanzinado, de boca aberta, olhos arregalados, meio sufocado, todo se vomitando, pulou porta fora, se foi a um matungo e disparou para a barranca do passo... e foi-se, a la cria!... O reclamador da panela desbeijada deu uma risada e chacoteou, pra o rastro: - 'Orre, maula!... quebraram-te o corincho!...”

²¹⁸ “Esse tal era um ilhéu, mui comedor de verduras, e que para montar a cavalo havia de ser em petiço e isso mesmo o petiço havia de ser podre de manso... e até maceta... e nambi... e porongudo!... “. Blau reúne, dentro de um mesmo juízo, duas ofensas supremas na representação da mentalidade do gaúcho que, de certa maneira, ele próprio epitoma (não comer carne, ver o episódio do imperador e dos doces em “Chasque do imperador”, não saber montar a cavalo, recordando que Blau trata o imperador de “maturrango” como consta na nota seguinte).” “O ilhéu às vezes vinha à estância do tio, em carretinha...; veja vancê como ele era ordinário, que nem se avexava, de aparecer de carretinha, diante da moça!... E era só cama com lençóis de crivo, para o primo; fazia-se sopa de verdura para o meco; e até bacalhau aparecia, só pra ele!... Que isto das nossas comidas, um churrasco escorrendo sangue e gordura e salmoura... uma tripa grossa assada nas brasas... uma cabeça de vaquilhona... uma paleta de ovelha; e mogango e canjica e coalhada... e uns beijus e umas manapanças... e um trago de cana e um chimarrão por cima... e para rebater tudo, umas tragadas dum baio, de naco bem cochado e forte... tudo isso, que é do bom. e do melhor, para o ilhéu não valia nem um sabugo!...”

²¹⁹ “mas antes de morrer, engambelado por um padre gringo que apareceu aqui pelos pagos, lá fez uns papéis... e papéis foram que tudo o que era dele passou para missas e outros embrólios que ninguém sabia o que eram. Nem um tambeiro saiu para um afilhado!...” [...] “Cuê-pucha!... Eu desejava que ele aparecesse, só por causa do padre gringo!... Que sumanta o guri lhe não havia de encostar!... E... por Deus e um patacão!... Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar!... Ora se não!...”

²²⁰ “Depois é que apareceram uns lamões e uns ingleses, melados, que compravam o cabelo: por isso às vezes se cerdeava; mas eles pagavam uma tuta e meia. Veja vancê: sempre a estrangeirada especulando cousas de que a gente nem fazia caso...” [...] “O dinheiro do Brasil ficou muito caro: uma onça de ouro, que corria por trinta e dois, chegou a valer quarenta e seis mil réis!... Imagine o que a estrangeirada bolou nas contas!...”

²²¹ “O outro, o ruivo, assim a modo um gringo, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas. Pela pinta devia ser mui maturrango”. [...] “O imperador - esse era meio maricas, era!”, etc. Há compensações, é claro, na caracterização do imperador feita por Blau Nunes, “Mas, não senhor, era um homem de carne e osso, igual aos outros... mas como quera... uma cara tão séria... e um jeito ao mesmo tempo tão sereno e tão mandador, que deixava um qualquer de rédea no chão!... / Isso é que era!...” mas elas não têm o relevo daquelas outras qualificações no plano da narrativa e da leitura.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

É porventura no achincalhe do inimigo comum ou do estrangeiro/estranho ao grupo que se cristaliza da maneira mais ostensiva a afirmação de uma identidade coletiva supostamente compartilhada pelos membros do grupo, da comunidade, da população ou povo, etc. Neste respeito, é bom lembrar que a personagem de Blau Nunes se enquadra em um duplo movimento de reivindicação de autonomia política, a independência do Brasil por um lado, a independência do Rio Grande do Sul simbolizada pela revolução farroupilha²²², por outro lado, com uma posição meio “em cima do muro” assumida pela figura histórica de João Simões Lopes Neto, pelo menos segundo alguns biógrafos do escritor²²³.

A propósito desta tendência deprimente na representação dos estrangeiros e das consequências que pode haver nas decisões tradutórias, gostaria de me debruçar um momento na questão da representação dos imigrantes italianos em particular pelos escritores gauchescos, quer de língua espanhola quer de língua portuguesa. Para este início de conversa, escolhi comentar o uso da palavra ‘gringo’ pelo narrador dos contos e examinar as implicações que esse uso pode ter havido no que diz respeito a sua transferência em versões estrangeiras.

De gringos e realejos

O caso do gringo – as palavras no seu espaço e na sua época. Uma ilustração da dimensão histórica e geográfica na emergência e no uso (inclusive literário) dos gentílicos e politônimos.

O que significa a palavra “gringo” na boca do narrador Blau Nunes, apresentado pelo suposto transcritor e prefaciador dos *Contos gauchescos* como um “genuíno tipo – crioulo – rio-grandense (hoje tão modificado), [...] guasca sadio”? Como foi levada em conta, olhando para as versões estrangeiras, uma possível especificidade “local” no uso do vocábulo? Vejamos, em um primeiro tempo, as escolhas tradutórias correspondentes às ocorrências do termo ‘gringo’ no texto de Simões, tais como essas escolhas são constatáveis nas versões para o italiano e para o espanhol já comercializadas.

²²² “-Vancê está se rindo e fazendo pouco?... E porque vancê não é daquele tempo... quando rompeu a independência lá na Corte do Rio de Janeiro... e depois tivemos que ir pra coilha fazer a guerra dos Farrapos” (“Melancia e Coco verde”). E há também um terceiro elemento que se encontra no afã por parte de muitos líderes políticos da época em que se ambientam os *Contos* de se livrar da monarquia para abraçar um regime republicano.

²²³ Tampouco tomou Simões realmente partido na revolução de 1893, nem participou militantemente do movimento abolicionista, demonstrando de certo modo as contradições e hesitações inerentes à posição (e ao posicionamento) de um homem de sua categoria social e de seu tempo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contos gauchescos

O outro, o ruivo, assim a modo um **gringo**, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas.

Aí inundou-se a fronteira da província de **espanhóis e gringos** emigrados. A cousa então mudou de figura. A estrangeirada era mitrada, na regra, e foi quem ensinou a gente de cá a mergulhar e ficar de cabeça enxuta...;

o dono era um sujeito alarifaço, cá pra mim, desertor, **meio espanhol meio gringo**, mas mui jeitoso para qualquer arreglo que cheirasse à prata...

então conchavava **algum gringo tocador de realejo**

engambelado por um padre gringo que apareceu aqui pelos pagos [...] Eu desejava que ele aparecesse, só por causa do **padre gringo!**...²²⁴

Storie di gaùchos

L'altro, il rosso, che pareva uno **straniero**, vestiva tutto di nero, con un soprabito di lana, con il velluto sul bavero e gli stivali alti, senza speroni.

Allora i territori di frontiera della provincia furono inondati di **spagnoli e di europei** emigrati. La situazione allora cambiò aspetto. Gli stranieri erano astutissimi, in genere, e furono loro che insegnarono alla gente di qui a tuffarsi rimanendo con la testa asciutta...

il padrone era un gran lestofante, credo anche un disertore, **mezzo spagnolo, mezzo gringo**, ma molto abile in qualsiasi affare in cui si sentisse odor di denaro

allora si assicurava i servizi di **qualche gringo suonatore di organetto**

abbindolato da un prete gringo che era venuto da queste parti. [...] Avrei voluto che ritornasse solo per via del **prete gringo!**....

Cuentos gauchescos

El otro, el rubio, a modo de un **gringo**, venía todo de negro, con un gabán de paño de lana, con terciopelo en el cuello y de botas amarillas de caña alta, sin espuelas.

Ahí se inundó la frontera de la provincia de **españoles y gringos emigrados**. La cosa cambió de forma. La gringada era experta, siempre, y fue la que enseñó a la gente de acá a zambullirse sin mojarse...;

el dueño era un sujeto muy alarife, para mí desertor, **medio español medio gringo**, pero muy habilidoso para cualquier arreglo que oliera a plata

entonces conchababa algún **gringo tocador de organito**

engatusado por un cura gringo que apareció por estos pagos [...] ¡Yo quería que él se apareciera, sólo por el cura gringo!

²²⁴ Que sumanta o guri lhe não havia de encostar!... E... por Deus e um patacão!... Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar!...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Neste quesito das representações do forasteiro²²⁵, as escolhas de Giuseppe Tavani, em relação àquelas efetuadas pelo próprio Simões Lopes Neto para compor a voz de seu personagem principal, interessam-nos em vários aspectos, notadamente no que toca à problemática da transposição cultural no processo de tradução. Assim, vale observar que Tavani optou por deixar a palavra “gringo” tal qual na sua versão italiana do texto simoniano. Ora, em italiano como em francês, a palavra “gringo”, se não me equivoco, evoca antes o norte-americano, tal como seria visto e denominado pelos mexicanos, do que o colono europeu nas Américas.

Aqui temos um problema um pouco similar ao que evoquei em relação à tradução de ‘índio’ por ‘*indio*’ em italiano ou ‘*indien*’ em francês, as três palavras indubitavelmente evocando realidades étnicas significativamente diferentes para, digamos, o leitor pelotense de 1912, o leitor italiano de 1956, ou um leitor francês de 2015.

Cabe frisar, no entanto, que, se Giuseppe Tavani conservou a palavra tal qual Simões Lopes Neto a colocou na boca do Blau Nunes do texto original, o tradutor italiano tomou todavia o cuidado de demarcá-la, com letra itálica, precisamente, no conjunto tipográfico de sua versão, apontando justamente com este procedimento para o fato de a palavra não ter o mesmo sentido em contexto e fora de contexto (ou seja, esquematizando, para “Blau Nunes”, por um lado, e para o leitor italiano por outro lado).

Uma vez que Tavani avisou, logo na introdução à sua tradução, que as palavras em grifo remetiam a entradas explicativas do glossário colocado em apêndice de *Storie di gaúchos*, é para lá que me encaminhei em seguida com o intuito de dar uma olhada na explicação suprida. Eis o que encontrei:

“nome con cui nei paesi di lingua spagnola del Rio de la Plata viene designato **l’europeo immigrato di recente** e perciò non ancora adattatosi alle abitudini del luogo. Suona quasi sempre dispregiativo, con il significato di imbroglione”.

Certo, a definição de Tavani é correta. Trata-se com efeito de uma voz local que designa o europeu recentemente imigrado para o Brasil. Mas, poderíamos dizer que o tradutor italiano pecou um pouquinho por omissão na sua explicação da palavra, especialmente se a compararmos com as supridas em notas de rodapé de diversas edições brasileiras da obra.

²²⁵ Seja ele de fora do país, do Estado, da campanha, da querência (“E o sujeito quis retouçar, porém ela negou-lhe o estribo, porque já trazia mais de quatro pelo beízo, que **eram dali, da querência, e aquele tal dos versos era teatino...**” “O Negro Bonifácio”). Corresponde ao clássico “stranger” dos romances e filmes norte-americanos, na maioria dos casos, malvisto pelas “autoridades” locais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Cumpramos reparar que o que Giuseppe Tavani não julgou relevante precisar, para esta entrada no seu glossário, é o fato desses imigrantes europeus terem sido, para a maioria dentre eles, e em se situando no período abrangido pelos contos, ou alemães ou italianos²²⁶, outras proveniências, Polônia, Inglaterra, etc. sendo bem menos representadas, mais esparsas ou mais tardias. Esses imigrantes, ou colonos, tinham chegado ao Brasil ao mesmo tempo em que o país se industrializava, mas também porque o setor agropecuário, que se estava desenvolvendo rapidamente, precisava de mão de obra após a abolição da escravidão.

É praticamente seguro que Giuseppe Tavani se valeu, entre outras ferramentas utilizadas para ajudá-lo na sua tarefa de tradução da obra de Simões, do glossário que Aurélio Buarque de Holanda compilou e disponibilizou em prol dos leitores da edição de 1949 dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul*, sendo inegável que o trabalho do famoso lexicólogo tem sido extremamente valioso para seja quem fosse que empreendesse a tradução de textos do Simões Lopes Neto. Entretanto, vale notar que, curiosamente, Buarque de Holanda não incluiu o verbete “gringo” no seu glossário. Por sua parte, o dicionário Houaiss dá a seguinte definição, condizente com a explicação suprida por Giuseppe Tavani no próprio glossário que adicionou a seu *Storie di gaúchos*:

Houaiss: **gringo**. substantivo masculino 1 Regionalismo: Brasil. Uso: informal, pejorativo. indivíduo estrangeiro, residente em ou de passagem pelo país.

Ora, qualquer dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul ou do Rio do Prata indica que o termo “gringo” utiliza-se comumente neste Estado ou nos países vizinhos – digamos na *comarca pampeana* em geral – para designar mais especificamente os imigrantes de estirpe italiana ou os descendentes de colonos italianos²²⁷. Haveria, sim, um sentido mais especificamente localizado no uso da palavra “gringo” na comarca pampiana, e talvez Tavani, por razões que se podem imaginar, tivesse relutado em remeter seu leitor inequivocamente a esta especificidade.

²²⁶ Habitualmente, o começo da imigração em massa dos alemães se fixa em torno do ano 1825 e o dos italianos em torno do ano 1875.

²²⁷ “Gringo, de modo geral, no Rio Grande do Sul, é o italiano, mas também denominam assim os de outras nacionalidades, exceto o português, que é galego” podemos ler no *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* dos irmãos Zeno e Rui Cardoso Nunes. Os lexicólogos não costumam assinalar a possibilidade de se atribuir ao uso da palavra uma coloração depreciativa, porém, é inegável que, nos contos de Simões Lopes Neto como em textos de outros autores da *comarca pampeana*, os gringos – bem como os demais não gaúchos aliás (a “estrangeirada”) – habitualmente não soem desempenhar o papel mais prestigioso entre as personagens envolvidos no enredo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Feita esta observação, convém acrescentar que, entre as 35 ocorrências do termo “gringo” que se encontram nos textos de Simões Lopes Neto que consultei, não são necessariamente todas que se referem a uma ascendência italiana. Ainda assim, não se pode negar que a probabilidade de que, na maior parte delas, tal seja o caso, fica muito elevada. Basta, aliás, para verificá-lo, dar uma olhada no contexto em que cada ocorrência se encontra.

Vemos a seguir, pois, alguns exemplos de uso da palavra “gringo” em *Contos gauchescos*:

Em “Penar de Velho”: **engambelado** por **um padre gringo** que apareceu aqui pelos pagos, lá fez uns papéis... [...] Cuê-pucha!... Eu desejava que ele aparecesse, só por causa do padre gringo!... Que sumanta o guri lhe não havia de encostar!... E... por Deus e um patação!... Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar!... Ora se não!...

Em “Chasque do Imperador”: O outro, o ruivo, **assim a modo um gringo**, vinha todo de preto, com um gabão de pano piloto, com veludo na gola e de botas russilhonas, sem esporas.

Em “Melancia – Coco Verde”: Este Costa lunanco era um pente-fino, que naquele tempo arranhou tirar para ele e para os filhos – miudagem, ainda – como quatro sesmarias de campo, sobre o lbicuí, pegadas umas nas outras, e com umas divisas largas... **como goela de gringo!**...

Em “Jogo de Osso”: o dono era um sujeito **alarifaço, cá pra mim, desertor, meio espanhol meio gringo**, mas **mui jeitoso para qualquer arreglo que cheirasse à plata** [...] então conchavava **algum gringo tocador de realejo** e estava preparado o divertimento.

Fora os *Contos gauchescos*, os gringos que povoam os textos de Simões Lopes Neto, com ou sem realejo, estão também sob forte suspeita de terem origem em uma cepa italiana. Nos trechos que seguem, por exemplo, o contexto deixa bem claro, mediante a suposta imitação da “linguagem virada” no primeiro (aquela linguagem “macarrônica” que se encontra em textos como *Juó Bananere*) e a escolha do antropônimo no segundo, que o referido ‘gringo’ é italiano ou de ascendência italiana.

Ou ainda o compadre dê seguido
Raiz de vassourinha feito mate;
É receita que deu-me um **gringo** velho,
Um pouco meio ladrão, meio mascate.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Me dizia esse **gringo** que te falo

Em linguagem virada, p'ra explicar:

Piliate due o tre raice vassurin,

I botate a lo mate, p'ra tumar! -

(“Os vizinhos” em *Cancioneiro guasca*)

Conheci muito – quase na estrada do Caverá – um gringo ruivo, torto, de cabelo à escovinha, **chamado Domenico**, o qual tinha um boliche mui arrebatado, localizado ao lado de cá do Passo do Mutuca, sobre um galho do Ibicuí da Armada. (“O gringo das linguças” em *Casos do Romualdo*)

Verifica-se através desses exemplos de uso do termo em *Contos gauchescos* e outros textos, que, em quase cada ocorrência, na narrativa de Blau Nunes, por exemplo, a palavra se tingiu de uma coloração, digamos, desvantajosa (o padre gringo engambela a família do Binga, o imperador (que era meio maricas) se veste à maneira dos gringos, o dono do boliche de “Jogo de Osso” é um sujeito “alarifaço”, “meio gringo”, etc.

Esse valor pejorativo²²⁸ que vem a adquirir a palavra “gringo” por meio, principalmente, dos qualificativos que acompanham suas ocorrências na narrativa não é em absoluto específico dos textos de João Simões Lopes Neto. Ele se encontra em todo o espaço gaúcho/*gaucho* tal como é representado na literatura ou na canção popular, inclusive, portanto, em terras hispanófonas onde, desta vez, a discriminação opera, por parte dos castelhanos (argentinos), às custas dos imigrantes italianos (e, às vezes, dos ingleses). Assim podemos ler em *El gaucho Martín Fierro*:

54

Allí un **gringo con un órgano**
y una mona que bailaba
haciéndonos reír estaba
cuando le tocó el arreo.
¡Tan grande el **gringo** y tan feo,
lo viera cómo lloraba!

55

Hasta un **inglés zanjador**
que decía en la última guerra
que él era **de Inca-la-perra**
y que no quería servir,
tuvo también que juír
a guarecerse en la sierra²²⁹.

²²⁸ Cabe lembrar que os *Contos gauchescos* é um texto alicerçado sobre uma representação da vida pampiana na segunda metade do século XIX, inclusive nos seus usos languageiros, e que muitas particularidades da fala de Blau, portanto, integram esta representação das práticas culturais e linguísticas.

²²⁹ Observa-se que esse Inca-la-perra (enche-a-cachorra) est traduit par Inca-la-perra-land dans l'une des versions anglaises du Martin Fierro (não é a versão de Walter Owen) sem o tradutor dar outro índice relativo à identificação desse **land**. Na mesma senda, seria interessante examinar a maneira como os diversos tradutores italianos do poema de José Hernández (quatro ou cinco, acredito) lidaram com as várias ocorrências da palavra.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A propósito da segunda estrofe (55) repara-se que Blau Nunes se refere também a estrangeiros vindos do norte da Europa, no conto “Correr Eguada”, onde se pode ler:

Depois é que apareceram **uns lamões e uns ingleses, melados**, que compravam o cabelo: por isso às vezes se cerdeava; mas eles pagavam uma tuta e meia. [...] Veja vancê: sempre a **estrangeirada** especulando cousas de que a gente nem fazia caso...

Contudo, é a presença italiana que mais marca os textos gauchescos. Sobre aquele gringo particular, chamado Domenico, a que me refiro na página anterior, encontramos a observação seguinte no glossário elaborado por Aurélio Buarque de Holanda em prol dos leitores da edição de 1949 dos *Contos gauchescos* (na entrada “bochinche”). Ela corrobora a importância do tipo no esquema de representação do pampa que Simões integrou a seus relatos.

“BOCHINCHE, s. m. Esta palavra está em Simões Lopes Neto no sentido de boliche, isto é, “taverninha, bodega”. Erro de revisão, certamente: bochinche é “baile reles” e “desordem, briga”. Tenha-se, aliás, em vista o seguinte: no conto “Jogo do Osso”, onde aparece bochinche por boliche, o autor se refere a “um bochinche meio arreventado”, cujo dono “era um sujeito alarifaço, cá pra mim, desertor, meio espanhol, meio gringo”; **pois num dos Casos do Romualdo, intitulado “O Gringo das Linguças”, Simões Lopes nos dá a conhecer “um gringo ruivo, torto, de cabelo à escovinha”, “o qual tinha um boliche mui arreventado”, e pouco depois escreve: “Verdade que eu não estava almoçando na mesa do boliche e sim na da família do gringo.” É de notar que o qualificativo dado ao boliche é o mesmo nas duas histórias: “meio arreventado”; e que na segunda aparece a palavra boliche duas vezes. (Através dos naturais disfarces da ficção é possível – observe-se de passagem – reconhecer no “gringo ruivo, torto”, de um dos contos, o mesmo “sujeito alarifaço”, “meio espanhol, meio gringo”, do outro.)** No entanto o Dicionario de Americanismos, de Augusto Malaret, consigna, entre as acepções de bochinche, a de “pulperia o taberna de pobre aspecto”, vale dizer boliche.

O passo seguinte consistia em examinar não somente como o termo em pauta tinha sido usado pelos autores da *comarca pampeana* dentro de uma época que fosse mais ou menos contemporânea do intervalo temporal representado nos *Contos*, mas também verificar a sua transferência para outros idiomas do que o espanhol e o português. Convinha conferir algumas traduções do termo “gaúcho” ‘gringo’ em versões estrangeiras de obras gauchescas. Assim, Paul Verdevoye, autor da única versão francesa de *El gaucho Martín Fierro* não se deixou “engambelar” pelo vocábulo, traduzindo *gringo* por “*Italo*”. Vale observar que ele até acrescentou uma nota de fim de texto para explicar ao seu leitor essa escolha de tradução.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Un **Italo** joueur d'orgue*
et sa guenon qui dansait
étaient en train d'nous faire tordre
quand on vous l'raffle aussi sec.
L'était bien vieux et bien laid
Fallait voir comme il pleurait

*Le gringo (italo) était surtout l'Italien, bien que ce mot désignât aussi n'importe quel étranger²³⁰.

Além disso, encontramos o verbete “gringo” em vários dos glossários que acompanham edições anotadas de *El gaucho Martín Fierro* como aqui: *Gringo: Extranjero, en especial tradicionalmente el italiano y más modernamente el de cultura anglosajona*).

Nas versões brasileiras do poema de José Hernández, nota-se que a palavra “gringo” foi mantida, o que é de fácil compreensão quando se considera que o vocábulo em pauta tem, em princípio, acepções similares em todo o território da *comarca pampeana* (espaço geocultural tal como o definiram intelectuais como Angel Rama). De maneira geral, é de se constatar que um mesmo veio “nativista” percorre praticamente toda a literatura gauchesca, contrastando os primeiros grupos a ter povoado o pampa após os indígenas (que seriam os *gauchos/gaúchos* provenientes do cruzamento dos índios e dos ibéricos, i.e. espanhóis ou portugueses) com os “recém” chegados (principalmente colonos ingleses e italianos no norte da Argentina e colonos alemães e italianos no sul do Brasil).

Era un **gringo** tan bozal,
que nada se le entendía.
¡Quién sabe de ánde sería!
Tal vez no fuera cristiano,
Pues lo único que decía
es que era pa-po-litano.

Era un **gringo** tan boçal
que nada se lhe entendia.
Quem sabe de onde seria !
Talvez cristão, por engano
Pois somente o que dizia
é que era “pa-po-litano”.

Depois deste desvio pelo pampa argentino, voltemos para o espaço luso-brasileiro, aquela Campanha sul-rio-grandense em que os *Contos* de João Simões Lopes Neto foram ambientados.

²³⁰ Conforme indiquei, a nota, pois, é do próprio Paul Verdevoye que a agregou em rodapé da versão francesa precisamente para explicar (justificar?) sua tradução de ‘gringo’ por ‘italo’.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Omissão tendenciosa?

Pois então, eu penso, mas talvez não passe de elucubração desenfreada, que Giuseppe Tavani pode ter desejado – seria legítimo desde certo ponto de vista – não explicitar esse sentido (gringo no pampa = imigrante italiano), por motivos que, podemos imaginar, seriam vinculados à receptividade de sua versão. Tratar-se-ia, a final, de um pequenino sacrifício tradutório/editorial e a “omissão” da informação permitiria, se de fato houve omissão, não arriscar ferir a susceptibilidade de alguns leitores²³¹.

Ao mesmo tempo, parece-me que, se a intenção era efetivamente de não associar por demais diretamente a palavra aos colonos italianos ou aos seus descendentes, esse “gringo” (não traduzido, mas a não-tradução não deixa de ser uma tradução) constitui um exemplo interessante de uma modalidade na qual critérios de escolha ligados às expectativas de receptividade do texto são suscetíveis de ter influenciado o tratamento do léxico.

Este tipo de implicação das escolhas de tradução é ainda mais interessante porquanto se encaixa nas perspectivas instigantes que se têm recentemente delineado a partir de áreas de confluência entre os estudos de tradução e os estudos pós-coloniais. Pensa-se, por exemplo, nos trabalhos de Lawrence Venuti que investigou como escolhas de transferência nas versões estrangeiras podiam ser reveladoras de políticas culturais com viés colonizante ou pós-colonizante, influenciando na maneira como o leitor podia perceber determinadas situações representadas nas obras, particularmente nas relações entre cultura dominante e culturas minoritárias.

Não é preciso acrescentar, por sinal, que essa “limitação” do sentido (limitação por ampliação por assim dizer) pode ter sido imposta pela editora²³², por motivos concernentes à comercialização da tradução, sempre lembrando que o contexto no qual se produziu e se publicou a versão de Tavani (a Itália dos anos 1950) não era favorável a certas escolhas, devido a certa exacerbação do sentimento nacionalista naquele momento.

²³¹ Novamente, todos os tipos de estrangeiros, os que não são americanos, os que não são sulistas, que não são gaúchos, ou gauchos, etc. os teatinos enfim (que não são do pago ou da querência) recebem mais ou menos um tratamento similar na boca de Blau Nunes, o qual, afinal de contas, não faz muita diferença com respeito a sua valorização ou desvalorização entre os *lamões, castelhanos, espanhóis, reinóis, galegos, ilhéus* ou *gringos*.

²³² Repara-se, neste respeito, que a “nacionalização” de um termo regional se faz frequentemente no sentido do apagamento de determinados valores conotativos e da preferência do sentido genérico sobre o sentido específico, como se a ampliação do espaço de uso de um termo correspondesse também a uma dilatação ou diluição de sua significação.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Seguindo a mesma linha de pensamentos, é provável que, se os *Contos gauchescos* tivessem sido publicados, mais ou menos no mesmo período em que o foram inicialmente, porém em uma versão adaptada ao público leitor português, o traço bastante forçado no retrato dos *galegos* do texto original tivesse sido algo diluído nesta postulada versão para o Portugal.

Caramurus²³³

Nesse domínio particular dos gentílicos, podem notar-se, pois, outras escolhas do tradutor italiano, de que seria sempre possível debater: por exemplo, aquela tradução de ‘galego’, justamente, por ‘legalisti’ na versão italiana do conto “Melancia e Coco Verde”.

É bem possível que Tavani tenha sido coberto de razão em optar por ‘legalisti’, na medida em que essa acepção (‘legalista’) é efetivamente registrada nos verbetes correspondentes ao termo ‘farrapo’ em dicionários brasileiros, sejam genéricos²³⁴, sejam especializados, e que a escolha é absolutamente plausível no contexto. Com efeito, pouco antes da primeira ocorrência do termo ‘galego’, o narrador menciona os farrapos (republicanos e revolucionários). Estas são observações que nos levam a verificar tal ou tal conjectura sobre a tradução de termos relativos à categorização dos indivíduos em função da vida política no território em que são residentes.

Como deve ter sido manifesto neste estudo focado em alguns gentílicos utilizados por Blau Nunes em *Contos gauchescos*, na maior parte das ocorrências, as designações baseadas no lugar de procedência das personagens dos causos remetem a alguma situação política.

Com efeito, constata-se que, muitas vezes, as implicações de uma relação mais ou menos estreita entre origem geográfica e afiliação política se comunicam através de associações de ordem geopolítica. Logicamente, os ‘galegos’ e ‘ilhéus’ eram, na sua maioria, ‘legalistas’ uma vez que uma maioria teria defendido a manutenção do Brasil no seio da metrópole portuguesa.

²³³ Eis a definição oferecida pelo dicionário de Antônio Houaiss: “Caramuru: substantivo de dois gêneros - Rubrica: história. Regionalismo: Brasil. 8 partidário do grupo político que, durante a Regência, se opunha à decretação da maioria de D. Pedro II. 9 partidário do partido político que defendia a volta de D. Pedro I ao trono após a abdicação; restaurador. Vale incluir também a nota etimológica incluída no mesmo verbete: “tupi *karamu'ru* 'moreia'”, lembrando que a palavra teria designado em primeira instância, na boca dos indígenas, os invasores europeus (cf. o poema de Santa Rita Durão, publicado em 1781); ou seja, o termo ‘caramuru’ continuou, de certa maneira, a designar os “invasores” ao longo da história, primeiro, alegadamente por parte dos indígenas, e depois, por parte dos “nativos” (ou “nativizados”).

²³⁴ galego: Rubrica: história. Regionalismo: Rio Grande do Sul. Uso: pejorativo. no Império, epíteto que os farrapos (‘insurrectos’) davam aos legalistas, membros do partido conservador (Houaiss)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Afinal de contas, o fenômeno se encontra nas histórias de todos os processos de colonização e descolonização, sendo, também logicamente, que boa parte das tropas enviadas para reprimir as aspirações independentistas provinham das metrópole.

Enfim, haveria, pois, uma circulação geral do sentido que se efetua entre gentílicos²³⁵, etnônimos, politônimos na medida em que as palavras e referências se associaram ou se dissociaram entre si, em função das circunstâncias históricas²³⁶ e da evolução linguística que as acompanhou.

²³⁵ Só no quesito das designações do português, em relação com um ponto de vista depreciativo do “autóctone” (i.e. o paulista, o gaúcho, etc.), encontramos uma diversidade impressionante de termos que foram usados ao longo da história da formação nacional. Assim, o Houaiss dá como sinônimo de ‘galego’ (no sentido de ‘português’): “**como subst. pej.:** abacaxi, bicudo, boaba, boava, buava, candango, caneludo, chumbinho, cotruco, cupé, cutruca, emboaba [orig.contrv., talvez do tupi]”, emboava, embuaba, embuava, labrego, marabuto, marinheiro, maroto, mascate, mondrongo, novato, parrudo, pé de chumbo, portuga, puça, sapatão, talaveira; ver tb. sinonímia de ádvena e carimboto”

²³⁶ Certo, o que se reprimiu, segundo as autoridades, foram as revoltas que colocavam em perigo a integridade da nação, mas é difícil não pensar que a guerra aos insurgentes pode ter sido aproveitada, em certos casos, para uma limpeza étnica (estou pensando por exemplo, na repressão da cabanagem no Pará que teria acabado com quase um terço da população, maioritariamente negra ou mestiça, mulata, cabocla, cafuza). Difícil dizer em que medida o fato étnico desempenhou papel relevante nos levantamentos e na sua repressão (até em eventos como Canudos, ou mesmo Carandiru mais tarde). E haveria de se considerar também a questão do recrutamento dos perfis socioétnicos dos soldados mobilizados nessas campanhas de repressão.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº15 - O DUELO DOS FARRAPOS

LE DUEL DES FARRAPOS

Já um ror de vezes tenho dito - e provo - que fui ordenança do meu general Bento Gonçalves.

J'ai dû dire ça un tas de fois, et je peux le prouver, que j'ai servi comme ordonnance du général Bento Gonçalves.

Este caso que vou contar pegou o começo no fim de 42, no Alegrete e foi acabar num 27 de fevereiro, daí dois anos, nas pontas do Sarandi, pras bandas e já pertinho de Santana.

Cette histoire que je vais vous conter, elle commence à la fin de l'année 42, à Alegrete, et se termine un 27 février, deux ans plus tard, près des sources du Sarandi, en allant vers Santana et même pas très loin de là.

Foi assim. Tenho que contar pelo miúdo, pra se entender bem. Em agosto de 42, o general, que era o presidente da República Rio-Grandense - vancê desculpe... estou velho, mas inté hoje, quando falo na República dos Farrapos, tiro o meu chapéu!... - o general fez um papel, que chamavam-lhe - decreto - mandando ordens pr'uma eleição grande, para deputados; estes tais é que iam combinar as leis novas e cuidar de outras cousas que andavam meio à matroca, por causa da guerra.

Il faut que je vous raconte par le menu pour qu'on comprenne bien. En août 42, le général, qui était président de la République du Rio Grande do Sul —pardonnez-moi, je suis vieux, mais aujourd'hui encore, quand je mentionne la République des Farrapos, il faut que je tire mon chapeau ! ... Bento Gonçalves, donc, a fait publier un papier, un décret qu'ils appelaient ça, ordonnant la tenue d'élections générales pour choisir les députés, puisque c'était eux qui devaient faire les nouvelles lois et s'occuper d'autres choses qui allaient plus ou moins à vau l'eau à cause de la guerre.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em setembro houve a eleição; em outubro já se sabia quem eram os macotas votados, que eram quase todos os torenas que andavam na coxilha. O jornal do governo deu uma relação deles e dos votos que tiveram, que eu sabia, mas já esqueci.

En septembre, l'élection a eu lieu ; en octobre, on savait déjà les noms des grands chefs qui avaient été élus et qui, pratiquement tous, faisaient partie des braves qui étaient en campagne*. Le journal du gouvernement a publié une liste des députés avec le nombre de votes qu'ils avaient obtenus, liste que je connaissais mais que j'ai oubliée.

Por sinal que esse jornal chamava-se - Americano - e tinha na frente um versinho que saía sempre escrito e publicado e que era assim, se bem me lembro:

Soit dit en passant, ce journal s'appelait Americano et paraissait toujours avec un petit poème en tête de première page qui disait, si je me souviens bien ;

"Pela Pátria viver, morrer por ela;
Guerra fazer ao despotismo insano;
A virtude seguir, calcar o vício;
Eis o dever de um livre Americano".

« Vivre pour la patrie, pour la patrie mourir
Faire la guerre au despotisme insane
Suivre la vertu, piétiner le vice
C'est le devoir d'un Américain libre »

Em novembro, os deputados, que eram trinta e seis, mas que só se apresentaram vinte e dois, juntaram-se em assembléia; em dezembro, logo no dia um, foi então a cerimônia principal.

En novembre, les députés, qui étaient au nombre de trente-six mais dont seuls vingt-deux se sont présentés, se sont réunis en assemblée ; en décembre, le premier jour du mois, a donc eu lieu la cérémonie principale.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O general foi em pessoa, como presidente, com a ministrada, os comandantes de corpos e outros topetudos, e aí fez uma - Fala - muito sisuda e compassada, que todos escuitaram quietos, só sacudindo a cabeça, como quem dizia que era mesmo como o general estava lendo no escrito.

Le Général s'y est rendu en personne, en tant que président, accompagné de ses ministres et des commandants de corps et autres grosses légumes, et il y a fait un discours plein de sagesse et de mesure, que tous ont écouté en silence, en se contentant de hocher la tête, comme s'ils avaient voulu dire que oui, tout était bien comme le général lisait sur son papier.

Uê!... e que pensa vancê?... Estava tudo na estica, sim senhor: fardas novas, bainhas de espada, alumando; redingotes verdes ou azuis com botões amarelos, padres com as suas batinas saidinhas; um estadão! E famílias, muita moçada fachuda, povaréu, e até uma música. Eu e o outro ordenança, os dois, mui anchos, de gandola colorada.

Et à cette occasion, qu'est-ce que vous croyez ? Tout était comme à la parade, oui monsieur, uniformes neufs, gaines des sabres étincelantes, redingotes vertes ou bleues avec des boutons jaunes, les pères de l'église dans des soutanes de jour de fête ; un luxe, je vous dis ! Et avec ça des familles, plein de beaux jeunes gens, du peuple, et même de la musique. Moi et l'autre ordonnance, tous les deux bombant le torse sous notre tunique rouge.

Por esse entrementes, no Estado Oriental, andava gangolina grossa entre Oribe e Rivera, que eram os dois que queriam o penacho de manda-tudo. Volta e meia as partidas deles se pechavam e sempre havia entrevero.

Entretemps, dans l'État oriental, une vilaine dispute opposait Oribe et Rivera, les deux chefs de l'autre côté qui convoitaient le panache du commandement suprême. Régulièrement, leurs troupes se heurtaient et il y avait toujours de la bagarre.

Ah! se vancê visse a indiada daquele tempo... cada gadelhudo... Ah! bom!...

Ah si vous aviez vu les gaillards de cette époque... de ces lions avec leur crinière... Sacré nom !

Mas, como quera, onde se encontrasse, a nossa gente entropilhava-se bem com a deles. E mesmo era ordem dos sup'riores.

Mais, en tout cas, quand il fallait, nos troupes se mêlaient sans rechigner aux leurs. Faut dire que c'était un ordre des supérieurs.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando íamos mal da vida, já pelas caronas, nos bandeávamos para o outro lado da linha; lá se churrasqueava, fazia-se uma volteada de potrada e voltávamos à carga, folheiritos no mais!

Quand nous étions en mauvaise posture, on passait de l'autre côté de la frontière, pour y faire un churrasco, rassembler une troupe de mustangs, et on revenait à la charge, toujours farauds !

O barão Caxias, que era o maioral dos caramurus, mordida-se com estas gauchadas.

Le baron Caxias qui était le grand chef des caramurus, était exaspéré par ces gauchadas.

Mas tanto Oribe como Rivera nos codilhavam quando podiam, porquanto faziam também suas fosquinhas aos legais... apertavam o laço pra nós, mas afrouxavam a ilhapa pra eles...

Mais aussi bien Oribe que Rivera nous entourloupaient quand ils le pouvaient, même si, dans le même temps, ils embobinaient aussi les légaux... Ils resserraient la boucle du lasso sur nous, mais en donnant du mou à l'autre bout...

Vancê entende?... Pau de dois bicos!...

Vous me suivez ? ... Des as du double jeu !

- Mas, vá vancê escuitando.

Mais écoutez donc ce qui s'est passé après.

Rabo-de-saia é sempre precipício pros homens...

Les jupons, c'est toujours une perdition pour les hommes...

Não vá vancê cuidar que no caso andou mulher botando fungu no coração de ninguém, não, senhor; a cousa foi muito outra, de alrifage...

N'allez pas croire que, dans cette affaire, une femme ait jeté un sort quelconque dans le cœur de personne. Non monsieur, la chose a été toute autre, un vrai coup fourré.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Naquele novembro de 42, quando os deputados foram-se ajuntando, de um a um, vindos de todos os rumos da província da República e havia na vila do Alegrete movimento de comitivas e piquetes, um dia, já à boquinha da noite, chegou uma carreta de campanha, mui bem toldada, com boiada gorda, e escoltada por um acompanhamento grande, de gente bem montada e armada.

En ce mois de novembre 42, quand les députés se sont réunis, arrivant les uns après les autres de tous les coins de la province de la République, et qu'il y avait dans la petite ville d'Alegrete un va et vient de comités et de détachements de piquet, un jour, on était déjà à la tombée de la nuit, est arrivé un chariot de campagne, bien bâché, tiré par des bœufs bien gras et accompagné par une bonne escorte de cavaliers bien montés et bien armés.

Chegou o combói e parou em meio da praça; e logo o que vinha de vaqueano cortou-se e foi apresentar o passe e outros papéis; e foi dizendo que a pessoa que vinha na carreta era uma senhora-dona viúva, que trazia ofício pra o governo e que era sobre uns gados que haviam sido arrebanhados e cavalhadas, e prejuízos e tal, e mais uma conversa por este teor e com mais voltas que um laço grande enrodilhado...

Donc, le convoi est arrivé et a fait halte au milieu de la place, et aussitôt, celui qui servait de guide s'est séparé du groupe et est allé présenter laisser-passer et autres papiers ; et il a dit que la personne qui voyageait dans le chariot était une estancieira, veuve, porteuse d'un message pour le gouvernement et que c'était rapport à des têtes de bétail confisquées et aussi des chevaux, et qu'il y avait préjudice, etc. et il a continué sa chanson sur le même air en faisant plus de boucles qu'un lasso enroulé sur lui-même.

Foi isso o que correu logo no redepente da curiosidade.

C'est le bruit qui a couru aussitôt après, attisé par la curiosité.

Papéis foram que a tal dona trazia, que logo o general mandou chamar os deputados e os ministros e depois se trancaram todos numa sala grande; e depois despachou um capitão para ir buscar a figurona.

Ces papiers que la citoyenne en question avait apportés étaient tels que le général a envoyé chercher les députés et les ministres et qu'ils se sont enfermés tous dans une grande pièce ; et après, un capitaine a été chargé d'aller chercher la fameuse dame en question.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E ela veio; e mal que chegou o general veio à porta, fez um rapapé rasgado e foi com ela pra tal sala onde estavam os outros.

Elle est venue ; et à peine elle est arrivée que le général est apparu sur le seuil de la porte, lui a fait un compliment à n'en plus finir et est entré avec elle dans la salle où se trouvaient les autres.

Se era linda a beldade!... Sim, senhor, dum gaúcho de gosto alçar na garupa e depois jurar que era Deus na terra!.

Ah si elle était jolie cette beauté ! Ça oui, monsieur, jolie à se faire enlever par un gaúcho décidé et prêt à jurer, une fois qu'il l'avait mise en croupe, que c'était Dieu sur terre

E destorcida, e bem-falante; e olhava pra gente, como o sol olha pra água: atravessando!

Et pas froid aux yeux avec ça et elle parlait bien, et elle regardait les hommes réunis devant elle comme le soleil regarde l'eau : en la transperçant

Dentro da sala, fechada, ia um vozerio dos homens; depois serenava; parece que eles estavam mussitando; e a voz da dona repenicava, hablando un castellano de mi flor!

À l'intérieur de la salle, la porte fermée, on entendait un concert de voix d'hommes, puis le calme revenait, on aurait dit qu'ils étaient en train de murmurer, et puis la voix de la femme qui sonnait plus haut, hablando un castellano de mi flor*.

Lá pelas tantas levantaram o ajuntamento; o mesmo capitão foi levar a dona. E de manhã, nem carreta, nem boiada nem comitiva apareceram mais.

Au bout d'un moment, l'entrevue s'est terminée. C'est le même capitaine qui a raccompagné la dame. Et le lendemain matin, il n'y avait plus de chariot, ni d'attelage de bœufs, ni d'escorte.

Depois é que vim ao conhecimento que aquela figurona tinha vindo de emissária.

C'est par la suite que l'on a su que cette fameuse dame était venue comme émissaire.

Rivera era mais valente; Oribe era mais sorro: mas, os dois, matreiraços!...

Rivera était le plus brave ; Oribe le plus rusé : mais, à eux deux, une sacrée paire de renards !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora, qual dos dois, pra disfarçar dos caramurus o chasque, mandou, em vez dum homem, aquela vivaracha, qual dos dois foi, não pude sondar.

Maintenant lequel des deux, pour dissimuler leur messenger aux yeux des caramurus, a eu l'idée d'envoyer cette fine mouche au lieu d'un homme, lequel des deux, j'ai jamais pu sonder l'affaire.

Era assunto encapotado...

C'était un secret bien gardé...

Depois desse dia começou a haver um zunzum mui manhoso contra o general.

À partir de ce jour-là, ont commencé à circuler des sounoiseries contre le général.

Não sei se era inveja, ou intrigas ou queixas ou ganas que alguns lhe tinham. As cousas foram-se parando embrulhadas na tal assembléia e uma feita, não sei por que chicos pleitos o general e o coronel Onofre Pires tiveram um desaguisado; o general deu as costas, num pouco caso e o coronel saiu, num rompante, batendo forte os saltos dos botins.

Je sais pas si c'était de la jalousie, des intrigues ou du mécontentement, ou encore la rancune que certains lui portaient. Les choses ont commencé à s'envenimer lors de cette assemblée et un beau jour, je ne sais pour quel motif, le général et le colonel Onofre Pires ont eu un désaccord ; le général a tourné le dos, comme par dédain, et le colonel, dans un mouvement de colère, est sorti en faisant sonner les talons de ses bottines.

Em 43 houve outra arrancada braba, foi quando mataram um Paulino Fontoura, que era um pesado. Houve outro bate-barbas entre o general e o coronel Onofre, que era mui esquentado e cosquilhoso.

En 43, il y a encore eu accrochage et du sérieux ; quand on a assassiné un certain Paulino Fontoura qui était une grosse légume. Il y a eu de nouveau un échange très vif entre le général et le colonel Onofre, celui-ci toujours très impulsif et chatouilleux.

Mas logo os chefes todos se desparramaram, porque o barão Caxias andava na estrada, levantando polvadeira.

Mais bientôt tous les chefs sont partis rejoindre leurs bataillons car le baron Caxias s'était mis en chemin et ses troupes semaient la pagaille.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E brigou-se!

Et on s'est battu !

Em S. Gabriel, na Vacaria, em Ponche Verde, no Rincão dos Touros. O governo tinha saído do Alegrete e estava outra vez em Piratinim; aí por perto peleou-se, e no Arroio Grande, em Jaguarão, nas Missões, sobre o Quaraim, em Canguçu, em Pai Passo.

À S. Gabriel, à la Vacaria, à Ponche Verde, à Rincão dos Touros. Le gouvernement avait quitté Alegrete et était revenu à Piratinim ; et on s'est bagarré aussi non loin de là, à Arroio Grande, à Jaguarão, dans la zone des Missions, sur les bords du Quaraim, à Canguçu, à Pai Passo.

Que ano que bebeu sangue, esse!

Ah elle en a bu du sang, cette année-là !

E quando o exército se amontoou todo, pra lá do Ibicuí e depois foi estendendo marcha, houve um conselho grande de oficiais; e aí se falou outra vez na emissária, a fulana, aquela da carreta, no Alegrete. Aí, então, os dois galões-largos se contrapontearam outra vez.

Et quand l'armée tout entière s'est rassemblée, de l'autre côté de l'Ibicuí et qu'ensuite elle s'est mise en marche, il y a eu un grand conseil d'officiers, et on parlé encore une fois de la fameuse émissaire, la femme du chariot, à Alegrete. Et là, voilà nos deux chefs qui se querellent à nouveau.

A gente como eu é bicho bruto e os graúdos não dão confiança de explicar as cousas, por isso é que eu não sei muitas delas: tenência não me faltava; mas como é que eu ia saber as de adentro dos segredos?...

Les gens comme moi sont des brutes et les gradés ne se donnent pas la peine de leur expliquer; c'est pour ça que je n'sais pas grand-chose : j'étais alerte, c'est vrai, mais comment j'aurais pu être dans leurs secrets ?

Já sobre o Garupá - vancê não conhece? são os campos mais bonitos do mundo! - aí os homens se cartearam.

Bon, sur les rives du Garupá... Vous connaissez ? C'est la campagne la plus belle du monde ! eh bien là les deux hommes ont échangé des lettres.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Então já era o ano 44.

On était alors déjà en 44.

O coronel escreveu barbaridades; o general respondeu com aquele jeito dele, sisudo.

Le colonel a écrit ce qu'il avait sur le cœur, sans détour. Le général y a répondu, dans son style, bien à lui, toujours posé.

E quando foi no dia 27 de fevereiro o general me chamou e mandou que eu fosse levando pela rédea, para a restinga, os dois cavalos que estavam atados debaixo dum espinilho; era um picaço grande e um colorado.

Et quand est arrivé le 27 de février, le général m'a envoyé chercher et m'a ordonné d'emmener par la bride, jusqu'au petit bois sur la rive, les deux chevaux qui étaient attachés au pied d'un espinilho : c'étaient un grand picaço et un colorado.

Fui andando; lá longe ia descendo um vulto, atrás de mim vinha outro.

Je me suis mis en chemin ; loin devant, on voyait une silhouette descendre, et derrière moi une autre suivait.

E devagarinho, como quem vai mui descansado da sua vida, os dois.

Et lentement, comme quelqu'un qui a tout le temps du monde devant soi, l'un et l'autre.

Ah! esqueci de dizer a vancê que atravessado de-baixo da sobrecincha de cada flete, vinha uma espada.

Ah j'ai oublié de dire que glissée en travers de la sous-ventrière de chaque coursier, il y avait une épée.

Reparando, vi que as duas eram iguais, de copo fechado e folha grande, das espadas de roca, que só mesmo pulso de homem podia florear.

En regardant, j'ai vu que les deux épées étaient identiques, et avec une grande lame, de ces rapières lourdes que seul le poignet d'un homme arrive à manier.

E quando parei e os dois vultos se chegaram, conheci que eram o meu general e o coronel Onofre.

Et quand j'ai fait halte et que les deux silhouettes se sont approchées, j'ai reconnu le général et le colonel Onofre.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E desarmados...

Ils venaient sans arme...

Mas como chegaram, cada um despiu a farda, que botou em cima dos pelegos e desembainhou a espada que vinha.

Mais en arrivant, tous deux ont ôté leur vareuse, qu'ils ont posée par-dessus les pelegos et chacun a sorti de sa gaine l'épée attachée sous l'animal.

O colorado era do coronel; o picaço, do general.

Le colorado appartenait au colonel ; le picaço, c'était le cheval du général.

Então o general deu ordem:

Alors le général m'a donné un ordre ;

- Espera aí, com os cavalos!

- Attends ici, avec les chevaux !

E o coronel também:

Et le colonel a ajouté :

- Bombeia; se chegar alguém, assobia!

- Fais le guet, et si quelqu'un arrive, tu siffles.

E rodearam a restinga, para o outro lado.

Et ils ont contourné le petit bois, en allant vers l'autre côté.

Então é que entendi a marosca: eles iam tirar uma tora, dessas que não se fira duas vezes entre os mesmos ferros...

C'est alors que j'ai compris la combine. Ils allaient avoir une petite discussion, une de ces affaires qu'on ne règle pas deux fois en croisant les mêmes fers.

Maneei os mancarrões e com um olho no padre, outro na missa, por entre as ramas da restinga, fui espiar a peleia.

J'ai attaché les deux chevaux par la bride et avec un œil sur le curé, un autre sur la messe, j'ai épié le combat entre les branches des arbres.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Estavam já, frente a frente, de corpo quadrado.

Ils étaient déjà l'un en face de l'autre, en garde.

O sol dava a meio, para os dois.

Tous deux recevaient le soleil de travers.

O general Bento Gonçalves era sacudido no jogo da espada preta; meneava o ferro, que chispava na luz, como uma fita de espelho; o coronel Onofre parava os botes e respondia no tempo, mas com tanta força que a espada assobiava no coriscar.

Le général Bento Gonçalves était un adepte du jeu de l'épée noire ; il faisait des moulinets, et le fer étincelait dans la lumière, comme un ruban de miroir, le colonel Onofre parait les bottes et contre-attaquait mais avec une telle force que l'épée sifflait en jetant des éclats.

Nisto o general pulou pra trás, fincou a espada no chão e pegou a tirar o tacão da bota, que se despregara.

À un moment, le général a fait un pas en arrière, a planté son épée par terre et a entrepris de retirer le talon de sa botte qui s'était décloué.

O coronel encruzou os braços, e a espada dele ficou dependurada da mão, como dum prego.

Le colonel a croisé les bras, l'épée pendant de sa main comme d'un clou.

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual... aqueles não eram gente disso, não?

Pour quelqu'un qui aurait voulu en profiter... Mais ils étaient d'une autre trempe, pas vrai ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E cruzaram, de novo. Em cima da minha cabeça um sabiá pegou a cantar... e era tão desconchavado aquele canto que chora no coração da gente, com aqueles talhos que cortavam o ar, que eu, que já tinha lanhado muito cristão caramuru, eu mesmo, fiquei, sem saber como, com os olhos nos peleadores, os ouvidos no sabiá, mas o pensamento andejando... nos pagos, no meu padrinho, no Jesu-Cristo do oratório da minha mãe...



Et ils ont croisé le fer à nouveau. Au-dessus de ma tête, un sabiá s'est mis à chanter... et il s'accordait si mal, ce chant qui pleure dans le cœur de celui qui l'écoute, avec ces coups d'épée qui fendaient l'air, que moi qui avais déjà pourfendu tant de caramurus, moi-même, je gardais, sans savoir bien comment, les yeux fixés sur les combattants, les oreilles attentives au chant du sabiá mais ma pensée vagabondant au loin... vers chez nous, vers chez mon parrain, vers l'enfant Jésus dans l'oratoire de ma mère.

Os ferros iam tinindo, E nisto, o coronel deu um -ah! - furioso, caiu-lhe da mão a espada... e a sangueira coloreou pelo braço abaixo, desarmado, entregue!...

Le cliquetis du fer continuait. Et à un moment, le colonel a poussé un « ah » rageur, et l'épée lui est tombée de la main... le sang a coulé le long de son bras désarmé, qui est resté ballant.

Pra um que quisesse aproveitar... Mas qual! aqueles não eram gente disso, não!

Si quelqu'un avait voulu profiter de l'occasion... Mais non, ils étaient d'une autre trempe, pas vrai !

O general tornou a cravar a espada na terra e veio ao ferido com bom jeito.

Le général a fiché son épée en terre une seconde fois et s'est approché du blessé le regard rassurant.

Pegou o braço, viu o ferimento; e com um lenço grande que levantou do chão, do lado do chapéu, atilhou o talho para estancar o sangue.

Il lui a pris le bras, a vu la blessure et avec un grand mouchoir qu'il a ramassé par terre à côté de son chapeau, il lui a fait un garrot pour arrêter le saignement.

O outro, calado, nem gemia.

De l'autre, silencieux, on n'entendait pas même un gémissement.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Depois o general tornou a pegar da espada, fez uma inclinação de cabeça ao coronel e caminhou pra cá...

Après ça, le général a repris son épée, a fait un signe de la tête au colonel et a marché dans ma direction ;

Foi o quanto eu me atirei pra trás e me acoc'rei perto dos cavalos.

C'est là que je suis revenu en toute hâte m'accroupir près des chevaux.

Vestiu a farda, embainhou a espada e montou. Então me disse:

Il a vêtu sa vareuse, rangé l'épée dans son fourreau et s'est mis en selle. Puis il m'a dit.

- Agora vem gente, que eu vou mandar. Não te movas daí, antes.

- D'ici quelques minutes, on va venir. Des gens à moi. Ne bouge pas d'ici avant.

E deu de rédea, a galope, para o acampamento.

Et faisant faire pivoter son cheval, il est parti au galop vers le campement.

E no silêncio que ficou, só ficou balançando no ar o canto do sabiá, na restinga: do outro lado, o sangue do coronel, pingando nos capins; deste lado, eu, sabendo, mas não podendo me intrometer...

Et dans le silence qui a suivi, seul a continué à se balancer dans l'air le chant du sabiá, dans le petit bois : de l'autre côté, le sang du colonel qui gouttait sur l'herbe ; de ce côté-ci du bois, moi, qui savais mais ne pouvais me mêler de leurs affaires.

- Agora veja vancê se não foi mesmo o fungu daquela tal dona - emissária dum dos dois sorros castelhanos - que veio transtornar tanta amizade dos farrapos?...

Maintenant, dites-moi si c'est pas le sortilège de cette dame —l'émissaire des deux zorros castelhanos— qui est venu flétrir l'amitié des deux farrapos ?

Ela só não pôde foi mudar o preceito de honra deles: brigavam, de morte, mas como guascas de lei: leais, sempre!

En revanche, elle n'a rien pu contre leur sens de l'honneur : ils se sont bagarrés, à mort c'est vrai, mais comme de vrais gauchos, à la loyale, toujours.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pois não viu, naquelas duas vezes?... Pra um que quisesse aproveitar...

Repensez-y donc : ces deux fois pendant le duel ?...si l'un des deux avait voulu profiter de l'occasion...

E creia vancê, que lhe rezei este rosário sem falha numa conta, apesar de já sentir a memória mais esburacada que poncho de calavera... Pois faz tanto ano!...

Et croyez bien que je vous ai égrené ce rosaire sans en omettre un seul grain, bien que je sente que ma mémoire a maintenant plus de trous que le poncho d'un mendiant. C'est vrai que ça fait si longtemps!

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº16. Fauna: zoônimos.

Texto e pretexto: “Penar de velho”. Aves de arribação: uma antiparábola do filho pródigo.

Foco do estudo tradutório: o papel dos zoônimos na composição dos contos e alguns aspectos da sua transferência para a versão estrangeira

“Um dia, dezembro, sol de rachar, com trovoadas armadas, andara o guri ninhando numas restingas que havia sobre o fundo da roça, por detrás das casas. O chapéu estava já abarrotado de ovos de **tico-tico**, de **alma-de-gato**, de **corruíras**, **canarinhos**, **sabiás**...; era um entrevero bonito de cores e feitios diferentes. [...] De calcita arregaçada, mui espinhado nas canelas e nos braços, o rosto vermelho e a cabeça ardendo, o diabinho ainda gateava um ninho de tesouras, quando, do outro lado da cerca, ouviu o assobio das **avestruzes**, pastando.”

Como é o caso para outros campos léxico-semântico (fitônimos, antropônimos, topônimos, etc.), o fato de um zoônimo ser um regionalismo, (um gauchismo, um sulismo, um platinismo, um americanismo derivado do tupi-guarani ou do quíchua, etc.) já é significativo de per si. Nesta perspectiva, o zoônimo se constitui em mais um elemento de determinadas redes significantes, enquanto inclusivas, eventualmente, da marcação do “espaço” ameríndio na conceptualização da história da formação do país e de seu povoamento – despovoamento pela destruição das populações nativas, mas povoamento a partir da miscigenação, importação ou deportação forçada, imigração... Isto vale também para o espaço cultural com os fenômenos de deculturação, aculturação e reculturação que acompanham a formação da cultura nacional ou regional.

Conforme enfatizei ao longo deste trabalho, a integração dos elementos lexicais na trama textual vai além do significado “mais imediato”, diretamente relacionado com sua estrita colocação no encadeamento paradigmático-sintagmático. Ou seja, uma vez que não é efeito de alguma coincidência (ressalvando que sempre haverá alguma medida de coincidência), o zoônimo deve ser considerado como resultado de uma escolha deliberada e esta escolha não se pode resumir à remissão à acepção colhida no dicionário e que seja a mais adequada, em aparência, com seu contexto de inclusão (joão-grande → certa ave → *Ciconia maguari*).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O zoônimo pode se apreender mediante várias abordagens interpretativas, por ser suscetível de se encaixar em diversos tipos de redes significantes, inclusive em esquemas paronímico-semânticos intrincados nessas redes (ver, por exemplo, a sequência das designações de Rosa, ‘china’, ‘piguancha’, ‘guincha’, etc. em “Os cabelos da china” – ‘china’ sendo derivado, segundo Nascentes, de uma palavra quíchua que designa a fêmea do animal, ‘piguancha’ e ‘guincha’ sendo duas palavras suscetíveis de serem empregadas para se referir a uma mulher ou a uma égua).

Como assinalei, as designações de animais participam, quando de origem tupi, guarani, quíchua, etc. de uma construção semiológica maior que é a afirmação da contribuição indígena na formação da população, da cultura e da língua da nação, tal como se “lê” nos vestígios que deixaram na língua colonizante e dominante. A inclusão mais ou menos ostensiva destes “vestígios” possui valor historiográfico, mas envolve também perspectivas sociopolíticas e princípios estéticos (e até considerações metafísicas).

Da mesma forma que há inumeráveis combinações semióticas que interligam os componentes textuais, (p.ex. antropônimos com topônimos, designações de capas de cavalos com qualificativos de personagens, etc.), o zoônimo está conectado de muitas maneiras a seu contexto. Assim, em “Penar de velho”, um relato em que as aves desempenham papel bastante importante (pequenas como a corruíra ou grandes como o nhandu), o nome do protagonista do conto, Binga, soa bem apropriado, se levarmos em conta o fato de “binga” constar entre as designações populares do beija-flor.

É dizer que a função dos zoônimos não se limita a uma questão de ambientação ou de zoomorfização da narrativa. Assim, como apontei, não é por acaso que referências a animais selvagens (tamanduá, égua xucra, anta, etc.) se façam mais presentes em um “momento” do relato “Os cabelos da china” em que a violência se torna iminente, quando o relato de Blau passa do tranquilo ao galope²³⁷.

²³⁷ A mesma preferência para um comparante que remeta a uma espécie selvagem se encontra em outros textos em momentos em que a irrupção da violência está prestes a se impor. Destarte, lemos em “O Anjo da Vitória” logo antes da descrição do desastre da carga dos lanceiros do General Abreu: “Esse, dormia como **quero-quero**, farejava como **cervo** e rastreava como índio...; esse, quando carregava, era como um ventarrão, abrindo claros num matagal. Com esse... castelhano se desguaritava por essas coxilhas o mesmo que bandada de **nhandu**, corrida a tiro de bolas!...”. De igual maneira, ‘surgem’ o tamanduá, a égua xucra e a anta no clímax violento do relato “Os cabelos da china”, quando o capitão, que queria degolar a Rosa, é morto por Picumã.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nesta perspectiva, cabe também ao tradutor se perguntar se há motivos por o autor ter optado por tal designação ou para tal outra para se referir a uma mesma espécie [cf. *Pseudalopex gymnocercus*, num exemplo retomado mais adiante, sendo designado pelas apelações ‘graxaim’ (tupismo), ‘sorro’ (platinismo) ou ‘cachorro’ (brasileirismo)].

As transferências dos zoônimos nas versões estrangeiras

O anexo disponibilizado online contém um levantamento exaustivo dos zoônimos que aparecem em *Contos gauchescos*, com as correspondentes traduções para o italiano em *Storie di gaùchos* e para o espanhol em *Cuentos gauchescos*. Nele se vê que Tavani optou por traduzir alguns zoônimos por termos do italiano que remetem a outra espécie do que a originalmente referida nos *Contos*. Especula-se que a escolha tem a ver com o contexto de produção da versão na Itália de 1956, na qual não havia acesso à Internet e a outros meios de informação mais recentes e em um momento particular da história nacional quando o clima político não era exatamente favorável à publicação de um texto com nítida vertente regionalizante (daí, provavelmente, boa dose de “derregionalização” do texto de Simões por parte de Tavani).

Tecnicidade das designações e dificuldades levantadas por sua transferência

As dificuldades levantadas pela transferência dos zoônimos são tipicamente da mesma ordem que os obstáculos encontrados na tradução de outros elementos do vocabulário, a saber os topônimos, hipônimos, etnônimos, fitônimos.

Qual é a espécie referida pelo narrador?

Em primeiro lugar, houve a questão de saber a que animal exatamente se referia tal ou tal designação usada por Blau Nunes. Era importante acertar este ponto porque, como argumento mais adiante, a menção de tal ou tal espécie animal em particular não se limita em regra geral a uma simples questão de cor local. Neste quesito da investigação, dei-me rapidamente conta de que a consulta de edições anotadas me pouparia muito tempo com respeito a semelhante trabalho de identificação. Passei em seguida da minha pobre edição sem notas para as edições organizadas por Aurélio Buarque de Holanda, Lígia Chiappini, Aldyr Garcia Schlee, Luis Augusto Fischer, etc. que me supriram muitas vezes os devidos esclarecimentos²³⁸.

²³⁸ Vide discussão semelhante a propósito dos fitônimos e das suas traduções no comentário nº 13.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Inclusive, o sempre relevantíssimo glossário de Aurélio Buarque de Holanda fornecia oportunamente nomes científicos para a maior parte dos animais referidos por Blau nos seus relatos, o que me ajudou tremendamente na identificação das espécies, fase preliminar e imprescindível, a meu ver, à tradução propriamente dita²³⁹.

No curso deste trabalho de identificação, verificaram-se as possíveis causas de erro interpretativo de sempre. Assim, embora o glossário de Buarque de Holanda suprisse as denominações científicas para cada zoônimo (ou fitônimo) que nele fora incluído, havia de cruzar essas denominações com outras, procedentes de diferentes fontes, para se certificar da existência de algum consenso quanto à espécie designada por tal ou tal apelação popular.

Depois, e isto é um obstáculo recorrente neste tipo de categoria lexical, a mesma designação podia se referir, dentro do espaço geocultural-linguístico brasileiro, a espécies diferentes. Um exemplo que já mencionei, por ser bem representativo do fenômeno, é o dourado, que é um peixe na bacia do Rio Amazonas, outro na do São Francisco, e ainda outro na do Paraná. Ao revés, também se verificou que uma mesma espécie podia receber diversas designações; e tal circunstância se observava não somente no âmbito do espaço lusófono tomado em toda sua extensão, mas também no contexto, mais restrito, da própria obra.

Graxains nas obras de referência

Conforme disse, um primeiro passo, na identificação de tal ou tal espécie referida por Blau no curso de seus relatos, consistiu em associar uma denominação científica a cada designação popular. Acontece entretanto que, assim como existem diversas designações populares, para uma mesma espécie, também existem diversas denominações científicas para uma mesma espécie.

Assim, o vocábulo ‘graxaim’ está registrado no Houaiss como designação para duas espécies: *Cerdocyon thous* e *Pseudalopex gymnocercus*. Já o Aurélio assinala o termo como sendo sinônimo da designação popular ‘cachorro-do-mato’, o qual fica identificado pelo dicionário exclusivamente como *Dusicyon thous*.

²³⁹ biguá: *carbo vigua*; boicinga: *Crotalus terrificus*; capororoca: *Coscoroba coscoroba*; cruzeira: *Bothrops alternatus*; dorme-dorme; *Nycticorax nycticorax*; guaraxaim: *Canis brasiliensis*; No curso das pesquisas de ordem zoológica, pude constatar que podiam existir várias denominações científicas (gênero, espécie) para uma mesma espécie. Entre outras razões, as apelações científicas mudaram com o tempo e alterações nos sistemas de taxinomia ou os científicos não se acordaram no nome a ser dado à espécie.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quanto ao *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul* de Zeno e Rui Cardoso Nunes, ele traz no verbete ‘graxaim’, entre outras informações, o seguinte reparo: “Seu nome científico é *Canis Azaraé*”.

Uma rápida consulta do glossário compilado por Aurélio Buarque de Holanda nos indica por sua vez: “GUARAXAIM, s. m. Mamífero canídeo (*Canis brasiliensis*): é uma variedade de raposa, que dá cabo não só de aves domésticas, cordeirinhos, etc., como de objetos feitos de couro cru. [O mesmo que graxaim, sorro e zorro.]”. Etc.

Cerdocyon thous, *Pseudalopex gymnocercus*, *Dusicyon thous*, *Canis Azaraé*, *Canis brasiliensis*: estamos, portanto, já com cinco nomes científicos diferentes quando se pensava que o nome científico visse justamente resolver a questão da espécie referida. Constata-se, outrossim, que para *Pseudalopex gymnocercus*, o Houaiss dá como nomes vulgares sinónimos: ‘graxaim’, ‘graxaim-do-campo’, ‘guaraxaim’, ‘zorro’ e para *Cerdocyon thous*, ‘cachorro-do-mato’, ‘aguaraxaim’, ‘graxaim’, ‘guaraxaim’, ‘lobinho’. O Aurélio dá como sinônimos de *Dusicyon thous* ‘aguaraxaim’, ‘graxaim’, ‘guaraxaim’, ‘cachorro-do-mato’. O Dicionário dos irmãos Cardoso Nunes, para *Canis Azaraé*: ‘guaraxaim’, ‘sorro’, ‘zorro’.

Graxains na obra simoniana.

Em *Contos gauchescos*, o animal é referido pelo narrador como ‘graxaim’, ‘sorro’ ou... ‘cachorro’, sendo que o termo ‘sorro’, embora remeta à espécie em questão, está empregado por Blau principalmente em sentido figurado, como comparante numa metáfora ou num símile em que o comparado é uma personagem do caso. Decorre disto certa hesitação por parte do tradutor francês em optar por uma forma mais condizente com a fauna americana, ‘zorro’, ou um zoônimo mais familiar aos ouvidos europeus, ‘renard’ (raposa). Comparando-se o número de ocorrências das designações, constata-se que o zoônimo ‘cachorro’ (em se referindo a *Lycalopex gymnocercus*) aparece uma vez só, ‘graxaim’ duas vezes, e ‘sorro’ (sempre em se referindo a *Lycalopex gymnocercus*) seis vezes.

“não era homem de roer corda, nem de palavra esticante, como couro de **cachorro**”
— (“Deve um queijo!”)

“aqui, cancha de **graxains** — (“Contrabandista”)

“de lá vinham relinchos e mugidos, cracrás das corujas e uais!... dos **graxains**” — (“O ‘Menininho’ do presépio”)

“a mais santinha tem mais malícia que um **sorro** velho!...” — (“O Negro Bonifácio”);

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“O **sorro** entrou no galinheiro...” — (“Melancia e Coco Verde”);

“O meu padrinho era um gaúcho mui **sorro** e acostumado na guerra” – (“O Anjo da Vitória”)

“Rivera era mais valente; Oribe era mais **sorro**²⁴⁰: mas, os dois, matreiraços” – (“O duelo dos farrapos”)

“Agora veja vancê se não foi mesmo o fungu daquela tal dona – emissária dum dos dois **sorros** castelhanos” – (“O duelo dos farrapos”);

“até numa noite de breu arranjou uma perdida – ‘magine! mais vaqueano que **sorro!**” – (“O ‘Menininho’ do presépio”).

Não custa acrescentar que semelhante variação acontece com diversas outras referências a espécies animais. É o caso, por exemplo, de *Rhea americana*, ora referida por ‘avestruz’ ora por ‘nhandu’, exemplo que examino um pouco mais em detalhe embaixo. Na medida em que existem designações diferentes para um mesmo referente virtual (aqui a espécie animal ou determinado indivíduo desta espécie, ou seja, um espécimen), convém se perguntar se essas designações trazem algum significado especial que as diferenciasssem entre si.

Do ponto de vista da espécie referida, não há diferença, certo; porém, conforme temos visto ao longo deste trabalho, isto não é o único eixo de significação dos significantes. Com efeito, além do referente virtual mais imediato da espécie animal, há todo um sistema semântico, simbólico, cultural e mitológico em cuja teia se prendem não só a representação dessa espécie como também o conjunto de suas designações e atribuições (por exemplo, em função da maneira como a espécie é vista ou tem sido mitologizada pela tradição popular). Além disso, se acordarmos que o fato de a designação usada para se referir à mesma espécie ou ao mesmo espécime ser derivada do português, do espanhol, de um idioma indígena, ou de se constituir em regionalismo – brasileirismo, sulismo, gauchismo, platinismo, etc.— também tem relevância (e, em minha opinião, tem), então, não seria exatamente a mesma coisa valer-se de ‘graxaim’ (obviamente um indigenismo), ‘cachorro’ (um brasileirismo e provavelmente, neste emprego, um gauchismo) ou ‘sorro’ (um iberismo, com muita “cara” de poder ser um platinismo²⁴¹).

²⁴⁰ **sorro** : Del port. *zorro* 'holgazán', der. de *zorrar* 'arrastrar'; cf. occit. *mandra* 'zorra'; propriamente 'mandria, holgazán'. [RS] A palavra teria passado do português para o espanhol, mas a grafia do termo no texto de Simões, 'sorro' em vez de 'zorro', que induziria possivelmente uma pronúncia particular, mas próxima do espanhol [s/z], parece sinalizar uma “retravessia”, desde o espaço rio-platense para o espaço rio-grandense. Se não, por que esta forma 'sorro' no Rio Grande do Sul e não em outras áreas do território nacional?

²⁴¹ Sabemos que o zorro, justamente é mestrão na arte do disfarce (cf. Osoro em “Jogo de osso”)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Neste quadro, as ocorrências, o tupismo, o brasileiroismo, o platinismo (se é que é um platinismo), segundo o caso, se atêm a sistemas significantes que se superpõem a outras constelações semânticas (o conjunto dos zoônimos, o léxico da ambientação, a zoomorfização das personagens humanas, a americanização do discurso, sua abasileiração, etc.).

Vista desde este ângulo, a etimologia dos zoônimos é sempre pregnante. Assim, não é por acaso se a ave mais emblemática do Brasil possui nome de origem tupi²⁴². Entretanto, obviamente, enquanto designações como ‘graxaim’, ‘nhandu’, etc. são aptas para fazer com que se efetuassem na mente leitural ostensivas conexões com o mundo indígena e sua contribuição (forçada) para a cultura nacional, outras como ‘cachorro’, ‘avestruz’ apontam para o vínculo com segmentos de populações, vindos do Velho Mundo, que conquistaram e dominaram as Américas. Outras, conforme aponto alhures, são “bífidas”, nas suas remissões, pela mero “hibridismo” que caracteriza sua composição (‘abelha-mirim’).

Além disto, há a questão da aura ou auréola conotativa que faz com que, ao apreender o leitor tal ou tal vocábulo, criam-se, surgem, múltiplas conexões em sua mente que não se limitam ao campo da estrita designação zoonômica (ver o caso de ‘taura’ brevemente discutido no comentário n°17).

Em se tratando do graxaim, por exemplo, (e nisso a equiparação com ‘sorro’ faz todo sentido) cumpre lembrar que o animal possui estatuto especial na cultura rio-grandense, e mesmo nas culturas pampianas. Seria um equivalente cultural sul-americano do zorro europeu (a zorra, a raposa²⁴³) ou do coiote, do *trickster* norte-americano, símbolo de astúcia, especialmente no imaginário popular, e eventualmente, de certa malícia.

²⁴² O caso do sabiá, “imortalizado” nos versos de Gonçalves Dias, é bem interessante no que tange a sua menção nos *Contos gauchescos*. Não pode ser por coincidência sua evocação em “O duelo dos farrapos” pelo apelo conciliador (em favor da federação) num conto que retrata um episódio da aventura separatista dos revolucionários.

²⁴³ Como aconteceu com números elementos da cultura regional (seja a escala contemplada a do território nacional ou a de uma porção deste território), houve processos de cruzamento entre tradições culturais oriundas de diferentes partes do planeta (Europa, a própria América, África). Aqui, teria havido hibridação entre os significados locais do graxaim e a figura da raposa, tal como se encontra representada no *Roman de Renart* “francês” ou no *Reinhart Fuchs* alemão. De certa maneira, ao chegar nesta parte do Novo Mundo, a raposa assumiu a aparência do graxaim. Como sabemos, este tipo de aclimação e “mestiçagem cultural” aconteceu com inúmeros elementos (as danças, os cancioneiros, as epopeias — cf. os “Doze pares do Reino”, p. ex., as cavalhadas, e até, como mostro mais abaixo, segmentos do vocabulário bem específicos como o dos aperos ou das designações da cor do pelo equino ou bovino).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Aves-truz

Agora, ao traduzir “sorro” por “renard” para tentar respeitar a diversidade lexical tão presente nos relatos de Blau Nunes, é verdade que traduzimos a própria transposição da figura da zorra europeia para a cultura gauchesca, mas isto não significa que não haverá possíveis repercussões na recepção do texto da versão estrangeira pelo leitor que não são exatamente condizentes com o texto de Simões.

Este fenômeno de alteração nos encadeamentos conotativos suscetíveis de se desenvolverem na mente do leitor a partir de seu encontro com tal ou tal palavra é inevitável. Já se produz de um leitor para outro, e mesmo de uma leitura para outra, sendo que também acompanha o processo de “envelhecimento” do texto, nem que seja do ponto de vista da sua função “puramente” mimética. Mas, é certo que esta discrepância, esta defasagem na maneira como o zoônimo é apreendido e percebido, torna-se inevitavelmente mais aguda na transferência linguístico-cultural. O caso da tradução de ‘avestruz’ por ‘autruche’ é bastante representativo neste respeito.

‘Autruche’, no texto da versão francesa, para traduzir o ‘avestruz’ original, não faltará em fazer o leitor dessa versão se perguntar o que uma *autruche* está fazendo no pampa, já que para nós, o termo se emprega exclusivamente para designar *Struthio camelus*, uma espécie africana, *Rhea americana* sendo habitualmente designada pelo termo *nandou* (‘émeu’ em francês usando-se para se referir às grandes aves da Austrália, *Dromaius novaehollandiae*).

Esse mesmo leitor provavelmente pensará que se trata de um erro de tradução, e de um anageografismo. Entretanto, há diversas razões por traduzir a *Avestruz simoniana* por uma *Autruche franciana*.

Em primeiro lugar, invocarei a origem espanhola da palavra (*avestruz* ou *abestruz*) que, junto com várias centenas de outros vocábulos do texto dos *Contos* só pode contribuir para conferir aquela tonalidade fronteira à fala do narrador. Segundo, há o fato de o termo se constituir em regionalismo do Rio Grande do Sul, como consta nos dicionários genéricos brasileiros. Este estatuto regional da palavra há de ser relacionado com usos similares no Prata. Na maioria dos textos gauchescos em espanhol, constata-se um mesmo emprego de *avestruz* para se referir a *Rhea americana*. Terceiro, mencionei a transferência do próprio processo que levou o novo habitante do pampa a designar um animal americano valendo-se de um zoônimo *ready-made*, i.e. já existindo e pronto para uso (no caso, uma palavra do Velho Mundo).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, poderia citar mais e mais motivos, inclusive a composição da palavra, aves + truz, em um conto cujo protagonista se chama Binga²⁴⁴ Cruz e que nos narra a história de um menino, um gauchito de truz, que deixa o ninho familiar depois de ter roubado ovos de toda espécie de passarinho e perseguido as aves maiores montado no picaço do pai.

Last but not least, pude constatar, ao me debruçar sobre as traduções francesas de obras da literatura gauchesca, que Paul Verdevoye, conceituadíssimo especialista francês da literatura hispano-americana, e autor da única tradução ao francês do Martín Fierro, traduziu todas as ocorrências de ‘avestruz’ no poema de Hernández pela palavra... ‘autruche’. Bom, havia um precedente, e quase do tamanho de uma avestruz....

A volta do zorro

Voltando para nosso graxaim frio (mas foi a avestruz que nos desviou²⁴⁵): cumpre lembrar também que o graxaim reaparece na obra literária de Simões, com toda sua ancoragem em determinado fundo mitológico bem como sua especificidade cultural, nas *Lendas* precisamente, sendo que são graxains que roem as maneias dos cavalos confiados ao Negrinho do Pastoreio precipitando desta maneira a sina funesta do gurizinho. Este papel do graxaim na região vem de longe; não é invenção de Simões, e provavelmente emergiu do contato das culturas indígenas e europeias nesta porção das Américas.

Vale observar, aliás, que uma obra de referência da cultura gaúcha como o *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul de Zeno e Rui Cardoso Nunes* não se contenta de uma definição zoológica; inclui, no verbete correspondente, significativamente, a seguinte informação (aliás desmentida pelos zoológicos): “Pequeno animal semelhante ao cão, que gosta de roer cordas, principalmente de couro cru e engraxadas ou ensebadas, e de comer aves domésticas. Sai, geralmente, de noite. É muito comum em toda a campanha”. E cita, para reforço, este extrato do cancionero popular:

"La vem o guaraxaim
Com cara de disfarçado:
Ele vem comer galinha
E soltar cavalo atado".
(Quadrinha popular).

²⁴⁴ Um dos tantos nomes populares do colibri [Houaiss: design. comum às aves apodiformes da fam. dos troquilídeos..."]

²⁴⁵ “[...] o bicho ficou mesmo atarantado, e começou a gambetear zonzo, na enrascada. [...] o bicho negaceava..

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, ao se usar ‘sorro’ em vez de ‘graxaim’, já se alude a todo um sistema intercultural que vincula o leste ao oeste (Europa↔América) ou o norte ao sul (América-do-norte↔América-do-sul). Na verdade, na maior parte das ocorrências do termo ‘sorro’ em *Contos gauchescos*, o leitor poderá entender a palavra enquanto se referindo tanto ao graxaim, quanto à raposa, e, eventualmente ao coioote, se já é algo familiarizado com as culturas do norte do continente.

Cabe frisar a propósito que não somente devem existir centenas de páginas sobre o significado do graxaim nas culturas populares da região, como este tipo de investigação poderia se repetir praticamente para cada zoônimo presente no texto dos *Contos*, a maior parte deles tendo significados que os vinculam de maneira pragmática e simbólica às populações que compartilharam ou ainda compartilham o mesmo *habitat*.

Depreende-se destas observações que são múltiplos os parâmetros a se considerar antes de se precipitar na tradução de um zoônimo. Só no quesito da origem da palavra ou da história da sua formação, tais como ficaram embutidas na própria forma do significante, há critérios que merecem ser devidamente ponderados, como os que presidiram ao processo de derivação ou de composição de que emergiu o vocábulo apresentado pelo texto.

Olhando, por exemplo, para a questão específica da derivação, é pertinente se interrogar quanto à pertinência de manter ou alterar referências que se apoiam obviamente em designações preexistentes à conquista das Américas, como ‘avestruz’ e ‘perdiz’, transferindo o zoônimo designativo de uma espécie do velho mundo para uma espécie do Novo Mundo, na base de esta apresentar bastante semelhança com aquela. Obviamente, não há por que mudar isto na versão estrangeira, uma vez que o que se traduz então, não é simplesmente a referência à determinada espécie, mas também aquele processo de adaptação de um vocabulário já existente a realidades desconhecidas e “descobertas”.

Esquemas de composição e derivação

A própria “fórmula” de composição das palavras pode ser apreendida enquanto se combinando aos elementos da sua origem (tupi, espanhol, árabe, etc.) para se constituir em um elemento de per si muito expressivo do significante, nem que fosse pela mera diversidade (inventividade) da própria composição e dos componentes envolvidos nela. Essa fórmula de composição tem, juntamente, com os termos do nome composto, indiscutível relevância para o tradutor, nem que seja porque nos remete a uma função imagética do significante, primordial em textos do tipo contos e lendas, os quais soem apelar para o passado “mítico” das populações e culturas retratadas neles.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como os nomes científicos (embora tenham, sem dúvida; também seus aspectos significativos e expressivos) podem “soar” pálidos às vezes quando se comparam com nomes populares como o bem-te-vi, o João-grande, o João-de-barro, o beija-flor, etc.!

Dentre as composições mais frequentes, relevei as seguintes:

tupi + tupi, com grau variável na assimilação do tupi pelo português do Brasil: *boiguaçu*, (Houaiss: “etimologia: **tupi** mboyu'su 'nome de várias sp. de cobra, esp. a sucuri', de 'mboya 'cobra' + (gu)a'su 'grande'”);

português + português com possíveis modificações dos componentes: *quero-quero* (Houaiss: “etimologia: prov. orig. **onom.**”);

português + tupi, com grau variável na assimilação do tupi pelo português do Brasil *abelha-mirim*. “Houaiss: etimologia: palavra composta de um elemento derivado do **latim** (lat. *apicùla,ae*, dim. do lat. *apis, is* 'abelha’) e de outro derivado do **tupi** (“tupi mi'ri 'pequeno’”);

O que interessa na composição das palavras, aliás, seja no que tange aos zoônimos ou a outras categorias lexicais, é que ela espelha, proporcionada para a escala dos vocábulos, a hibridação linguística que caracteriza a fraseologia da fala de Blau, envolvendo elementos do português matricial, do português do Brasil, do português regional, mas também do espanhol ibérico e do espanhol rio-platense, bem como elementos de línguas indígenas, estas quer associadas ao espaço luso-americano (tupi guarani essencialmente) quer associadas ao espaço hispano-americano (quíchua, araucano, mapuche).

Também interessa, neste quesito da transferência dos zoônimos, à reflexão tradutológica o que chamo de “poder de evocação” da palavra, ou seja, a sua aptidão para propiciar emulações mentais de estímulos sensoriais:

- o tamanho reduzido da abelha-mirim,
- o grito resolutivo do quero-quero,
- a vibração da cauda da jararaca [tupi *yara'raka* 'cobra venenosa'],
- a forma da tesourinha,
- o ninho do João-barreiro,
- o voo do João-grande, a flexibilidade do açoita-cavalo, a rigidez do tarumã, etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O glossário ilustrado

O projeto de tradução inclui a elaboração de um glossário ilustrado que será consultável “online”. Neste glossário constará boa parte dos zoônimos que constituem o que poderíamos chamar de “bestiário” dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do sul*. Trata-se em particular de nomes de origem indígena utilizados para se referir a espécies que não existiam na Europa. Como para objetos como ‘guaiaca’, ‘bomba’, ‘cuia’, etc. e admitindo-se que eu mantivesse a palavra original na versão original, pareceu-me mais esclarecedor propor ao leitor uma representação iconográfica do que uma definição. É um tipo de explicação, digamos, mais imediato e de certa maneira mais eficiente. E sempre existe a possibilidade de o leitor poder acessar mais informação a partir de um hiperlink embutido na imagem (formação da palavra, significado ambiental e cultural da espécie ilustrada, etc.). O glossário não está ainda completamente operacional. Faltam imagens livres de direitos autorais para algumas espécies animais e vegetais. Para os fitônimos, vali-me do precioso recurso da FLORARS da UFRGS, *website* que coloca à disposição centenas de fotografias de plantas nativas do Rio Grande do Sul (www.ufrgs.br/fitoecologia/florars). Para os zoônimos, estou usando principalmente outro projeto da UFRGS, www.ufrgs.br/faunadigitalrs, mas que está em andamento e disponibiliza ainda poucas imagens de pássaros por exemplo.



Graxaim.

Um primeiro clique sobre a palavra no texto da versão francesa proporcionada online abrirá uma janela (tipo pop-up) com a simples imagem do bicho. Um segundo clique na imagem poderá transferir o leitor para mais informações a respeito da espécie, biológica, ecológica, cultural, etc.



Quero-quero. Foto: Fernando Flores [CC BY-SA 3.0], via Wikimedia Commons

Este será um recurso online. Daí deverá ser incluído em legenda de cada imagem o nome do fotógrafo bem como um link para a licença de uso e o site de onde se extraiu a imagem. A título de ilustração, é o que aparece para esta imagem de um quero-quero na página correspondente do site www.ufrgs.br/faunadigitalrs



Jararaca. Foto : Márcio Borges-Martins; herpetologia - UFRGS o zoônimo ‘jararaca’ é típico quanto ao funcionamento desta categoria lexical no âmbito dos *Contos gauchescos*. A espécie referida é típica do pampa, designada por uma palavra derivada do tupi, que parece reproduzir o som da vibração da cauda; é aquela serpente que aparece sob uma forma ou outra em todos os contos, etc.

Versão do texto nº16 - PENAR DE VELHOS²⁴⁶

CHAGRIN DE VIEUX

- Conheci, sim, sr., o Binga Cruz, desde assinzinho...

- J'ai connu Binga Cruz, oui monsieur, quand il était pas plus haut que ça :

Guri levado da casqueira!...

Un sacré polisson !

E teve um fim que nunca se soube... Pobrezinho... Andaria nos doze anos. Filho único.

Et on ne sait pas comment il a fini. Le pauvre... Il devait aller sur ses douze ans ... Fils unique.

O pai dele, o velho, recebeu de regalo um bagual picaço sãozito das quatro patas, sem uma basteira; e de rédea, um pensamento. E era mesmo para o andar dele.

Son père avait reçu en cadeau un picaço, un cheval sans un seul défaut aux quatre pattes, et pas une plaie sur le dos ; et une fois en selle, une vraie merveille. Et il faut dire qu'il n'y avait que le vieux qui le montait.

Pois, amigo, se lhe conto!...

Eh bien l'ami, laissez-moi vous raconter cette histoire :

Um dia, dezembro, sol de rachar, com trovoadas armadas, andara o guri ninhando numas restingas que havia sobre o fundo da roça, por detrás das casas. O chapéu estava já abarrotado de ovos de tico-tico, de alma-de-gato, de corruíras, canarinhos, sabiás...; era um entrevero bonito de cores e feitios diferentes.

Un jour qu'il faisait un soleil de plomb, en décembre, et que l'orage était en train de se former, le gamin cherchait des nids dans les bosquets qu'il y avait au bout des champs, derrière les maisons. Son chapeau débordait déjà d'œufs de tico-tico, d'alma-de-gato, de corruíras, canarinhos, sabiás... C'était un joli mélange de couleurs et de formes différentes.

²⁴⁶ “Plumes de chagrin?” em um conto que trata de aves das mais diversas feições.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.



De calcita arregaçada, mui espinhado nas canelas e nos braços, o rosto vermelho e a cabeça ardendo, o diabinho ainda gateava um ninho de tesouras, quando, do outro lado da cerca, ouviu o assobio das avestruzes, pastando.



Les culottes retroussées, les jambes et les bras tout griffés, le visage cramoisi et la tête brûlante, le petit diable était en train de ramper vers un nid de tesouras, quand, de l'autre côté de la clôture, il entend les sifflements de nandous, en train de brouter.

Ouviu, e fura daqui, fura dali, varou a cerca para dar fé, bem à sua vontade.

Il n'a pas plus tôt entendu ce bruit que, j'te tire une branche ici, j't'en tire une autre là, il passe à travers la clôture pour bien se rendre compte à son aise de la situation.

Entre a roça e um braço de banhado, que havia, formava-se uma rinconada mui boa para volteada: e foi nisso que o guri pensou. As avestruzes seriam umas oito e uma tropilha de filhotes, já emplumaditos.

Entre les champs et un bras que faisait le marais, il y avait un espace idéal pour faire une battue et coincer les oiseaux : et c'est ce que le gamin a pensé. Les autruches étaient sept ou huit avec une petite troupe de jeunes qui avaient déjà des plumes.



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não se conteve, o miúdo: pulou para o lado de fora, perto da bandada, e já correu sobre ela, de braços abertos, aos pulos, aos gritos: os bichos se arrolharam, assustados, mas logo o macho do bando ponteou para o rincão e tudo acompanhou.

En bien il n'a fait ni une ni deux, le p'tit gars, et il a sauté aussi sec de l'autre côté, près du groupe d'oiseaux. Et le voilà donc en train de courir dans leur direction, les bras écartés, en bondissant, en criant : et les bêtes de se disperser, affolées, mais bientôt le mâle de la bande se met à courir pour se mettre à l'abri et tous les autres lui emboîtent le pas.

Era o que o guri esperava mesmo; ele queria, de por força, pegar uma, viva; mas só laçando... C'était exactement ce que le gamin espérait ; il voulait coûte que coûte attraper une autruche vivante ; mais pour ça il lui fallait un lasso...

Foi quando lhe coriscou na idéia bancar-se no bagual picaço, do velho...

À ce moment, l'idée lui est venue d'un coup de monter le picaço du vieux ;

Se estava tão delgado e lindo..., aquilo seria só amagar o corpo, chupar no beijo e rebolear o laço... Nem era tento! Num - vá! - era avestruz a cabresto!

le cheval était si fin et si joli... Il suffisait de se courber sur l'encolure, faire claquer sa langue et puis faire tourner le lasso... Ce n'était pas si difficile. Pas le temps de dire ouf et c'était une autruche, une, qu'il ramènerait derrière lui au bout d'une longe.

E correndo para o galpão, enfrenou o pingo, atirou-lhe um pelego no lombo, passou a mão no seu lacito e se foi a arriba!

Et, courant vers la grange, il met la bride au coursier, lui jette un pelego sur le dos, passe la main dans son petit lasso et le voilà en selle !

Espiou para os lados e mui de manso, a passo, saiu, sobre a cacimba, a encobrir-se numa reboleira de chorões, que fazia uma sombra fresca, onde as galinhas se rebolevavam, arrepiando as penas, assoleadas.

Il regarde de tous les côtés, et très doucement, au pas, il sort de l'estância en coupant par la fontaine, protégé du regard par un bosquet de saules pleureurs dont l'ombre procurait un peu de fraîcheur et où les poules se vautraient, ébouriffant leurs plumes, écrasées de chaleur.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas tudo isto levou seu tempo, de maneira que quando ele chegou ao rincão já as avestruzes haviam-se atirado no banhado e bandeado; apenas, por descuidada ou mais esfomeada, apenas uma se deixou ficar e agora não atinava com a passagem, e quando o Binga, gineteando, deu em cima dela, então é que o bicho ficou mesmo atarantado, e começou a gambetear zozzo, na enrascada.

Mais tout ceci a pris du temps, si bien que, lorsqu'il est arrivé au pré en question, les nandous s'étaient déjà jetés dans le marais et avaient traversé. Un seul oiseau, moins farouche ou plus affamé, était resté de ce côté-ci et maintenant ne retrouvait pas où passer, et quand Binga, chevauchant son picaço, est arrivé sur lui, c'est là que l'animal a vraiment été pris de panique, et il a commencé à courir dans toutes les directions, désorienté, se voyant pris au piège.

O guri se esqueceu do mundo!

Le gamin en a oublié le monde entier !

Tocava o picaço em cima do nhandu e atirava o laço... o bicho negaceava, e o laçador errava o tiro... E vá outro, e outro... mas errando sempre, só de apurado!

Il éperonnait le picaço pour le lancer sur le nandou et faisait tournoyer son lasso... l'animal faisait un brusque virage et le lasso ratait sa cible... Et il essayait encore et encore... mais ratait toujours, par précipitation.

Mas nisto o nhandu deu com a boca do rincão, viu o campo largo, e fazendo umas gambetas fortes, esparramando as asas, por fim aprumou o corpo e cravou a unha, num trotão galopeado, de comer quadras!...

Mais alors le nandou est arrivé à l'entrée du resserrement, il a vu devant lui la prairie ouverte et, tricotant des pattes, les ailes déployées, il s'est redressé, et s'est lancé dans une sorte de grand trot galopé, à avaler des lieues !...

Mas o rapazinho estava encanizado: levantou o picaço no freio e bateu de trás!

Mais le gamin était endiablé : il a tiré sur le frein et cravaché son cheval.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Amigo! Que disparada! Por tacuruzais e buracama de tuco-tuco, por cima das panelas de caranguejo, por lançantes de coxilhas e moles das canhadas, salvando sangas e arrancando no barral das lagoas, tudo era várzea lisa para aquela alminha de gaúcho!

Ah l'ami, quelle chevauchée ! À travers les champs de tacurus et de terriers de tuco-tuco, par-dessus les trous de crabes, sur le flanc des collines et le long des berges molles des ruisseaux, par-dessus les ravines et dans la marge boueuse des étangs ; pour cette âme de petit gaúcho, tout ça, c'était du terrain plat et lisse !

Despistada pela perseguição, a avestruz corria à toa. Corria. Depois foi mermando; e foi afrouxando, até que se enredou numas macegas e caiu numa cova de touro. E conforme caiu, já o guri estava-lhe em cima, atracado com ela, passando-lhe o laço, maneando-a, vencedor, afinal!

Désorientée par la poursuite, l'autruche courait au hasard. Mais elle courait. Puis, elle a commencé à aller moins vite, à perdre ses forces, a fini par s'emmêler les pattes dans des épineux et tomber dans une bauge de taureau. Et elle n'était pas plus tôt par terre que le gamin lui sautait dessus, la serrait dans ses bras, lui passait le lasso, l'attachait, finalement victorieux.

E respirou, aliviado; olhou o campo, silencioso, viu a casa lá longe, branqueando no verde do arvoredado.

Et là il a respiré, soulagé ; il a regardé la campagne silencieuse, a vu la maison au loin, une tache blanche dans le vert des arbres.

Como diabo ia ele levar a caça, aquela?... E quando estava botando as suas contas, o nhandu deu em patear, a se revirar todo e mal apanhou livre uma perna, priscou e se foi a la cria, deixando o caçador no ora-veja!...

Comment diable allait-il ramener son gibier ?... Et pendant qu'il faisait ses calculs, voilà le nandou qui se met à ruer, à gigoter dans tous les sens et à peine a-t-il réussi à dégager une patte qu'il a pris la poudre d'escampette, en laissant notre chasseur gros-jean comme devant.

Aí o Binga fez um jeito de choro de raiva, e mui desconsolado montou de novamente. E voltou para casa, a passo, porque o picaço vinha meio estanqueado, de quartos duros.

À ce moment là Binga a fait une grimace comme s'il allait pleurer de rage, et tout penaud il est remonté à cheval. Et il est rentré, au pas, parce que le picaço avait l'air d'avoir pris un coup de chaleur, les quartiers durcis.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com mil cuidados, aproveitando ainda a hora da sesta tornou a meter o flete no galpão e mui concho da sua vida foi para dentro, pedir à mãe - uma santa senhora, aquela dona! - pedir uma tigela de coalhada, pra refrescar.

Avec mille précautions, profitant de l'heure de la sieste, il reconduit donc le cheval jusqu'à l'écurie et comme si de rien n'était, il entre dans la maison, pour demander à sa mère —une vraie sainte, cette femme ! —demander un bol de lait caillé pour se rafraîchir.

Na manhã seguinte o picaço apareceu esticado na estrebaria: derreteu a graxa dos rins; morreu arreganhado.

Le lendemain matin, on trouve le picaço les quatre fers en l'air dans sa stalle ; la graisse de ses reins avait fondu, il était mort de contraction tétanique.

O velho ficou buzina!... Quem foi, quem não foi...; afinal o próprio Binga, meio de orelha murcha mas decidido, relatou a criançada, tintim por tintim.

Alors là le vieux fait un esclandre ! C'est qui, le responsable ? Finalement, Binga lui-même, l'oreille basse mais décidé, raconte l'enfantillage, par le menu.

Aí o velho andou mal... ali no mais, à vista da peonada, quis sovar o filho... e quando o guri viu o rabo-de-tatu no ar... quebrou o corpo, disparou e de vereda encarapitou-se num matungo que estava de piquete, encilhado, e abriu campo fora, sem rumo certo, ao deus-dará... Debalde o velho gritou-lhe

Et là le vieux perd son sang-froid... Devant ses péons, il veut donner une raclée à son fils, sur le champ... et quand le gamin le voit lever la queue-de-tatou en l'air pour l'abattre sur lui, il détale ; dans un même élan, il se perche sur un canasson qu'on avait laissé là, sellé, dans l'attente d'un service quelconque, et décampe vers l'horizon, sans savoir où il va. C'est en vain que le vieux lui a crié :

- Pára aí, menino! Pára aí, menino!

- Attends petit, arrête petit !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Qual! No peito do gauchinho não cabia a vergonha daquele guascaço do rabo-de-tatu, que caía-lhe em cima, se ele não foge...

Qu'est-ce que vous pensez ? La honte de recevoir cette volée de coup de queue-de-tatou qui allait lui tomber dessus s'il ne filait pas tout de suite, le cœur du petit gaúcho ne l'a pas supportée.

A sia-dona não viu nada deste passo; andava lá pra dentro, nos seus arranjos.

La maîtresse de l'estância n'a rien vu de ce qui était arrivé. Elle était à l'intérieur, vaquant à ses occupations.

Passou o tempo.

Le temps a passé.

Nunca mais houve notícias do menino.

On n'a plus jamais entendu parler du gamin.

Campeou-se pelo vizindário, saíram chasques a vários rumos e... nada!

On a bien fait des recherches aux alentours, envoyé des messagers, dans différentes directions et... rien !

O velho foi descuidando das lavouras; já não ia ao rodeio nem montava a cavalo; nas marcações ficava na porteira da mangueira, calado; pitava muito e passava os dias passeando na quinta, na rua das laranjeiras, de chapéu nos olhos e de mãos atrás das costas.

Le vieux a commencé à ne plus s'occuper des champs ; il n'aidait plus aux rodéos et ne montait même plus à cheval ; lorsqu'on marquait le bétail, il restait au portail du corral, sans dire un mot. Il fumait beaucoup et passait ses jours à flâner dans l'allée des orangers, le chapeau sur les yeux, et les mains dans le dos.

A peonada já nem podia arranhar nas violas, porque o velho se enquizilava e mandava logo um piazito dizer lá fora que não queria bochinchadas em casa.

Les péons ne pouvaient même plus gratter leur guitare, parce que le vieux s'irritait aussitôt et envoyait un gamin dire là dehors qu'il ne voulait pas que les gens fassent la foire chez lui.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Outras vezes dava-lhe para arranjar alguma trança, prendia a lonca e começava a tirar os tentos... e de repente parava, suspirava... e torcia a mão, cortando ou fazendo entradas no couro, e afinal picava tudo e não fazia nada, nem um botão, nem um passador qualquer, de cacaracá...

D'autres fois, il lui prenait l'envie de réparer quelque harnais, il attachait le cuir à un bout et commençait à découper des courroies...et puis, tout à coup, il s'arrêtait, soupirait... sa main glissait, et il coupait ou entaillait le cuir, et finissait par tout réduire en charpie, et ne faisait rien, pas un bouton, pas un passant qui puisse servir.

Ou ficava horas e horas, com os olhos perdidos naqueles descampados... olhando, olhando sempre, mas sem ver nada... nem as pontas de gado nem os mesmos andantes, que às vezes chegavam, pedindo pousada...

Ou bien il restait des heures et des heures les yeux perdus dans le vague regardant la campagne désolée, mais sans rien voir... ni les troupeaux de bétail ni même les voyageurs, qui parfois, arrivaient là et demandaient à passer la nuit.

A velhita, essa, então, dava lástima a gente se fixar nela...

La petite vieille, celle-là, elle vous faisait de la peine rien que de la regarder.

Não se riu, nunca mais, aquela senhora-dona. Chorar eu não vi: mas devia de chorar muito, porque quando vinha pra mesa servir os hospes, trazia sempre os olhos vermelhos e algo inchados.

Elle n'a plus jamais ri, cette femme. Pleurer, moi je n'l'ai jamais vu pleurer, mais elle devait pleurer beaucoup parce que, quand elle venait servir ses hôtes, elle avait toujours les yeux rouges et gonflés.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ajuntou num canto da sala todas as cousas do Binga; os aperos, o laço: umas tamanquinhas já gastas; um carretão de brinquedos, enfiadas de ovos, uma chuspa cheia de pelotas de barro, argolas e ossinhos de mocotós; enfim não sei quantas mais bobages de criança..., mas que tocavam no coração quando a gente pensava que o doninho andava por esse mundo, de gaudério e teatino... como cachorro chimarrão, comendo de esmola algum soquete ordinário e tinindo de frio, sem ao menos um bichará esburacado..

Elle avait rassemblé dans un coin toutes les affaires de Binga, ses harnais, son lasso, et des petits sabots déjà bien usés, une charrette de jouets, des œufs sur une ficelle, une bourse en cuir d'autruche pleine de boules d'argile, d'anneaux et d'os de jarrets de bœufs ; enfin je ne sais combien d'autres babioles d'enfant... mais qui vous brisaient le cœur quand on pensait que leur petit propriétaire était en train de vagabonder dans ce vaste monde, orphelin et loin de chez lui... comme un chien errant, mangeant une méchante soupe dont on lui avait fait l'aumône, et tremblant de froid, sans même un poncho bichara plein de trous à se mettre.

E sempre buenaça; mal chegava um andante, mandava logo um piá levar-lhe um mate, e ainda, à noite, água para os pés; e de manhã, quando a gente ia agradecer a pousada, lá vinha um naco de queijo ou meia vara de lingüiça, para fiambre, e outro amargo, pra o estribo...

Et sans jamais rien perdre de sa gentillesse ; à peine un voyageur arrivait qu'elle envoyait un pia lui porter un maté, et, la nuit, de l'eau pour se laver les pieds, et, le matin, quand ils venaient jusqu'à la maison pour remercier le gite, ils recevaient en prime un bon morceau de fromage ou de saucisse, comme provision, et un autre maté, pour la route...

Quem sabia do caso até nem falava nele... era tão penaroso o sofrer daqueles velhos, que não diziam nada, que a gente entendia tudo...

Ceux qui connaissaient l'histoire évitaient d'en parler... Le chagrin des deux vieux était tellement lourd qu'ils ne disaient rien mais que les gens comprenaient tout.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E não havia hospedeiro que tivesse comido daquela mesa ou dormido naquele teto, que não desejasse ser ele que pudesse um dia topar o guri desguaritado e trazê-lo, para o colo que esperava sempre e que rezava sempre ao Nosso Senhor Jesus-Cristo, que, sendo Deus, morreu perto da sua mãe...

Et il n'y a pas un hôte à avoir mangé à cette table ou dormi sous ce toit, qui n'ait souhaité être celui qui, un jour, rencontrerait le gamin égaré et le ramènerait vers le giron qui l'attendait toujours et priait toujours à Notre seigneur Jésus Christ qui, tout Dieu qu'il était, est mort non loin de sa mère.

A velhita finou-se primeiro, e de pura pena foi por certo.

La petite vieille s'est éteinte la première, et sûrement c'est le chagrin qui l'a tuée.

O vizindário em peso acudiu ao velório; o enterro se fez na vila.

Tout le voisinage est venu assister à la veille et l'enterrement s'est fait dans la vila.

Pois desde a estância até o cemitério - umas quantas léguas - o caixão veio sempre à mão. Mas não pesava nada. Também - pobrezinha! - que pecados podia ela ter?...

Et depuis l'estancia jusqu'au cimetière qui était éloigné de plusieurs lieues, les gens se sont relayés pour porter le cercueil. Mais il ne pesait rien. Aussi, la pauvre ! De quels péchés pouvait-elle donc bien être chargée ?

E quando foi a hora de o corpo cair na cova, que cada um atirou um punhado de terra, e que as crianças quase todas suas afilhadas - e as mulheres desataram num pranto de choro e até o coveiro se entreparou atristado, aí vi mais de um gaúcho colmilhudo manoteando nas lágrimas que dos olhos lhes caíam, grandes e claras, como as gotas d'água que caem do cartucho dos caetés...

Et quand ça a été l'heure de descendre le corps dans la fosse et que chacun a eu jeté une poignée de terre et que les enfants, pratiquement tous des filleuls à elle, et les femmes ont éclaté en sanglots et que même le fossoyeur s'est arrêté, tout ému, j'ai vu là plus d'un vieux gaúcho écraser de sa main les larmes qui lui coulaient des yeux, grandes et claires comme des gouttes d'eau tombant de la corolle des caetés.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Meses depois o velho seguiu o mesmo caminho de nós todos; mas antes de morrer, engabelado por um padre gringo que apareceu aqui pelos pagos, lá fez uns papéis... e papéis foram que tudo o que era dele passou para missas e outros engrólios que ninguém sabia o que eram. Nem um tambeiro saiu para um afilhado!...

Quelques mois plus tard, le vieux suivait le même chemin, celui qu'on suit tous, mais avant de mourir, embobiné par un curé italo qui a fait son apparition dans les parages, il a signé des papiers... et lesdits papiers faisaient que tout ce qui lui appartenait serait dépensé en messes et d'autres choses dont personne ne savait ce que c'était. Il n'est pas même resté un veau pour les filleuls du vieux.

Os parentes meteram demanda... foi um arranca-rabo que durou anos...

Les parents ont porté plainte... Le procès a duré des années...

E enquanto isso... vancê sabe o que é casa sem dono!...

Et pendant ce temps... Bon vous savez bien comment c'est, une maison sans propriétaire.

O Binga... quem sabe lá. o que foi feito dele, por esse mundo de Deus, tão grande!...

Binga... Qui peut savoir ce qu'il est advenu du gamin, dans ce monde que Dieu a fait si vaste !...

Cuê-pucha!... Eu desejava que ele aparecesse, só por causa do padre gringo!... Que sumanta o guri lhe não havia de encostar!...

Pu...rée ! Comme j'aurais voulu qu'il revienne ici, juste à cause du curé italo... Quelle rouste le gamin n'aurait pas manqué de lui donner !

E... por Deus e um patacão!... Eu dava as guascas e ainda ajudava a atar!...

Eh... Bon Dieu. Moi, je donnais les harnais pour le fouetter et en plus j'aidais à l'attacher !

Ora se não!...

Bin alors, j'allais m'géner !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº17. Escrita regional para uma ambientação regional

Texto e pretexto: “Juca Guerra”

Foco: o tratamento dos regionalismos na estratégia tradutória em geral

Os contos de Simões têm a reputação de ser um texto difícil para os alunos das escolas, colégios, faculdades a cujo currículo foi incorporado. Alguns leitores de Simões até acham que ele onerou seu texto com excesso de regionalismos, o que comprometeria sua divulgação. Entretanto, não se deve esquecer que a obra gauchesca de Simões compartilha desta característica bem conhecida das letras da chamada canção tradicionalista (Jayme Caetano Braun, Paixão Cortes, Luiz Coronel, etc.): por serem, justamente, regionalizantes – i.e. militantes em prol da preservação de determinado patrimônio cultural local, inclusive portanto o vocabulário regional –, as canções densificam, às vezes “em extremo”, o uso dos regionalismos lexicais. Neste sentido, é significativo que o glossário compilado por Aurélio Buarque de Holanda para o conjunto dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul* incluía quase um milhão de entradas (o de Aldyr Schlee aproximadamente o dobro) para um texto que, a final de contas e de contos, não alcança as 50 000 palavras.

O que são os regionalismos?

A questão dos regionalismos nunca é realmente simples, e, a meu ver, fica bastante complexa ainda mais porquanto estamos lidando com um texto do tipo dos *Contos gauchescos*. A bem dizer da verdade, estou falando mais da questão da identificação (no sentido, inclusive, de localização ou geolocalização) do que da sua compreensão, uma vez que a maioria desses regionalismos, contrariamente ao que ocorre nas obras lexicográficas francesas, se encontram devidamente registrados nos dicionários genéricos. E, caso não se encontrem em Houaiss, Aurélio, Aulete, Michaelis, etc. com certeza fazem parte do elenco lexical contemplado em obras especializadas como as de Romanguera, Coruja, ou, mais perto de nós, dos irmãos Cardoso Nunes e tantos outros. Digo que é que um pouco complexa esta questão no caso dos *Contos gauchescos* porque o caráter regional “acavalga” vários espaços e concerne a várias escalas geográficas (territoriais ou culturais).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não custa acrescentar que ocorre com frequência uma palavra ser assinalada como regionalismo em tal obra de referência e como elemento do léxico luso em geral ou do vocabulário nacional (se se estiver considerando os espaços infranacionais) em outra. Uma palavra pode também ter vários verbetes com estatutos diferentes relativamente ao caráter regional do seu emprego. E, dentro de cada verbete, pode haver acepções apontadas como regionalismos e outras não.

A título de ilustração, seguem alguns pontos que podem ter dificultado a “geolocalização” (o espaço de uso) de palavras postuladas como regionais.

A questão da “escala” regional.

Os dicionários brasileiros, como os citados acima, dão-nos uma boa ideia da variação de escala, ao se referirem a palavras específicas do vocabulário brasileiro como sendo regionalismos. Em princípio, os verbetes de obras de referência como as de Aurélio Buarque de Holanda, Antônio Houaiss, Caldas Aulete, etc. cobrem três “escalas”:

- o espaço nacional que se diferencia em relação ao espaço lusófono como um todo e cujo “estalão” seria o português “matricial” de Portugal (mais ou menos a variedade preferida no sistema “escolar” nacional do país).

- o espaço propriamente regional que se subsume ao espaço nacional e que correspondesse, *grosso modo*, a um uso da palavra mais ou menos restrito a uma região administrativa do território nacional: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste, Sul.

- um espaço sub-regional que fica implicitamente definido como correspondendo à divisão administrativa de estado brasileiro: Amazonas, Amapá... Paraná, Rio Grande do Sul.

É evidente que os espaços de uso não somente acavalgam estas divisões administrativas (a região e o estado), mas também se dividem bem além destas demarcações. Por exemplo, dentro dos regionalismos do Rio Grande do Sul, alguns são mais específicos do Sul do Estado, alguns da Campanha sul-rio-grandense, se considerarmos os limites das meso e microrregiões estaduais, outros de tal ou tal município, e ainda outros de bairros particulares de tal ou tal cidade, etc. se reduzirmos ainda mais o foco, existindo outros critérios de delimitação como a proximidade ou o afastamento da fronteira, a predominância de um ambiente rural ou urbano, etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Diferenciação entre nacional e infranacional:

Nos *Contos gauchescos* acontece de uma mesma palavra ser empregada ora em sentido regional ora em sentido nacional.

Flutuações no uso e no significado: o exemplo de ‘escaramuçar’

Tomamos a título de ilustração o verbo ‘escaramuçar’. Eis a definição que nos propõe o dicionário (Houaiss no caso): “1 combater ou lutar em escaramuça Exs.: escaramuçaram com os soldados recém-chegados / escaramuçavam violentamente 2 Regionalismo: Rio Grande do Sul. fazer com que (o cavalo) dê muitas voltas”. Ora, encontramos na fala de Blau o uso da palavra tanto na primeira acepção (“Ora, pra quê... Pra escaramuçar [it] os farrapos!...”; “isto foi ensinando a escaramuçar com os golas-de-couro”) quanto na segunda (“O Reduzo, de pura pabulagem, atou a cola do pingo e logo riscou, escaramuçando” em “Melancia Coco verde); “O cusco escaramuçou, contente” em “Trezentas onças”; “saiu escaramuçando, meio ladeado!” em “O Negro Bonifácio”)? No caso de ‘escaramuçar’, o placar sai em favor da acepção regional, o que poderíamos considerar como típico da voz de Blau, mas não é sempre o caso e se apresentam ocorrências em que é difícil decidir se o vocábulo é empregado em sentido nacional ou em sentido regional

Variações ao nível nacional

Esta flutuação entre espaços de uso se verifica nas outras escalas de diferenciação no âmbito do espaço nacional, com palavras aparecendo como simplesmente ‘sulismos’ em uma obra de referência e ‘gauchismos’ em outras. Sem mencionar as ocorrências em que o dicionário remete, para tal ou tal vocábulo empregado por Blau Nunes e obviamente de uso restrito (i.e. não nacional), a outros espaços regionais (outra região: p. ex. Nordeste ou Centro-oeste; outro estado: p. ex. São Paulo ou Goiás, etc.²⁴⁷), isto se explicando em parte pela circulação das palavras ao longo dos circuitos de comércio e de deslocamentos populacionais (rotas tropeiras, rotas marítimas, contrabando, migrações internas, etc.). Às vezes, este tipo de fenômeno concerne a uma acepção particular.

²⁴⁷ Por exemplo, entre muitas outras ocorrências: encontramos ao verbete “piguancha” do dicionário de Antônio Houaiss: “piguancha: 3 Regionalismo: São Paulo. a fêmea do cavalo; égua”. Ora, não haveria por que, a priori, considerar esta acepção específica, uma vez que o espaço de contação e de ambientação do conto é o pampa. Contudo, nada garante, no meu entendimento, que Simões, ao colocar o termo na boca de seu narrador, não tenha jogado, justamente, com esta possibilidade de sentido, especialmente quando se contemplam os esquemas de zoomorfização do discurso incorporados à narrativa. Também deveria entrar na conta a influência cultural-lingüística dos paulistas sobre a formação demográfica e cultural do Rio Grande.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Variações ao nível internacional

Da mesma forma, o caráter inter-regional e supranacional, no caso de termos usados tanto no espaço rio-platense quanto no espaço rio-grandense, acontece não ser tão nitidamente demarcado assim quanto a linha divisória que separa o Brasil da Argentina e do Uruguai (pelo menos no papel). Há, por exemplo, palavras procedentes do Rio do Prata que integraram o vocabulário nacional, ou mesmo o vocabulário regional de outras porções do território brasileiro fora o Rio Grande do Sul (São Paulo, Minas Gerais, etc. notadamente, como apontei acima, pela ação dos intercâmbios culto-linguísticos fomentados por tropeiros, contrabandistas, mascates...), entre as quais algumas chegaram a ser usadas no conjunto do espaço lusófono e até se encontram hoje em dicionários genéricos de português de Portugal.

Flutuações de categoria espacial de uma obra de referência para outra

Os dicionários são longe de concordar, aliás, na questão do espaço de uso de muitos termos. Assim, o Houaiss dá ‘parelheiro’ como um brasileirismo, enquanto o Aurélio define o mesmo termo como sendo um sulismo. Cumpre mencionar, neste quesito da variação de categoria regional (de um ponto de vista focado na “territorialidade”), o caso de palavras, ao exemplo de ‘escaramuçar’ citado acima, que possuem acepções diferentes conforme o espaço e a escala de uso. Isto se vê em particular no segmento lexical dos etnônimos, cuja significação tem evoluído bastante com o tempo, mas em ritmo e com *patterns* diferentes seguindo os espaços regionais.

O exemplo de ‘piá’

Assim, ‘piá’, na literatura nacional (de *Macunaíma* a *Maíra*, passando por *Quarup*, etc.) serve em princípio para se referir à criança indígena, mas, em situação de uso mais corrente, tem designado qualquer criança; nas literaturas sulistas, a significação da palavra tem evoluído daquele sentido mais restrito de criança indígena para o sentido já menos restrito de criança mestiça – especialmente na literatura do fim do século XIX e do começo do século XX (o menino índio ou caboclo das estâncias simonianas) – e ainda menos restrito de criança *tout court* na literatura mais recente, onde designa mais frequentemente qualquer menino, inclusive nas composições tradicionais de um Jayme Caetano Braun. À diferença de Sepé Tiaraju, o “piá” guarani destinado a liderar a revolta dos índios missionários no romance histórico de Alcides Cheuíche, o famoso regionalista “Piá”-do-Sul não era nenhum índio de aldeamento.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em se tratando dos piás de estância que aparecem nos contos de Simões, portanto, o mais provável, na lógica das linhas de representação orientando a narrativa, é que são entendidos enquanto “gauchitos”. Ou seja, o emprego do termo no contexto da mimese dos *Contos gauchescos* implica que os meninos são de estirpe miscigenada (caboclinhos), prole de campeiros como Blau Nunes, o próprio narrador justamente, e de seus alter egos das personagens entre elas, Picumã, Reduzo, etc.

Possível significação da flutuação semântica no uso do vocabulário por Simões

O ordenamento das acepções nos dicionários Houaiss e Aurélio reflete, aliás, certa flutuação no uso do vocábulo. Poderíamos considerar que a variação de significado para um mesmo significante em determinado texto é um elemento da própria construção mimética na medida em que o texto, seja no monólogo narrativo, seja nas falas das personagens, reproduz mais ou menos “deliberadamente” este traço particular das práticas languageiras (i.e. a própria flutuação de uso e de sentido). Infelizmente, é muito raro encontrar termos na língua de chegada que possam “reproduzir” (transferir) fenômenos similares de flutuação, polissemia, ressemantização, etc.²⁴⁸ ou no mesmo grau.

Conforme illustrei acima ao falar das ocorrências de ‘escaramuçar’, termo empregado ora em acepção nacional ora em acepção regional, certas colocações de determinados termos no texto simoniano se situam justamente na fronteira entre tal e tal acepção ou entre tal ou tal espaço de uso. O que dizer, por exemplo, desta ocorrência de ‘reiuna’, em “Deve um queijo!”, “um freguês estava reclamando sobre uma panela reiuna”, quase dichote no qual a astúcia de Blau girasse, basicamente, em torno de dois sentidos: um nacional, “de baixa qualidade ou condição; ordinário, ruim²⁴⁹” outro, regional e mesmo inter-regional/transnacional (platino) “animal a que falta a ponta de uma orelha”.

Esta maneira de “jogar nas onze”, aproveitando ao máximo as possibilidades semânticas e estéticas das palavras, é parte integrante da implementação artística do vocabulário, seja nacional ou regional, formal ou informal, etc. na composição textual.

²⁴⁸ Um colega a quem eu perguntava por que, num mesmo diálogo de Erico Verissimo, apareciam as formas ‘tu’ e ‘você’ “na boca do” mesmo locutor para se endireitar ao mesmo interlocutor, respondeu-me com muita perspicácia que o diálogo “mimetizava” justamente certa flutuação de uso na época de ambientação do romance entre as duas formas de tratamento, sem que isto traduzisse necessariamente, por exemplo, uma mudança de postura por parte do locutor em relação a seu interlocutor.

²⁴⁹ Nem o Houaiss nem o Aurélio assinalam ‘reiuno’ neste sentido como sendo um regionalismo brasileiro. Mas a origem platina joga a favor de uma restrição geográfica de uso e os dicionários portugueses (de português de Portugal) indicam que se trata de um brasileirismo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Houaiss

Regionalismo: Brasil. 1 menino indígena
2 Derivação: por extensão de sentido. menino mestiço de indígena com branco
3 Derivação: por extensão de sentido. qualquer criança do sexo masculino; menino
4 Regionalismo: SC, S. nas estâncias, peão menor de idade que não é de raça branca
5 Rubrica: orn: Maranhão. m.q. alma-de-gato (Playa cayana)

Aurélio

1. Bras. Índio jovem.
2. Bras. Mestiço jovem de branco com índio; pequeno caboclo.
3. Bras. V. menino (1).
4. Bras. SC RS Qualquer menor que não é branco e trabalha como peão de estância.
5. Bras. MA Zool. V. alma-de-gato (1).

Repara-se que o próprio estatuto “regional” da palavra pode ser em causa. Destarte, o vocábulo ‘passarinheiro’ não é assinalado como sendo de uso restrito a determinada porção regional do território nacional²⁵⁰. Entretanto, é incluído em dicionários de regionalismos sul-rio-grandenses como o dos irmãos Cardoso Nunes.

Além do mais, a presença de determinado termo num dicionário de regionalismos não garante que seja um regionalismo. Ou seja, conforme insisti antes, uma palavra pode ser considerada como um gauchismo, de emprego “exclusivamente” no Rio Grande do Sul, por tal obra de referência ou como um brasileirismo, de emprego no conjunto do território nacional, por tal obra.

Tampouco essa presença garante que o termo pesquisado seja uma palavra específica do espaço geo-cultural contemplado pela obra na qual a encontramos e que deu lugar à investigação. Há palavras que encontramos em dicionários sulistas e também em dicionários nordestinos, inclusive com as mesmas acepções (ou, como disse, em dicionários genéricos que não a marcam como regionalismos). O status de uso da palavra (onde, quando, em que tipo de comunicação...) pode depender também da edição do dicionário consultado, uma vez que tal edição pode assinalar determinada palavra como um regionalismo, e tal outra edição da mesma obra de referência não especificar o uso da mesma palavra. A história da emergência e da difusão das palavras nunca é absolutamente cristalina; há acervos de vocábulos regionais que incorporaram elementos do léxico comum (supostamente) à população de todo o território nacional e há palavras que passaram, em determinados momentos, de um acervo regional a outro ou de um acervo regional a um acervo nacional.

²⁵⁰ No Aurélio, há uma averbação, “Bras” que indica que se trata de um brasileirismo. Não é o caso no Houaiss, que, entretanto, remete ao verbo “passarinhar”, este devidamente assinalado como um regionalismo brasileiro na acepção em pauta [“mexer (a cavalgadura) a cabeça”, impossibilitando a colocação do freio, buçal, etc.]

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Breve panorama das práticas tradutórias

Em geral, os tradutores lidam com a presença de regionalismos num texto literário com diversas combinações de três estratégias, digamos, básicas:

- a padronização, que consiste em substituir aos regionalismos termos da variedade nacional predominante (pelo menos no sistema escolar). Seria a tônica de *Storie di gaùchos*, a versão italiana de Tavani;

- a transposição do caráter regional, a qual se fundamenta no traduzir os regionalismos valendo-se de regionalismos da língua de chegada (p. ex. transpondo o linguajar gaúcho/gauchesco para o provençal dos gardians camarguenses no sul da França); como aponto alhures o maior problema com esta solução é uma espécie de “duplo deslocamento” que ela acarreta no âmbito da ilusão literária (um gaúcho fala francês e, além disto, fala “occitano”)

- a manutenção dos regionalismos originais, transladando-os para o texto da versão estrangeira. Seria a tônica de *Cuentos gauchescos*, a versão para o espanhol produzida pelo tradutor uruguaio Román García Arrospeide, sendo que essa versão também se enquadra na segunda configuração (o linguajar gaúcho/gauchesco representado no texto de Simões está transposto para o espanhol uruguaio dos campos do nordeste e norte do país no século XIX, ocorrendo que as duas variedades possuem muito vocabulário em comum – e até compartilham estruturas sintáticas e outros modismos sulistas ou pampianos).

Com vistas em proporcionar ao aluno de tradução uma ilustração do que pode isto pode significar na prática, queria propor em anexo do comentário três versões do conto “Juca Guerra”:

- uma versão “estandardizante”. (uniformização linguística na conversão de uma variedade regional para uma coíné);

- uma versão “adaptativo-regionalizante” (estabelecendo uma sorte de bijecção entre o vocábulo específico do pampa e o vocábulo específico “correspondente” ao “mesmo” referente virtual no linguajar dos gardians camarguenses);

- uma versão “radicalmente estrangeirizante” (possivelmente excessivamente estrangeirizante) que importasse os regionalismos originais (boa parte deles em todo caso) diretamente para a versão francesa.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Infelizmente, não consegui terminar este trabalho das três versões contrastantes e o que emergiu afinal foi uma versão potencialmente comercializável, possivelmente “cobarde” com respeito a certas escolhas, mas que possa eventualmente ser apresentada a uma editora com alguma chance de não ser rejeitada de imediato. Como acontece com muitas versões estrangeiras, a proposta de tradução ao francês combina as três estratégias básicas descritas *supra*, com o risco de heterogeneização no tratamento dos regionalismos que acarreta semelhante escolha.

Integração artística dos regionalismos: dimensão literária, inclusive estética

A maior parte dos críticos que tem visto na produção literária de Simões uma obra de arte que merece ser valorizada e difundida insistiu no fato de o autor ter-se valido do vocabulário regional como recurso artístico de pleno direito. Ou seja, o emprego dos regionalismos em *Contos gauchescos* nunca se poderia resumir ao afã de representar com alguma fidelidade maior as práticas languageiras locais. Sempre, esses itens que Buarque de Holanda ou Aldyr Schlee identificaram como suscetíveis de ser estranhados pelo grande público leitor desempenham alguma função na composição textual que vai bem além de uma mera intenção autoral de conferir cor local à narrativa. Aliás, se o escritor gaúcho somente tivesse visado dotar seu texto de alguma cor local, ele teria agido como tantos outros autores, apenas salpicando suas páginas de algum regionalismo aqui outro ali. Como disse, não é o caso. O fato de os regionalismos se encaixarem tão bem na construção textual confere como que certo caráter inconsútil a sua incorporação na narrativa. Quero dizer, não há real “quebra” estilística, na fraseologia, entre os regionalismos e os demais elementos que a constroem, bem como não há contraste conspícuo entre a voz do letrado e a voz do campeiro na composição da fala de Blau Nunes. No meu entendimento, esta integração bem-sucedida, bem harmonizada, está vinculada, entre outros aspectos, à maneira como os regionalismos entram em jogos de ressonâncias que envolvem os demais elementos textuais (a priori não regionais). Bem como Augusto Meyer escreve em *Prosa dos pagos*:

O que me parece extraordinário no seu caso é o problema de estilo que conseguiu resolver. Entre o linguajar e a estilização, não notamos solução de continuidade. Quando joga com os recursos tão limitados do estilo indireto, raras vezes o leitor se dá conta do momento crítico da transição, do momento em que a prosa rude, colorida, sincopada de Blau Nunes deixa transparecer a voz do autor, em que a imaginação livre do campeiro contador de “casos” se transforma em imaginação consciente e criadora.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E Aurélio Buarque de Holanda, no seu ensaio sobre “estilo e linguagem de João Simões Lopes Neto”, confirma o veredito, contrastando o feito criativo de Simões com os esforços canhestros (segundo o ensaísta) de outros escritores, contemporâneos do autor gaúcho, para inscrever a voz popular local em seus escritos.

Parece-me este, exatamente, o caso de tais regionalistas. Estropiam sem dó nem piedade os vocábulos, no falar caipira, a pretexto de caracterizá-lo bem nitidamente; guindam-se a valer, capricham à larga na correção sintática, no retorcido da frase, quando estão com a palavra. Essa contínua e violenta desigualdade de nível, quebrando a unidade da composição literária, choca-nos. O excessivo caipirismo revelado na transcrição servil da fala matuta não parece de boa praxe. Prende-se a um conceito fotográfico de arte, inaceitável. Admite-se que, para assinalar bem um tipo, em uma ou algumas frases breves se lhe reproduza a fala com todas as deformações; mas o abuso desta prática desperta uma incômoda sensação de antiliterário.

Uma maneira de se estudar a incorporação dos regionalismos no texto de Simões consistira em usar as ferramentas de análise de corpus. Elas nos permitiriam trabalhar na questão da densidade no emprego do recurso, dentre outros aspectos relevantes. Onde a maior concentração de platinismos, de indigenismos no texto? E em que se pode relacionar as variações de concentração com aspectos temáticos de tal ou tal conto, por exemplo?

A minha impressão, em se tratando dos regionalismos no seu conjunto, é que eles foram distribuídos tanto naqueles trechos mais líricos que Augusto Meyer atribui a uma instância narrativa organizadora, e fundamentalmente “homogeneizante”, que fizesse a junção com o universo letrado, quanto nos diálogos ou mesmo nos segmentos da narrativa na qual o acento popular se deixa ouvir com mais conspicuidade, Blau o vaqueano retomando a vantagem sobre o transcritor, o contador de casos falando mais alto do que o contista. Esta densidade bem repartida dos regionalismos seria, pois, outro elemento de coerência estilística do texto.

Desta incorporação bem-sucedida dos regionalismos na trama do texto literário procede a tese principal em torno da qual se articula este trabalho, a saber, que os regionalismos participam, de pleno direito e com igual grau de integração, à construção das redes significantes e dos esquemas estetizantes em que se alicerçam os contos enquanto obra de arte. Partindo de semelhante postulado, igualmente que para as outras unidades do texto, os regionalismos não poderiam ser processados pela tradução como se se tratasse de elementos “autônomos”, mas deveriam ser traduzidos em “harmonia”, o quanto possível, com os demais constituintes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Isto, ainda mais porquanto, conforme expliquei, optei por não “regionalizar” o texto da versão estrangeira no sentido de substituir ao vocabulário regional dos *Contos gauchescos* termos escolhidos em acervos lexicais regionais dentro do espaço francófono.

Descarte da solução adaptativa-regionalizante

Incomodou-me localizar a versão numa região específica da França ou do espaço francófono (p. ex. “camarguizando”, “bretonizando”, “quebequizando” ou “creolizando” a língua), ou heterogeneizar por demais a regionalização da fala do narrador, tomando uma palavra daqui, outra palavra dali. Podia, é verdade, ter escolhido homogeneizar a regionalização do vocabulário da versão estrangeira em selecionando unicamente ou preponderantemente palavras do léxico regional da Camargue, uma vez que é a região da França cuja cultura campeira se aproxima mais da cultura campeira do pampa representada na obra de Simões²⁵¹. Entretanto, acabei optando por outra solução, com receio da dupla deslocalização acarretada por este tipo de escolha, mas seria este tipo de “adaptação” certamente uma possibilidade de se contemplar em outro projeto. Nesta configuração, haveria de se criar um sistema de correspondência, cuidando também da integração dos termos suscetíveis de dificultar a leitura, colocando-os precisamente nas encruzilhadas paradigmático-sintagmáticas de maneira a procurar preservar algumas das relações paronímico-semânticas, dentro das redes significantes e dos esquemas estetizantes, que têm sido enfatizadas ao longo deste trabalho. Não custa acrescentar que para tanto, o tradutor precisa dominar a língua regional “alvo”.

gauchismos

manada
campeiro
reïunar
campear
estancieiro
marcação
varar um vau

“occitanismos”

manade
Gardian
Écousser
Acampar
Pelot
Ferrade
passer la gase

²⁵¹ São inúmeros os casos nos quais o tradutor decidiu regionalizar o texto da versão estrangeira, escolhendo uma região do espaço de chegada que tivesse a maior afinidade com a região do espaço de partida e fazendo corresponder aos regionalismos deste os regionalismos daquele. Entretanto, na maior parte das traduções, observa-se uma combinação de recursos (regionalismos tomados emprestados do espaço culto-linguístico de partida, regionalismos do espaço culto-linguístico de chegada, criações, compensações, etc.). A primeira solução cria heterogeneidade em relação com o texto original (uma região brasileira “se transforma” em uma região francesa), porém mantém homogeneidade no uso geral dos regionalismos. A segunda atenta à homogeneidade do texto original, neste quesito particular do emprego de regionalismos, mas consegue manter em algum grau maior a ilusão mimética (a região brasileira fica, mais ou menos, uma região brasileira).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando se está falando da integração artística dos regionalismos, a que se está referindo, “concretamente”?

Algo que tentei salientar nos comentários é justamente a maneira como o significante significa além da acepção dicionarizada. Novamente, é uma questão de se acordar tanta atenção ao que o significante pode remeter do que ao que ele pode designar. Nesta senda, como optei por não “occitanizar” o texto dos *Contos gauchescos*, ou seja, por não haver um campeiro gaúcho falar como um gardian provençal, esforcei-me pelo menos, nas minhas escolhas lexicais, de resgatar algo desta significação “conotativa” e “ressonativa”²⁵², que desaparece em boa parte ao padronizar o vocabulário (ou regionalizá-lo, vide nota *supra*).

Darei dois exemplos a seguir para ilustrar este meu *approach*, ressaltando que contam por centenas os vocábulos que precisariam de um tipo similar de abordagem, dada a intricação léxico-semântica (regional/nacional; popular/erudita, etc.) na composição dos *Contos*.

As redes metafóricas

O estudo procura mostrar, nas páginas que se seguem, que o regionalismo lexical no texto literário não consiste unicamente na substituição de uma palavra da *coine* por uma palavra da variedade regional para “localizar” a fala do narrador. Aliás, penso ter dado já vários exemplos aqui (‘china’, ‘milongueira’, etc.) da maneira como os regionalismos se integram na tessitura dos contos, enquanto componentes artísticos “de pleno direito” na composição literária, bem além de sua função de elementos participativos da elaboração da ambientação. Em outros termos, as cores com que “pintam” a narrativa não pertencem unicamente à paleta da cor local. Sigamos Augusto Meyer que escreve em *Prosa dos pagos*: “A sua obra tão breve e humilde merece um estudo minucioso sob o ponto de vista do estilo e do vocabulário, pois é grande a riqueza de pesquisa que propõe ao crítico. Jogando com matéria bruta limitada, com elementos primários para construir sua ficção, reduzida a um escasso repertório de situações, conseguiu tirar efeitos imprevistos de tamanha pobreza, ao trabalhar em intensidade.”

²⁵² As ressonâncias se fazem em função de diversos espaços de repercussão. No caso dos *Contos*, interessei-me em particular na maneira em que os vocábulos traziam ressonâncias dentro do próprio sistema semântico e estético do texto literário, ou seja, principalmente, em relação com os outros elementos deste sistema. Por exemplo, há esquemas de ressonância fora, mas também dentro, do sistema textual dos *Contos* entre palavras como ‘touro’, ‘taura’, ‘torena’, ‘touruno’, etc. As reverberações ou repercussões produzem conexões “sinápticas” entre elementos da mimese e da simbólica dos *Contos*. O touro morto em “Juca Guerra” lembra o tauro/taura morto em “O Negro Bonifácio” que nos conta a história de outro miúra (em tauromaquia, é um touro bravo, difícil de se lidar).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O regionalismo: muito mais do que um localizador

Pretendo abordar nas páginas seguintes a questão do “desprendimento”, no processo de tratamento dos regionalismos com os fins de sua transferência ou não transferência para o texto de destino²⁵³. Pretendo oferecer um vislumbre do que ocorre, tanto do ponto de vista do que acontece com o texto original, a unidade sendo “desenraizada” de seu terreno, tal uma planta que se “trasladasse” de um lugar para outro, com diferentes condições de clima, de solo, etc.²⁵⁴, quanto do ponto de vista do desgarramento das unidades de seu “texto manada” uma vez transferidas essas unidades, processo que acompanha necessariamente cada escolha do tradutor.

O caso do taura. Vejamos o caso do termo “taura” que escolhi aqui para ilustrar este propósito, precisamente por ser um regionalismo.

Taura: Aurélio. [Do esp. plat. tauro, ‘jogador astuto’.] Adjetivo. Substantivo masculino. 1. Bras. RS V. valentão (1 e 3).

Caldas Aulete. s. me || *Adj.* (Bras., Rio Grande do Sul) pessoa perita em certo assunto. || Folgazão; valentaço. F. cp. cast. argent. Taure²⁵⁵.

Houaiss: Regionalismo: Rio Grande do Sul. 1 que ou quem é perito em qualquer assunto 2 que ou aquele que é forte, destemido, valente 3 que ou quem é desembaraçado, expansivo, folgazão. etimologia; prov. adp. em *taura* do plat. *tauro* ou *toro* 'astuto, sabido'

“*Taura*” nas versões estrangeiras.

texto de Simões Lopes

Se o negro era maleva? Cruz!
Era um condenado!... mas,
taura, isso era, também!
[...] mas foi caipora.

texto de Giuseppe Tavani

... Se il negro era uno
scellerato? Dio ne guardi! Era
un delinquente!... Ma anche
coraggioso, era!
[...] ma fu sfortunato.

texto de Garcia Arrospeide

¿Si era malevo el negro?
¡Cruz! ¡Era un condenado!...
¡pero era **taura** también!...
[...] pero fue un desgraciado

²⁵³ Vide Anthony Pym sobre o balance entre busca da autenticidade e intenção paródica na escolha das soluções de tradução dos regionalismos. (“Translating Linguistic Variation: Parody and the Creation of Authenticity” in *Traducción, metrópoli y diáspora*, ed. Miguel A. Vega & Rafael Martín-Gaitero, Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2000)

²⁵⁴ Trocas de seiva: toda palavra seria epífita ou saprófita ou parasita de outras, em alguma medida, alimentando-se de seu sentido, porém, ao mesmo, tempo alimentando-as com o seu.

²⁵⁵ “taure”? Curiosamente, não encontrei este vocábulo em nenhum dicionário de espanhol, qualquer que seja seu escopo (genérico, especializado, nacional, regional, etc.). Contudo, é o termo que decidi usar, por ter a particularidade de se terminar com a letra “e”, terminação possivelmente feminizante em francês.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pontos, pontes, pontas. Soltando e segurando as pontas.

Ponto/ponte sobre o qual insisti ao longo deste trabalho, o regionalismo – a unidade lexical de emprego localizado, infranacional – que se encontra na escrita de Simões não é “intercambiável”. Ele participa plenamente das redes significantes que percorrem, e mesmo organizam os textos e, por isso, não se deixa simplesmente substituir por um mero “equivalente” semântico que interessasse principalmente ao “esquema primário” da mimese (naquele plano que chamo de “epidermimético”). De um ponto de vista linguístico, ‘flete’ não é ‘cavalo’, ‘china’ não é ‘moça’, ‘cusco’ não é ‘cachorro’ (da mesma forma que ‘cachorro’ não é ‘cão’) etc.. Não há “intercambialidade”, apesar de as palavras citadas *supra* se referirem efetivamente, no plano da mimese, a um cavalo, a uma moça, a um cão, etc. Isto, talvez ainda mais porquanto Simões exerceu sua maior criatividade, não na armação propriamente dos contos, de cujo material boa parte, como se sabe, o escritor gaúcho tomou emprestado de diversas fontes, mas na ourivesaria da linguagem usada para recortar e recontar, o que muitos dentre os críticos que louvaram a sua arte têm contemplado principalmente sob o ângulo da mestria na estilização de uma matéria preexistente²⁵⁶.

Assim desejaria ilustrar a seguir a maneira como uma prática, que eu chamaria de “substituição intermediária”, por falta de encontrar uma formulação mais feliz – o tradutor supostamente passa por uma unidade da língua nacional²⁵⁷ de chegada para converter o regionalismo na língua nacional de partida –, então, como esta prática pode aumentar a probabilidade de deixar pontas soltas no texto vertido que, ao se acumularem, são suscetíveis, por sua vez, de lhe reduzirem substancialmente o interesse e a pungência. Ao tratar “flete” como se o termo fosse rigorosamente idêntico a “cavalo”, ou “china” como se a designação fosse rigorosamente idêntica a “moça”, renuncia-se, pois, em levar para o texto de destino alguns apêndices “vitais” do conjunto orgânico (um pouco como ganchos num sistema de conexões) que “prendiam” o termo original à matéria viva, orgânica justamente, de seu contexto, como capilares sanguíneas a um plasma²⁵⁸.

²⁵⁶ É notadamente o caso de “O negrinho do pastoreio”, “Melancia – Coco verde” entre outros.

²⁵⁷ A maior parte do tempo, efetivamente, encontradas nas obras de referência, nem que fosse porque Aurélio Buarque de Holanda as incorporou no seu dicionário, desde o qual é provável que “terão viajado” para outros, bem como os gauchismos platinos se translocaram nas costas das mulas das tropas para outros estados, inclusive Minas Gerais e Goiás.

²⁵⁸ “A sia-dona mãe da noiva levantou o balandrau do Jango Jorge e desamarrou o embrulho; e abriu-o. Era o vestido branco da filha, os sapatos brancos, o véu branco, as flores de laranjeira... Tudo numa plastada de sangue... tudo manchado de vermelho, toda a alvura daquelas cousas bonitas como

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Alguns “ganchos” de/com o termo “taura”²⁵⁹ que permitem a ancoragem da unidade em vários campos léxico-semânticos e que julguei suficientemente (subjetivamente) relevantes para serem pensados no momento da transferência:

- campo léxico-semântico da corrida, ou seja, do sacrifício “ritual” de um **tauro** (alguns engates lexicais, outros sintáticos ou estilísticos no sistema de imbricação mimética-simbólica pela dimensão icônica) por exemplo, poderíamos citar **tourear**, enquanto engate lexical,.

- campo léxico-semântico da representação de gêneros e da inversão de papéis – ex. jogo com os atributos da masculinidade e da feminidade, inclusive marcas de gênero na linguagem, ex. “o” e “a”). Não me parece ser unicamente “conversacional”²⁶⁰ o uso de “taura” aqui, junto com “maleva” e “caipora”, ou seja um adjetivo em “a” para caracterizar um (uma?) personagem “fundamental e tipicamente” macho.

- campo léxico-semântico da “negritude”²⁶¹. Vale lembrar que o tauro ou touro nas representações das corridas, por razão de sua origem ibérica, é habitualmente o animal negro²⁶² – estamos na esfera das representações). O negro do Touro e o touro do Negro se confundem no ritual de sacrifício encenado pela narrativa²⁶³.

- campo léxico-semântico dos vínculos “existenciais” com o mundo hispano-americano do Rio da Prata. O termo “taura” indica-nos os dicionários, é palavra tomada emprestada do espanhol rio-platense (os dicionários de argentinismos registram as palavras *taure* e *taura*).

- campo léxico-semântico do azar ou da má sorte (“tauro” é preferencialmente usado, em vez de “touro”, para designar a constelação; é o signo zodiacal por excelência e liga a palavra ao campo da sina: encordoa-se, pois, numa cadeia significantes/significados que inclui palavras como caipora = malfadado, *ill-starred*; jurado = condenado a morrer; etc.)

que bordada de cobrado, num padrão esquisito, de feitios estrambólicos... como flores de cardo solferim esmagadas a casco de bagual!... (Contrabandista)

²⁵⁹ São esses tentáculos semânticos, que, através de diversas modalidades (ex. analógica, paronímica, irônica, icônica, etc.) irradiam da palavra e também concentram o sentido em um movimento tanto centrípeto quanto centrífugo.

²⁶⁰ Bem que podemos ter sarcasmo na conversa

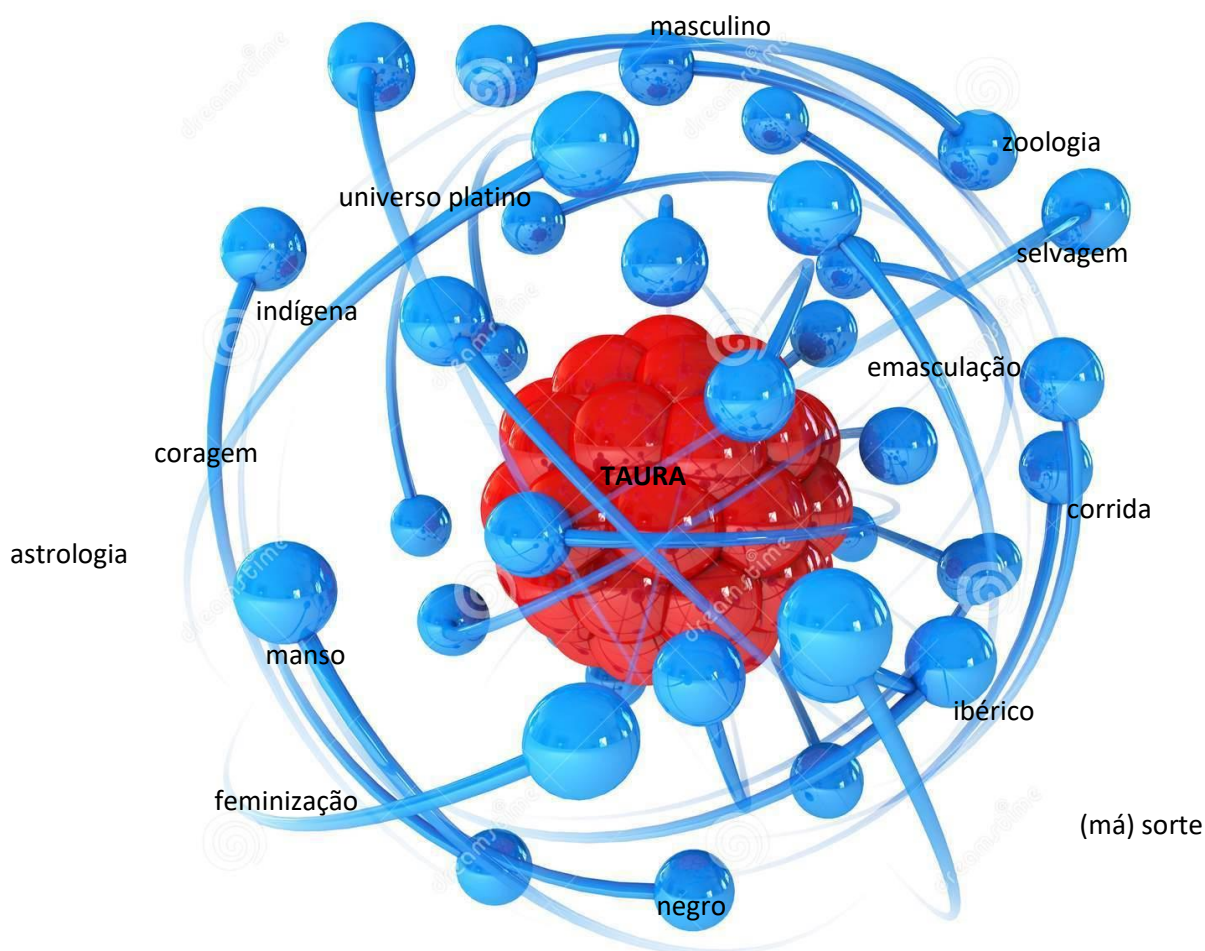
²⁶¹ Os alunos me fizeram observar que aqui, no Rio Grande do Sul, o touro não é prontamente associado à cor negra, a contrário do que acontece na Camarga por exemplo. Contudo, no contexto da corrida como ritual transmitido a partir da Espanha, é sim a cor negra do animal que me parece prevalecer (cf. Aluizio Azevedo)

²⁶² Não vou me estender aqui sobre a literarização do tema da corrida (inclusive a metáforização do motivo) que encontramos em um número expressivo de obras (“El llano en llamas, etc.). Contento-me em assinalar dois contos que precedem “O Negro Bonifácio” e que apresentam traços analógicos com o trabalho de Simões neste respeito, “El matadero” do argentino Etcheverria e “O touro negro” do brasileiro Aluizio Azevedo.

²⁶³ De certa maneira, reaparece em um conto como “O boi velho”, quando o touro tem sobrevivido através do boi (em princípio castrado), mas acaba sendo sacrificado do mesmo jeito no altar da cobiça e vileza humana.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E, claro, se poderia continuar a lista, cujo conteúdo, em última instância, depende muito do leitor. Quer dizer, as possibilidades estão inscritas, digamos objetiva e seminalmente, no texto; a sua atualização, incluindo o desenvolvimento das conexões ou interconexões, as **gavinhas** que lança pelo texto e pelo mundo afora, é inevitavelmente em algum grau subjetiva. Como se vê, dentro deste circuito capilar de circulação do sangue-sentido, estabelecem-se²⁶⁴ sinapses léxico-semânticas entre os vários campos, que, ao se substituir uma palavra por outra na tradução, simplesmente se esvaecem ou se apagam por completo. O processo de associação seria um pouco como um processo químico no qual as configurações atômicas permitissem que se formassem moléculas, com troca de partículas e emissão de energia. Segue o que poderia ser um fragmento do panorama/vislumbre que propõe a palavra à mente/memória do leitor.



²⁶⁴ Sempre "potencialmente", uma vez que a efetivação do sentido pelo ato de leitura é em boa parte individual na medida em que nunca se repete exatamente de uma leitura para outra, seja esta efetuada por leitores diferentes ou pelo mesmo leitor. Para melhor identificar de onde "provém" o que lemos no texto, caberia avaliar as "possibilidades" de atualização de cada sentido no âmbito de produção do texto.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Podemos imaginar que cada unidade lexical se apresenta um pouco como o sugere a figura acima, a saber, como algo análogo ao átomo, com suas várias partículas, e, em particular os elétrons que o envolvem e que permitem que se realizem as reações químicas das quais procedem as moléculas. Os aspectos semânticos denotativos ou conotativos que indiquei nas etiquetas apostas sobre os elétrons, a título de ilustração, agiriam, por conseguinte, um pouco como tantos radicais livres – aqueles fragmentos moleculares com seus elétrons desemparelhados e cuja instabilidade e reatividade se mostra tão altamente favorável à efetivação de reações em cadeia.

- Ora, é inevitável que a tradução quase que automaticamente resulte em uma substituição (salvo, porventura, em casos como o do empréstimo tomado do texto original). A tradução, se não é juramentada, pelo menos é jurada, bem como Bonifácio no caso de Blau Nunes. Todavia, pode ser que a escolha mais imediata, aquela que passa primeiro pela substituição “implícita” do regionalismo por um não regionalismo (taura → corajoso → courageux, brave, etc.), não seja sempre a melhor solução, ainda que pareça ser a mais natural.

A título de exemplo e sem querer desmerecer a tradução pioneira e mesmo *coraggiosa* oferecida por Giuseppe Tavani aos leitores italianos, uma palavra como ‘*coraggioso*’, fora possíveis conexões que possa manter com outras unidades do texto em italiano, não permite a priori a “efetivação” dos vínculos interlexicais ou intersemânticos exemplificados acima. Não porta marca de uma representação possível e antecipadamente feminizada (o “a” de “taura”, de “maleva” e de “caipora”); não evoca de maneira mais ou menos direta o mundo da corrida (o “touro” ou “tauro” da corrida); não estabelece uma ligação cultural e linguística com o mundo da *comarca pampeana* (a origem platina do termo “taura”); de maneira geral, pois, não favorece a circulação entre os vários campos (inclusive o pampa) ou substratos léxico-semânticos mencionados acima.

É claro que as ocorrências tradutórias onde Tavani “acertou” e eu “errei” devem ser muito mais numerosas que as onde eu “acertei” (mas sempre com margem de erro) e Tavani “errou” (mas a avaliação sempre tem algo de subjetivo). Neste caso (‘taura’ dentre dos milhares de vocábulos que compõem a trama lexical dos contos), é bem possível que eu tenha me deixado levar para determinados rumos interpretativos pelo subjetivismo o mais desenfreado e que o que pensei (ou quis) ler no texto de Simões seja em grande parte fruto de uma projeção pessoal. Haveria necessariamente, antes de divulgar a versão, de se submeter minha leitura dos contos de Simões ao julgamento dos especialistas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Isto não quer dizer que o signo não seja portador das possibilidades assinaladas acima, além da sua significação “mais imediata” de ‘corajoso”, e esta coexistência de diversas significações potenciais dentro do significante foi o que tem pautado boa parte de minhas escolhas. Fora o fato das condições de produção da versão estrangeira serem bem diferentes no caso de Tavani (uma Itália, em 1956, não muito propícia para a expressão dos regionalismos) e no meu (a liberdade oferecida pelo projeto de doutorado, bastante longe do alcance de ditames de ordem comercial), a escolha de Tavani permite manter a “naturalidade” na artificialidade da linguagem literária, enquanto a minha solução (‘taure’) tende a exacerbar essa artificialidade, do ponto de vista do efeito produzido sobre os leitores. O meu cálculo (ou a minha aposta) é que, dentro do equacionamento global que nos apresenta o texto, essa artificialidade da palavra ‘taure’ (ela “não existe” em francês) passa a transferir um pouco da artificialidade que o termo ‘taura’ terá eventualmente vindo ganhando para o leitor brasileiro de Simões com o tempo e o alargamento do círculo (geográfico-cultural) de leitura da obra. Não obstante, é lógico que a solução poderá não agradar por excesso de artificialismo.

Em se falando da estilização no uso dos regionalismos, haveria de se pensar também na sua integração nos esquemas rítmicos e rítmicos da composição textual. O *Cancioneiro guasca*, tenha sido “legítima” transcrição de material poético popular tradicional preexistente ou tenha surgido da mente criativa de Simões, já colocava as palavras regionais em ação. E esta ação é predominante e ostensivamente poética, bem como acontece ainda hoje com as letras das pajas de um Jaime Caytano Braun ou as *zambas* de um Jorge Cafrune ou um Horacio Guarani.

Ou seja, o número de sílabas e sua atualização acústica, quer ao nível da realização dos fonemas, quer no que diz respeito aos fenômenos de acentuação, é aproveitado de uma maneira ou outra na construção da fraseologia. Isto é particularmente visível na inclusão de elementos do “refranero crioulo” que são segmentos, digamos, preconstruídos e já vêm para o discurso (seja oral ou escrito, literatura ou crônica, etc.) com esquemas versificados embutidos [“tinha pinta de tambeiro, (mas) era touro cupinudo” em “Deve um queijo!"]. Entretanto, o aproveitamento poético (no sentido mais restrito aqui de versificação da prosa) dos regionalismos não se limita a sua integração rítmica, na medida em que eles não somente se engatem com as outras unidades do texto ao nível de suas “gavinhas” semânticas, mas também pelo jogo das reverberações (esquemas de reiteração de elementos gráficos) e das repercussões (esquemas de reiteração de elementos acústicos) que nascem e se criam entre as palavras ao compasso da leitura.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº17 - JUCA GUERRA

JUCA GUERRA

- Vancê leu ontem no jornal aquele caso do sujeito que atirou-se à água da beira da praia para salvar um fulano que estava-se afogando... quando no aperto chegou um boteiro que levantou os dois... não foi assim?... E o tal ainda ganhou uma medalha do governo, pela grande áfrica!...

- Vous avez lu, hier, dans le journal, cette histoire du gars qui était sur le bord de la plage et qui s'est jeté à l'eau pour sauver quelqu'un en train de se noyer?... Ils étaient mal en point, mais un bateau s'est approché et les a recueillis... C'est pas comme ça que ça s'est passé ? Et le gars en question a même reçu une médaille pour cet exploit !

'Stá direito, não digo que não, que afinal ele ao menos sempre se lembrou de acudir a uma criatura de Deus; mas, lá quanto à nombrada, hum!... nem por isso!

C'est juste, je n'dis pas, car au bout du compte, lui au moins s'est souvenu de porter secours à un de ses semblables ; mais pour ce qui est de la prouesse, hum !... Ça me semble un peu poussé...

Olhe, mais, então, merecia o Juquinha Guerra.

Permettez mais, dans ce cas, est-ce que le mérite de Juquinha Guerra n'a pas été plus grand ?

Eu conto, conto; vá assuntando.

Oui, oui, je raconte, je raconte; et pendant ce temps vous vous ferez votre idée.

O Juca Guerra foi muito meu conhecido, desde guri. Já morreu, coitado, e morreu numa tristura...

J'ai bien connu Juca Guerra, depuis qu'il était encore gamin. Il est mort, le pauvre, et de bien triste façon...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Veja vancê!... Um gaúcho daqueles... destorcido, bonzão!...

Rendez-vous compte ! Un gaucho de cette trempe... Un brave, et une crème d'homme.

Aquilo, era pra ficar na coxilha, picado de espada, rachado de lanças, mas não pra morrer como foi, aperreado em cima da cama, o corpo besuntado de unturas e a garganta entupida de melados e pozinhos dos doutores!...

Un type pareil, ça devait finir sur le champ de bataille, tout percé et lacéré de coups d'épée et de lance. Mais pas comme ça, cloué au lit, le corps enduit d'onguents et la gorge bourrée de sirops et de poudres du docteur !...

Pobre de mim!... 'stou vendo que hei de morrer do mesmo jeito, como um pisa-flores da cidade, como bicho de galinheiro!

Pauvre de moi !... Je vois bien que c'est ce qui m'attend, je mourrai comme un freluquet de la ville, comme une volaille de poulailler !

Moreno, alto, delgado; olho preto; nariz, de homem mandador; mãos e pés de moça; tinha força como quatro; bailarino, alegre, campeiraço; e o coração devia ser-lhe mui grande, devia encher-me o peito todo, de bom que era.

Moreno, grand, mince, les yeux noirs ; un nez de meneur d'hommes, des mains et des pieds de jeune fille ; fort comme quatre, excellent danseur, allègre, et maître vaqueiro ; et il devait avoir un cœur grand comme ça, à vous remplir toute la poitrine, tellement qu'il était bon.

Dessa feita houve rodeio na estância do Pavão; a estância era na costa de dois rios; e tem muitos albardões com mato, que eram a querência da gadaria xucra. Mas, pra chegar lá, havia que atravessar um santafezal cerrado, tiririca, atoleiros, juncais; um banhado brabo; lá dentro é que a gadaria alçada vivia misturada com os galheiros e os capinchos e os ratões.

Ce jour-là, il y a eu un rodéo dans l'estancia du Pavão. Cette estancia est bordée par deux rivières, et entre les deux, il y a plein de langues de terre couvertes de bois, où le bétail sauvage avait élu domicile. Mais pour y arriver, il fallait traverser une savane de santafés bien drus, une autre de tiriricas, des vasières, des jonchères ; bref, l'endroit était un fichu marécage ; et c'était devenu le breuil de tout le bétail sauvage, qui le partageait avec les cerfs, cabiais et autres rats musqués.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A gritos, a tiro e a cachorro tinha-se conseguido tocar como umas pra mais de três mil reses.

À grands cris, coups de revolver et aboiements des chiens, on avait réussi à rassembler un peu plus de trois mille bêtes.

Nem lhe falo nas cousas divertidas do serviço, como rodadas, algum matungo riscado de aspa de brasino, as compadradas da peonada e outras que sempre alegam um campeiro.

Je ne vous parle même pas des diversions du travail, comme les culbutes qu'on faisait avec les chevaux, un canasson au flanc lacéré par la corne d'un taureau brasino, les fanfaronnades des péons et toutes ces choses qui ne manquent jamais de mettre de la joie au cœur du vaqueiro.

E mal que cerrou o rodeio a gente mudou de cavalos, churrasqueou em pé mesmo e começou-se logo a apartar a tourada. E que torunas! Cada bicho pesado, criado na pura grama vermelha, ligeiros como gatos, e malevas, de acompanharem o laço, quase cabresteando!...

Et le rodéo était à peine terminé qu'on a changé de cheval ; on en a profité pour manger un morceau de viande grillée, debouts, et on a commencé à séparer les taureaux. Et quels taureaux ! Des bêtes lourdes, engraisées à l'herbe rousse, et pourtant vives comme des chats, et mauvaises avec ça, au point d'accompagner le lasso et de venir vers vous, presque comme si elles s'étaient laisser mener par la longe.

Pois, foi um destes, que um moço chamado Tandão Lopes laçou... e laçou mal, de meia espalda: o touro bufou, e depois do tido já se lhe veio em cima...

Eh bien, c'est une bête comme ça qu'un jeune gars, Tandão Lopes qu'il s'appelait, a pris au lasso...et il a manqué son coup car le lasso n'a attrapé le taureau qu'à mi-épaule. Celui-ci a soufflé des naseaux, et aussitôt après est venu dans sa direction.

O moço estava mui bem montado; o pingo era de patas, porém apenas rocim, mui cosquilhoso; os arreios já vinham mal e com o tirão a cincha correu toda pras virilhas...

Le jeune homme était bien monté ; son cheval était bon coureur, mais récemment dressé et plein de manies ; le harnais était déjà mal en place et, tirée violemment par le lasso, la sous-ventrière a glissé vers l'aîne.

Virge' Mãe!...

Par la Madonne !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O bagual agachou-se a velhaquear, e, pra pior ainda, em volta, enredando-se no laço, frouxo; o moço - ginetão! - fechou as chilenas e meneou o rebenque, de chapéu do lado, numa pabulagem temerária, de guasca que só a Deus, respeita!

Voilà le bagual qui se met à faire des siennes, et, pour comble de malchance, il tourne sur lui-même et s'empêtre dans le lasso, qui n'était pas tendu ; le jeune homme, excellent cavalier, donne de l'éperon et de la cravache, le chapeau sur le côté de la tête, dans une parade audacieuse de gaucho qui ne respecte que Dieu.

Foi nesse apuro, que o touro carregou, e veio, de língua de fora, berrando surdo... e entreparado, baixou a cabeça, retesando o cogote largo e ia a levantar a guampada, quando, meio maneado no laço e ladeado por um sofrenço de pulso, o bagual planchou-se... e o moço Tandão ficou também aí caído, preso pela perna, exposto, entregue...

Et alors qu'il est déjà mal en point, le taureau charge et lui arrive dessus, la langue dehors, en poussant un meuglement sourd... et, baissant la tête, les muscles de son cou puissant tendus il va lever les cornes, quand, plus ou moins entravé par le lasso et répondant à un coup sec sur les rênes, le cheval se laisse tomber sur le flanc... Et voilà le gars Tandão qui tombe avec, la jambe prise sous le cheval, exposé, à la merci de la bête...

O touro recuou um pouco, escarvou, meio dançando, retesou os lagartos, numa fúria de força e fez a menção...

Le taureau recule un peu, gratte le sol, comme s'il dansait, tend les muscles de ses cuisses, tout force et furie, et va pour s'élancer...

A campeirada olhava, parada, vendo a desgraça vir...

Les autres vaqueiros regardaient, paralysés, voyant le malheur venir...

Mas nisto, justo, justo quando o touro, balanceando no ar, pareceu dar o pulo da carga, o Juca Guerra esteve-lhe em cima! Em cima!

Mais alors, juste, juste quand le taureau paraissait se balancer en l'air, voilà Juca Guerra qui lui fonce dessus ! Vous avez bien entendu, qui lui fonce dessus.

Foi como o trovão e logo o raio..., pois como um raio o gaúcho carregou e atirou a montaria contra o touro!

On aurait dit un coup de tonnerre, suivi d'un éclair juste après... parce que comme un éclair le gaucho charge et lance son cheval contre le taureau !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Oigalê! Pechada macota!

Ah mes aïeux ! Quel choc !

O tostado arreventou as duas paletas na encontrada e caiu, sacudindo a cola, os olhos chispeando, de beíço enrugado e subido, de dor... Caiu, mas o touro, também.

Le tostado se brise les deux omoplates dans le choc et tombe, en secouant la queue, les yeux pleins d'étincelles, retroussant les lèvres sur les dents, de douleur... Il tombe, mais le taureau tombe lui aussi.

E tanto que atirou o seu pingaço, de pechada feita - e certo de o escangalhar - contra o touro, escorregou pela garupa, e enquanto os dois brutos se batiam e enovelavam, o Juca já aliviava o companheiro, que apenas livre, pulou para o cupinado, ainda meio azonzado do trompaço, manoteou-lhe nas aspas e torceu-lhe a cabeça, que cravou no chão, num pronto! O bicho pataleava, puxando a respiração forte, que ondulava, no arredondado da barriga.

Et au moment où il lançait son cheval sur le taureau, le choc devenu inévitable, et sûr qu'il était de le fracasser, Juca s'est laissé glisser à terre le long de la croupe ; et alors que les deux brutes se heurtaient de plein fouet ne formant qu'une seule masse, il était déjà en train de dégager son compagnon, qui, se voyant libre, a bondi sur le monstre bossu, encore à moitié étourdi par le choc, lui a passé une courroie autour des cornes et lui a tordu la tête qu'il a cloué sur le sol, en deux temps trois mouvements. La bête ruait par terre, exhalant un souffle rauque, que l'on voyait onduler sur le renflement de son ventre.

Aqueles, sim, eram dois torenas que se valiam!

Ces deux-là, ça oui, on peut dire qu'ils étaient vaillants !

Só então é que os vedores acudiram... mas foi para agüentarem uma tirana de sotretas! comedores de carne! maulas! vasilhas! capões!... e outros rebençaços de língua, desses que a gente esparrama quando está de marca quente...

C'est à ce moment-là seulement que ceux qui s'étaient contentés de regarder sont arrivés... mais ça n'a été que pour recevoir une volée de « poltrons ! bouffeurs de viande ! bons-à-rien ! castrés ! », et autres injures cinglantes comme des coups de cravache, de celles qu'on distribue sans compter autour de soi quand la brûlure de la marque vous cuit encore.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E no meio daquele bolo de campeiros, sobre as macegas pisadas, do lado do touro arquejando e do cavalo gemente, os dois homens se abraçaram e beijaram-se, chamando-se irmãos; e assim juntos chegaram-se para o cavalo tostado, quebrado dos encontros... fizeram-lhe umas festas de puro mimo e tristeza... e enquanto o Juca, com a sua própria mão sangrava o seu confiança, o moço Tandão abraçava a cabeça inteligente do flete...

Et, au milieu du cercle formé par les vaqueiros, dans les hautes herbes piétinées, à côté du taureau haletant et du cheval gémissant, les deux hommes se sont embrassés en s'appelant frères, et ils sont allés ensemble comme ça jusqu'au cheval marron, au poitrail fracassé. Et là, c'était à qui lui montrerait plus d'amitié et de tristesse... Et pendant que Juca saignait de sa propre main son compagnon à quatre pattes, le jeune Tandão serrait la tête intelligente du cheval dans ses bras...

Correu o sangue, em borbotão; e quando, esvaído, o tostado afrouxou a força e a respiração e o garbo, e foi descaindo e ia a tombar, de vez, aos lados, ampararam-lhe a cabeça... como se fosse uma criança dormilona, deitaram-na brandamente sobre os capins, - pro caso - sobre o pé de malmequer branco, ramalhudo, que florejava ali, como num propósito.

Le sang a coulé, à bouillons, et quand les forces sont venus à lui manquer, et son souffle, et sa force, et qu'il a commencé à s'affaïsser et allait se coucher, une fois pour toutes, ils lui ont pris doucement la tête dans les mains, comme on fait pour un enfant endormi, et ils l'ont déposée dans l'herbe, sur une touffe de marguerites blanches, qui s'épanouissaient là comme par un fait exprès.

Coitado do flete!

Pauvre bête, si vaillante !

Mas como deixá-lo viver, assim, arrebatado? Para vê-lo morrer de dores, inchado, com fome e com sede... e antes disso serem-lhe os olhos vazados pelos urubus... e os buracos deles, ainda vivos, virarem toca das varejas? ! ... Não! Um gaúcho de alma não abandona assim o seu cavalo: antes mata-o, como amigo que não emporcalha o seu amigo!

Mais comment le laisser vivre dans cet état, tout disloqué ? Pour le voir souffrir avant de mourir, tout gonflé, affamé et assoiffé... et avant ça de se faire manger les yeux par les vautours ... et les trous des orbites, encore vivants, où viendraient se loger les mouches varejas. Non, un gaúcho s'il a une âme, n'abandonne pas son cheval comme ça. Il préfère le tuer, comme un ami qui ne salit pas son ami.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vancê assuntou bem no conto?

Alors, elle vous a donné à réfléchir mon histoire ?

Ora, agora, vamos ao fim; o que merecia, de prêmio, o Juca Guerra?

Eh bien, maintenant, dites-moi un peu, pour finir, qu'est-ce qu'il méritait comme récompense, ce Juca Guerra ?

Qual o mais valente? o tal fulano, da beira da praia, ou este da beira. .. da morte certa?

Qui s'est montré le plus courageux ? Ce gars, au bord de la plage ou bien cet autre, au bord... de la mort certaine ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº18. Discurso gnômico

Texto e pretexto: “Artigos de fé do gaúcho”. Fragmentos de um refranero crioulo.

Foco: Interpretação e tradução dos ditados, adágios, etc.

“9º. Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado.

10º. Se topares um andante com os anelos às costas, pergunta-lhe - onde ficou o baio?...

11º. Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.

12º. Mulher, de bom gênio; faca, de bom corte; cavalo de boa boca; onça, de bom peso.

13º. Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta, companheiro!...

14º. Se correres equada xucra, grita; mas com os homens, apresilha a língua.”

Como se vê, os “Artigos de fé do gaúcho” consistem em uma enumeração de ditos conceituosos, às vezes graves (precisamente sentenciosos), às vezes graciosos, que, supõe-se, veiculassem alguma forma de sabedoria popular. Por conseguinte, os ditos artigos podem ser “encarados”, para mim, enquanto fragmento do que costuma, ou costumava, ser chamado, por estes pagos, de “refranero crioulo/criollo”.

Vale uma primeira observação que vem confirmar o que foi dito em comentário anterior sobre a relevância da representação do cavalo na evocação do mundo gauchesco: quase todos os ditos “artigos de fé do gaúcho” têm a ver, de maneira ou outra, com o cavalo. Os únicos que ficam longe do assunto são os artigos nº15, 19, 20 e 21. Ou seja, apenas quatro dentre os 21 ditados enunciados por Blau neste breve texto não se referem ou não aludem ao cavalo.

“15º. Quando dois brincam de mão, o diabo cospe vermelho...

19º. Teima, mas não apostes; recebe, e depois assenta; assenta, e depois paga...

20º. Quando 'stiveres pra embrabecer, conta três vezes os botões da tua roupa...

21º. Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos, quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como o refranero é, por natureza e de modo geral, intimamente vinculado com elementos do meio-ambiente onde emergiu, e da cultura que o produziu, coloca-se amiúde a questão da sua inteligibilidade e da sua “transponibilidade” para o universo do leitor estrangeiro – aquele, implícito, da versão francesa em nosso caso. Novamente, defende-se aqui uma tradução bastante literalizante, retomando argumentos já amplamente desenvolvidos por especialistas e pesquisadores dos processos de tradução literária como Antoine Berman, Umberto Eco, Lawrence Venuti, Anthony Pym, etc. de preferência a uma estratégia que se concentrasse em procurar alguns provérbios, de sentido mais ou menos similar, em *refraneros* alheios (francês, italiano, inglês, etc.)

Uma das justificativas para este tipo de decisão, entre outros, seria que não fizesse muito sentido mesmo “mudar” os campos léxico-semânticos em que se ancora o adagiário de Blau Nunes, uma vez que, precisamente, estes adágios transmitem uma *Weltanschauung* particular ao mundo representado pela mimese simoniana. Adaptados, talvez pudessem passar por artigos de fé, mas não por “Artigos de fé **do gaúcho**”.

Alguns pontos que valeria a pena desenvolver:

Ritmo e outras figuras da repetição

- em um texto como “Artigos de fé do gaúcho”, além do teor dos ditados, o ritmo das frases que os compõem pode ter relevância particular, salientando-se que o refranero se apoia em regra geral sobre estruturas mais ou menos versificadas que presumidamente favorecem a sua memorização. Por conseguinte, vale-se de esquemas de repetição devidamente comprovados por sua eficiência em facilitar a transmissão oral dos aforismas – por exemplo, rima: “passarinheiro...[...] companheiro”, etc., metro e construção sintática em combinações diversas: de bom gênio [...] de bom corte, etc.

Com efeito, a repetição de determinados elementos frásticos é um mecanismo basilar no esquema de facilitação da memorização dos ditados. Um invariante lexical, por exemplo, (...de bom..., pra...) interliga os elementos da sentença dentro de um sintagma cuja estrutura se repete ao idêntico, mudando-se unicamente o paradigma.

mulher **de bom** gênio, faca **de bom** corte, onça **de bom** peso;

pra água, tordilho, **pra** muito, tapado, **pra** tudo, tostado. etc.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Algumas observações sobre a transferência dos ditados

Para a tradução, não há, do meu ponto de vista, necessidade absoluta de se reproduzir “exatamente” na versão estrangeira, *mutatis mutandis*, as estruturas facilitadoras de memorização embutidas no texto original. Entretanto, é primordial que a transferência dos aforismos para a cultura e língua alvo procure levar em conta, pelo menos em algum grau, este tipo de mecanismo. Assim, não faria muito sentido traduzir aforismos (declarados enquanto tais pelo próprio narrador) por formas que não exibissem nenhum elemento susceptível (realmente ou supostamente) de ajudar o leitor (o ouvinte) a decorá-los.

- Outro traço importante de se procurar manter nas transferências é o registro popular na escolha das palavras e das formas gramaticais, uma vez que o refranero teria se originado da fala do povo (na verdade, é, no mais das vezes, alguma hibridação da palavra oral e escrita, de um discurso “vulgar” e de um discurso “erudito”). Nisto, os adágios e outras “fórmulas” afins se associam à representação de uma oralidade intimamente relacionada com as práticas tradicionais, representação que se dá também por meio da inserção de (menções de) canções/danças, frases feitas, ou outros recursos, e que reencontramos, por exemplo, condensadas no *Cancioneiro guasca* – vide notadamente a seção “Dizeres” nesse trabalho de Simões, que se pode certamente contemplar como algo precursor dos *Contos gauchescos*.

Uma dupla representação: elementos e processos

Os “artigos de fé do gaúcho” representam ao mesmo tempo a tradição popular e a transmissão desta tradição. Enquanto pretensos ou autênticos elementos da cultura campeira, juntam-se a uma multiplicidade de outras referências imbricadas nas narrativas (formas de divertimentos, cerimônias, práticas da vida rural, atividades religiosas, etc.) que participam igualmente da integração, na mimese, dos recursos e procedimentos de perenização do patrimônio cultural local, como legado precioso de uma geração para a seguinte. Seria, por exemplo, o caso das superstições enumeradas por Blau Nunes no seu caso “No manancial” (“Pois é ali o manancial, que virou sepultura naquele dia brabo em que desde manhã tanto agouro apareceu, de desgraça: os pica-paus chorando... os cachorros cavoucando... a bruxa preta entrada sem ninguém ver...”).²⁶⁵

²⁶⁵ São referências literárias a superstições “populares”, aludindo a um modo de viver rural, certo, porém que, por outro lado, se enxertam no ramo daquele gênero particular do conto que é a história de assombração (ver o texto de Afonso Arinos, “Assombramento”, na coletânea *Pelo sertão*, p. ex.)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Discurso oral ou discurso escrito? Status híbrido do adágio do ponto de vista das circunstâncias de sua emergência e de sua transmissão.

A ressalva aqui é sempre a mesma: dado que estamos em zona fronteira entre o repasse cultural sob a forma oral e a transmissão escrita, é difícil dizer qual é a parte dos elementos (aqui os artigos de fé) que se origina da tradição oral, qual da tradição escrita.

Parte substancial do adagiário de Blau me parece se encontrar nos refraneros ibéricos, os quais, obviamente, chegaram nas Américas com os conquistadores; e de que alguns elementos permaneceram mais ou menos na sua forma original enquanto outros se modificavam, no sentido de se adaptarem, como os homens, a novas circunstâncias, novos ambientes e novas situações de uso.

Por sua vez, os refraneros ibéricos possuem certamente alguma origem oral e ao mesmo tempo podem ser derivados de aforismos transmitidos a partir de formas escritas (em latim, por exemplo), etc. sem falar dos empréstimos feitos à tradição árabe (especialmente no que diz respeito aos cavalos, conforme se verifica nos tratados de hipologia).

O que permanece relevante, para nosso propósito, é o poder desses refraneros de funcionar em espaços nos quais o uso da escrita era, ou ainda é, muito restrito. Quer dizer, uma das orientações principais na tradução seria de procurar se manter as estruturas favoráveis a modalidades de transmissão oral, que seguram a sobrevivência destes elementos culturais de uma geração para outra. Outra seria de não necessariamente recorrer a adagiários da cultura e língua alvo, ou usando-os mais por seu feitio, eventualmente transformando-os em função do teor dos anexins a ser traduzidos.

Conclusão

Valeria retrabalhar a tradução na base de uma análise mais aprofundada comparando os adagiários do sul da América do Sul, no que refletem práticas vigentes nos pampas da segunda metade do século XIX e coleções similares de provérbios e outros refraneros publicados na Europa e correspondendo ao mesmo período. Do lado gaúcho, são vários os trabalhos que foram realizados no sentido de se preservar algo deste acervo sentencioso tipicamente sulista, pensando-se primeiro no *Popularium* de Apolinário Porto-Alegre e, depois, em publicações mais recentes como o *Adagiário gaúcho* de Vitor Russomano ou os textos de Walter Spalding dedicados às particularidades da fala campeira.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto n°18. ARTIGOS DE FÉ DO GAÚCHO

ARTICLES DE FOI DU GAUCHO

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: vivem porque vêem os outros viverem.

Beaucoup de gens avancent dans la vie sans savoir pourquoi : ils vivent parce qu'ils voient les autres vivre.

Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde pra um proveito melhor. Eu sou desses.

Certains apprennent à leurs dépens, presque toujours trop tard pour en tirer parti. Je suis de ceux-là.

Pra não suceder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca hão de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus livrões. Vancê note na sua livreta:

Pour que cela ne vous arrive pas, je vais vous enseigner ce que les savants ne pourront jamais vous enseigner, ils auraient beau se bruler les cils à déchiffrer leurs gros livres. Prenez-donc note dans votre petit carnet :

1°. Não cries guaxo: mas cria perto do teu olhar o potrilho pro teu andar.

1°. N'élève pas de guaxo, de poulain orphelin : mais ne garde jamais loin du regard celui dont tu vas faire ta monture.

2°. Doma tu mesmo o teu bagual: não enfrenes na lua nova, que fica babão; não arrendes na miguante, que te sai lerdo.

2°. Dresse ton poulain toi-même: ne lui mets pas le frein à la nouvelle lune, il en serait baveux; ne le bride pas à la décroissante, tu en ferais une limace.

3°. Não guasqueies sem precisão nem grites sem ocasião: e sempre que puderes passa-lhe a mão.

3° Ne le fouette pas sans nécessité et ne crie que s'il le faut : et caresse-le à chaque fois que tu pourras.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

4°. Se és maturrango e chasque de namorado, mancas o teu cavalo, mas chegas; se fores chasque de vida ou morte, matas o teu cavalo e talvez não chegues.

4°. Si tu es mauvais cavalier et que tu sers de messenger entre deux amoureux, arrive, quitte à estropier ton cheval ; si ton message est une question de vie ou de mort, arrive peut-être, quitte à tuer le cheval sous toi.

5°. A maior pressa é a que se faz devagar.

5°. Hâte-toi lentement*.

6°. Se tens viajada larga não faças pular o teu cavalo; sai ao tranco até o primeiro suor secar; depois ao trote até o segundo; dá-lhe um alce sem terceiro e terás cavalo para o dia inteiro.

6°. Si tu as un long voyage devant toi, ne fais pas s'élancer ton cheval; sort à l'amble jusqu'à ce que sèche la première sueur, puis au trot jusqu'à la deuxième, donne lui un répit avant qu'il ne sue une troisième fois et tu auras une monture fraîche pour la journée entière

7°. Se queres engordar o teu cavalo tira-lhe um pêlo da testa todas as vezes da ração.

7°. Si tu veux engraisser ton cheval, arrache-lui un poil du front toutes les fois que tu lui donnes sa ration.

8°. Fala ao teu cavalo como se fosse a gente.

8°. Parle à ton cheval comme s'il était humain.

9°. Não te fies em tobiano, nem bragado, nem melado; pra água, tordilho; pra muito, tapado; mas pra tudo, tostado.

9°. Ne te fie pas au tobiano, ni au bragado, ni au melado; pour l'eau, le tordilho; pour bien des situations, un tapado; mais pour parer à tout, un tostado.

10°. Se topares um andante com os arreios às costas, pergunta-lhe - onde ficou o baio?...

10°. Si tu rencontres un voyageur avec ses harnais sur l'épaule, demande-lui : où est passé le baio ?...



Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

11º. Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.

11º. Femme, arme et monture à soi, pas question de les prêter.

12º. Mulher, de bom gênio; faca, de bom corte; cavalo de boa boca; onça, de bom peso.

12º. Femme, de bon fond; couteau, de bon fil; cheval, de bonne bouche; once, de bon poids.

13º. Mulher sardenta e cavalo passarinho ... alerta, companheiro!...

13º. Femme à la peau tavelée et cheval qui esquive le frein ... sois vigilant, camarade !...

14º. Se correres eguada xucra, grita; mas com os homens, apresilha a língua.

14º. Si tu poursuis des chevaux sauvages, donne de la voix; mais avec les hommes, bride ta langue.

15º. Quando dois brincam de mão, o diabo cospe vermelho...

15º. Quand deux hommes jouent à des jeux de main, alors le diable crache rouge...

16º. Cavalo de olho de porco, cachorro calado e homem de fala fina... sempre de relancina...

16º. Cheval aux yeux d' cochons, chien silencieux, et homme qui parle beau... toujours sur le qui-vive...

17º. Não te apotres, que domadores não faltam...

17º. Ne t'emballe pas, car les dompteurs ne manquent pas...

18º. Na guerra não há esse que nunca ouviu as esporas cantarem de grilo...

18º. En temps de guerre, il n'existe pas celui qui n'a jamais entendu ses éperons tintinabuler.

19º. Teima, mas não apostes; recebe, e depois assenta; assenta, e depois paga...

19º. Persiste, mais ne parie pas ; reçois ce qui t'es dû, et ensuite fais tes comptes; fais tes comptes, et ensuite paies ce que tu dois...

20º. Quando 'stiveres pra embrabecer, conta três vezes os botões da tua roupa...

20º. Si tu es sur le point de voir rouge, compte trois fois les boutons de tes vêtements....

21º. Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos, quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...

21º. Si tu parles à un homme, regarde ses yeux, si tu parles à une femme, regarde sa bouche... et tu sauras comment agir.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº19. Paralelismos

Texto e pretexto: “Batendo orelha”

Foco do estudo tradutológico: os “esquemas de paralelismo” na composição dos *Contos* e sua translação para a versão francesa

Parto do postulado, para o presente comentário, de que um texto sempre comunica por uma só forma física (o arranjo fixo de signos gráficos na página ou na tela, em princípio imutável, – e olhe lá²⁶⁶!), é verdade, mas faz isto em se valendo de canais “entrelinhados” múltiplos. No momento em que este arranjo fixo (o texto) se coloca em movimento pela ação da leitura, é, conforme se procurou ilustrar neste trabalho, como se todos esses canais de comunicação, i.e. de construção de um sentido ou de incentivo de uma impressão de ordem estética, fossem mobilizados, evidentemente em grau diferente segundo cada leitor.

Daí, seriam, a priori, esses canais todos pertinentes para o tradutor, com a ressalva de que ele sempre conseguirá identificar alguns, porém fatalmente passará por cima de outros, ou não lhes dará a devida importância relativa ao conjunto da composição. Assim, além da construção que se apoia na colocação de palavras para formar um esquema fraseológico (i.e. a seleção e a colocação das palavras nos eixos paradigmáticos e sintagmáticos), o ritmo também significa. A origem das palavras significa. A própria polissemia significa. Os arranjos paronímicos ou sintáticos significam, e por aí vai.

Nas páginas seguintes, pretendo me debruçar sobre um aspecto específico da comunicação, que é seu uso constante da repetição. Ou seja, quero aprofundar um pouco a relação entre a significação dos elementos repetidos, da repetição desses elementos, e da própria repetição enquanto fenômeno “imaneante” à comunicação, mediante a língua em particular.

²⁶⁶ Há diferenças notáveis nos textos respetivos de várias edições de *Contos gauchescos*, todas elas anunciando seu objetivo de fixar o texto numa versão definitiva. Ora, parece que o texto reluta em se deixar fixar... E de forma definitiva.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...”

Esquemas de duplicação e reduplicação do significado

Muitas vezes, como espero ter mostrado no curso deste conjunto de comentários de tradução, é um pouco como se o sentido fosse de fato reduplicado, simultaneamente idêntico a si mesmo e paradoxalmente outro, através de recursos diferentes da estratégia narrativa. Na verdade, neste sistema de aparente duplicação ou reduplicação, os significados veiculados pelos diferentes canais se matizam entre si – pelas reverberações e repercussões quase que ao infinito engendradas pelo contato (seja imediato ou não) dos significantes –, pois não há nunca reprodução idêntica do sentido, nem que seja porque a própria modalidade de comunicação do texto é também portadora de sentido.

De certa maneira, retomarei o assunto das estruturas paralelas no último comentário que versa sobre os esquemas de iconicidade integrados aos *Contos* e sobre a questão da sua transferência, pois não segue esta modalidade do contar o processo linear de apreensão consecutiva do texto, a qual o presente tradutor se acostumara enquanto “simples” leitor.

Por quem os sinos dobram?

**Repercussões das campanas e sinos campesinos no pampa:
vida e morte chiruana ou a repetição de uma sina campesina**

“Batendo orelha” não é bem um conto, mas é um texto que retoma e enfatiza a sua maneira a questão da fronteira tênue, de natureza quase que ontológica, entre a condição humana e a condição animal. À diferença de outros elementos da coletânea, como “Os cabelos da china”, a narrativa expressa esta analogia de maneira ostensivamente sistematizada, num estilo alegórico que se alicerça em um esquema aparentemente bem simples de paralelismo, alternando frases ou parágrafos curtos relacionados com a vida e morte humana e outros relacionados com a vida e morte de animais. Uma sorte de síntese se daria no final do “conto” com a ação niveladora da morte que não faz muita diferença entre os seres vivos, quaisquer que sejam, posicionados em vida nas diferentes escalas de poder, ultimamente sujeitados a seu domínio e ao seu ditame. De certo modo, é o próprio texto que desempenha aquele papel, possivelmente ambíguo, da morte niveladora.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Justamente porque esta particularidade na estrutura da composição do texto se “exibe” de maneira tão “crua” (aliás, bastante criticada pelos estudiosos da obra simoniana), decidi aproveitar o ensejo para discutir a questão mais abrangente dos esquemas de paralelismo incorporados ao texto literário, das possíveis significações das configurações correspondentes, e da problemática da sua transferência.

O próprio texto e a sua tradução como reduplicação

Intertextualidades: um aspecto óbvio da repetição em literatura reside no caráter sempre palimpséstico dos textos. Eles sempre se escrevem a partir de algum material que lhes preexiste. Sempre são hipotextos de determinados hipertextos e hipertextos de determinados hipotextos. Assim, no caso de Simões, tem sido estudada a filiação entre seus contos/lendas e textos anteriores (“Melancia e Coco-mole; “O Negrinho do pastoreio”; *Recordações gaúchas*, etc.) de um lado, e a presença do material simoniano em textos posteriores (as intervenções de Fandango em *O tempo e o vento*, a reescritura de “No manancial” em *Satolep*, etc.)

Versões do “mesmo”, a versão estrangeira enquanto hipônimo do texto “original”: não custa acrescentar que, contemplada desde certo ângulo, a própria tradução se ateria, no limite, aos referidos sistemas de reduplicação – mesmo que possua inegavelmente uma dimensão extrínseca muito importante²⁶⁷ – com seu posicionamento constante em relação ao que seria um “decalque ideal” do texto original²⁶⁸. A tradução é uma repetição do texto original, mas é uma repetição desigual (cf. o conto filosófico de Borges: “Pierre Ménard, autor del Quijote” tantas vezes referido pelos especialistas da tradução)

Exemplos de paralelismo inerentes à composição textual

Conforme aponte em outro comentário, o ritmo, por exemplo, expressaria elementos da cultura, notadamente estruturas fundamentais da língua, ou mesmo da relação, em caráter ritual, que pode existir entre a língua, este ritmo, e práticas inerentes à sobrevivência da espécie ou do grupo. Em semelhante perspectiva, as estruturas rítmicas também contam uma história e esta história pode ter várias escalas.

²⁶⁷ Trata-se, em particular, de toda aquela parte, no processo de conversão tradutória, que faz o engate com o sistema cultural e linguístico de chegada, inclusive o conjunto dos significantes do idioma estrangeiro em que a tradução necessariamente se alicerça.

²⁶⁸ Com efeito, a tradução, convencionalmente, “acompanha” o texto em uma modalidade de paralelismo. Isto é ainda mais flagrante nas chamadas traduções “corridas” nas quais o texto em língua estrangeira se coloca entre as linhas do texto original, acompanhando-o de muito perto até no plano da disposição textual. Agora, é verdade que certas traduções tendem a ser mais paralelas ao texto original, outras tendem a ser mais oblíquas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Fenômenos de paralelismo entre cadências e segmentos de enredo são particularmente evidentes quando se repara, por exemplo, nas acelerações e desacelerações que dinamizam os causos ao compasso dos eventos ou das situações representados na mimese. A título de ilustração, citei no comentário nº4 alguns trechos que contam uma perseguição, mostrando que a estrutura paratática, característica da fraseologia em este tipo de configuração narrativa, contribuía muito para reforçar a evocação (da perseguição no caso), pelo menos de um ponto de vista focado no que poderíamos qualificar de “íconização da narrativa pelo ritmo”. Mas há outros tipos de paralelismo ou recursos de duplicação e reduplicação “trabalhando” desde dentro da composição literária, que são relativamente independentes das estruturas rítmicas.

Seguem dois exemplos que demonstram um tipo de reduplicação particular ao nível dos recursos miméticos explorados por Simões:

1 - O narrador de “O Negro Bonifácio” “diz” que a Tudinha é mestiça, mas ele o faz de muitas maneiras diferentes:

- designa Tudinha por várias palavras que apontam para uma identidade miscigenada (**‘cabocla’**, etc.),
- coloca a palavra **‘misturada’** na boca de Bonifácio para se referir a ela;
- vale-se, para descrevê-la, de uma composição etimológico-linguística que remete a sua ‘mesticidade’ (“a **china** mais **candongueira** que havia naqueles **pagos**”), etc.

2 - A inversão de papéis de gêneros que é um dos pilares da construção do mesmo relato se comunica através da própria diegesis, mas também por outros meios:

- conforme mostrei antes, o uso notadamente do “o” e do “a” como marcadores de gênero – i.e. apontando indiretamente para a identidade sexual, masculino ou feminino, participa da representação desta inversão, duplicando, e algo obliquando, por exemplo, a narração “mais direta” da castração de Bonifácio.
- outro esquema de duplicação, neste respeito, seria o surgimento de comparações nas quais o comparado permanece sendo Bonifácio, mas o comparante, de touro (“**taura**”, etc.), passa a ser boi (“que um boi salino”, etc.)

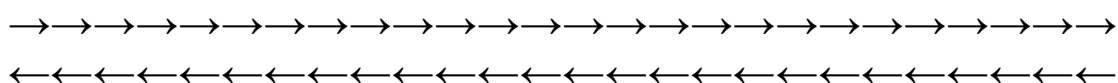
São em boa parte os cruzamentos destas modalidades de comunicação (as confluências dos diferentes canais nos circuitos de circulação do sentido) que trazem densidade e riqueza para os relatos e também contribuem para sua dinamização.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Paralelismos de vector idêntico e de vector inverso

Os esquemas de paralelismo funcionam sobre uma grande diversidade de planos. Podem se ater, notadamente, a um sistema de ênfase de elementos temáticos; fala-se então de isotopias, de redes significantes ou de motivos recorrentes (*leitmotivs, patterns*) – bem como os desenhos que se repetem numa tapeçaria, por exemplo, e que criam efeitos de conjunto ou de perspectiva.

“Curvas” ascendentes e descendentes



- ↑ ↓ Cabe ressaltar que, assim como nas representações geométricas euclidianas, duas linhas podem ser paralelas, porém orientadas por vectores de sentido inverso, o mesmo acontece com as linhas de representação que orientam a narração.
- ↑ ↓ Destarte, na narrativa de “Os cabelos da china”, teríamos um esquema no qual houvesse linhas de representação paralelas, mas com sentidos inversos: Blau “cresce” enquanto homem, ele ganha pelo (“Passaram os anos. Eu já tinha o meu bigodinho.”), cruza o destino de Rosa que, por sua parte, perde seu pelo, talvez a parte mais visível de sua feminidade no âmbito do conto. Da mesma forma, Blau faz questão de informar seu ouvinte que, depois de conhecer Rosa e de ser presenteado pelo pai dela com um buçalete feito com os cabelos da filha, ele subiu na hierarquia militar, o que também, de certa maneira, acontece com Rosa²⁶⁹, embora seja destituída no final do conto.

São, pois, movimentos de ascensão e de declínio que se entrecruzam, às vezes aparentemente sem realmente se tocar, como paralelas de vector inverso. Assim, enquanto Blau se encaminha em direção ao auge da sua virilidade e de sua carreira militar (faz questão de informar seu ouvinte que ganhou bigode e divisas), o velho Picumã se dirige para sua morte, sendo que o chiru, à diferença do que parece acontecer com o narrador, nunca ascende na hierarquia e morre soldado raso (“lombo sujo”), como se a sua sina fosse mesmo de “estagnar” e acabar na própria condição. De certa maneira, Picumã poderia ser o recruta de “Batendo orelha”.

²⁶⁹ Por procuração por assim dizer, já que passa dos braços do capitão farroupilha para os do comandante das forças legalistas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No tocante ao “par” formado por Rosa e Picumã, contemplado desde certo ângulo, poderíamos dizer que ambas personagens seguem, afinal de contas, mais ou menos um mesmo rumo, pois é interessante observar que, depois da separação brutal entre pai e filha, o primeiro “se acaba” (“se fina”) e a segunda também – sem que Blau nos diga exatamente o momento do fim da Rosa nem as circunstâncias de sua morte.

Reduplicações e reproduções: o lombo sujo e a rosa murchada

Pai e filha morrem, é verdade, mas, antes disso, Rosa já “reproduzira” outra trajetória do pai: “Mas não é pra o bico de qualquer **lombo-sujo**”.

Haveria indícios, fora esta auto-avaliação da sua condição por Picumã, de sua vocação de “trapaceiro”. Lembramos, por exemplo, que Picumã não vê (aparentemente, fatalistamente?) nenhum problema em fazer um papel de transfuga. Encarna ao mesmo tempo conformismo e inconformismo, lealdade e “deslealdade”, (não hesita em matar o capitão, seu chefe militar, para salvar a filha, fazendo passar a lealdade familiar acima da lealdade partidária)

Vocês vão-se apresentar a ele, como desertados e que se querem passar... [...]

- Então, vou. **Mas quem fala é o Picumã...; eu, nem mentindo digo que sou desertor...**

- Estás te fazendo muito de manto de seda!... Cuidado!...

- Seu capitão é oficial... nada pega...; eu sou um pobre soldado que qualquer pode mandar jungir nas estacas...

Aí o Picumã meteu a colher.

- Seu capitão, o mocito não é sonso, não! **Deixe estar, patrãozinho, tudo é comigo...** vancê só tem é que atar o gagino.. [...]

- **Vamos: nos apresentamos como passados**, que já andamos entocados aqui há uns quantos dias. Deixe estar, que eu falo... estes caramurus são uns bolas... **Vai ver como passamos o buçal..** [...]

- **É gente pra força, patrício!** Andamos campeando vocês desde já hoje...

- Há! Pra quê?

- **Ora, pra quê... Pra escaramuçar os farrapos!... E queremos jurar bandeira com o ruivo...**

- Ah! vancês conhecem o comandante?

- Ora... ora! Mangangá de ferrão brabo! Ora, se conheço... Então, seguimos?...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Há dois dias, como sabes, andamos nestes matos..., mas não é tanto pelo serviço militar, é mais por um vareio que quero dar... por minha conta²⁷⁰ ... Ouve. A minha china fugiu-me, seduzida pelo comandante desta força...

É pertinente reparar que existem conexões entre os sistemas de reduplicação e a própria reflexão do narrador, tal como se expressa na sua fala, sobre fenômenos afins aos evocados por sua relação dos causos. Isto se vê particularmente na moral dos contos, ligada à dimensão pedagógica da personagem de Blau Nunes, em formulações como “O engraçado é que há gente que se julga muito superior aos reyunos; e sabe lá quanto reiuno inveja a sorte da gente...” ou, ainda mais visivelmente, “três defuntos de razão de morrer tão diferente e de morte tão a mesma,” “Do mesmo talho varou os dois corações, espetou-os no mesmo ferro, matou-os da mesma morte”, “atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...”

Contextualizando a escrita dos *Contos gauchescos*, talvez não seja disparate lembrar que a reflexão sobre a repetição (os paralelismos, os esquemas de duplicação e de reduplicação) ocupa um lugar especialmente relevante nos debates filosóficos do fim do século XIX e do começo do século XX, período em que se afirmam tendências, precisamente “repetitivas” (pelo menos particularmente ostensíveis nas suas manifestações), no âmbito da organização da vida social, e estreitamente vinculadas com fenômenos de urbanização, de industrialização e de mecanização das atividades laborais. Taylor e Ford, em particular, são lembrados como pioneiros na racionalização das tarefas de produção, mas também na desumanização da produção. Mas o modelo da fábrica industrial já se desenvolvera na segunda metade do século XIX e poderíamos considerar que a charqueada se encontrava, na sua organização geral, em uma altura mais próxima da manufatura moderna (“racionalizada”), do que a estância.

Numa perspectiva mais abrangente, também consta recordar que, enquanto se instala definitivamente a era industrial, textos influentes são publicados sobre o papel da repetição na linguagem, nas artes (inclusive na literatura), e na vida individual do homem em geral. A título de ilustração, o ensaio de Sören Kierkegaard, *A repetição*, é publicado em 1843 e é provável que Simões tenha lido o texto, mesmo que não haja como comprovar o fato, já que a biblioteca do escritor foi desmantelada após seu falecimento.

²⁷⁰ Contudo, sempre há uma implicação de que alguma coisa não esteja certa no ordenamento militar (“Mas, como quera, onde se encontrasse, a nossa gente entropilhava-se bem com a deles. E mesmo era ordem dos sup'riores.”). Ao longo de seus causos, Blau emite semelhantes “julgamentos” sobre as ordens “superiores”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Aí, naquelas reflexões sobre a vida que Blau compartilha em cada caso com seu companheiro de viagem, convergiram formas de filosofia popular e outras de filosofia erudita.

Conclusão: danças das palavras, andares das frases

Haroldo de Campos fala, em *Metalinguagem e outras metas*, de coreografia das palavras, e efetivamente, se pode dizer que os vocábulos do texto literário dançam, e mesmo dançam entre si, não só ao nível de seus significantes (as coreo-grafias e coreo-fonias), mas também ao nível de seus significados. Nos rodeios dos casos, quem faz ofício de mestre de dança é o narrador. Conduz seus rodeios, chicoteando, freando, sofrendo...

Com efeito, em outro comentário que decidi não incluir aqui, estudo como a disposição das palavras, em função notadamente das batidas que criam as sequências de sílabas tônicas e seu espaçamento, pode ser apreendida às vezes como que “simulando” os diferentes andares do cavalo, o passo, o tranquilo, o trote, o trote galopado, e até a meia rédea e o galope com o flete levantado no freio em passagens de cunho épico (batalhas, perseguições, rodeios, etc.) Enquanto tradutor aprendiz, é realmente este tipo de manifestação dos paralelismos desde dentro das composições literárias de João Simões Lopes que me cativou, talvez mais do que o equacionamento, textualizado sob uma modalidade aparentemente bastante conspícua, entre a condição do reiuno e a do soldado raso.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Versão do texto nº19 - BATENDO ORELHA!...

OREILLE À OREILLE !

Nasceu o potrilho, lindo e gordo, filho de égua boa leiteira, crioula de campo de lei.

Le poulain est né, beau et gras, d'une jument bonne laitière, native d'une riche prairie.

O guri era mimoso, dormindo em cama limpa e comendo em mesa farta.

Le gamin était gâté, dormait dans un lit propre et mangeait à une table bien garnie.

Já de sobreano fizeram uma recolhida grande, sentaram-lhe uns pealos, apertaram-no pelas orelhas e pela cola e a marca em brasa chiou-lhe na picanha.

Il n'avait pas deux ans qu'on a fait une grande battue et on l'a attrapé au lasso, on l'a immobilisé par les oreilles et par la queue et on a fait grésiller sa chair sous le fer.

Andaria nos oito anos quando meteram-lhe nas mãos a cartilha das letras e o mestre-régio começou a indicar-lhe as unhas, de palmatoadas.

Il devait avoir huit ans quand on lui a fourré l'abécédaire entre les mains et le maître d'école a commencé à lui noircir les ongles, à coups de fêrule.

O potrilho couceou, na marca. O menino meteu fios de cabelo nos olhos da santa-luzia...

Le poulain a rué sous la cravache. Le garçon a bourré de cheveux les yeux de la sainte-lucie*, qui lui martyrisait les doigts.

Em potranco acompanhava a manada e retouçava com as potrancas, sem mal nenhum.

À deux ans, le potranco accompagnait la manade, et gambadait avec les pouliches, sans mal aucun.

O rapazinho rezava o terço e brincava de esconder com as meninas... o que custou-lhe uma sapeca de vara de marmeleiro.

Le garçon récitait ses prières et jouait à cache-cache avec les filles... Ce qui lui a valu une bonne volée de baguette de cognassier.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando o potrilho foi-se enfeitando para reponar, o pastor velho meteu-lhe os cascos e mais, a dente, botou-o campo fora: fosse rufiar lá longe!...

Quand le potrilho* a voulu faire le beau pour épater les juments, le vieil étalon l'a chassé à coups de sabots et... de dents : qu'il aille donc faire le mâle plus loin !...

O gurizote, já taludo, quis passar-se de mais com uma prima...; o tio deu-lhe um chá-de-casca-de-vaca, que saiu cinza e fedeu a rato!...

Le garçon, poussé en graine, a voulu prendre trop de libertés avec sa cousine.... Son oncle lui a flanqué une telle raclée qu'il en a vu des chandelles e a senti le roussi.

O potro andava corrido, farejando... Mas nem uma petiça arrastadeira d'água e poronguda, achou, para consolo da vida. Té que o caparam.

Le potro*, chassé de la manade, flairait à la recherche d'une femelle. Mais pas même une jument rabougrie, lymphatique et cagneuse, pour se consoler. Jusqu'à ce qu'on le castre.

O mocito, que era pimpão, foi mandado incorporar. Sentaram-lhe a farda no lombo.

Le petit jeune homme, qui était fanfarron, a été enrôlé. On lui a flanqué un uniforme sur le dos.

Mal sarou da ferida o potro foi pegado: corcoveou, berrou; quebraram-lhe a boca a tirões, dividiram-lhe a barriga com a cincha; quis planchar-se, e lanharam-lhe as virilhas a rebenque e as paletas a roseta de espora. Tiraram-lhe as cócegas... Ficou redomão.

À peine guéri de ses plaies, le cheval a été capturé ; il a rué, il a henni, on lui a brisé la bouche à coups de freins, on lui a cisailé l'abdomen avec une sous-ventrière ; il a voulu se coucher et on lui a lacéré l'aine à coups de cravache et les côtes à coups d'éperons. On l'a guéri de ses manies... Il est devenu redomão*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O recruta marcou passo, horas, pra aprender; entrou na forma; agüentou descomposturas; deu umas bofetadas num cabo e gurniu solitária e guarda dobrada, por quinze dias. Cortaram-lhe os cabelos à escovinha e ficou apontado. Era o faxineiro do esquadrão.

La recrue a fait de la marche sur place, pendant des heures, histoire d'apprendre et de se faire au moule; il a supporté les humiliations ; il a donné une paire de gifles à un caporal et s'est retrouvé au trou pour quinze jours et on a doublé son service de garde. On lui a coupé les cheveux en brosse et on lui a assigné son poste. Il est devenu l'homme de corvée de l'escadron.

Houve uns apuros de precisão... O rocim foi vendido em lote, para o regimento.

Il y a eu une période de vaches maigres et le canasson a été vendu dans un lot pour le régiment.

Tocou a reunir: era uma ordem de marcha, urgente. O faxineiro recebeu lança, espadão e tercerola.

Le clairon a sonné le rassemblement : c'était un ordre de marche, urgent. Le troufion de corvée a reçu une lance, un sabre et une dague.

Quando a cavalhada chegou, o primeiro serviço dos sargentos foi assinalar os novos; era simples e ligeiro: um talho de faca na orelha, rachando-a. Bagual assim, virava reiuno.

Quand les chevaux pour le service sont arrivés, le premier travail des sergents a été de marquer les nouveaux ; simple et rapide : un coup de coutelas en travers de l'oreille. C'est comme ça qu'un bagual devenait reiuno ou cheval de troupe.

Quando tocou o bota-sela, o faxineiro estava na porteira, de buçal na mão, esperando a vez. O laçador laçava, chamava a praça e esta enfrenava... e cada um roia o osso que lhe tocava.

Quand le clairon a sonné le bote-selle, le troufion de corvée se tenait au portail, la bride à la main, attendant son tour. Le laçador lançait le lasso, appelait le soldat et celui-ci mettait le frein au cheval... et chacun de rogner l'os qui lui était jeté.

- Chê! Enfrena!...

- Tchê, mets lui le frein.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Foi o reiuno que caiu pro recruta.

Et c'est comme ça que le reiuno est échu à la recrue.

Aí se juntaram os dois parecidos, o bicho e o homem. E a sorte levou os dois, de parceria, pelo tempo adiante. Curtiram fome, juntos, cada um, do seu comer, E sede. E frio. E cansaço, mataduras e manqueiras; cheiros de pólvora e respingos de sangue, barulho de músicas, tronar grosso e pipoquear, nas guerrilhas.

Voilà réunis nos deux semblables, la bête et l'homme. Et le sort les a emmenés, dorénavant compagnons de fortune. Ils ont connu la faim ensemble, chacun selon sa nourriture. Et aussi la soif, et le froid. Et la fatigue, les plaies du bât et les boiteries ; l'odeur de la poudre et le sang qui éclabousse, le bruit des fanfares, le tonnerre des canons et le crépitement des fusils, dans les guérillas.

E de saúde, assim, assim... Um teve sarnagem, o outro apanhou muquiranas; se um batia a mutuca, o outro caçava as pulgas.

Quant à la santé, du pareil au même... L'un a attrapé la gale, l'autre des poux. Quand l'un battait les taons avec sa queue, l'autre faisait la chasse aux puces.

Quando, no verão, o reiuno pelechava, também o faxineiro deixava de sofrer dores de dentes.

Quand, l'été, le cheval perdait ses poils, le troufion cessait d'avoir mal aux dents.

Passados anos o mancarrão já nem engordava mais, e todo ovado estava. O fiscal do regimento, sem uma palavra de - Deus te pague - mandou vendê-lo em leilão, como um cisco da estrebaria. Um carroceiro comprou-o, por patacão e meio, com as ferraduras.

Les années ont passé ; le canasson ne grossissait plus, et il était couvert de tumeurs. L'intendant du régiment, sans un « Dieu te le rendra ! », l'a fait vendre aux enchères comme un rebut d'écurie. Un charretier l'a acheté, pour trois fois rien, fers y compris.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Passados anos o praça aquele teve baixa, por incapaz, com o bofe em petição de miséria; e saiu da fileira sem mais família e sem saber ofício. Saiu com cinco patacas, de resto do soldo, e sem o capote. Foi então ser carregador de esquina.

Les années ont passé et le troufion a quitté le service, pour incapacité, les poumons en capilotade, et il est retourné à la vie civile sans famille et sans métier. Il est parti avec cinq francs pour solde de tout compte et sans sa capote de soldat. Alors, il s'est fait porteur de rue.

O reiuno apanhava do carroceiro, como boi ladrão!

Le cheval recevait des raclées du charretier, comme un bœuf chapardeur.

O carregador levava dos fregueses descompostura, de criar bicho!

Le porteur recevait de ses clients toutes sortes d'humiliation, à se ronger les sangs.

O reiuno deu em empacar.

Le reiuno est devenu rêtif.

O carregador pegou a traguear.

Le porteur s'est mis à boire.

O carroceiro um dia, furioso, meteu o cabo do relho entre as orelhas do empacador e... matou-o.

Le charretier, furieux, a asséné un coup de manche de fouet entre les oreilles du canasson qui refusait d'avancer... et l'a tué net.

A policia uma noite prendeu o borrachão, que resistiu, entonado; apanhou estouros... e foi para o hospital, golfando sangue; e esticou o molambo.

Une nuit, la police a arrêté l'ivrogne, qui a résisté, l'arrogant ; et il a reçu pour sa peine une volée de coups de matraques qui l'a envoyé à l'hôpital, pissant le sang ; et il a cassé sa pipe.

O engraçado é que há gente que se julga muito superior aos reiunos; e sabe lá quanto reiuno inveja a sorte da gente...

Ce qui est drôle, c'est qu'il y en a qui se croient très supérieurs aux chevaux de troupe, et si ça se trouve, combien de chevaux de troupe qui envient notre sort ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº 20. Diminutivos, aumentativos e coletivos

Texto e pretexto: “O ‘Menininho’ do presépio”. *A Christmas carol with a twist in the tail.*

Foco do estudo tradutológico: sufixos diminutivos e outros -ivos

“- Não lhe parece que houve um milagre? Claro! Foi por causa do **Menininho** que...
Se o **diabinho** é tão **milagroso!**...”

“O ‘Menininho’ do presépio” é um conto que ostenta número significativo de diminutivos. No plano quiçá mais elementar, esta característica teria a ver com o próprio tema do caso, basicamente a história de um pequeno milagre (um “milagrezinho”) realizado por um “Menininho do presépio” que, afinal de contas e do conto, mostra-se partilhar tanto da figura de um anjinho quanto da figura de um diabinho. Estudo, pois, no comentário correspondente, um assunto bem específico da tradução do português para o francês. E, na verdade, a reflexão que segue poderia interessar à tradução para o francês, inglês, alemão, etc. desde que o italiano, espanhol, polonês, etc. são idiomas nos quais o recurso em pauta é muito mais flexível e versátil, e, portanto, muito mais usado, do que em outros idiomas, inclusive o francês.

É, sem dúvida, este emprego dos diminutivos (aumentativos e coletivos) um recurso de que Simões se valeu profusamente para matizar seu texto. Assim, nos dois contos em que a figura da criança talvez seja a mais relevante, dentre as personagens, nota-se imediatamente uma relação entre a temática e, oportunamente, recursos linguísticos como o emprego de diminutivos. Como assinalei anteriormente, não é por acaso se os textos que ostentam maior ocorrência do recurso são casos que lidam com a infância mais diretamente, ou seja, mediante o destaque da figura de uma criança (Binga em “Penar de velho”, o próprio Menininho no caso em pauta). Também coaduna este aspecto “técnico” (o uso de certo tipo de sufixo) com a temática de textos como “Correr eguada” ou “O Anjo da Vitória” que demonstram uma presença expressivamente maior de coletivos em relação com as outras peças da coletânea.

entre eles, acamado numas **palhinhas** de milhã e uns musgos e umas penugens, estava o **Menininho** Jesus, **ruivito** e rosado, **nuzinho** em pêlo, pro caso como uma **criancinha** que não tem pecado por mostrar as **vergonhinhas** do seu **corpinho** de inocente.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Breve panorama das estratégias mobilizadas para que se procure levar em conta os diminutivos na elaboração das versões estrangeiras

Lidar com os diminutivos que semeiam o texto original não é nada fácil para o tradutor francês, tanto ao nível da interpretação quanto no momento de se tentar fazer passar para a própria língua alguns dos matizes semânticos associados ao uso de certos tipos de sufixação.

No âmbito da indagação deflagrada pelo surgimento desta dificuldade particular, passei em revista algumas dentre as estratégias mais correntes de transferência dos diminutivos para uma versão francesa:

Eis algumas soluções encontradas nas traduções:

- não levar em conta o diminutivo presente no texto original e “traduzir por omissão”, um pouco como se peca por omissão, eliminando de vez a dificuldade ou “idiomatizando” a tradução, segundo o ponto de vista desde o qual se contempla a versão estrangeira (ex. diabinho → diable; menininho → enfant ou Menininho → Enfant Jésus, etc.);

- traduzir o diminutivo por sufixação em português com um diminutivo por sufixação em francês (diabinho → diabolotin, ou Menininho → Enfantelet, etc.);

- traduzir mediante perífrases, mais ou menos segundo o modelo « Et pour la p'tite dame, ça'sra un p'tit bifteck comme d'habitude? » (diable → petit diable, diable d'enfant, etc.; menininho → petit enfant, ou Menininho → Petit Jésus, etc.);

- “compensar”, ou seja, deslocar parte do matiz suprimido (aqui o aspecto diminutivo veiculado pelo sufixo) para outro elemento textual (p. ex. uso de um adjetivo suscetível de “amenizar” o sentido de um substantivo, entre outros recursos.) ex. Menininho → “Divin Enfant” como na canção de Natal. Diabinho → gentil diable, etc.

O diminutivo não faz parte do “gênio” da língua francês, a qual, a meu ver, não é nada genial neste quesito, e, portanto, nada congenial, enquanto instrumento de tradução, com o uso do recurso em textos escritos em português, italiano, espanhol, polonês, etc. Concretamente, em francês, é muito difícil algum locutor nativo empregar um diminutivo do tipo “nome + -et, -ot, -ette, -ule, etc.” sem que este diminutivo seja devidamente registrado no dicionário. Quer dizer, simplificando o assunto, o recurso é muito aberto em português, mas é bastante fechado em francês.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não é nada difícil comprovar o fenômeno, bastando levantar os diminutivos em algumas conversas correntes em entre locutores lusófonos de um lado, e entre locutores francófonos de outro lado (aproximadamente de mesmo volume, registro e duração) para constatar nítidas diferenças no uso do recurso em português e em francês. Cumpre reparar, além disto, que um dicionário *online* como o da Porto Editora (www.infopedia.pt) dispõe de uma ferramenta específica que faz com que, para qualquer busca de uma palavra terminada em “inho” ou “inha” entrada na janela de seu motor de pesquisa, crie-se automaticamente um verbete correspondente. Isto quer dizer que a ferramenta permite contemplar o diminutivo de qualquer palavra (sufixável), o que é sem dúvida sinal de uma versatilidade especial do recurso quando comparando ao que acontece em outros idiomas.

Estrangeirização no uso dos diminutivos

Diante desta “desigualdade” linguística dos locutores da língua fonte e da língua alvo, relativamente ao uso do recurso que é objeto deste comentário – pelo menos do ponto de vista da frequência e da abertura – seria interessante propor uma tradução experimental dos diminutivos, aumentativos e coletivos, consistindo em traduzir as palavras originais do texto original com palavras sufixadas em ‘-et’, ‘-ot’, ‘-ette’, ‘-ule’, ‘-illon’, etc., mas que não são registradas pelos dicionários franceses.

Arrisca soar muito estranho este tipo de tradução aos ouvidos do leitor francês, da editora ou do revisor, mas como o presente trabalho é experimental, não deixaria de ser pertinente semelhante tentativa de tradução sistemática dos diminutivos portugueses por “diminutivos franceses” com o intuito de deixar o leitor francês entrever um pouco do que acontece na “língua original das personagens”. Uma situação bem instigante para o tradutor é o uso combinado de diminutivos e de aumentativos que permitem contrastes linguísticos dificilmente transferíveis para idiomas como o francês, pobre em recursos semelhantes.

Combinações e contrastes

É frequente o narrador se valer das possibilidades contrastantes que proporciona a alternância de um aumentativo e de um diminutivo a pouco intervalo de distância textual. Há o exemplo bem notável de ‘mocetona’, ‘mocinha’, ‘moça’, mas são várias as ocorrências deste tipo de emprego conjunto dos recursos que, infelizmente, não há como transferir com a mesma pungência para o francês.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A dona da casa era uma mulher **mocetona** ainda, bem parecida e mui prazenteira; de filhos, uns três matalotes já emplumados e uma **mocinha** - pro caso, uma **moça** -, que era o - santo-antoninho-onde-te-porei! - daquela gente toda.

Eu sei!... Aquele é **gauchão buenaço**! Eu, se fosse o **patrãozinho**, ia, ia, só pra ver o que é uma gente de devoção (“O ‘Menininho’ do presépio”)

Muita gente anda no mundo sem saber pra quê: vivem porque vêem os outros viverem. Alguns aprendem à sua custa, quase sempre já tarde pra um proveito melhor. Eu sou desses. Pra não suceder assim a vancê, eu vou ensinar-lhe o que os doutores nunca hão de ensinar-lhe por mais que queimem as pestanas deletreando nos seus **livrões**. Vancê note na sua **livreta**: (“Artigos de fé do gaúcho”)

Conclusão: um continho ou um contão dependendo do ponto de vista

Um conto de natal marca diabo (diabinho)? *A Christmas caroll with a couac?*

Como é quase sempre o caso com Simões Lopes Neto, o seu conto de natal não podia deixar de possuir alguns aspectos que o afastassem do modelo em voga ou do clichê, quer dizer, do texto natalício convencional. “O ‘Menininho’ do presépio” não é impregnado de um discurso *bien-pensant*, no sentido de veicular uma visão globalmente moralizante sobre o ser humano e seus modos²⁷¹, e, se, a final de contas, acaba trazendo para si os *good feelings* do leitor, é com algum *twist in the tail*. A virada do conto, pois, poderia residir no fato de este causo de Blau nos narrar, tudo bem considerado, a história de como o marido que atrapalha um par de jovens apaixonados acaba sendo removido, muito oportunamente, graças à intervenção de um milagre natalício.

A reversão²⁷² aqui de esquemas mais conservadores ou mais convencionais se apoia sobre a inversão de uma perspectiva que considerasse o casamento como puro e sancionado pelas autoridades (humanas, divinas) e o amor fora do casamento como impuro e condenado pelas autoridades (humanas, divinas). Com efeito, em “O ‘Menininho’ do presépio”, é o casamento da filha de Miguelão com o parceiro deste que, no fundo, seria porventura “impuro”, no sentido de ir contra as leis naturais, e o amor dos jovens apaixonados, apesar da moça ser casada, que seria puro.

²⁷¹ Pelo menos dentro do *éthos* representado nos *Contos gauchescos* e como que “embutido” na fala de Blau Nunes.

²⁷² Quase no seu sentido meteorológico [Houaiss: “reversão : 6 Rubrica: meteorologia. mudança de direção dos ventos e das marés”]

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A união entre nhã Velinda e seu marido (tipicamente sem nome) seria antinatural, entre outros motivos, porque foi imposta à moça, mas, sobretudo, porque “acasalou” dois indivíduos de idade e semblante (patrimônio genético?) muito diferente. Aliás, a discrepância entre a bondade, a beleza, a juventude da moça e a maldade, a feiura e a velhice do marido é um ingrediente típico do conto popular.

Assim era aquele casal:

ele como o jerivá velho, // ela como um cacho de flor,

e tinha uma filha [...] morocha linda como uma princesa // Era um mais que mouro, e meio corcunda, e tinha um lanho grande entre a orelha e a nuca; e mal encarado, era.

Como sabemos, a equação se resolve sem que seja preciso sair por demais do plano da aceitabilidade moral (ou seja, social), isto graças à sequência do milagre natalício (a segunda parte do milagre por assim dizer²⁷³), com a substituição do casamento em dissonância com a harmonia natural por um casamento que lhe seria consonante, pelo menos em virtude das leis naturais. Assim se harmonizam, pois, natural e social/cultural, mediante a intervenção do santinho diabinho.

Disponibilizo online um comentário bem mais detalhado do uso dos diminutivos, aumentativos e coletivos em *Contos gauchescos*, cotejando as ocorrências no texto de Simões e suas transferências nas versões estrangeiras, inclusive na proposta de tradução da coletânea para o francês. Remete a esse trabalho para uma análise, conto por conto, e ocorrência por ocorrência, que não cabia neste documento. Nele se verá que o espanhol e o italiano são idiomas em que a transferência dos diminutivos, aumentativos e coletivos foi bem mais fácil e bem-sucedida do que podia sê-lo em francês.

²⁷³ Seria na verdade um milagre natalício em três partes: primeiro, o milagre do Menininho Jesus que rola no colo de Nha Velinha e impede seu marido de perpetrar um crime de vingança passional, segundo, a eliminação física do esposo atrapalhador, terceiro a redenção do cadete, porém, nota-se, somente depois de ele ter obtido o que cobiçava.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentários avulsos

Nos últimos cinco textos deste projeto, trato de vários outros assuntos em relação direta com a tradução dos *Contos*, que não foram abordados, ou o foram de maneira superficial, nos comentários precedentes.

Estes assuntos são:

- a relação entre o teatro de Simões e os *Contos*, do ponto de vista de como a leitura daqueles pode ter ajudado na tradução destes;
- a questão da transferência dos tempos verbais, sendo que, em francês, a diferença entre o *passé simple* e o *passé composé* não corresponde à que marca os usos respectivos do pretérito perfeito (simples) e do pretérito perfeito composto em português. Há uma dimensão “aspectual”, mas também é envolvida na escolha uma questão de registro (escrito, oral, formal, informal, etc.);
- a relevância de unidades de sentido menores do que a palavra e a problemática de sua preservação na versão estrangeira, as observações se focalizando nas possíveis significações inerentes à repetição de determinadas letras (‘a’ e ‘o’ no caso);
- a significação dos números no texto literário, as modalidades de uma “numerologia” subjacente ao texto literário, as dificuldades para levá-la em conta na tradução, os apontamentos se centrando na figura do 8;
- as figuras da iconicidade e sua translação para a versão estrangeira, i.e. a maneira como o texto opera em profundidade, com diversas camadas de significação que “dialogam” entre si.

Versão do texto nº20 - O "MENININHO" DO PRESÉPIO

LE "PETIT JÉSUS" DE LA CRÊCHE

- Olhe! Aí está um peão do major Vieira; jogo o pescoço se ele não traz invite pra ir lá, hoje, festejar o Natal, na estância!..

- Regardez ! C'est un péon du major Vieira qui arrive : je mets ma main à couper qu'il nous invite à aller fêter Noël chez lui, à l'estancia.

Eu sei!... Aquele é gauchão buenaço!

Je sais bien que c'est ça... Çui-là, c'est un gaúcho comme on n'en fait plus, et qui a le cœur sur la main !

Eu, se fosse o patrãozinho, ia. Ia, só pra ver o que é uma gente de devoção.

Moi, si j'étais vous, mon petit patron, j'irais. J'irais au moins pour voir ce que c'est que d'avoir de la religion.

E é que o seu major Vieira não era assim, não; pro caso que ele, em moço, até que era um virado, da gente se benzer três vezes!

Pourtant il faut dire que le major Vieira n'était pas comme ça; ah non, quand il était tout jeune homme, on peut dire qu'il avait le diable au corps, du genre à se signer trois fois si on le croisait.

O major Vieira quando era cadete haraganeava muito pela rancheria dos postos.

Le major Vieira, du temps où il était cadet, rôdait souvent autour des ranchos des péons, posteiros* aux limites de l'estancia.

A estância era grande, e entre agregados e posteiros havia um povaréu; o patrão velho, pai dele, era mui esmoleiro e não gostava de, perto dele, ver ninguém com cara de fome.

L'estancia était grande, et, entre agregados* et posteiros, il y vivait pas mal de gens ; le vieux patron, son père, donnait facilement l'aumône et n'aimait pas voir quelqu'un avec l'air d'avoir faim dans son voisinage.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas o diacho era que o que o velho fazia com as mãos o cadete desmanchava com os pés...

Mais le diable, c'est que tout le bien que le père faisait avec les mains, le cadet le défaisait avec les pieds...

O mocito era abusador, e mais duma feita saiu ventando de certos ranchos daqueles pagos... Sim, que um pai cria uma filha não é pra carniça de gaudério!... Por isso é que já os antigos inventaram o casamento.

Le jeune homme abusait, et plus d'une fois, il a dû sortir en coup de vent de certains ranchos de péons de ces parages. Ah oui, parce que si un père élève sa fille, c'est pas pour qu'elle serve de pâture aux chiens errants. C'est pas pour rien si les anciens ont inventé le mariage.

A divisa da estância, no fundo, faz uma quebrada forte, assim como o cotovelo do meu braço; nesta ponta aqui, onde está a minha mão, fica o Lagoão das Lontras, e mais pra cá passa a estrada real.

La limite de l'estancia, tout au fond, forme un angle fermé : tenez, comme mon coude, et au bout, où est ma main, c'est là que se trouve le Lac aux loutres, et si on continue encore un peu on tombe sur la voie royale.

Em certos tempos a gadaria pegava a costear o lagoão e andando, andando, entrava na estrada e... adeus!

Il y avait une époque où le bétail se mettait à longer le lac, et marche que marche, arrivait jusqu'à cette route et alors... Adieu !

Assim perdeu-se numa primavera uma ponta de novilhos que se evaporaram como sereno.

C'est comme ça qu'un printemps s'est perdu un petit troupeau de taurillons qui se sont évaporés comme de la rosée.

Foi um estafaréu, na estância, por causa disto; o patrão velho ficou buzina com o capataz, que relaxou os repontes, e quase mandou lonquear um certo Miguelão, que passava todo o santo dia lagarteando na reserva do rancho, e de noite nunca parava em casa...

Quel grabuge à l'estancia à cause de ça : le patron s'est mis en colère contre le contremaître, qui avait relâché la surveillance, et a été sur le point de faire bastonner un certain Miguelão, qui passait toute la sainte journée à lézarder dans la cour de sa maison, et qu'on ne trouvait jamais chez lui la nuit.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Parece que eu estou lhe enredando o rastro, mas não 'Stou, não; vancê escuite.

On dirait que je suis en train d'essayer de vous égarer avec mes détours mais il n'en est rien, écoutez plutôt.

É que este Miguelão não era trigo limpo; e tinha uma filha que era uma criatura boa como uma santa, morocha linda como uma princesa. E vai, o desgraçado obrigou a menina a casar-se com um sujeito sem eira nem beira, e que diziam à boca pequena que era parceiro nas velhacadas do Miguelão.

C'est que ce Miguelão n'était pas franc du collier ; et il avait une fille qui était bonne comme une sainte, une jolie morocha à la peau bronzée, belle comme une princesse. Et voilà-t-il pas que le misérable oblige la petite à se marier avec un type qui n'avait pour tout bien que la chemise qu'il portait sur le dos et dont on chuchotait qu'il était compagnon des canailleries de Miguelão.

Era um mais que mouro, e meio corcunda, e tinha um lanho grande entre a orelha e a nuca; e mal encarado, era.

L'homme avait le cuir plus foncé que le poil d'un cheval moreau, était à moitié bossu, une grande balafre lui allait de l'oreille à la nuque ; et de caractère, à l'avenant...

Amigo! A quincha dos ranchos esconde tanta cousa como os telhados dos ricos!...

Eh oui l'ami : le chaume des masures cache autant de choses que les tuiles des maisons des riches.

Marido e mulher davam assim uma idéia esquisita: vancê já reparou quando abre um cacho de flor num jerivá velho, de casca esbranquiçada, cheio de talos secos pendurados e um que outro pendão esfiapado, que já deu coquinhos?...

Le mari et son épouse formaient ainsi un drôle de tableau: je ne sais pas si vous avez déjà vu s'épanouir une grappe de fleurs sur un vieux palmier jeriva, un de ces arbres à l'écorce blanchie, d'où pendent tout un tas de tiges de palmes desséchées et quelques rafles effrangées, et qui a déjà donné ses fruits ?

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O jerivá é uma árv'e tristonha, mas quando bota um cacho de flor fica alegre, de enfeitada. Aquele pendão amarelo, lá em cima, chama os olhos da gente, parece um favo de cera, de tão limpo e dourado; chama as mandaçaias, os passarinhos, os mangangás, as joaninhas; dá cheiro que é doce; é uma boniteza pra todos os viventes.

Le jeriva est un arbre tristounet, mais quand il donne des fleurs, il en devient guilleret, de tout décoré qu'il est. Ce fanion jaune en haut de l'arbre attire le regard, on dirait un rayon de cire tellement il est lustré et doré ; il attire les abeilles mandaçaias, les oiseaux, les bourdons mangangás et les coccinelles joaninas : Il s'en dégage une odeur sucrée ; bref il enchante tous les êtres vivants.

Assim era aquele casal: ele como o jerivá velho, ela como um cacho de flor, Ela chamava-se nhã Velinda: e chorava muito, às vezes.

Eh bien le couple dont je vous parle était comme ça : lui, tel le vieux jerivã, elle comme une grappe de fleurs. Elle s'appelait m'zelle Velinda, et elle pleurait beaucoup... des fois.

Por quê? Quem sabe lá...

Pourquoi ça ? Va savoir ...

Depois daquele sumiço dos novinhos, o cadete Vieira passou a recorrer o campo por aquelas bandas; a bolear avestruzes por aquelas várzeas; a correr veados por aqueles meios; a caçar mulitas naquela costa; e até numa noite de breu arranjou uma perdida -. 'magine! Mais vaqueano que sorro! - mas perdida foi que soube rumbear sobre o rancho do Miguelão...

Eh bien, après l'histoire des taurillons envolés, le cadet Vieira s'est mis à parcourir la campagne de ce côté-là de la propriété ; boléant les nandous dans la plaine par-là, traquant les cerfs par-là aussi ; chassant les tatous dans les collines toujours par-là; et voilà qu'une nuit de poix, il s'arrange pour se perdre. Pensez-donc, s'il avait plus de flair qu'un zorro* ! En tout cas, il n'était pas si perdu qu'il n'a pas su se diriger vers le ranch de Miguelão...

Cousas de rapaz; que a nhã Velinda, essa, era de confiança.

Frasques de gamin; car avec m'zelle Velinda, il n'y avait rien à craindre.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Lá porque era moça, quase uma criança perto do marido, lá por isso não era motivo pra qualquer um chegar-se de buçalete em mão, como se faz pra uma redomona, pra amanusear-lhe desde a tábua do pescoço até as ancas...

Ce n'est pas parce qu'elle était toute jeune fille, presque une enfant à côté du mari, ce n'est pas pour ça que n'importe qui pouvait arriver là, bride en main, comme on fait avec une jument qui vient d'être débourrée, pour l'amadouer en la caressant avec le harnais depuis l'encolure jusqu'aux quartiers...

Mas o cadete gostava da moça numa paixão de verdade, diferente de quantas cavaleiradas estava avezado a fazer.

Mais le cadet éprouvait pour la jeune fille une véritable passion, différente de toutes ces autres cavalcades qu'il avait l'habitude de faire.

Era uma adoração, quase um medo de ofender a querida do seu coração; perdia a voz pra falar com ela, enredava-se nas esporas, perdia o entono de todo o seu jeito, e todo ele vivia só nos olhos quando atentava na formosura do seu rosto.

C'était une vraie adoration, presque une peur d'offenser celle que son cœur avait choisi ; il perdait la voix quand il fallait lui parler, s'emmêlait les pieds avec ses éperons, perdait tout cet aplomb qu'il avait, et son être tout entier vivait dans ses yeux lorsqu'il contemplait la beauté du visage aimé.

Entrementes foi acabando o ano e já era sobre o Natal.

Entre temps, l'année se terminait et Noël était déjà à la porte.

E vai a família do patrão velho armou um presépio na sala grande da estância; e ele mesmo mandou avisar o vizindário todo que a sia-dona convidava para se cantar um terço de festa, na noite santa.

Et donc la famille du patron installe une crèche dans la grande salle de l'estancia : et le patron se charge lui-même de faire savoir au voisinage que la maîtresse de maison, la sia-dona, invite tout le monde des alentours à venir chanter des cantiques avec eux pour célébrer la nuit sainte.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E veio tudo, velhada e crianças, moçada, namorados, e até alguns andantes, que estavam de pouso, ficaram, todos, pra louvar a Deus na noite mais pequena do ano.

Et tout le monde est venu, des plus vieux jusqu'aux plus jeunes, adolescents, amoureux, et même quelques voyageurs qui s'étaient arrêtés pour passer la nuit ; tous se sont retrouvés chez le major pour louer Dieu au cours de la nuit la plus courte de l'année.

O cadete andava no meio do povo caçoísta, dançarino e pisa-flores, mas no que chegou a gente do Miguelão, já se foi pondo como um céu amontoado, emburrado, de dar nas vistas.

Le cadet se promenait au milieu de la foule, plaisantin, léger, dandy, mais quand est arrivée la famille de Miguelão, il s'est assombri d'un coup comme un ciel d'orage, impossible de n'pas le remarquer.

Houve jantarola e doçaria, na sombra das figueiras.

Il y a eu un banquet et on a mangé des gâteaux sous le feuillage des figueiras.

Escureceu; a sala grande estava fechada, e as moças da estância lá dentro, preparando as luminárias; enquanto o velho e a sua-dona pauteavam com a gente sisuda, embaixo da ramada grande, em frente da casa, a gurizada corria na pega dos vaga-lumes, rodando por cima dos cachorros ou fazendo provas de burlantins, nos cabeçalhos das carretas; do galpão vinha o zunzum da peonada; na sombra do campo não se via nada, mas de lá vinham relinchos e mugidos, cracrás das corujas e uais!.. dos graxains.

Il a commencé à faire nuit ; la grande salle était fermée et les jeunes filles de l'estancia à l'intérieur, en train de préparer les luminaires ; pendant que l'estancieiro et sa femme bavardaient avec les plus âgés, sous l'abri aux chevaux devant la maison, les gamins couraient çà et là, pour attraper des lucioles, ou sautaient au-dessus des chiens ou bien se livraient à des numéros d'équilibristes, debout sur le timon des charrettes ; de la grange venait la rumeur que faisaient les voix des péons rassemblés; côté prairie, on ne voyait rien, mais on entendait, qui vous venaient de là, des hennissements et des mugissements, des hululements de chouettes et des glapissements de graxains.

E no ar, como uma cerração que não se via, andava o fartum dos churrascos.

Et dans l'air, comme un brouillard invisible, planait l'odeur âcre de la viande grillée.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Por um segredo do destino a sia-dona mandou o cadete ver se as luminárias estavam ou não prendidas; e vai, o moço, no entrar a porta, topou de cara a cara com a nhã Velinda que saia, justamente para vir chamar os donos da casa; toparam-se as criaturas e miraram-se, num clarão que só elas viram...

Par un mystère du destin l'hôtesse a envoyé le cadet voir si les luminaires étaient ou non allumés ; et voilà, comme le jeune homme allait entrer, qu'il se retrouve nez à nez avec m'zelle Velinda qui sortait justement pour aller chercher les maîtres de maison ; les deux jeunes gens se bousculent presque, se regardent, dans un éblouissement qu'eux seuls ont pu voir...

As mãos se encontraram. .. e num de-repente, num silêncio, num tirão das suas almas, na pressa e no lusco-fusco, perto da gentama, numa relancina de corisco, as duas bocas famintas se encontraram...e um beijo, um beijo que jurou pelos dois, para toda a vida, um beijo só derrubou todas as negaças, como uma represa de açude aluída é derrubada por uma muita descida de águas...

Leurs mains se touchent... et soudain, en silence, dans un élan de toute leur âme, en hâte et dans la pénombre, avec la foule tout près, dans l'illumination d'un éclair, leurs deux bouches affamées se rencontrent. ..et un baiser, un baiser qui était pour tous les deux une promesse, une promesse de toute une vie, un seul baiser a mis à bas toutes les défenses, comme lorsqu'une vanne déjà mal en point est arrachée par un courant trop fort...

Vê vancê, a gente sabe falar, dizer muitas enredices adocicadas, mas às vezes a palavra nem dá pra partir... e caladito no mais, um simples beijo, largado de tronco, chega ao laço, folheirito, de rebenque alçado!

Voyez, on sait parler pour sûr, dire tout un tas de finasseries et de mielleries, mais certaines fois, la parole ne veut tout simplement pas prendre le départ... et tout silencieux qu'il est, un simple baiser, une fois les battants ouverts pour la course, s'élançe et arrive au lasso qui marque l'arrivée, faraud, la cravache en l'air sans avoir touché le cheval !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pobres! Nesse passo cruzou na mesma porta o Miguelão e vispou o caso, e decerto já lo foi xeretear ao genro, e atossicá-lo, suscitando-lhe maldades...

Les pauvres ! À ce moment, Miguelão est passé par cette même porte et a entrevu quelque chose, et sûrement, il est allé conter l'histoire à son gendre, et l'asticoter, en l'incitant à quelque mauvaiseté.

Mas logo escancararam as janelas e a claridade da sala alumiu o terreiro; foi um alarido de contentamento, todos se ajuntaram e a sia-dona, puxando a ponta, entrou, para principiar o rosário. E aquele bandão de gente entrou e foi-se acomodando, olhando com ar de riso pasmado, toda só dizendo: o presépio! o presépio! o presépio!

Mais bientôt les fenêtres se sont ouvertes toutes grandes et la clarté de la salle a illuminé le terre-plein devant la maison ; tout le monde a poussé des cris de joie, tout le monde s'est regroupé, et la maîtresse de maison, la sia-dona, prenant la tête du cortège est entrée pour commencer le rosaire. Et alors la foule est entrée et s'est installée, en regardant l'air béat, tous s'exclamant d'une même voix : la crèche ! La crèche ! La crèche !

Fazia a modo uma ramada no alto de uns cerritos, e fingindo grotas e sangões e umas reboleiras; havia esparramados uns "alimais" entre bozinhos e ovelhas de brinquedo e outros enfeites; e mais uns figurões mui calamistrados, de coroa, que pareciam reis, e, pro caso, um, que era negro retinto, era o mais empacholado. E perto destes, sobre a ponta do presépio, estava então a Senhora Virgem e o Senhor São José, e entre eles, acamado numas palhinhas de milhã e uns musgos e umas penugens, estava o Menininho Jesus, ruivito e rosado, nuzinho em pêlo, pro caso como uma criancinha que não tem pecado por mostrar as vergonhinhas do seu corpinho de inocente.

Elle imitait un abri pour le bétail qui dominait de petites collines, avec des grottes et des vallons et des bosquets ; on y voyait dispersés quelques « alimaux », bœufs et moutons miniatures et autres ornements. Et aussi des figurines aux cheveux tout frisés, portant couronne et qui semblaient être des rois, et soit dit en passant, l'un deux, un nègre couleur d'ébène, était celui qui avait la plus fière allure. Et à côté d'eux, en haut de la crèche, se tenaient Marie et Joseph, et entre les deux, couché sur des brins de paille de millet sauvage et des touffes de mousse et de plumes reposait le petit Jésus, rouquin et tout rose, nu comme un ver, comme un enfant pour qui ce n'est pas un péché de montrer les petites parties honteuses de son petit corps d'innocent.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Todos se ajoelharam de roda, mas foi nessa ponta do presépio que a nhã Velinda ajoelhou-se; e no costado dela, como um precipício ou um encorrentado, aí amoitou-se o cadete Vieira, talvez até para dar o seu peito em resguardo dalgum perigo...

Tous se sont agenouillés en cercle mais c'est à ce bout de la crèche que m'zelle Velinda s'est agenouillée ; et dans son dos, comme une perdition ou un captif enchaîné, le cadet Vieira s'est réfugié, peut-être pour offrir sa poitrine comme un rempart contre quelque danger.

Não lhe conto nada!... Quando pegou a cantoria do rosário e no cantante da reza a gente se foi enfileirando e emparelhando as vozes, que era uma boniteza de ouvir, por aí os olhos dela estavam como amarrados no presépio, mas os olhos dele estavam no rosto dela, como se aí estivesse o próprio presépio, com as suas velinhas e prateados e bichinhos mimosos...; era até um pecado do inferno, aquela maneira de adorar gente, ali assim, nas barbas dos santos e da Senhora Virgem e do seu Menino!...

Attendez la suite ! quand les cantiques se sont élevés et que les voix de tous ces gens qui chantaient ont commencé à s'unir et le chant à grossir, que c'en était un ravissement de les entendre, ses yeux à elle étaient comme rivés sur la crèche, mais ses yeux à lui étaient fixés sur le visage aimé, comme s'il s'y était blottie la crèche, avec ses petites bougies et ses ornements argentés et ses animaux miniatures.... C'était presque un péché infernal, cette façon d'adorer un être humain, en un tel endroit, à la barbe des saints et de la Vierge et de son enfant !

Mas porém, lá da porta, outro olhar, raiado de sangue, estava vendo tudo; por certo que alguma loucura de cabeça atacou aquele cristão velho, porque, num soflagrante, sem um deus-te-salve! - o aflito aquele meneou os passos, derrubando gente, e logo o facão relampeou na direitura do coração de nhã Velinda!...

Mais, depuis la porte, un autre regard, injecté de sang, voyait toute la scène ; pour sûr qu'une folie soudaine s'est emparé de ce vieux chrétien-là parce que, d'un coup, en moins de temps qu'il n'en faut pour le dire, le misérable a fait quelques pas en avant, en bousculant les gens et son coutelas s'est tendu étincelant dans la direction du cœur de m'zelle Velinda !...

Houve um grito d'espanto pro modo o desaforo do desatinado.

Il y a eu un cri d'épouvante devant le sacrilège du forcené.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Jesus!... foi o grito de todas as bocas.

- Jésus ! Un même cri est sorti de toutes les bouches.

Ah! patrãozinho!... Olhe que às vezes, na luz das velas bentas, se passam cousas de deixar um golpeado qualquer mais, mais aplastado que mancarrão reiuno em mão de recruta...

Ah mon jeune patron ! Figurez-vous que certaines fois, dans la lumière des bougies saintes, il se passe des choses à vous laisser un possédé plus débile qu'un canasson de service dans la main d'une recrue...

Quando a ponta do ferro matador estava a uma mão atravessada... a quatro dedos só da carne macia, aí - credo! louvado seja Deus! - aí rolou da sua caminha de milhã... rolou e caiu no boleado do seio da moça, na canhadita dos dois, caiu no regaço de nhã Velinda o Menininho Jesus, como uma defesa... e aí no regaço delicado ficou, como um dono na sua casa...

Quand la pointe du fer meurtrier était à une palme... à quatre doigts de la chair tendre, là — Ah mon Dieu ! Loué soit le Seigneur !— à cet instant même, depuis son petit lit en paille de millet sauvage, a roulé et est venu tomber dans le sein de de la jeune fille, dans le creux entre les deux, dans le giron de m'zelle Velinda, le petit Jésus, comme une protection... Et là, dans son giron délicat, il est resté comme s'il était chez lui...

E o facão matador sentou, tironeado... depois recuando, “minuindo”, caiu mermado, mal seguro na mão sem força, do braço sem vontade, e o cuerudo aquele deu costas e se botou porta fora e o Miguelão com ele, boquejando.

Et le coutelas meurtrier s'est figé, hésitant... puis reculant, « minuant », il est tombé sans force, mal tenu par la main molle, le bras sans volonté, et le balafre a fait volte-face et s'est précipité dehors, suivi de Miguelão qui lui murmurait quelque chose à l'oreille.

Tempos depois se soube que lo mataram, num entrevero, numa bochinhada de carreiras.

Peu après, on a su qu'il s'était fait tuer dans une de ces rixes de taverne à l'occasion d'une course de chevaux.

Jerivá torto não dá ripa!...

D'un jeriva tordu, on n'fera pas une poutre.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Os velhos lá ouviram do cadete e de nhã Velinda o que havia, e lá arrumaram as cousas.

Les parents ont appris de la bouche du cadet et de m'zelle Velinha de quoi il retournait et ils ont arrangé les choses.

O que le conto é que o seu major Vieira, ainda em cadete, se casou com a nhã Velinda, e que aquele tal Menininho Jesus ainda hoje é o figurão do oratório e é o mesmíssimo do presépio que, há mais de cinqüenta anos, se arma sempre na estância, no festo do Natal.

Ce qu'il me reste à vous raconter, c'est que monsieur le major Vieira, alors qu'il était encore cadet, s'est marié avec m'zelle Velinda, et que ce fameux enfant Jésus est encore aujourd'hui le santon principal de l'oratoire et en tous points identique à celui de cette crèche d'il y a plus de cinquante ans, que depuis cette date on monte dans l'estancia sans faillir pour les fêtes de Noël.

- Não lhe parece que houve um milagre? Claro!

Est-ce que ça n'a pas tout l'air d'un miracle ? Allons, bien sûr que si !

Foi por causa do Menininho que... Se o diabinho é tão milagroso!...

C'est bien grâce au petit Jésus que... Ah le sacré petit diable, s'il est pas miraculeux !

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº21 - Teatro

Texto e pretexto: os *Contos gauchescos* no seu conjunto

Foco: O teatro (a comédia?) nos contos de Simões Lopes Neto. Em que alguma familiarização com o teatro de Simões pode orientar (e eventualmente enviesar) a leitura das obras em prosa do escritor, especialmente em se pensando em uma leitura que fosse feita com vistas a uma tradução da obra lida?

Nas próximas páginas, pretendo me debruçar sobre a relevância deste segmento da consulta bibliográfica (o teatro de Simões e os ensaios dedicados a essa vertente da produção literária do escritor) para a leitura com visada tradutória e a elaboração da versão estrangeira. O ponto principal do comentário concerne à forte presença do jogo paronímico na composição textual dos *Contos gauchescos*, inclusive no uso dos regionalismos, sendo que este jogo é onipresente e especialmente visível nos textos das comédias de Simões.

Em que a leitura do teatro de Simões pode ter interessado diretamente ao empreendimento de tradução dos *Contos*?

Preliminarmente, é de se ressaltar mais uma vez a diferença entre o cunho urbano, predominantemente cômico, se não burlesco, da produção dramática de Simões, na linha de um Martins Pena²⁷⁴, de um Joaquim Manuel de Macedo ou de um Artur de Azevedo no Brasil, ou de um Eugène Labiche ou um Georges Feydeau na França, e o caráter vincado na tonalidade rural, e mesmo declaradamente gauchesca, dos seus maiores trabalhos em prosa. Contudo, tanto o teatro “de pisaflores” quanto os contos “de campeiro” provêm ultimamente de uma mesma cabeça e não havia como separar essas duas facetas do estro literário de Simões por uma linha de demarcação por demasiado rígida²⁷⁵, ou intervir cirurgicamente isolando uma vez por toda as duas irmãs siamesas uma da outra (a produção dramática de um lado e os *Contos e Lendas* do outro).

²⁷⁴ Lothar Hessel aponta de maneira indireta no seu livro *O teatro no Brasil sob Dom Pedro II* a dívida de Simões o dramaturgo para com uma tradição – que já fora recentemente consolidada, é verdade (a partir da primeira década do século XIX), mas que havia de se mostrar particularmente pungente na produção cultural brasileira – de certa forma de comédia, leve, que fosse porventura direcionada antes para o divertimento do que para a reflexão social (pelo menos em toda aparência).

²⁷⁵ Como é sabido, Simões produziu ensaios, crônicas, poesia, monografias de cunho historiográfico, empreendimentos extremamente variados os quais carregam o selo de seu gênio inquisitivo e criativo e exibem a estampa de um espírito não somente curioso por si mesmo, mas também ávido de compartilhar essa curiosidade, e, sobretudo, o conhecimento que dela aquele espírito irrequieto pudesse ter derivado (cf. a vertente pedagógica que se encontra em quase todas as realizações do autor).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Irmandade das “crianças” nascidas do estro de Simões

O palco dos contos

Primeiro, como há sido reiterado em ensaios críticos consagrados à obra simoniana, haveria de se considerar a sempre relevada eficiência da construção dramática na composição dos *Contos gauchescos*, com a dinâmica particular que os caracteriza e a relativa importância dos diálogos dentro do quadro de um solilóquio maior (que é a própria contação do caso pelo narrador, globalmente qualificável de “homodiegético”).

Esta dramaticidade, que opera desde o corpo do texto em prosa, pode muito bem, deve provavelmente, em algum grau ou outro, ter-se apoiado na experiência angariada pelo autor ao escrever e montar suas peças de teatro. A meu ver, não há como traçar uma raia entre as duas atividades que só podem ter-se alimentado uma a outra.

Tanto que já é comum a menção de que a experiência como dramaturgo de João Simões Lopes Neto se faz presente na construção de seu principal personagem-narrador: Blau Nunes, que transpira uma força cênica em um *palco rústico*, onde se observa o movimento de um ator²⁷⁶.

Acresço que é difícil negar o fato de se encontrarem no texto dos *Contos* bastantes aspectos salientes que são também presentes e marcantes no texto de suas peças. Até no uso da pontuação, vejo eu traços que me soam bem expressivos da influência que a escrita do texto teatral pode ter exercido sobre a composição dos *Contos*. Seria o caso das reticências, por exemplo, aproveitando o fato de o emprego por Simões deste signo de pontuação particular ter sido objeto de acaloradas discussões na produção crítica e ensaística produzida em torno de especificidades deste tipo, especialmente na escrita dos *Contos gauchescos*²⁷⁷.

....

²⁷⁶ Lopes Neto, João Simões. *Teatro [século XIX]*. Edição crítica, pesquisa e ensaios de João Luís Pereira Ourique e Luís Rubira. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro / Zouk, 2017.

²⁷⁷ Neste uso das reticências no texto em prosa, bem como Gonçalves Dias o teria feito com seus “tracinhos” no domínio da escrita dramática, Simões me parece ter feito uma obra de precursor. Na verdade, não fiz um estudo comparativo que me permitisse afirmar que não houve, na produção anterior e contemporânea à publicação dos *Contos*, seja no Brasil seja no Exterior, semelhante emprego do recurso. O certo é que reencontramos este recurso em obras posteriores aos *Contos*, em particular em textos nos quais se verifica inegável ênfase sobre certos tipos de combinação composicional que envolvem o mesmo tempo de encenação e de narração. No Brasil, pensa-se, neste respeito, em textos como “Meu tio o iauaretê”; na França, nos romances *Voyage au bout de la nuit* e *Mort à crédit* de Louis-Ferdinand Céline. (Os maiores elogios que foram feitos ao estro literário de Céline lembram, aliás, os louvores feitos por nomes como Augusto Meyer, Aurélio Buarque de Holanda e Carlos Reverbél à prosa de Simões).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Seguindo as indicações supridas por Lothar Hessel a propósito da escritura teatral de Gonçalves Dias, poderia até se supor que não somente as reticências dos *Contos* tivessem algo que ver com a experiência de composição de textos dramáticos de Simões, mas fossem, hipoteticamente, rastreáveis pelo menos até a prática gonçalviana de anotar os textos das peças em prol de uma atuação a mais eficiente possível por parte de seus intérpretes. Então, esses signos seriam mais uma “intervenção” do criador dos contos na maneira como seu contador de causos, Blau Nunes, teria de “atuar sua narrativa”. “Há o gesto, a sugestão do gesto na sua prosa, e a força encantatória da presença”, escreve Augusto Meyer em *Prosa dos Pagos*.

Não há dúvida de que, em muitos momentos, as reticências exprimem justamente... reticência por parte de Blau²⁷⁸, mas isto não impede que também pudessem ser considerados esses pontos suspensivos (suspendem de fato em algo a contação) como um tipo de “didascália” direcionada a um eventual contador de causos (que, na minha opinião é uma das personalidades incorporadas ao leitor implícito, necessariamente esquizofrênico, cuja conceptualização integrada à composição textual – também implicitamente – orienta parte das escolhas escriturais²⁷⁹). Com efeito, parecem fazer parte integrante de um jogo entre o narrador e o narratório, ao qual se propõe por este meio (os três pontos no texto escrito, os silêncios ou as hesitações na ilusão de oralidade dos causos) de preencher, por conta própria, a informação retida pelo contador.

Do original do autor ficavam, pelo contrário, integralmente transcritas, as rubricas psicológicas (arrebataado; com intenção; irônicamente, quase admirada, etc.) ou técnicas (levantando-se de repente; abraçando-o, etc.) que podiam facilitar o trabalho do ensaiador e dos intérpretes, na determinação de inflexões ou marcações. Quanto à pontuação, era hábito do ponto introduzir no texto um grande número de traços transversais (barras), marcando pausas, exigências de respiração, palavras a serem valorizadas, etc.

São, justamente, os famosos *tracinhos* que tornam tão pitoresca a aparência dos dramas de Gonçalves Dias, semelhantes à das edições teatrais inglesas e norte-americanas de hoje, onde as reticências são substituídas por esse sinal (sistema adotado também por Pirandello)”

²⁷⁸ Notadamente, conforme sublinhei anteriormente, quando o assunto é “implicitamente” apresentado pelo narrador como algo “delicado”, pois remeteria a considerações tangentes à vida sexual das personagens: “o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsiar a Tudinha”; “Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?... Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela, franzina?... Seria por...”;

²⁷⁹ Ver Jacobbi, Ruggero. *Goethe, Schiller, Gonçalves Dias*. Porto Alegre. Faculdade de filosofia da UFRGS. 1958.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Vis drammatica nos Contos gauchescos?

Se não há como negar que muito do material mobilizado no enredo dos *Contos* e das *Lendas* é material aproveitado de textos anteriores (com destaque, porventura, para “Melancia – Coco verde” no que concerne aos *Contos gauchescos*, e de “O Negrinho do pastoreio” no que diz respeito às *Lendas do sul*), o resultado é tão idiossincrático, enquanto fruto de um afinado e sofisticado trabalho de estilização, que nunca poderia levantar a mínima suspeita de plágio nos seus leitores. Agora, esta assinatura do artista não se encontra unicamente nesses aspectos da linguagem que têm sido destacados nas páginas anteriores – a sutil hibridação entre o discurso popular e o discurso erudito na composição da voz do narrador, a regionalização da fala no plano quer lexical quer sintático, etc. – senão também na maneira como o autor caprichou na organização dramática dos roteiros dos relatos (os rodeios dos casos) de maneira que se impusessem com a máxima vividez e pungência à imaginação dos leitores ou ouvintes, inclusive nas suas representações “embutidas” do gestual do narrador.

Enfim, para mim, tal eficiência no ordenamento dramático não pode deixar de ser “equacionada”, numa apreciação do trabalho estilístico do contista, com a experiência prévia de dramaturgo que marcou a primeira fase dos esforços literários (ou simplesmente artísticos) de Simões. Aliás, se os contos de Simões não tivessem sido tão convidativos para uma encenação, talvez não tivesse acontecido sua traslação para a tela (cf., entre outros empreendimentos de tradução intersemiótica, o filme de Henrique de Freitas Lima) ou para o palco (cf. os inúmeros projetos amadores, seja em escolas seja em cursos dramáticos que tomaram um ou vários casos como exercícios de teatralização). Na minha opinião, semelhante prontidão para a encenação, tal como se revelou na fortuna póstuma dos *Contos gauchescos*, teria a ver justamente com aquela dimensão “cinematográfica” da escrita simoniana que ressaltar antes – vide comentário nº12, que se vale das características da construção narrativa do conto “O Anjo da Vitória” para esboçar um estudo das técnicas implementadas por Simões com o efeito de vitalizar sua narrativa, notadamente no plano do seu poder de evocação (visualização e “escuta” em especial). Enfim, penso que a dramaticidade dos *Contos* pode ser colocada em relação com a inclinação “cinematográfica” que dinamiza contos como “O Anjo da Vitória” ou “Correr eguada”. Foram mobilizados recursos na composição destes textos que participam tanto da teatralidade quanto do caráter “cinematográfico” da narrativa, inclusive lexicais (por seu poder de estimulação mental visual), sintáticos que, combinados a estes, guiam a imaginação do leitor, fazendo parar o seu olhar mentalizado (o *mind’s eye* inglês) aqui, acelerando seu movimento ali, prosódicos que dão ritmo à mimese, sintonizando a ação da leitura e a ação do conto, com a sua concatenação de cenas mais dinâmicas ou mais estáticas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Traços comuns entre teatro e prosa e consolidação de determinadas hipóteses de leitura com vistas à tradução dos *Contos gauchescos*

Pois, retomo a pergunta que motiva este comentário, em relação direta com a produção de uma proposta de tradução ao francês para a obra de Simões: em que alguma aproximação com o trabalho dramático de Simões pode ter influído, concretamente, na interpretação e transferência de um texto em prosa como *Os Contos gauchescos*?

Diferenças: relativizando, ou melhor dito, perspectivando o regionalismo na obra de Simões.

Outro ponto na discussão iniciada nas páginas anteriores seria que ler o teatro de Simões permite obter uma visão mais abrangente do talento artístico do escritor, nem que seja porque este teatro, justamente, está quase que completamente voltado para uma ambientação e uma temática essencialmente urbanas, à revelia da dominante do cenário onde se movem as personagens que povoam o universo representado em *Contos gauchescos* e nas *Lendas do Sul*. A divergência na mimese entre as duas formas de representação ajuda, entre outras coisas, a relativizar o papel da componente regional na obra do autor, até em textos como os referidos, nos quais este caráter regional, apesar da sua prominência, não deixa de constituir um aspecto artístico entre outros tantos da composição literária.

Pontos comuns: teatralidade do vocabulário e sabor das palavras.

Também, consoante ressalvei, há traços (ou tracinhos como os ... ressaltados acima) que se revelam com muito mais pungência no teatro²⁸⁰ do que nos contos, como por exemplo, aquele pendor pelos jogos de palavras, pela paronímia, pelo duplo sentido que constituem uma das “molas” maiores da comicidade de peças como *A Fifina*, *O Bicho*, *A Viúva*, *A Mixórdia*, etc.. Inclusive, esse caráter indubitavelmente mais ostensível de tal ou tal componente no teatro em relação a outros constituintes da obra, fez com que se consolidassem algumas hipóteses de leitura, as quais acabaram para puxar a tradução em direção a algumas escolhas, porventura, não tão óbvias assim num primeiro momento. Isto, uma vez que as possibilidades semânticas que vinculavam os segmentos sendo escrutados não transpareciam nas versões estrangeiras disponíveis – estou me referindo principalmente à versão italiana que não dispôs para sua elaboração dos recursos “facilitadores” do espanhol do Uruguai e com a qual meu próprio trabalho está inevitavelmente geminado, nem que seja pela evidente semelhança de configuração linguístico-cultural (duas línguas românicas, do pampa para a Europa).

²⁸⁰ Aproveitam o ensejo da *performance* teatral para surgirem e se exibirem, como que se pavoneando no palco.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O teatro bem temperado: sal e pimenta na linguagem

A insistência nas insinuações de cunho sexual que se pode tão facilmente constatar nas comédias dá uma indicação, além disso, de que o público das peças era acostumado, preparado por assim dizer, a ouvir no palco este tipo de “liberdade” ou de “licença” (ou mesmo de licenciosidade) no uso da linguagem – mais ou menos como cabia, dentro das expectativas do público das peças de Shakespeare ao serem produzidas no teatro do Globo, encontrar-se com algum caráter escabroso na dicção dramática²⁸¹. Ao faltar este ingrediente na receita, podiam até frustrarem as aspirações do público, como a minguada de sal pode tornar um prato insosso para um paladar longamente treinado por rações de comida salgada. Ora, é provavelmente o mesmo público que o autor das peças e o dos contos tenha tido em mente, levando em conta neste equacionamento que os colegas letrados, contemporâneos ou anteriores, também trabalharam, na sua grande maioria, em diversas frentes (Macedo, Gonçalves Dias, Alencar para os predecessores mais imediatos), nem que seja por motivos “alimentícios”.

Enfim, como é de supor que o leitor dos contos publicados na imprensa local era, globalmente, o mesmo que o espectador das peças produzidas em Pelotas, podemos admitir que formulações do tipo “mangangá de ferrão brabo” que aparecem nos *Contos* e autorizam uma dupla interpretação – uma delas em caráter sexual – eram facilmente percebidas pelos leitores de Simões, bem como os espectadores das peças de Serafim Bemol não teriam poupado suas risadas ao se depararem com os duplos sentidos que ostentam tanta abundância nos textos da *Viúva Pitorra*, de *Por causa do bichos*, de *A mixórdia*, etc.

Ferro bravo nas comédias

Que tenha sido colocado uma boa dose de sal nas comédias, seja agradável ou não ao paladar ou ao ouvido do leitor ou do espectador (sal em excesso ou em falta) não tem como ser contestado. Observa-se, por exemplo, que, em quase todas as comédias, há objetos cuja menção sugere prontamente uma analogia com os órgãos sexuais. Com esta constatação, se verifica algum pendor do escritor por recursos, que, afinal de contas, sempre se ativeram a uma tradição popular/literária que remonta pelo menos a Aristófanes, passando por Shakespeare e Rabelais, entre outros, e, dentro de nossa tradição judaico-cristã, até a representação do sexo pela serpente na Bíblia. Basta ler tratados sobre a dimensão erótica na história da literatura para se dar conta que este veio sempre existiu.

²⁸¹ Sendo que aquela verve “libertina” que penetra, com seus elementos farsescos, tanto a linguagem leve da comédia quanto o pathos da tragédia, é um elemento que parece remontar à origem do drama (cf. Aristófanes)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Mas em que tudo isto tem a ver com os *Contos gauchescos*?

Ora, por falar das alusões em caráter sexual tão abundantes no teatro, cumpre observar que os contos evidentemente possuem também elementos erotizantes (cf. as análises de Flávio Loureiro Chaves²⁸²) e a sua escrita se vale de elementos ‘escabrosos’ que podem ser relacionados tanto com a tradição acima referida quanto à corrente naturalista, às tendências da comédia no Brasil (no mundo ocidental), ao gênero do conto em todas suas formas (inclusive os chamados de tradicional, maravilhoso²⁸³...) e, certamente, com o próprio veio gauchesco.

Poderia multiplicar os exemplos desta representação da verve, ou melhor dito, da suposta salacidade campesina, valendo-me unicamente de obras representativas do gênero como o *Santos Vega o los mellizos de La Flor* de Hilário Ascasubi, entre outros autores gauchescos.

Si de improviso le pega usted um rebencazo y le cruja las verijas, ¿el pingo mas appriado, mas humilde y sufridor, no mosquea, y de un colazo le retruca?... Y, **si es coludo como usted...**

- Como yo?

- Déjeme hablar, voto al diablo, **coludo**, iba yo a decir, **como usted sabe montarlos, porque la cola le he visto**

- A mí, **cola**?

- Al rabricano se la vide ... [...]

- Yo vide, **sobre sus huevos, dejarse cair un carancho como usted..**

- Como su agüelo (Hilário Ascasubi, *Santos Vega o los mellizos de La Flor*)

E assim vai. Ao se confirmar o uso deste tipo de linguagem, não somente em outras obras de cunho gauchesco, senão também no próprio teatro de Simões, veio se fortalecendo a hipótese de sua presença, embora sob uma forma muito menos conspícua, também na obra literária em prosa de nosso escritor. Por exemplo, quando reparei que não somente o velho Lessa, na contação de Blau, pedia ovos e linguíça para seu almoço (depois da ‘investida’ do castelhano) e fazia questão – ou Blau, “tipicamente”, fazia questão de insistir no fato – de repetir o pedido no final do conto (i.e. “pontuando” a surra infligida ao castelhano), pensei na analogia entre uma linguíça e dois ovos e um dos motivos principais do conto (o que é ser gaúcho e macho no *éthos* prismatizado pela fala do narrador e a visão do mundo que esta veicula).

²⁸² Simões Lopes Neto: *regionalismo e literatura*, 1982

²⁸³ Dos contos eróticos humorísticos de um Crébillon filho no século XVIII a narrativas como *Die Traumnovelle* de Schnitzler, que incorporam uma vertente psicanalítica, passando pelas tentativas de Balzac no segmento.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Porém isto não impediu que continuasse hesitando bastante nesta interpretação em favor de um duplo sentido “salaz”, interpretação que todavia acabou vingando com a descoberta de que este jogo entre o significante, a forma do seu referente virtual, e conotações sexuais bastante conspícuas, estava mais que frequente nas peças do escritor.

Nesse caso particular (dos ovos e da linguiça), aliás, não houve incidência na tradução, uma vez que o duplo sentido passa principalmente pela evocação da forma do referente virtual, pouco importando afinal a forma do significante e o idioma em que está formulado. Mas há ocorrências em que foi necessário pensar-se na possibilidade de transferir o equívoco – entre outras, a palavra ‘caso’ em “fui inocente no caso” ou aquele “mangangá de ferro brabo” que mencionei acima²⁸⁴.

A menção de objetos com conotação erotizante está praticamente constante nas comédias de Simões, inegavelmente escritas, como já tem sido apontado pelos especialistas, para corresponder às expectativas de um público relativamente pouco exigente. É verdade que, fora raras ocorrências como aqueles ovos e linguiça de “Deve um queijo” – caso que se prestaria bastante para alguma encenação com relevo dos seus elementos farsescos – não há muito espaço nos *Contos* para este tipo de discurso escabroso que encontramos no teatro, nem que seja porque, no conjunto, as histórias narradas por Blau Nunes batem muito mais na tecla trágica do que na tecla cômica. Também, é de se sublinhar que a própria caracterização do narrador protagonista dos *Contos* não induz muito o leitor a ver a figura maior criada por Simões Lopes como algum “aldragante velho e sem-vergonha, dizedor de graças” tal o coimeiro de “Jogo de osso”. Como tem sido enfatizado por muitos especialistas da obra de Simões, Blau Nunes não é nenhum Viejo Vizcacha, mas sim uma personagem que demonstra estatura moral alta o suficiente para que ela possa servir de modelo às gerações seguintes (portanto, certamente mais próximo de um Segundo Sombra do que o trapaceiro do poema de José Hernández ou do Aureliano de *Antônio Chimango*). Blau demonstra certa picardia, aqui e acolá, no seu tratamento das histórias que narra, mas sempre conserva alguma discreção consistente com sua personagem.

²⁸⁴ Esta percepção modificada até suscitou algum questionamento por minha parte, como explico mais adiante, quanto ao emprego da palavra ‘veado’ (ainda mais porque está seguido da palavra “virá”) num texto, “O Negro Bonifácio”, em que o tema da representação dos papéis de gêneros é de muita importância (“Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo..., ouvindo mais, que vendo...” / A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado”)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, o que há, sim, é uma erotização em caráter talvez não tanto cômico, mais dramático na verdade no seu tratamento, notadamente na maneira como o mimético e o simbólico se entrecruzam nas construções linguísticas.

De certo modo, esta erotização se aproxima – pelo menos por parte dela – da estratégia de dissimulação da representação da vida biológica que encontramos em versões revisitadas e edulcoradas de contos tradicionais, as quais descrevem momentos da vida sexual, porém obliquamente (cf. o corte da trança em “Os cabelos da china” e Rapunzel; a puberdade em “A bela adormecida” e “No manancial”, etc.). Em todo caso, dou a seguir alguns exemplos extraídos de diversas peças que, aos meus olhos, explicassem em parte a presença nos *Contos* de segmentos como aquele “mangangá de ferro brabo” que aparece nos “Cabelos da china”.

Em *A Viúva Pitorra*, temos, entre outros tantos, banana, meia, luva, nariz...

Ramão – Relativo a meias... pudera! E ela, a sua cunhada, também as fazia... com ele?

Eulâmpia – Também metia-se nisso, mas pouco! Depois, por morte dele, os trabalhos pararam. O senhor compreende... Uma senhora, só, para tal serviço...

Ramão – Sim! Uma viúva... e moça, fazendo meias! Ainda com o marido, podia... mas só, não deve!²⁸⁵

Em *O Bicho*, entre outros tantos, a tromba do elefante:

Cidalisa – Bonito! Ai está o que você foi arranjar com o seu tromboneamento... trombone... tromba! É o elefante!

Tiridates (senta-se estremunhado) – Elefan... Não! Que maçada!

Cidalisa – Dê-lhe a mamadeira!

Tiridates – Mamadeira? Ao elefante?

Em *Os Bacharéis*, “surgem” vários objetos como ‘cachimbo’, ‘canudo’, ‘chave’, a qual, dito de passagem, fornece o título e o argumento de uma cena inteira.

Gerôncio – (imitando D. Jurity a sua sogra). Desvergonhado! Sensitiva, minha filha vê só isto, pergunta a teu marido, onde que lhe caiu... a chave!

Jurity – O que é aquilo! Então, malandro, ainda não certaste a chave no buraco... da fechadura! Imbecil. [...]

Macuco. O Gerôncio parece que perdeu a chave...

Thomaz – Isto é um transtorno, mas enfim, vamos arrombar. É o único meio.

Jurity – Compadre Thomaz, esperemos um pouco!

²⁸⁵ Elegi o exemplo da banana, porque é um elemento recorrentemente citado nas apresentações do teatro de Simões, o que me poupa a acusação de forçar a significação-sardinha para minhas brasas interpretativas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Sensitiva – Mamãe!... O Gerôncio bem podia ir até a casa do comendador, talvez a chave esteja lá.

Jurity – Eu entreguei, tenho certeza; juro até! Pois eu mesmo meti-lhe na mão? [...]

Sensitiva – O Gerôncio gosta tanto de cachimbo!... E de canudo grande!...²⁸⁶

Entretanto, talvez seja em *A Fifina*, com os equívocos sobre diversos instrumentos de sopro como o clarinete e o trombone, que o caráter licencioso da linguagem apareça com a maior conspicuidade:

Apolidoro – [...] A Fifina precisa é casar.

[...] Há de querer. Eu conheço um rapaz que toca clarinete... e ela há de gostar. Ele sabe bulir com as chaves, que é um primor! Abrica (fechando a porta e a janela) – Clarinete... um filhote de instrumento.; um trombone, pelo menos é grande, mete respeito!... Outra vez: levantar de madrugada: é vida de pouco sono a da mulher de músico de bailes; de dia, eles passam a dormir, de noite passam a soprar... pela madrugada chegam, atiram o pobre instrumento pro lado... e não tocam em casa, por mais que sejam rogados – e a gente – de bico n’água e morrendo de sede! Qualquer dia... qualquer dia... amasso... entorto... achato, o trombone do Apolidoro.

Enfim, são passagens assim que, de certa forma, “explicariam” os ovos e a linguiça de “Deve um queijo” ou a comparação entre o capitão legalista e um rufião, ou um mangangá de ferro brabo, em “Os cabelos da china”. Constituem uma sorte de elo, pelo tipo de humor, grosso, compartilhado, entre o pisa-flor da cidade e o gauchão contador de causos e até aquele coimeiro aldragante de “Jogo do osso”. Aliás, o ensaio dedicado a *Fifina* na edição crítica do teatro de Simões não deixa de apontar para a onipresença deste traço nas comédias. Novamente, trata-se de uma característica que é longe de ser uma idiossincrasia, ao julgar pelo textos de muitas comédias que se escreviam naquele período e que prefiguravam formas mais tardias como o chamado teatro rebolado.

As insinuações de cunho sexual ocorrem em vários momentos, sendo a serenata que Crispim faz para Fifina um dos mais interessantes, pois provoca um diálogo com o público que conhecia, em sua maioria, as composições e a intenção destas no âmbito da peça. De um início marcado por versos bem elaborados, com palavras rebuscadas e de cunho romântico, a seresta evolui, por assim dizer, para um aspecto popularesco, com rimas plenas de duplos sentidos. Assim, de “Oh! Franzina madona! / A pobre dor humana, / A graça soberana / Do teu regaço, abona!”, a

²⁸⁶ Teríamos aqui uma possível alusão à homossexualidade, sendo que as equívocas em caráter sexual são abundantes nas comédias, inclusive sobre essa tecla que também servia para imbuir algum matiz burlesque à composição.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

cantiga passa a instigar sensações mais mundanas a respeito do desejo sexual: / Pendurado em sua teia, / Esperando incauto inseto...” Enquanto Crispim canta, o professor Capistrano se irrita com a pouca vergonha, alertando aos mais desvisados sobre o que está ocorrendo, sem precisar explicar com maiores detalhes as imagens presentes nos versos. [...] Outro momento em que o duplo sentido aflora, tanto na recepção de leitores/espectadores (quando as imagens produzem um efeito estranho à cena, mas facilmente identificável pelos leitores/espectadores), quanto na própria trama (quando os atores/personagens usam dessa variação de sentido de forma intencional), ocorre nas cenas 5 e 6.

Claro, não há como comparar as comédias e os contos neste quesito preciso da ambiguidade em caráter sexual da linguagem, mas o fato de esta se mostrar com tanto afinco no teatro parece autorizar leituras dos contos que incorporassem alguma representação simbólica da vida sexual; isto até em trechos das narrativas que, no entanto, aparentam nem tocar no assunto. Cumpre a interrogação, a meu ver, nem que seja porque, bem como os contos ditos tradicionais, os causos de Blau Nunes encerram colocações do narrador (ensinamentos?) ligadas ao desenvolver do ser humano, tanto no plano psicológico quanto no plano biológico. Enfim, tenho a impressão de que parte desta ambiguidade difusa na maneira como se narram os causos se transferiu desde o palco das comédias para o dos contos – sob outra modalidade, é verdade, do que o quiproquó licencioso evidenciado pelos trocadilhos e remissões a objetos suscetíveis de evocar os órgãos sexuais que encontramos nas comédias. É ao mesmo tempo, aliás, assunto trivial e jocoso, mas também coisa séria que até custa vida, como em contos como “Jogo de osso”, “Os cabelos da china” ou “O duelo dos farrapos”, tão sério que se insinua em modalidades próprias do conto tradicional em textos como “No Manantial” (cf as afinidades deste caso com “A bela adormecida” apontadas no comentário nº3).

O papel ambíguo do narrador nos relatos em que “se protagoniza” a si mesmo

Projetando-me como ouvinte dos causos, nunca me soa muito claro o que houve e o que não houve entre as personagens ao me pautar pelas palavras do narrador. Ou, melhor dito, sempre transita, na maneira como nos são apresentados os acontecimentos, certa indeterminação no que Blau parece querer que seu ouvinte seja levado a crer ou não. Enfim, o narrador não deixa límpidas as situações que descreve e isto faz certamente parte de uma estratégia narrativa deliberada, na qual o implícito desempenha papel tão relevante quanto o explícito na relação entre contador e “plateia”, bem como contribui para o interesse dramático dos contos. É, novamente, uma forma de *inconclusiveness* na medida em que Blau joga precisamente com uma incerteza “calculada” relativamente à sua própria atuação nos causos, i.e. sua participação ou envolvimento nos acontecimentos que evoca ou rememora.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Qual sua relação com Rosa, por exemplo em “Os cabelos da china”? Porque este afeto de Picumã para com ele? Porque aquele presente do buçalete feito com o cabelo da filha? Porque, ao começar o seu causo, Blau faz questão de informar seu ouvinte: “é verdade que fui inocente no caso”? Como entender este ‘caso’? É o próprio causo, é o acontecido, é uma relação amorosa? Não me soa esta declaração tão inocente assim.

E haveria também essas menções de uma virilidade caminhando para seu auge “Eu já tinha meu bigodinho”, “O capitão acompanhou-o, mandando que eu seguisse; e eu segui-o, quente de raiva, pelo pouco caso com que ele chamou-me – gurizote -. Se não fosse pelas divisas, eu dava-lhe o – gurizote!...” que induzem a se perguntar: por que Blau nos dá estes detalhes?

Entretecendo suas reminiscências com o material de seus causos, pois, Blau não perde certas ocasiões de fazer referências à própria vida sentimental, introduzido mais uma ambiguidade na medida em que, como em qualquer conto, o ouvinte sempre se perguntará se não há alguma parte da própria vivência nos acontecimentos que o narrador atribui a outros. “Minha voz no teu ouvido” “Parece que ainda vejo a minha morena” (“No manantial”)

E salienta-se, obviamente, todo aquele negócio das reticências, que podem ser relacionadas com a escrita teatral, mas também indicariam pausas e subentendidos nessa representação de contação de história que o próprio conto contado encerra, o ouvinte sendo convidado a preencher o não dito pelas próprias ilações.

“Parecenças, isso, tinha, e não pouco, com a gente do capitão...”

“o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsiar a Tudinha”,

“Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?... Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela, franzina?... Seria por...”

(“O Negro Bonifácio”)

Ah!... o furriel era afilhado e ordenança do galão-largo... e até diziam mais alguma cousa... Vancê entende!...

(“No manantial”)

Neste exemplo, o narrador faz seguir sua “insinuação”, apresentada como insinuação de outros (“até diziam”) de uma interpelação para seu ouvinte (“você entende”) que nos lembra a situação narrativa, a do causo de pé de fogo, na qual este tipo de estratégia na formulação é, afinal de contas, principalmente uma ferramenta retórica.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Algumas observações sobre o tratamento da homossexualidade (veado-virá?)

O tema da homossexualidade não é ausente da obra de Simões, como o assinalam aliás diversos comentários nas edições críticas. Assim podemos ler em texto dedicado à apresentação da peça “Mixórdia” no livro *João Simões Lopes Neto – teatro século XIX*, a seguinte observação relativa a uma personagem da comédia.

Tendo de dormir no mesmo quarto, é quando então transparece que o Ministro Gordinho tem medo de dormir e ser agarrado por mulheres (no caso, a Princesa, parecendo assim desvelar o traço da sua homossexualidade) e encontra um motivo para não ficar no mesmo quarto que a Princesa até que ela pegue no sono.

Vale lembrar que a inversão, relativa, dos indicadores de gênero é um mecanismo de comicidade muito comum no burlesque – pensa-se nos travestis ou nos casamentos com traje invertido do carnaval (homem vestido de mulher e mulher de homem), por exemplo. Passando para o texto em prosa, o jogo sobre a flexão sexualizante dos nomes (maleva, taura) enfatizada em um texto como “O Negro Bonifácio”, no qual questões ligadas à representação da identidade sexual e étnica desempenham papel relevante, talvez repercuta na narrativa, junto com outros elementos da linguagem, fenômenos como as trocas de roupas femininas e masculinas que costumam acontecer em peças de teatro, inclusive o de Simões²⁸⁷.

Por isto, talvez mais que a homossexualidade, seja essa interrogação, ou mesmo inquietação, deflagrada pela atenção – que o próprio texto se encarrega de chamar – para os signos portadores de identidade sexual que me parece ocupar espaço relevante no palco, tanto do teatro quanto da prosa simoniana.

Dado o que foi dito a propósito de Jojó e Jajá na peça *Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá*, a dupla presença de bicho e bicha no teatro de Simões, (e de Bichinho em *Amores e facadas ou Querubim Trovão*) não me parece completamente fortuita, mesmo que o jogo com as flexões abarque aqui peças diferentes, e sempre levando em conta o fato que este tipo de situação “burlesque” era de praxe nas comédias leves da época (e ainda mais, claro, nas revistas).

²⁸⁷ O jogo com as flexões “o” e “a” nos contos — em particular em “O negro Bonifácio” como tentei demonstrar no comentário que lhe é dedicado— ecoa, mesmo que longinquamente, fenômenos textuais e discursivos que encontramos no teatro. O taura e o maleva no drama do negro capado, o “a” de Tudinha (princípio de tudinho) e o “o” de Nadico (princípio de nadica) têm obviamente a ver com as “identidades” confusas e confundentes de Jojó e Jajá na peça *Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá*. O “jogo” com o equívoco sexual remonta aliás, como é bem sabido, aos prémios do teatro moderno com a obrigação para os atores de assumirem papéis femininos e a constante troca de roupas e de aparências. Pensa-se também neste aspecto da “equivocação sexual”, ao se refletir sobre as inumeráveis ocorrências de travestimento (*cross-dressing*) nas peças do teatro de Shakespeare.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contudo, minha impressão é, mais uma vez, que talvez tenha mais relevo na obra simoniana o tratamento da inversão de papéis de gênero, ou pelo menos o questionamento das suas conceptualizações e representações, do que o da homossexualidade, em sentido mais estrito ou restrito.

Criam... o **bicho**... ora **bhocas**! Digo, ora pipocas! A minha velha, então, essa então é tocar a fogo...; Hoje trocou toda a roupa, não tem jeito! Isto não passa! Enfiou o que era meu, e deixou-me o que era dela! ... Um ancião venerável, nesta figura! (*tira o xale e mostra-se de calças, porém em camisa... de mulher*)²⁸⁸ (*O Bicho*)

Cabe notar que este tipo de equivocação reaparece sob várias formas em outras peças, como em *A Fifina*, por exemplo em um momento no qual a luz falta e uma personagem masculina acaba beijando outra personagem masculina. De novo, é um tema, este do equívoco sexual, que poderíamos considerar quase que como um clichê deste tipo de comédia, a meio caminho entre o teatro de bulevar e a revista, e que estaria anunciando o chamado teatro rebolado que havia de chegar mais tarde.

Apolidoro – Da cá... Olha... o clarinete aquele, também está tocando no baile... Afora uma bicota, Currucha, Currucha! (*Albrica adianta-se, sente Capistrano e iludida, abraça-se com ele; ao mesmo tempo, Apolidoro sente o grupo e abraça-o dando um beijo que acerta em Capistrano*) – Toma, minha prenda!...

Apolidoro – Que é isto!

Albrica – Isto é um desaforo!

Capistrano – Comigo é novo!...

Fifina (na porta, com a vela) – Toque a quadrilha das focas²⁸⁹, papai! (grandes risadas) – Ah! Ah! Ah... (*A Fifina*)

²⁸⁸ Num momento em que as teorias de Freud e de Jung, entre outros pensadores ou cientistas do período, se difundem em quase todo o espaço ocidental, é lógico que se processe um questionamento acerca de assumpções tradicionais sobre os marcadores da identidade feminina e masculina. Isto se conjuga com a curiosidade despertada pelos trabalhos dos etnólogos, antropólogos, sociólogos no que tange à maneira como diferentes populações ou comunidades administram e se referem a estas diferenças. É também a aproximação com outras culturas, notadamente asiáticas, que traz outros pontos de vista sobre esta questão. Tal questionamento se infiltra naturalmente na literatura e convém lembrar, neste respeito, que Simões é contemporâneo de autores como Schnitzler, fortemente influenciado pelas teorias freudianas.

²⁸⁹ Há de fato uma equivocação aqui, e Apolidoro acaba, por falta de luz, beijando Capistrano, o qual não parece ser tão incomodado assim pelo acontecimento (“Comigo é novo!”). Agora, quanto à “quadrilha das focas”, que pode ser a quadrilha dos inexperientes, talvez haja aqui outra conotação que me escapa. Em francês, temos a expressão chula “pédé comme un phoque”, mas não achei a possibilidade de ter um “equivalente direto” em português (uma formulação literalmente idêntica) plausível. Também a menção por Apolidoro da presença do clarinete no baile deixa se pensar em alguma referência que não tenho ou a que não tenho acesso, mas que podia ser provavelmente percebida pelo público da época.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“Efeitos sonoros”: repercussões desde o teatro para os contos

A propensão, manifesta na proposta de versão estrangeira que acompanha este trabalho, para uma leitura que desse relevância particular a interconexões entre vocábulos como as que se apoiam em ressonâncias físicas e semânticas, também se encontrou confortada pela descoberta, por este tradutor aprendiz, de que o autor já exibira efetivamente, nos textos de suas peças de teatro, incontáveis ocorrências de aproveitamento da paronímia. Este pendor para o jogo com a repercussão entre palavras, às vezes até aparecendo, dentro do esquema cômico, talvez antes como um cacete da personagem do que qualquer manifestação de um viés poético ou espirituoso que o caracterizasse mais “essencialmente”, ressurgiu com efeito em quase todas as comédias.

Insisto, a conferência da onipresença de um traço particular na escrita das peças não só contribuiu bastante em firmar uma hipótese quanto à relevância das relações de cunho paronímico na economia e mecânica textuais dos contos, mas também incitou fortemente o presente leitor/tradutor a considerar os regionalismos, não só enquanto regionalismos em si, ou seja como unidades se destacando principalmente e quase que exclusivamente por seu caráter “restrito” no “fundo linguístico” do texto (nacional), mas também como componentes da obra, ao mesmo título de que qualquer outros, participando plenamente, portanto, do complexo de aproveitamento pleno dos significantes que a alicerça e organiza. Dou a seguir alguns exemplos extraídos de diversas comédias de Simões que manifestam o gosto do escritor por criar configurações ecoantes que podem simplesmente corresponder a uma tônica no teatro da época, mas me parecem também revelar certa obsessão com alguma significação primordial da língua que só se revela no livre entrejogo de suas sonoridades.

Pois, o que era brincadeira, ou parecia simples brincadeira no teatro cômico, talvez adquira outra dimensão na poesia e na prosa, conformando-se de repente as constelações semânticas deflagradas pelas associações lexicais “num padrão esquisito, de feitos estrambólicos” (“Contrabandista”).

Aldina – [...] Como anda enganado ! Aos homens não se leva a arma: leva-se-lhes a alma. [...]

Galiana - Vá Aldina! Seja ladina²⁹⁰! [...] (*Amores e facadas ou Querubim Trovão*)

²⁹⁰ Novamente, a leitura do teatro é rica em ensinamentos e permite comprovar, ou pelo menos reforçar hipóteses ainda vacilantes quanto à presença de um esquema paronímico em tal ou tal segmento. Aqui, por exemplo, o jogo entre Aldina e ladina lembra-me a Maria Altina desatinada de “No Manantial”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Boato – Muito bem; é uma mão; mas como uma mão tem cinco dedos e com os cinco dedos têm mais vantagens (gesto de roubar) que um mamão...

Sombra – E o caso é que estou estafado de correr atrás desse estufado estafermo,...

Janguta – e o meu mestre era mais que sábio, era um sabino, um sabão...

Boato – Nem ele é Candinha, Nem ele é Candoca... (*O boato*)

Em *Os bacharéis*, Cincinatus é um advogado, o que pode explicar seu gosto em jogar com as palavras e fazer ecoar entre si as suas sonoridades respetivas²⁹¹, notadamente para impressionar clientes e magistrados.

Pombinho (só) – E aqui estou! Não bastava a audácia da parlapatice que me bifou a noiva que é agora mulher do outro. [...]

Cincinatus – Que peixão. E que puxão me dá essa paixão! E serei um pixote se não sonegar uma mulher tão pschutt! (...) Uns tremem por causa deles... eu tramo por não ter um à mão.

3º dito – Canta, canta, que eu te conto o quanto ela conta contigo! (*Os bacharéis*)

Ramão²⁹² – de forma que, quando entramos a barra, estava o carneiro... no barro! (*A Viúva Pitorra*)

Tiridates²⁹³ – Sim, sobrar... sobrou... [...] E depois que sobrou... soçobrou...

Tiridates - [...] Eu hoje lambi mais de três mil celos.

Cidalisa – [...] Vá pra lambisgoia,

Tiridates – Não se trata de lambisgoia, trata-se de lambisqueira (*O bicho*)

²⁹¹ Cincinatus tem dois irmãos, um que se destina à profissão de deputado e o outro à de diplomata. Todas essas personagens são caracterizadas, de alguma maneira, por um emprego algo arduo da língua, como se se tratasse de um instrumento, entre outros, para enrolar, o diplomata tendo a particularidade de misturar as línguas, num pretense afã de treinar para a carreira, o de medir seu trabalho pelos arrastos de língua, etc. Também o padre Macuco demonstra certa lãbia nas suas exortações. Enfim, nesta peça, poderíamos dizer que a caricatura do poder conferido pelo domínio da palavra (deputado, diplomata, professor, padre), mesmo se o assunto seja tratado em tom humorístico, é uma das molas cômicas principais da peça.

²⁹² Ramão é um representante de comércio, daí algumas características no seu uso da língua: combina certa sofisticação, certo gosto de jogar com as palavras, mas aliados a decidido utilitarismo na lãbia, já que um de seus maiores propósitos, quando se expressa, é de convencer clientes potenciais de comprar suas mercadorias.

²⁹³ O trabalho “linguístico” de Tiridates está evidentemente vinculado com sua profissão de lambedor de selos, pois usa sua língua tanto para colar os ditos selos quanto para satisfazer a propósitos retóricos (mexe a língua para livrá-la da semiparalisia a que a obrigou seu trabalho). Novamente, sua é uma arte da linguagem que demonstra certa sofisticação.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em *A mixórdia*, Gordinho é um ministro, ou seja, um político, outro “tipo social”, que precisa manejar a língua com habilidade para ganhar seu pão e que, de fato, a usa com algum talento, porém muitas vezes com intuito bem pouco escrupuloso.

Gordinho (ministro) – basta de beijocas que eu arrebento as pipocas! Ando com a engenhoca cheia de mandioca e se esta maçaroca – não sai hoje da toca!... Ouve, oh! Povo minhoca!

[...] a Princesa vai consultar um grande mágico, um mágico de marca registrada, patente, - um manjerição... enfim!...

[...] A incompatibilidade – da indivisibilidade – faz a impenetrabilidade – da consubstancialidade!...²⁹⁴

Comédia?

Penso que vem amplamente demonstrado acima, pois, o gosto de Simões, e o seu talento, para criar esquemas de ressonâncias entre palavras que fossem suscetíveis de fazer rir ou sorrir a plateia, certo, mas também de dar mais profundidade, quando se demora no teor dos textos, a uma composição de aparência predominantemente farsesca.

Nos *Contos*, com certeza, mesmo que o jogo de palavras se tenha mantido em algum grau, menos “exibido”, digamos, muito da farsa se esvaeceu e este jogo porventura ganhou em complexidade. Há frequentemente, entre essas ressonâncias que ecoam na mente do leitor ao apreender o texto dos contos, alguma dissonância, alguma nota que, em aparência soasse algo fora do tom – discrepância no arpejo, discordância no acordo – como se a repercussão incitasse à alguma forma especial de reflexão. Seria porventura mais um “travestimento” do velho tópico do ser e do aparecer que se mostra sob tantas formas na obra de Simões.

Cumprir dizer, aliás, que, para mim, embora se possa argumentar por diferenças no propósito mais imediato do emprego do recurso, não pode realmente haver solução de continuidade entre o uso paronímico das palavras tal como se corporifica em peças de teatro (de Aristófanes a Beckett, passando por Shakespeare) e tal como está aproveitado em obras de poesia ou de prosa, lembrando que, afinal de contas, os textos de escritores como James Joyce ou João Guimarães Rosa e seus inúmeros jogos com a língua não são tão afastados da produção de Simões contista.

²⁹⁴ Em que pese o caráter inegável levíssimo das comédias de Simões, palpita-me que há alguma conexão com preocupações mais austeras que transparecem na filosofia campeira de Blau Nunes: “já lhe disse também: atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Concluindo sobre a predileção mostrada pelo dramaturgo para os efeitos cômicos da paronímia, os quais sempre instigam uma escuta ou uma leitura “lateral” – ou vertical se a considerarmos em relação com a horizontalidade do texto –, não me parece tal característica funcionar na obra de Simões Lopes somente enquanto simples ferramenta, entre outras, de uma representação caricatural das personagens.

Meu palpite é que, se o autor dotou tantos de seus personagens com esta “manha” singular para os jogos de sons e sentidos, para o manejo gracioso da língua, é porque ele mesmo cultivava este tipo de malabarismo linguístico, ainda que em outras modalidades, sem dúvida em harmonia com seus próprios propósitos. Esta característica (a propensão, no uso da língua, para efeitos paronímicos com intuito cômico) é ostensível em muitos autores: pensa-se, por exemplo, em alguns personagens de Charles Dickens e no gosto do próprio escritor por semelhantes esquemas²⁹⁵.

Talvez valha apontar aqui, neste breve comentário sobre algumas conexões entre a escritura dos *Contos*, de um lado, e a do teatro de Simões, do outro, para vários aspectos que, ao mesmo tempo, se destacam neste e correspondem a certos traços que enfatizamos naqueles por sua relevância relativamente ao empreendimento de tradução.

- Primeiro, convém observar que muitas daquelas mesmas feições “exageradas” que se salientam no teatro e permitiram consolidar hipóteses de leitura para tradução relativamente aos *Contos* são condizentes com a vocação de divertimento do trabalho de dramaturgo de Simões – principalmente no que tange à produção do que se costuma chamar de teatro de revista ou ainda de burleta.

Tais divertimentos se pautam pela apresentação ao público de situações que desafiam o ordenamento “normal” dos acontecimentos e das circunstâncias²⁹⁶, muitas vezes apelando para o burlesque, e até o grotesque, na justaposição “inquietante” (cf. o conceito de *Unheimlich* nos escritos de Sigmund Freud) dos elementos que as constituem. Em *Contos gauchescos*, essa dimensão “sinistra” é acentuada, em *Casos de Romualdo*, o tom se situa mais para o lado cômico (como que numa banda intermediária entre o teatro e os contos).

²⁹⁵ Obviamente, há elementos da caracterização das personagens que também interessam ao narrador, e por sua vez, ao autor dos textos. De certa maneira, a questão do estilo, seja na construção da narrativa propriamente dita, seja na elaboração dos diálogos não pode ser completamente desligada da história do escritor e de feições de sua personalidade. Traços como o ressaltado acima, bem como elementos da temática ou do enredo, podem ser reportados a aspectos autobiográficos da escrita.

²⁹⁶ cf. Os estudos quase contemporâneos de Simões sobre os mecanismos do riso ou do “le rire”, de Bergson e Freud.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Certo relaxamento no texto dramático, no julgar de alguns críticos, talvez se explique também pelo viés roteirista, uma vez que os manuscritos das peças que chegaram para nós demonstram, segundo afirmam esses críticos, uma falta de acabamento artístico que, na verdade, seria condizente com a improvisação – a ideia sendo de que um roteiro, e nada mais, devia ser suprido para que a encenação e os próprios atores pudessem se expressar sem restrições.

Agora, o certo é que o teor dos *Contos* e das *Lendas*, contrariamente a maior parte do teatro de Simões, possui índole trágica na qual um emprego por demais “esbanjado” do jogo com as palavras (quer nos diálogos, quer na narrativa) arriscava soar algo paradoxal.

Tragédia?

Heeman faz uma diferença, nas suas análises das peças de Simões, entre a linguagem das comédias e a do drama *Nossos filhos*, mas esta diferença se explicaria em grande parte, segundo João Luís Pereira Ourique e Luís Rubira, pelo fato de o drama em questão proceder em última instância de outra pluma. Com efeito, os organizadores da última edição do teatro de Simões apontam para a elevadíssima probabilidade de esta suposta peça do escritor gaúcho ser na verdade uma tradução feita a partir de um texto escrito em espanhol por um autor uruguaio. Isto não retira nada da relevância do texto, ainda que seja enquanto tradução e não produção original, para entender a crítica social que percorre certos contos, mesmo que sob uma forma possivelmente mais sutil (ver “Os cabelos da china”), do ponto de vista da linguagem. Pois, para que o trabalho da língua surta efeito, precisa-se de um palco para as personagens e suas palavras e não há dúvida que os *Contos gauchescos* proporcionam este palco.

Enfim, que Simões tenha-se empenhado em traduzir o drama em questão certamente sinaliza orientações que são transversais aos seus outros empreendimentos literários. Por sua maior durabilidade e seu maior acabamento, já que foram trabalhados até se possibilitar sua publicação, os contos e as lendas, contudo, apresentam conjuntamente uma unidade, coerência e pungência linguística que manifestam plenamente o estro tão particular da produção literária de Simões. Como o diz Heeman no seu prefácio, a composição das peças, no seu conjunto, destinadas antes de tudo à encenação, é logicamente mais circunstancial do que a dos contos, concebidos e compostos com vistas a uma publicação, i.e. a uma difusão mediante uma forma a priori mais perene. “As duas primeiras são roteiros entre alegóricos e satíricos, servindo a encenações de circunstâncias cujos pontos de referência ficaram remotos para nós”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

“*Os Bacharéis* difere em muitos aspectos de *O Boato* e *Mixórdia* que são nitidamente roteiros improvisacionais. Compartilha com *Mixórdia* da aparência de rascunho, cheio de correções e variantes”

Conclusão

Para por um ponto final aos presentes apontamentos sobre este ramo específico da investigação bibliográfica, conviria ressaltar alguns aspectos da composição dramática no teatro de Simões (tal pelo menos como transparece da linguagem usada nas suas peças), os quais, de certa forma, podem ser “reportados”, *mutatis mutandis*, à construção textual de obras não escritas para o palco como os *Contos* ou as *Lendas*.

- Um primeiro aspecto teria a ver com a vivacidade cativante da representação dos cenários pampianos e campeiros em *Contos gauchescos* e *Lendas do Sul* e um talento inegável, por parte do escritor, para pintar com as palavras as mais apropriadas os quadros que pretende evocar através do olhar de seu narrador. São de fato o olho do pintor, do fotógrafo e do cineasta que se combinam amiúde em complexos prismáticos, aliando a emulação visual à estimulação emocional, e que configuram as descrições breves e percutantes, porém marcantes, do campo, da coxilha, do pampa, como tantas “vinhetas” ou esboços de uma paisagística ao mesmo tempo realista e imaginária, sempre extremamente pungente e tocante no seu poder evocativo.

A estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas.

- um segundo aspecto se vincularia com a musicalidade do texto, visto, entre outras razões, que boa parte das comédias de Simões resultou de uma colaboração entre o escritor e diversos compositores, seus amigos ou parceiros, visando a produção de uma forma que se aparentasse às revistas corriqueiramente encenadas na época²⁹⁷. No meu entendimento, a música sempre foi no coração de Simões, seja no seu trabalho de dramaturgo, de folclorista, de contista, etc.

²⁹⁷ Heeman, na sua apresentação do teatro de Simões evoca, em relação a algumas composições dramáticas de Simões, certa imitação “do teatro de revista ou burleta fim de século de Artur Azevedo”. Penso que a observação é muito pertinente, quando se consideram as relações entre a composição textual das peças de Artur Azevedo (penso no seu primeiro trabalho “Amor por anexins” que já mostra determinadas linhas de inflexão de sua produção enquanto dramaturgo), a das peças de Simões Lopes, e como que por “transitividade”, dos outros empreendimentos literários do escritor gaúcho.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nem que fosse só isto, o mero fato desta colaboração, bem como a integração, na sua elaboração do texto dramático, de uma vertente musical, apontar para inegável interesse, por parte de Simões, em combinar composição literária e melódica. Este interesse me parece se verificar em todas as vertentes do estro do escritor.

Aliás, como foi apontado no comentário nº4, a música aparece também na obra em prosa de Simões sob uma diversidade de formas bem instigante (desde as citações de canções ou as referências a tipos de músicas suportes de danças tradicionais até a incorporação de ritmos próprios do universo musical e poético do pampa). Ao fazer se tocarem as esferas literárias e musicais, de forma mais ou menos integrada na escritura²⁹⁸, Simões demonstrou mais uma vez sua capacidade para marchetar elementos diversos da cultura pampiana dentro de uma visão holística da criação artística (poética, histórica, dramática, didática, etc.). Não é por acaso, parece-me, que sua primeira publicação tenha sido o *Cancioneiro guasca*, o qual mescla as palavras de canções ligadas a “modelos” musico-coreográficos como a tirana, o tatu, etc. e poesia popular, e, per se – ou seja, justamente por ser um cancionero, já combina elementos literários e musicais, assinalando por conseqüente o que devia ser uma constante na composição simoniana. Acresce que compor um texto que seja propício à musicalização²⁹⁹, como o fizera no teatro (opereta, revista, burlesque...), provavelmente induziu o autor a se voltar para formas como o desafio ou a paja para moldar determinados elementos de sua escrita em prosa (como por exemplo, o poema *El gaúcho Martín Fierro* se empresta à musicalização).

- Um terceiro aspecto se relacionaria com a incorporação da história sob uma forma alegórica. Conforme vimos no comentário dedicado ao “Boi velho”, esta forma é muito perto, neste texto, da fábula, sempre com alguma visada moralizadora. Afinal de contas, Simões Lopes é um escritor que integra nos seus textos parte da sua educação religiosa.

²⁹⁸ É de se supor que os primeiros leitores de Simões, os mais entendidos, tiveram o privilégio de poder “escutar” o texto, na ressonância trazida pelos excertos de canções ou pelas referências a tipos de composição musical que se encontram incorporados nos *Contos* e nas *Lendas*.

²⁹⁹ Os jogos de palavra, a relação entre o estro artístico de Simões e seu pendor pela música (ou a importância da música na produção artística a que se interessou e que pode ter impactado suas escolhas), são traços que lembram efetivamente diálogos entre gêneros como a revista, a burleta, o bulevar, a opereta, etc. e o teatro cômico, especialmente quando se consideram as produções de Martín Fierro na primeira metade do século XIX ou as peças fim de século de Artur Azevedo, já apontadas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Esta visada é, aliás, um traço que aproxima o teatro da fábula. Sendo que a conexão entre o teatro e a história tem sido precisamente histórica – no teatro mais universalmente divulgado, o de Shakespeare, por exemplo, as chamadas peças históricas ocupam um lugar de destaque –, poderia ser pertinente investigar as razões pelas quais Simões preferiu o conto, como meio de incorporação da história, sobre a dramaturgia. Considerando os contos desde certo ângulo, seria possível ver neles aspectos afins aos que, no teatro, facilitam e participam da reencenação de acontecimentos históricos.

Nisto, talvez caiba também lembrar a função moralizadora do teatro desde as representações medievais (cf. os mistérios e milagres, e depois as *soties* e as moralidades na dramaturgia da idade média). Nem essa função moralizadora nem a crítica social são tão aparentes na obra de Simões, mas estão aí, nas entrelinhas.

Enfim, é notável que Simões tenha confinado quase toda sua produção dramática à comédia, enquanto a maioria de seus contos e de suas lendas se destacaria, entre outras características, por uma marcada tonalidade trágica.

Elementos de bibliografia

Para este leitor tradutor, inegavelmente teatino, mas que infelizmente não tem nada de teatrino (quer dizer não está mesmo versado em assuntos ligados à composição dramática), foram especialmente preciosas as informações a respeito da obra dramática de Simões Lopes oferecidas por Carlos Diniz na sua biografia, e por Cláudio Heeman, João Luís Pereira Ourique e Luís Rubira em suas respectivas edições críticas do teatro.

Os livros mais relevantes, consultados neste setor da pesquisa, foram os seguintes:

DINIZ, Carlos Francisco Sica. **João Simões Lopes Neto – Uma biografia**. Porto Alegre: AGE/UCPel, 2003

Diniz evoca, entre outros aspectos, o contexto em que foram produzidas as peças de teatro, portanto, traz informações preciosas sobre a conjuntura de circunstâncias pessoais (estas produções na trajetória de Simões enquanto homem e artista) e sociais (a sua inserção na vida cultural do Pelotas da época) que ensejou o surgimento da dramaturgia simoniana.

HOHLFELDT, Antônio. **Simões Lopes Neto**. Porto Alegre: Tchê, 1985.

LOPES NETO, João Simões. **Teatro [século XIX]**. Edição crítica, pesquisa e ensaios de João Luís Pereira Ourique e Luís Rubira. Porto Alegre. Instituto Estadual do Livro; Zouk, 2017. 480p.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Talvez esta edição crítica passe a ser a mais informativa, quanto à obra de dramaturgo de Simões, pois acrescenta um ensaio específico para cada peça. Vale observar, contudo, que falta ainda o segundo volume, o qual contém a produção teatral de Simões no século XX.

LOPES NETO, João Simões. **Teatro**. Pesquisa e estabelecimento de texto: Cláudio Heeman. Porto Alegre. IEL. 1990.

Heeman teve o mérito de tirar a poeira das peças de Simões que dormiam tranquilamente dentro de seu baú. Trata-se principalmente de uma disponibilização do texto para os leitores e de um estabelecimento de texto, sem conteúdo crítico relevante.

LOPES NETO, João Simões. **Obra completa**. Organização de Paulo Betancur. Porto Alegre. Sulina, 2003.

A vantagem de ter o teatro de Simões incluído numa publicação da sua “obra completa” (completa na época) é que permite lê-la em contexto com as outras produções do escritor.

De fato, o acesso facilitado a “todas” as facetas da produção escrita de um autor estimula uma visão mais holística, digamos, desta produção, permitindo estabelecer conexões entre gêneros diversos, bem com procurei fazer aqui entre o teatro e os contos.

Livros de abrangência maior, notadamente no que diz respeito à história do teatro no Brasil no seu conjunto, foram bastante prestativos quando se tratou de tentar rastrear (pelo menos dentro da esfera da produção dramática brasileira) de onde vinha tal ou tal traço na escritura de Simões dramaturgo, especialmente em se enfocando traços que reaparecem, de uma maneira ou outra, na composição dos *Contos gauchescos* (a musicalidade, os jogos de palavras, o uso da coincidência, as transformações, a pontuação, etc.).

HESSEL, Lothar. RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob Dom Pedro II*. 1ª parte. Porto Alegre: coedição URGs/IEL, 1979

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº22 – Tempos verbais

Texto e pretexto: os *Contos gauchescos* no seu conjunto

Foco do estudo tradutório. Sistemas de conjugação comparados. Correspondências entre tempos verbais do texto original e tempos verbais da versão estrangeira

As seguintes páginas contêm alguns apontamentos sobre a questão das conjugações, que é sempre um assunto bastante delicado quando se procura verter um texto de um sistema linguístico para outro, dadas as diferenças nos recursos conjugacionais de cada idioma. Qual o tempo verbal “principal” de se escolher para a relação dos contos por Blau Nunes (seu “avatar” franco-gaúcho)? Em que material se apoiar para tomar decisões minimamente judiciosas neste quesito, sendo que é bastante complicado encontrar registros audiodfônicos confiáveis aptos para exemplificar as práticas orais na época considerada, tanto no sul do Brasil quanto na França (globalmente na segunda metade do século XIX)?

E aí vem justamente a interligação entre o uso do tempo verbal e o tipo de situação de comunicação a ser transferida, que é determinante nas escolhas conjugacionais, lembrando que os *Contos* são um objeto artístico que combina, de maneira mais ou menos simultânea, representações de transmissão oral e representações de transmissão escrita. É um texto escrito, pretensamente transcrito, que faz de conta imitar um caso contado ao pé do fogo. Nesta configuração, o narrador, Blau Nunes, se expressa dentro de uma situação na qual não é simples participante de um diálogo, mas único locutor, engajado numa *performance* singular: precisamente, a do contador de causos.

Sistemas verbais e estratégias narrativas

Tempo verbal e tempo oral: o verbo e a língua

Na verdade, a questão do que poderíamos chamar de “transposição conjugacional” se atém à problemática, mas abrangente, da translação, para a versão francesa, dos elementos que participam da construção da ilusão de oralidade, a qual, como sabemos, desempenha papel relevantíssimo na composição textual e na própria eficiência escritural dos *Contos gauchescos* (do ponto de vista da retórica, i.e. do poder de persuasão exercido sobre o leitor pela arte do contador).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

***Passé simple* ou *passé composé*? Primeira parte**

Entre outras questões que se colocaram diante do tradutor, havia a de uma escolha básica a ser feita, no que dizia respeito aos tempos verbais usados na versão estrangeira, para traduzir em particular os pretéritos perfeitos que constavam da fala de Blau. “*Passé simple*” ou “*passé composé*”?

Eu optei globalmente pelo *passé composé* como tempo principal da narração em vez do *passé simple* e exporei aqui as principais razões que me levaram a tal escolha. O argumento, digamos, mais óbvio, colocando-se ao lado da ilusão literária, é que é muito pouco provável que um campesino como Blau, narrador dos *Contos*, usasse o *passé simple* para compartilhar seus causos com o companheiro de viagem. Tudo bem com os narradores letrados e urbanos de um Guy de Maupassant ou de um Alphonse Daudet, mas me parece que os contos de Simões perderiam em credibilidade se o seu narrador falasse, justa e marcadamente, como um narrador letrado. Agora, uma primeira objeção, que se poderia levantar contra semelhante escolha básica (a preferência pelo *passé composé* na versão francesa), seria que a fala de Blau não é uma reprodução das práticas languageiras no pampa rural e popular da segunda metade do século XIX, mas sim uma construção complexa que amalgama elementos dessas práticas com outros que se ativessem a um emprego, digamos, “erudito” do idioma. Nesta senda, talvez fizesse até mais sentido comparar a estratégia linguística de Simões com a de um autor como Céline.

Hesitações: busca de modelos na produção literária mais ou menos contemporânea da obra de Simões. Simões e Céline?

Alguns pontos de comparação entre Simões e Céline

Ora, Louis-Ferdinand Céline se vale, nas suas narrativas, de combinações, digamos bastante idiossincráticas, do *passé simple* e do *passé composé*. São combinações altamente artificiais (pelo menos ao ouvido de muitos críticos), mas, como acontece amiúde com a boa arte, essas “artificialidades” não deflagram incômodo particular por parte do leitor e acabam transitando por sua mente com bastante “naturalidade”. Novamente, é quase uma questão de retórica. O estilo de Céline tem sido repetidamente apresentado como uma revolução literária³⁰⁰. É verdade que seus romances demonstram inegável ruptura com as convenções escriturais que prevaleciam antes de *Voyage au bout de la nuit* e de *Mort à crédit*. Mas que estilo seria esse, especialmente no que tange a nossa preocupação com os tempos verbais?

³⁰⁰ Agnès Spiquel, Jean-Yves Guérin, *Les révolutions littéraires aux XIXe et XXe siècles* Presses universitaires de Valenciennes, 2006

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Céline joga com as cadências e as sonoridades, combinando-as para compor o que chamava de sua “petite musique”. O vocabulário, ao mesmo tempo muito coloquial (*argotique*) e técnico, em relação com o viés científico ou pseudocientífico, que marca a época e a própria narrativa, é outra característica que permite alguma aproximação com a escrita simoniana.

Mort à crédit publicado em 1936 é considerado como o “palco” de uma radicalização do estilo de Céline no uso de determinados recursos como os ressaltados acima. De certa maneira, destila e condensa, como dentro de um alambique, aqueles ingredientes que já saltavam aos olhos dos leitores do *Voyage au bout de la nuit*. Nele, encontramos uma proporção substancial de frases curtas, muitas vezes exclamativas, e separadas por reticências (lembra alguém?). São técnicas de escritura que amalgamam os recursos de expressão e de expressividade, tanto do uso oral da língua quanto do seu uso escrito, criando efeitos particularmente aptos para suscitar emoções e emular sensações na mente do leitor (lembra alguém?).

Certo, a visão que impregna a escritura de Céline é diferente da que Simões imbuí ao seu texto mediante a construção da fala de Blau Nunes. Os romances de Céline apresentam um panorama marcado em prioridade por seu caráter caótico e anti-heroico, mesclando discurso científico, registros populares e eruditos, desespero e humor, violência e ternura, postura altamente artística na sua formulação e revolta existencialista brutal na sua colocação. Mas, no fundo, se considerarmos a obra de Simões como um todo, incluindo nela não somente os contos e as lendas, mas também os casos do Romualdo e as comédias, há algo também, numa visão mais global do conjunto, como que de um *burlesque* sombrio, beirando para o *grotesque* (daí, as recorrentes comparações com Josef Conrad).

Uso dos tempos verbais na prosa de Céline

Voltando mais precisamente para nosso assunto do uso comparativo das conjugações, tem sido ressaltada, entre outras características de Céline, certa evolução estilística entre seu primeiro romance e os últimos, a qual se manifestasse, em particular, por uma correspondência mais e mais marcada entre o tempo do relato (do enredo) e o da narração. Do ponto de vista do uso dos tempos verbais, isto se traduz concretamente por uma “invasão” do espaço literário pelo presente de narração, tanto que os acontecimentos parecem não mais se situar no passado, mas se projetar no presente, ou seja, naquele mesmo momento preciso em que o narrador os estaria contando.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Para os críticos, tratar-se-ia em parte de uma aproximação das técnicas escriturais próprias do romance por um lado e da crônica³⁰¹ por outro, que induz o leitor a se sentir, também, em seu torno, mais próximo dos eventos narrados³⁰², mais “tocado”, digamos, por eles no seu imo leitoral.

Recapitulando, observa-se, na evolução tangente ao uso dos tempos verbais nas narrativas de cunho literário em francês, uma tendência que se afirma com mais e mais nitidez a partir do fim do século XIX e do começo do século XX, e que vai no sentido de uma diminuição do espaço ocupado pelo *passé simple* (ver o caso de Maupassant, Zola, etc.), e um aumento no emprego de formas mais prontamente associadas a situações de comunicação oral, como o *passé composé* e o *présent de narration*.

No caso de Céline, e por isto intitulei este segmento “hesitações”, encontramos uma combinação bastante original de “*passé simple*”, de “*passé composé*” e “*présent de narration*”. Dito isto, enquanto há efetivamente “ocorrências” de *passé simple* em romances como *Voyage au bout de la nuit* e *Mort à crédit*, elas operam em grande parte como pontos, ou dobradiças, de distanciamento (sou eu, o autor, contando “minha” história), funcionando essencialmente como remissão, dentro de um fluxo majoritariamente conversacional na sua aparência, a um discurso fundamentalmente escrito³⁰³.

Inútil precisar que não estudei em detalhe o sistema verbal tal como se manifesta em *Contos gauchescos*, mas, sendo o verbo conjugado um dos motores da dinamização da narrativa, seria interessante conduzir uma investigação mais aprofundada neste respeito. Além do mais, haveria de se perguntar se existe na fala de Blau algo, relativamente a este quesito específico das conjugações, que indique inequívoca e objetivamente a representação da voz popular.

³⁰¹ As relações entre a crônica e o romance (a novela, o conto, etc.) são complexas, uma vez que a grande maioria dos escritores combinou, na sua experiência de vida, a negociação, às vezes cotidiana, entre o trabalho de jornalista e o trabalho de romancista. Obviamente, houve fenômenos de influência mutual entre essas atividades, em particular segundo o grau de intricação das duas na vivência dos escritores.

³⁰² Céline dizia ter-se inspirado do estilo de seu contemporâneo Ramuz, afirmando que ele era o iniciador da transferência da língua falada na língua escrita. Entretanto, vimos que este traço já aparece nitidamente na prosa de Simões, que escolheu como narrador de seus contos a figura de um velho campeiro pampiano, peão e veterano das guerras do Sul. A mesma observação pode ser feita a respeito da irrupção, na composição literária, de uma linguagem mais coloquial, que foi atribuída à influência de outros autores.

³⁰³ Relatos combinando ocorrências de “*passé simple*” e de “*passé composé*” em situações atuais de comunicação oral me parecem extremamente raros. Além disto, tais combinações denotam amiúde uma insegurança do locutor no seu domínio do sistema verbal do francês, mais do que uma maestria dos efeitos permitidos pela língua.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Em francês, como disse, há muito que o *passé simple* tem se tornado apanágio das classes que possuíam o privilégio de poder proporcionar uma boa instrução a seus filhos. Daí, nos textos literários, é uma maneira bastante simples e eficiente de demarcar o popular do letrado, seja nos diálogos seja na narrativa propriamente dita. Mas, em português? Será que, na época de Simões, já havia “desvios conjugacionais” como se podem constatar hoje? E, neste caso, em que proporção exata a estrutura gramatical da fala de Blau seria ou não seria mais letrada do que popular?

Enfim, como vemos, é mais um sistema, este dos tempos verbais, no qual não se encontra correspondência imediata, *ready-made*, entre os recursos da língua de partida e os da língua de chegada.

***Passé simple* ou *passé composé*? Segunda parte**

Esboço de uma descrição da situação narrativa em *Contos gauchescos*

Em francês, é corrente utilizar o pretérito (*passé simple*) para contar uma história, pelo menos para contar uma história por escrito³⁰⁴. Agora, os *Contos gauchescos* se apresentam, fazem ostensivamente questão de se apresentar, enquanto transcrição de um relato oral que o suposto autor da introdução da coletânea e também “transcritor” do dito relato, tivesse presumidamente ouvido diretamente da boca de Blau Nunes – retratado pelo escritor, consoante sabemos, como vaqueiro e vaqueano, peão caboclo – ao longo de uma viagem pelos campos e pelas serras do Rio Grande do Sul.

Em tais circunstâncias, insisto, dificilmente se poderia imaginar, no plano em que mimese, diegese e verossimilhança se associam na confluência da composição textual, que um “tipo³⁰⁵” de personagem e narrador como Blau usasse o *passé simple* para narrar seus casos. Especulando dentro do quadro da ilusão literária, nada impede o leitor imaginar que o presumido transcritor dos *Contos gauchescos* (pensando-se ao mesmo tempo, é claro, em seu “avatar” da versão francesa) poderia ter mexido com a matéria prima que lhe fora comunicada. É, aliás mais ou menos a situação que nos é implicitamente apresentada. Então, não haveria neste caso tanta discrepância entre o uso do recurso linguístico referido (o *passé simple*) e o perfil do narrador presumidamente o bastante instruído para redigir um livro.

³⁰⁴ Tanto que, até a poucos anos, muito da produção destinada às crianças, a dita literatura infantil ainda se escrevia no *passé simple*, gerando o paradoxo seguinte: a criança estava confrontada, nas histórias que lhe estavam contadas, a uma forma que nunca ouvia ao redor dela, salvo naquele contexto “extraordinário” da apreensão (ouvida ou decodificada) daquelas histórias que lhe eram lidas ou que ela soletrava.

³⁰⁵ Estou me referindo aqui principalmente a um “tipo”, do ponto de vista socioétnico e socioeconômico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

É uma configuração, aliás, justamente possibilitada pela maneira como se introduzem as narrativas que compõem a coletânea, uma vez que o leitor não pode deixar de assumir que o “narratário”, supostamente (auto)encarregado da transmissão dos relatos, não teria como citá-los integralmente de memória, i.e., sem mudar sequer um elemento do que tivesse ouvido da boca do narrador Blau Nunes³⁰⁶. É, de resto, mais ou menos o mesmo faz de conta, transposto, como vimos, para a configuração da relação entre transcritor e narrador, que gerencia nossa apreensão da configuração da relação entre o narrador e as personagens. Aceitamos, com efeito, ao abrir a primeira página do livro, e na verdade de qualquer livro, compartilhar desta “ilusão”, especialmente intrigante quando o narrador não só relata acontecimentos e descreve situações fictícias que apreendemos, pelo menos em algum grau, como se fossem reais (ou em todo caso mais ou menos verossímeis), mas também quando ele “repete”, palavra por palavra, o que as personagens teriam dito, reconstruindo pela memória o que teria ouvido... Ou inventando e recriando.

Em tal contexto de leitura, seriam mesmo como que implícitas, na apreensão global que o leitor faz do texto, as interferências do transcritor. Este, daí, tornar-se-ia, no conjunto dos elementos que constituem a convenção literária, em uma sorte de segundo narrador, revezando Blau Nunes, pois, na tarefa de transmitir as histórias, como se se fizesse ouvir uma voz “embaixo” da voz “mais aparente”.

Apesar desta inferência implícita da possibilidade da passagem pela escrita ter mudado em algo o caso pretensamente contado “ao vivo” por Blau Nunes, acho melhor preservar, na medida em que for possível, alguns elementos que participassem “efetivamente” da ilusão de um relato oral, ilusão em que a introdução da coletânea parece de fato querer nos colocar e que tanto Simões parece ter se empolgado em manter ao longo da coletânea (cf. as várias interpelações do narrador dirigidas ao narratário, especialmente em formulações que pressupõem algum gesto por parte de Blau Nunes, como ‘assinzinho’, ‘de beijo’, etc.). Isto, sem falar da presunção de verossimilhança a que remete, de maneira mais geral, o quadro “naturalista” no qual se encaixariam em parte os contos, a saber uma maior adequação, supostamente, entre a representação literária, inclusive nas escolhas da linguagem do narrador, e a realidade representada, pelo menos em relação a potentes tendências artísticas anteriores como o romantismo, por exemplo, que ostentavam nítido pendor pela idealização e sublimação na mimese da vida humana e de seus ambientes de desenvolvimento.

³⁰⁶ Sem esquecer que o próprio Blau se entende como o contador de causos, ou seja, um artista da narração oral que combinasse inspiração pessoal com a reapropriação de material já contado por outros (ou, possivelmente, por ele em outras circunstâncias) — “doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...” —, isto desde uma perspectiva focada na transmissão cultural.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Narradores “cultos” e personagens “incultas”?

Se o narrador fosse heterodiegético, ou seja, não participasse enquanto personagem dos relatos que conta — i.e. sendo presumidamente “instruído”, mas cuja voz fosse supostamente desprovida das sofisticções ou artificialidades de linguagem da cidade, ou simplesmente das marcas habituais que caracterizam esta linguagem –, aí teríamos uma grande probabilidade de ter *passés simples* na narração e *passés composés* nos diálogos. É efetivamente o tipo de configuração que encontramos em textos de escritores franceses anteriores ou contemporâneos de João Simões Lopes Neto, tais como Guy de Maupassant ou Alphonse Daudet, por exemplo, que foram dois dos maiores contistas do fim do século XIX na França (e dois “regionalistas”, porém escrevendo para um público parisiense).

Vejamos o caso de Maupassant, a partir de um pequeno trecho de um dos seus contos mais conhecidos. Coloquei em negrito as formas verbais conjugadas mais pertinentes para que se veja melhor a alternância entre as formas supostamente cultas e as formas supostamente populares que correspondem respectivamente à narração propriamente dita, por um lado, e aos diálogos, por outro lado.

Un matin, comme il mangeait la soupe avec ses serviteurs, la porte **s'ouvrit**, et le maire de la commune, maître Chicot, **parut** suivi d'un soldat coiffé d'un casque noir à pointe de cuivre. Saint-Antoine se **dressa** d'un bond ; et tout son monde le regardait, s'attendant à le voir écharper le Prussien ; mais il se **contenta** de serrer la main du maire qui lui **dit** : « — En v'la un pour toi, Saint-Antoine. Ils **sont venus** c'te nuit. Fais pas de bêtise surtout, vu qu'ils parlent de fusiller et de brûler tout si seulement il arrive la moindre chose. Te v'la prévenu. Donne-li à manger, il a l'air d'un bon gars. Bonsoir, je vas chez l's'autres. Y en a pour tout le monde. » Et il **sortit**.

Nesta passagem de “Saint Antoine”, um conto bastante famoso da coletânea “Contes de la bécasse³⁰⁷”, repara-se a presença de um único *passé composé* (“sont venus”). Este ocorre no momento em que temos transitado do discurso narrativo em terceira pessoa para o discurso direto, na convenção habitualmente usada em textos literários para supostamente citar as palavras de tal ou tal personagem.

³⁰⁷ Escolhi este conto de Maupassant por se aproximar muito, pelo menos no que tange a seu enredo, de “Deve um queijo!”. O conto relata uma relação bastante ambígua entre um campesino francês e um soldado prussiano que se aboletou na sua casa. Naturalmente, o desfecho do conto se faz em prol do campesino e em detrimento do prussiano. Nos diálogos, o escritor supostamente teria reproduzido modismos da campanha normanda, mas críticas recentes têm se empenhado em mostrar que esta reprodução foi em grande medida invenção de Maupassant. Em todo caso, a maior diferença com a escrita de Simões talvez resida neste tipo de contraste flagrante entre a fala do narrador e a das personagens.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Repara-se também, dentro do mesmo extrato, outros elementos no discurso direto que são ostensivamente empregados enquanto marcadores da representação da fala popular (aqui, seria, portanto, o linguajar em uso na campanha normanda à época): “c’te nuit”, “Donne-li à manger”; “je vas chez l’s’autres”, etc. e que, como explicarei adiante, supostamente se harmonizassem com o uso do *passé composé*.

Bom, é fato indiscutível que, na maior parte das composições de Maupassant, pode-se observar um contraste bastante nítido entre o narrador, representado globalmente como urbano e culto, e as personagens, especialmente quando se trata de camponeses. De modo geral, o narrador se vale de uma língua *soutenue* – “bem trabalhada” – (sempre, todavia, de maneira a transmitir uma impressão da simplicidade que pudesse ser associada, “naturalmente” à situação de contação de histórias) e em todo conforme aos padrões de uso da língua escrita (correção ao nível do registro nas escolhas lexicais, correção gramatical ao nível das escolhas sintáticas, correção ortográfica, etc.). Quanto à linguagem das personagens, ela é geralmente construída de sorte que pareça condizente com suas características, seu ambiente de vida, sua condição socioeconômica, suas possibilidades de acesso a uma escolarização formal, etc., ressaltando notáveis variações conforme a ambientação do relato, a ação sendo localizada quer predominantemente em meio rural quer, ao contrário, predominantemente em meio urbano. À diferença da linguagem do narrador, essencialmente tensa (*soutenue*), a linguagem das personagens é distensa (*relâchée*) salvo em situações nas quais o narrador reproduz a fala de alguém pertencendo à mesma camada social que ele (um notável, doutor, advogado, professor, etc.) e que tenha, admitidamente, beneficiado dos mesmos recursos de educação privilegiada.

Assim, é extremamente raro um *passé simple* aparecer nos diálogos e nunca ocorre se o discurso direto corresponde à fala emanando de uma personagem pertencendo a uma camada socioeconômica que não soe ser associada, em princípio, a uma instrução formal minimamente puxada. Minha assunção aqui é que, por ser uma personagem “simples” (no sentido de ser de condição “humilde”, de “não ter frescuras” como se diz por estas bandas), Blau não poderia usar o *passé simple* para contar seus casos, uma vez que a transição do uso do *passé simple* para o uso do *passé composé* nas práticas orais das populações na França (no sentido de uma substituição gradual do primeiro pelo segundo em contexto conversacional) é um fenômeno que começa tão cedo quanto o século XVII. Se o relato fosse no *passé simple*, ele seria quase que automaticamente atribuído pelo leitor ao transcritor e não ao narrador “original”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Interligações entre configurações conjugacionais e narrativas em *Contos gauchescos*

Agora, a introdução da coletânea dos *Contos gauchescos*, por breve que seja, coloca-nos em uma situação na qual a voz do suposto narrador “inicial”³⁰⁸ “passa” (é filtrada) pela voz do narrador letrado. É, na verdade, mais ou menos o que acontece com a presumida e proclamada aceitação pelo letrado da responsabilidade de colocar no papel o que existia principalmente “no ar” (dos galpões, etc.).

Esquemmatizando, esta passagem de “voz” da boca de um representante do povo para a pluma de um representante de uma camada social mais favorecida, acompanhando, pois, a transferência da fala para a escrita, não deixa de ser um elemento fundamental do fazer de conta inerente à criação literária (e artística em geral).

Cabe frisar que a mesma “passagem de voz” é também uma “passagem de poder” em vários sentidos, nem que seja porque o poder da escrita é, no mais dos casos, uma prerrogativa dos que detêm a maior parte do poder, nos planos econômico e político.

Ao julgar pelas estratégias escriturais manifestas nos textos dos *Contos gauchescos*, assume-se então que foi a intenção de Simões desvanecer em alguma maneira a presença do narrador letrado e realçar em grau proporcional a presença do narrador campeiro. Daí, porventura, a meu ver, o sucesso assaz tardio da obra, mas num movimento inquebrantável de reconhecimento do seu valor artístico, uma vez lançado, reconhecimento atrelado em grande parte à avaliação positiva de opiniões conceituadas como a dos mestres Augusto Meyer ou Aurélio Buarque de Holanda.

Cumprir observar, a propósito, que não teria sido semelhante intenção autoral exclusivamente original, na medida em que o movimento para a “recuperação” e “literarização” da voz popular da cultura brasileira já tinha sido deslanchado (ou reiniciado) havia tempo, com um Afonso Arinos, um Silvio Romero, e até um Coelho Neto, etc. Enfim, não faltavam os escritores cujos esforços demonstravam identidade de orientação se enraizavam, aliás, em práticas bem mais antigas, inclusive em modalidades que se encontravam a meio caminho entre a tradição oral e a tradição escrita – tais como, dentre outras, a literatura de cordel ou o repente que vicejavam no Nordeste.

³⁰⁸ Em realidade, este narrador inicial é muitas vezes apresentado como “dono” de uma voz individual que é “retransmissora”, em seu turno, de uma voz coletiva, a qual seria teoricamente encarregada, por sua vez, da transmissão de um patrimônio cultural “tradicional” (como se vê nos “Artigos do gaúcho” por exemplo) repassado de geração em geração pelos grupos sociais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O que garantiu o sucesso, infelizmente *post mortem*, de Simões foi, mais provavelmente, o caráter realmente persuasivo (no sentido retórico) de sua “fórmula” narrativa e linguística, a pungência formidável de sua escritura. Soava “justa”, afinada, essa escritura, mesmo que, no fundo, fosse primariamente destinada a uma categoria de leitores que tinham o tempo, o lazer, de ler contos, contrariamente à maioria das “personas” que correspondessem, na mimese, aos personagens envolvidos nos supostos causos. Parecia oferecer ao leitor a possibilidade de se projetar “literariamente” no galpão, a escutar causos ao pé do fogão e, ao mesmo tempo, instalando-se confortavelmente no campo da palavra escrita, com todas as restrições e vantagens que proporcionava à categoria que sabia a manejar melhor... porque tinha aprendido.

Para matizar a colocação que precede, não tenho cessado, por outro lado, ao longo deste trabalho, de enfatizar o caráter dialógico entre formas orais, populares, e formais escritas, eruditas que sempre influem umas sobre as outras. Muitas narrativas têm viajado, ao longo da história cultural da humanidade a partir do advento da escrita, do papel para o ar ou do ar para o papel, em vaivém contínuo que as tem consolidado e transformado ao mesmo tempo. É certamente um dado que haveria de ser incorporado na equação.

Por exemplo, o causo/conto de “Melancia e coco verde” é uma versão muito personalizada de “Melancia e coco mole”, um conto popular em “voga” no norte do país, que possivelmente se teria transmitido tanto de forma oral quanto de forma escrita (por exemplo, pelo meio intermediário bem conhecido da literatura de cordel) antes de ser coletado por Sílvio Romero. O empreendimento de Sílvio Romero, que preludiu o trabalho de sucessores com visada, digamos, mais resoluta e declaradamente folclorista, como a de Luís da Câmara Cascudo, representava um esforço de coleta, valorização e transmissão de material cultural que, afinal, emulava o dos irmãos Grimm na Alemanha ou de Afanasieff na Rússia do século XIX.

Estas coletas poderiam ser vistas, consoante ressaltei na introdução desta tese, como manifestações de um potente movimento de formação e exaltação do sentimento nacional que as abrangia, promovendo todo tipo de pesquisa que investigasse a história da formação cultural e da história *tout court* do país bem como permitisse a fundação de um acervo etno-folclórico de cuja riqueza todo cidadão pudesse compartilhar e se orgulhar. Enfim, da posição intermediária que ocupava na colocação por escrito de que Sílvio Romero se havia encarregado, passou “Melancia e coco mole” para aquela nova etapa da jornada que nos interessa aqui, i.e. a estilização que lhe deu Simões Lopes Neto nos seus *Contos gauchescos*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E é de se supor, logicamente, que daí começou (ou recomeçou) a viajar pelas bocas e pelos ouvidos dos leitores de Simões, talvez principalmente negociantes, homens de profissão liberal e funcionários públicos da cidade no começo, para chegar aos ouvidos, e em torno ser revezados pelas vozes, do pessoal que fazia a junção entre o mundo urbano e o mundo rural (ex. os mascates) e daí alcançar os estancieiros que não tinham tanto acesso às amenidades da cidade, e, chegando ou voltando ao outro lado da cadeia socioeconômica, o mundo dos peões e campeiros, e até dos jornaleiros que continuariam a sua divulgação. De toda maneira, é sempre muito complicado rastrear por completo um conto, qualquer que seja, e o rastreio pode ser ainda mais complicado por envolver processos de importação e de ‘aclimação’ de um sistema cultural em um continente a outro em outro continente. Às vezes, uma “história” pode ter efetuado várias travessias transatlânticas antes de se fixar em tal ou tal forma.

É precisamente este processo dialógico entre práticas orais, mais prontamente associadas à vida das classes populares, e práticas escritas, mais prontamente associadas à vida das classes privilegiadas – pelo menos no plano econômico, em relação com as primeiras – que se encontra inscrito, nas suas influências mútuas, em obras profundamente marcadas pelo afã de literarizar o material popular para integrá-lo à composição artística.

Seria em última instância o caso de grande parte da produção de escritores como Raquel de Queiroz, Guimarães Rosa, Ariano Suassuna, etc. Já que Suassuna é particularmente conhecido pelas suas posições quanto à valorização e “transfiguração” da arte popular, posições que não se cansou de realçar tanto nos seus empreendimentos musicais (a orquestra Armorial) quanto nos seus empreendimentos literários como romancista (*A pedra do reino*, entre outros) e dramaturgo (ex. *Auto da compadecida*), parece-me ser a produção do escritor e pensador paraibano um excelente exemplo para ilustrar este tipo de procedimento.

Podemos pensar, entre outros aspectos da sua obra, na maneira como ele integrou nos seus textos elementos narrativos de cunho “tradicional” que tinham viajado tanto no tempo quanto no espaço. Estou me referindo a relatos como “Os doze pares do reino” ou “A volta de Dom Sebastião³⁰⁹”, que aparecem de uma forma ou outra em romances como *A pedra do reino*, de

³⁰⁹ Estes elementos de relatos que se têm transmitido pelo entrelaçamento das práticas orais e escritas são interligados a outros componentes culturais, como os recursos linguísticos ou a evocação de tradições do tipo das cavalhadas, que alegorizam o combate entre os mouros e os cristãos. Novamente, quais os fatores responsáveis, em última instância, pela exaltação de formas como a cavalhada ao nível das modalidades que persistiram e chegaram a se inscrever “definitivamente” no patrimônio cultural? A história do carnaval, de suas formas primitivas até as de hoje, é também outro bom exemplo, mas que não dá para desenvolver aqui. É

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ariano Suassuna ou *Memorial de Maria Moura*, de Rachel de Queiroz, que servem, entre outras coisas, para ancorar a ambientação dos relatos em um sertão ainda palco de contações de histórias ao vivo, bem como os causos de Blau o seriam, pretensamente, no pampa sulista.

Bom, enfim, voltando para nossa vaca fria da escolha entre *passé simple* e *passé composé*, em uma situação como esta, onde um “transcritor” supostamente “toma conta” do relato “bruto” ouvido do narrador: se esse transcritor fosse um contador muito instruído e se permitisse “mexer” com a linguagem do relato em questão, poderia até usar o *passé simple* (tal como pode acontecer em espetáculos como festivais de “contação” de histórias, por exemplo, o grande paradoxo, aliás, nesta questão do lugar do *passé simple* nas práticas do francês sendo que suas formas ainda persistem nos livros escritos para crianças).

Contudo, continua a não ser objetivamente crível, ao nível das convenções de verosimilhança habitualmente prevalentes na composição literária, que um narrador não letrado (mesmo que, como sabemos, ele demonstre instrução “formal”, pois lê o jornal) valha-se desta conjugação, cujas formas soem ser ignoradas por boa parte da população francesa.

Ora, para mim, a linguagem dos *Contos* se posiciona precisamente entre estas duas posturas, do narrador que tivesse tido acesso limitado a uma instrução formal e do narrador letrado (porventura correspondendo mais ou menos a como o próprio Simões deve ter-se posicionado em função dos seus interlocutores, peões ou estancieiros, “incultos” ou “cultos”). Daí, empregar o *passé simple* na versão francesa faria, no meu entendimento, pender a balança demais para o letrado, em detrimento da presença do suposto “contador” inicial, o vaqueano Blau Nunes, criação forte, marcante, convincente de Simões Lopes³¹⁰. Que o transcritor dos causos possa ter-se aproximado do linguajar campeiro, não há como negar, mas a situação inversa, mesmo que infalível, porém parcialmente constatável, perderia em credibilidade se o campeiro se tivesse aproximado por demais da linguagem do transcritor.

Então, descartando o *passé simple* pelas razões evocadas acima, restam, pois, para verter os pretéritos, principalmente, ou o *passé composé* ou o *présent*. Alguns verão uma diferença importante entre os dois, por exemplo, no fato de o *passé composé* remeter de maneira mais inequívoca, precisamente, a um passado.

verdade que há casos como Catulo da Paixão Cearense, Patativa do Assaré, Clementina de Jesus, etc. que têm obtido reconhecimento por parte dos poucos que estabelecem os cânones da cultura nacional, mas em contrapartida, tantos outros ficaram no reconhecimento popular e não alcançaram sucesso “autorizado”.

³¹⁰ Como sabemos, uma suposta vantagem da instrução formal é que possibilita certa flexibilidade no registro, o locutor podendo adaptar seu discurso em função dos seus interlocutores. Acontece que, no mais das vezes, a adaptação é parcial, sendo que o discurso também é uma ferramenta de marcação da hierarquia social.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Todavia, para mim, o *présent*, aquele pelo menos que chamamos de *présent historique* e que possui equivalente em português, pode substituir aqui o *passé composé*. Enfim, devo sublinhar que optei muitas vezes pelo *présent* para dar um pouco mais de vivacidade ao relato, emulando assim, mesmo que em grau relativamente restrito, o caráter possivelmente mais imediato, nos seus efeitos, das formas narrativas orais. Além do mais, valer-se do presente de narração na tradução de um texto em português (espanhol, inglês, etc.) evita empregar por demais um tempo composto³¹¹, que torna (literalmente) mais longa a frase e, possivelmente, mais pesada a comunicação.

Uma crítica a esta decisão poderia ser que a alternância entre *passé composé* e *présent* solapa a coerência narrativa e não corresponde ao que acontece no texto original, no qual praticamente tudo está conjugado no passado. Tendo ouvido contadores tradicionais, diria que um ponto em favor deste tipo de alternância é que ajuda a manter a atenção dos ouvintes... Porém, estou falando, certo, de situações orais nas quais a transmissão se faz ao vivo entre o contador e seu público.

Passé simple ou *passé composé*? Terceira parte

Esboço da situação na literatura francesa contemporânea da época de produção dos *Contos gauchescos*

No excerto do romance de Émile Zola que cito algumas páginas embaixo (tomado do *Ventre de Paris*), podemos ver “em ação” – pelo menos na minha apreciação – um dos modelos de construção estilística³¹² mais correntemente utilizados na prosa francesa do fim do século XIX e do começo XX. Notar-se-á ao ler o dito extrato, para nosso propósito (a escolha dos tempos verbais para a versão francesa), que a diferenciação estilística entre a formulação elaborada pelo escritor para o narrador e a que se emprega para os diálogos entre as personagens reside aqui, muito globalmente, no uso do *passé simple* para o primeiro e do *passé composé* para o segundo.

³¹¹ Quando se compara a escrita de *Contos gauchescos* e a de *Casos do Romualdo*, verifica-se uma tendência maior para o uso do presente histórico na segunda coletânea. Talvez esta diferença possa se explicar em parte pelo fato de o quadro da ilusão literária ser diferente nas duas coletâneas. Na segunda, que se apresenta como uma coleção de causos já no título, não há introdução de alguma figura intermediária como na primeira, a qual se apresenta de resto (pelo título) como um conjunto de contos. A ausência da sombra do transcritor faria com que houvesse mais margem de manobra, justamente, no manejo de elementos linguísticos específicos como os tempos verbais. Em relação com isto, aliás, nota-se a quase ausência, em *Casos do Romualdo*, daqueles trechos líricos (as descrições do campo) que são um dos traços mais conspícuos dos contos.

³¹² Pelo menos no que diz respeito aos recursos sintáticos e lexicais considerados no seu conjunto, ou seja, de um ponto de vista global — sem levar em conta, entre outros, dados como o fato de Zola sempre procurar bastante precisão na escolha das palavras quando se trata de evocar, “construir”, um ambiente particular.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

É, de resto, uma configuração que postulo como sendo quase que “hegemônica” na maioria dos textos da época, os quais seguem todos mais ou menos o mesmo modelo de marcação pela linguagem entre narrativa e diálogos, salvo algumas exceções notáveis, em particular na obra de Louis Ferdinand Céline, como apontarei mais adiante.

Se Zola consegue transmitir uma impressão de maior integração entre a narrativa e os diálogos do ponto de vista dos recursos linguísticos respectivamente implementados nestes e naquela, é em boa parte porque ele coloca tanto na voz do narrador quanto na das personagens uma linguagem técnica que os reúne – mesmo que de maneira em aparência fugitiva— no plano precisamente da especificidade da ambientação.

Sabemos como Zola se valeu de um léxico temático por assim dizer, constituído de termos designativos de legumes, peixes, carnes, aves em *O ventre de Paris*, de especialidades profissionais e ferramentas ou componentes da mina de carvão em *Germinal*, etc. Esta especificidade de parte do vocabulário sempre ficando, entretanto, mais do lado da tecnicidade, do que da erudição, sempre nos leva a assumir, enquanto leitores, sem grande risco de errar nesta assunção, que o léxico em pauta teria sido conhecido dos vendedores e camelôs das Halles ou dos operários das minas, ou ainda dos empregados das grandes lojas de departamentos (*Au Bonheur des dames*), etc. e usado costumadamente por estes e não unicamente “reservado” para o uso de membros de camadas socioeconômicas mais favorecidas, grandes negociantes ou engenheiros, por exemplo, “os patrões”.

Então, Zola parte da premissa que existe um conjunto de termos especializados que não são apanágio dos engenheiros mineiros ou dos capitães de indústria, e cada um pode constatar que os mais simples pedreiros em um canteiro de construção necessariamente se valem de algum léxico técnico. Vista desde certo ângulo, tal “tecnicidade” de parte do léxico, que se harmoniza, evidentemente, com os “critérios” estéticos e “construtivos” do projeto naturalista, pode servir para se pensarem também, em modo analógico, certas características no emprego literário do vocabulário regionalista. Este, de alguma maneira, pode ser contemplado como um léxico especializado, nem que fosse pela mera especificidade na designação das plantas, dos animais, dos pelos dos cavalos, das ferramentas da lida campeira, etc. Haveria aí uma aproximação dos objetivos e das estratégias na construção de uma ambientação particular que estimo poder se relacionar com o projeto naturalista enquanto programa global de uma “mimese” de realidades não necessariamente acessíveis ou percebíveis pela “burguesia”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quanto à escolha do *passé simple* ou do *passé composé* para a transferência dos pretéritos de um texto literário escrito em português, poderíamos esquematizar da maneira seguinte: em um primeiro momento da reflexão, seria conveniente conjecturar que, se o narrador fosse homodiegético (em primeira pessoa)

- ou ele seria “letrado³¹³” – possivelmente conceituado como um avatar ou um alterego do escritor, tal como ocorre em tantos contos de Maupassant – e narraria no *passé simple*, o que corresponde à situação constatada na maior parte das obras de cunho regionalista publicadas antes dos *Contos gauchescos* (*Sertão* de Coelho Neto, *Pelo sertão* de Afonso Arinos, *O gaúcho*, etc.)

- ou ele pertenceria a uma camada social menos favorecida – que, portanto, tivesse tido acesso, ou exposição, mais bem limitados às particularidades gramaticais das práticas linguísticas habitualmente verificáveis em locutores da classe dominante no âmbito de situações de comunicação mais ou menos formais – e, neste caso, narraria no *passé composé*, nem que seja por falta de competência gramatical para se valer do *passé simples*³¹⁴.

Claro que se esquematizássemos assim, porém, seria porque, de modo geral, teríamos raciocinado que a maioria desses narradores – esses tipos de narradores – que empregam o *passé simple* no quadro das convenções estilísticas do relato escrito, usariam provavelmente o *passé composé* se contassem sua história oralmente. Isto aconteceria especialmente em função de circunstâncias da contação, do público, etc. que pudessem dar uma ressonância estranha, inclusive condizente ao uso do *passé simple*. Convém repetir que Blau Nunes, como a maior parte dos narradores gauchescos (cf. *El Martín Fierro*, cf. *Don Segundo Sombra*) é um tipo de narrador intermediário, estrategicamente posicionado entre o popular e o erudito.

³¹³ Conviria definir melhor aqui o que entendemos por “letrado”, tentando se posicionar entre as três acepções que constam no dicionário (1 que ou aquele que possui cultura, erudição; que ou quem é erudito, instruído 1.1 que ou aquele que possui profundo conhecimento literário; literato 2 Rubrica: pedagogia. que ou aquele que é capaz de usar diferentes tipos de material escrito)

³¹⁴ Parece sempre um pouco “tolo” hipotetizar sobre o que criações literárias, ferramentas narrativas — como de fato são os narradores — “fariam” se fossem seres “reais”, mas parto da constatação óbvia de que ao narrador, apesar de ser um recurso técnico básico do ficcionista, sempre se pode associar atributos de caracterização que permitam, por sua vez, conectar as construções textuais com sistemas de categorização baseados em critérios de ordem socioétnica, socioeconômica, sociopolítica, etc. Daí nada, a meu ver, impede fazer traslações, ou extrapolações, desde configurações fictícias para projeções sociológicas. O narrador, seja lá o que for, pelas características de sua voz (os elementos linguísticos — e suas combinações — construtivos de sua fala), com a ressalva, é claro, que a “composição” desta voz narrativa responde também a critérios de ordem estética ou artística (convenções, cânones literários...), pode levar os leitores a fazerem conexões entre os constituintes artístico-linguísticos da voz narrativa e considerações sociolinguísticas, estabelecendo “sinapses” que ligam traços, perfis, identidades escriturais das existências de papel e tinta ou pixels e peregrinações ou deambulações físicas das vidas de carne e osso.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ora, neste respeito, cabe acrescentar desde logo que, patentemente, não é por uma só questão de “classe” e de suas especificidades linguísticas que prevalece uma forma ou outra nos relatos inseridos na narrativa, nem que fosse porque o uso do *passé composé* fica de fato manifestamente “condicionado”, pelo menos no caso do discurso direto – ou, digamos, direto simulado³¹⁵ – pela presença contextual de outros elementos linguísticos, os quais contribuem para definir a situação de enunciação, e, por conseqüente, as interações de concordância (aqui, no que nos interessa, principalmente verbal).

Assim, por exemplo, a presença de outros verbos conjugados nas frases, estes no *présent* – como se costuma ver nos diálogos – ou de advérbios temporais é um fator conspícuo na ocorrência do emprego do *passé composé*, o tempo verbal servindo então para conjugar verbos designando ações ou eventos anteriores ao “ponto de referência” definido pelos primeiros. De maneira geral, o presente (*présent*) indica concomitância entre o momento da enunciação e as situações referidas nela, isto por uma questão, digamos, de clássica concordância verbal, a não ser que se trate de ocorrências daquele uso do presente que soe ser chamado de “presente histórico”, em que caso, obviamente, não há concomitância, mas sim antecedência. Isto acontece nos *Contos*, mas é raro, sendo que os relatos estão quase na íntegra contados mediante formas verbais do passado. Há, todavia, um jogo entre pretérito e presente, mas ele se articula principalmente nos momentos em que o contador sai de seu conto e interpela seu ouvinte. É verdade que minha escolha acaba embrulhando um pouco este esquema de alternância, tão claro na composição de Simões.

Pois, há de fato, como é bem sabido, uma diferença nos usos respectivos do *passé simple* e do *passé composé* que não participa de uma divisão que fosse de ordem meramente sociolinguística, ou pelo menos não tanto, e se aparente antes, talvez, àquela divergência de usos entre pretérito e passado composto em português que se articula, no fundo, na expressão relativa do “perfeito” [révolu] e do “imperfeito” [non révolu]³¹⁶. Embora se chame *passé composé*, este tempo do sistema de conjugação francesa possui uma ligação particular com o que costumamos chamar de presente, bem como, no meu entender, o *présent perfect* em inglês, o passado composto em português ou o *pasado compuesto* em espanhol. Ou seja, por muitas de suas ocorrências, está ancorado em algum ponto de referência do “presente”.

³¹⁵ Uma vez que os diálogos são globalmente apresentados como reminiscências do narrador (“citações” pelo narrador do que teria sido dito pelas personagens).

³¹⁶ Notando que em português e espanhol, o pretérito tende a se impor, mesmo em situações nas quais o uso de tempos compostos se justificaria. Da mesma maneira, em inglês americano, o *past simple* tende a “invadir” domínios que até há pouco ainda pertenciam ao *présent perfect*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Nota-se – estou me dirigindo aqui, como em todo o presente comentário, a leitores que não sejam especialistas da língua francesa – que Beaudelaire escreve no seu poema “*la chair est triste e j’ai lu tous les livres* » e que ele não poderia ter escrito « *la chair est triste et je lus tous les livres* », oração que fere as convenções da concordância verbal – “*la chair était triste et je lus tous les livres*” seria possível se o momento de referência fosse o passado, mas, mesmo assim, o sentido seria diferente do que o enunciado original, uma coisa (a leitura) supostamente acontecendo depois da outra (o que ocasionou a tristeza da carne, seja o que tivesse sido), ou por causa da outra (em uma relação consecutiva ou consequente), o que não é o caso na frase de Beaudelaire.

Isto, primeiro, por causa do *present* que precede (*est*) e ancora de fato o momento de enunciação no presente da suposta, ou implícita, fonte enunciativa, o “eu” do poema; segundo, porque não há enumeração de eventos que se sucederam, mas uma constatação “presente” que engloba o que foi feito no passado – novamente, bem como acontece com o *present perfect* em inglês – o qual, como sabemos, embora tenha conexões com o passado, é considerado, ao julgar pela designação que possui no sistema de conjugações do inglês, como um presente.

Como sabemos, a questão dos tempos envolve esquemas complexos de organização da comunicação, e, em particular, mobiliza esta função bem especial da conjugação verbal que é a expressão dos aspectos. Nos estudos comparativos dos sistemas de tempos verbais, talvez seja este assunto do aspecto o mais problemático. Se eu fosse um gramático, tentaria fazer uma apresentação contrastada entre os diferentes recursos de que cada idioma dispõe para se referir a eventos passados, mas não é o caso, ainda mais porquanto envolveria tal pesquisa a história da evolução de cada recurso no idioma respectivo.

Em todo caso, no extrato abaixo se pode verificar que, de um ponto de vista global, a maioria dos *passés simples* e dos *passés composés* tem um valor de “ação ou situação pretérita³¹⁷”, a maior diferença entre os primeiros e os segundos parecendo ser, como apontei, a do posicionamento do locutor em relação ao implícito ponto de referência do enunciado – passado, pois, “relativo” no caso do narrador / presente, pois, “relativo” no caso das personagens (discurso direto).

³¹⁷ O pretérito está definido geralmente nos dicionários como “tempo verbal que designa ação ou estado anterior ao momento em que se fala” (Houaiss). No extrato que segue, tanto os *passés simples* quanto os *passés composés* se referem prioritariamente a eventos passados, sem que haja ancoragem particularmente relevante no presente.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Uma consequência, porém, deste sistema de conjugações diferente nas passagens narrativas e nos diálogos é que se cria assim uma impressão de “quebra” muito mais nítida entre a linguagem do narrador e a das personagens, como se a passagem do *passé simple* para o *passé composé* ou vice versa acentuasse a mudança de voz (narrativa ou discurso direto), isto dado que as personagens que participam desta cena provavelmente nunca usariam o *passé simple*, qualquer que fosse a situação³¹⁸

— Et votre nièce ? **demand**a mademoiselle Saget.

— La Sarriette **fait** ce qu’il lui plaît, répondit aigrement madame Lecœur. Elle **a voulu** s’établir. Ça ne me **regarde** plus. Quand les hommes l’auront grugée, ce n’est pas moi qui lui donnerai un morceau de pain.

— Vous étiez si bonne pour elle... Elle devrait gagner de l’argent ; les fruits **sont** avantageux, cette année... Et votre beau-frère ?

— Oh ! lui...

Madame Lecœur **pinça** les lèvres et **parut** ne pas vouloir en dire davantage.

— Toujours le même, hein ? **continua** mademoiselle Saget. C’est un bien brave homme... Je **me suis laissé** dire qu’il mangeait son argent d’une façon...

— Est-ce qu’on sait s’il **mange** son argent ! **dit** brutalement madame Lecœur.

C’est un cachotier, c’est un ladre, c’est un homme, **voyez-vous**, mademoiselle, qui me laisserait crever plutôt que de me prêter cent sous... Il **sait** parfaitement que les beurres, pas plus que les fromages et les œufs, **n’ont marché** cette saison.

Lui, **vend** toute la volaille qu’il veut... Eh bien, pas une fois, non, pas une fois, il ne m’aurait offert ses services. Je **suis** bien trop fière pour accepter, vous **comprenez**, mais ça m’aurait fait plaisir.

— Eh ! le voilà, votre beau-frère, **reprit** mademoiselle Saget, en baissant la voix.

Les deux femmes **se tournèrent**, **regardèrent** quelqu’un qui **traversait** la chaussée pour entrer sous la grande rue couverte.

— Je **suis** pressée, murmura madame Lecœur, **j’ai laissé** ma boutique toute seule. Puis, je ne veux pas lui parler.

Florent **s’était aussi retourné**, machinalement. Il **vit** un petit homme, carré, l’air heureux, les cheveux gris et taillés

³¹⁸ Imaginando que a personagem “ancorasse” seu relato no passado, teríamos muito mais provavelmente uso do *imparfait* ou do *plus-que-parfait* do que do *passé simple*, e isto, agora, supomos, por uma questão de oralidade, certo, mas também, porque a condição social das personagens não combinaria tampouco com o emprego de um tempo habitualmente reservado à expressão escrita. Pois, teríamos, por exemplo, “La Sarriette **faisait** ce qu’il lui plaisait, répondit aigrement madame Lecœur. Elle **avait voulu** s’établir. Ça ne me regardait plus. Quand les hommes l’auraient grugée, ce n’est pas moi qui lui aurais donné un morceau de pain ». Lembramos que não há, em princípio, relação entre classe econômica e complexidade da conjugação. Simplesmente, como as formas do *passé simple* passaram muito cedo a serem reservadas para práticas de comunicação escrita (não estou falando de cartas), a exposição a essas formas tem sido reduzida para uma população que teve pouco acesso ao escrito, ou/e de qualquer maneira, pouco tempo para praticar formas de comunicações escritas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora, como disse anteriormente, para investigar mais a fundo o sistema de tempos nos textos, é relevante conferir o que acontece ao nível desta variação entre *passé simple* e *passé composé* quando o narrador se “afasta” (“*s’écarter*”) para deixar tal ou tal personagem “contar uma (sua) história”. Nos *Contos gauchescos*, isto não acontece explicitamente, o narrador, no máximo, se reapropriando-se, enquanto contador de causos, histórias de que não participou diretamente (“No manantial”) ou indiretamente (“O mate do João Cardoso”).

Eu, certamente, não consigo imaginar a Sargette, por exemplo, relatar acontecimentos no *passé simple*, ainda que eu tente me transportar mentalmente na “época do romance” com suas especificidades linguísticas nos usos do idioma nacional. Entretanto, quando há longos monólogos – histórias dentro da história – é fácil conferir que o tempo que predomina neles é o *passé simple*, o que, a primeira vista, poderia parecer contradizer o que estamos dizendo a respeito do perfil do locutor. Acho, porém, que não há verdadeira contradição aqui, na medida em que estas contações de histórias “individuais” – quer dizer, funcionando como se fossem se originando de uma personagem específica – dentro da narrativa “coletiva” – quer dizer, operando, por sua vez, enquanto conjunto de vozes orquestradas pelo narrador ou narradores principais – emanam de personagens que, neste momento/lugar particular da narrativa, se transformam em narradores. Mais importante, estes narradores patenteiam ter beneficiado, de alguma maneira, de uma instrução diferente de outras personagens representadas como sendo, digamos, de um meio social mais popular, como a Sargette, Marjolin, Jules. Ou seja, mesmo que lhes seja atribuída a característica de terem poucos recursos financeiros, estes narradores, Florent, Claude, etc. não deixam, no fundo no fundo, de ser representativos dos leitores, i.e. de “letrados” potenciais.

De fato, podemos constatar que, em *Le Ventre de Paris*, as únicas “pessoas” que relatam “diretamente” acontecimentos que lhes ocorreram são Florent, o qual, como sabemos por repetidas indicações dadas na narrativa, chegou a estudar na Universidade e a ser professor, e Claude, um pintor que poderíamos qualificar de “esclarecido” e que demonstra, por seu modo de falar e, mesmo, pelo teor da sua conversa, bastante instrução. Então, quando Florent – lembramos que é o sobrenome do personagem e não seu nome, o que o posiciona, de certo modo, entre duas “esferas de atuação³¹⁹” – conta a história de sua fuga da Guiana, ele usa o *passé simple*, o que, manifestamente, parece não ser condizente com o que eu disse antes a respeito do caráter “letrado” associado ao emprego do *passé simple* (*).

³¹⁹ Por exemplo, há, por um lado, as personagens que são chamadas pelo narrador por seu nome, Claude, Lisa, Marjolin, etc. e, por outro lado, as que são chamadas por seu sobrenome, Quenu,

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contudo, insisto em que Florent nos é de fato apresentado como sendo uma pessoa instruída, mesmo que venha de uma família com recursos limitados: ele estudou, se formou e chegou a dar aulas em instituições escolares ou para alunos particulares. Da mesma maneira, quando Claude narra o episódio da composição que ele “pintou” na “charcuterie” de Quenu e Lisa, ele faz sua relação fazendo amplo uso do *passé simples*.

Força é de constatar que não há, pelo menos em O ventre de Paris, oportunidades para personagens menos instruídas fazerem relatos comparáveis aos da fuga do penitenciário e do “retrato” de Claude. Haveria para continuar a investigação de encontrar outros trechos nos quais são personagens diferentes que estão relatando algum acontecimento e verificar seu uso dos tempos verbais em função do seu suposto perfil socioeconômico.

Para mim, uma verdadeira revolução da linguagem no romance, do ponto de vista do posicionamento sociolinguístico do narrador, acontece com Louis Ferdinand Céline (*Voyage au bout de la nuit* – 1932 – , *Mort à crédit* – 1933) e não com os naturalistas, que, certo, inovaram muito no plano da linguagem literária em geral, mas não tanto neste aspecto particular da representatividade sociocultural dos narradores, tal como pode transparecer através das características linguísticas das “falas” que lhes são atribuídas; isto, talvez simplesmente porque no período em pauta (grosso modo, a virada do século) houvesse ainda maior “concordância” entre o fato de ser “letrado” e a condição de pertencer a uma camada social mais favorecida – ou seja, o fato de dispor de determinados recursos linguísticos (por exemplo, o uso do *passé simple* e, por conseguinte, o conhecimento das flexões correspondentes) e o de ter mais ou menos acesso à escolarização e à instrução formal.

Cabe lembrar que, no caso de Céline, como afinal *mutatis mutandis* é o caso na prosa de Simões, não se trata de reproduzir a linguagem oral, mas de incorporá-la na composição, inclusive, é claro, ou mesmo, sobretudo, por motivos que se vinculam com concepções artísticas ou estéticas – notadamente o afã de revigorar uma prosa considerada por eles como sendo “meio que travada” pelas escolhas linguísticas associadas às convenções literárias. Por isso, deve ser levado em conta, para qualquer avaliação no uso de determinadas formas, que a inclusão de verbos conjugados em tempos como o *passé simple*, o *imparfait du subjonctif*, etc. não significa em absoluto que o narrador, o escritor, uma personagem, enfim uma entidade fictícia remetendo a determinado ambiente social e perfil socioeconômico ou socioétnico de locutor, usaria estas conjugações em situações de comunicação oral informal (a chamada fala distensa).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Então, a título de comparação, proponho examinar o começo de dois romances de Céline³²⁰. Vejamos os incipit de *Voyage au bout de la nuit* (1933) e de *Mort à crédit* (1936)

Ça **a débuté** comme ça. Moi, j'avais jamais rien dit. Rien. C'est Arthur Ganate qui m'**a fait** parler. Arthur, un étudiant, un carabin lui aussi, un camarade. On **se rencontre** donc place Clichy. C'était après le déjeuner. Il **veut** me parler.

Simplemente, não há uma só ocorrência do *passé simple* no primeiro capítulo do romance. Além do mais, observa-se de imediato a tal alternância entre *passé composé* e *présent*.

Isto não quer dizer que não haja nenhum *passé simple* na prosa de Céline (ele se vale até do *subjonctif plus-que-parfait*), mas as ocorrências são raras em relação com as práticas vigentes na época da publicação dos romances em pauta, o que faz com que esses *passés simples* que afloram num oceano de *passés composés* e *présents historiques* adquiram um caráter “diferenciado”, ou seja, significam também pelo mero fato de serem, de se “exibir” enquanto *passés simples*.

C'est sur ce quai-là, au 18, que mes bons parents **firent** de bien tristes affaires pendant l'hiver 92, ça nous remet loin. C'était un magasin de “Modes, fleurs et plumes”. Y avait en tout comme modèles que trois chapeaux, dans une seule vitrine, on me l'**a** souvent **raconté**. La Seine **a gelé** cette année-là. Je **suis né** en mai. C'est moi le printemps³²¹.

³²⁰ Como se sabe, o primeiro romance de Céline a sair do prelo suscitou violentas polêmicas no momento em que foi lançado. Isto, em grande parte porque o autor se valeu, para se comunicar pelo canal da escrita, de uma linguagem ostensivamente “oralizante”, integrando na sua arte formas sintáticas e léxicas, inclusive gírias, habitualmente reservadas a situações de fala distensa. No seu primeiro romance, Céline constrói as fundações de um estilo que ele qualificou de “métrô émotif²”. Não se deve passar por cima o fato de a linguagem aparentemente distensa do narrador e das personagens estar lado a lado, nos textos de Céline, com formas muito mais formais (ou tidas por muito mais formas) em combinações que atestam do alto grau de precisão e até de rebuscamento na composição artística. É de fato uma escrita extremamente sofisticada que expressa ao mesmo tempo uma reação, ou mesmo revolta, para com o congelamento da língua acadêmica sob a ação conservadora da própria *Académie française*. A escrita de Céline é uma tentativa de revitalização da prosa, violenta, não só no teor, no tom e na linguagem, mas também na evocação de um mundo violento, pois não é o papel da literatura de pintar tudo de cor de rosa. Como tentei mostrar no meu trabalho de acompanhamento à tradução, a linguagem de Simões é também patentemente “oralizante” e ao mesmo tempo trabalhada no sentido de possuir grau elevado de sofisticação (como o demonstra, por exemplo, nas escolhas lexicais, o uso contínuo de conexões paronímicas, metonímicas, metafóricas, da polissemia, da ambiguidade, etc. nas escolhas lexicais), as palavras se buscando e se rebuscando umas a outras para formarem composições estéticas que vão bem mais além, pela sua extensão e complexidade, das possibilidades da mera “conversa” oral ou mesmo da “autêntica” contação oral de caso (ver a simulação em *Casos do Romualdo*).

³²¹ firent / remet / a raconté / a gelé : temos já um vislumbre da maneira como o narrador vai se valer dos tempos verbais no seu relato. O que vale aqui, entre outros elementos da composição, é justamente o contraste entre o *passé simple* “firent” e os *passés composés* “a raconté”, “a gelé” que nos projetam em modo quase que (auto)irônico em duas dimensões narrativas, com pontos de referência diferentes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Para que trazer, nesta discussão sobre a transferência dos tempos verbais, autores franceses como Guy de Maupassant, Émile Zola, Céline?

Porque, afinal de tudo, estamos falando de tradução, ou seja de sistemas de transferência de um objeto simultaneamente material e imaterial, o livro, o texto, desde uma esfera comercial, cultural e linguística, para outra e que nosso idioma de conversão é o francês. Além do mais, o sistema literário no Brasil não pode ser considerado como uma “entidade” isolada, as produções literárias no espaço cultural ocidental sendo, todas elas, intrinsecamente interconectadas.

Mas, o que haveria de comum entre um Maupassant e um Simões? Muita coisa! entre outras, a queda que ambos autores demonstraram para o conto como forma predileta para exercerem seus talentos literários, inclusive para o relato em caráter regional e naturalista (normand e campagnard para Maupassant, gaúcho e “sertanista” —pampiano— para Simões).

Entre um Zola e um Simões? Também muita coisa! entre outras, a propensão para uma ambientação que privilegiasse personagens pertencendo às chamadas camadas populares, peões, campeiros, vaquejadores, cangueiros, changadores, etc no caso dos *Contos gauchescos*. Haveria aí já uma orientação política se perfilando atrás das escolhas?

Entre um Céline e um Simões? Novamente, muita coisa! —entre outras, o trabalho de cinzelamento da linguagem que incorpora, e mesmo ressalta e realça uma dimensão “oralizante” inovadora e invigorante, conferindo extraordinária pungência aos relatos. Esta pungência narrativa se realiza através, notadamente, da integração de formas habitualmente associadas, ou que evocam, uma situação de comunicação oral —globalmente, de contação de história ou de estórias, por parte de Blau Nunes em *Contos gauchescos*, Bardamu em *Voyage au bout de la nuit*, Ferdinand em *Mort à crédit*, etc.— e permitem que se desenvolva uma experiência de imersão maior do leitor no mundo que se apresenta ao se tornarem as páginas do livro, espelhando a integração do narrador e do seu meio, i.e. do narrador e da ambientação. Da mesma forma, nos *Contos*, o texto está obviamente construído de maneira a projetar “o leitor” no mundo do contador.

No caso do *Ventre de Paris* referido algumas páginas atrás, uma questão pertinente talvez fosse de saber se a presença do *passé simple* acontece

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- antes porque os relatos “orais” de Florent e Quenu aparecem no âmbito de uma comunicação escrita (o texto literário) em que se usa o “*passé simple*” na narrativa (ou seja, por boa parte em função de convenções de composição literária)

- ou antes porque indivíduos pertencendo aos “tipos sociais” a que remetem as personagens (do ponto de vista do nível socioeconômico, da probabilidade de ter recebido uma instrução formal, etc.) usavam de fato o *passé simples*. (ou seja, por emulação de situações de enunciação encontradas no mundo real).

A questão é complexa e a resposta provavelmente mista. Para poder fazer uma análise comparada mais aprofundada, caberia escrutinar em detalhe como se usavam o *passé simple* e o *passé composé* tanto em artigos da imprensa (um texto como “J’accuse”, por exemplo, contém uma grande quantidade de *passés simples* e uma quantidade menor de *passés composés*) quanto em obras literárias (p. ex. *Le Horla* de Maupassant). Também em outros tipos de material, nas canções populares, nas contações de contos (transcrições ou em palco), teríamos de comparar os usos respectivos do *passé simple* e do *passé composé* (“j’ai lié ma botte”, “il était un petit navire”, etc.), preferencialmente em função de práticas correspondentes à época em pauta.

Bom, era possível fazer o “avatar francês” do gaúcho Blau Nunes contar seus relatos usando o *passé simple*, privilegiando assim a relação com um sistema de convenções que, por sua vez, “priorizasse” determinados critérios ligados a uma “tradição estabelecida” de práticas, tradição constituída ao longo da história da produção literária (sedimentando-se, ao longo do tempo, uma sorte de “jurisprudência” da composição literária). Se tal tivesse sido a escolha, é claro, o *passé simple* não teria deixado de coabitar com o *passé composé*, uma vez que seria difícil traduzir os pretéritos da introdução da coletânea, por exemplo, por formas que não fossem o *passé composé* (...), isto por razões ligadas às diferenças de ordem aspectual.

Era esta sem dúvida uma solução interessante na medida em que permitia de fato aproveitar os recursos específicos oferecidos, precisamente, pelas diferenças de uso entre uma forma temporal e outra. Entretanto, porque me pareceu tão importante, e mesmo primordial, aquela dimensão emulativa da oralidade na composição literária de que tanto se fala quando se trata da escrita simoniana, e que fica patenteada pela presença de múltiplos elementos disseminados no texto – inclusive, é claro, a própria introdução da coletânea que a apresenta como sendo a transcrição de relatos “ao pé do fogão” – escolhi o *passé composé* como sendo

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

uma forma temporal, se não mais naturalista, pelo menos mais “natural” ao caso, causo, no âmbito do sistema complexo de conexões que vinculam a composição da fala do narrador com a construção da sua personalidade.

Enfim, cheguei à conclusão de que um narrador que se exprimisse no *passé simple* daria por demais a impressão de ser manipulado pelo escritor ou pelo transcritor (como se tivesse havido uma pós-edição dos causos) e que isto prejudicaria o caráter mais “imediate” da narração.

Não cabe aqui fazer uma análise comparativa de largo fôlego entre o uso do *passé simple* e o uso do *passé composé*, seja na comunicação em geral ou na composição literária. A escolha entre uma forma e outra para diversas situações enunciativas está condicionada por uma grande diversidade de fatores. Alguns critérios participam da tradição gramatical ou literária, outros de uma escolha estética individual. Na mesma época em que é publicado o romance *L'étranger*, de Marcel Camus, inteiramente escrito no *passé composé*, uma multidão de romances são produzidos em que predomina o *passé simple*. Trata-se, afinal, de escolhas de recursos linguísticos específicos que são condicionadas, mas não necessariamente impostas, pelos contextos linguísticos (ex. as gramáticas) e artísticos (ex. os cânones ou a vontade de ruptura em relação a eles), nos quais se inserem – dado que, globalmente, se trata de usar formas gramaticais diferentes em situações de enunciação bastante similares (pelo menos no caso do uso do *passé composé* para uma ação pretérita)

Uma coisa, porém, pode ser reafirmada sem grande risco de contradição e constituir a base de nossa reflexão sobre a transferência das formas verbais temporais: hoje, no espaço francófono, quase ninguém usa o *passé simple* no âmbito de uma comunicação oral (seja em situações de fala tensa ou distensa).

Não sei dizer aqui exatamente desde quando esta situação vigora, mas o certo é que ela se desenvolveu durante séculos até esta quase total desapareção do *passé simple* dos enunciados de comunicação oral. Não cabe aqui delongarmos muito sobre a complicada evolução linguística (sociolinguística) que levou a tal estado de coisas – i.e. a “postulada” substituição progressiva (?) do *passé simple* pelo *passé composé* nos enunciados orais – ou retrazar a história da “concorrência” entre estas duas formas e identificar os pontos que se destacam, se houve realmente momentos de destaque, nesta história que levou à quase hegemonia do *passé composé* sobre o *passé simple* em praticamente todas as situações de comunicação oral.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Contentemo-nos aqui em dizer que esta constatação irrefragável vai ser nosso postulado (premissa) principal.

Obviamente, seria relevante avaliar esta situação de enunciação não só na época em que foram escritos ou publicados os contos (que sempre influi nas escolhas de ordem linguística), mas também no intervalo de tempo que correspondesse à contação de causos por Blau (o intervalo de tempo abrangendo os eventos relatados não tem muita relevância neste aspecto particular).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº23 – Letras – o e a...

Texto e pretexto: os *Contos gauchescos* no seu conjunto.

Foco do estudo tradutório: relevância dos microssistemas na construção e funcionamento das redes significantes, dificuldades inerentes a sua transferência para a versão estrangeira

De letras e letras: (so/só)letrando ou (de/des)letrando o texto de Simões com vistas a sua tradução

A obra de Simões Lopes Neto se enquadra geralmente, para os autores de histórias da literatura brasileira, na rubrica ‘pré-modernismo’. Ora, a palavra ‘pré-modernismo’ abriga um conceito meio frouxo que tenta etiquetar uma produção literária às vezes francamente “moderna” para seu tempo (e até modernista) nas suas posturas e ambições, mas que deu seus frutos antes do sacrossanto marco consensual (ou não tão consensual assim) que a semana de arte de São Paulo sói representar nos tratados dedicados à história das artes no Brasil³²².

Agora, é dificilmente contestável que haja algo na escrita de Simões já pré-figurativo, se a considerarmos desde certo ângulo, de textos modernistas como *Macunaíma*, e também de outros que poderíamos qualificar de pós-modernistas, no molde de *Grande Sertão: veredas*³²³. Ao mesmo tempo, os *Contos gauchescos* são, logicamente, produto de seu tempo e se encontram, por isso, na encruzilhada de diversas tendências ideológicas e artísticas que estavam se conformando e se “movimentando” (atraindo-se, repelindo-se, hibridando-se, combinando-se, enfim transformando-se) na esfera da produção literária à época da gestação da obra. Vejamos a seguir alguns dos vetores que podem ter orientado a sua escrita.

³²² Como se sabe, a “Semana de 22”, que ocorreu em São Paulo de 13 a 17 de fevereiro de 1922, é considerada como divisor de águas na produção artística nacional e como momento fundador do modernismo brasileiro.

³²³ As afinidades entre os textos dos dois Joãos têm sido apontadas por muitos estudiosos da obra simoniana. Não é somente a evidente semelhança na configuração narrativa (em *Contos gauchescos*, um velho gaúcho rememora causos e episódios de sua existência; em *Grande Sertão: veredas*, um jagunço rememora episódios de sua existência). O que aproxima muito a obra rosiana da obra simoniana são também semelhanças notáveis no uso criativo da língua, no jogo com as palavras, na integração dos regionalismos no projeto artístico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um texto gauchesco?

Do horizonte pampiano a uma visão ocidental, do local ao “universal”

Não falarei mais muito aqui do caráter nitidamente gauchesco do texto de Simões, caráter que se vincula a uma tradição fortemente ancorada nas práticas literárias do sul do continente, até porque nos levaria ainda provavelmente longe demais. Entretanto, vale lembrar que a dita tradição gauchesca se posiciona também, em escala tanto regional (p.ex. o Rio Grande do Sul) como transnacional (a chamada *comarca pampeana* de Ángel Rama), a meio caminho entre uma escritura ainda enraizada no romantismo e outra que segue uma trajetória mais resolutamente orientada pela pauta realista, inclusive em seus desdobramentos de tendência mais ou menos naturalista³²⁴. Ao mesmo tempo em que a obra em prosa de Simões se ate à produção regional, gauchesca, (os contos se reivindicam de fato enquanto contos gauchescos), ela também se inscreve em uma esfera que manifestamente transborde as fronteiras pampianas. Ao mesmo tempo em que se afilia a uma tradução local bastante codificada, essa obra também prefigura tendências “inovadoras” que irão se afirmando com o século.

Em qualquer tentativa de se situar a emergência dos *Contos gauchescos* na corrente artística global (numa história da arte ocidental), haveria de se levar em conta a relatividade do caráter revolucionário nas correntes desta vez “regionais” de criação literária. Conforme se comprovou ao longo da história da arte, movimentos artísticos que eram radicais, ou considerados como tais, no momento em que surgiram, tornaram-se conservadores com o tempo – vide o caso do parnasianismo criticado pelos modernistas, sendo que os mesmos, mais tarde, revisam sua posição, reconhecendo, em modo algo palinódico, a importância da contribuição do parnasianismo para as letras brasileiras. Assim, um texto sempre possui características que “delatam” sua filiação com a produção literária anterior. Ao mesmo tempo, sempre olha para “o que há de advir”, pois outra observação é que os elementos da escrita simoniana que justificam sua contemplação enquanto pioneira, e pré-figurativa de uma produção literária mais tardia, são, na sua maioria, simplesmente e fundamentalmente “ingredientes” da boa arte, sem consideração de tempo ou espaço (como as peças de Shakespeare se revelam pioneiras e inovadoras a cada leitura). Enfim, mesmo sendo um texto gauchesco, os contos de Simões também contêm elementos românticos, realistas, naturalistas, “modernistas”, etc., não se deixando reduzir, como toda boa literatura, por rótulos e categorias.

³²⁴ Na verdade, as mesmas tendências que impactam os rumos da produção literária no mundo ocidental.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um texto realístico?

De cima para baixo. De *Price and Prejudice* para *Los de abajo*

Como é sabido, o realismo é inovador em aspectos primordiais como profundas mudanças no objeto e no tom³²⁵, passando, do enfoque sobre as vidas de personagens representativas das camadas mais favorecidas da sociedade, a incluir personagens de classes socioeconômicas menos favorecidas e até desfavorecidas. Entretanto, no momento em que o realismo “madurece”, “envelhece” e chega a ser considerado como porta-voz, no mundo das artes, de uma visão essencialmente burguesa do mundo, ele se enfrenta com outras tendências, autoproclamadas “revolucionárias”, “jovens”, que o integram, mas também, ao mesmo tempo, o contestam. Acresce que no momento em que se publicam os *Contos gauchescos*, estamos em plena “era, ou voga, dos ismos”: o positivismo, o cientificismo, e uma sorte de contrarreforma artística que se expressa através de movimentos como simbolismo, futurismo, expressionismo, dadaísmo e surrealismo que se sucedem um ao outro ou se desenvolvem simultaneamente, contando também com aqueles desenvolvimentos mais tardios do letrismo e do concretismo que conhecemos tanto no Velho Mundo quanto no Novo. Isto para enfatizar o caráter justamente **pré-modernista** da escrita simoniana, caráter que destaca a obra, como veremos a seguir, entre tantas outras, de fama muito mais efêmera, que lhe foram contemporâneas.

Um texto naturalista?

Da mesma forma que os contos de um Javier Viana indicam inegável influência da visada naturalista³²⁶ (considerada desde uma perspectiva mais abrangente), os *Contos gauchescos* também exibem muitos aspectos que se podem associar com aquela grande corrente artística e filosófica, inovadora apesar de corresponder ainda a uma vertente do realismo, na medida em que se preocupa com o determinismo social e natural e se empolga numa descrição minuciosa das modalidades da condição humana dentro de um quadro histórico-geográfico reduzido.

³²⁵ Como sempre é mais uma questão de proporção e de acentuação de tal ou tal elemento na construção. As peças da Grécia antiga, as peças de Shakespeare apresentam personagens populares muito relevantes, mas eles não chegam a ser os protagonistas da ação (cf. Falstaff em “Henry V”).

³²⁶ Cabe guardar presente na mente, que Simões Lopes é contemporâneo de um Coelho Neto, de um Euclides da Cunha (1866-1909), de um Astrogildo Pereira, de um Manuel Bonfim e de um Artur e um Aluísio de Azevedo (1855-1908; 1857-1913). No plano político, há uma difusão das ideias marxistas através da ideologia comunista ligada à revolução russa. É impossível dizer que não haja tido influência mutual entre estas duas esferas de atividade humana que são a política e a arte (no caso, a literatura). Um Astrogildo Pereira talvez personifique essa conjunção na trajetória pessoal. Grande admirador de Machado de Assis, ele participa intensamente da construção do partido comunista no país. No Brasil, um Coelho Neto se aproxima do projeto naturalista.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A presença massiva das comparações zoomorfixantes na literatura gauchesca seria, aliás, um dos traços mais evidentes que a aproximam, como um todo, do “estilo naturalista”³²⁷. A insistência sobre o papel determinante do meio sobre o destino individual e coletivo seria outro, também conspícuo.

Mas isto não quer dizer – e aqui vem uma evidência, pois, afinal, vale para qualquer obra literária – que os *Contos gauchescos* se constituem em um texto exclusivamente naturalista. O trabalho de Simões apresenta elementos que o aproximam também da produção romântica mais recente (em relação com a publicação dos *Contos*). Muitas características da obra “regionalista” de José de Alencar ou de Eduardo Acevedo Días se encontram nele, mas com uma desênfase notável e lógica de algumas delas, lógica no se considerar a defasagem temporal, por exemplo, entre a produção de *O gaúcho* ou *Grito de glória* de um lado e *Contos gauchescos*, do outro. No momento em que se escrevem os *Contos gauchescos*, salientam entre os movimentos artísticos que adquiriram mais visibilidade no mundo das letras, o parnasianismo, o simbolismo, tanto nas suas formas ocidentais – pensando-se em poetas como Mallarmé ou até Artur Rimbaud – quanto nas suas formas americanas – pensando-se no caso do “colorismo” de um Ruben Dário – mas lembrando também que um dos poetas mais reconhecidos e bem-sucedidos do Brasil daquela época foi Olavo Bilac (1865-1918) habitualmente considerado como o maior expoente do parnasianismo brasileiro.

Um “naturalismo simbolista”: de Letras e letras

O uso da significação da letra não é algo exclusivo da época pré-modernista e modernista. Como é o caso para a maior parte das características que presidem à categorização da produção de tal ou tal autor ou tal ou tal artista, a identificação de traços estilísticos específicos é muito mais uma questão de ênfase e visibilidade (ou até ostentação), do que de mera ausência ou presença de tal ou tal fenômeno particular, quer, aliás, na esfera da expressão literária, quer em outros domínios da expressão artística. Para escapar desta dicotomia do há ou não há (tal ou tal traço estilístico), um modo de se considerar a relevância da grafia na significação/significância do texto consistiria, pois, em partir de outra dicotomia e se posicionar num feixe que prendesse simultaneamente uma visão contemplando a escrita na sua dimensão de vector do sagrado, e outra contemplando-a no seu uso, digamos, mais profano.

³²⁷ É o uso que os naturalistas fazem do recurso da comparação animalizante que os distingue neste respeito e não o recurso por si, o qual se encontra em toda a produção literária, desde seu início. A influência do fantástico que ameaça, mas não vinga em *Contos gauchescos* e um pendor para o sombrio (expressionismo que se encontra localmente na prosa de um Horácio Quiroga, cf. “Anaconda”) transformam os traços naturalistas, provavelmente sob influência também de Edgar Allan Poe. *Die Verwandlung*, de Kafka, é publicado em 1915.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com efeito, não custa acrescentar que essas duas dimensões, o sagrado e o profano, se combinam sempre no uso concreto do recurso. Darei dois exemplos aqui, no tocante ao uso e interpretação das letras, lembrando a propósito esta declaração de Olavo Bilac, contemporâneo de Simões Lopes Neto: “A Pátria não é a raça, não é o meio, não é o conjunto dos aparelhos econômicos e políticos: é o idioma criado ou herdado pelo povo”. Não faltam, aliás, argumentos para se aduzir à noção de que o canto da língua é o elo talvez máximo entre o homem e a querência. Pensando no episódio do sabiá que ocupa bastante espaço no conto “O duelo dos farrapos”, também pensamos naquelas páginas do *Populariu*, nas quais Apolinário Porto Alegre, sempre pioneiro e que talvez tenha legado parte de sua imensa curiosidade intelectual para Simões Lopes Neto, naquelas páginas, digo, nas quais o mestre da casa branca se delonga, sintomaticamente, em um estudo comparativo entre aspectos da fala humana (em particular a vogal ‘i’) e elementos do canto dos pássaros.

O caráter sagrado da palavra escrita na própria forma dos caracteres do alfabeto, o caráter profano, sem que haja uma separação estanque entre os dois: o verbo e a letra

Em ligação com o caráter sagrado da escritura, lembramos, por exemplo, que as práticas da cabala em matéria de codificação e de decodificação (exegese) dos textos (os textos sagrados justamente) incluem uma interpretação das unidades menores que constituem o texto, ou seja, os grafemas. No momento em que Simões escreve seus contos, haveria uma afloração ou reaflorescimento do complexo ideológico que subjaz este tipo de enfoque, ou seja, uma mudança de perspectiva que correspondesse a uma re-ênfase desde o signo global para a unidade menor, esta sendo realçada enquanto signo também de pleno direito e cuja importância se justifica pela natureza mística do verbo (as letras enquanto “mana” ou “maná” de essência divina).

Seria um novo episódio de uma concepção atomista do mundo, inclusive nas suas representações gráficas. James Joyce, por exemplo, vale-se, para construir seus textos, de esquemas complexos que atribuem significação própria a determinadas letras. A título de ilustração, lembramos que, no romance *Ulysses*, o narrador chama várias vezes a atenção do leitor sobre o fato de o ‘t’ da palavra ‘hat’ ter-se apagado com o tempo na fita que debrua o interior do chapéu de Bloom. Esse ‘hat’ sem o ‘t’, (‘ha’), reaparece sob diversas formas no texto, como o ‘ba’, ‘bat’ sem o ‘t’, aquele morcego que invade de repente a consciência do narrador. Ora, nessa ausência do ‘t’, há sem dúvida uma alusão (nem que seja pela mera forma da letra ‘t’) ao fato de Bloom atravessar um período bastante complicado no relacionamento com a mulher e se encontrar, em relação com isso, em estado de impotência (não tem sexo com a mulher, mas se masturba).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como estamos em pleno boom do stream of consciousness, pode se supor que quem faz a conexão não explicitada entre sua incapacidade de se relacionar fisicamente com a esposa é o próprio Bloom. Mas, os esquemas gráficos no romance vão bem além deste tipo de detalhe. Aparecem, por exemplo, na combinação das letras b e a, ('abba', combinado com o 'ba' sem 't' do morcego) leva também a uma reflexão sobre os fundamentos profanos (pai) e sagrados (Deus pai) da vida humana.

Um texto “modernista”: “Letrismos” (?) na obra de Simões

Sabemos que Simões fora amante e praticante do trocadilho, ou mais geralmente, do malabarismo com as sonoridades das palavras, sob todas suas modalidades. Inclusive, isto se vê nitidamente em seu trabalho teatral. No meu entendimento, deve-se tanto a um pendor pessoal para o jogo com a linguagem quanto a uma tendência ou “retendência” no uso e na colocação ostensiva deste recurso na literatura da época. Lembrando que Artur de Azevedo escreve sua peça *Amor por anexins* em 1872, vemos imediatamente que existe de fato um nexos entre a prominência de certos procedimentos escriturais em relação a outros e o que se costuma chamar de *Zeitgeist*. O trocadilho é um recurso tradicional no teatro, seja cômico ou não, e as peças de Aristófanes ou de Shakespeare são repletas de jogos de palavras, mas haveria na época uma recrudescência no uso poético do recurso que, postulamos, estivesse vinculado, entre outros fatores, com a nova ênfase (re)colocada pelos escritores sobre a natureza profundamente ambígua da linguagem. De certa maneira, o realismo, que se depreende por parte do positivismo e do cientificismo vigentes na época, ignora a pertinência de se interrogar sobre a “composição letrista” das próprias palavras (a sua dimensão simbólica) e este é um dos pontos que boa porção da chamada literatura pré-modernista se teria empenhado em reinscrever no centro das práticas escriturais e da reflexão artística.

Os jogos de palavras existem nos textos românticos e, depois, nos textos realistas, é verdade, mas não se manifestam neles com a mesma “conscientização de si mesmos” (enquanto recursos artísticos) que exibem em textos pré-modernistas, modernistas, pós-modernistas. Quando o simbolismo se erige em oposição ao neoclassicismo do parnasianismo, ele continua uma tendência que vai se desenvolver em movimentos sucessivos como o futurismo, o surrealismo, e mais tarde, o letrismo ou mesmo o concretismo. Há evidentemente correspondências entre o pensamento filosófico, a evolução da ciência, e o desenvolvimento de teorias sobre os mecanismos profundos do funcionamento humano. Freud, aliás, enfatiza o trocadilho como recurso privilegiado do subconsciente, em particular no trabalho onírico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Um movimento literário como Oulipo, mais tarde, se reconhece no trabalho dos Grands Réthoriciens. Escritores como Zola, embora naturalistas, demonstram nas suas práticas grande preocupação com certos aspectos simbólicos das palavras (com Zola, isto se vê em particular, na escolha dos nomes de personagens).

O caso/causo das letras

Bom, Simões Lopes vale-se frequentemente da polissemia das palavras ou das possibilidades que permitem fenômenos de ressonância ou de reverberação decorrentes de semelhanças físicas entre os significantes. Estas ressonâncias ou reverberações ocorrem não somente ao nível dos vocábulos, mas também em escala maior, nas interconexões formais entre segmentos frásticos de comprimento variável, e em escala menor, entre morfemas, inclusive entre caracteres (destacarei o papel do ‘a’ e do ‘o’ no conto “O Negro Bonifácio” comparando-o ao que ocorre na peça *Jojó e Jajá e não Ioiô e Iaiá* escrita pelo mesmo Simões). Agora, basta ler obras imediatamente anteriores aos *Contos gauchescos*, como os textos do *Populário* de Porto Alegre, por exemplo, para dar-se conta de que aquele momento, tão próximo, no tempo, das tendências simbolistas que se manifestaram em todos os cantos do espaço artístico ocidental, era propício a uma recrudescência de interesse para o papel das letras (a, b, c,...) na escrita (vide o poema *Les voyelles* de Arthur Rimbaud).

Então, de certo modo, bem como se fala da iconicidade das palavras (cf Haroldo de Campos e suas metáforas instigantes), haveria, com efeito, uma iconicidade das letras. Ela é evidente quando há uma referência em aberto à forma do caráter (o ‘t’ ausente, mencionado acima, como remissão à virilidade comprometida de Bloom em *Ulysses*, mas também toda aquela tradição que vai desde o uso das letras em coligação com sua origem ideográfica, passando pela cabala, até as tendências ‘letristas’ em práticas poéticas mais recentes). Entretanto, talvez não seja tão evidente este caráter iconizante da letra quando se trata de referências mais encobertas como o jogo do ‘o’ e do ‘a’ assinalado no parágrafo anterior. Na verdade, naquelas ocorrências, os adjetivos ou substantivos escolhidos pelo escritor são “epicenos³²⁸” (‘maleva’, ‘taura’, ‘caipora’), mas o sufixo ‘a’ não deixa por isto de poder “significar” o gênero das

³²⁸ Tomo a palavra ‘epiceno’ no sentido de uma palavra epicena ser suscetível de designar ou qualificar tanto um sujeito masculino quanto um sujeito feminino (taura, caipora, maleva), mas não corresponde exatamente, em geral, à definição que os dicionários genéricos dão do termo. Exemplo: Houaiss: “epiceno adjetivo e substantivo masculino Rubrica: gramática. diz-se de ou substantivo (designativo de animais) com apenas um gênero (p.ex.: a onça, o jacaré) [Quando necessário especificar o sexo do animal, juntam-se ao substantivo as palavras macho ou fêmea: gavião-macho, gavião-fêmea; o macho/a fêmea do jacaré.]”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

palavras em geral. O mesmo poderia se dizer no que diz respeito ao ‘e’ em francês, onde a vogal serve como terminação de muitos adjetivos “epícenos”, mas é também um recurso de generalização (atribuição de gênero) do vocabulário – o que se verifica na gramática e até na versificação, uma vez que se fala de *rimes féminines* quando as palavras rimantes se terminam em ‘e’³²⁹.

Heterogeneidade culposa ou até dolosa no tratamento

Vi ou pensei ver uma manifestação do uso da iconicidade na valorização (ou suposta valorização) de tal ou tal letra no texto, e tentei levá-la em conta (taura → taure), mas esta consideração se fez de maneira muito pontual e não fui capaz de generalizar o procedimento ao conjunto do texto. Daí falta inegavelmente consistência no tratamento do fenômeno, com algumas tentativas aqui e acolá, mas sem homogeneidade global quando se contempla a tradução da coletânea íntegra. É sem dúvida semelhante falta de consistência no tratamento a maior objeção que se possa fazer a este tipo de escolha tradutória (taura → taure), dado que somente concernirá àquelas ocorrências que o tradutor terá identificado e ressaltado, sempre de maneira muito subjetiva. Evidentemente, há casos (como o ‘t’ joyciano apontado *supra*) que exigem consideração, e tratamento especiais, mas, de maneira geral, são estes elementos textuais aspectos da escrita a que os tradutores soem ser muito mais atentos quando traduzem textos breves, em geral poemas ou poemets, do que quando vertem romances ou novelas.

São inumeráveis os estudos sobre a significação simbólica das letras, ressaltando mais uma vez, visto nosso contexto, os trabalhos de Apolinário Porto Alegre sobre o ‘i’ (vide *O Popularium*). Claro que isto é derivado de uma longa tradição que ressurgue esporadicamente, ou não tão esporadicamente assim e que tivesse a ver com alguma dimensão sagrada da letra.

Na cabala, a exegese das escrituras sagradas pode envolver esquemas simbólicos que mobilizam anagramas, transposições de letras e também a atribuição de valores numéricos às letras do alfabeto hebraico e de significado aos números. Sou ignorante no assunto, mas o certo é que o caráter “motivado” dos grafemas, seja lá o que for a fonte desta motivação (inspiração divina ou processo de sedimentação da escrita), bem como a dimensão cratílica das palavras, são temas que percorrem nossa relação com a escrita e a linguagem desde tempos imemoriais e que nos trazem questionamentos até hoje. Já tenho aqui minha transição com o próximo capítulo que tratará da “significância” dos números no texto literário.

³²⁹ Em 1968, Georges Pérec chegará a escrever um romance inteiro, *La Disparition*, valendo-se unicamente de palavras nas quais não consta a letra ‘e’.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Algumas observações sobre o uso das letras ‘o’ e ‘a’ no conto “O Negro Bonifácio”

“O Negro Bonifácio” pode ser lido, entre muitas outras leituras possíveis, como um texto sobre a identidade, tanto do ponto de vista individual quanto do ponto de vista coletivo. Quer dizer, o que faz com que nós sejamos nós na comunidade ou fora da comunidade onde vivemos: inclusive as marcas identitárias em caráter étnico, sexual, social, etc. que em grande parte já vêm prontas ao nascer, “pré-conceituadas” por assim dizer, e que não nos deixam muita escolha.

O título do causo já encerra três elementos muito relevantes neste respeito: o ‘o’ do gênero, o ‘negro’ da “compartimentagem étnica” (com suas implicações socioeconômicas, de estatuto, etc.), o ‘Bonifácio’, enfim, que supostamente é o “NOME” da pessoa e a situa, em algum modo, dentro do grupo social. As páginas seguintes vertem, portanto e principalmente, sobre as modalidades de marcação da identidade, tais como elas estariam inscritas no texto dos *Contos gauchescos*, e examinam em particular a questão dos antropônimos como elementos plenamente participantes da caracterização das personagens. Como é o caso para todos os aspectos examinados nesta série de estudos, o comentário pretende abordar tanto a questão da interpretação destes antropônimos (o que significam em “O Negro Bonifácio”) quanto o problema de sua transferência. Devem ser mantidos, podem ser alterados, em que medida, com que critérios, etc?

Se o negro era maleva? Cruz! Era um
condenado!... mas, taura, isso era,
também!

Quando houve a carreira grande, do
picaço do major Terêncio e o tordilho do
Nadico (filho do Antunes gordo, um que
era rengo), quando houve a carreira, digo,
foi que o negro mostrou mesmo pra o que
prestava...; mas foi caipora.

Escuite.

A Tudinha era a chinoca mais
candongueira que havia por aqueles
pagos

TUDINHA NADICO BONIFÁCIO

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O “o” e o “a” da questão (ou na questão) da transferência dos antropônimos para a versão estrangeira

Introdução e contextualização –

O índio Afonso³³⁰, A escrava Isaura, El gaucho Martín Fierro, etc... O Negro Bonifácio: identidade étnica e estatuto social, o etnônimo enquanto parte integrante do antropônimo.

Um conto sobre a identidade negra? Um negro no meio dos caboclos? El gaucho negro Bonifácio?

À primeira leitura dos *Contos*, parece que não sabemos muito sobre a « identidade étnica » do narrador, Blau Nunes. Nas *Lendas do Sul*³³¹, no entanto, Blau informa o eremita seu interlocutor e adjuvante – e informa o leitor pelo mesmo ensejo – que tivera uma avó charrua, o que faria dele ou um índio ou um mestiço. Dado o quadro histórico e ideológico em que se encaixam os *Contos*, soa mais “lógico” pensar que Blau aparece no horizonte literário do sul das Américas como mais uma ficcionalização do tipo do caboclo, ou seja, de um tipo “étnico” originado da miscigenação dos europeus – ibéricos, espanhóis ou portugueses principalmente – e dos indígenas. Blau se inscreveria assim dentro de uma linhagem que se estende desde as primeiras representações literárias do mestiço no contexto da produção cultural americana até personagens como o jagunço Riobaldo de *Grande Sertão veredas*, o policial Getúlio de *Sargento Getúlio* (o qual, a bem dizer da verdade, é uma sorte de jagunço também), o político Artêmio Cruz do romance de Carlos Fuentes, e, na verdade, tantos outros. A sua representação coalesce num mesmo “ser” os caracteres nativo e adventício.

³³⁰ *O índio Afonso* é um livro de autoria de Bernardo Guimarães publicado em 1872. Primeiro, há a composição do título do romance que me parece indicar certa “tendência” na nomeação das personagens, em particular dentro de títulos de obras literárias, porventura própria da época e suscetível de poder ser associada à escolha de Simões para encabeçar seu conto. Segundo, há o teor do prefácio assinado pelo escritor, no qual ele, Bernardo Guimarães, apresenta a obra como sendo o relato de histórias que tivesse ouvido no curso de suas peregrinações pelos sertões das Minas Gerais e de Goiás. *A escrava Isaura* também é um romance de Bernardo Guimarães, este publicado em 1875, e que lhe assegurou fama no contexto da campanha abolicionista da época. Novamente, repara-se na semelhança dos títulos, do ponto de vista da sua construção e de seu alcance semântico.

³³¹ É outra coletânea, certo. Contudo, existem inegavelmente vínculos estreitos entre os *Contos* e as *Lendas*, nem que fosse, justamente, porque o protagonista do texto mais comprido que inaugura a série das lendas, “A salamanca do Jarau”, não é ninguém outro que o vaqueano Blau Nunes. Visto o caráter integrado do conjunto da produção escrita de Simões, cabe, a meu ver, contemplar os *Contos* e as *Lendas* como um mesmo espaço de projeção da inteligência e fantasia criativas do autor, no qual confluíssem, portanto, o imaginário e o artístico.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Índios, brancos, negros e caboclos

Também se inscreveria Blau, enquanto mestiço e gaúcho, num ramo daquela linhagem cujo protótipo poderia ser o gaúcho Martín Fierro de José Hernández. Seria um protótipo que, nota-se de entrada, sempre parece se distanciar de maneira ou outra de qualquer alusão a uma possível origem afrodescendente – pelo menos no que diz respeito à identidade étnica do gaúcho argentino, pelo menos tal como este foi idealizado, em particular, pelos autores da chamada literatura gauchesca.

Com efeito, não parece se poder cogitar uma origem africana, mesmo que parcialmente, para Martín, embora haja personagens negras de relevância no poema – especialmente na segunda parte, com a inclusão de uma pajada entre Martín e o irmão do negro que ele, Martín, assassinou na primeira parte. Em contrapartida, ainda que não seja informado nada de específico quanto à ascendência de Martín, à diferença, portanto, do que acontece no caso de Blau Nunes, podemos observar que aquele, apesar de uma repulsão irreprimível para com a sociedade indígena que o acolhe, adapta-se relativamente bem ao convívio daqueles que qualifica de “salvajes”, pelo menos tão “bem” como viveu na sociedade dos brancos ou, melhor dito, dos “não-índios” e supostamente civilizados.

Em comparação com essa ênfase manifestamente colocada sobre o elemento indígena na formação étnica do gaúcho rio-grandense que se pode ler nas linhas e entrelinhas da obra simoniana, vale acrescentar que, objetivamente, não há muitas personagens negras que se destacam nela.

“O Negro Bonifácio” e “O Negrinho do pastoreio” são de fato os únicos relatos no conjunto dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do sul* cujos protagonistas são “claramente” assinalados como sendo de estirpe africana. Por isso, o comentário acerca da interpretação e da tradução deste conto não podia deixar de lado a questão da “racialização” do discurso na história (do Brasil e do Rio Grande do Sul) e na estória³³² (de Bonifácio e de sua amante), ou seja, no entrelaçamento linguístico e narrativo, ou narrativo e discursivo, especialmente no que tange à representação do *éthos* e da organização social vigentes no pampa, os quais servem de enquadramentos maiores para a ambientação dos casos, delimitando os horizontes miméticos.

³³² Esquematisando, seria como (bi)focar a inserção dos *Contos* na História e a inserção da História nos *Contos*: i.e. mais ou menos, as modalidades segundo as quais o narrativo se prende ao “discursivo ambiente”, e como o “discurso ambiente” se prende ao narrativo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O negro

A apresentação, a caracterização, de Bonifácio começa de certa maneira no próprio título do conto, título cuja “proclamação”, imaginamos, não constaria necessariamente de uma situação de relato oral, i.e. de contação de causo ao pé do fogão.

Obviamente, nota-se neste título que Bonifácio é apresentado pela cor de sua pele; ou seja, porque ele, enquanto personagem, destaca-se na sociedade e no seu ambiente por essa característica na sua aparência física (que representa ao mesmo tempo, outros traços habitualmente associados ao grupo étnico em questão), assim se destaca ele também como personagem no título da estória que relata o que lhe aconteceu, em parte, aliás, por ser, justamente, negro. Vemos a “ordem” que preside, pois, a esta apresentação da personagem.

Temos, então, seguindo-se, menções diretas a três elementos constitutivos da construção personagística:

- “O”: é homem, é macho, é o sexo ou gênero;
- “Negro”: é negro, é a cor da pele enquanto distintiva da cor de pele de outras personagens;
- “Bonifácio”: é o nome.

Ou será que o nome inteiro é mesmo “O Negro Bonifácio” com “todos seus atributos”?

Observa-se que a ordem na qual nos estão apresentadas as qualificações da personagem é significativa por si mesma: 1. sexo: macho; 2. cor: negro; 3. nome: Bonifácio³³³.

O

O conto de Simões Lopes Neto não começa com um A, com um alfa. Arranca com um mega O, ou um O mega, o do Negro Bonifácio. Se o conto tivesse terminado nestas palavras “a piguancha beijuda”, daí teríamos tido mais uma marca de reversão, de α para ω ; porém, ele se termina com a colocação “velho sorro”, no final de uma oração, que, seja dito de passagem, contém mais ‘a’ (13) do que ‘o’ (10).

Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma coisa³³⁴... tudo é bicho caborteiro...; **a** mais **santinha** tem mais **malícia** que um sorro velho!...

³³³ É quase a ordem das informações reportadas numa certidão de nascimento daquela época, lembrando que a menção da cor do indivíduo somente desapareceu das certidões brasileiras nos anos 1970.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Condizente com esta introdução feita pelo determinante (um artigo definido, nota-se bem), algo que se salienta também neste título do conto talvez seja a ênfase, que eu pelo menos acho particular, colocada sobre a masculinidade da personagem mediante a repetição do signo “o”: **O Negro Bonifácio** (apesar deste ‘á’ acentuado!). Falarei adiante com mais detalhe sobre uma possível significação específica das vogais “a” e “o” na escrita de Simões, mas já temos aqui algum sinal, creio, de um uso porventura incomum destas terminações (e dos morfemas correspondentes em geral), que se repete com bastante frequência na obra e cujo paradigma se encontrasse em parte, para mim, conforme insisti alhures, na composição do texto da peça de teatro intitulada “Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá” (1901). Evidentemente, este traço escritural é suscetível de trazer, como veremos, repercussões para a tradução.

Negro

‘Negro’ como prenome (pré-nome), nome, e pronome (pró-nome) da personagem

Nota-se ademais a maiúscula no começo da palavra “Negro” tal como aparece no título, como se o nome completo da personagem fosse mesmo “O Negro Bonifácio”. Examinaremos, aliás, como se vai operando ao longo do caso uma sorte de antonomasia, a qualidade mais notável de Bonifácio – aos olhos da sociedade, ou dos “quatro brancos” que o “juraram” pelo menos³³⁵ – substituindo-se ao nome da personagem.

O título faz preceder Bonifácio de “O Negro” e, efetivamente, ao se referir à personagem, Blau passa a usar “O negro” ou “o negro” como se fosse esta designação o “verdadeiro” nome da personagem. Afinal de contas, “o negro Bonifácio” e depois “o negro” funcionam um pouco como “o major Jordão”, referido por “o major” ou “o cadete Vieira”, referido por “o cadete”, depois da primeira ocorrência em outros contos. “O negro” é, portanto, título a vários títulos e funciona, no contexto deste caso, quase que como uma patente (de lanceiro farroupilha?).

³³⁴ São vários os contos que se encerram com uma oração na qual consta a palavra ‘mesmo’, aqui, logicamente, na sua forma feminina ‘mesma’. Por exemplo, lemos no final de “o boi velho”: “- Cuê-pucha!... É mesmo bicho mau, o homem!” e no de “Os cabelos da china”: “atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...”. O que é o mesmo, o que não é o mesmo?

³³⁵ Como em “Deve um queijo!”, cabe frisar que a qualidade mais destacada de Bonifácio, na relação que Blau faz para seu ouvinte, é sua coragem física, sua machidão, enfim sua “gauchitude” (ou “gaúcho atitude” como se encontra em ensaios sobre a cultura pampiana), o que é condizente, justamente, com a ordem acima assinalada. Bonifácio é, primeiro, homem, macho, segundo, negro, descendente de escravo, e terceiro, Bonifácio, maleva e feio, ou seja, uma característica, o nome, externa em aparência a seu ser – veremos que o nome não foi escolhido ao acaso, pois estamos lidando com literatura.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

À diferença de Bonifácio, vale observar que Nadico é principalmente designado por seu nome, apesar de Blau fazer questão de mencionar que ele faz parte dos “quatro brancos” e, por este meio, nos informar algo sobre a identidade étnica de Nadico. Convém reparar todavia que nunca Nadico é referido como “o branco” e que a identidade étnica neste conto se reduz em aparência, epidermicamente por assim dizer, a uma questão de cor de pele.

O a do o

Curiosamente (ou não... como veremos), à continuação, Blau usa uma sequência de três adjetivos terminando com a letra “a” para qualificar o negro Bonifácio, o que pode ser bastante significativo se levarmos em conta que Bonifácio é destinado pelo relato a ser capado, ou seja a perder seu ‘o’, e que Blau, fiel aos rodeios tradicionais do contador de casos, costuma introduzir logo no começo de suas narrativas índices do que está por “acontecer” (cf. “Deve um queijo!”). É uma figura clássica da estratégia narrativa dentro do sistema de prolepses e de analepses descrito por Gérard Genette em seus tratados de narratologia, o narrador se adiantando e retrocedendo em movimentos mais ou menos complexos ao longo do seu relato. Nos *Contos gauchescos*, o caráter proléptico da narração pode dar a “ver”³³⁶ ou dar a “entrever”³³⁷ ou “retrover”³³⁸. O interessante é que isto se dá aqui pela linguagem.

³³⁶ Exemplo: a primeira oração de “Os cabelos da china”, “Vancê sabe que eu tive e me servi muito tempo dum buçalete e cabresto feitos de cabelo de mulher?” claramente antecipa sobre a sequência do relato (em se tratando, por conseguinte, da organização narratológica/cronológica no que tange ao ordenamento das informações fornecidas pelo narrador). É claramente uma escolha do narrador de revelar para seu ouvinte uma informação chave, de entrada, ao iniciar seu caso, ou, mais adiante, em algum momento pivô no desenrolar da sua narrativa. Explico alhures porque isto pode ter implicações nas escolhas tradutórias, citando, entre outros, o segmento “E ajeitou na cabeça do cavalo um buçalete e cabresto preto, de cabelo, trançado na perfeição. Nunca me passou pela ideia cousa nenhuma a respeito...”, no qual a palavra “cabelo”, naquela altura do relato, há de ser entendida antes como cabelo de cavalo do que de mulher.

³³⁷ Exemplo: em “Deve um queijo!”, podemos ler a oração seguinte: “Este fulano era um castelhano alto, gadelhudo, com uma pera enorme, que ele às vezes, por graça ou tenção reservada, costumava trançar, como para dar mote a algum dito, e ele retrucar, e, daí, nascer uma cruzada de facões, para divertir, ao primeiro coloreado...”. Agora, esta informação não funciona exatamente como a precedente, sempre do ponto de vista da organização entre ordem narratológica e ordem “cronológica”. De fato, é efetivamente mais ou menos o que vai acontecer com o episódio da justa verbal entre o castelhano e o velho Lessa, notadamente no que o brevíssimo diálogo se organiza ao redor de duas palavras pivôs: ‘Canguçu’ e ‘pera’. Entretanto, tudo acontece como que a revês, visto que é o castelhano que provoca o velho rio-grandense e é também o castelhano que recebe uma correção — aliás, sem que haja necessariamente muito sangue vertido já que a surra é dada com a prancha do facão.

³³⁸ Exemplo: perto do desfecho da sua narração, Blau nos revela que: “Mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amansiar a Tudinha; que ao depois tomara novos amores com outra fulana, uma piguanha de cara chata, beçuada”. É uma informação que assume conspicuamente caráter retrospectivo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Bonifácio: um negro maleva, taura e caipora

Que os três adjetivos usados por Blau nas primeiras frases de apresentação de Bonifácio se terminem com a letra ‘a’, portanto, não me parece poder ser completamente fortuito e eu tenderia a lhes atribuir um papel algo “premonitório” (no sentido de que nos deixa “pressentir”, enquanto ouvintes ou leitores, algo que pode vir a suceder).

“Se o negro era maleva [...] ...mas, taura, isso era, também ! [...] mas foi caipora”.

Mas voltaremos a este ponto mais adiante. O que julguei especialmente relevante nesta altura da discussão era de colocar em evidência alguns elementos que mostram como o antropônimo é um componente integrado ao conjunto de qualificações que caracterizam as personagens, entre elas a origem étnica, o estatuto, a condição socioeconômica, etc.

Da mesma maneira que O Negro se define por contradistinção com os quatro brancos (ou Tudinha por contradistinção com Nadico, mas retomarei o assunto adiante), ele também adquire definição na diferenciação – que se cria na representação das personagens – entre Bonifácio, o negro, e Tudinha, a misturada (?).

O negro e A china

Logo a seguir a apresentação do Negro Bonifácio, temos a apresentação da china Tudinha por Blau Nunes, que seria, pois, a segunda personagem tanto na ordem por ocorrência quanto na ordem por relevância do conto:

“A Tudinha era a chinoca mais candongueira [...] chinoca airosa, lindaça como o sol, fresca como uma rosa.”

Ou seja, deparamo-nos agora com uma “caraterização” decididamente em a da Tudinha, numa formulação que talvez tenha sido pensada para enfatizar, precisamente, a feminilidade da antiga namorada do negro. Isto, enquanto já parecia se perfilar na fala de Blau algo de potencialmente comprometedor ou ameaçador para a masculinidade de Bonifácio, um pouco como se os “as” de Tudinha tivessem sorrateiramente irradiado dela, fluído e invadido de alguma maneira a substância da personagem masculina, “contaminando-o” mediante os “maleva”, “taura”, “caipora” usados para qualificar e caracterizá-lo. De fato, temos abundância de ‘o’ na primeira “oração” de apresentação de Bonifácio (o título), temos abundância de ‘a’ na primeira “oração” de apresentação de Tudinha, mas entre estas duas, surgem, intercalados, três adjetivos em ‘a’ (adjetivos de dois gêneros) empregados para continuar a apresentação de Bonifácio e...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a

a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o a o

... Pode ser que minha leitura esteja enviesada, (mas que leitura não o é, em algum grau ou outro?), pode ser que eu exagere na interpretação e seja enganado por minha vontade de ver aspectos no texto que não necessariamente constam nele, mas também acho singular, a seguir estas primeiras informações, a abundância de ‘o’ na continuação da apresentação de Tudinha.

Acontece em todo caso que esta abundância é condizente, na linha de interpretação enfeitada aqui, com uma leitura que ressaltasse o motivo da inversão dos papéis das personagens no conto (Bonifácio perde o “**facão**”, e Tudinha se apodera dele) e, portanto, não poderia ser completamente descartada como mera coincidência (o que talvez seja mesmo). Lembro que me apoio para esta leitura do texto não somente sobre elementos de “O Negro Bonifácio” como também sobre componentes escriturais que ficam, a meu ver, bem mais manifestos em outros trabalhos de Simões, como os textos das suas comédias, por exemplo, (novamente, *Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá* em particular). “**Os olhos** da Tudinha eram assim a **modo** olhos de veado-virá, **assustados: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos...** Pareciam **olhos** que estavam sempre ouvindo... Ouvindo mais, que vendo... Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo;”

“Generorigem” – procedência e definição socioétnica e sociolinguística

Outra observação, concernente à apresentação de Bonifácio e Tudinha, fora a marcação particular dos gêneros, diz respeito à origem do significante enquanto elemento de significação.

Maleva, taura e caipora são três regionalismos.

O primeiro termo, ‘maleva’ é um regionalismo rio-grandense, provavelmente um platinismo, posta a existência da palavra *malevo* com sentido idêntico no léxico rio-platense³³⁹.

³³⁹ No *Diccionario da Real Academia de España*: “**malevo**. Arg., Bol. y Ur. p. us. Maleante, malhechor. 5. m. Arg. Hombre matón y pendenciero que vivía en los arrabales de Buenos Aires”, lembrando que boa parte dos verbetes correspondentes a platinismos no DRAE provém quase que diretamente do trabalho de Daniel de Granada que os compilou no seu *Vocabulário Rioplatense Razonado* (por sua vez em diálogo com Beaurepaire Rohan). Vale ressaltar que existe a palavra “malevo”, a cujo verbete remete, aliás, o verbete correspondente a “maleva” tanto no Aurélio [[Var. de malevo.] Bras. RS **Pop.**] quanto no Houaiss [Regionalismo: Rio Grande do Sul. Uso: informal. m.q. malevo]. Simões preferiu valer-se, como é o caso de ‘taura’ e de ‘caipora’, de uma palavra que consta nos dicionários como sendo: “adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O segundo, ‘taura’, é igualmente um regionalismo rio-grandense, muito provavelmente também um platinismo (cf. verbete correspondente no Houaiss).

Enquanto ‘maleva’ e ‘taura’ são regionalismos sulistas provenientes do espanhol platino, já ‘caipora’ é um autêntico brasileirismo de origem tupi, ou seja, uma palavra em uso na totalidade do espaço americano luso-falante (cf. verbete correspondente no Houaiss), mas que a priori não costuma se empregar na metrópole.

Voltando agora para a apresentação de Tudinha pelo narrador, podemos fazer alguma observação parecida: na primeira oração, encontramos dois regionalismos. O primeiro, ‘chinoca’, é um regionalismo sul-rio-grandense, muito provavelmente proveniente do léxico rio-platense e derivado de uma voz indígena – do quíchua, ou seja de um idioma que remete antes ao espaço hispano-americano do que ao espaço luso-americano. O segundo, ‘candongueira’ é registrado nos dicionários como sendo de origem banto. Não consta como regionalismo o termo, supondo-se, portanto, que se usa na maior parte do espaço lusófono, mas podemos notar que os verbetes supridos nos dicionários genéricos incluem uma acepção regional [Houaiss: “Regionalismo: Rio Grande do Sul. **4** que faz movimentos com a cabeça para escapar do freio, do buçal ou da tosa; inquieto (diz-se de animal)”]³⁴⁰

O Negrinho do pastoreio e o “Negrão” Bonifácio³⁴¹. A china, a chinoca e o chinocão

Retornamos para aquela primeira frase de apresentação da “Dejanira” de Bonifácio:

“Tudinha era a chinoca mais candongueira”.

De entrada, temos de enfrentar uma dificuldade bem recorrente quando se trata de traduzir do português para o francês:

³⁴⁰ Voltaremos para este tema, mas vale levar em conta, no processo interpretativo, tanto as acepções mais divulgadas quanto às acepções regionais, dado o pendor amplamente demonstrado por Simões em quase toda sua obra literária, inclusive no teatro, para se valer do potencial polissêmico (e paronímico) dos termos, mesmo que isso implique em passar de um espaço de uso para outro (RS ↔ Brasil neste caso, por exemplo)

³⁴¹ O sufixo pode traduzir uma diferença de estatura: Bonifácio cresce imenso sobre seus inimigos antes de ser aniquilado, o negrinho é também “anulado”, mas como que progressivamente ao longo da lenda antes de crescer no final do relato enquanto figura legendária levando uma tropilha de cavalos. Também diferença de estatuto: o “negrinho” é escravo, Bonifácio obviamente não o é. Bonifácio livre? Somente na morte, pois ambos, o menino escravo e o homem feito livre são executados pelos donos do jogo ou seus servidores. O posicionamento do narrador, no que diz respeito à escravidão, provavelmente refletiria as próprias dúvidas do autor, descendente de charqueadores e bastante hesitante, segundo alguns de seus biógrafos, no que tocava à questão da emancipação dos negros. De certa maneira, o destino tanto do lanceiro negro, eliminado e emasculado, quanto do negrinho, “desintegrado” pelas formigas, faz desaparecer “o problema”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

a falta de recursos para transferir as configurações as vezes complexas dos sistemas de diminutivos, aumentativos et coletivos, formas que são especialmente recorrentes em português e para que o francês não oferece recursos “equivalentes” adequados. Já que dedico mais espaço a este assunto em outro comentário³⁴², vou me consagrar aqui ao que mais diretamente interessa para a linha interpretativa elegida no tocante ao caso do Negro Bonifácio. Aqui, pois, já temos dois diminutivos:

- ‘Tudinha’, diminutivo de ‘Gertrudes’, mas veremos que faz todo o sentido usar o diminutivo mesmo e não o nome de que seria derivado;
- ‘chinoca’, diminutivo de ‘china’. Nota-se que a palavra ‘chinoca’ já é um composto do ponto de vista da sua formação etimológica, com raiz indígena (ou derivada) e sufixação portuguesa (china + -oca).

O caráter misto na composição lexical reaparece em ‘candongueira’ (candongia + -eira), que é também um regionalismo, mas desta vez ao nível tanto da diferenciação entre o português do Brasil e o português peninsular quanto da diferenciação entre o português do Brasil e o português do Rio Grande do Sul. Enquanto em ‘china’, é o “signo” completo, significante e significado, que passou para o vocabulário sulino, em ‘candongueira’, seria mais o significado —i.e. a acepção particular a um uso da palavra restrito ao contexto sulista— que se constitui verdadeiramente em regionalismo rio-grandense, já que o termo (o significante) se usa ou se terá usado com outros sentidos em outras regiões do Brasil.

Então, da mesma maneira que o vocábulo ‘chinoca’ deriva da palavra ‘china’ acrescentada do sufixo ‘oca’, o vocábulo ‘candongueira’ é formado na base de outro termo: ‘candongia’, derivado este de uma língua africana, e do sufixo ‘eiro/eira’ que, como sabemos, serve geralmente para formar adjetivos ou substantivos em português. Aqui, pois, neste segmento muito breve que encapsula de certa forma a ex-namorada de Bonifácio, “a china mais candongueira que havia por aqueles pagos”, fica como que encapsulada também a identidade brasileira, pelo menos tal como soe ser representada tradicionalmente, com aportes indígenas e africanos e derivação ibérica, e, talvez, dentro dessa identidade brasileira, a identidade étnica de Tudinha enquanto, ela própria, corporalização (mesmo que ficcional) e coalescência de diversos aportes genéticos.

³⁴² Ver comentário nº19 dedicado a determinados aspectos na interpretação do conto “O ‘Menininho’ do presépio” e à questão da compreensão e transferência dos diminutivos, aumentativos e coletivos pelo tradutor francófono.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Com efeito, apoiando-se sobre o nome da personagem, não seria disparate inferir que Tudinha é afinal nada menos do que o Brasil “tudinho”, pois ela apresenta traços compostos na sua descrição pelo narrador, e até pela substância linguística desta descrição (quer dizer, o significante aqui “qualifica” tanto quanto o significado).

A descrição dela é, pois, “misturada”, pela própria composição linguística e também porque, como veremos, a Tudinha é uma flor, mas pode ter espinhas. Lembra-se também que, no meio do conto, Blau relata que Bonifácio se teria dirigido a ela com a palavra “misturada”. Este “misturada” tem sido interpretado de maneira divergente pelos estudiosos da obra. Refere-se sem dúvida a uma informação que Blau deu de antemão, segundo a qual Tudinha é filha ilegítima do capitão. Entretanto, pode referir-se também ao fato de Tudinha ser mestiça, e possivelmente com alguma ascendência africana além da provável identidade cabocla.

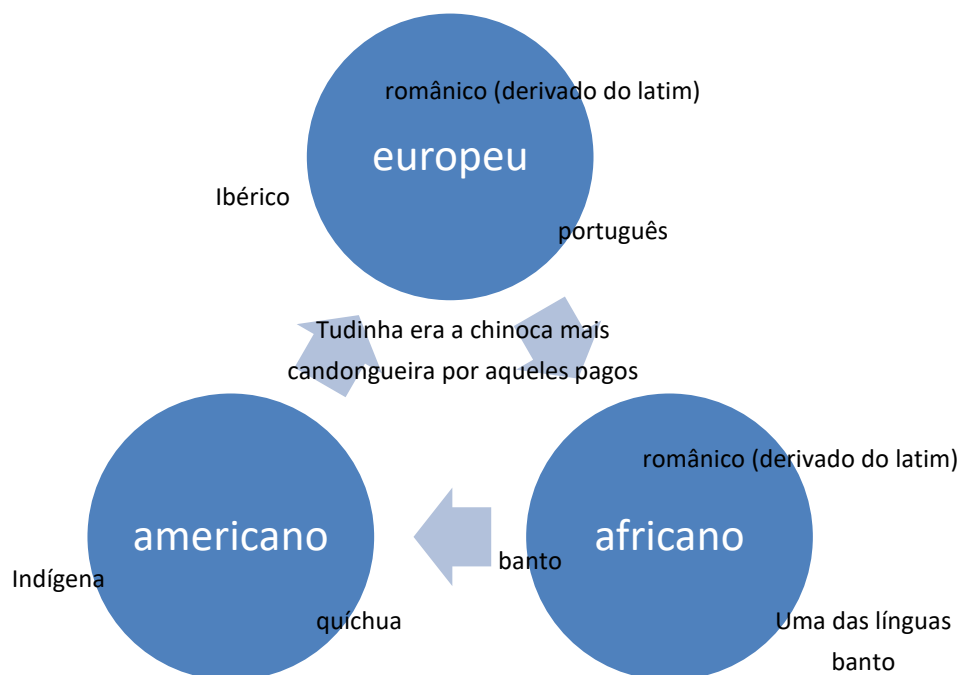
Dada a atitude de Bonifácio, que, de certo modo, esbanja, alardeia seu pedigree de “puro-sangue” através da pabulagem ostensiva (“Na pabulagem, andava sozinho: quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguém. Era um governo, o negro!”), inclusive sua negritude, no meio de toda aquela reivindicação desafiadora de macho, gaúcho e farrapo, as duas interpretações de “misturada” fazem sentido. Com efeito, uma possível implicação deste “desaforo” no seu trato com a ex-namorada seria que ele, o negro, contrariamente a Tudinha, não seria, precisamente, “misturado”.

O jogo das identidades em *Contos gauchescos* é, na verdade, bastante complexo, pois além das referências à tez morena da jovem mulher – Blau chama-a de ‘morocha’ duas vezes no seu relato –, há outros elementos que são mencionados, como o pelame dos cavalos, que podem ser interpretados enquanto informação complementar no que diz respeito à caracterização das personagens, tendo em mente que o quadro geral da ambientação do caso é uma corrida. Blau, é verdade, não supre informações muito explícitas sobre a identidade étnica de Tudinha, mas o nome me soa bem expressivo. Este nome, combinado a uma rede de signos como os apontados anteriormente, confortaria, pois, a hipótese de leitura (supostamente integrada à escritura no momento de elaboração do texto) conforme a qual muito, na corrida do conto, se jogasse em função das “*capas*” das personagens, um pouco como se suas cores fossem naipes no jogo de truco. Bom, dentre os elementos que contam bastante no decorrer da partida, eu ressaltaria o uso das vogais ‘o’ e ‘a’ que me parecem funcionar como pontos³⁴³.

³⁴³ Claro que o tradutor não pode se empenhar em reproduzir a distribuição dos ‘o’ e dos ‘a’ na versão estrangeira, mas isto não impede que esta distribuição seja suscetível de fazer sentido no texto original. Da

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, se reexaminarmos essa primeira apresentação de Tudinha, podemos afinar a descrição da composição do segmento “a chinoca mais candongueira” da maneira seguinte:



Temos, então, neste breve enunciado de apresentação da Tudinha, os três componentes habitualmente invocados na evocação da identidade brasileira. Como se vê, uma simples oração, na concatenação paradigmática/sintagmática, encerra todo um complexo linguístico que podemos tentar relacionar, mediante uma mistura pouco ortodoxa de filologia e de “filogenia”, com a construção da identidade da personagem, tanto enquanto representação de um ser sexuado como também enquanto representação de um ser “marcado” socialmente do ponto de vista de sua origem³⁴⁴.

mesma maneira que há leituras influenciadas pelas tradições da cabala que conferem mais relevância a este tipo de elemento no texto, há provavelmente traduções de orientação cabalista que também vão neste mesmo sentido de emprestar a maior atenção a todos os aspectos da formulação (é a soma dos detalhes que faz o conjunto). No meu caso, contentei-me em refletir este jogo do ‘o’ e do ‘a’ na tradução dos antropônimos Tudinha e Nadico (tudinho e nadica) por Toutina e Neantino.

³⁴⁴ Seria necessário aqui aprofundar como a linguagem, e, na verdade, a própria língua, usada por Blau revela pela mera construção frástica, a construção das identidades — das personagens no que diz respeito à linguagem, das pessoas no que diz respeito à língua, a “língua escritural” se situando possivelmente entre estes dois canais de expressão, o artístico com a voz narrativa, e o ideológico com a voz comum (a língua como instrumento geral, com seus vieses coletivos), sem que haja nunca, no fundo, dicotomia entre o artístico e o ideológico. Tal aprofundamento, no âmbito do estudo dos *Contos*, poderia consistir em investigar como a história da língua tem “interagido” de maneira, digamos, dialética, com a história da construção das identidades, seja do ponto de vista dos estudos de gênero, seja do ponto de vista da etnografia e dos estudos pós-coloniais, em função de critérios tais como determinados interesses políticos ou econômicos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Fora esta construção linguística da representação da etnicidade dentro da própria composição escritural (na sua integração significativa das diversas línguas que conformaram o idioma na qual a escritura, precisamente, se expressa), há, distribuídas no conto, designações e qualificações que contribuem a reportar a personagem para a esfera da mestiçagem, como ‘morocho’ e ‘morena’, puxando não obstante a identificação para o indígena e o caboclo (‘china’, ‘piguancha’, ‘chinoca’).

Não há, todavia, indicações claras de que Tudinha possa ter ascendência africana, é verdade; há, sim, possíveis indícios deixados por Blau que sugerem que tal poderia ser o caso. Fora aquele ‘misturado’ destacado acima, Tudinha, como assinali, é chamada de ‘morocho’, e de ‘morena’, duas palavras com geometria variável, pois podem remeter habitualmente ao caboclo. Entretanto, no contexto das culturas sulistas, rio-platense e rio-grandense, da metade do século XIX, e em se apoiando no uso tradicionalmente feito destes vocábulos em número representativo de obras da literatura gauchesca, aparece que ‘morocho’ e ‘moreno’ soem remeter globalmente antes ao negro ou mestiço de negro do que ao indígena ou mestiço de indígena.

Não vou me estender aqui sobre a caracterização de outras personagens do conto, do ponto de vista da representação de suas identidades socioétnicas ou sociogenéticas (?) (não sei como nomear a pesquisa que lida com a origem e história da identidade de gênero). Trato alguns aspectos deste ponto mais a fundo no comentário dedicado à interpretação e transferência dos etnônimos, que costuma ser uma dificuldade recorrente para o tradutor empenhado em passar textos brasileiros para outros espaços culturais e linguísticos, onde recortes, neste quesito da identidade dos indivíduos, têm sido e ainda são muito diferentes (pardo? cabra?). Aqui, por exemplo, temos uma chirua “com ares de querendona” que poderia muito bem ser uma mulata, e, de fato, o tradutor italiano optou por usar a palavra ‘mulatta’ para se referir à sucessora de Tudinha (mais precisamente, na sua tradução de ‘piguancha’ em referência a dita personagem – ver comentário nº11).

As possibilidades de transferência de todos estes elementos semânticos dependem muito, é claro, das competências e conhecimentos do (deste) tradutor, que vêm juntos, infalivelmente, com limitações, restrições, enviesamentos, etc. É necessário entender como se fazem estes recortes da realidade através da linguagem e das ideologias, e em que se enraízam profundamente na história da formação da sociedade brasileira (e de sua língua), para poder tentar exprimi-los, mesmo que através do prisma envesgador e deturpador da linguagem de destino.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O primeiro traço que destaquei tem a ver com a representação escritural da identidade de gênero. ‘O’, ‘A’, ‘o’, ‘a’, em textos como o de Simões, podem ser apreendidos parcialmente como sinais de afirmação do caráter masculino e de negação, ou diminuição, deste caráter.

Suas respectivas prominências, por exemplo, na maneira como se repete no fim dos vocábulos, ou relativa discrição, por exemplo quando o “o” começa a substituir o “a” ou vice-versa, poderiam configurar um modo de se integrar uma marca do gênero das espécies dentro da estratégia de representação própria do gênero do conto³⁴⁵.

Como é o caso da transformação zoomórfica das personagens através da linguagem do narrador, a transformação ginomórfica ou andromórfica (ou as “passagens” de uma tônica para outra, na representação simbólica das personagens) se opera de maneira bastante gradativa no texto, apesar de existirem momentos marcadamente brutais no desenvolvimento de um processo normalmente mais ou menos transitório (a vida humana) – ex. o corte da trança de cabelos da filha por Picumã em “Os cabelos da china”, a emasculação do primeiro namorado por Tudinha em “O Negro Bonifácio”.

Na verdade, poderíamos falar de processo “transcategorial³⁴⁶” no caso da escrita de Simões Lopes (outro ponto que o aproxima, a meu ver, de Guimarães Rosa) e o mais interessante, acredito, seria que as passagens ou aproximações de uma categoria para outra (ex. identidade – ou “papel” – do homem ↔ identidade – ou “papel” – do animal ; identidade – ou “papel” – da mulher ↔ identidade – ou “papel” – do homem) se efetuam em parte mediante a passagem ou aproximação de categorias linguísticas para outras (em função, por exemplo de critérios fonéticos, gramaticais, lexicais, etimológicos, etc.).

³⁴⁵ Gênero cuja semelhança de “funcionamento” com o sonho já tem sido bastante explorada e demonstrada. Não saberia dizer em que medida Simões as conhecia, mas as teorias de Freud e de Jung estavam em pleno desenvolvimento no momento em que o escritor gaúcho concebia seus contos, os quais, como sabemos, foram reescrituras, para a maioria deles, de textos que os precederam. Mesmo que não as conhecesse bem, há inegavelmente um *Zeitgeist* ambiente em todo o espaço intelectual ocidental, “espírito do tempo” de cuja influência dificilmente Simões, com toda sua “municipalice” (em imitação do “imperadorice” de “Chasque do imperador” e lembrando a formulação de Carlos Reverbel a respeito do “escritor municipal”), podia escapar. Elementos na linguagem literária (inclusive “oral”) que ligam a vida psicológica nos seus procedimentos mais íntimos e a mimese provavelmente se encontram em qualquer texto, inclusive os mais antigos. Com certeza estão presentes em gêneros tão diversos, em aparência pelo menos, como as tragédias gregas e os contos populares. Porém, escritores como Guy de Maupassant ou Arthur Schnitzler passaram a dar mais prominência a estes elementos mediante recursos técnicos bastante inovadores.

³⁴⁶ Outros recursos seriam, entre outros, a substantivação de verbos ou adjetivos ou a adjetivação de substantivos ou verbos ou ainda a verbalização de substantivos ou adjetivos. (cf. as práticas de Haroldo de Campos)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Aqui, por exemplo, teríamos a passagem para, ou pelo menos a “misturação”, das denominações e qualificações de gênero exclusivamente masculino, ‘negro’, ‘condenado’, etc., com denominações e qualificações de dois gêneros como ‘taura’, ‘maleva’, ‘caipora’ que concretizam na própria carne da língua a potencialidade de metamorfose dos gêneros. Talvez, afinal de contos, seja mesmo nessas aparentes minúcias, unidades discretas da composição integral, que se exprime plenamente e fundamentalmente o caráter transfronteiriço da (p)rosa simoniana.

Dificuldade de transferência

O exemplo das palavras “epicenas” (taura, maleva, etc.)

Em francês, não há realmente elementos na linguagem que permitam esta oposição entre ‘o’ et ‘a’. Maioritariamente, a terminação que diferencia o feminino do masculino em francês é a letra ‘e’, especialmente quando se fixa na última consoante de um adjetivo (petit → petite; grand → grande, hardi → hardie, etc.).

Contudo, existem centenas de adjetivos terminando com ‘e’ que podem ser usados tanto para o masculino quanto para o feminino (ex. *fragile, téméraire*, etc.). Na verdade é um pouco o caso do ‘a’ no final do adjetivo ou do substantivo em português, com um número substancial de palavras destas categorias gramaticais mostrando a mesma característica.

O meu argumento aqui é principalmente o da repetição notável e significativa, a redundância pregnante; aqui é propriamente a repetição da forma que chama a atenção, levando em consideração a proporção de adjetivos que terminam em ‘a’ no volume total de adjetivos em português e o fato destes termos serem caracterizados como “adjetivos ou substantivos de dois gêneros”.

Enfim, na versão francesa, escolhi traduzir os adjetivos em ‘a’ por substantivos femininos. É evidentemente uma escolha criticável, mas eu queria tentar emular um pouco este aspecto bastante notável na composição da escrita simoniana (e da escrita literária em geral), a saber, a capacidade do texto para “significar duas vezes, ou mais, simultaneamente”: uma vez de modo narrativa, contando e descrevendo, outra vez, pela forma textual, de modo que considero como algo “icônico”: a forma participando por conta própria, (pois, contando e descrevendo também) paralelamente ao desencadeamento de significados, da comunicação realizada mediante a escrita.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O destino (ou a sina) de um personagem / uma personagem negro/a

Este último critério da indicação de uma possibilidade de oscilação do caráter sexual se harmoniza com o tema do conto que, de certa maneira, equaciona o que é ser homem e o que é ser mulher, colocando nesta equação as distinções físicas, os papéis sociais e os traços psicológicos ou comportamentais que teriam derivado da conjunção destes e daqueles.

Bonifácio demonstra, por um lado, um comportamento decididamente antissocial, mas, por outro, apesar de ter cometido uma transgressão³⁴⁷, ele cumpre o que se esperava dele, enquanto homem, no sistema de valores vigente no espaço onde vive: reage violentamente ao desafio e, mesmo que seus adversários também acabem sendo vítimas de seu estratagema, cai na armadilha da honra e da desonra.

A reação brutal de Bonifácio, bastante esperada dentro do determinismo ligado ao desempenho das engrenagens acionadas pelos mecanismos sociais vigentes (aqui, basicamente não levar desaforo para casa), desencadeia um processo inexorável. Este processo que conduz à destruição do indivíduo, numa linha assaz condizente com as tendências naturalistas da literatura daquela época, está última e intimamente solidário ao funcionamento do complexo social no qual “o negro” se move – com cautela, é verdade, mas não o suficiente (“tirando-se dos seus cuidados”) para garantir sua sobrevivência. Na maneira como o narrador descreve o acontecimento, seria em boa parte a cachaça que fosse responsável pela descautela de Bonifácio em um ambiente que ele sabe ser perigoso³⁴⁸.

Crônica de uma castração anunciada

Neste aspecto, a morte de Bonifácio se parece bastante com a morte de Santiago Nasar em *Crônica de uma muerte anunciada*. A morte violenta de Bonifácio, sua “execução” é também anunciada, não somente pela afronta feita a Tudinha, mas também, talvez sobretudo, pelo atrevimento com respeito à identidade étnica.

“Os quatro brancos se olharam... o Nadico estava esverdeado, como defunto passado... [...] Mas, quê!... o negro estava jurado... [...] Vinte ferros faiscaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquele tição atrevido.”

³⁴⁷ Esta transgressão seria vinculada a sua atitude, não só a maneira como se comporta para com a Tudinha, mas também seu modo de se “exibir”, ou seja, de “sair de seu lugar” ou de não saber “ficar no seu lugar”. Por isto é tratado como intruso e invasivo.

³⁴⁸ “Tempos depois se soube que lo mataram, num entrevero, numa bochinchada de carreiras”, lê-se em outro conto – “O ‘Menininho’ do presépio”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Parte da pungência no retrato do negro Bonifácio, a impressão crescente, que decorre da leitura do relato, de uma estatura fora do comum, impressionante³⁴⁹, está, de certa maneira subordinada ao contraste de certa indefinição na descrição das outras personagens que participam do enredo. Tal indefinição relativa das outras personagens (relativa à descrição de Bonifácio, em alta resolução por assim dizer) faz-lhes aparecer como que um pouco “pálidos” (Nadico é “esverdeado”) ao lado do protagonista do causo, realçando a figura do Negro, imensa, talvez não pelo tamanho físico (Blau não diz nada a respeito), mas certamente pelo tamanho “moral”, pelo talhe extraordinário, pela “envergadura” inegavelmente épica.

“Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou estivado de gente estropiada, espirrando a sangueira naquele reduto”³⁵⁰.

Do ponto de vista da identificação de ordem étnica das personagens, o que sabemos exatamente de Tudinha, de Nadico, do novo xodó de Bonifácio?

- Tudinha é uma “morocha”, uma “chinoca”, uma “morena”,
- Nadico é “definido” como fazendo parte dos “quatro brancos” e fica “esverdeado” quando da abordagem da Tudinha pelo Bonifácio,
- a mulher que chega na garupa do protagonista do conto é uma “chirua”, uma “piguancha de cara chata, beíquida”³⁵¹.

³⁴⁹ Muitos elementos, na maneira como Blau relata o acontecimento do combate entre Bonifácio e seus rivais indica que o próprio narrador, homem que, por sua vivência, não há de se deixar facilmente impressionar, é de fato impressionado com a figura de sua personagem no seu intento de comunicar sua percepção de Bonifácio. O que o texto transmite para seu leitor, mediante a voz do narrador, é a ideia de um personagem *plus grand que nature / larger than life*.

³⁵⁰ Compare-se a descrição do combate entre Bonifácio e seus inimigos com este trecho da *Chanson de Roland*, por exemplo, texto no qual, aliás, a situação é meio que inversa, sendo que os adversários do herói (Roland, Orlando, Roldán) são os mouros: “A batalha é maravilhosa! É um massacre. O conde Roland não receia se expor. Serve-se da alabarda enquanto ela lhe dura; ao décimo quinto golpe a arma quebra-se e já não existe. Puxa Durendal, a sua boa espada desembainhada, esporeia o cavalo e vai ferir Chernublo. Quebra-lhe o elmo em que luzem carbúnculos, a branca couraça de malhas finíssimas, lhe fere o corpo, chega-lhe à sela que é recamada de ouro. A espada faz cair mortos sobre o prado, sobre a erva espessa, o cavalo e o cavaleiro”.

³⁵¹ Volto para este detalhe no comentário que verte mais particularmente sobre as designações e qualificações das personagens, em particular no que diz respeito aos etnônimos, nos contos gauchescos em relação com a representação das identidades socioétnicas.

Larger than life

Finalmente, Bonifácio aparece como a única personagem que tenha definição alta e marcada no conto, pois é “O Negro”, implicitamente sem aquela relativa indeterminação que forma como que um halo em redor dos “misturados”. Observa-se que a caracterização da personagem por palavras que indiretamente apontam para seu destino literário (será morto, o que logo aprendemos, e capado, de que somente tomamos conhecimento no fim do caso³⁵²) apoia-se sobre uma variedade de elementos que permitem estabelecer conexões com os outros contos. São redes significantes que, na verdade, se estendem sobre vários contos e, às vezes, até abrangem todos os textos da coletânea. Vimos, por exemplo, no comentário da tradução de “*Os cabelos da china*”, que Simões valeu-se de um recurso muito comum em toda a literatura gauchesca, seja de língua portuguesa ou espanhola³⁵³. Este recurso está vinculado, mediante diversas modalidades, com o romantismo, o realismo, o naturalismo e seus produtos derivados (neorrealismo ou neorregionalismo dos escritores de 30, super-regionalismo – na conceitualização de Antônio Candido –, etc.). Trata-se da tematização, focalização e lexicalização em caráter zoomórfico, ou seja, enquanto sua principal forma, do uso de comparações (símiles ou metáforas ou outras figuras comparativas) que envolvem um comparado humano e um comparante animal aproximando numa mesma fraseologia as duas condições ontológicas. No caso de *O Negro Bonifácio*, este uso específico da zoomorfização das personagens pela linguagem se vê, para puxar um fio que nós traz de volta para o tema do processo, ou simulacro³⁵⁴, de inversão de papéis que assinalamos acima, em aspectos específicos no uso da língua.

De ‘o’ para ‘a’: de ‘touro’ para ‘boi’

Com efeito, aqueles três adjetivos em ‘a’ (‘maleva’, ‘taura’, ‘caipora’), que, para mim, tradutor, podem acenar para o futuro destino, ou fim de destino, de Bonifácio, são complementados, na sua sequência, por uma evolução bastante expressiva, gradual, nas comparações zoomórficas.

³⁵² O texto apresenta inegável dimensão linear, enquanto “desnovelamento” da sequência de signos escritos e do fio narrativo, mais não esqueçamos que é, antes de tudo, um **texto**, ou seja, uma forma que possibilita várias modalidades de leitura, vertical, horizontal, diagonal, etc., de uma “infinidade” de pontos para outra “infinidade” de pontos. Daí, ele excede a sua mera dimensão linear, sendo também simultaneamente o plano da página, o volume do livro, a forma que se desenha no tempo...

³⁵³ E mesmo em todas as chamadas literaturas sertanista, indianista ou caboclista, todas essas correntes sendo de temática quase que exclusivamente rural.

³⁵⁴ Segundo o ponto de vista do leitor, certo, mas sempre acompanhando a perspectiva sinalizada pelo narrador.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O touro está gradualmente substituído pelo boi (ou seja, um touro capado) no papel do comparante animal nos símiles e nas metáforas utilizadas pelo narrador para se referir à personagem.

Veremos a sequência de comparações suscetíveis de remeter ao touro ou ao boi mais adiante. Novamente, tenho de insistir sobre o fato de a tradução não poder escapar de uma ação deformadora em relação com o texto que ela se propõe, se encarrega, de fazer passar para um espaço culto-linguístico diferente do que o no qual a obra teve condição de emergir. Como bem vemos, esta ação deformadora começa no processo de interpretação do texto original. São, na verdade, vários prismas que agem e interagem para possivelmente “entortar” o texto de origem: - a mente do leitor/tradutor estrangeiro, enquanto construção a partir de material individual e coletivo; - a estruturação da linguagem de destino em função de critérios culturais como o recorte, ou as modalidades de recorte, da realidade, etc. estes prismas se combinando, subjetivamente, na sua interdependência, para impor certa “imagem” ou “visão” do texto a ser traduzido.

Há indiscutivelmente subjetividade em qualquer leitura, certo, mas a leitura do tradutor possui, como se diz no mundo da publicidade, seu “diferencial”, nem que fosse porque a interpretação do leitor, em princípio, não age sobre a forma imanente do texto que se lê, não mudando em nada o que está escrito no papel ou na tela, enquanto a interpretação do leitor/tradutor, sim, é inevitavelmente o prelúdio a uma transformação radical deste texto.

Milhares de páginas têm sido dedicadas ao problema da identificação de uma constante objetiva do escrito que pudesse se repassar do texto original para suas versões estrangeiras e que, entre outros “testes”, sobrevivesse à prova de fogo da retrotradução (a tradução da versão estrangeira para o idioma de partida, sem ter conhecimento do texto original). A dificuldade reside no que os diferentes pensadores que se debruçaram nesta questão (pensa-se, por exemplo, em Walter Benjamin) não têm exatamente os mesmos critérios para circunscrever aquele invariante essencial, que fosse imanente ao texto e relativamente independente do idioma – o que parece completamente utópico, mas sem cujo postulado nem se poderia pensar em fazer traduções. Alguns se concentram em critérios intimamente vinculados com os sistemas de conexão entre história e produção literária, outros em aspectos estéticos, outros ainda privilegiam a dimensão integrante, i.e. o conjunto das interligações entre escolhas linguísticas, vectores ideológicos, orientações artísticas, etc. Aliás, para certos tradutores, a transferência de semelhante invariável não passa necessariamente por sua identificação.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O touro, tauro, taura, tourena, touruno³⁵⁵ ... Bonifácio?

Taurus ou a constelação dos touros.



Ilustração de Johannes Hevelius para a constelação de Taurus

“Mas, taura, isso era, também!”

Fora o ‘a’ final’ que para mim é muito significativo, pelo menos visto em relação com os outros adjetivos em ‘a’ usados para qualificar o negro, mas, sobretudo, com o que nos revelam outros elementos da escrita simoniana, inclusive em textos como “Jojô e Jajá e não Ioiô e Iaiá”³⁵⁶, é interessante notar que ‘taura’ se conecta mais prontamente à forma ‘tauro’ do que à forma ‘touro’. Agora, ‘tauro’ é uma forma habitualmente usada

para se referir ao signo no zodíaco, e permite uma vinculação com outros elementos da caracterização de Bonifácio, ‘caipora’, por exemplo, que nos indica que o negro é malfadado, ou seja, nascido sob uma estrela nefasta (em termos mais ‘chulos’, Bonifácio não nasceu de bunda pra lua). O “motivo da sina”, aliás, se entrelaça, sob uma forma ou outra, em todos os contos da coletânea, especialmente no que se combina com diversos elementos do tema do jogo (as corridas, as apostas, as paradas... e a roda da vida com uma engrenagem na roda da fortuna).

“mais cheio de cortados do que manchas tem um **boi** salino”;

Poderia ser esta comparação entre o tirador de Bonifácio e a capa de um boi salino uma primeira indicação de que o tauro, ou touro, tem algo em si que o predispõe a se tornar ‘boi’. Também serve para reforçar o caráter impressionante da personagem na representação (o tirador pode ter ganhado esses cortados no enfrentamento com os touros). Esses cortados anunciam, aliás, outros por vir, que hão de marcar a própria pele e carne de Bonifácio, via um recurso narrativo (proléptico) que o contador de causo aproveita em todos seus relatos.

³⁵⁵ Touruno: [Do esp. plat. toruno.] Adjetivo. Bras. S. 1. Diz-se do boi que, malcastrado, ainda procura as vacas. 2. V. valentão (1). [Var.: toiruno.]. Em relação com a ambiguidade do termo, podemos ler no Antônio Chimango de Ramiro Barcelos, ou outro grande texto gauchesco rio-grandense: “38. Vinha chegando o Lautério / E apeou-se do lobuno. / “Chegue-se, velho toruno”, / Foi gritando o piazote; / “Eu não gosto de dichote, Nem sou matungo reiuno.” Uma observação: Lautério é caracterizado como mulato e montando um cavalo lobuno”.

³⁵⁶ Como disse, o teatro de Simões é muito esclarecedor no sentido que dá maior visibilidade, maior “teatralidade” precisamente a elementos que não se salientam tanto assim, pelo menos a meu ver, nos textos em prosa como *Contos gauchescos* ou *Lendas do Sul*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Retrato de um gaúcho destemido e recalcitrante: recortes do negro - o negro recortado

É verdade também que ele estava todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiúno empacador”; “[Tudinha] tirou-lhe da mão sem força o facão e **vazou os olhos** do negro, retalhou-lhe a cara, de ponta e de corte

Cena violenta pontuada pelo “*cut*” final que é o do desfecho do caso e do descaramento do personagem mal-encarado.

pegando o facão como quem finca uma estaca, bateu no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco - vancê compreende?... - e uma, duas, dez, vinte, cinqüenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca

Touro ou cavalo? Touro e cavalo?

Na representação do mundo campeiro, os dois animais costumam ser intimamente associados (ver “Juca Guerra”, “Dona Bárbara”, “La Vorágine”, etc.) e eles se associam também na própria linguagem, especialmente neste quesito fundamental da representação metafórica, em caráter pronunciadamente zoomorfixante, do homem e da vida humana – especialmente, conforme sublinhei, no âmbito da literatura de temática regional e ambientação rural, ainda mais especialmente na produção de expressão gauchesca. Veremos a seguir que também se associam os dois, touro e cavalo, na construção de outra metáfora integrada, esta mais própria ao espaço deste conto, que é a imagem da corrida, uma vez que permite uma cimentação do temático (a corrida de cavalos) com o alegórico (a corrida enquanto ritual de matança da besta) através, precisamente de uma dupla evocação, ou convocação, de dois animais “sagrados” (às vezes, “sangrados”), ou pelo menos emblemáticos da vida no pampa. Temos aqui, na caracterização de Bonifácio, o verbo ‘pastorejar’ que, apesar de ser empregado de maneira corrente na literatura gauchesca para se referir às manobras amorosas [Houaiss, “2 Derivação: sentido figurado. fazer a corte a (mulher); requestar”] possui de fato caráter zoomórfico, uma vez que remete à evocação do ‘pastor’ ou cavalo macho reprodutor [Houaiss: “Regionalismo: Rio Grande do Sul. 5 m.q. garanhão ('cavalo')”]

“começou a pastorejar a Tudinha”.

Aqui, teríamos, com efeito, antes uma comparação com um cavalo do que com um boi, pois no Rio Grande do Sul, como indiquei *supra*, o termo ‘pastor’ serve habitualmente para designar o garanhão e o verbo ‘pastorejar’ para descrever o comportamento do cavalo macho que procura a fêmea (cf. “No manantial”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Porém, o acento é, igual que para o touro, colocado, afinal de contas, sobre a virilidade de Bonifácio no sentido de alguma pungência irresistível no instinto de reprodução da espécie (da raça³⁵⁷, do grupo, etc.).

O paralelismo entre o destino animal e o destino humano é igualmente visível na maneira em que Blau formula a descrição de um animal e de um ser humano intrinsecamente conectados tanto na aparência quanto na ação. É o conto “Batendo orelha” obviamente que exibe este paralelismo da maneira mais conspícua e talvez seja por isso que os críticos avaliaram o texto como um dos mais fracos da coletânea, pela falta, ou, melhor dito, pelo caráter por demais óbvio na integração do motivo alegórico, segundo eles, relativamente à sofisticação deste mesmo recurso estrutural em outros contos (a “homotetia” homem/cavalo).

Em “Batendo orelha” a equiparação entre o recruta e o reiuno é conspícua (“O engraçado é que há gente que se julga muito superior aos reiunos; e sabe lá quanto reiuno inveja a sorte da gente...”) e, de fato, constitui o núcleo do texto e o recurso mais evidente da sua estruturação. Entretanto, o paralelo personagens/cavalos não é limitado a este texto e corre ao longo de quase todos os casos de Blau Nunes. Assim, quando cotejamos a descrição do cavalo de Bonifácio e a descrição do próprio Bonifácio, as semelhanças no tratamento, na modalidade do descrever, ressaltam-se bastante. Vejam a descrição por Blau Nunes do cavalo de Bonifácio

O cavalo	Bonifácio	O cavalo mais Bonifácio
E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo !...	De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e preso num barbicacho de borlas morrudas, passado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano ; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que manchas tem um boi salino !	O negro – era ginetão ! – deu de rédea no lobuno, que virou direito, nos dois pés, e já lhe cravou as chilenas , grandes como um pires, e saiu escaramuçando , meio ladeado! (Negrito: o que se reporta a Bonifácio, sublinhado: o que se reporta ao cavalo, sublinhado negrito, o que pode se reportar tanto ao cavalo quanto ao cavaleiro).

³⁵⁷ “raça” no sentido em que costuma se usar a palavra naquela época fora do discurso eugenista (raça sendo a estirpe enraizada em determinado espaço, independentemente dos traços físicos e da origem dos viventes que constituíram as comunidades: raça gaúcha, raça crioula, etc.: “a gente da terra” (cf. “No manantial”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

De carreiras e touradas ou de corridas a touradas

Consideramos, na introdução deste trabalho, as relações entre forma e sentido e salientamos especialmente a relevância das relações de iconicidade na organização do texto. Destacamos, nesta senda, elementos específicos do texto que contribuem para a construção do sentido e que não emanam unicamente dos significados “primeiros³⁵⁸” dos significantes (ou seja, sememas ou semas que fazem a junção entre o texto e a dimensão mimética de primeiro plano) nem das construções sintáticas incorporadas à escrita para fixar no contexto a significação das unidades paradigmáticas. Habitualmente, quando se fala em relações de iconicidade, pensa-se em aspectos visuais do texto, arranjos na folha de papel, composições caligramáticas, etc. Aqui, entretanto, falaremos principalmente da relação entre a “forma” do significante, o significado e a significação.

Quemamos al Cuastecomate y jugamos allí a los toros. A Pedro Zamora le gustaba mucho este juego del toro. [...]. Allí hubo modo de jugar al toro. Se les habían quedado olvidados ocho soldados, además del administrador y el caporal de la hacienda. Fueron dos días de toros. Tuvimos que hacer un corralito redondo como esos que se usan para encerrar chivas, para que sirviera de plaza. Y nosotros nos sentamos sobre las trancas para no dejar salir a los toreros, que corrían muy fuerte en cuanto veían el verdugillo con que los quería cornear Pedro Zamora (Juan Rulfo: “El llano en llamas”)

O motivo da corrida é um tópico bastante recorrente na literatura ocidental, em especial, logicamente, na sua ligação com o mundo ibérico, no âmbito de uma representação que emergiu de dentro desse mundo (a corrida nas literaturas de língua espanhola), ou de fora (cf. *Death in the afternoon*, 1932, de Ernest Hemingway).

³⁵⁸ A tendência nestes comentários foi de reenfatizar o que poderíamos qualificar de “sentido primitivo” das palavras (olhando, por exemplo, para sua etimologia ou suas configurações sonoras), talvez em detrimento daquele sentido “primário”, que seria aqui o que parece vir mais imediatamente à mente (mas qual ocorre mais espontaneamente? é difícil dizer, dadas a artificialidade do processo de apreensão do texto pela leitura e as diferenças no grau de conscientização das etapas deste processo).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No mundo da literatura latino-americana, antes de sua utilização por Juan Rulfo – e transfiguração para uma tauromaquia humana que beira o trágico-grotesque – e porventura mais perto da produção de Simões Lopes, pensa-se em textos como de Esteban Echeverría “*El matadero*” (1839), com forte conotação política, ou, ainda mais perto, “O touro negro”³⁵⁹ de Aluísio de Azevedo (1910).

Da personagem como touro ao texto como corrido³⁶⁰ ou corrida³⁶¹.

Em minha opinião, vários elementos no texto do conto permitem mentalizá-lo como uma sorte de *corrida* (usando a palavra espanhola, i.e. no sentido de ‘tourada’). Seria uma *corrida* que fosse antes metaforizada de que mimetizada, certo. Diferencia-se por exemplo do simulacro de corrida descrito pelo narrador do conto de Juan Rulfo³⁶², *El llano en llamas*, em particular por o texto de “O Negro Bonifácio” não remeter inequivocamente ao objeto “corrida”, pelo menos no que diz respeito à dimensão mimética mais imediata (a representação “realista” de uma tourada). Contudo, enquanto Blau não evoque uma tourada na sua estória, como é o caso nos textos de Aluísio de Azevedo, Juan Rulfo ou Hemingway, citados na página anterior, ele conta todavia a história de uma *corrida* desastrosa, e, por isto, podemos considerar que a corrida aparece no conto sob três modalidades aparentadas.

³⁵⁹ “À boa nova começou logo a chamar gente de todas as cidades e povoações vizinhas. Ninguém por ali em volta resistia ao sôfrego desejo de vir buscar o seu quinhão de sensações violentas, que tão grata tourada prometia, e gozar o seu bocado de sangue fresco, que havia tanto tempo já se não gozava por aquelas alturas. Dir-se-ia que os restos da sacrossanta Espanha de Torquemada e de Filipe II, não se podendo saciar como dantes, nos bons tempos como o capitoso sangue dos heréticos e dos ímpios, se contentava agora, em falta de melhor, com o inócuo sangue de bois e de cavalos, Sempre na esperança, todavia, de qualquer acaso feliz que viesse enriquecer a festa com o apreciável sangue de algum toureiro desastrado”.

³⁶⁰ Tomo a palavra no seu sentido de canção popular. O Houaiss dá as seguintes acepções no verbete correspondente: “. Bras. BA Mús. Tipo de samba de roda em que não há refrão coral. [Cf., nesta acepç., apanha o bago, bate-baú, corta-jaca (1), miudinho (4), separa o visgo.] Substantivo masculino. 10. Bras. Cap. Mús. Tipo de cantiga de estrofes curtas, com refrão, e que é cantada pelos capoeiristas”. Contudo, estou pensando sobretudo no vocábulo espanhol e sobre suas declinações hispânicas ou, melhor hispano-americanas (Drae: 7. m. Col., C. Rica, Cuba, Ec., Méx., Nic., Pan., R. Dom., Ur. y Ven. Romance o composición octosilábica con variedad de asonancias. 8. m. Méx. y Ven. Cierta baile y la música que lo acompaña”. Ocorre-me em particular a variedade de corrido que floresceu no contexto da revolução mexicana, no qual as canções soíam narrar, como se sabe, tais eventos como as batalhas, as façanhas ou as mortes das grandes figuras revolucionárias (corridos “de la muerte de Emiliano Zapata”, “de la muerte de Sancho Villa”, “de la muerte de Chalino Sánchez”, etc.)

³⁶¹ Há de fato muitas corridas neste conto, inclusive a corrida de cavalos, ponto que desenvolvo alhures.

³⁶² Mesmo que tenha valor metafórico ou alegórico, esta passagem da tourada com os inimigos se inscreve como “relato de um acontecimento” na trama do conto de Rulfo e não como “alusão”, sendo mais diretamente mimético no primeiro caso e mais indiretamente mimético (metonimicamente mimético?) no segundo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Por uma parte, a corrida de cavalos “acontece” no plano mimético, faz parte do enredo do caso “Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, **taura**, isso era, também! Quando houve a **carreira grande**, do **picaço** do major Terêncio e o **tordilho** do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando **houve a carreira**, digo, foi que **o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora**³⁶³”.

Por outra parte, haveria um processo metonímico, que seria a evocação de uma corrida de touros (tourada, mas estamos na *comarca pampeana*), em plano subjacente, suscetível de ser deslançada pela evocação da corrida (carreira) de cavalos e a própria maneira como se desenvolve o relato (tauromaquia do contador de causos).

Junto a este processo metonímico, haveria um processo metafórico, uma vez que há remessa implícita à corrida através de vários elementos tais como a comparação, também implícita, entre Bonifácio e um touro “de combate” (que acaba sendo um pouco mais explícita, com o símile “urrou como um touro na capa”, ou o uso de certas palavras que são habitualmente associadas ao “ritual” e espetáculo da tourada (tourear)³⁶⁴.

Certo, Bonifácio é **corrido** no sentido de ele, por seu atrevimento³⁶⁵, acabar sendo perseguido e abatido. Mas podemos também, pela forma em que se conta a história deste cerco e desta

³⁶³ Não se usa a palavra “corrida” em português para se referir a um espetáculo tauromáquico, mas sim o termo “tourada”. Isto dito, é evidente que esta acepção de corrida no vocabulário espanhol é conhecida também dos locutores lusófonos. Note-se aqui como elementos da construção fraseológica se combinam para encadear a tripla representação da corrida de touros (tourada: taura ↔ carreira), corrida de cavalos (carreira ↔ picaço, tordilho), corrida de negro (no caso, de Bonifácio: “quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora”, oração na qual, fora de contexto, “o negro” poderia muito bem se referir a um cavalo (ou a um touro se se entendesse “carrera” como “corrida”, por associação de ideias)

³⁶⁴ Conforme assinali em introdução desta secção, a vida e a morte como corrida é um elemento literário bastante usado na literatura, em particular latino-americana: “*El matadero*” de Esteban Etcheverria (1839); “*O touro negro*” (1910?) de Aluísio de Azevedo “*El llano en llamas*” (1950); *The Sun also Rises* (1926), *Death in the Afternoon* de Ernest Hemingway, etc.

³⁶⁵ Talvez, em relação à postura que se espera dele enquanto membro de um grupo discriminado, como o sugerem as epítetas usadas por Blau para se referir a Bonifácio (“tição atrevido”, etc.), lembrando que bastantes elementos no discurso de Blau são palavras que se originariam do discurso de suas personagens. Obviamente, o “tição atrevido” o é para os quatro brancos que juraram sua morte e outros que querem acertar suas contas com ele. Os termos são revezados por Blau e permanece difícil avaliar, na representação do narrador, se ele adere ao discurso que repassa ou se o critica. Neste tipo de incorporação de um discurso direito (fragmentos do que as personagens disseram ou mesmo pensaram) dentro do discurso indireto do narrador, alojam-se aspectos da representação de um ambiente ideológico. Os mesmos supostos empréstimos ao que as personagens disseram se encontram em quase todos os contos. Em “No manantial”, por exemplo, assinali as palavras “nhanhã” e “sinhazinha” (na oração “a mãe Tanásia saiu da toca e voltou à cozinha, dando com a - nhandã ... morta, e logo viu que a sinhazinha fugira) como repassando, mais do que o ponto de vista da

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

morte anunciada, pensar no corrido³⁶⁶, ou seja, uma canção tradicional que geralmente trata de algum valente que acaba de maneira trágica; isto, porque de fato, há inegavelmente algo épico na descrição que Blau faz do combate, bem como que à maneira dos feitos de Roland contra os mouros, mas desta vez, com um mouro massacrando os brancos e seus séquitos. Tais possibilidades de interpretação explicam porque escolhi usar, para traduzir o “tourear” do texto de origem, a palavra “toréer”, que talvez possa criar certo efeito de defamiliarização no texto de chegada, maior do que a palavra “tourear” teria sido suscetível de produzir no texto de partida, pelo menos para seus leitores iniciais³⁶⁷. Guardando a palavra, talvez percamos o aspecto de “caráter corrente” do uso figurado na ocorrência, porém preservamos, ao menos é o que me pareceu, outros aspectos. Estes são, por exemplo, a dimensão regional da formulação e a focalização zoomórfica que esta formulação realça. Em primeiro lugar, é bem provável que o leitor francês não conectará o uso da palavra com determinado espaço regional, mas pelo menos, esta escolha não deveria causar nenhum obstáculo de compreensão. O leitor entenderá imediatamente que se trata de uma formulação de natureza imagética e que o Bonifácio veio assistir à carreira para se divertir, o que, entre outras coisas, significava para ele ir “tourear”, provocar a Tudinha.

Na verdade, toda a reflexão (ou elucubração) que precedeu foi desenvolvida paralelamente a uma investigação das significações potenciais dos antropônimos elegidos por Simões para nomear suas personagens. Toda a questão em particular da relevância das vogais ‘a’ e ‘o’ se encaminhou como uma tentativa de entender porque Simões tinha colocado no mesmo conto uma personagem chamada Tudinha e outra chamada Nadico. Como havia obviamente um jogo entre Tudinha, tudinho, Nadico e nadica, comecei a me entranhar nesta questão da representação dos gêneros (ou papéis de gêneros) no texto dos *Contos gauchescos* e daí fui levado a olhar de mais perto o que acontecia no plano dos marcadores de gênero, justamente a questão da sexualização (ou generização) da linguagem e a questão dos sufixos masculinos ou femininos. Como enfatizei, a descoberta das personagens Jojô e Jajá no teatro de Simões me empurrou ainda mais para essa pista de exploração interpretativa.

velhinha, algumas de suas próprias palavras (“Ficou também a negra mina, que viu tudo e **foi quem fez o conto.**”)

³⁶⁶ Habitualmente, quando se pensa em corrido, ocorrem primeiro os corridos da revolução mexicana, é verdade, mas o corrido é uma forma amplamente distribuída no espaço hispano-americano, inclusive no Uruguai.

³⁶⁷ Os regionalismos transferidos no texto de partida, como este, causam estranhamento para o leitor de destino, mas é de supor que os termos originais também causam estranhamento à leitura, dependendo do perfil de leitores brasileiros, é claro.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº24 – Números

Texto e pretexto: os *Contos gauchescos* no seu conjunto. 88

Foco do estudo tradutório: considerações sobre os números enquanto elementos constituintes das redes significantes.

foi meu constante guia e segundo o benquisto
tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço
de oitenta e oito anos

Da mesma maneira como pode ser relevante atentar na disposição de esquemas gráficos ou acústicos menores, tais como as sílabas ou mesmo as letras e os fonemas, quando se procura identificar redes significantes essenciais para a compreensão do texto, o tradutor não pode esquecer-se de que também há sempre sistemas de integração dos números na composição escritural e que seria arriscado minimizar seu papel no processo interpretativo.

Lembro neste respeito uma entrevista do americano Don DeLillo a quem perguntavam que tipo de relação ele mantinha com seus tradutores. O escritor respondeu que não tinha de fato muito contato com os tradutores, mas que sempre se perguntara como lidavam com a questão específica dos números nas versões estrangeiras que elaboravam a partir de seus livros. Prosseguiu dizendo que, para ele, quando estava imerso no processo de escritura, concentrado, dedicado, o número de letras dentro de uma palavra, o número de palavras dentro de um segmento, o número de frases dentro de um parágrafo eram sempre extremamente relevantes. Impressionou-me a resposta e me induziu a investigar alguns dos aspectos da interconexão entre números e outros elementos escriturais no texto de Simões.

A preocupação com o número de letras das palavras usadas para compor a versão estrangeira certamente já teria inegável pertinência na procura de um ritmo ou balanço fraseológico que não se afastasse por demasiado do original. Assim, como vimos no comentário nº4, o número de sílabas também pode ser importante, na medida em que esquemas de versificação estão efetivamente integrados nos *Contos*, os quais precisariam ser levados em conta na versão – haja vista a redondilha maior da pajada, por exemplo, que costuma ser traduzida em francês por um octossílabo (dada a ausência de acentuação lexical em francês, o que faz com que a última sílaba conte da mesma forma que as outras na escansão do verso). As letras, enquanto portadoras de fonemas, também importam nem que seja do ponto de vista dos sistemas de assonâncias, aliterações, rimas finais e interiores, etc. tão marcantes no texto literário.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Números com possível “significância especial”

Algumas modalidades de manifestação da dimensão “numérica” na escritura literária.

São muito diversas as maneiras como os números se integram à comunicação humana em geral, e à escrita literária em particular, e como se manifestam e produzem efeitos quando da atualização acústica do texto (mentalizada ou em voz alta) pela leitura. Que haja um complexo de nexos que vinculam a literatura, e a arte em geral, com modalidades da matemática não faz dúvida. Basta que se nos invoque o número de ouro para que se concretize quase de imediato em nossa mente a ideia de que arte e matemática são de fato indissociavelmente conectadas. No mundo tanto natural quanto artificial, podemos pensar também, entre tantos outros exemplos, no papel determinante dos fractais nas estruturas que participam da “modelização do mundo que nos circunda, junto com suas representações, inclusive artísticas”.

Quanto à literatura, os exemplos de empreendimentos de vinculação mais ostensiva entre a escrita (a *poiesis*) e a matemática (μαθήματα “*mathêmata*”) não faltam na história da literatura, pensando-se apenas no número expressivo de escritores que foram também matemáticos (Pascal, Lewis Carroll, o grupo Oulipo considerado no conjunto de seus membros, etc.) e das tendências estéticas que valorizaram expressivamente uma maior conspicuidade do vínculo linguagem/álgebra na obra de arte.

Os números propriamente ditos

Neste produto cultural que o livro constitui de per se, ao nível talvez mais básico, são todos aqueles números que servem para ordenar a composição do texto e do volume, ou seja, os números de páginas, de capítulos ou de outras divisões e subdivisões, justamente numeradas, que permitem se orientar naquela estrutura tanto horizontal quanto vertical do objeto, tanto tri quanto quadridimensional³⁶⁸; isto uma vez que o livro, mesmo para se apreender de maneira simultânea, só se dá primeiro a conhecer, enquanto conteúdo, em modo consecutivo. É uma álgebra que nos permite nos deslocar no “espaço” do livro, ou seja, integrada a uma sorte de organização geométrica do texto a ser decifrado.

Depois, vêm os números que fazem parte do texto propriamente dito (bem que ‘Parte I’ ou ‘capítulo 3’ poderiam ser considerados como elementos de pleno direito do texto literário). Estes números reproduzem, na dimensão “epidérmica” da mimese, papel semelhante

³⁶⁸ O volume, a página, as linhas... mais o tempo... da leitura por exemplo.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

(justamente mimético por isto) ao que os números desempenhariam na contagem de nossas vidas, sejam individuais ou coletivas: datas (de nascimento, falecimento, de batalhas ou eleições, etc.), números de itens, tanto materiais quanto imateriais (dias, anos, irmãos, irmãs, relacionamentos, perdas, ganhos, empregos, geladeiras, carros, máquinas de lavar, computadores, etc.)

Reportando-nos para o mundo da literatura, “inúmeros” estudos têm demonstrado que os números afetando o destino fictício das personagens – bem como tantas outras escolhas, como o nome dessas personagens, os topônimos, etc. – frequentemente possuem conexões de ordem autobiográfica, o estudo do texto da *Gradiva* de Jensen, por Sigmund Freud, sendo talvez paradigmático neste respeito. Ou seja, o número que o autor decide inscrever na evocação de tal ou tal situação fictícia pode ser motivado pelas circunstâncias também fictícias desta situação, certo – portanto em aparência estritamente internas à obra – mas também procede de coligações “semi-extrínsecas”, que vinculam o processo escritural à vivência carnal e intelectual do autor, a suas leituras (intertextualidade), a suas memórias, seus desejos, seus objetivos, etc.

Não vou falar a seguir da primeira categoria de números, i.e., dos números que organizam convencionalmente a leitura do texto, mas sim daqueles que de fato aparecem no corpo da narrativa e que, além da informação circunstancial fictícia que possam trazer para o relato, também são suscetíveis de desempenhar alguma função, postula-se, hipersignificante e estruturante. Quais, então, seriam os números mencionados por Blau Nunes que parecessem ter destaque especial no curso da narrativa?

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquisto tapejara Blau Nunes, desempenhado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de furriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré.

8. Entre outras várias possibilidades, escolhi o número oito: 8, justamente por exhibir esta competência especial da semelhança formal com o infinito (seu símbolo verticalizado) ou da fita de Moebius. Mas é evidente que haveria de se investigar também, entre outras, as figuras do 2 ou do 3, etc. que recorrem com particular insistência no texto dos *Contos*.

Para reduzir o campo de investigação, concentrei-me no conto onde sua presença se manifesta com a maior insistência (a meu ver): “Os cabelos da china”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Obviamente, o 8 aparece ao longo dos relatos na sua forma cardinal (vide texto de introdução da coletânea). Se não fosse o caso, nem o mencionaria como algarismo de destaque no conto “Os cabelos da china”.

- Estou... como um crivo... Eram oito... em cima... de mim... só pude... estrompar... cinco!... Vancê... ainda... tem... aquele buçalete?...³⁶⁹

Depois, 8 se manifesta também mediante evocações de ordem quase que icônica, ao se apresentar dentro de significantes que remetem, mas ou menos conspicuamente, mais ou menos ocultamente, a sua forma. Estou pensando em especial nas figuras do entrançamento que envolve sempre as duplas voltas do 888888... Seja verticalmente (a trança de Rosa quando Blau a vê pela primeira vez) seja horizontalmente (a trança de cabelo que Picumã oferece para Blau para que lhe sirva de buçalete, a trança/buçalete jogada na cova, etc.)

De rosas e tranças, de tranças de rosas.

A trança é uma das metáforas cruciais da coletânea e não me parece ser acaso “Os cabelos da china” ocupar aquele lugar central de que goza o causo no conjunto. Remete-nos em particular à arte de contar (em todos os sentidos) e a metáfora primitiva entre o texto e o têxtil, sendo que Blau, “odisseiadamente”, faz questão de mencionar os estados de desmanchamento da trança roseana (penelopeana) ao longo do causo.

Em que alguma reflexão sobre os números pode impactar a tradução?

Certo, não haveria nenhum fundamento em mudar o número de inimigos que investem contra Picumã³⁷⁰, a não ser por uma razão de possível divergência cultural na significação dos números, mas a minha premissa era que as outras modalidades de integração do número não se transferissem com tanta automaticidade assim no momento da conversão do texto de Simões para outro idioma. Assim, e retomo o assunto no comentário seguinte, se o texto desenha, sob uma modalidade ou outra, a figura de um oito, de um três ou de um sete, haveria a tradução de tentar não perder a delineação original. A inscrição como que em filigrana de números no texto literário (o número, 3, 7, 24, etc. não sendo necessariamente enunciado seja na sua forma de algarismos seja mediante sua escrita em letras) é um dois problemas que tiveram que enfrentar os tradutores de *Grande Sertão: veredas* onde os movimentos das tropas de jagunços pelo sertão, evocados pela *mimese*, desenham “graficamente” símbolos, inclusive números, pelas veredas do texto (as trilhas de seu espaço geométrico).

³⁶⁹ O algarismo 8 é mencionado sete vezes e o número 80 duas vezes se não me equivoco.

³⁷⁰ Na localização, que é um tipo de tradução, restrições culturais podem levar o tradutor a escolher outro número do que o mencionado originalmente, se este não tenha a priori nenhuma função técnica precisa.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Idealmente, a tradução deveria andar colada ao texto original, “como carrapato em costela de novilho”, acompanhando cada de seus movimentos; porém, sabemos que isto não é possível; quanto mais, acompanha-se laboriosamente a sombra do texto (“Eu andava colado ao meu padrinho, como carrapato em costela de novilho. Por onde ele andou, andei eu; passou, passei; carregava, eu carregava; fazia cara-volta, eu também”).

Laço, laços, enlaçamentos, a armada do causo e as duplas voltas do laço.

O laço e suas voltas também são aptos para sugerir alguma conexão com o número oito, pois, a sua forma pode lembrar uma sova meio enrodilhada. Aliás, não me parece disparate conjecturar que a escolha do número 80 no conto “Correr eguada” tenha a ver com o esquema mais abrangente das voltas e dupla-voltas a que se pode subsumir o número 8 encontrado em “Os cabelos da china”: “Como **uns oitenta e tantos** torenas, campeiraços distorcidos, domadores e boleadores de fama”. Até digo isto também porque os movimentos descritos pelos cavalos, de duplos círculos que se resolvem numa espiral e depois explodem numa disparada linear, expressariam igualmente, “a meu ver”, alguma evocação da forma do número³⁷¹.

O número 8 ressurgiu, aliás, um pouco mais adiante e isto não pode faltar em deflagrar perguntas do tipo: “mas por que justamente oito, e não seis ou sete?”.

“Ficava o nervo do garrão, arrochado pelo ligar; então o gaúcho desenredava as boleadeiras e assinalava e mal isto, já o bagual se apumava e levantava-se, bufando, puava, pra rufar..., mas qual! saía em três pernas!... E assim de seguida, em dois, três, **oito** ou mais, que cada corredor boleasse; esses não podiam mais disparar, ficavam perneteando no meio do campo!”

Suspeito que o número tenha tido significado especial para Simões. Novamente, no caso de uma conversão para o francês, dentro de um espaço linguístico-cultural no qual não me consta haver nenhum tipo de tabu associado à menção do número 8, é claro que não haveria por que trocar o número por outro.

³⁷¹ “E daí a pouco já se levantavam os primeiros rumores... A bagualada estranhava aqueles movimentos; os colhudos começavam a relinchar, ajuntando, pastorejando as manadas; os entropilhados, farejando, entreparavam-se, arpistas; outras pandilhas, de cola alçada, iam num trotão dançado, bufando... e já cerravam numa correria em redondo e depois riscavam, campo fora... [...] de todos os lados cruzava-se a contradança, que se encaminhava sobre uma linha já combinada; e aos poucos ia crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redemoinhava, espirrava, tornava a embolar-se... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadas... [...] E em cancha direita ou fazendo voltas largas...” “Aquele novelo não se desmanchava mais” “o bagual logo rodava, no enleio das sogas. O motivo dos rodeios enquanto figuras da dupla volta aparece também em “A mboitatá” (*Lendas do sul*)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A não ser que o tradutor seja, ele mesmo, um escritor muito conceituado a quem possa ser perdoado o entrelaçamento de fragmentos autobiográficos na sua tradução³⁷². Agora, para formas menos conspícuas de manifestação do número, a transferência pode não ser tão sistemática assim.

Como fiz observar, prevalecem formas de construção circular que contribuem para uma dinâmica, digamos, em espiral do conto no seu desenvolvimento linear. Seria o 8 ou o 0 (o 8 sendo uma sorte de duplo 0, um acima do outro). Mostrei isto enfatizando alguns percursos léxico-semântico-narrativos, mas esta configuração é tangente a muitos aspectos da arquitetura dos *Contos gauchescos*. Assim temos o percurso das designações de Tudinha que nos leva de ‘chinoca’ a ‘morena’, passando por ‘cabocla’ e ‘morocha’ que, justamente acabando com ‘morena’ e o causo se concluindo com a questão de gênero, reaproxima os antigos namorados separados, i.e. a china/morena Tudinha e o negro/taura Bonifácio.

Em outro conto, “Correr Eguada”, inicia-se a narrativa por uma referência que remete a um tratamento “individualizado” (“Se vancê fosse daquele tempo, eu calava-me, porque não lhe contaria novidade, mas vancê é um guri, perto de mim, que podia ser seu avô... Pois escuite.”) passamos depois para um movimento textual em que o que predomina é o coletivo na sua força destrutiva e até autodestrutiva, e voltamos enfim para o individual com ‘cada gaúcho’, em vez de ‘a gauchada’, repassando do sujeito coletivo ‘a gente’, (ou formas pronominais passivas) para o ‘Eu’ narrador que encetou a contação (e formas verbais ativas).

É significativo, e isto poderia ser relacionado com os esquemas de interligação entre si (especialmente em textos consecutivos), que, logo depois, Blau passa a contar um caso de que foi protagonista e não simples participante.

Conviria, pois, examinar os esquemas numerativos em relação com o desenho dos causos (desenho em seus vários sentidos, inclusive no plano gráfico). Infelizmente, não tive como conduzir tal estudo.

É relevante? Com certeza, mas nem por isso será necessariamente julgado relevante pelo leitor ou pelo editor. Não deixo, aliás, de me perguntar como Don Delillo teria abordado os textos que lhe fossem submetidos, se além da sua atividade de escritor, tivesse também exercido a de tradutor.

³⁷² Claramente, por mais que o tradutor se empenhe em desaparecer atrás do texto original, haverá alguma porção de autobiografia, por mínima que seja, nas suas escolhas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Teria Don DeLillo malucamente contado as letras dentro das palavras, as palavras dentro das frases, as frases dentro dos parágrafos, suputando configurações e constelações aqui e acolá, e tentando trasladá-las nas suas versões para o inglês? Talvez isto funcione com um poema de algumas dezenas de versos, mas como fazer com romances de oitocentos e oitenta e oito, ou mais, páginas?

Esta figura do oito, enquanto figura do retorno eterno, encontra-se, a meu ver, também na repetição de alguns motivos que surgem e ressurgem ao longo da coletânea, de um conto para outro. Não tenho espaço aqui para detalhá-los e me contento em assinalar dois em particular, por seu caráter porventura conspícuo. Visto desde certo ângulo, o oito seria com efeito uma figura do mesmo no outro, em particular enquanto essa presença do mesmo no outro se manifesta no aniquilamento da morte, e, obviamente correlatado, o entrelaçamento, inclusive corporal, naquela morte que sela a reunificação das metades (ou dos terços).

O oito (no seu sentido coreográfico) dos abraçados

E meio de pé, meio de gatinhas,
caindo, bracejando, afundando-
se, surdindo, todo ele numa
plasta de barro reluzente,
alcançou o Chicão, e - por certo
- firmando-se no corpo do
cavalo morto, botou-se ao
desgraçado, com as duas mãos
escorrendo lodo apertou-lhe o
gasganete... e foi calcando,
espremendo, empurrando para
trás..., para trás... até que num -
vá! - aqueles abraçados
escorregaram, cortou o ar uma
perna, um pé do Chicão, - livre
da espora - e tudo sumiu-se na
fervura que gorgolejou logo por
cima!...

E o capitão revirou os
olhos e deu um suspiro
rouco... depois respirou
forte, espirrou uma
espumarada de sangue e
afrouxou os joelhos... e
logo caiu, pesado, com
uma mão apertada, sem
largar a faca, com a outra
mão apertada, sem largar
a trança...
E a china, assim presa;
rodou por cima dele,
lambuzando-se na
sangueira que golfava
pelo rasgão do talho, que
bufava na respiração do
morrente...

Do mesmo talho varou os dois
corações, espetou-os no mesmo
ferro, matou-os da mesma
morte, fazendo os dois sangues,
num de cada peito, correrem
juntos num só derrame... que foi
lastrando pelo chão duro, de
cupim socado, lastrando... até os
dois corpos baterem na parede,
sempre abraçados, talvez mais
abraçados, e depois tombarem
por cima do balcão, onde estava
encostado o tocador, que parou
um rasgado bonito e ficou
olhando fixe para aquela parelha
de dançarinos morrentes e
farristas ainda!...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Comentário nº25 – Iconicidade

Texto e pretexto: os *Contos gauchescos* no seu conjunto.

Foco: figuras da iconicidade no texto literário e o problema de sua transferência.

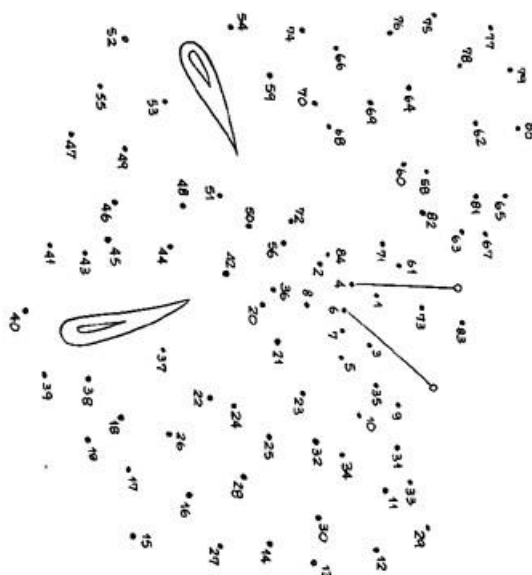
Flying Crooked

The butterfly, the cabbage white,
(His honest idiocy of flight)
Will never now, it is too late,
Master the art of flying straight,
Yet has — who knows so well as I³⁷³? —
A just sense of how not to fly:
He lurches here and here by guess
And God and hope and hopelessness.
Even the aerobic swift
Has not his flying-crooked gift.

Robert Graves

Talvez valha a pena lembrar para o leitor destas páginas de que se trata quando se fala de iconicidade no âmbito da interpretação (ou simplesmente da apreensão) do texto literário.

iconicidade Datação: sXX n substantivo feminino 1 Rubrica: linguística. semelhança existente, em certos signos linguísticos, entre a forma e a coisa representada, o que ocorre em onomatopeias (p.ex.: atchim, tique-taque), e palavras onomatopaicas (p.ex.: sussurrar, zumbido) 2 Rubrica: semiologia. propriedade que tem o signo icônico de representar por semelhança o mundo real (quanto maior o grau de iconicidade de um signo, tanto menor o seu grau de abstração ou esquematização)



³⁷³ Observa-se a simetria da borboleta e dissimetria do seu voo expressadas no lugar central do verso 5, com a cabeça “borboletânea” do em final de linha. O poema gera uma reflexão sobre a simetria e dissimetria nas relações entre a forma e o que ela exprime.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No âmbito da composição do texto literário, a iconicidade seria, pois, uma combinação das duas acepções *supra* e, sobretudo para mim, haveria essa possibilidade da extrapolação do conceito a uma unidade maior do que a unidade lexical, permitindo englobar nele espelhamentos mais abrangentes entre estruturas linguísticas e metáforas sustentadas (como seria, aos meus olhos, o caso da corrida enquanto *leitmotiv* inscrito de várias maneiras no conto “O Negro Bonifácio” e outros relatos, a que voltarei mais adiante)

Assim, no exemplo do poema de Robert Graves que proponho em cabeçalho deste comentário, há unidades de iconicidade menores (palavras: ‘butter’, ‘cabbage’, letras: ‘I’, colocações: ‘here and here’, etc.), mas elas concorrem, ao se combinarem uma com outra, a uma apreensão do poema não só enquanto soma de signos, mas enquanto signo integral, ou seja, em particular, enquanto “objeto” captado na sua totalidade e não na acumulação consecutiva de seus constituintes. Decorre, deste modo de apreender o objeto em pauta, que eu prefira esta definição da iconicidade, talvez mais vaga, porém que permita abranger uma grande diversidade de fenômenos: *form miming meaning, or form miming form*.

Das várias maneiras do dizer

Na verdade, os fenômenos sobre os quais pretendo discutir aqui talvez não se enquadrem exatamente no que sói se considerar como iconicidade do texto. Vou me debruçar mais é sobre estruturas de paralelismo (a iconicidade sendo, no meu entendimento, um tipo de paralelismo) que envolvem esquemas de repetição de significação mediante diferentes canais de comunicação textual. Neste caso, talvez termos como homologia, tautologia ou mesmo homotetia fossem mais adequados para se referir aos fenômenos em questão.

***“de outra forma, é verdade, mas sempre os mesmos”*: a repetição não é idêntica.**

Na esfera da produção e da recepção do texto literário, poderíamos falar da dimensão heraclítica da repetição (em relação com a analogia das águas de um mesmo rio que nunca são as mesmas), pois o simples fator temporal aplicado ao fato literário já implica na alteridade da repetição (momentos de produção dos textos, original e versões, momentos de recepção, etc.). Apesar de o texto supostamente permanecer o mesmo (“fixado” dizem as edições, que, entretanto, se empenham em modificar o texto fixo anterior), nunca se lê duas vezes o mesmo texto. O motivo das variações sobre o tema da mesmice do outro e da alteridade do mesmo aparece claramente em Simões, onde Blau comunica, a sua maneira, suas considerações sobre a paradoxal imanência da forma nas suas mudanças proteicas (cf “os cabelos da china”).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

A iconicidade, como mostrei com o breve estudo da inscrição do oito no decorrer do conto “Os cabelos da china”, manifesta-se, naturalmente, não só nesse caso particular, senão ao longo do texto total da coletânea. Como vimos, corresponde ao desenho de uma imagem – digamos a mentalização de uma imagem, principalmente, visual – que não é a diretamente “mimetizada” pelo texto, senão que se apresenta como que subliminal ou pelo menos, colateral (com algo, provavelmente, de “rorschachiano”). De certa maneira, os recursos mobilizados pelo autor para estimular a evocação interiorizada pelo leitor (visão de uma paisagem, odor de plantas, gosto de frutas ou de alguma comida, tato de algum material) participam da dimensão icônica global do texto na medida em que transformam as sequências de grafemas na página em imagens mentais que emulam sensações e contam uma história por si mesmos.

Mas aqui, pretendo abordar mais precisamente figuras de homologia, não no sentido retórico, mas no sentido, digamos fractal, do desdobramento da comunicação tão semântica quanto estética, mediante estruturas paralelas. Ou seja, a maneira como o texto expressa a mesma coisa (e algo mais, ou algo menos, ou simplesmente algo outro) mediante diversos meios, simultaneamente e consecutivamente (cf. a reflexão engajada por Stephen sobre *nebeneinander, nacheinander e miteinander* no romance *Ulisses*, de James Joyce).

Talvez caiba aqui um exemplo, já estudado, do que eu entendo por “homologia” neste tipo particular de uso das construções paralelas na arquitetura textual:

Quando Simões escreve (“coloca na boca” de Blau Nunes, pela qual tudo passa): “Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia naqueles pagos”, ele nos fornece detalhes sobre esta personagem de seus causos de várias maneiras. Um desses modos do dizer pode nos parecer mais direto, pelo menos na sua apreensão pelo leitor: no plano semântico-mimético epidérmico, a personagem se chama Tudinha, é bonita, é ‘china’ (com as diversas possibilidades de entendimento da palavra), é arisca e coquete, ou dengosa (diferentes acepções também são possíveis para “candongueira”, mas a palavra tem de se apreender no seu “todo semântico”) e é uma residente do local.

Mas, se insistirmos na tecla da miscigenação, que é um dos grandes temas dos discursos ideológicos e debates daquele momento em que se produziram os *Contos*, esta informação sobre um possível carácter mestiçado de Tudinha se dá ou se sugere simultânea ou consecutivamente de diversas maneiras, talvez mais oblíquas.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Primeiro, como explico no comentário nº3, há o nome da personagem, que, além de poder ser lido como um diminutivo de Gertrudes (com todas as implicações semânticas potenciais que esta “filiação” pode acarretar), pode também ser apreendido como uma forma de expressão do caráter “panamericano” da personagem (o tipo humano, ou socioétnico, procede de várias “cepas”, todas elas essenciais na história da formação populacional da nação).

Segundo, a palavra “chinoca” tende também a reforçar a sugestão de que a Tudinha fosse fruto do processo de mestiçagem, já que, dentre suas acepções, em se referindo à época a que nos remete a ambientação dos *Contos*, constam as de “mulher indígena, ou descendente de índio”, “mulher morena de olhos puxados”, “mulher cabocla de pele muito morena”, “mulher ou moça do campo”, “mulher do peão”, etc. (Houaiss e Aurélio), que são obviamente inter-relacionadas em algum aspecto. Conforme expliquei, no texto original não há por que explicitar tal ou tal traço semântico, contando-se com a vivência do leitor (sempre, em algum grau ou outro, um componente implícito do texto original), que sempre saberá de que ou de quem se está falando.

Terceiro, pode haver, e certamente haverá, outros elementos textuais que participam da expressão da probabilidade deste caráter mestiço e da expressividade³⁷⁴ desta comunicação, a história inscrita dentro da própria grafia (pois é uma sorte de historiografia) também formulando (ou reformulando) esta probabilidade. Como apontei, não me parece ser acaso o fato de se ter uma palavra de origem americana, outra de origem africana³⁷⁵ e mais uma de origem europeia para caracterizar uma personagem que, justamente, se chama Tud(o)inha.

Enfim, lembrando, entre outros elementos de informação, que a personagem é qualificada de “misturada” pelo Negro Bonifácio, é referida ao longo do texto como “china”, “piguancha”, “cabocla”, “morocha” pelo narrador, há de fato muitos indícios de que a personagem seja objetivamente representada enquanto sendo “de raça, ou de sangue mistos”.

³⁷⁴ Faço uma diferença entre expressão e expressividade, sendo que o que me interessa em prioridade são as modalidades mediante as quais expressão (mais ou menos o que é expressado) e expressividade (mais ou menos como é expressado) dialogam e se combinam entre si para produzirem efeitos específicos no leitor.

³⁷⁵ Haveria um elemento afrodescendente em Tudinha? Não se diz nada claro a respeito no texto, mas a formulação deixa imaginar que a possibilidade existe, ainda mais quando se toma em conta certos elementos do conto: a sua rival é caracterizada como “beijuda”; o Negro Bonifácio a chama de “misturada”; sabemos que não é filha legítima do capitão, mas ignoramos a identidade da mãe; há interrogações sobre o que pode tê-la levado a se acolherar com um negro tão feio (diz o próprio Blau, que sempre, aliás, me soa bastante suspeito, enquanto representação “personagística”, em matéria de assuntos amorosos “fui inocente no caso?”, “botei os versos”, etc.)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Conforme ressaltado acima, na frase da apresentação de Tudinha citada acima, temos então: o nome, que significa “adequadamente” o que significa (Tudinha seria “um pouco de tudo”), e depois, como para defini-lo, uma palavra derivada do quíchua (“china³⁷⁶”), mais outra derivada do banto (“milongueira”), e mais outra derivada do latim (“pago”). Ou seja, eis uma oração que, na sua própria composição linguística “mestiça”, espelha quase que perfeitamente uma das características mais relevantes da personagem – em um conto, vale frisar, que se intitula “O Negro Bonifácio” e que, por conseguinte, certamente se anuncia, pelo mero título, como tendo a ver com representações das identidades étnicas, inclusive nas associações que são suscetíveis de se fazer entre “cepa” e cor da pele.

Pois, mesmo que não seja exatamente o tipo de fenômeno habitualmente encarado pelos estudiosos da literatura enquanto elemento de pleno direito da iconicidade, inclino-me a considerar este tipo de estratégia linguística embutida na estratégia narrativa como uma forma efetiva de iconização do “discurso” literário, na medida em que, em ocorrências como essas (ver *supra*), é a configuração formal que, por sua vez, configura a duplicação do sentido. Para mim, os esquemas de iconização da narrativa se constituem de fato em redes significantes, tanto horizontais quanto verticais, com eventuais superposições, imbricações e oposições. Por exemplo, “Deve um queijo”, ao nível mais “epidérmico” da diegese, seria expressivo do antagonismo secular entre os rio-grandenses e os castelhanos, certo; salvo que a própria composição linguística acaba canalizando, para não dizer solapando, esta representação antagonista, valendo-se de um português particularmente próximo do espanhol – e mesmo tornado mais próximo ainda pela utilização de palavras e de estruturas sintáticas escolhidas neste sentido—, o que, de certa forma, introduz uma “pista de contraleitura” dentro do próprio texto, pelo menos a um nível “mais profundo”, menos “epidermimético” da escrita.

Citei alhures outro exemplo desta multicomunicabilidade do texto que se exerce em diversos planos da construção textual. É o fato de também aquela castração “anunciada” de Bonifácio ser-nos narrada não só de maneira digamos mimético-fatual (acontece isso e logo isso e depois isso, etc.), mas também mediante outras modalidades de transmissão da informação supostamente detida pelo narrador e que ele decide... ou não... compartilhar com sua audiência. E aqui cabe lembrar que há sempre todo um jogo de cintura narratológico no manejo das informações, pretensamente retidas ou soltadas, ostensíveis ou meio-ocultas, sem que nunca seja óbvia a intenção do narrador.

³⁷⁶ Sem falar do caráter mestiçado na composição da própria palavra, – oca e – eira sendo sufixos lusos agregados a palavras de origem americana e africana.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, explorei ali alguns aspectos da maneira como as estruturas paralelas significavam (inclusive, portanto, a duplicação do enredo por recursos de iconização). Por exemplo, Bonifácio, que há de ser castrado quase no final do caso, é, de entrada, qualificado por adjetivos terminados em a (adjetivos epicenos), passa depois a ser comparado a um boi em vez de um touro, isto antes que o relato conte “efetivamente” a “capa³⁷⁷” da personagem, um pouco como acontece com aquela leve defasagem entre a batida e a melodia na bossa nova, como se uma coisa “anunciasse” a outra. Para mim, é igual que se já “se tivesse contado” a história mediante outros recursos, de prefiguração, do que através da função narrativa propriamente dita, embora, na verdade, esta prefiguração tendesse a se manifestar mais com a retroleitura do que com a primeira apreensão do texto.

Em que a identificação deste tipo de estratégia pode influir na tradução?

Eu julguei que importava ficar atento a esquemas como os que exemplifiquei acima e pensar sempre na possibilidade de mantê-los, pelo menos parcialmente. Voltando para os casos já citados nestes comentários, acreditei que:

- ao modificar o comparante de uma metáfora, arriscava-se embotar aquela “transgenerização” de Bonifácio – passando metaforicamente de touro a boi³⁷⁸, ele passa do estatuto de másculo ao de emasculado;

- ao alterar os comparantes de certos símiles, “como uma garra de tamanduá...” “como égua xucra”, “como uma anta”, apagava-se um dos recursos que expressavam o asselvajamento da narrativa – conjecturando que haveria um crescendo nas referências a animais selváticos ou alçados, ao tamanduá, à anta, ao chimarrão, à égua xucra, que correspondesse, por sua vez, à aproximação do “clímax” da satisfação das pulsões primárias, i.e. dos impulsos violentos em relação, especialmente, com os ditames naturais da vida reprodutiva.

- ao escolher adjetivos de gênero masculino em vez de adjetivos “epicenos” (de dois gêneros, é verdade, mas com marca gráfica geralmente associada à feminidade), eliminava-se parte de uma modalidade especial da comunicação textual, que se realizava através de unidades menores do que as palavras (no caso as vogais ‘o’ e ‘a’ enquanto sinalizadoras de masculinidade ou feminidade).

³⁷⁷ Para mim, há uma relação entre ‘capa’ e ‘capa’, no sentido de Bonifácio ser vítima de uma capa justamente por sua capa (cor de pele que corresponde mais ou menos, como vimos, à cor de pelo, capa, do lobuno)

³⁷⁸ i.e., num plano mais ostensível, nas comparações em que é o termo comparado.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- ao manter o nome ‘Tudinha’ na versão estrangeira, afrouxava-se o elo entre a nomeação da personagem e uma das suas características que talvez desempenhasse papel particularmente relevante na significação do texto. Ao não levar em conta a identidade histórico-étnico-linguística dos qualificativos de Tudinha, desbotava-se em algo o jogo sobre as cores de pele e de pelo, etc.: a “misturada” Tudinha se apoderando do facão do “imaculado” Bonifácio, emasculado, não era mais suscetível (ou o era em grau menor) de desempenhar aquele papel representativo de uma miscigenação toda poderosa.

Em *Contos gauchescos*, tais relações de ressonância semiótica entre as unidades lexicais³⁷⁹ me impressionaram como sendo particularmente pregnantes no âmbito de uma estratégia abrangente de estruturação do texto. Estou pensando, por exemplo, nas similaridades entre o relato de Blau em “O Negro Bonifácio” e o desenrolamento ritual de uma corrida/tourada (o sacrifício de um taura/tauro que acaba com sua morte e sua castração conforme foi apontado alhures), a fronteirização e a hibridação das palavras como ecos dos motivos do contrabando e da transgressão em “Contrabandista” ou da miscigenação em “O Negro Bonifácio”, a hispanização da linguagem em um caso que joga com o tema das inimizades nacionais, etc.

Também haveria os rodeios que a narrativa descreve na própria evocação dos rodeios dos cavalos acudados tanto em “Correr eguada” quanto em “O Anjo da Vitória”. Enfim, são múltiplas e proteicas as figuras de iconicidade, digamos de escala maior, que contribuem a conformar os *Contos gauchescos*, e, em particular a lhes conferir esse formidável poder de evocação e essa admirável coesão que os destaca tanto entre a produção de cunho regionalista, caboclista ou sertanista da mesma época (cf. *Pelo sertão, Sertão*, etc.).

Também podem ser contemplados como recursos dos esquemas de iconização, bem como aquela “feminilização” das palavras que acompanha a demasculinização do/da personagem em “O Negro Bonifácio”, elementos como a recorrência quase que subliminal da forma do oito no conto “Os cabelos da china” cuja dupla volta está reproduzida pela própria construção narrativa e sintática (“largou o braço da morena, mas agarrou-lhe os cabelos, a trança quase desmanchada, **fechando na mão duas voltas**”), a trança de Rosa que se “desenovela” a medida que o caso se “enovela”, etc.

³⁷⁹ A unidade lexical é um elemento entre outros, certo e, de fato, negligenciei a unidade sintática por exemplo. A especificidade lexical do texto de Simões sendo uma de suas características mais ostensíveis, devo confessar que me concentrei sobre este aspecto.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Quando se fala em iconicidade do signo, refere-se em especial, acredito, ao poder do significante de evocar imagens mentais que não fossem aquelas decorrentes em linha direta dos significados, ou seja, dentro de uma perspectiva focada especificamente na relação entre linguagem e mimese (do signo a seu referente – um referente plausível – na realidade). Cabe frisar, a propósito, que este tipo de evocação não é necessariamente visual ou somente visual: pensa-se, por exemplo, na aptidão de tal ou tal sequência de fazer “soar mentalmente” os cascos dos cavalos, ou simular o ranger das rodas de alguma carreta no cascalho da estrada, ou qualquer emprego das aliterações para acompanhar ou sugerir tal ou tal fenômeno, etc.

Variações na escala e nas modalidades.

No meu entendimento, os esquemas de iconicidade concernem tanto a unidades menores (a letra, a palavra, a frase...) quanto a unidades maiores (o conto, a obra, a produção artística dentro de tal ou tal intervalo de determinado contínuo espaço-tempo). Ocorrem-me, neste instante, exemplos de textos nos quais a mobilização desses recursos é bem manifesta³⁸⁰: o jogo de xadrez na novela de Lewis Carroll, *Trough the Looking Glass*, o jogo de sinuca no relato *Malagueta, Perus e Bacanaço* de João Antônio Ferreira Filho, a aridez do texto de Graciliano Ramos em *Vidas secas*, etc.. Ou como naquele poema de Robert Graves³⁸¹ colocado em cabeçalho deste comentário, no qual se desenha ao mesmo tempo a forma da borboleta (dentro de uma concepção quase que caligramática do poema) e a forma de seu voo (considerando, entre outros recursos, o caráter adejante que a segmentação do fluxo verbal, induzida pela pontuação ou pelas coordenações, confere à fraseologia: “He lurches / here / and here / by guess // And God / and hope / and hopelessness”).

Entropillando as palavras.

É dizer que a dimensão iconizante no texto literário não é simplesmente uma questão de seleção lexical, mas também de seleção dos arranjos (arranjo dos arranjos) em que se colocam as palavras, as suas locações e colocações nas encruzilhadas dos eixos paradigmáticos e sintagmáticos. Os baguais de “Correr eguada” acabam formando um só cavalo: a eguada.

³⁸⁰ Uma maneira de se representar isto consiste em recordar sequências visuais em que veem um voo de pássaros que, no conjunto, se parecem a uma ave gigante (<https://vimeo.com/241007433>), ou um desses cardumes de peixes que, ao se moverem todos juntos na mesma direção e com a mesma velocidade, aparentam se materializar em alguma espécie de peixe gigante (seriam exemplos de fractais na natureza).

³⁸¹ Escolhi o poema de Robert Graves para ilustrar o que entendo por iconicidade no texto literário, justamente porque o brevíssimo texto já oferece uma exemplificação de como vários recursos iconizantes são implementados em um fragmento bastante reduzido (que não deixa, por isto, de ser autônomo) de material poético.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Já foi ressaltado que os rodeios dos causos, por exemplo, encontram um espelhamento pronto, na confluência precisamente da palavra “rodeio”, em descrições como a dos cavalos que tentam fugir de seus perseguidores e que se reúnem em uma só manada, desenhando o cavalo maior que os contém todos:

E daí a pouco já se levantavam os primeiros rumores... A bagualada estranhava aqueles movimentos; os colhudos começavam a relinchar, ajuntando, pastorejando as manadas; os entropilhados, farejando, entreparavam -se, arpistas; outras pandilhas, de cola alçada, iam num trotão dançado, bufando... e já cerravam numa correria em redondo e depois riscavam, campo fora... [...] os lotes de eguariços iam se encontrando, entreverando-se; os campeiros vinham chegando e a gritos, a cachorro, a tiro, ia-se tocando a bagualada de cada querência; de todos os lados cruzava-se a contradança, que se encaminhava sobre uma linha já combinada; e aos poucos ia crescendo o rodeio movediço, que engrossava, redemoinhava, espirrava, tornava a embolar -se... e de repente fazia cabeça, fazia ponta, e todo disparava, fazendo tremer a terra, roncando no ar, como uma trovoadas.

Em que as considerações sobre os esquemas de iconicidade “marchetados” no texto dos *Contos gauchescos* podem ter impactado as escolhas tradutórias?

Novamente, no meu caso, o impacto tem se manifestado principalmente ao nível do vocabulário, dado o enfoque que dei à componente lexical neste trabalho e meus esforços globais, por outro lado, para tentar seguir o ordenamento sintático da fraseologia original. Consoante disse e desenvolvi no comentário nº23, eu entrevejo, subjacente à trama da narrativa do conto “O Negro Bonifácio”, como que uma filigrana da estampa de uma corrida, mas seria uma estampa tanto estática quanto dinâmica (i.e quando dinamizada pela leitura, a imagem se colocaria em movimento, “caleidoscopicamente”). Como esta marca-d’água se adequa a uma forma de apreensão consecutiva do material (a da leitura do texto), a própria apreensão da imagem também adquire caráter “cronológico”, como se o ritual de contação do caso englobasse o próprio ritual de performance da corrida (carreira ou tourada³⁸²) pela relação metafórica e metonímica entre o decorrer do texto e o decorrer de uma corrida (carreira ou tourada). Em outros termos, é ao mesmo fotográfica e cinematográfica, com a colocação em movimento do texto pela leitura e, daí, dinamiza-se a movimentação correlatada das imagens “estáticas” que compõem tal ou tal esquema de “teleiconografia” de maior abrangência, essa parte da comunicação textual que costuma ser referida por locuções tais como “metáfora sustentada” ou “itinerário metonímico”.

³⁸² Carreira e tourada se confundem na própria rivalidade (também uma sorte de corrida) que opõe os pretendentes de Tudinha ao maior dentre eles, o negro Bonifácio.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Não vou me estender aqui sobre as razões pelas quais tendo a pensar que haveria alguma tauromaquia embutida no relato de Blau (o motivo da corrida, o touro negro, a mutilação final, etc.³⁸³). Vários elementos textuais me parecem justificar esta leitura, digamos, subliminar do conto.

Recapitulando, parto da premissa global de que existe, burilada no texto, uma constelação de elementos que uma vez interligados um com o outro formam uma projeção iconográfica. A imagem global (no caso seria a corrida que subsume as do touro, do sacrifício, etc.) revela-se ao leitor pela realização do ato de leitura bem como nesse joguinho onde se tem de ligar pontos numerados entre si para chegar a um desenho completo (o desenho da borboleta no começo do comentário³⁸⁴). No joguinho esse, a lógica de encadeamento dos pontos entre si depende do sistema adotado para ligá-los (na produção e na recepção), e, por isso, pode haver segmentos que serão preenchidos somente depois de se ter obtido um esboço a partir do que já fora primeiramente deduzido. Daí a construção obedece a um procedimento algo fragmentário no decorrer das ilações que surte. Se o sistema de numeração adotado responde ao objetivo de ensinar o aluno a contar e segue a série dos números inteiros estritamente positivos tomados em ordem crescente e, portanto, é da cadeia numerológica normal – 1, 2, 3... –, p. ex., quando não há demais mistério e a criança avança de um ponto para outro ponto (ver a figura da borboleta acima) até chegar ao último. Mas, podemos imaginar um sistema de interconexão dos pontos baseado numa série algébrica ou geométrica um pouco mais complicada. Daí, para uma materialização que se revelasse gradualmente pelo traço da caneta, haveria outros cálculos de se fazer. Bom, qualquer que seja a matemática em que se fundamentou a integração da iconicidade no texto dos *Contos*, algumas das escolhas tradutórias foram motivadas pelo afã de conservar esses pontos dos esquemas postulados³⁸⁵, que uma vez interconectados pela ação da leitura (que admite vários recursos cognitivos) projetassem, hipoteticamente, a estrutura icônica subjacente à mimese. Mais uma vez, o pivô da escolha, para o tradutor, se colocou especialmente na maneira como o sentido próprio e o sentido figurado se articulavam na formulação selecionada pelo escritor.

³⁸³ Em alguns rituais de sacrifício do touro, cortam-se não somente as orelhas e a cola do animal, mas também seus testículos.

³⁸⁴ Com a possibilidade de se representar cada ponto como uma borboleta miniatura (cf. os cavalos que compõem aquele cavalo maior que é a eguada, bagualada, etc., os soldados que compõem um só guerreiro...)

³⁸⁵ Este ponto da lógica “matemática” é um aspecto que me parece bem relevante, particularmente no lidar com os regionalismos. A colocação (incluindo os fenômenos de recorrência – hieróglifos) das palavras são equações que se resolvem ao compasso da leitura. Num texto como *Laranja mecânica* e, creio eu, em *Contos gauchescos*, (*mutatis mutandis*), a maior parte das palavras estranhas se deduz por sistemas implícitos de equações. Algumas dessas equações se resolvem imediatamente, outras com algum *delay*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Afinal, estamos falando de um problema recorrente na passagem entre a interpretação do texto para a redação da versão: numa composição como a dos *Contos gauchescos*, temos a representação de práticas languageiras históricas ou supostamente históricas³⁸⁶ dentro de um padrão de tendência realista que guiasse a mimese e que por isto, enfatizasse os sinais de verossimilhança. Neste quadro, poderíamos pensar que o mais relevante no uso da palavra “tourear” por Blau Nunes fosse justamente seu caráter idiomático enquanto específico dos usos linguísticos no pampa.

Seguindo esta linha de pensamento, Blau expressa a noção de “provocar”, tipicamente, com uma palavra que evoca o mundo da lide campeira e que é específica do espaço de ambientação. Eis a configuração que teríamos, mais ou menos, no texto original:

1. Caráter próprio da formulação³⁸⁷



Caráter literal e específico (simbólico) da formulação

2. Caráter figurativo da formulação³⁸⁸



Caráter idiomático e coletivo (mimético) da formulação

No caso de se traduzir o vocábulo ‘tourear’ por uma palavra como ‘provoquer’ (“assim”, supõe-se, falaria um contador de histórias no espaço de acolhimento da versão para o francês, pelo menos na maior parte das situações, pelo menos dentro de nossa hipótese geral de tradução), eis a configuração a que chegaríamos globalmente

Caráter próprio da formulação

Caráter literal e específico (simbólico) da formulação

Caráter figurativo da formulação

Caráter idiomático e coletivo (mimético) da formulação (tourear → provoquer)

³⁸⁶ ver a discussão de Meyer sobre Lunar do Sepé.

³⁸⁷ 1 Rubrica: tauromaquia.correr ou lidar (touro) em praça ou circo Ex.: toureou bem o primeiro animal / aprendeu a tourear cedo

³⁸⁸ 2 Derivação: sentido figurado. efetuar um ataque; atacar, investir Ex.: sempre que podia, toureava o rival transitivo direto 3 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Sul do Brasil. lançar provocações ou desafios a Ex.: de tanto tourear o colega, acabou apanhando.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Agora, no caso de se traduzir ‘tourear’ “literalmente”, ou seja, de verter o verbo português por ‘toréer’ na versão francesa, elimina-se aparentemente o caráter idiomático da formulação. Tal emprego figurativo de ‘toréer’ em francês certamente “não soa natural” no quadro de um uso normal, atual, da língua. Ocorre, pois, que o grau de proporcionalidade entre familiarização e desfamiliarização associado a ‘tourear’ em português e ‘toréer’ em francês não é o mesmo na língua de partida (supostamente a partir do texto, rumo ao leitor) e na língua de chegada (supostamente a partir do leitor, rumo ao texto da versão) – o que não deixa de o vocábulo “tourear” poder remeter, como veremos, de maneira mais ou menos visível, a uma organização “poética” da contação do caso ou da escritura do conto (1 + 2), além da verossimilhança básica do regionalismo (enquanto simples elemento localizador na construção da ambientação).

Caráter próprio da formulação

Caráter figurativo da formulação

Caráter literal e específico (simbólico) da formulação (tourear → toréer)

Caráter idiomático e coletivo (mimético) da formulação

Na verdade, a discussão é um pouco mais complicada. Em se tratando do primeiro tipo de escolha, a palavra selecionada na versão estrangeira pode ter, embutida na sua “história”, uma possível remissão a alguma derivação, por analogia, de um sentido próprio para um sentido figurativo – o que se verifica, muitas vezes, ao consultar a origem latina ou grega de tal ou tal vocábulo, por exemplo³⁸⁹.

Em se tratando do segundo tipo de escolha, a transferência do caráter idiomático não se perde necessariamente por completo. Pois, haveria de se considerar, mesmo no âmbito da versão estrangeira, o caráter idiomático na língua de partida e o caráter idiomático na língua de chegada. Seria possível argumentar que, aqui (‘tourear’ traduzido por ‘toréer’), o caráter idiomático na língua alvo é nulo ou quase nulo, mas que, mesmo assim, houve alguma transferência do caráter idiomático que a palavra ‘tourear’ possuía na língua fonte. Com efeito, seguindo a abordagem de práticos e teóricos da tradução como Antoine Berman, podemos conjecturar que o caráter desfamiliarizante da palavra em francês deflagra a suspeita (mais ou menos conscientizada) no leitor da versão de que há alguma ligação entre a formulação do narrador (ou da personagem) e a ambientação do texto, ligação que justamente se articulasse sobre esse traço idiomático (glosando: se o narrador diz assim, nesta formulação meio estranha, é provavelmente porque se expressaria “assim” lá longe, no pampa.).

³⁸⁹ Ver a observação de Ballard sobre a revelação dos nomes.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Como se vê, há alguma coisa de tauromaquia também nesses passes com a linguagem a que o leitor/tradutor supostamente deve reagir, “negaceando”, “dando com a boca do rincão, vindo o campo largo, e fazendo umas gambetas fortes, esparramando as asas, por fim apurando o corpo e cravando a unha, num trotão galopado, de comer quadras!”, ou, infelizmente, “entregando o cacho”. Mas quem é o caçador, quem é o caçado? Seria a versão estrangeira que persegue o texto original ou, ao invés, o texto original que persegue a versão estrangeira?

Aqui, estou enfatizando os elementos lexicais, mas é óbvio que elementos prosódicos ou sintáticos também participam do processo. Pensa-se, por exemplo, no encadeamento sintático da oração em geral no poema de Robert Graves reproduzido na primeira página deste comentário, que “fazem pensar”, por analogia formal, como que ao próprio voo da borboleta. Seria, pois, esse um processo comunicativo que não é bem da alçada da relação arbitrária entre o significante e o referente virtual, nem que seja porque integra uma componente imitativa, em algum grau e quesito, do objeto que designa ou que qualifica.

Enfim, voltando para o sistema de alicerçamento lexical das constelações iconizantes (mais ou menos ilustradas por aqueles pontos numerados de um desenho em filigrana que illustrei na primeira página deste capítulo com a figura da borboleta), teríamos, como unidades de interconexões na construção da imagem maior, palavras como ‘corrida’, ‘taura’, ‘toureir’, ‘alçar’³⁹⁰. São elementos interligados já na escrita, sendo que, à leitura (às leituras, sempre se efetuando, supostamente, sob a mesma forma, mas sempre se revelando diferentes), algumas interligações não se atualizam, e outras surgem que possivelmente não eram intencionais, ou mesmo que o contexto de produção do texto não permitia contemplar a priori.

Partículas de uma reação molecular. Um mesmo procedimento na seleção das unidades lexicais para o texto de chegada tentou acompanhar diversas outras configurações icônicas, pelo menos aquelas que eu penso ter entrelido no texto dos *Contos gauchescos*, sempre, é claro, com alguma margem de erro ou sobreinterpretação subjetiva³⁹¹.

³⁹⁰ A própria referência à morte da mãe de Tudinha, alçada no facão de Bonifácio, lembra o escornamento do toureiro (ou picador ou etc.) pelo touro. No caso, é Bonifácio que marra e alça sua vítima (cabocla) em certa inversão da situação que encontramos em *El gaucho Martín Fierro*, onde é o negro que é escornado por Martín (numa clara alusão também à tauromaquia — escornar significa acometer com os chifres, mas também, por derivação e em sentido figurado, tratar (alguém) com desprezo, escorraçar)

³⁹¹ Uma tradução mais neutral (mais objetiva?), que não tomasse riscos, certamente seria redutora do texto de Simões do ponto de vista da integração artística de seus constituintes, e da componente regional em particular. E vejam bem que a minha proposta de versão fica bem tímida nas suas sugestões de consideração sobre essa

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Assim, julguei relevante procurar guardar a possibilidade das palavras remeter ao motivo do tecer que me parece ser mesmo um *leitmotiv* quase em todos os contos. Logicamente, esta preocupação não podia deixar de resultar numa maior ‘literalização’ da tradução, justamente porque em muitos casos, não havia como manter iconização e idiomatização. Nesta perspectiva, já assinalei que via entrelaçada em todo o texto dos *Contos* a analogia clássica entre o trançar, a vida humana, o contar desta vida (corporificada, notadamente, na trança penelopeana da Rosa de “Os cabelos da china”. Daí, privilegiei a remissão ao elemento na palavra original que sugerisse alguma conexão com o motivo do entrançamento.

Você é homem? [...] Você é bicho, Fabiano.
Vidas Secas, Graciliano Ramos.

Da mesma forma, todo o esforço em manter ao máximo que pudesse (para meus recursos e percepção ou identificação) os elementos linguísticos que participam da zoomorfização das personagens na palavra de Blau se atém, na verdade, a esse mesmo afã de preservar algo da dimensão iconizante do texto (a própria metamorfose animal, sendo a imagem abrangente que carimba as narrativas). Bem como a imagem da onça se impõe pouco a pouco pela metamorfose linguística em “Meu tio iuauretê” de Guimarães Rosa, a imagem da besta cavalgar se imprime a cada rodeio narrativo na textura virtual e até na mente do leitor, mais ou menos como a culpa se grava nos textos de Kafka (da *Metamorfose* a *Colônia penitenciária*, etc.), palavra por palavra no corpo do texto, e mesmo, como vimos no corpo da letra. A transformação se opera principalmente através da metáfora e dos símiles, mas se vale também de canais paralelos da escrita. A insistência na comparação guia a apreensão do texto neste sentido de campear as imagens maiores, aquelas que formam os núcleos iconizantes e as isotopias.

integração. Enfim, é indubitável que os contos possuem forte poder dramático, mas não é seu único atrativo leitural a meu ver.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

CONCLUSÃO

A preocupação com a dimensão iconizante integrada aos textos tem influenciado muito na decisão de privilegiar uma tradução mais literalizante e menos idiomatizante. No que tange ao vocabulário equestre, por exemplo, procurei manter um máximo de pontos de sustentação daquela metáfora da cavalarição das personagens que enfatizei nos comentários, tão típica da literatura gauchesca. Daí, termos que podiam ser considerados como suficientemente afastados do seu sentido próprio para tratá-los como simples modismos do dizer, foram reencaminhados, na versão estrangeira, para aquele sentido próprio, hoje longínquo, preservando-se, ou procurando-se preservar, algum caráter natural (p. ex. a remissão ao meio-ambiente pampiano), mas perdendo-se outro (tomando desta vez ‘natural’ no sentido de uma linguagem mais espontânea, pelo menos na aparência).

Isto aconteceu sempre que se identificaram redes significantes de maior relevância, como a da zoomorfização amplamente referida, mas também a da analogia entre os aperos e os sistemas de liames que amarram os seres entre si, a seu habitat, a seus “donos” ou mandantes. É inegável que há nesta constante presença de termos designativos dos aperos ou outras ferramentas da doma e da guia (relho, rabo-de-tatu, etc.) uma metáfora da sujeição que se declina em subcampos de significação (a dependência econômica da idade de couro, os vínculos entre os cavalos e os cavaleiros, as amarras biológicas entre pais e filhos, etc.). Disponibilizarei online um estudo mais detalhado sobre as unidades mais abrangentes de construção da dimensão iconizante, contemplando entre outras componentes, a “diabolização” da representação³⁹² ou a sua “cavalarição”.

Bem como a cavalarição das personagens, a vinculação destes, até na própria pele, com o couro ou os couros assinalaria, portanto, uma essência compartilhada entre os homens e os animais. Epítome desta relação entre couro e cor, pele e pelo, cabelo e cavalo: a trança da china que, de ornamento emblemático da feminidade da personagem (bíblica, corânica, védica, etc.), vira buçalete para o cavalo de Blau (de onde teria surgido aquele cavalo? tão oportuno) antes de ser devolvida a sua dona; entretanto, é difícil negar que sinais de alguma identidade ontológica entre os liames biológicos, familiares ou outros, e os laços de couro, do jaez ou do aparelhamento, recorrem em todos os casos de Blau Nunes.

³⁹² São muitas as ocorrências da palavra ‘diabo’ no texto dos *Contos*, e há quantidade expressiva de outros vocábulos que podem remeter ao tema, sem falar que a intervenção do diabo, notadamente através da incorporação da mordida da serpente, é um motivo que recorre na maior parte da coletânea.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Daí, mesmo que tal ou tal vocábulo aparentasse ter sido usado como simples modismo por Blau Nunes (“os embeaçados”, “vamos passar o buçal”, etc.) restabeleci – com bastante artificialidade, é verdade – o postulado vínculo inicial, traduzindo literalmente, sem dúvida em detrimento da impressão de uma maior naturalidade da fala para o narrador francês. Esta escolha poderá soar ainda mais artificial porquanto procedi diferentemente com formulações em caráter figurado que não podia, ou não sabia, associar a algum sistema maior de significação (“esta visita trazia água no bico”; “c’était une visite qui n’avait rien d’innocent”)

A trança finalmente seria, entre outras coisas, uma metáfora da própria arte do contar. E é de se admitir que sua forma se insinua em todo o texto dos contos, surgindo e ressurgindo, protética, sob as mais diversas aparências, mas sendo sempre a mesma.

É a trança penelopeana de Rosa que se desfaz ao passo de o narrador narrar sua história, desentrançando-se enquanto cabelo humano e se reentrançando enquanto buçalete para o cavalo de Blau.

“uma trança macota, ondeada, negra, lustrosa, que **caía meio desfeita**”

“agarrrou-lhe os cabelos, **a trança quase desmanchada**”

“**cortou a trança**, rente, entre a mão do morto e a cabeça da viva”

- Vim trazer-lhe um presente; é um **trançado** feito por mim; e há de ficar mui bem no tordilho, porque é preto... E ajeitou na cabeça do cavalo um buçalete e cabresto preto, de cabelo, **trançado** na perfeição. Nunca passou-me pela ideia cousa nenhuma a respeito... [negrito meu]

É a trança, têxtil, da vegetação que se inscreve na narração, textual, capeando a liquidez da escrita, liquidez a que a narração, justamente, dá fluxo ou vazão, como um desgoto que não deixasse se formar mundéu.

Só cruzam ali por cima as perdizes e algum cusco leviano.

Com certeza que **as raízes do pasto e dos aguapés foram trançando uma enrediça fechada**, e o barro e as folhas mortas foram-se amontoando e, pouco a pouco, capeando, fazendo a tampa do sumidouro.

E depois nunca deram desgoto na ponta do lagoão, porque, se dessem, a água corria e não se formaria o mundéu...

Ou, em outro conto, impedindo a progressão do narrador vaqueano em busca do causo barroso:

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

E o Juca Picumã, que era o vaqueano, tomava a ponta e **metia-nos por aquela enredada de galhos e cipós e lá íamos, mato dentro, roçando nos paus, afastando os espinhos**

Aliás, sempre acontece o texto aproveitar de maneira particularmente jeitosa a proximidade formal e semântica entre palavras como ‘enredo’, ‘enredar’, ‘enrediça’, ‘enredada’, ‘enredadela’ ‘enredadeira’... bem como aproveita a polissemia de outras como ‘caso’ que recorre sempre, precisamente, nos ‘casos’ – o mais das vezes, com sentidos diferentes ...ou será o mesmo? (“fui inocente no caso”; “veio ao caso”; “bispou o caso”; “contou o caso”; “pro caso”).

“Parece que eu estou lhe **enredando** o rastro, mas não 'stou, não; vancê escuite”.
“Vê vancê, a gente sabe falar, dizer muitas **enredices** adocicadas, mas às vezes a palavra nem dá pra partir...”

É obviamente, o entrançamento dos tentos de couro que serve de elo de aproximação entre Blau, trançador de histórias e Picumã, seu mestre em matéria de entrançamento de couros e uma sorte de alter ego do narrador. O que Picumã realiza com os tentos, Blau fabrica com as palavras. Não é acaso, mas ao caso, o narrador começar seu relato dos cabelos da china com esta lembrança:

Quem me ensinou a courear uma égua, a preceito, estaquear o couro, cortar, lonquear, amaciar de mordança, o quanto, quanto ...; e depois tirar os tentos, desde os mais largos até os fininhos, como cerda de porco, e menos, quem me ensinou a trançar, foi um tal Juca Picumã, um chiru já madurázio, e que tinha mãos de anjo para trabalhos de guasqueiro, desde fazer um sovêu campeiro até o mais fino preparo para um recau de luxo, mestracho, que era, em armar qualquer roseta, bombas, botões e tranças de mil feitios. “Os cabelos da china”

“A trança, lembra-se” diz Picumã antes de morrer. Finalmente, os elementos se transformam, e até parecem se transmutar, alterando sua essência, mas, sendo sempre palavras, permanecem todos ultimamente da mesma essência, transplantados no mesmo composto orgânico do contar, seja causo oral, seja conto escrito.

Tem é que dobrei a prenda, reatei-a com um tento e soquei-a pro fundo da maleta (o baú de histórias de Blau e de Simões?), até ver...

Até que um dia, como lhe disse, soube que a Rosa morreu e então... ah!... já lhe disse também: atirei para a cova da china os cabelos daquela trança... doutro jeito, é verdade... mas sempre os mesmos!...

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Enfim, o tradutor, após ter procurado desentrançar, o melhor que pudesse, o texto que queria a toda força se empolgar em repassar, tentou o reentrançar, esperando, apesar da diversidade e adversidade dos trapos e tentos do idioma teatino, contrabandear nem que seja um pouquinho do mesmo dos *Contos gauchescos* de Simões para aquele “padrão esquisito, de feitos estrambólicos” em que resultou a versão estrangeira.

“Outras vezes dava-lhe para arranjar alguma trança, prendia a lonca e começava a tirar os tentos... e de repente parava, suspirava... e torcia a mão, cortando ou fazendo entradas no couro, e afinal picava tudo e não fazia nada, nem um botão, nem um passador qualquer, de cacaracá...”

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

BIBLIOGRAFIA « COMPARTIMENTADA » (e algo comentada)

Simões Lopes Neto

Edições dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul* consultadas

Estas edições compõem a matéria prima do projeto de doutorado. A consulta de diferentes edições se justificou por vários motivos. Primeiro, existem discrepâncias relevantes na fixação do texto dos *Contos gauchescos*, conforme, entre outros critérios, se os editores se pautaram na publicação avulsa dos contos nos jornais pelotenses ou se alicerçaram o seu trabalho na primeira publicação sob a forma de coletânea. Segundo, valeu a pena cotejar as edições anotadas com respeito às explicações que supriam relativamente ao vocabulário, ao contexto histórico e cultural, às referências a outros textos rio-grandenses ou rio-platenses, etc.

LOPES NETO, João Simões. *Contos gäuchescos - Folk-lore rejional* [sic]. Pelotas: Echenique, 1912.

— —. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1926.

— —. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1949. (Coleção Província, 1).

— —. *Contos e lendas*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1957. (Nossos Clássicos, 5). Reeditado em 1960.

— —. *Contos gauchescos e Lendas do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1974. (Edição comemorativa do 10º aniversário da APLUB, em formato 31x20cm, com ilustrações de Nelson Boeira Faedrich).

— —. *Lendas do Sul*. 9.ed. Porto Alegre: Globo, 1976. (Coleção Província).

— —. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1992.

— —. *Contos gauchescos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. (Col. Lázuli).

— —. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (Coleção Prestígio).

— —. *O negro Bonifácio & outras histórias*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. (Série Pequenas Grandes Obras).

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- . *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Ática, 1998. (Série Bom Livro).
- . *Contos gauchescos e lendas do sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998. (também editado pela L&PM Pocket).
- . *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- . *Os melhores contos de Simões Lopes Neto*. São Paulo: Global, 1998.
- . *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.
- . *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Novo Século, 2000.
- . *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Novo Século, 2000.
- . *Contos Gauchescos e Lendas do Sul: Introdução, Fixação de texto e notas*: Luis Augusto Fisher. L&PM, 2012.

N.B. A edição de 1949, publicada pela Editora Globo, e a de 2012, organizada por Luís Augusto Fischer, são os dois textos sobre os quais baseei minha proposta de versão dos *Contos gauchescos*.

Traduções de Contos gauchescos

Cotejo e análise comparativa do texto original e das versões estrangeiras

TAVANI, Giuseppe. *Storie di gaúchos*. Milano, Roma: Fratelli Boccia Editori. 1956.

GARCÍA, Roman Arrospide. *Cuentos gauchescos*. Montevideo: Editorial Banda Oriental. 2008.

FISCHER, Luis Augusto; NEUMANN, Rosália Garcia; LUCENA, Karina de Castilhos (organizadores). *Simões Lopes Neto para O Mundo: Tradução de Contos Gauchescos para Dez Línguas*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017.

Cumprido frisar que há atualmente vários projetos de tradução em curso, para o inglês, para o russo, e para outros idiomas, inclusive, que eu saiba, uma nova tradução ao italiano. As discussões com os tradutores envolvidos sempre foram de muito proveito para este projeto, quer no tocante à interpretação de palavras ou segmentos do texto, quer ao nível das soluções propostas para tal ou tal idioma.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Outras obras de Simões Lopes Neto

Li e estudei outras obras de Simões no âmbito deste projeto, especialmente na perspectiva da análise da representação da voz popular em composições literárias. A obra de um escritor, mesmo que possa esbanjar certa heterogeneidade ou simplesmente diversidade, sempre demonstra também coerência, não somente no uso dos recursos linguísticos, mas também no propósito.

Coerência da obra de Simões

Os *Contos gauchescos* e as *Lendas do Sul*, que são considerados como a obra-prima de João Simões Lopes Neto, fazem parte de um conjunto de publicações de que não podem ser completamente separados. A leitura dos textos que seguem me proporcionou, sem dúvida nenhuma, esclarecimentos preciosos sobre diversos aspectos da escrita dos *Contos*, como, por exemplo, seu aspecto didático [cf. *Artinha de leitura* e *Terra gaúcha* (histórias de infância)], a incorporação da historiografia rio-grandense em composições ficcionais [cf. *Terra gaúcha* (história elementar do Rio Grande do Sul)], a relação entre canto e conto, entre cultura, inclusive poesia, popular e cultura, inclusive literatura, erudita, ou ainda o afã folclorizante e regionalizante, (cf. *Cancioneiro guasca*), o humor e, em particular, a literarização da tradição cultural da “grande mentira” (cf. *Casos de Romualdo* em relação com a *tartarinade* francesa ou o *tall-tale* norte-americano), etc.

O teatro de Simões cuja literatura se revelou indispensável para a confirmação de algumas hipóteses de leitura (notadamente a presença de jogos de palavras e de esquemas paronímico-semânticos no texto dos *Contos*) é objeto de um parágrafo a parte nesta bibliografia.

Também não se deve esquecer a atividade de jornalista de Simões, que escreveu muitas crônicas. Seria disparate pretender que não houve fenômenos de contaminação entre a obra de ficção e o trabalho de jornalista de Simões, lembrando que esta “dupla chapa”, amíude por motivos financeiros, tem sido uma característica da maior parte dos autores, tradição continuada com destaque particular entre os escritores latino-americanos.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

LOPES NETO, João Simões. *Terra Gaúcha (Histórias de Infância)*, Porto Alegre, Luís Augusto Fisher éd., 2013.

— —. *Terra gaúcha. História elementar do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Sulina ed. 1998

— —. *Artinha de Leitura*. Porto Alegre, Luís Augusto Fisher éd., 2013.

— —. *Cancioneiro Guasca*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2011 (1a edição: 1911).

— —. *Casos do Romualdo*. Porto Alegre: Globo, 1952.

SIMÕES LOPES NETO, João, *Obras completas*, organização de Paulo Bentancur, Porto Alegre: Copesul, 2003.

SIMÕES LOPES NETO, João, *Inquéritos em contraste – compilação de crônicas publicadas no jornal A Opinião Pública entre 1913 e 1916 com o pseudônimo de João do Sul*. Organizado por Luís Augusto Fischer e Patrícia Lima. Porto Alegre: Edigal, 2016.

SIMÕES LOPES NETO, João, *Teatro: século XIX*, organizado por João Luís Pereira Ourique e Luís Rubira. Porto Alegre: Zouk, 2017.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Trabalhos sobre a obra de Simões:

Tratados ou ensaios diretamente relacionados com a interpretação do texto dos *Contos gauchescos*

Um trabalho centrado na obra de um escritor não podia prescindir de uma parte consagrada à leitura da fortuna crítica desses escritos. Seguem, entre muitos outros, alguns estudos dedicados a Simões Lopes Neto ou à literatura rio-grandense que foram de particular valia para o presente projeto.

Eu achei de particular interesse a coleção de ensaios de Augusto Meyer, *Prosa dos pagos*, esplendidamente escritos, límpidos e absolutamente imprescindíveis, a meu ver, para quem se debruça sobre a literatura gaúcha.

Saúdo de passagem o formidável trabalho de Luís Borges que reuniu uma bibliografia impressionante. Remeto, aliás, o leitor a essa bibliografia para ter um panorama mais completo e preciso da literatura ensaística escrita em torno à obra simoniana.

Enfim, encontrei numerosos insights nos livros de Flávio Loureiro Chaves, o qual foi um precursor nos projetos doutorais consagrados à Simões Lopes Neto.

BAVARESCO Agemir et BORGES Luís, *História, resistência e projeto em Simões Lopes Neto*, Porto Alegre : WS ed. série Ensaios, 2001.

BORGES, Luís. *O projeto cívico-pedagógico de Simões Lopes Neto*. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2009.

BUARQUE DE HOLANDA FERREIRA, Aurélio, *Linguagem E Estilo de Machado de Assis, Eça de Queiros E Simoes Lopes Neto*, Academia Brasileira de letras (versão digitalizada disponibilizada online no site da Academia Brasileira de letras.

CHIAPPINI, Lígia. *Regionalismo e Modernismo: o "caso"gaúcho*. São Paulo: Editora Ática, 1978.

CHIAPPINI, Lígia. *No entretanto dos tempos – Literatura e história em João Simões Lopes Neto*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto: Regionalismo e Literatura*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1982.

_____, Simões Lopes Neto. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1987.

_____, História e Literatura. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1988.

DINIZ, Carlos Francisco Sica. *João Simões Lopes Neto – uma biografia*. Porto Alegre: AGE, 2003

FAORO, Raymundo, “Introdução ao estudo de Simões Lopes Neto” e “Antônio Chimango, algoz de Blau Nune”. In TARGA, Luiz Roberto Pecoits (org.). *Breve itinerário de temas do sul*. Porto Alegre. Editora da UFRGS, 1998.

FILIPOUSKI, Ana Mariza (e outros), *João Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira*. Porto Alegre: Ed. Movimento/IEL, 1973.

HASSOT, Ivete Simões Lopes. *Simões Lopes na Intimidade*. Porto Alegre: Ed. Bels/ EL, 1974.

HOHLFELDT, Antônio, *Simões Lopes Neto*, Porto Alegre: Ed. Tchê, 1985. (Coleção Esses Gaúchos).

LOUREIRO CHAVES, Flávio, *Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura*. São Paulo: Mercado Aberto, 1982.

MEYER, Augusto, *Prosa dos Pagos* – Livraria Martins, São Paulo, 1943.

MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e Literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da Escola Superior de Teologia, 1982.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Editora Movimento, 1974.

REVERBEL, Carlos. *Um Capitão da Guarda Nacional (Vida e obra de J. Simões Lopes Neto)*. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor/UCP, 1981.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura Gaúcha - temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: L&PM Editores, 1985. (Coleção Universidade Livre)

ZILBERMAN, Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1992. (Série Revisão)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Literatura regionalista e regionalismo literário no Brasil

Para melhor situar a emergência dos *Contos gauchescos* no panorama literário do Brasil, cabia entender determinadas circunstâncias, no decorrer da vida artística nacional, que podiam ter contribuído em orientar Simões para uma trilha decididamente regionalista. Simões, neste veio do aproveitamento estético da cultura local, tanto na ambientação quanto na linguagem, não foi sozinho. Teve precursores, emuladores, epígonos, etc. que o precederam, acompanharam ou seguiram na mesma trilha.

ALENCAR, José de. *Til*. São Paulo: Saraiva: 1964. [1872]

— —. *O Gaúcho*. São Paulo: Edição Saraiva, 1971. [1870]

— —. *O Sertanejo*. São Paulo, Ed. Cultrix 1969 [1875]

— —. *O Tronco de Ipê*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1963. [1871]

AMADO, Jorge. *Terras do sem fim*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

— —. *Tocaia grande: a face obscura*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

AMERICO DE ALMEIDA, José. *A bagaceira*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

CABRAL DE MELO NETO, João. *Morte e vida severina e outros poemas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

EUCLIDES DA CUNHA, *Os sertões: Campanha de Canudos*, Volume 1 de Clássicos comentados. Editor Leopoldo M. Bernucci, Ateliê Editorial, 2002.

GUIMARÃES, Bernardo. *O Ermitão do Muquém*. Brasília: Instituto nacional do livro, 1972.

— —. *O Garimpeiro*. São Paulo: Melhoramentos, 1962. [1872]

— —. *A Escrava Isaura*. São Paulo: Editora Ática, 1992. [1875]

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956.

— —. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1962.

— —. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1977.

JURANDIR, Dalcídio. *Belém do Grão-Pará*. Belém: Ed. Universitária UFPA. Rio de Janeiro: Ed. Casa de Rui Barbosa, 2004.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

— —. *Marajó*. Belém: Ed. Casa de Rui Barbosa. 2008 (4^a edição) [1947: São Paulo: Livraria José Olympio]

— —. *Passagem dos inocentes: romance*. Belém: Falangola Editora. 1984. [1963: São Paulo: Martins]

LINS DO REGO, José. *Fogo morto*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, [1968]

— —. *Menino de engenho; Doidinho; Bangüê*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1960.

— —. *Cangaceiros*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1961.

— —. *Pedra bonita*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1956.

OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-homem*. São Paulo: Ed. Moderna, 2002.

PALMÉRIO, Mário. *Chapadão do bugre*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

— —. *Vila dos confins*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 2004.

— —. *O quinze*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1989.

RAMOS, Graciliano. *Caetés*. São Paulo: Martins, 1969.

— —. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 2010.

SALES, Antônio. *Aves de arribação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

SALLES, Herberto. *Cascalho*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

SOUZA, Márcio. *Galvez, imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Marco Zero 1984.

— —. *Mad Maria*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2005.

SUASSUNA, Ariano, *Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 5.^a edição, 2004.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*; São Paulo: Ática, 1983.

TÁVORA, Franklin: *O Cabeleira* (1876); São Paulo: Edições Melhoramentos, 1953.

— —. *O Matuto*. Rio de Janeiro: Garnier, 1878.

— —. *Um Casamento no Arrabalde*. São Paulo: Editora Cultrix, 1963.

TEÓFILO, Rodolfo. *A fome*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2015.

UBALDO RIBEIRO, João. *Sargento Getúlio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento*. São Paulo: Globo, [1997-1998].

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Literatura mais recente.

O veio regionalista não desapareceu da literatura produzida no Rio Grande do Sul. Adaptou-se, transformou-se, encontrando, nas obras dos autores cujos nomes seguem, novas modalidades de se escrever.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Um castelo no pampa*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1995.

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio. *Os senhores do século*. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1994.

FARRACO, Sérgio. *Contos completos*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

RAMIL, Vitor. “A estética do frio”, em Fischer, Luís Augusto (org.). *Nós, os gaúchos*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992. pp. 262-70.

RAMIL, Vitor. “A estética do frio: conferência de Genebra”. Porto Alegre: Satolep, 2004.

RAMIL, Vitor. *Pequod*. Porto Alegre: L&PM, 1999

RAMIL, Vitor. *Péquod*. Trad. de Luciana Wrege Rassier e Jean-José Mesguen. Paris: L’Harmattan, 2003.

RAMIL, Vitor. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008

RUAS, Tabajara e BONES, Elmar. *A cabeça de Gumercindo Saraiva* Porto Alegre: 1 ed. [S.l.]: Editora Record. 1997.

RUAS, Tabajara. *Netto perde sua alma* 1 ed. [S.l.]: Editora Record 2001.

— — . *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* 7 ed. [S.l.]: Editora Record. 2001.

— — . *Os varões assinalados*. O grande romance da Guerra dos Farrapos 1 ed. [S.l.]: L&PM Editores. 1985.

O que me interessou mais especificamente neste quesito da dimensão regional ou regionalista da escrita literária foi a marcação linguística do discurso, quer nos diálogos, quer na narrativa propriamente dita. Afinal de contas, o ‘desvio’ em relação ao uso padrão da língua constituía o desafio maior da tradução dos *Contos gauchescos*.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Literatura gauchesca de língua espanhola

ASCASUBI, Hilário. *Santos Vega y los mellizos de la Flor*³⁹³ Santos Vega o Los mellizos de la flor : rasgos dramáticos de la vida del gaucho en las campañas y praderas de la República Argentina (1778 à 1808)

CAMPO, Estanislao del. *Fausto : impresiones del gaucho Anastasio El Pollo en la representación de esta ópera*³⁹⁴

DAIREAUX, Godofredo. *Fábulas argentinas*³⁹⁵

DÍAZ, Acevedo. *Ismaël*³⁹⁶

DÍAZ, Acevedo. *Nativa*³⁹⁷

DÍAZ, Acevedo. *Soledad (tradición del pago)*³⁹⁸

GÜIRALDES, Ricardo. *Don Segundo Sombra*³⁹⁹

GUTTIEREZ, Eduardo. *Juan Moreira*. Buenos Aires : Editora de la Biblioteca Argentina. 2001

HERNANDEZ, José. *El gaúcho Martín Fierro*⁴⁰⁰. *La vuelta de Martín Fierro*⁴⁰¹

HIDALGO, Bartolomé Diálogos patrióticos⁴⁰²

³⁹³ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Edición digital basada en la de París, Imprenta de Paul Dupont, 1872 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcnp212>

³⁹⁴ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Reproducción digital basada en la de Buenos Aires, Imprenta Buenos Aires, 1866. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcq23w2>

³⁹⁵ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Edición digital basada en la de Buenos Aires, Ediciones Agro, 1945. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcfb507>

³⁹⁶ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Notas de reproducción original: Edición digital basada en la edición de Buenos Aires, Imprenta La Tribuna Nacional, 1888. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcf18w3>

³⁹⁷ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017 Publicación original: Montevideo : Dornaleche y Reyes, 1894

³⁹⁸ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2017 Publicación original: Montevideo : Turenne, Varzi y Cía., 1894

³⁹⁹ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Edición digital basada en la de Buenos Aires, Editorial Proa, 1926 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1c1w2>

⁴⁰⁰ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000 Publicación original: [S.l.], Librería Martín Fierro, 1897. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc639n5>

⁴⁰¹ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000 Publicación original: Buenos Aires, Librería del Plata, 1879 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc9w0c8>

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

HIDALGO, Bartolomé. *Cielitos*⁴⁰³

LINCH, Benito. *Los caranchos de La Florida, El ingles de los güesos.*

LUSSICH, Antonio D. *Los tres gauchos orientales : coloquio entre los paisanos Julián Giménez, Mauricio Baliente y José Centurión sobre la Revolución Oriental en circunstancias del desarme y pago del ejército.*⁴⁰⁴

OBLIGADO, Rafael. *Santos Vega*⁴⁰⁵.

Ensaaios

BATTISTESSA, Ángel José. *Paremiología remota en "Martín Fierro", "Fausto" de Estanislao del Campo*⁴⁰⁶

MEO ZILIO, Giovanni, *Nacionalismo gauchesco ante el inmigrado italiano : el anti-italianismo del gaucho Martín Fierro (Causas socioculturales y modalidades estilísticas)*⁴⁰⁷

⁴⁰² Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002. Edición digital basada en Obra completa, Montevideo, [Ministerio de Educación y Cultura], 1986, pp. 111-153. URI: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmckh0k7>

⁴⁰³ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2002 Notas. Edición digital basada en la Obra completa, Montevideo, [Ministerio de Educación y Cultura], 1986, pp. 63-107. URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcg44p1>

⁴⁰⁴ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Edición digital basada en la de Buenos Aires, Imprenta de La Tribuna, 1872 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcw0918>

⁴⁰⁵ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2000. Edición digital basada en la de Buenos Aires, Pedro Irupe editor, 1885 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc1v5d2>

⁴⁰⁶ Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2010 Notas de reproducción original: Otra ed.: Boletín de la Academia Argentina de Letras, tomo XLIX (1984), pp. 11-22 URL: <http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmc5m6r7>

⁴⁰⁷ Accessible en ligne grâce au site de l'Institut Cervantes : Publicación: Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2011 Notas de reproducción original: Otra ed.: Estudios Hispanoamericanos. Temas lingüísticos y estilísticos, vol. III, Roma, Bulzoni, 1995, pp. 593-598

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Felizmente, para enfrentar essa diversidade, notadamente na sua dimensão lexical, dispunha de muitos aliados, tanto na forma de obras especializadas sobre o linguajar campeiro do Rio Grande do Sul, quanto nos verbetes dos dicionários genéricos que, na sua maioria, incluíam grande parte das acepções regionais.

Obras de referência relacionadas com a cultura gaúcha

Vocabulário regional

A questão do vocabulário foi resolvida em grande parte graças ao trabalho pioneiro de Aurélio Buarque de Holanda, o qual acrescentou um glossário bastante exaustivo à edição dos *Contos gauchescos* e das *Lendas do Sul* que coordenou em 1949. Como sabemos aquela edição se tornou logo um divisor de águas na história da divulgação da obra simoniana.

BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique de. *Diccionario de vocábulos brasileiros*⁴⁰⁸. Rio de Janeiro: Imprensa nacional. 1889.

CALLAGE, Roque. *Vocabulário gaúcho*. Porto Alegre: Livraria do Globo. 1926 (2ª edição)

GRANADA, Daniel. *Vocabulário rioplatense razonado*. Montevideo : Imprensa rural. 1890.

FISCHER, Augusto Luis. *Dicionário de porto-alegrês*. Artes e Ofícios, 3. ed. 1999.

FISCHER, Luis Augusto et ABREU, Luri, *Dicionário gaudério: "Gauderidas: a Sabedoria Gaúcha em Frases Definitivas"*, Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2004.

— —. "*Bá, Tchê*", Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

MACHADO, Propício da Silveira. *O gaúcho na história e na linguística. A formação étnica e social do Rio Grande do Sul e a Origem do termo "gaúcho" (subsídios histórico-filológicos)* Porto Alegre: Editora Pallotti, 1966.

MEYER, Augusto. *Gaúcho, história de uma palavra*. Porto Alegre: IEL. 1957.

NUNES CARDOSO, Zeno e Nunes. *Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Martins Livreiro. 1984.

OBALDIA, José María, *El habla del pago*. Montevideo, Ediciones de la Banda Oriental, 1988.

⁴⁰⁸ Inclui sulismos e gauchismos

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

PORTO ALEGRE, Apolinário. *Popularium Sul-rio-grandense*. Reorganizado por Lothar Hessel, segunda edição ampliada. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2004.

ROMAGUERA, José da Cunha Corrêa; CORUJA, Antônio Álvares Pereira, CALLAGE, Roque, ROMAGUERA, Luiz Carlos de Moraes. *Vocabulário sul-rio-grandense*. Porto Alegre: Globo, 1964.

SAUBIDET, Tito. *Vocabulario y refranero criollo*. Buenos Aires : Editorial G. Kraft Ltda, 1943

Informações sobre a cultura do Rio Grande do Sul e do pampa

BOSAK, Joana. *De guaxos e de sombras. Um ensaio sobre a identidade do gaúcho*. Porto Alegre. Dublinense. 2010.

CEZIMBRA, João Jacques. *Assuntos do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1979 (la première édition date de 1912).

CHIAPPINI, Lígia; MARTINS, Maria Helena; PESAVENTO, Sandra Jatahy, organizadoras. *Pampa e cultura*. Porto Alegre: UFRGS Editora. 2004.

Diversos autores. *Assim cantam os gaúchos*. Porto Alegre: IEL. 1984.

KICH, Bruno Canísio. *Pequena enciclopédia gaúcha*. Porto Alegre: Corag, 2011

LESSA, Barbosa; PAIXÃO, Côrtes. *Danças e andanças da tradição gaúcha*. Porto Alegre: Garatuja Editora. 1975.

MEYER, Augusto, *Cancioneiro gaúcho. Seleção de poesia popular com notas e um suplemento musical*. Porto Alegre: Globo, coleção Província. 1959.

Folclore nacional e regional

Ao nível nacional

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte : EDUSP, 1986

CASCUDO, Luís da Câmara, *Antologia do Folclore Brasileiro - volumes 1 e 2*. Rio de Janeiro: Global,

Ao nível regional :

LAYTANO, Dante. *Folclore do Rio Grande do Sul, Costumes et tradições gaúchas*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1984.

MEYER, Augusto, *Guia do folclore gaúcho*. Porto Alegre : Aurora. 1951.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Ensaio sobre a dimensão regional ou regionalista em obras literárias

Regionalismo e literatura, literatura regional e regionalismos, regionalismos literários

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo : Cultrix, 1970

CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. POA : Globo, 1956

FISHER Augusto Luis. *Literatura gaúcha*, Porto Alegre : Leitura XXI, n°10, 2004

MAROBIM, Luiz. *A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos*. Porto Alegre : Martins Livreiro-Editor, 1985.

MIGUEL-PEREIRA. Lúcia. *História da Literatura Brasileira - Prosa de ficção (1870-1920)*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1973.

ZILBERMAN. Regina. *A literatura no Rio Grande do Sul*. POA : Mercado Aberto. 1980.

— — *Literatura gaúcha. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre : L&PM editores. 1985

Análise literária / Teoria da literatura

MOOG, Viana, *Uma interpretação da literatura brasileira*. Porto Alegre : Corag, instituto estadual do livro, 1943.

RAMA, Ángel (2007). *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007. [1982]

História e literatura

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. São Paulo : Ediouro. 1981. [1960]

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade : estudos de teoria e história literária*. São Paulo : Companhia Edição Nacional. 1976

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

O conto “na época” de Simões

O chamado « conto tradicional » (contos populares, contos maravilhosos, etc.)

Perrault (1628-1703) Os “Contes de la Mère l’Oye” se inspiram de contos tradicionais franceses ou forasteiros.	Andersen (1805- 1875) Andersen inspirou-se parcialmente de contos tradicionais escandinavos para escrever suas histórias.	Irmãos Grimm (1785- 1863 e 1786- 1859) compilation de contes populaires allemands ou assimilés dans la culture allemande.	Afanassiev (1836- 1871) recueil de contes populaires slaves
Antonio Machado y Álvarez, "Demófilo" (1846-1893), D. Federico de Castro <i>Cuentos, leyendas y costumbres populares</i> (1873)	Alessandro d’Ancona e Domenico Comparetti <i>Canti e raconti del popolo italiano</i> (1870)	Adolpho Coelho, <i>Contos populares portugueses</i> (1879)	Silvio Romero <i>Contos populares do Brasil</i> (1883)

Contos literários (panorama da produção contista ocidental na qual se encaixam os *Contos gauchescos*)

A lista que segue, claramente não exaustiva, serve sobretudo para ajudar a contextualizar a publicação da coletânea de Simões no quadro mais abrangente da produção literária ocidental relativa ao gênero particular do conto literário.

Ao percorrer a lista sugerida embaixo, observam-se tônicas que permitem contemplar a obra de Simões em relação mais ou menos estreita com esta produção. Por exemplo, nota-se de imediato que numerosos textos confluem pela assumpção deliberada (anunciada no título) de uma temática regional (sob o ângulo do costumbrismo, do verismo, ou outros, etc.) “Mateo Falcone” (Córsega) ; Les Français peints par eux-mêmes (diversas regiões); *Züricher Novellen* (1877) ;

Outra vertente interessante de se explorar nesta relação de textos e coleções de textos seria a coabitação entre o conto de cunho realístico e o chamado conto fantástico, com algumas composições mais ou menos híbridas, navegando entre os dois gêneros. O jogo com uma linha de demarcação flutuante entre o real e o supernatural se encontra em textos como “La Venus d’Ille” de Prosper Mérimée ou “Le Horla”, ou ainda “La main d’écorché” de Guy de Maupassant, ao mesmo tempo naturalista, e “supernaturalista”.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

No Brasil pensa-se em textos como “Assombramento” na coletânea de Afonso Arinos, *Pelo sertão* (1898), sendo que de todos os *Contos gauchescos*, é provavelmente “No Manantial” que se aproxima mais do género.

Enfim, não se deve minimizar a possível influência de autores norte-americanos como Washington Irvine e Nathanaël Hawthorne (em particular seus *Twice-Told Tales*), e, sobretudo, de Edgar Poe, cuja produção marca de certa maneira a transição do fantástico para o policial, com obras também bastante ambíguas no seu posicionamento (“Murders in the Rue Morgue”, etc.)

Por ordem de publicação :

- Prosper Mérimée : « Mateo Falcone » (1829),
Alexandre Pouchkine : « Выстрел » (« Le Coup de pistolet ») (1831)
Hans Christian Andersen : « Le Briquet », 1835
Prosper Mérimée : « La Vénus d’Ille » (1837)
Lermontov « Ashik Kerib » (1837)
Edgar Poe : « *The Fall of the House of Usher* » (1839)
Charles Dickens : « *A Christmas carol* » (1843)
Nicolas Gogol : « *Шинель* » (« Le Manteau ») (1843)
Collectif *Les Français peints par eux-mêmes* (1845) (recueil)
Prosper Mérimée « Carmen » (1845)
Collectif *Le Diable à Paris* (1846) (recueil)
Ivan Sergueïevitch Tourgueniev « Les Trois portraits » (1846) (recueil)
Nathanaël Hawthorne *Mosses from an old Manse* (1846) (recueil)
Ivan Sergueïevitch Tourgueniev *Mémoires d’un chasseur* (1847) (recueil)
Hans Christian Andersen *Contes d’Andersen* (5 premiers volumes) (1848) (recueil)
Fiodor Dostoïevski « Les Nuits blanches » (1848)
Théophile Gautier *La Peau du tigre* (1852) (recueil)
Gérard De Nerval *Les Filles du feu* (1854)
Leo Tolstoy *Sketches de Sébastopol* (1855) (recueil)
Washington Irvine *Wolfert’s Roost* (1855) (recueil)
Paul Johann Ludwig von Heyse "L'Arrabbiata" (1855)
Herman Melville : *The Piazza Tales* (1856) (recueil)
Gottfried Keller : *Die Leute von Seldwyla* (1856) (recueil)
Charles-Theodore-Henri De Coster : *Légendes flamandes* (1857) (recueil)
Mark Twain : "The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County" (1857)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Charles De Coster : *Contes brabançons* (1861) (recueil)
- Leo Tolstoy *Казак* « Les Cosaques » (1863) (court roman)
- Emile Zola *Contes à Ninon* (recueil)
- Prosper Mérimée *Marino Vreto, contes de la Grèce moderne* (1865) (recueil)
- Fyodor Dostoyevsky : *Крокодил* (« Le Crocodile ») (1865)
- Emile Zola *Esquisses parisiennes* (1866) (recueil)
- Ivan Sergueïevitch Tourgueniev « Le Chien » (1866)
- Louisa May Alcott : *Behind a Mask, or A Woman's Power* (1866)
- Mark Twain *The Celebrated Jumping Frog of Calaveras County* (collected short stories 1867) (recueil)
- Ivan Tourgueniev « La Fumée » (1867)
- Hans Christian Andersen : *Contes d'Andersen* (34 volumes supplémentaires) (1868) (recueil)
- Isidore Lucien Ducasse – Lautréamont : *Chants de Maldoror* (1868)
- Alphonse Daudet : *Lettres de mon moulin (Impressions et souvenirs)* (1869) (recueil)
- Prosper Mérimée *Lokis* (1869)
- Ivan Tourgueniev *L'Infortunée* (dans *Le Messager Russe*) (1869)
- Machado de Assis : *Contos fluminenses* (1870) (recueil)
- Bjørnstjerne Martinius Bjørnson : « *Brude-Slaatten* » (« The Bridal March ») (1872)
- Alphonse Daudet : *Contes du lundi* (1873) (recueil)
- Machado de Assis : *Histórias da meia-noite* (1873) (recueil)
- Jules Amédée Barbey d'Aurevilly : *Les Diaboliques* (1874) (recueil)
- Emile Zola : *Nouveaux contes à Ninon* (1874) (recueil)
- Jules Vernes : *Le Docteur Ox* (1874) (recueil)
- Henry James : *The Last of the Valerii, Madame de Mauves* (1874)
- Auguste de Villiers de L'Isle-Adam : *Les Demoiselles de Bienfilâtre, Véra* (1874) (recueil)
- Ivan Tourgueniev : *Стучит!* (On vient !) *Пунин и Бабурин, Живые мощи* (Pounine et Babrouine, Relique vivante) (1874)
- Fiodor Dostoïevski : (*Маленькие картинки (в дороге)*) *Petites Images (en voyage)* (1874)
- Mark Twain : *Sketches, New and Old* (1875) (recueil)
- Guy de Maupassant : *La Main d'écorché* (1875)
- Alphonse Daudet : *Les Trois messes basses* (1875)
- Fiodor Dostoïevski : *Мужик Марей* (« Le Moujik Maréï ») *Столетняя* “La Centenaire” *Кроткая* (La Douce ») (1876)
- Gustave Flaubert *Trois Contes* (1877) (recueil)
- Gottfried Keller : *Züricher Novellen* (1877) (recueil)
- Fiodor Dostoïevski : *Сон смешного человека. Фантастический рассказ* (“Le rêve d'un homme ridicule ») (1877)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

- Robert Louis Stevenson : *The New one thousand and one Nights* (1878) (recueil)
- Emile Zola : *Une Page d'amour* (1878)
- Anatole France : *Jocaste* et *Le Chat maigre* (1879) (recueil)
- Alphonse Daudet : *Œuvres de Alphonse Daudet. Lettres de mon moulin. Édition définitive* (1879) (recueil)
- Henry James : *The Pension Beaurepas, An International Episode, A Bundle of Letters* (1879)
- Guy de Maupassant : *Le Papa de Simon* (1879)
- Jules Verne : *Les Révoltés de la Bounty*. (1879)
- Collectif : *Les Soirées de Médan* recueil collectif (1880) (recueil)
- Robert Louis Stevenson : *The Pavilion on the Links*(1880) (recueil)
- Émile Zola : *Mme Sourdis, L'Attaque du moulin*(1880) (recueil)
- Guy de Maupassant : *Boule de suif, Jadis, Suicides, Une Page d'histoire inédite* (1880)
- Joris-Kral Huismans : *Sac au dos* (1880) (recueil)
- AntonTchéckhov : *Pered svadboï Avant la noce, Lettre d'un gentilhomme du Don, Mon Jubilé, Devoirs de vacances, Mille et une passion ou la nuit terrible, Papa, Pour des pommes* (1880) (recueil)
- Fiodor Dostoïevski : *Дневник писателя (Le Journal d'un écrivain)* (1881) (recueil)
- Guy de Maupassant : *La Maison Tellier* (1881) (recueil)
- Robert Louis Stevenson : *New Arabian Nights* (1882) (recueil)
- Guy de Maupassant : *Mademoiselle Fifi* (recueil)
- Machado de Assis: *Papéis avulsos* (recueil)
- Émile Zola : *Le Capitaine Burle* (recueil)
- Guy de Maupassant : « Un Normand » « La Folle », etc.
- Guy de Maupassant : *Contes de la Bécasse* (1883) (recueil)
- Guy de Maupassant : *Clair de lune* (1883) (recueil)
- Thomas Hardy : "*The Three Strangers*" (1883),
- Rudyard Kipling : *The Jungle Book* (1884) (recueil)
- Guy de Maupassant : *Miss Harriet ; Les Soeurs Rondoli ; Yvette* (1884) (recueil)
- Machado de Assis : *Histórias sem data* (1884) (recueil)
- Émile Zola : *Naïs Micoulin* (et autres nouvelles) (1884) (recueil)
- Guy de Maupassant : *Monsieur Parent* (1885) (recueil)
- Robert Louis Stevenson : *More New Arabian Nights: The Dynamiter* (1885) (recueil)
- Thomas Hardy: "*A Mere Interlude*" (1885)
- Auguste de Villiers de L'Isle-Adam (1886) (recueil)
- Guy de Maupassant *La Petite Roque Toine* ((1886) (recueil)
- Leo Tolstoy *Смерть Ивана Ильича* « Une journée d'Ivan Ilyich » (1886)
- François-Marie Luzel : *Contes Populaires de Basse-Bretagne* (1887) (recueil)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Robert Louis Stevenson : *The Merry Men and Other Tales and Fables* (1887) (recueil)

Thomas Hardy : *Wessex Tales*, (1888) (recueil)

Guy de Maupassant : *Le Rosier de Madame Husson* (1888) (recueil)

Ambrose Bierce : "*An Occurrence at Owl Creek Bridge*" (1890)

Thomas Hardy : "*Barbara of the House of Grebe*" (1890)

Ambrose Bierce : *Can Such Things Be?* (1893) (recueil)

Aluísio de Azevedo : *Demónios* 1893 (recueil) « *O touro negro* » (1893)

Inglês de Sousa : *Contos amazônicos* (1893) (recueil)

Kate Chopin : « *Desiree's Baby* » (1893)

Kate Chopin : *Bayou Folk* (1894) (recueil)

Magalhães de Azevedo : *Alma Primitiva* (1885) (recueil)

Marcel Proust : *Les Plaisirs et les jours* (1896) (recueil)

Machado de Assis : *Várias histórias* (1896) (recueil)

Raul Brandão : *A Morte do palhaço e O Mistério da árvore.* (1896) (recueil)

Aluísio Azevedo : *Pégadas* (1897) (recueil)

Afonso Arinos : *Pelo Sertão* (1897) (recueil)

Medeiros e Albuquerque : *Um Homem prático* (1898) (recueil)

Henry James ! « *The Turning of the Screw* » (1898)

S. Crane : *Whilomville Stories.* (1900) (recueil)

Jack London "*The Law of Life*" (1901)

W.W. Jacobs *The Lady of the Barge* (1902) (recueil)

Eça de Queirós *Contos* (1902) (recueil)

Jack London (1876-1916) "*To Build a Fire*" (1902)

Eça de Queirós *Prosas bárbaras* 1903(recueil)

Henry James (1843-1916) "*Maud-Evelyn*" « *The Beast in the Jungle* »(1903).

H.G. Wells (1866-1946) « *The Country of the Blind* » (1904)

Henry-L. Trilles (1866-1949) *Contes et légendes fang du Gabon* (1905) (recueil)

O.Henry *The Four Million* (1906) (recueil)

Georges Sand : *Contes d'une grand-mère* (1906) (recueil)

Machado de Assis : *Relíquias da casa velha* (1906) (recueil)

O. Henry : *Heart of the West* (1907) (recueil)

Thomaz Lopes: *Histórias da vida e da morte* (1907) (recueil)

Veiga Miranda : *Pássaros que fogem* (1908) (recueil)

Joseph Conrad : *A Set of Six* (1908) (recueil)

Edgar Poe : *Tales of Mystery and Imagination* (1908 – édition posthume) (recueil)

Colette : *Les Vrilles de la vigne.* (1908) (recueil)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Maurice Leblanc *Arsène Lupin contre Herlock Sholmes* (1908) (recueil)
Manuel Teixeira Gomes *Gente singular* (1908) (recueil)
1909 W.W. Jacobs *Sailors' Knots* (1909) (recueil)
Louis Pergaud *De Goupil à Margot (Histoires de bêtes)* (1910) (recueil)
Consiglieri Pedroso *Contos populares portugueses* (1910) (recueil)
João do Rio *Dentro da noite* (1910) (recueil)
E.M. Foster (1879-1970) *The Celestial Omnibus and Other Stories* (1911). (recueil)
H.G. Wells *The Country of the Blind and other stories* (1911). (recueil)
Viriata Corrêa *Contos do Sertão* (1911). (recueil)
Simões Lopes Neto. *Contos gauchescos* (1912). (recueil)
Lucy Maud Montgomery (1874-1942) (*Chronicles of Avonlea*, (1912) (recueil)
Mário de Sá Carneiro *Princípio* (1912) (recueil)
Thomas Hardy *A Changed Man and Other Tales* (1913) (recueil)
Gonzaga Duque *Horto de Mágoas* (1913) (recueil)
D.H. Lawrence (1885-1930) *The Prussian Officer and Other Stories*, (coll.) (1914) (recueil)
James Joyce *The Dubliners*. (1914) (recueil)
Mário de Sá Carneiro *Céu em fogo* (1914) (recueil)
Edith Wharton (1862-1937) (1915) (recueil)
Création de la collection *Contes et Légendes* par la maison d'édition Nathan (marqueur de la vogue des contes et légendes « nationaux » ou « régionaux ») (1916)
Arthur Conan Doyle *His Last Bow: Some Reminiscences of Sherlock* (1917) (recueil)
Monteiro Lobato *Cidades mortas* (1917) (recueil)
Monteiro Lobato *Urupês* (1918) (recueil)
Lima Barreto *Histórias e sonhos* (1920) (recueil)
Gastão Cruls *Coivara* (1920) (recueil)
Virginia Woolf *Monday or Tuesday The art of fiction* (1921) (recueil)
Monteiro Lobato *Negrinha* (1923) (recueil)
Etc.

E, é claro, o veio do conto continua firme depois disto, tanto na Europa ou nos Estados Unidos, quanto na América latina, e, em particular, no Brasil, na qual a vertente “sertanista” produz uma longa série de textos, diversos no seu alcance, com os textos, por exemplo, de escritores como Viriato Correa, *Contos do sertão* (1912), Hugo de Carvalho Ramos, *Tropas e boiadas* (1917) Valdomiro Silveira, *Os Caboclos* (1920) Cornélio Pires, *Quem conta um conto* (1928), etc. Guimarães Rosa, *Sagarana* (1946), *Primeiras estórias* (1962)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Práticas e teorias da tradução

ALVES, Fabio and HURTADO ALBIR, Amparo. *translation as cognitive activity*. London: Bloomsbury Academic, 2017.

APEL, Friedmar, KOPETZKI, Annette., *Literarische Übersetzung*, Stuttgart, J. B. Metzler, 2003.

BAKER, Mona (dir.). *Routledge Encyclopedia of Translation Studies*, Londres, Routledge, 1998 (nlle éd., 2001).

BALMA, Philip. 2011. "From Standardization to Dialect Compilation: A Brief History of Italian Dialect Poetry in English Translation". *Translation Studies Journal* 3(1). 1-13. [Online] Available from <http://escholarship.org/uc/item/5r18r9dx> [Accessed 2 November 2016]

SZYMAŃSKA, Izabela. "The Treatment of Geographical Dialect in Literary Translation from the Perspective of Relevance Theory". *The Journal of University of Lodz*. volume 15, issue 1, mars 2017.

BASSNETT, Susan and LEFEVERE, André (eds.), *Translation, History and Culture*, London and New York : Pinter, 1990.

BENSIMON, Paul (rédacteur). *Traduire la culture: articles and abstracts Palimpsestes* (Centre de recherches en traduction et communication transculturelle anglais-français/français-anglais) Volume 11 de Palimpsestes (Paryż), Paris : Sorbonne Nouvelle, 1998

BERMAN, Antoine. *L'Épreuve de l'étranger. Culture et traduction dans l'Allemagne romantique*. Paris : Gallimard 1984.

BERMAN, Antoine. *La traduction et la lettre ou l'Auberge du lointain*. Paris : Seuil, 1999.

BONAFFINI, Luigi. *Translating dialect literature*. *World Literature Today* Vol. 71, No. 2, Italian Literature Today (Spring, 1997), pp. 279-288.

BURGESS, Anthony. *A Clockwork Orange*. Introduction by Blake Morrison. Penguin.

-----, *L'Orange mécanique*, traduction par Georges BELMONT. Robert Laffont, 2012

CUNNISON, John. *A Linguistic theory of Translation*. Oxford : Oxford University Press. 1965.

DE MARTINO CAPPUCCIO, Alessandra (2010) *Translation of dialect and cultural transfer : an analysis of Eduardo De Filippo's theatre*. PhD thesis, University of Warwick.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione*. Milan : Bompiani, 2003

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

EVEN-ZOHAR, Itamar and TOURY, Gideon (eds), *Translation Theory and Intercultural Relations*. The Porter Institute for Poetics and Semiotics, Tel Aviv University. 1981 [Special issue of Poetics Today II: 4].

FEDERICI, Federico M. ed. *translating dialects and languages of minorities. Challenges and solutions*. new York: Peter Lang, 2011.

GENTZLER Edwin, JOLICOEUR, Louis. *Traduction et enjeux identitaires dans le contexte des Amériques*. Montreal : Presses Université Laval, 2007

HURTADO ALBIR, Amparo. *La notion de fidélité en traduction*. Paris : Didier, 1990.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y Traductología: Introducción a la traductología*. Madrid: Cátedra. 2001

OSEKI-DÉPRÉ, Inês. *Théories et pratiques de la traduction littéraire*. Paris : Armand Colin, 1999.

PINTO, S (2009) How important is the way you say it? A discussion on the translation of linguistic varieties. *Target* 21(2): 289–307

PYM, Anthony, *Pour une éthique du traducteur*. Arras/Ottawa. Artois Presses Université / Presses de l'Université d'Ottawa, 1997

RABASSA, Gregory *If This Be Treason: Translation and Its Dyscontents, A Memoir*. New York : New Directions, 2005.

RONAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1981

ROSA, A (2012) "Translating place: Linguistic variation in translation". *Word and Text* 2(2): 75–97.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. *Des différentes méthodes du traduire et autres textes*, trad. de l'allemand par Antoine Berman et C. Berner. Paris, Seuil, « points », 1999

STEINER, Georges. *Aspects of language and Translation*. Oxford : Oxford University Press. 1975

VENUTI, Lawrence *The Scandals of Translation. Towards an Ethics of difference*. Londres/New York : Routledge 1998.

VENUTI, Lawrence *The translator's invisibility : A history of Translation*. New York : Routledge, 1995.

VENUTI, Lawrence, *Rethinking Translation*, New York : Routledge, 1992.

VENUTI, Lawrence. *The Translation Studies Reader*. New York : Routledge. 2004 (2nd edition)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Iconicidade e transferência das relações de iconicidade em traduções

ATTRIDGE, Derek. "Iconic Functions." In *The Rhythms of English Poetry*. London: Longman. 1982.

ATTRIDGE, Derek. "Literature as Imitation: Jakobson, Joyce, and the Art of Onomatopoeia." *Peculiar Language: Literature as Difference from the Renaissance to James Joyce*. London: Methuen. 127-57. 1988.

EPSTEIN, E.L. 1978. *Language and Style*. London: Methuen. .

FISCHER, Olga and MAX Nänny (eds).. *The Motivated Sign. Iconicity in Language and Literature 2*. Amsterdam: Benjamins. 2001

GENETTE, Gerard. 1995. *Mimologiques. Voyage en Cratylie*. Paris : Le Seuil 1976.

GOH, Robbie B. H. 2000. "'Clockwork' Language Reconsidered: Iconicity and Narrative in Anthony Burgess's *A Clockwork Orange*." *Journal-of-Narrative-Theory*, 30(2): 263-80.

LELAND, Blake. 1988. "The Iconicity of Rhetorical Figures: 'Schemes' as Devices for Textual Cohesion." *Language and Style* 21, 2

NÄNNY, Max and Olga Fischer (eds) *Form Miming Meaning: Iconicity in Language and Literature*. Amsterdam: Benjamins. 1999.

Outros campos de investigação – sociolinguística

BACHMAN, Christian., LINDEFELD, Jacqueline., SIMONIN, Jacky, *Langage et communications sociales*, Paris : Didier. 1981

BAUTIER Elisabeth. *Pratiques langagières, pratiques sociales*, Paris : L'Harmattan, , 1995

BOURDIEU Pierre. *Ce que parler veut dire, l'économie des échanges linguistiques*, Paris, Fayard. 1982

CHAMBERS, Jack. *Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and Its Social Significance*. Malden: Wiley Blackwell. 2009

GARDIN B., MARCELLESI J.B., 1980, Sociolinguistique :approches, théories, pratiques, Publications de l'Université de Rouen et Presses Universitaires de France (2 vol).

GREGORY, Michael. "Aspects of Varieties Differentiation", *Journal of Linguistics* 3: 177–197. 1967

GUESPIN L., MARCELLESI J.B., 1975, « Pour la glottopolitique », dans J.B. Marcellesi (dir.), pp. 5-31.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. A. K. *Language as Social Semiotic: the social interpretation of language and meaning*. London : Edward Arnold, 1978.

KORDIC, Snježana. *Lengua y Nacionalismo*. Madrid: Euphonía Ediciones. 2014

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Malden: Wiley Blackwell. 2010

MARCELLESI J.B. (dir.), 1975, « l'enseignement des "langues régionales" », *Langue française* n° 25, Larousse.

MARCELLESI J.B. (dir.), 1986, Glottopolitique, *Langages* N° 83.

MARCELLESI J.-B. et BULOT T., BLANCHET P. (colls). *Sociolinguistique (épistémologie, langues régionales, polynomie)*, Paris, Harmattan, 2002.

TRUDGILL, Peter. *Introducing language and society*. London: Penguin. 1992

Cancioneiro e canção popular. Laços entre cantos e contos. Tradução do verso.

MESCHONNIC, Henry, *Pour la poétique II, Épistémologie de l'écriture, Poétique de la traduction*, Gallimard, 1973.

MESCHONNIC, Henry, *Pour la poétique III, Une parole écrite*, Gallimard, 1973.

MESCHONNIC, Henry. *Poétique du traduire*, Paris : Verdier, 1999

BOSSEAU, Charlotte. "The Translation of Song", in *The Oxford Handbook of Translation Studies*, Ed. Kirsten Malmkjær and Kevin Windle Oxford: OUP, March 2011.

Outros domínios conexos da tradução e da tradutologia

VENUTI, Lawrence, "Translation, Intertextuality, Interpretation", *Romance Studies* Volume 27, Issue 3: Translation Part I, 2009

RAGUET, Christine (dir.). *Traduire l'intertextualité*. Palimpsestes ; 18 | 2006

KOMALESHA, H. S., "Translation, Tradition and Intertextuality. A Case Study of English Sankranti" in *Orbis Litterarum*, Volume 69, Issue 3, pages 230–245, June 2014

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Para concluir esta bibliográfica, queria insistir no fato de esta pesquisa ter-se pautado, por boa parte dela, em um trabalho orientado por uma perspectiva comparatista. Nesta perspectiva, procurei textos que apresentavam alguma evidência de regionalismo linguístico na sua composição, e que fosse comparável à tônica gaúcha dos contos de Simões (os quase dois mil regionalismos lexicais sulistas registrados por estudiosos como Aurélio Buarque de Holanda ou Aldir Garcia Schlee). O objetivo era de entender como funcionavam os textos e se havia mecanismos escriturais transversais de um para outro, independentemente do idioma, da época, das influências de movimentos literários, etc. Também interessava contextualizá-los para compreender os motivos que podiam ter surtido esse emprego particular da língua popular e local. Em uma segunda etapa, debrucei-me sobre as traduções destes textos, quando podia conseguí-las. Encontrei casos muito interessantes, como, por exemplo, a tradução para o inglês de *Sargento Getúlio* realizada pelo próprio João Ubaldo Ribeiro, ou as três versões para o português de *Pygmalion*, de uma das quais se encarregou o Milôr Fernandez.

Enfim, dou a seguir uma amostra do tipo de texto que captou minha atenção, neste *approach* comparatista do problema da transferência dos regionalismos para as versões estrangeiras. São todos extratos representativos, no meu entendimento, de algum uso literário de um vocabulário provável ou possivelmente associado a práticas orais e locais.

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Amostra de textos nos quais a linguagem regional desempenha papel ostensível

Incluído no projeto doutoral, o estudo de versões estrangeiras de textos com forte componente linguística regional devia me ajudar na elaboração de uma estratégia pessoal. Segue, pois, uma amostra do tipo de textos que me interessaram em prioridade neste projeto, tanto os textos originais, aliás, como suas traduções (quando eram disponíveis), lembrando que, conforme expliquei na introdução da tese, meu interesse pelos *Contos gauchescos* tinha derivado de um interesse, mais abrangente, pela literatura regionalista (no sentido de militante pela preservação, valorização, etc. do patrimônio cultural local)

Literatura internacional

« Gimme a chaw 'v tobacker, Hank. » « Caint—I hain't got but one chaw left. » [...]

“What makes me feel so bad dis time 'uz bekase I hear sumpn over yonder on de bank like a whack, er a slam, while ago, en it mine me er de time I treat my little 'Lizabeth so ornery. She warn't on'y 'bout fo' year ole, en she tuck de sk'yarlet fever, en had a powful rough spell; but she got well, en one day she was a-stannin' aroun', en I says to her, I says: “Shet de do'.” “She never done it; jis' stood dah, kiner smilin' up at me. It make me mad; en I says agin, mighty loud, I says: **(Huckleberry Finn, Mark Twain)**

Là dé zanmi yé la entré la Sazi. — Qui ça to ca prend, doumande Atipa? — Compe, reponne Bosobio, tout ça to wlé; mé, pas gros bois la. La danbois, nous ca boai li assez. Dé jou, nous gain, pou passé Cayenne la, en nous profité, pou tintin ôte quichose. [...] — Eh bin ! qu'est-ce que tu prenez ? de l'amer ou de la punch ?. **(Atipa, Alfred Parépou)**

—¡Ah, es mocho! —dijo Anastasio Montañés—. ¿Y por qué no le metiste el plomo mejor en la mera chapa?

—¡Quién sabe qué mitote trai! ¡Quesque quere hablar con Demetrio, que tiene que icirle quién sabe cuánto!... Pero eso no le hace, pa todo hay tiempo como no arrebatan —respondió Pancracio, preparando su fusil **(Los de Abajo, Mariano Azuela)**

Solo una manta peluda

Era cuanto me quedaba-

La habia agenciao á la taba

Y ella me tapaba el bulto-

Yaguané que allí ganaba

No salia... ni con indulto **(Martín Fierro, José Hernández)**

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Äksküseeh, Herr Doktr!« murmelte Studer. Er müsse hurtig öppis go luege. Er sprang die Treppen hinab, nahm drei Stufen auf einmal und langte atemlos in der Küche an. Unter der Türe blieb er stehen und überblickte den Raum. Kein Schüttstein... Studer lief am großen Herd vorbei, und vorbei an der mageren Köchin, die ihn erstaunt anstarrte. Da war die Abwaschkammer. **(Krock Co., Friderich Glauser, Suisse, 1941 sachant que l'auteur est mort en 1938)**

Ze trok het kind naar zich toe en begon haar te knuffelen. Cynthia, leergierig als ze was, vertelde direkt dat ze bij buurvrouw een mooi liedje gehoord had. Of ze het voor Ouma Danna zingen mocht?

Ma' natuurlijk! Toen zong ze:

'Di mi jere boegoe boegoe boegoe
mi denk' na Hercules e kon!

Ala dati, ala dati,

Sjane van Eden e boekoe agen!' » **(Kollektieve schuld, of wel Famir'man-sani, Edgar Kairo)**

Steh ich in der Küche auf m Stuhl. Klopft's.

Steig ich runter, leg den Hammer weg und den Nagel; mach auf: Nacht; Regen.

Nanu, denk ich, hat doch geklopft.

„Ptsch“, macht die Dachrinne.

„Ja - ?“ sag ich.

Ruft's hinter mir: „Hallo !“

Geh ich zurück wieder. Liegt n Brief auf m Tisch. **(Das Begräbnis, Wolfdietrich Schnurre)**

«Il probbrema non è che non piaci sulo a tia» ribatti Manueli. «Ci poi mittiri la mano supra al foco che quando lo virranno a sapiri 'u papà e 'a mamà non piacirà manco a loro. Per non parlari dei Petralonga».

«Che 'ntinzioni aviti, tu e Mariarosa?». **La Regina di Pomerania e altre storie di Vigato, Andrea Camilleri,)**

“He one whiteman jumbieman, tekking out t'ings from the creek; an' putting t'ings in too!” “T'ings from the land. . . . T'ings from far.” “Digging up the ground wid he bare hand,” they imagined. “Now all ahwe get punish, like Josh an' he fadder!” **(Dark Swirl, Cyril Dabydeen)**

« Nu mecht baldich zuende jehn » [...] « Faiern willich, abä schreiben muss waissnichwer » " [...] « Marianondjoseph ! rief Anna Koljairzek, ieberall isses aus » **(Die Rättin, Günter Grass)**

Shug act more manly than most men . . . he say. You know Shug will fight, he say. Just like Sofia. She bound to live her life and be herself no matter what. Mr. _____ think all this is stuff men do. But Harpo not like this, I tell him. You not like this. What Shug got is womanly it seem like to me. Specially since she and Sofia the ones got it **(The Color Purple, Alice Walker)**

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Cependant, pour plus de commodités, nous appellerons cette cité «Marseille» (pour qu'il y ait d'engatse de compréhension pour dégun). (*Trois jours d'engatse, Philippe Carrese*) — Ti'es trop con, Fati'. Ti'as rien capté aux paroles. Alvina, elle chante : "Ta déclaration sans embages". — Vé-là, elle ! Je m'en cague de tes paroles. C'est juste pour chanter que je chante... (*Le Bal des cagoles, Philippe Carrese*)

Là, là, j'travaille comme une enragée, jusqu'à midi. J'lave. Les robes, les jupes, les bas, les chandails, les pantalons, les canneçons, les brassières, tout y passe ! Pis frotte, pis tord, pis refrotte, pis rince... C't'écoeurant, j'ai les mains rouges, j't'écoeurée. J'sacre. A midi, les enfants reviennent. Ça mange comme des cochons, ça revire la maison à l'envers, pis ça repart ! L'après-midi, j'étends. Ça, c'est mortel ! J'hais ça comme une bonne ! Après, j'prépare le souper. Le monde reviennent, y'ont l'air bête, on se chicane ! Pis le soir, on regarde la télévision ! Mardi ! (*Les Belles-soeurs, Michel Tremblay*)

Lei era disposta a tutto, sarebbe andata a Cagliari, avrebbe cercato um lavoro. „De Casteddu bèninti innòi, filla mia, e tui bòlisi andai ingúni! Non c'esti prus núdda in sa cittadi”.

„Màcca esti – urlava la mia bisnonna. – Macca schetta! In sa cittadi a fai sa baldracca bòliri andai, chi scetti kussu pori fai, chi non sciri fai nudda cummenti si spettada, chi teniri sa conca prena de bentu, de kandu fiada pitíca!” (*Mal di pietre, Milena Agus*)

Bronstein beging den Fehler, eine Zehntelsekunde zu lange einen fragenden Gesichtsausdruck an den Tag zu legen. Die Jedlicka fasste dies als Aufforderung auf, ihm ihre Krankengeschichte zu servieren.

"Des Reißerte hob i. Seit ewig, versteh'n S'! Wasser in die Fiaß, Bluat im Rotz und Papp im Hirn. Schaaßaugert bin, hatschen tua i, und waun i amoi scheißen kau, dann is der Dreck so hoat wia a Zwetschenkern. I huast in aner Tour, des Schädelweh is mei anziger Gost, der dafür oba dauerhaft, und waun i den nächsten Winter nu daleb, daun is des a Wunda. Oiso frogen S' mi schnö, weu sunst bin i am End vurher hin, bevur S' fertig san." (*Zores, Andreas Pittler*)

Les Soutanes Noires avont barré les saisons de mon home

dans des chambres à clé

quand ce qu'il arrive le vendredi

ej nous assisons sur le billot au ras la rivière à Mack

ej le couvre de fleurs de mai pis de berlicocos (*Alma, Georgette Leblanc*)

...elle quitta la main de Saint-Ybars, et courut vers la suppliante. « Comme vous bel ! dit l'esclave d'une voix caressante ; vou gagnin ain ti lair si tan comifo ! vou popa riche, mo sûr ; di li achté moin.

Ma linmin vou tou plin. Epi si vou té connin comme mo bonne coiffeuse é bonne couturière ! ma rangé si bien joli cheveu doré laié ! couri vite di vou popa li achté moin. » (*L'habitation Saint Ybars, Alfred Mercier*)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Literatura brasileira :

— De-comer não tem em casa, só cachaça. Nós não morreu de fome pro mode o socorro dos vizinhos e porque eu fui pros matos com quem quis me pagar, correndo risco: se Pai chega a saber, tinha me matado. [...] — Pai fez de mim, sua filha, amásia dele, todo mundo sabe. Enquanto Mãe foi viva, sem fala e sem ação, me sujeitei, não ia deixar Mãe morrer sozinha. Mas depois que nós enterrou ela, me toquei embora. — Outra vez fitou o padrinho para afirmar: — Quem pensou que eu tava de acordo, se enganou. Eu tava era na casa do sem-jeito com Mãe naquele estado. » **(Tocaia Grande, Jorge Amado)**

— Ó home, aquilo é uma fôia véia de parmeira que dispencô. E o negro, voltando-se para Amaro, responsabilizou-o: Tá vendo? ocê começa a dizer bobage e Mandovi memo tá aí espantado. Deixa dessa graça, rapaz. A gente não sabe isso que é pra que há de andar bulindo? Não faz isso não, Amaro. Óia Jirimia... tanto fez, tanto fez... Era outro que, por causa de rabo de saia, botava o pé no caminho e nem que visse o diabo havia de passar memo. Não tá aí bobeando? Não faz isso não, Amaro.[...] **(Mandovi, Coelho Neto)**

Não teje mecê jurgando

Que eu sou algum cangussú!

Não sou não, Seu Conseiêro.

Sou norte, sou violêro

E vivo naquelas mata,

Como vive um sanhaçu!

Vosmecê já me conhece:

Eu sou o Jeca Tatu! **(A reposta do Jeca Tatu, Catulo da Paixão Cearense)**

Foi na Palma, numas carreiras, logo depois de Ponche Verde, que nos. Lá andavam pechemos os dois acolherados, onde um ia, o outro ia e, por que não sei, mas não se largavam nem à mão de Deus Padre. Se um falava, o outro coçava as armas; se um se mexia, o outro também, os dois atavam por um só e, segundo voz do mundo, na mesma china se rascavam... **(Alma bárbara, Alcides Maya)**

Intãoce fui in casa, peguei o meu laço de côro de veado pardo, que tem guentado tôro marruá... fui no ferrero, mandei fazê um anzolão de dois parmo, incastoei bem incastoadado, matei ua leitôa, sapequei cum tripa e tudo, ponhei no anzó, feito isca; marrei o laço nua arve e pinchei o anzó no fundão... **(Musa Caipira, Cornélio Pires)**

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pulas areia da estrada,
Cum as perna já meia bamba,
Um dispotismo de gente
Vinha cantando num samba,
Fazendo grande berrêro!
Quem puxava a istruvunca
Era o Manué Cachacêro,
O mais grande dos violêro,
Que im todo sertão gimia! (*Chico Beleza, Catulo da Paixão Cearense*)

A GOTA SERENA é assim, não é fixe. Deixar, se transforma-se em gancho e se degenera em outras mazelas, de sorte que é se precatar contra mulheres de viagem. Primeiro preceito. De Paulo Afonso até lá, um esticção, inda mais de noite nessas condições. Estrada de carroça, peste. Temos Canindé de São Francisco e Monte Alegre de Sergipe e Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora das Dores e Siriri e Capela e outros mundãos, sei quantos. Própria e Maruim, já viu, poeiras e caminhãos algodoados, a secura fria. E sertão do brabo: favelas e cansanções, tudo ardiloso, quipás por baixo, um inferno. Plantas e mulheres reimosas, possibilitando chagas, bichos de muita aleiva, potós, lacraias, piolhos de cobra, veja. (*Sargento Getúlio, João Ubaldo Ribeiro*)

Joca, um dos convivas, ao avistar o companheiro esperado bradou, à porta:

- Cuê-pucha! Vancê pelos modos ia perdendo a festa!... apeie-se e vá soltando o flete que o fandango está aceso que nem fogo nas macegas...

- Que culpasse o cavalo, da *embroma*. Estava maceta das duas patas. Um *estrupício*! (*Roque Callage*)

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

-Ai que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jiguê na força do homem. O divertimento dele era decepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus (*Macunaíma Mário Raul de Moraes Andrade*)

O Negrito, que vinha na retaguarda, chasqueou para o Bento: "Pero, chê, por acá ni los biguás". — E, livrando o corpo a um galho baixo: — "Palos, antonces, adrede pa rachar las aspas a um cristiano. Por lo seguro no me quedo aficionau".

O Bento, crioulo daqueles pagos e veterano em passagens idênticas, respondeu no mesmo calão: — "Hace fuego em los ojos, castejano, que te plantas em el charcó". (*Contrabando, Darci Azambuja Andrade*)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Pegou-se com os orixás:

fez bobó de inhame

para Sinhô comer,

fez aluá para ele beber;

fez mandinga para o Sinhô a amar.

A Sinhá mandou arrebentar-lhe os dentes:

Fute, Cafute, Pé-de-pato, Não-sei-que-diga,

avança na branca e me vinga.

Exu escangalha ela, amofina ela,

amuxila ela que eu não tenho defesa de homem,

sou só uma mulher perdida neste mundão

(História, Jorge de Lima)

Vassuncês são muito moços, não pegaram a Guerra dos Farrapos. Pois o velho Fandango teve a honra de servir com José Garibaldi, que também era gringo mas gringo de senhoria.

Sabem o que foi que ele disse na sua língua atrapalhada? Que com a nossa cavalaria era capaz de conquistar o mundo. Pois é como eu les ia dizendo: do Jacuí Aras bandas do mar tem muito estrangeiro. Na vida do continente tudo anda demudado quase ninguém mais usa chiripá agora é só bombachas.: Nos fandangos já não dançam tanto a chimarrita, o tatu e a meia-Ganha: o que querem é valsa, chótis, mazurca, polca, essas bobagens estrangeiradas.. **(O tempo e o vento, Erico Verissimo)**

Oô... Quando me prendero

No canaviá

Cada pé de cana

Era um oficiá

Oô... Menina bonita

Do vestido verde

Me dá tua boca

Pra matá minha sede

Oô... Vou mimbora vou mimbora

Não gosto daqui Nasci no sertão Sou de Ouricuri

Oô....**(Trem de ferro, Manuel Bandeira)**

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio

Para melhor dizem mió

Para pior pió

Para telha dizem teia

Para telhado dizem teiado

E vão fazendo telhados

(Vício na fala, Oswald de Andrade)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Teu amore é una stella

I é una lamparina

Che mais miliore d'un sole

Migna vita n'inlumina

Tu é o meu begliafôre

_ Un passarigno che avua _

O amor a namurada

Do varredore da rua (*Canção C'oa musica dus Condolero do Amore, "Juó Bananere"*)

A cambada é grande, folgada, pensando que a noite lhe pertence, ainda mais aqui nestas casas da Zona Sul. O que vai me baixar pela frente, não está em nenhum caderno. O que vai pintar de trouxa, espertinho, pé grande, mocorongo do pé lambuzado, muquirá, bêbado amador, loque, cavalo de teta, Zé mane dando bandeira, doutor de falsa fama, papagaio enfeitado, quiquiriquis, langanhos, paíbas, não será fácil. Eu aturando, ô pedreira! Na noite malhada e escrota, disciplinando as mulheres, beliscando os otários, distribuindo medidas e apanhando grojas, picardo e sonso; mas também molhando a mão dos ratos, que os arregos são de lei, acabarei dando muitas de cerca-lourenço, muita piaba e bastante pau nessa cambada de fariseus, sambudos e mal-topados. Hoje é sexta-feira. E gajo solto nesta noite é falso boêmio, metido a alegre e sabidinho, achando que é algum manda-tudo na cidade. Mordo-lhes uma grana, é verdade, mas me dão canseira. (*Leão de chácara, João Antônio*)

Duas canções para encerrar esta amostra de textos com um vocabulário “diferenciado” em relação com as representações de identidade socioétnica.

O Brazil não conhece o Brasil

O Brasil nunca foi ao Brazil

Tapir, jabuti, liana, alamandra, alialaúde

Piau, ururau, aqui, ataúde

Piá, carioca, porecramecrã

Jobim akarore Jobim-açu Oh, oh, oh

Pererê, câmara, tororó, olererê

Piriri, ratatá, karatê, olará

O Brazil não merece o Brasil

O Brazil ta matando o Brasil Jereba, saci,
caandrades

Cunhãs, ariranha, aranha

Sertões, Guimarães, bachianas, águas

E Marionaíma, ariraribóia,

Na aura das mãos de Jobim-açu Oh, oh, oh

Jererê, sarará, cururu, olerê

Blabláblá, bafafá, sururu, olará

(Querelas do Brasil, Aldir Blanc, Maurício Tapajós)

Ler para traduzir: o caso da literatura com forte componente lexical regional
Proposta para uma versão francesa de *Contos gauchescos* de João Simões Lopes Neto.

Que preto, que branco, que índio o quê?
que preto branco índio o quê?
branco índio preto o quê?
índio preto branco o quê?
aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos mamelucos sararás
crilouros guaranisseis e judárabes
orientupis orientupis
ameriquítalos luso nipo caboclos
orientupis orientupis
iberibárbaros indo ciganagôs

aqui somos mestiços mulatos
cafuzos pardos tapuias tupinamboclos
americanarataís yorubárbaros.
somos o que somos
inclassificáveis [...]
egipciganos tupinamboclos
yorubárbaros carataís
caribocarijós orientapuias
mamemulatos tropicaburés
chibarroados mestícigenados
oxigenados debaixo do sol (*Inclassificáveis, A. Antunes*)